

Director, Proprietário e Administrador

Almeida Junior

Secretario da Redacção e Editor

Abel M. de Melo Brumado

Red. e Adm. — R. Dr. José Galvão — Montemor-o-Velho

DIRECÇÃO: — COIMBRA

(para onde deve ir a correspondência)

Composição e Impressão — Tip. Silva (a vapor)

AVEIRO

O DEVER

Semanario defensor da união da familia Portuguesa

Pátria e Humanidade

A questão das subsistências

Questão alguma oferece neste momento mais importância do que a chamada questão das subsistências. De entre todas as crises que presentemente nos assolam, nenhuma deve merecer mais atenção por parte dos poderes públicos, pois nenhuma mais complicada e difícil, nenhuma de mais funestas consequências, se vier a ser descurada, do que a questão económica.

Viu-se já o triste resultado que deu na prática a aplicação do decreto n.º 1900 de 18 de Setembro último, que mandou organizar em cada concelho as celebres comissões de subsistências afim de elaborarem *em harmonia com as circunstâncias do momento* a tabela dos gêneros de primeira necessidade e do preço maximo porque deveriam ser vendidos; como se as leis e princípios economicos que nos regem pudessem sem mais nem menos ser revogados por simples comissões *ad hoc* formadas!...

Isto deu em resultado o que, é claro, era de prever: a lei não se cumpriu por ser inexequível, por não ter fundamento sério em que assentasse. E' o que sucede sempre a todas as leis nas condições desta, que sómente redundam em desprestígio do poder legislativo ou dos ministros que as subscrevem.

Estamos plenamente de acordo sobre a necessidade que ha de pôr termo á exploração desenfreada que á sombra da guerra se tem feito, punindo rigorosamente a ganancia desmedida de alguns comerciantes menos escrupulosos que exploram com a miseria do povo.

Mas, a questão primacial, o meio unico até, talvez, de baratear a vida, seria aumentar a produção de tudo quanto no paiz se pode produzir, dando ao mesmo tempo todas as facilidades para as e até armazenejar alfandegaria gratuita a todos os artigos de importação; seria ainda, parece-nos, proibir *mas rigorosamente* a saída para fóra do paiz de todos os artigos cuja produção não seja de mais para o consumo próprio, exercendo-se na fronteira uma fiscalização apertada, pois são bem conhecidos os mil meios de sofisnar a frousca vigilância exercida pelas autoridades locais.

Se isto se houvesse feito logo no princípio da guerra, não se teria agravado de tal modo a vida económica do paiz e ter-se-ia, certamente, contribuido um pouco mais para a solução do problema das subsistências do que com comissões e editais que não é possível fazer cumprir.

Pombal, 25 | 12 | 915.

R. Brito.

N. da R. — Já se ia fazendo sentir nesta casa o brilho da colaboração do snr. dr. Raul de Brito, um ardente democrata

a quem o jornalismo português deve boa soma de dedicações desinteressadas.

Novo ainda, o ilustre advogado tem diante de si um futuro consolador. Que ele nos ajude nesta ingloria cruzada que nos propozemos, já que outros nos não querem dispensar o seu auxilio...

De semana a semana

Juízo do ano

Por juizo geral do ano podemos afitamente dizer que o de 1915 foi um ano sem juizo, principalmente em Portugal, onde se sentiu uma falta absoluta dessa droga rarissima, abundando a Desorientação, o Medo, o Pavor e a Incúria.

Desorientou-se o snr. Pimenta de Castro, a ponto de nos querer voltar aos tempos antigos.

Estão desorientados, o snr. Antônio Zé e o snr. Camacho, seguindo-lhes as pisadas os outros políticos que não sabem o que dizem nem o que fazem.

Teem medo os *talassas* das furias radicais dos homens do 14 de maio, que tantas coisas bonitas impingiram ao pobre Zé Papalvo, mas que, até hoje, nada cumpriram.

O pavor da fome e da ruina corre presuroso, por entre este Povo incomparável, este Povo não te rales, devido ao aumento considerável dos gêneros de primeira necessidade, e a muitas outras dificuldades da vida.

Finalmente, a incuria dos governantes, principalmente do snr. José de Castro e seus acólitos, que após um laborioso parto, precisamente de 9 meses, nos deixou peores do que estávamos: sem dinheiro, sem comer e o pouco que ha está pela hora da morte—sem cumprirmos os nossos deveres de povo civilizado, enfim, um caos, uma vergonha.

Veremos o de 1916 que, segundo nos dizem as pitonisas, será um ano astral, influenciado por Marte e por Mercúrio! Marte, esse mafarrico que tanto mal faz á nossa carne, e Mercúrio, que não lhe fica atraz, hostilizando os nossos respeitáveis ossos.

Mas o snr. Afonso Costa nos diz que será um ano de tutano, coragens, ousadias e valores!

Valores em tudo:

Nos fundos externos!

Nos fundos... das calças!

Actos de coragem e ousadia!

Actos de valor e actas de valor!

Mil problemas, anunciados, sobre as subsistências e muitos outros flagelos que nos valorisarão aos olhos do mundo inteiro, enfim, uma maravilha!...

Um record

Que admirável criatura é aquele snr. Urbano Rodrigues, ilustre deputado, que nós conhecemos em tempos idos, quando S. Ex.º não julgava chegar ás culminâncias em que se encontra.

Não vamos neste momento falar dos seus excepcionais méritos políticos, porque isso pertence aos profissionais dessa desavergonhada, que só serve para nos desgraçar e levar á gloria muita nulidade, mas sim para admirar a resistência física do snr. Urbano.

Desde que o snr. Afonso Costa subiu ao poder, o *incomparável* Urbano não tem descançado um momento.

Não ha festa, não ha banquete, sessão solene e mil e muitas outras diversões, onde esse infatigável homem não apareça representando o chefe do governo.

Só no passado domingo, o nosso bom Urbano apareceu e deitou fala em nada menos do que quatro ou cinco festas. Bateu o *record* da representação, mas, quando terminou o dia e se dirigiu, extenuado, ao «Club dos Patos», caiu sobre um sofá, exclamando: Não posso mais!

E não devia poder! O pobre Urbano, com um trabalho destes e as sessões noturnas no... Club, obrigadas a amor e «champagne», se o snr. Afonso Costa não tem dó dele, não resiste os tres anos da sua legislatura.

O nosso invento

A Camara de Coimbra, anda *preocupadíssima* com o estado deplorável das ruas da cidade, poças, nejetas, cheias de lama que as tornam intransitáveis. Qual o meio que ha-de empregar para conduzir a casa os cidadãos, quando muito proximo nos vistarem as *anciadas* cheias, visto a Camara não ter um unico barco para tal fim e os particulares não estarem dispostos a cederem os seus, que ficam quasi sempre deteriorados e a Camara não paga esses prejuízos? Vamos ver.

Aqueles senadores coimbrICENSES são umas *almas candidas* que pensam extraordinariamente no bem estar dos seus municipes, a avaliar pelas magnificas obras de defesa que se estão realizando na margem do Mondego, e da preocupação de agora.

Nós, depois de muito cogitarmos, descobrimos um meio pratico e económico, e deliberamos oferecê-lo á mui digna Camara.

Consiste, o nosso invento, em colocar á esquina de cada rua um suporte metalico, onde se amarre um grosso cabo de ferro, que, com diversas ramificações, iria ás janelas de todos os predios. Colocar-se-ia nesse cabo uma cesta que, deslizando por ele, graças a um engenhoso mecanismo de rodas, viesse até cá baixo.

Do lugar onde nos encontrássemos, subirímos para a cesta, atravessando, assim, o caminho que nos separasse de nossa casa, contemplando, regosados, o lodaçal encantador daquelas ruas e o surpreendente efeito das aguas entrando pelas portas dos estabelecimentos deteriorando tudo quanto lá se encontra. Recomendamos, por isso, á *conspicua* Camara, este grande sistema, por ser o melhor meio de comunicação de que em Coimbra se pode utilizar na actualidade.

TRIBUNA DOS CAIXEIROS

Não houve ainda ninguem que encarasse a sério o magno problema da melhoria de situação desta prestimosa classe de trabalhadores, antes, com magua se tem visto, muitos com ela tem sabido explorar, guindando-se a altos cargos ou conquistando a celebridade. Além doutros, lembramo-nos, por exemplo, um senador da Republica, de nascimento humilde, que, no seio da classe caixeiral, iniciou a sua carreira publica, apresentando-se, pela pri-

meira vez, numa associação, no Porto, batendo discurso, e imprimindo, depois, o seu trabalho, que fez distribuir largamente.

Então, esperava palmas, ovacões, tudo, dos pobres rapazes. Hoje, das cadeiras senatoriais, ancho e senhor de si, olha-os soberanamente. E' o pago! Andou pela Lusa-Atenas, de tairocas, ainda ha bem pouco tempo. E agora, tem-se visto o cuidado que a classe dos caixeiros lhe merece...

E infinitos. Ah! que se a vida são só ingratidões!

Mas a gente havemos de dizer mais coisas. Pouco de cada vez, para não cansar a paciencia do leitor.

Crispim.

Virgilio Marques

Por especial deferencia deste nosso preso colaborador, iniciará o *Dever* brevemente a publicação, em forma de folhetim, das suas *notas sobre a França*, elementos que o distinto poeta e jornalista colhem quando por lá andou em digressão de estudo.

Benvinda seja as suas preciosas *notas*.

Os politiqueiros...

Foi dotada com 5 mil escudos a construção do resto da estrada de Arzózeda á Tocha. Era um melhoramento indispensável, que urgia realizar. Extraordinario é que agora, depois do ministro ter cedido a verba, os politiqueiros de Cantanhede — até parece mentira que tanto se disparate — queiram pôr-se a adivinhar, tecendo incórios para aqui, e elogiando para ali. Um jornal que não lemos, mas do qual sabemos notícias por outro jornal, e que sempre foi duma incoerencia de principios de arrepender os cabelos, quer forçosamente vegetar á custa dos seus processos de engraxador.

Ha entretanto uma diferença: não é o dono que engraxa, que ele, coitado, não sabe ler! — é alguém pelo director da gazeta, que tem em casa toda a série de analfabetos que lhe impinge, que ele apenas se limita a fazer um ligeirito noticiario, que depois os tipografos emendam á composição.

Outro jornal, com o qual permuto, sómente porque é adversario político, quer, também, para os seus, glórias da conquista. E o *Jornal de Cantanhede*, dizendo coisas no seu ultimo numero, não se atreveu, contudo, a citar nomes. Não se conforma que fossem só os snrs. drs. Machado e Pires de Carvalho a tratar do negocio. Quer mais alguém. Os senhores são levados do diabo.

Vê-se que nenhum deles sabe nada ao certo.

O dr. Machado telegrafou para a Tocha, lá mesmo de Lisboa, e fez ir um pobre carteiro tão longe levar a notícia. O dr. Pires de Carvalho, esse foi mais correcto e aumentado: mandou a noticia para os jornais de avultada circulação. E os pigmeus de Cantanhede, com

os quais este pigmeu de Montemor se não deseja comparar em processos de politiquice nefasta, alardeam o caso. Um, trocando tudo, dá uma notícia num lado, e vae logo, inconscientemente, contradizê-la no outro. O outro jornalista, que quer dar-se ares de pimpão, esse vai mais longe. Diz que diz e não diz nada.

Pobre melhoramento!

Pobre povo do nosso concelho, que até os de fora, aqueles que tu não conheces, mas que nós conhecemos de sobrabo, querem explorar agora contigo!

E' uma coisa notável. Com o governo democrático no poder, quer o *Jornal de Cantanhede* impingir que o seu partido contribuiu alguma coisa para o feito.

Que noutros tempos se trabalhou, e agora mesmo se fiscalisa o negocio com carinho, é inegável. Mas a pessoa que alguma coisa conseguiu, está mesmo em Araséde, e caladinhá.

Mas foi em tempos...

Pobre jornalismo provinciano, a que estado te fizeram chegar os *jornalistas*.

Mas gabam-se que a exploração lhes dava para viver. A nós... para morrer de fome...

As cartas duma infeliz

Meu caro Leopoldo:

Alheia ao mundo exterior, ha muito que estou condenada á esta nostalgie da vida que me obriga a um sofrimento atrofis!

Entrou ontem o novo ano, e com ele, estou convencido disso, vieram novas amarguras para esta infeliz sem coragem nem humilha de viver. O correio trouxe-me hoje um postal ilustrado, da minha amiga Adelininha, daquela agaiatada Adelina que vive bem mais contente do que eu. Mas ela, coitada, tem também uma bela alma. Dois petisinhos, assaltando uma capoeira, é o que o seu gentil postal representa.

Alma candida como a deles, a minha amiga sabe quanto me encantam as crianças.

E diz-me assim:

«Desponta o novo ano, e, antecipandomo a sua entrada solene, qual aurora precedendo o sol no horizonte, eu venho anunciar-lhe, no seu decorrer, dias mui ditosos, dias de prazer».

Não, Leopoldo, eu não poderei ter dias de prazer, porque não pode ter alegria quem nunca passou de ser uma criatura a tristezas dada.

Guardo o postal da minha amiga, porque ele traduz, ao menos, o desejo intenso de compartilhar dos meus desgostos.

Adeus.

Tua,
Irene.

Demagogia... demagogia!

Eis o grito de guerra que uma parte da política portuguesa apregoa aos quatro ventos, exteriorizando em fantásticas viéses o seu, já de si, deshonroso significado. Destas invectivas furibundas é alvo uma outra fiação política, onde, dizem, mais se desenvolvem os perigosos germens demagogicos tão nocivos na manutenção da ordem publica como precursores de maus futuros nas regularidades governativas. Como se a demagogia não tivesse ainda assentado arraiaes em todas as classes sociais, ainda que, num grau tão pouco elevado, que ao primeiro indicio que se manifeste o afetado é logo marcado com o ferrete da nulidade... Se o demagogo é um homem pervertido pela noção do mal, alimentando paixões vis e odios sanguinários; se o demagogo é um sér que desrespeita, que agride e não obedece; se o demagogo é, finalmente, a escoria, a canalla, a rua, por certo que esse homem, esse sér — atendendo á propagação dos hábitos viciosos e maus — teria, se não fosse o escrupulo que nortela os destinos da civilidade, estigmatizado com a sua ação virulenta todas as sociedades, transformando-as as bases essenciais que as régem,

em esporio aquilatado á sua suprema vontade.

E, se é certo que a demagogia adquiriu, na sociedade portuguesa, fóros de compatibilidade em força e valimento, ha muito que a Democracia teria sido alcançada com a sua influencia absoluta. Mas não; ela vive e viverá, cada vez mais mais no espírito do povo liberal. Daí a quixotesca campanha levantada em certa imprensa, com o fim unico de ludibriar os ingenuos fazendo-lhes acreditar que o paiz está sendo presa de impotentes inaptitudes e á mercê dos caprichos de maus patriotas-demagogos! — Não é um ataque leal que se move contra um partido; é uma ideia artificiosa e mal concebida que reverte em completo desabono dos que a

meter. Com efeito, não será necessário muito para atestar o que afirmamos. E atesta-lo-emos.

Belmiro.

Falecimento

Após doloroso e prolongado sofrimento, faleceu na Guarda o snr. António Monteiro, sobrinho da snr. D. Luiza do Patrocínio, zelosa chefe da estação postal desta vila, e irmão dedicado da snr. D. Isaura de Jesus Monteiro, inteligente proposta da mesma estação telegráfica.

O pobre moço, que se finou no dia 27 de dezembro, contava apenas 24 anos de idade e era muito considerado por todos que o conheciam.

A família em luto apresentamos os nossos sentidissimos pésames.

Horas d'insónia

Hontem à noite, depois das minhas ocupações oficiais, levei-me á pachorra de, pela primeira vez, dar uma volta á cidade.

Ha dias que não via senão carreiros e descarragadores, gente humilde de trabalho.

E um amigo, logo á saída de casa, deu-me para emburrar com as minhas botas. Ha 5 dias que as não engraxo. Têm já uma boa camada de lama, desta lama purulenta que a sociedade calcia. Fiz-me filósofo á ultima hora. Ergo a gola do casaco, derrubo a aba do chapéu, e, ás esquinas concorridas, ponho-me a olhar por baixo quem passa. Fomos a um café. Apresentou-me, aquela cara de parvo, de bengala e dentes pretos, a varias pessoas conhecidas, como «colégio no jornaismo», nas «letras» e... no infoturio.

Apertavam-me a minha mão friamente, desconfiados, não fosse eu ser algum galucho de surripiar carteiras. Com efeito, as minhas pobres botas davam-me o aspecto de quem chega do campo, de surribar bacelo, de plantar couves lombardas. E nesta humildade toda, com algumas moedas de prata no bolso, lá me fui deixando ir a entrar pelas despezas. Uns cigarros dos pandilhas e umas balas d'água e sal.

O que é a podridão da vida!

Vim para casa e puz-me a pensar na hipocrisia daquela gente toda. Os barbeiros veem-se doidos para fazer mais doidos aqueles pobres dandis.

E eu lembro-me agora que, debaixo dum carapuço sebento, anda ás vezes mais honestidade e mais honra do que sob um chapéu da moda.

Ha bocado um homenzinho, que vendia cauetas de tres vintens ali á esquina do Mirafiori, deu-se o luxo de se rir dum companheiro, só porque ele trazia a calça rotula. Foi edificante a discussão. E eu nunca senti tanta gana de os apedrejar a ambos. Em casa não tem encerpa, dormem no chão, passam as noites á chuva. Na rua, querem fingir de ricos...

E depois disto, meus amigos, digam-me se poderá haver alguma esperança de regeneração, e se a humanidade não tende cada vez mais para o seu trágico fim?

Estes centros concorridos apresentam-nos destes problemas maximos para resolver. E os nossos olhos, já amortecidos pela desilusão da Vida, têm que baixar-se e deixar correr...

Entretanto, pizando as calçadas com as minhas botas por engraxar, eu sinto dentro do peito o mesmo coração pulsante, e, na alma, a chama ardente do mesmo ideal para a luta.

E os noivos, que acabam de instalar-se no Hotel Europa, há de ter sentido a estas horas um despeso enorme por tudo que os rodeia, entregando-se sómente aos doces idílios que ha tanto tempo sonhavam, longe das sogras curiosas e das testemunhas que rubricaram o seu contrato nupcial, que, para fazerem amor, não precisam ninguém que ateste...

Porto, 1915.

ALMEIDA JUNIOR.

DOENTES

Tem estado gravemente doente, guardando o leito, o nosso estimado assinante, snr. Antonio Cardoso Mota Senior.

— Também se encontram doentes o

nossa amigo Antonio José Dias Galvão, socio da firma comercial Rodrigues, sucessores, desta vila, e a ex.^{ma} snr. D. Maria Clara Galvão, extrema mãe do nosso dedicado amigo José Luiz Ferreira Galvão.

A todos desejamos o pronto restabelecimento dos seus enfermos.

— Tem estado enferma, indo felizmente melhorrinha, a ex.^{ma} snr. D. Julia Mendes Pimentel, virtuosa e dedicada esposa do nosso preso assinante de Coimbra, snr. Francisco Pimentel, inteligente solicitador naquela cidade.

BRAZIL

São nossos representantes no Brazil, para tudo que diga respeito ao DEVER, os nossos prestimosos amigos, snrs.:

José Marques da Costa, Rua Dr. Ricardo, 115 — Campinas.

Elisio Ramalhão, Rua João Otávio, 6, Paquita — Santos.

Adelino Nunes de Souza, Rua Moniz e Barros, 157 — Rio de Janeiro.

Augusto Nunes de Souza, Rua Dr. Ricardo, 79 — Campinas.

Cezario Simões Corrêa, Rua Paulo Souza, 90 — São Paulo.

A. Gomes da Silva, comerciante, Rua Barão do Rio Branco, 81, Sertãozinho, São Paulo.

Antonio da Costa Abrantes, caminho de ferro de Benguela, África Ocidental, Lobito,

nos quais devem ser pagas as assinaturas d'ora em diante.

Pela sociedade

Está na sua casa de Mortagua, passando as presentes férias, a snr. D. Maria da Assunção de Melo, considerada professora da escola novel em S. Pedro d'Azambuja.

— Também se encontra em Pala, sua terra natal, o nosso estimado assinante, snr. Manuel Ferreira Afonso, da academia de Coimbra.

Câmara Municipal

Sessão de 20 de novembro

Presentes os vereadores vogais: Presidente dr. António Joaquim Simões; secretário, Armenio Rodrigues Gato; José A. Monteiro da Costa, Tavares Lebre e Esteves de Barros. Lida e aprovada a acta da sessão anterior, foi presente o seguinte expediente:

Um ofício da Inspecção Escolar da Finqueira a autorizar a transferência do dia d'aula da escola do sexo masculino d'Araze, quando o dia do mercado coincide com o dia lectivo. O mesmo já tinha comunicado o professor. — Inteirada.

Dito da mesma Inspecção a enviar a folha da gratificação do serviço dos exames de 2.º grau realizados na séde do concelho em agosto do ano findo. — A Câmara considerando que a importância em dívida não está consignada no orçamento do ano corrente, porque era ignorada, resolvem que fosse inscrita como dívida passiva no orçamento que se vai elaborar para o ano corrente.

Dito da Secretaria do Hospital de S. José a enviar o recibo rectificado para pagamento de uma conta, por conta de uma dívida de 1906. — Mandou que fosse o recibo arquivado.

O vereador Monteiro da Costa requereu que da secretaria lhe fosse passada uma nota dos saldos havidos nos últimos três anos (que transitaram). — Mandou que seja satisfeita.

Passou atestado para subsidio de laçação a Maria Formosa, de Montemor, a qual deu á luz duas creanças gemelas.

Foi presente o balancete semanal, acusando um saldo de 2.000\$00 depositado na C. E. Portuguesa e de 763\$59 na taurouria da Câmara.

Em seguida procedeu-se ás arrematações, conforme estavam anunciadas por editais, arrematando-se apenas a barca de passagem do porto de Pereira, a Manuel

Bernardes Rasteiro, pela quantia de 71\$50 cada ano, por 3 anos; as terras do Campo de Borralha a José A. da Graça, de Montemor, por 10\$00 por ano, e por 3 anos; e o fornecimento da carne de vaca a Joaquim Raposo, das Chans, ficando arrematadas por classes: a 1.^a a 33 centavos; 2.^a, a 29 centavos e a 3.^a a 22 centavos, por um ano.

Foi tornado publico que voltaria à praça nos sábados seguintes o que ficava por arrematar.

Autorisou e mandou pagar varias despesas.

Em seguida foi encerrada a sessão.

Em Sarnadas

Continua prosperando o magnifico Butefe que o nosso preso assinante, snr. Armenio Gonçalves montou na estação do caminho de ferro de Sarnadas, na linha do Vale do Vouga.

Os snrs. passageiros encontram ali ótimas refeições, por preços convidativos, sendo servidos com muito esmero e rapidez.

Ao nosso amigo snr. Gonçalves apetecemos um risonho futuro, como é bem digno.

Correspondencias

Verride, 22-12.

Como já noticiel num dos ultimos numeros do muito considerado jornal o *Dever*, veio a esta vila o snr. capitão Pestana Lopes fazer uma conferencia, com o fim de ser criada uma sociedade de instrução militar preparatoria.

Com efeito, a sociedade fundou-se, ficando com o numero 43.

Ha muito que era este um dos maiores desejos de todo o povo verridense, tendo sido até um dos primeiros pedidos que fez aos snrs. politicos, por ocasião das eleições, e antes delas; porém, na ocasião precisava-se de votos, e eis o motivo porque prometeram atender todas as reclamações que lhes foram feitas.

Todavia, as eleições já lá vão ha meses e, até agora, nada. O povo, vendo isto, viu-se obrigado a sair de tal duvidosa situação, já cançado de tantos enganos.

Chegou, porém, o dia em que ele lançou a sua vista um pouco mais longe. E raciocinou, dizendo para consigo: por mais esforços que façamos, nesta situação, nunca passaremos disto.

Foi assim que o povo conheceu os enganos de que era vítima, e que só com a união de todos se pode conseguir todos os seus desejos; e, como prova, já adquiriu um dos seus primeiros sonhos, que foi a fundação da sociedade de instrução militar preparatoria. E muito mais se adquirirá, contanto que caminhem sempre com a mesma união, disciplina e ordem.

Num dos ultimos dias procedeu-se á eleição dos corpos gerentes da sociedade de instrução militar preparatoria, depois de estarem na sede lesta sociedade todos os associados. Ficou assim composta:

Assembleia geral: — Presidente, Joaquim Nunes Dias; 1.^o secretario, Manuel Correia Gaspar; 2.^o secretario, Joaquim Dias Alemão; suplentes, José Fernandes Cardoso e Antonio Nunes da Silva.

Direcção: — Presidente, Emídio Roque Pinto; vice-presidente, Joaquim de Sá Junior; 1.^o secretario, Constantino Pereira da Silva; 2.^o secretario, António Lopes Serralheiro; suplentes, José Simões e António Alvaro Rosinha; tesoureiro, Guilherme Santos Pinto.

Conselho fiscal: — Presidente, José Roque Pinto; vice-presidente, António da Costa Pinto; 1.^o secretario, António da Silva Reis; 2.^o secretario, José Pinto Coelho; suplente, Henrique Rodrigues Machado.

Todos estes cidadãos estão altamente habilitados para exercerem os cargos para que foram eleitos, e saberão sempre defender, com zélo, os interesses desta sociedade e da sua terra.

— Foi pedida em casamento, pelo ilustre snr. Joaquim Cesar Augusto, a gentil menina Beatriz Rodrigues Rolo, filha do acreditado proprietário e comerciante, snr. Manuel Rodrigues Rolo. Eles tem razão, porque agora está muito frio.

(Correspondente).

ANUNCIOS

Arrematação

(2.^a publicação)

No dia 9 de janeiro de 1916, pelas 11 horas, á porta do Tribunal Judicial da comarca de Montemor-o-Velho, se ha de vender em hasta pública, pelo maior lance oferecido sobre o valor da avaliação, o seguinte predio pertencente ao casal inventariado por obito de Antonio Monteiro, morador que foi na Cirgueira:

A quarta parte de umas casas de habitação, no lugar e freguesia da Carapinheira, que todas partem do norte com estrada publica, sul e poente com herdeiros do dr. Galvão e do nascente com Tereza Gonçalves, avaliada em 50\$00.

A contribuição de registo é paga por inteiro á custa do arrematante. Pelo presente são citados para a praça quaisquer credores incertos.

Montemor-o-Velho, 16 de dezembro de 1915.

O escrivão,

João Paes da Cunha Mamede.

Verifiquei a exactidão.

O Juiz de Direito,

Amaral Pereira.

Arrematação

(2.^a publicação)

No dia 9 de janeiro de 1916, pelas 11 horas, á porta do Tribunal Judicial da comarca de Montemor-o-Velho, se ha de vender em hasta pública, pelo maior lance oferecido sobre o valor da avaliação, os seguintes bens pertencentes ao casal inventariado por obito de Maria Rosa Cavaleira, do Vale Saramago:

Uma terra lavradia em Vale Saramago, freguesia do Seixo, avaliada em 66\$00;

Uma terra com mato e pinheiros, na Pedra Branca, freguesia do Seixo, avaliada em 24\$00;

Um bocado de terra com vinha, no sitio do Baldio, freguesia do Seixo, avaliado em 24\$00;

Um bocado de mato, na Cabeça Alta, freguesia do Seixo, avaliado em 3\$00;

Um bocado de pinhal, no Cabeço do Homem, freguesia do Seixo, avaliado em 8\$00;

Um bocado de pinhal, no Vale Sobreiro, freguesia d'Arazede, avaliado em 12\$00;

Pelo presente são citados para a praça quaisquer credores incertos. A contribuição de registo é paga por inteiro á custa do arrematante.

Montemor-o-Velho, 16 de dezembro de 1915.

O escrivão,

João Paes da Cunha Mamede.

Verifiquei a exactidão.

O juiz de Direito,

Amaral Pereira.

ANUNCIO

(2.^a publicação)

No dia 16 de janeiro proximo, pelas onze horas, á porta do tribunal judicial desta comarca, se ha-de proceder á venda em hasta pública e pelo maior preço que for oferecido além do que lhe for designado, do seguinte predio penhorado na execução hipotecária que Delmido Aníbal de Lima, de Coimbra, move contra Maria Jorge Mendes, viúva, e filhos

Maria da Encarnação, Francisco, José Francisco e Joaquim Francisco Angelo, solteiros, da Povoa de Santa Cristina:

Um predio que se compõe de casas de habitação com curraes, pateo, eira de sal, um moelho de fazer farinha, terra lavradia com árvores de fruto e vinha, no arneiro da Povoa de Santa Cristina, vai á praça no valor de dois mil e seis centos escudos.

Pelo presente são citados para a arrematação quaisquer credores incertos.

Montemor-o-Velho, 17 de dezembro de 1915.

O escrivão,

Adrião Pereira Forjaz de Sampaio.

Verifiquei.

O juiz de Direito,

Amaral Pereira.

Companhia de Seguros TAGUS

Sociedade anônima de responsabilidade limitada

FUNDADA EM 1877

Capital social—1:200.000\$00 E.

Capital emitido—500.000\$00

Fundo de reserva—268.000\$00

Séde do seu predio:

Rua do Comercio, 56

LISBOA

Efectua seguros terrestres, agrícolas, marítimos e postais.

Correspondentes em todas as terras do paiz, ilhas e ultramar.

Agente em Coimbra

José Joaquim da Silva Pereira

ANTIGO ESTABELECIMENTO

— DE —

Mercearia, Tabacos e Fazendas brancas

— DE —

João António Rodrigues

(SUCCESSORES)

Montemor-o-Velho

Nesta casa se encontra um completo sortido em assucar, chá, café, manteiga nacional e ingleza, biscoitos, bolachas, massas, bacalhau, genebra e vinhos do Porto.

Ferragens, prego de arame e de ferro, panelas de ferro, ras-tilho, chumbo em barra e para caça.

Fosforos e Tabacos, por atacado. Tambem vende pelos preços de Lisboa, farinha de trigo, cimento Portland, vidraça, telha de vidro e velas de cera.

Preços resumidos

Oficina-Garage de Coimbra

LOBO DA COSTA & CASTANHEIRA

Grandes oficinas mecanicas para reparações de automoveis; fabrico de carretos, pinhões e corolas em aço; cimentação e temperas; vulcanização e fundição de metais. Recolha e tratamento. Ensino. Automoveis de aluguer de \$08 a \$20 o quilometro e 9 lotações de 4 a 18 passageiros.

Acessorios, gazolina e oleo.

Transações em carros de 2.^a mão. Serviço especial, para bem servir os ex.^{mos} clientes da província.

Rua da Figueira da Foz—170

COIMBRA

Local conhecido por «Casa do Sal» á entrada da cidade pela estrada do Porto.

Telefone, 502

Telegrams «Garage-Coimbra»

João António Rodrigues

(SUCCESSOR)

Montemor-o-Velho

Correspondente das seguintes casas:

Banco Comercial de Lisboa, Banco do Minho, Banco Commercial do Porto, Banco Aliança, Banco Economia Portuguesa, Banco Nacional Ultramarino, Companhia de Seguros A International, Crédit Franco-Portugais, J. M. Fernandes Guimarães & C.º, Pinto da Fonseca & Irmão, J. M. Espírito Santo Silva, Borges & Irmão, J. H. Tota & C.º, e Orey, Antunes & C.º

AGUA DE LUSO — Cura pela Diurése

(MEDALHA D'OURO, MADRID, 1913)

(Estabelecimento termal e Hoteis abertos todo o ano)

A mais diurética e mais digestiva. Aumenta a diurése, regulariza as funções digestivas e ativa os fenómenos nutritivos.

Muito radioativa — 4,49 miligramas — minutos
Muito ionizada, resistividade a 18° 18300 ohms
Muito rica em gases raros, argon 1,15, helio 1,00
Muito hipotônica, ponto crioscópico 0°,04

Conclusões da análise feita pelos distintos professores
Giovanni Costanzo e Charles Lepierre

Muitíssimo pura, não tem colibacilo nem bacilo tífico

USO EXTERNO — Molestias de pele (eczema, prurigos, psoriasis, lupus, etc.), reumatismo e gôto.

USO INTERNO — Artritismo, impaludismo, neurastenia — Albuminúria, diabetes — Intestinos, estomago — Rins — Bexiga.

DEPOSITOS: LISBOA: Augusto Brandão, rua dos Fanqueiros, 306, telef. 225. PORTO: Victorino d'Almeida, rua 31 de Janeiro, 16-18, telef. 428. FUNCHAL: José Quirino de Castro, rua dos Murças. ÁFRICA

ORIENTAL: Oswald Offmann. BEIRA: F. L. Simões & C. LOANDA: Beltrão, Pena & C., e nas principais terras do paiz, aceitando-se depositários nas terras onde ainda os não haja.

GRATIFICA-SE BEM

a quem der informações de que resulte a condenação por fraudes praticadas com prejuízo dos exclusivos de fosforos e isca (e dos interesses do Estado, da Companhia concessionária e do comércio legítimos acendedores, algodão ou qualquer outra matéria apresentada de forma e servir de isca, fabricação ou venda de chita com preparo inflamável, isca em cordão vendida fraudulentamente a título de cordão de sacos, etc., reservando-se a Companhia concessionária intentar a respectiva ação civil de perdas e danos contra os delinquentes, independentemente da multa no Estado nos termos da legislação em vigor. Gratifica-se generosamente, guardando-se a maior discrição. A Companhia logo que receba informações fidedignas enviará a qualquer ponto do paiz agentes da fiscalização para procederem às necessárias diligências. Dirigir-se pessoalmente ou por carta à Companhia Portuguesa de Fosforos, 139, rua de S. Julião, Lisboa.

ADUBOS MELO & MARTINS PAMPILHOSA DO BOTÃO

Fabricantes dos bons adubos compostos da marca registada
PEIXE

Chamamos a atenção dos snrs. agricultores para fazerem uma experiência dos nossos adubos, devido ao seu magnífico resultado os adoptarão de preferência a qualquer outro.

AZEITE

Para revenda e em grandes quantidades, vendemos de excelente qualidade.

Alugam-se Automóveis

MELO & MARTINS
Pampilhosa do Botão

A FUNERARIA EM PEDRA

— DE —

FRANCISCO A. DOS SANTOS, FILHO

RUA DIREITA, 139 a 149

COIMBRA

Esta oficina encarrega-se de todo o trabalho de jazigos, mausoleus, campas, cantarias e ornamentações, tanto em calcareo como em marmore, a qual tem desenhos de jazigos, para escolher, em estilos antigos e em ARTE MODERNA.

Tem depósito de bancas de cossinha e mausoleus em lousa preta.

Encarrega-se também de fazer esculturas, bustos em pedra, barro, gesso, etc.

Toma conta de qualquer trabalho fóra de Coimbra

FABRICA DE CAL

AOS AGRICULTORES

Cal fina e grossa, fornece-se em muito boas condições. Preços modicos, sobre o wagon, no caminho de ferro e nos próprios fornos.

Agente de telha tipo marseilla e tijolos de todos os formatos, da fabraca Lacerda, Figueiredo & C. Limitada, da Pampilhosa.

Pedidos a
Joaquim S. Coca Júnior
Zambujeiro — Araçede

Tendo terminado todas as sementeiras, previnem os freguezes que façam novas encomendas de **adubos químicos e orgânicos**, da acreditada casa Varela, Leal & C. das Varzeas, que se encontram à venda, por preços sem competencia, em casa de Manoel Monteiro Godinho, Casal do Gaio, Araçede.

HOSPEDARIA SILVA

Junto á Estação do Caminho de Ferro

PAMPILHOSA DO BOTAO

Esta hospedaria, situada em frente á estação do caminho de ferro, oferece aos ex.ºs passageiros todas as comodidades, tendo bons quartos. Serviço esmerado e bom tratamento.

DOMINGOS RODRIGUES DA SILVA

Mercearia, Vinhos e Tabacos. Especialidade em café.
PREÇOS COMODOS

Comissões e consignações

Depósito das afamadas águas de Luso.

Portugal Preidente

COMPANHIA DE SEGUROS

Sociedade Anónima — Responsabilidade Limitada

Capital UM MILHÃO de Escudos

SÉDE — RUA DO ALECRIM, 10 — LISBOA

N.º Telef. — 1849 End. Teleg. — VIDA

Seguros contra incêndios de predios, fabricas, etc.

Seguros de estabelecimentos e mobiliários.

Seguros agrícolas de céaras, eires, palhas, arvoredos, etc.

Seguros de maquinas e utensílios de laboura.

Seguros contra incêndio proveniente de greves e tumultos.

Seguros de transportes marítimos e postais.

Seguros contra roubo de habitações e estabelecimentos.

Seguros contra fraude de empregados.

Seguros contra a quebra de cristais.

Seguros de vida, pensões, dotes e reformas.

Seguros contra acidente de trabalho.

Agencias em todas as terras importantes do paiz, ilhas e colônias.

Sucursal no PORTO — Rua Passos Manuel, 21.

BANQUEIROS — Borges & Irmão — Porto e Lisboa

Ano 4.^º

Montemor-o-Velho, 9 de Janeiro de 1916

N.º 20

O DEVER

Semanario defensor da união da familia Portuguesa

Pátria e Humanidade

Saibâmos ter paciencia

sua competencia, e não será de mais reconhecer-lhe qualidades de burilador exímio das coisas de governação publica.

Já que as circunstancias ocasionais de momento o fizera subir ao poder, que o país não tenha motivos d'arrependimento, tantas são as duras experiencias dos desbaratos politicos e dos erros cometidos.

A presidencia da Republica está confiada a um homem de altissimo criterio politico, de quem muito se espera, e não será descabido que todos o acompanhem prestando-lhe concursos apreciaveis e auxiliando-o na afdua tarefa que se impôs.

Em todos os tempos o partidarismo avôsso foi um dos mais perniciosos factores de inaceitavel demolição; e atacar sem olhar a fins, contrafazer sem objectivo nitido, pôde ser, e é, comodo, mas não é praticamente demonstrativo de amor à Patria nem de dedicação ao semelhante. Quando muito, será um acto de fraquesa, um gesto de cobardia. A massa popular é inflamavel, e ela tanto justifica os prevaricadores como aureola os gigantes do Pensamento e os martires da idêa-Mater.

Saibâmos ter paciencia, que a gloria será nossa.

ALMEIDA JUNIOR.

De semana a semana

Almas danadas

Alguns destes bicharocos andam por ai falando, esgravatando e inventando o motivo, a razão que nos leva a escrever esta mizeranda secção.

Ora, como nós não somos de arcas encouradas e o que se pensa e sente, deve dizer-se, a quem quiser ouvir, pão pão, queijo queijo, vamos informar as almas danadas!

Estas notas, que não teem o valor das notas do banco, nem são tão harmoniosas como as notas de musica, fazem-se com o fim unico do seu *glorioso* autor, ser em muito breve espaço de tempo elevado á presidencia do conselho de ministros e nada mais.

Mas dirão os que nos leem: que rasaão haverá para isso?...

Ora essa, pois os meus leitores não vêm que não ha habiscador que não seja deputado, senador, secretário de ministros e alguns, até, que já teem sido indigitados para ministros, unica e simplesmente por escreverem tolices nos jornaes?

E sendo assim, nós não podemos ser excluidos e v. ex.^º tem que nos gramár, só porque no mundo ha

Director, Proprietário e Administrador

Almeida Junior

Secretario da Redacção e Editor

Abel M. de Melo Brandão

Red. e Adm. — R. Dr. José Galvão — Montemor-o-Velho

DIRECCÃO: — COIMBRA

(para onde deve ir a correspondencia)

Composição e Impressão — Tip. Silva (a vapor)

AVEIRO

Carta de Lisboa

Lisboa, 4—1—916

De visita a sua ex.^{ma} familia, encontram-se nesta capital as snr.^{as} D. Emilia Santos e D. Guilhermina Santos, das Alhadas, respectivamente mãe do snr. António dos Santos Fonseca e Ilílio e António Lopes dos Santos, considerados comerciantes nesta praça, e irmãs dos abastados proprietários snrs. Joaquim Augusto dos Santos e Ilílio dos Santos.

Que tenham encontrado todos os seus de saude, são os nossos mais ardentes desejos. — T.

Subsistencias

O maravilhoso problema do snr. António Maria da Silva promete transportar-nos ao cumulo da felicidade e fazer entrar no caminho direito da logica das coisas, os tendeiros, esses implacaveis tendeiros que, não contentes com o cobrar-nos exageradamente os preços dos generos, ainda por cima se enganam no peso em prejuizo do infeliz consumidor.

O projecto do snr. Silva, com todas as suas bases e determinações, merece a gratidão dos nossos estomagos: O ilustre ministro, que se mostra heroico e vem dar-nos o comersinho barato, com as suas alimenticias intenções jurou uma guerra sem tréguas a todos os exploradores do povo, e promete amarrar á cinta todos os tendeiros, carniceiros, pescadores e padeiros.

Pena é que sua ex.^a se esquecesse do maldito senhorio, que ainda é pior que todos os outros, reunidos num só corpo.

O snr. Eusebio

Passeava serenamente pelos grandes boulevards londrinos, de charuto perfumado nos labios, não menos perfumados, colhendo o doce fruto de fumar opio a 9 escudos por dia, quando lhe chegou a noticia de que alguns malvados o haviam caluniado imputando-lhe graves responsabilidades, que depois de uma sinidicancia, obrigaram o ministro a suspender o exercicio de secretario geral do ministerio das colonias.

Pois este mesmo snr. Eusebio da Fonseca, que uma comissão parlamentar, composta de membros de todos os partidos, obrigou a afastar do seu cargo e pediu, até procedimento judicial em virtude de fraudes cometidas no exercicio das suas funções, está agora sendo defendido por certa imprensa e será em breve reintegrado no seu lugar (e se já o não foi é porque ha quem habilidosamente exerce pressão sobre o governo).

Não podemos acreditar em tal! Um governo, que saiu do maior partido da Republica, que tem uma grande maioria parlamentar e a opiniao publica ao seu lado, tudo isto, não contando com o pulso herculeo do snr. António Costa, não pode estar sujeito a pressões!

Que a razão vença a força, e nunca a força seja o sustentaculo da Razão.

Levy Rodrigues Malho

Foi ultimamente nomeado bilheteiro de 2.^a classe dos Caminhos de Ferro do Estado, direcção do Minho e Douro, o nosso simpatico amigo e inteligente ferrovário, snr. Levy Rodrigues Malho.

E', sem favor, um empregado correto, delicado e exímio cumpridor dos seus deveres. Por isso, não foi mais do que um áto de justiça que o ex.^{mo} Conselho de Administração dos Caminhos de Ferro do Estado fez, em colocar naquele logar o nosso dedicado amigo Rodrigues Malho.

A si e a todos os seus, os nossos cumprimentos pela sua merecidissima nomeação.

As cartas duma infeliz

Meu caro Leopoldo:

Acabo de ler uma produção de Soares de Passos. Quiz relê-la, mas não pude. Deixou-me num estado de abatimento extraordinario. Escrita com golfadas de sangue, o divino poeta imprimiu-lhe toda a sensibilidade da sua alma amargurada.

Ultimamente, neste meu humilde gabinete de trabalho, só teem entrado livros e outros trabalhos literarios duma tristeza nostaligica. O meu pobre canario, que me delicia o espírito com os seus trinados lacrimosos, é agora o meu único companheiro. Invejo a sua prisão. Quiz já soltá-lo, para ele estender as suas azitas no espaço, mas minha mãe ralhou-me!

Eu e ele somos dois condenados, prisioneiros sem culpabilidade, e não ha ninguém que tenha dô deste cativeiro horrível. Ele canta, talvez maguado e com saudades das outras aves que voejam ali ao lado, nos beiraes da casaria. Eu choro, saudades do tempo que não volta e em cuja lembrança revivo com pezar horas venturosas que se fôram!

Não ha como a liberdade em que tu vives. Ditosa menina que ri e que canta no andar fronteiro. Ela olha-me a sorrir, em toda a sua ingenuidade de virgem imaculada, porque lhe faltam, de certo, os rigores da desilusão e a experiência desta vida inclemente de podriões e hipocrisias.

Adeus. Hoje é dia santificado. Dou trégoas ao meu martirio.

Tua,

Irène.

A um morto amigo

A vida tem surpresas inelutáveis de amargura e dor! Ainda há pouco, nesta Coimbra de recordações saudosas, apertávamo a mão carnuda de Fernando Barbosa. E agora vêmo-lo frio, inerte, num serenidade evangélica, tombado no seu caixão mortuário, para onde a voragem destruidora da morte o arremeteu sem dúvida nenhuma piedade pelos que o choram e a quem tanta falta faz!

Ladeado de tochas e de amigos, o querido morto parece sorrir-nos com amoroso enternecimento. Mas as palpebras, cerradas, transfiguram-lhe a fisionomia de uma palidez de justo.

Vai abrir-se a sepultura. E, dentro em pouco, Fernando Barbosa, que sabia sorrir e sabia amar, confundir-se-á para sempre com a Terra-Mater que o vai roubar à nossa vista e ao seio estremecido da pobre família em luto.

A vida! Ha dias ainda, no aconchego carinhoso do seu lar, o saudoso amigo nos recebia, jovial mas não alegre. Os seus lábios queriam entreabrir-se num sorriso de candura, mas a voz da consciência gritava-lhe o seu periclitante estado de saúde. Não se iludia. Barbosa tinha a convicção do perigo em que vivia. Visionava a hora derradeira, que sentia aproximar-se dia a dia, implacável, misteriosa, traíçoeira.

As povoações do concelho devem muito ao querido morto. Era um coração sempre generosamente aberto para agasalhar quem dele carecesse, e não eram poucos.

Viveu modestamente, no remanso consolador do seu lar, santificado pelo carinho da família, que o adorava.

Baixou ao tumulo! Teve, o pobre fiado, o destino desta humanidade em decadência.

Que a lousa lhe seja leve.

Que repouse agora das fatigas de tantos anos de luta, enquanto nós, de lágrimas nos olhos, sentimos a sua perda e a lacuna impreenchível no seio amarissimo da família. Ante a sua memória saudosa se, descobre com respeito

5—1—916.

Almeida Junior.

VERRIDE

Os recibos para cobrança dos nossos estimados assinantes de Verride, encontram-se em casa do snr. Constantino Pereira da Silva, onde deverão pagar.

BRAZIL

Escreve-nos o nosso preso correspondente em Santos, snr. Elísio Ramalhão, pedindo-nos que comuniquemos, por este meio, a sua ex.^{ma} esposa, snr.^a D. Deolinda Loureiro, que ele se encontra de saúde, desejando-lhe e aos filhinhos, um ano venturoso.

Também o nosso assinante, snr. Manuel Simões de Campos, da Pedra Branca,

está de saúde, pedindo que o digamos a seus estremos pais e demais familiares.

Ai fica satisfeita o desejo dos nossos amigos, e daqui os saudamos.

Pela sociedade

Estiveram no Porto na sexta-feira, tendo regressado já, os nossos presos amigos e valiosos cooperadores snrs. José Benito da Cunha, díngua fiscal do governo em Albergaria-a-Velha e Joaquim Coca Júnior, industrial em Arzade. A este último agradecemos a gentileza da visita que nos fez.

— Regressou da capital, acompanhado de sua dedicada esposa e interessante filho, o nosso estimado correspondente da Abrunheira, snr. Julio Neves da Costa.

— Retomou as funções do seu cargo, em S. Pedro de Azambuja, a ilustre professora snr.^a D. Assunção de Melo.

— Regressou de Lisboa, onde esteve de visita a seus filhos Eduardo e Manuel, primos do nosso director, o snr. Manuel d'Almeida, d'Arzade.

Concursos

Informam-nos que muito brevemente se efectuarão os concursos para lugares de guarda-freios dos Caminhos de Ferro do Minho e Douro.

No próximo número publicaremos a lista dos concorrentes classificados, se elas se tiverem efectuado.

Carta da Abrunheira

5—1—916.

Foram uns dias cheios, como é costume dizer-se, os dias de Natal e seguinte, e os dias de Ano Bom e domingo.

A Sociedade 1.^o de Maio, ha pouco organizada, e que tem á sua frente rapazes trabalhadores, cheios de vontade, e dos mais simpáticos que aqui ha, proporcionou aos seus associados bailes que decorreram animadíssimos.

Divertiram-se todos muito, dançando, cantando e rindo!

E é assim que se tem de levar a vida... não ha remedio!

— Em goso de licença encontrase aqui o snr. Henrique Nunes Neves da Costa, aspirante a oficial de cavalaria.

— Em viagem de recreio, partiram para Lisboa, o snr. Eduardo de Goes Nobre e sua mana Amélia de Goes Nobre.

— Com sua ex.^{ma} família retirou para Coimbra, o snr. João Maria d'Oliveira Carvalho.

— Tem passado incomodado de saude o snr. Joaquim de Souza Carvalho. Desejamos-lhe rápidas melhorias.

— O Ano Novo começou com uns dias muito lindos e oxalá outros se lhes sigam.—N.

e no fim algumas minhas narrações, pediu-me também para as publicar. Dado o interesse de momento, pois que, bastavam dizer, fulano veio de França... (mas sem ser dentro da condessinha...) para que logo fosse assediado com perguntas e tivesse que mais uma vez, pela decima milionessima, de repetir toda a história ou o que me parecia, resolví, pois já trazia o cerebro desfeito, publicá-las alísim, para que ficasse duma vez para sempre delas conhecedores e me deixassem em paz.

Escritas na ocasião de efervescência motivada pela guerra, elas ainda vão impregnadas desse nervosismo que nos assaltou a todos e que ainda o estamos sentindo pela Vitória da França, do Direito e da Liberdade.

Não quero esquecer aqui o nome de amigos como o do ilustre advogado Joseph Requeillet e Jean Longchamps, que nas trincheiras, combatem pela integridade da sua Pátria e bem assim o snr. Visconde de Wildie, nosso ilustre consul em Bayonne e o meu bom amigo Raul Seixas, que me acompanhou sempre, até ir ao encontro. A Inglaterra, em face da

BRAZIL

São nossos representantes no Brazil, para tudo que diga respeito ao DEVER, os nossos prestitos amigos, snrs.:

José Marques da Costa, Rua Dr. Ricardo, 115—Campinas.
Elísio Ramalhão, Rua João Otávio, 6, Paquita—Santos.
Adelino Nunes de Souza, Rua Moniz e Barros, 157—Rio de Janeiro.

Augusto Nunes de Souza, Rua Dr. Ricardo, 79—Campinas.

Cezario Simões Corrêa, Rua Paulo Souza, 90—S. Paulo.

A. Gomes da Silva, comerciante, Rua Barão do Rio Branco, 81, Sertãozinho, S. Paulo.

Antonio da Costa Abrantes, caminho de ferro de Benguela, África Ocidental, Lobito, aos quais devem ser pagas as assinaturas d'ora em diante.

Concedidas nos termos da lei.

Confirmou um atestado passado pela Junta de Paróquia de Verride a Maria da Piedade Pereira, para subsídio de lactação de dois filhos gêmeos.

O presidente propôz para que se oferecesse ao Director das Obras Públicas a solicitar-lhe nova medição das obras da escola de Verride, proposta que foi aprovada.

Resolveu autorizar o levantamento do depósito feito pelo arrematante Arsenio Lopes Quaresma, na tesouraria Municipal, na importância de 39\$00, das obras que fez em Verride.

Deliberou mandar podar e limpar as árvores da rua Dr. José Galvão.

O zelador Neto informou estarem partidas as chapas dos letreiros no Largo Diogo d'Azambuja.

Resolveu mandar proceder a averiguações.

Foram presentes várias pessoas antigas desta vila para informarem se o terreno baldio do Caminho da Saibreira, sobre o qual B. Gonçalves Ferreira, que comprou o predio contíguo, se acha com direito de propriedade, as quais disseram não poderem informar com certeza sobre a propriedade dele.

A câmara não tomou resolução alguma.

Foi presente o balancete semanal acusando um saldo de 2:000\$ depositado na C. E. Portuguesa e 568\$44 na tesouraria municipal.

Autorizou e mandou pagar várias despesas.

Em seguida, foi apresentado o orçamento ordinário para a gerência de 1916. Depois foi encerrada a sessão.

Camara Municipal**Sessão de 27 de novembro**

Presentes os ilustres vereadores: presidente, dr. Simões; secretário, Rodrigues Pato; José A. M. da Costa, Tavares Lebre Esteves de Barros.

Lida e aprovada a acta da sessão anterior. Foi presente o seguinte expediente:

Um ofício de Francisco António Mendes a declarar que a casa em que funciona a escola necessita d'obras a que vai proceder, por isso que não pode receber a mesma renda, pois tem para a mesma 25 escudos.

A Comissão resolveu que tendo passado o prazo legal para se poderem fazer alterações nos arrendamentos, se não pode tomar em consideração a sua declaração.

Um ofício da câmara municipal de Louzada a pedir que a câmara ceda qualquer obra que enriqueça a biblioteca municipal, cujo núcleo se propõe constituir.

Resolveu que seja presente o ofício à câmara, na próxima sessão.

Um ofício da Inspeção Escolar da Figueira a pedir certidão da efectividade de serviço do professor Gomes Tomé, no 2.^o logar da escola masculina da Carapimheira e dita do Seixo.

Resolveu satisfazer.

Um ofício do Secretário de Finanças do Concelho, a enviar uma nota referente à receita dos impostos directos municipais, para despesas gerais e instrução primária.

A Comissão ficou inteirada.

Foram presentes dois requerimentos, um a pedir licença para depósito de materiais de construção, e outro de Joaquim Cruz, guarda, a pedir mais 60 dias de licença, por motivo de doença.

Concedidas nos termos legais.

O mestre d'obras apresentou várias informações sobre alinhamentos e licenças pedidas.

Aos estragos duma terrível doença, que ha anos lhe vinha minando a existência, faleceu no dia 5 do corrente, pelas 17 horas e meia, o snr. Fernando Augusto Barbosa, advogado de provisão nos auditórios desta comarca, onde gozava de grandes simpatias, já pela sua correcta conduta, como pelos dotes intelectuais de que dispunha.

Ao conhecer-se a triste notícia, muitas pessoas de todas as classes sociais, foram a casa do extinto inquerir da veracidade dela, que infelizmente era confirmada.

Fernando Barbosa, esse intérprete insano, que tudo sacrificava ao bem-estar de seus dois netos, Alberto e Mario Fernando, acabava de ser ceifado pela implacável Parca, deixando, na peior das situações, essas duas crianças, que eram todo o seu anhelo.

A sua morte foi geralmente sentida, não só nesta vila, mas em todo o concelho, onde contava numerosos amigos. O seu funeral foi dos mais imponentes que aqui se tem realizado, sintetizando bem o testemunho de apreço e consideração, devidos à memoria do ilustre finado.

Que descance em paz o nosso saudoso amigo Fernando Barbosa. A sua ex.^{ma} família envia o Dever o seu cartão de pesames sentidos, acompanhando-a na punheta magna que lhes alanceia o coração

ao meu regresso. Daqui, pois, lhes envio as minhas sentidas homenagens.

Vão seguir-se, pois, as notas; e os leitores me dirão, depois, se eu tinha ou não razão para as não querer publicar.

1.^a PARTE**O que eu vi e ouvi**

Estamos nos fins de julho. Os ares tolhiam a vida diplomática das nações, depois do atentado de Sarajevo. Trocavam-se as primeiras balas entre servos e austriacos. A Alemanha, que ha 40 anos se preparava para estabelecer a hegemonia na Europa, e não podendo aguentar-se já com as suas enormes despesas militares, achava a ocasião azada para a realização dos seus intentos. Depois, foi o que toda a gente sabe: um belo dia invadiu de突teto a fronteira da Bélgica e Luxemburgo; massacrou esse pobre mas heroico Povo, que sustenta o assalto de Liège, e assim dava tempo a que a França não tenha a mesma sorte, e organize os seus exercitos para lhe

violação da neutralidade belga, coloca-se ao lado da França, ai comece a Grande Guerra, dirigindo os grandes exercitos aliados, dois militares ilustres, M. Joffre e Sir French.

Em todo o mundo ha indignação geral contra a Alemanha teutonica, que tudo quer submeter e arrazar, numa fúria epidéctica. Portugal, Latino, irmão diléito da França, pela sua ciencia e literatura encaminhado, sente correr-lhe pelas veias o sangue libertador, e um arrepiado feroz o invade na aancia de ao lado dos seus irmãos ir combater esses malditos «boches».

E assim, nós vimos o oferecimento voluntário de portugueses, alguns dos quais já morreram heroicamente, e as manifestações de simpatia às nações aliadas, donde repercutiam bem alto: «Abaixo a Alemanha!». Foi levados por essa simpatia febril, e o desejo do Desconhecido, que nós abalamos, eu e o meu amigo Raul Seixas, na manhã de 15 de agosto de 1913.

(Continua).

(1) FOLHETIM**NA FRANÇA**

POR

VIRGILIO MARQUES

DUAS PALAVRAS...

Quando empreendi a minha viagem á França, julguei conveniente ir tirando algumas notas sobre ela, mas sem que tivesse o mais leve intuito de as dar á publicidade.

Depois do regresso, conversando com alguns amigos e pessoas conhecidas no nosso meio literário, fui instigado para que as publicasse num pequeno livro.

Opuz-me.

Veio depois a minha entrevista no dia do Porto, O Norte, e novamente fui convidado a dá-las á publicidade, porque, diziam, eram interessantes. Ultimamente, estando em casa dum magistrado e jurista distinguido, falou-se da guerra,

nesta hora de luto e de dôr, neste momento de saudades fundas e inconsolações justificadas.

Secção de charadas

Aos bons charadistas de Arazedo, António Ismael da Cruz e Cruz Gonçalves.

A premio

Massadas geográficas

Formar o nome dumha terra portuguesa com as letras da seguinte palavra:

Vac dal-o tónicas.

Dia fala vier.

Perguntas enigmáticas

Qual é o líquido que mais se parece com o sapateiro?

Por iniciais

Q. O. A. V. N. P. O. D.
1 1 3 2 1 2 1 2

Porto.

Almeida Guedes.

V M U P N M Q M A V
2 1 1 3 1 1 1 1 1 2

Porto.

Maximino Monteiro.

Todos os charadistas devem enviar para esta redacção as decifrações á medida que se vão publicando, com o seu nome e morada na mesma tira do papel.

Brevemente publicaremos a lista dos premios que temos em nosso poder para oferecer aos nossos charadistas.

Acceptamos colaboração charadista.

Movimento da população

Obitos no mês de agosto

Ana da Silva Moreno, de 15 anos, falecida na Ereira, freguesia de Verride.

Raimundo Melo, de 16 anos, falecido na vila de Montemor-o-Velho.

Maria de Nazaré Bessa, de 20 meses, falecida na Bandurreira, freguesia da Carapinheira.

Rita Figo, de 90 anos, falecida na vila de Pereira.

Ana Simões, de 32 anos, falecida no Marujal, freguesia de Vila Nova da Barca.

Manuel de Barros Amorim, de 12 horas, falecido no Zambujeiro, freguesia de Arazedo.

Um nascido-morto do sexo masculino, na freguesia da Carapinheira, filho de Francisco Simões Pessoa e de Maria Monteiro.

Antonio Rodrigues Cordeiro, de 67 anos, falecido na vila de Montemor-o-Velho.

Antonio Maria Fonseca, de 16 anos, falecido na vila de Montemor-o-Velho.

Um nascido-morto do sexo masculino, na freguesia de Verride, filho de Joaquim Marques Diogo e de Maria José Graça.

Maria Monteiro, de 33 anos, falecida na Bandurreira, freguesia da Carapinheira.

Carlos de Oliveira Melo, de 15 dias, falecido na Coitada, freguesia das Meias.

Manuel Monteiro, de 3 anos, falecido na freguesia de Tentugal.

Nascido-morto do sexo masculino, na freguesia de Tentugal, filho de Joaquim Mendes Lapa e de Maria dos Santos.

Amavel Bento, de 2 meses, falecido na Roleta, freguesia da Carapinheira.

Antonio Monteiro da Silva, de 11 meses, falecido na Caixeira, freguesia de Vila Nova da Barca.

Joaquim dos Santos Pires, de 4 meses, falecido no Casal do Mato, freguesia da Carapinheira.

Ana Figueira, de 75 anos, falecida na Carapinheira.

Luiza da Cruz, de 34 dias, falecida no Casal do Gaião, freguesia de Arazedo.

Candida Ferrás Meco, de 7 anos, falecida em Formoselha, freguesia de Santo Varão.

Maria da Conceição, de 11 anos, falecida nos Linhacenos, freguesia de Arazedo.

Maria da Natividade dos Santos Rodrigues, de 24 dias, falecida na Moita, freguesia do Seixo.

Antonio Cabete, de 11 meses, falecido na Ereira, freguesia de Verride.

Tereza Pereira, de 68 anos, falecida na vila de Montemor-o-Velho.

Joaquina Andrade, de 75 anos, falecida na vila de Montemor-o-Velho.

José Gomes Cavaleiro, de 16 dias, falecido na Cruz de Santo Antonio, freguesia da Carapinheira.

Ester Fagundo, de 21 meses, falecida na Ereira, freguesia de Verride.

Conceição Bicho, de 55 anos, falecida na Torre, freguesia de Pereira.

Casamentos celebrados no mês de agosto

José Cordeiro da Silva, da freguesia da Carapinheira, com Tereza Simões Quinteiro, da freguesia de Montemor-o-Velho.

Antonio Monteiro com Maria Andrade, da freguesia de Montemor-o-Velho.

Manuel da Fonseca com Nazaré d'Olivera, da freguesia de Arazedo.

Antonio Ferreira da Piedade com Maria Martins, da freguesia de Pereira.

Anibal da Silva Carvalho com Natalia de Jesus Pinto, da freguesia de Verride.

ANUNCIOS

Editos de 30 dias

(1.ª publicação)

Nº Juizo de Direito da comarca de Montemor-o-Velho e cartorio do escrivão Sampaio, no inventário orfanotrófico por óbito de Maria da Conceição Bicho, do logar da Torre, freguesia de Pereira, no qual é inventariante o viúvo Joaquim Ferreira Paralta, do mesmo lugar, correm editos de trinta dias contados da segunda publicação do respetivo anúncio no *Diário do Governo*, citando para todos os termos do inventário até final, os interessados Manuel Ferreira Paralta e mulher cujo nome se ignora, auentes em parte incerta dos Estados Unidos do Brasil.

Montemor-o-Velho, 21 de outubro de 1915.

O escrivão,

Adrião Pereira Forjaz de Sampaio.

Verifiquei:

Amaral Pereira.

Companhia de Seguros TAGUS

Sociedade anónima de responsabilidade limitada

FUNDADA EM 1877

Capital social — 1:200.000\$00 E.

Capital emitido — 500.000\$00

Fundo de reserva — 268.000\$00

Sede do seu predio:

Rua do Comercio, 56

LISBOA

Efectua seguros terrestres, agrícolas, marítimos e postais.

Correspondentes em todas as terras do paiz, ilhas e ultramar.

Agente em Coimbra

José Joaquim da Silva Pereira

DR. AVELINO FARIA

Advogado

CANTANHEDE

Dá consultas aos domingos em

ARAZEDE

de outubro em diante e trata de qualquer questão no tribunal de Montemor-o-Velho.

Hospedaria do Paço do Conde

— DE —

JOSÉ DOS SANTOS

Rua Adelino Veiga, 36 a 40 — Rua do Paço do Conde, 10

COIMBRA

Vinhos, comidas e tabacos.

Recebem-se comensais por preços modicos.
Camas para pernoitar.

Esta casa, com a transformação porque acaba de passar, melhorou consideravelmente todos os seus serviços, achando-se habilitada a receber hóspedes de qualquer categoria, oferecendo-lhes comodidades por preços baratos. Esmoro e prontidão no serviço de meia, para o que tem pessoal competente.

O mesmo proprietário negoceia em cereais e legumes de todas as qualidades, tais como farinhas, sêmenas, batata, castanha, palha enfardada, cordas e adubos químicos.

Rua Adelino Veiga — 44, 48

O seu armazém é já muito conhecido.

Telefone 379

João Antonio Rodrigues

(SUCESSOR)

Montemor-o-Velho

Correspondente das seguintes casas:

Banco Comercial de Lisboa, Banco do Minho, Banco Commercial do Porto, Banco Aliança, Banco Economia Portuguesa, Banco Nacional Ultramarino, Companhia de Seguros A Internacional, Crédit Franco-Portugais, J. M. Fernandes Guimarães & C.º, Pinto da Fonseca & Irmão, J. M. Espírito Santo Silva, Borges & Irmão, J. H. Tota & C.º, e Orey, Antunes & C.º

Restaurante Ferro-viario

ALFARELOS

ESTE bufete, um dos que melhor servem o público que transita nos comboios, acha-se situado na estação do caminho de ferro de Alfarelos. Fornece almoços, jantares e lanches e toda a qualidade de refeições, por preços comodos. Tem pessoal habilitado, tanto em cozinha como em sala de mesa. Tudo se encontra com esmero e perfeição.

Fornece comida para fóra, e presta-se a servir em casamentos, batizados, etc., desde que seja prevenido com antecipação.

O proprietário, Artur de Oliveira Coelho.

Aos proprietários de Lisboa e Porto

Grande economia

A MUNDIAL, de acordo com os seus importantes reseguradores resolveu efectuar seguros de propriedades, sem uso ou contiguidade perigosa, ao premio de:

508 por cada	100\$00
ou 580	1.000\$00

de capital seguro

A MUNDIAL

COMPANHIA DE SEGUROS

Sociedade Anónima de Responsabilidade Limitada

Capital, Escudos 500.000\$00
Reservas em 1914 64.244\$75

Sede em Lisboa — Rua Garrett, 95 — Telefone 4084

Delegação no Porto — Pinto da Fonseca & Irmão
(Banqueiros)

Praça da Liberdade, 138 — Telefone 1459

Agencias e Delegações em todo o paiz, ilhas e colônias.

O D E V E R

Semanario defensor da união da familia Portuguesa

Pátria e Humanidade

Guarda Republicana

E' uma velha e bem justificada ambição do povo d'este concelho, a vinda para esta vila de um testamento da Guarda Republicana. Outros menos importantes do distrito a possuem já, e eles não são mais pontuais no cumprimento dos seus deveres do que o nosso, nem melhores contribuintes do Estado.

E' este um assunto de transcendental importância, aliás já debatido na camara municipal, mas é necessário que se passe de palavras.

Ainda se não fez representação nesse sentido, e é mister que todas as Juntas de Paroquia, reunindo-se à Comissão Executiva, formulam quanto antes essa solicitação às estações superiores, que a deverão atender sem rebuços, para que as promessas, feitas por ocasião de eleições, tenham a desejada efetividade, sob pena de os medirmos todos pela mesma bitola de arranjistas.

O snr. Governador Civil conhece a urgente necessidade de dotar o concelho de Montemor-o-Velho com esse importante melhoramento.

Por toda a parte impera o abuso.

Caça-se sem licença, possuem-se cães sem licença, invade-se a propriedade alheia, abusivamente, e esse caos nota-se mais nos campos circunvizinhos do que em outras propriedades, pois as queixas de roubos de estrume e outras coisas más, são constantes, com notável prejuízo dos seus proprietários, que pagam as suas décimas e são prejudicados.

Há muitíssimo que fiscalizar, e os haveres dos cidadãos não podem estar assim à mercê de meia duzia de bandidos que se governam à custa alheia.

Por outro lado, seria mais uma fonte de receita para o município, e os apadrinhados teriam de refrear os seus impetos e acautelar os seus abusos.

Ainda não ha muito que alguém organizou uma lista de caçadores sem licença, que foi posta de lado só para se não ferirem suscetibilidades. E isto deu-se numa terra

bem populosa, aqui proximo, mercê da santa empenhoca.

O destacamento da guarda nacional não se deve fazer demorar muito, sob pena de desvendarmos os mistérios e de considerarmos tudo fantasias urdidas á custa da votação dos eleitores que ainda se atrevem a sancionar candidaturas que, com o andar dos tempos, se tornam de nenhum valor político, pelo menos no que respeita aos interesses dos municípios d'este malfadado concelho, bem digno de melhor sorte.

E não nos venham com paliativos, que eles só servem para atestar cada vez mais a nossa falta de valor moral e a nossa ingenuidade.

Não largaremos mão do assunto enquanto nos não for feita justiça.

De semana a semana

Solteirões

Os jornaes de Paris salientam o facto da obrigatoriedade militar, ultimamente decretada em Londres, e re-jubilam com o sucedido. Seis milhões de celibatarios são obrigados, de preferencia a outros homens, a encoparem-se nas fileiras.

Vê-se que a Inglaterra é inimiga dos solteirões. Quer o crescei e multiplicai-vos, da instituição cristã.

E tem razão. Para cumprarem os seus deveres da multiplicação da espécie, não ha necessidade de solteirões. Os casados tambem o sabem cumprir, e agora deve haver por lá muita femea sem amparo, e então não ha que olhar a situações sociais...

Bernardas

Nos arraiais monárquicos preparase bernarda, com o snr. Bernardino na presidencia. Deve ser, como se diz no Porto, uma fita primorosa.

Pois sim, que venham. Eles que se cheguem. O lume parece estar apagado, mas por debaixo da cinza costuma haver calor capaz de deitar o fogo a Roma. E os Cezares não morreram todos ainda. Que se cheguem; os monárquicos, mesmo os monárquicos republicanos.

Que beleza

A Lucta, transcrevendo do Diário do Governo as contas das receitas cobradas e das despesas pagas durante os meses de julho a outubro, terminou por dizer «que só nos últimos quatro meses houve, no orçamento ordinário, um agravamento de 4.056.563\$35».

Isto é importante. Com as despesas extraordinárias que se teem feito, o snr. Camacho, se fosse governo, era muito capaz, não só de não apresentar deficit no orçamento, como até nos arranaria, também, algum superavit.

E a prova está no que os correli-

Director, Proprietário e Administrador

Almeida Junior

Secretário da Redacção e Editor

Abel M. de Melo Brandão

Red. e Adm.—R. Dr. José Galvão—Montemor-o-Velho

DIRECÇÃO: COIMBRA

(para onde deve ir a correspondência)

Composição e Impressão — Tip. Silva (a vapor)

AVEIRO

O avôsinho

(A memoria saudosa dum morto querido)

Desde sempre: bom pai, bom amigo,—o avôsinho.
Que magua vê-lo assim, á doença vergado!
— Eles previam já, coração torturado,
o não ir longe, não, em tão triste caminho...

Ele era... o seu viver, — suave como arminho!
— Choram-no, e com razão, agora que é prostrado
pelo tufão da Morte! — Com o avô adorado
fenece o dôce Bem, — seu amôr, seu carinho!

Antevêem o porvir bem doloroso e triste!...
— São creanças... — Embora! ao pesar não resiste
a alma, quando afogada em pranto d'amargura!

Comóve a magua, a dôr, sim, das pobres creanças...
— E a boa da avósinha — as suas esperanças —
como chora — a infeliz — a sua desventura!...

Montemor-o-Velho.

J. Neves.

Pela Sociedade

Foi nomeado professor de 1.ª classe, o nosso estimado assinante da Carapinheira do Campo, snr. Julio Ferrão, a quem afetuosa e cumprimentamos.

Regressou da Beira Alta, onde tem estado com seus pais, o nosso amigo snr. José Ferrão, d'Arazéde. O novel estudante partiu para o Porto, onde vai continuar com os seus trabalhos escolares.

Casamento

Realizou-se na semana passada, em Ceite, o casamento do nosso ilustre amigo e inteligente professor do Seminário dos Meninos Desamparados da cidade do Porto, snr. Adriano Vieira Leite, com a gentil e delicada snr. D. Balbina d'Albuquerque. Assistiram a este acto muitas pessoas amigas dos noivos. Felicitamos, em nome da estreita amizade que nos liga, a Adriano Vieira Leite, quer pelo seu nobreza do seu carácter, quer pelo seu saber de professor exímio, pelo seu novo rumo de vida. Que esta lhe seja uma estrada juncada das mais perfumadas rosas, é o nosso maior e mais ardente desejo.

Aos noivos e a todos os seus, os nossos parabens.

Foi nomeado ajudante da conservatória do registo civil de Coimbra, o snr. José Antonio Simões.

D. Aurea Amaral

Acaba de ser classificada de *muito bom*, com 18 valores, no concurso por provas práticas para o quadro privativo dos professores do Porto, a nossa distintíssima colaboradora snr. D. Aurea Judit Amaral.

Merecida foi a classificação, pois a ilustre professora é um dos mais brilhantes ornamentos do professorado primário português.

De cento e sessenta e tal concorrentes, apenas houve três classificações de *muito bom*.

Cumprimentamos afetuosa e valiosa companheira de trabalho, que, desde a fundação do Dever, nunca mais nos desamparou nesta glória e ingratide do jornalismo.

Secção de charadas

LOGOGRIFO

Aos abrunheirenses

Ná capital dum paiz 2, 7, 3, 5, 7
Corre o rio magestoso... 3, 6, 7, 5, *
Porzanga, ou o quer que seja, 2, 8, 9, 3, 10
E' um animal... furioso! 2, 4, 3, 9, 1

Esta cidade africana, 2, 7, 8, 3, 10
Linda, qual mulher querida, 1, 5, 10
E' uma ilha, no inverno, 7, 3, 7, 8, 3, 1
Terra muito conhecida...

Abrunheira.

Liz.

ENIGMA

São cinco letras sómente.
Mas todas elas interessantes,
Pois sendo iguais as vogais,
São-no, também, as consoantes.

Das ultimas, sómente duas:
Queiram, agora, atender:
Tirando *prima* do todo
Coisa esquisita hão-de vér.

Solução? — ei-la explicada:
— E' uma ave indolente
Que se pode lêr *às direitas*
Ou tambem inversamente...

Abrunheira.

Liz.

O MEU LIVRO

Aos 8 ANOS

Ao ex.º amigo, snr. Almeida Guedes

Livro meu muito amado
Tesouro do meu saber.
Volta a mim meu bom amigo
Se algum dia te perder.

O cavalheiro que o achar
Pra dar provas de ser honrado
Deve-o mandar entregar
Ao nome, dentro assinado.

Qual é? eu digo-o. Políbio,
Que na pia me foi dado,
Por meus pais e meus padrinhos
No dia do batizado.

Porto.

Políbio Ferreira.

* *

Decifrações do numero anterior:

Massadas geograficas — Vila da Feira,
Viana do Castelo.

Pergunta enigmática — E' o vinho.
Porque consola, vira e tomba.

Por inicias — Quem o alheio veste na

(2) FOLHETIM

NA FRANÇA

POR

VIRGILIO MARQUES

DUAS PALAVRAS...

Toda a semana que antecedeu á nossa partida, levamos em preparativos, que eu julguei indispensaveis, para o bom exito do nosso empreendimento. Procuramos o ilustre consul de França no Porto, M. Rebellit, e depois de lhe transmitirmos os nossos propositos, que ele comovido agradecia de lagrimas nos olhos, pedimos-lhe uma guia ou passaporte para que não nos surpreendesse qualquer contratempo. Sua ex.º porém, sentindo muito não nos poder ser agradavel, disse-nos que não tendo autorização do seu Governo, nada nos podria fazer. Não desanimamos. Fomos ao Governo Civil, requisitamos um Salvo-conduto para poder seguir viagem para Espanha, e de lá, pensavamos nós, facilmente passariamós á França.

Aproximava-se o dia da partida. Eu não sei explicar a actividade que desenvolvemos nesses dias para a conclusão dos nossos preparativos, todos escritos, e o esforço que eu despendi, para que da minha boca não saisse o mais leve elemento de denuncia que podesse transtornar o bom andamento dos planos que intimamente me traziam absorvido. Ai as lutas intimas que tive de aplacar! Quando se discutia a guerra, eu nunca imitia opinião, fosse onde

praça o despe. Vale mais um passaro na mão que mil a voar.

* *

A 1.ª das geograficas e as duas ultimas foram decifradas pelo snr. Celso R. Baía, d'Arazede, a quem felicitamos.

Este nosso amigo enviou-nos produções charadisticas, que irão no proximo numero, pois iremos fazendo as publicações por ordem de receção.

— Ao snr. Gilvaz pedimos que nos indique morada e nome proprio, sem o que não podemos publicar as produções que enviou. Desejamos conhecer os nossos colaboradores.

— O nosso amigo E. Castanheira, desta vila, decifrou as duas geograficas do ultimo numero.

As suas produções charadisticas irão para a semana, assim como as do snr. Abilio Ramos, Almeida Guedes e doutros.

Festejos a S. Sebastião em Verride

Realizam-se nos dias 19, 20 e 21, os tradicionais festejos do Martir S. Sebastião, de Verride. A comissão organisadora das festas, que é constituída pelos nossos amigos, snrs. Gabriel Baptista Ferreira, José Maria Correia Gaspar, Julio Alves Maia e Antonio Maria Henriques, tem enviado todos os seus esforços, para que mais uma vez o entusiasmo, brilho e realce, adornem este povo e centenares de forasteiros que do nosso e outros concelhos vizinhos, veem em romagem piedosa, junto do seu santo guerreiro e martir, implorar divina proteção. São assim os fieis; e de encômios são dignos todos aqueles que lhes proporcionam horas felizes dentro da sua crença.

Segundo uma nota que recebemos da comissão dos festejos, é este o seu programa:

Dia 19: — Alvorada pela filarmónica União Verridense; chegada triunfal do imponente Zé Freira; procissão da egreja matriz para a capela de S. Sebastião; iluminação, fogo de artificio à moda do Minho e bailes camppestres.

Dia 20: — Alvorada, com salva de morteiros; missa a grande instrumental, sermão, procissão da capela para a egreja matriz; bailes nas sedes dos ranchos Tricanas e Grupo Popular 20 de Janeiro.

Dia 21: — Missa resada na ermida, na qual se fará ouvir o simpatico grupo musical Popular 20 de Janeiro; despedida do Zé Freira, e outros divertimentos do costume.

Vasil.

fosse e a que fosse. E até me recorda, que às vezes, ao jantar, meu Pae, me perguntava a minha opinião e eu, numa resistência heroica, dizia placidamente, friamente:

— Não me importam essas coisas. Mudemos de assunto.

E' que eu temia que alguma palavra me traísse, e podesse denunciar-me. E que arrelia a minha, quando, tendo marcado a partida para o dia 12, o meu companheiro Seixas, à ultima hora, me poe ao facto de que tal não podia ser! Quasi lhe batia! Depois reconheci o seu argumento, e vencido, tive uma crise nervosa e comecei a chorar, junto dum amigo querido. E' que eu temia que, por cada hora de adiamento, podesse vir alguém embargar-me os passos.

Na vespresa da minha partida, como não quisesse ir para terra estranha desprevenido, fôra a casa dumas senhoras francesas que eu conhecia de vista, que moravai defronte do liceu que frequentei. Bati á porta; e depois de me anunciar, mandaram-me entrar e expuz as razões que ali me levavam. Duma gentileza extrema, prontificaram-se a dar-me cartas de recomendação para Toulouse, terra da sua naturalidade. Encetava, pois, com felicidade, as minhas «demarches». Por algum tempo conversamos sobre o seu Paiz, que eu ia defender de alma e coração, e Madame Lajunie, sua filha a inteligente professora Marguerite, tocaram a «Marselheza», que todos cantamos intimamente comovidos, vitorizando a França.

Depois disto, fui despedir-me do meu amigo Abilio de Souza, mas primeiramente

Os amigos do «Dever»

O nosso preso amigo, snr. Joaquim Marques Teixeira, inteligente 2.º sargento de cavalaria 2, teve a amabilidade de nos indicar o nome da snr. D. Elisa Santos de Lisboa, que se inscreveu assinante do nosso jornal.

Fernando Barbosa

Tem sido muitas as cartas e bilhetes enviados á ilustre familia do desditoso Fernando Barbosa, falecido nesta vila no dia 5 do corrente.

E esse facto demonstra quanto o querido morto era estimado por toda a parte, constatando-se tambem de quanta simpatia gosa a enlutada familia, agora inconsolável pela perda sem remedio do desdito morto.

Tambem a esta redação foram enviadas cartas de condolencias, e é em nome da familia do falecido que aqui agradecemos essas provas de piedosa saudade, e em nosso proprio nome, pois contavamo em Fernando Barbosa um dos nossos melhores amigos.

Que ele repouse em paz, porque era bem digno desta consagração postuma.

OS BURLISTAS

Joaquim de Sá Junior e José Rodrigues Pinto, de Verride, recusaram-se a pagar a importancia do seu debito a esta administração, depois de terem recebido o Dever por largos meses.

Outros nomes indicaremos ao publico, para que se conheçam os homens honrados.

Foi exonerado, como requereu, de ajudante do escrivão do 4.º ofício da comarca de Cantanhede, o snr. Abel Batista Leitão.

Carta da Abrunheira

12 — 1 — 915.

Depois de aqui passar alguns dias em casa de seus pais, retirou já para Torres Novas o aspirante a oficial de cavalaria, snr. Henrique Nunes Neves da Costa.

Tambem aqui estiveram de visita a sua ex.º mãe a snr. viscondessa da Ponte da Barca, os snrs. Jerônimo de Vasconcelos e Ornelas e seu mano Antonio de Ornelas e Vasconcelos, alferes de artilharia.

— Regressaram de Lisboa o ex.º snr.

Eduardo de Goes Nobre e sua mana D. Maria Amelia de Goes Nobre.

— E' aqui esperado brevemente, acompanhado de sua familia, o nosso amigo, snr. Alfredo de Brito, que ha anos se encontra no Brazil, onde, com o seu honesto trabalho, conseguiu grangear alguns meios de fortuna.

— Vêm fixar a sua residencia nesta pitoresca povoação, o snr. major José Augusto Ferreira Lopes, director da Companhia Central Vinícola.

— Consta-nos que no proximo dia 16, dia da feira que aqui se realiza todos os meses, um grupo musical de Alfarelos virá visitar o snr. Joaquim de Sousa Carvalho, por naquelle dia ser o aniversario da fundação do seu estabelecimento.

— Mais um baile que decorreu animadamente, foi o de domingo ultimo na Sociedade 1.º de Maio.

— Tem estado de cama com um ataque de gripe, o snr. dr. Antonio Joaquim Simões, presidente da Comissão Executiva da Câmara Municipal d'este concelho.

— Felizmente, s. ex.º encontra-se em via de completo restabelecimento, que é o que ardentes desejam todos os seus numerosos amigos e admiradores.

— De uma longa digressão por diferentes pontos do país, chegaram hoje aqui o snr. Joaquim Jorge da Silva, suas exm.ºs esposa, mana e cunhado.

— Tem continuado os dias lindos.

Na presente quadra do ano, que atraímos, os dias assim são sempre apetecidos. O frio é que é bastante aspero; mas se ele é proprio da estação!

N.

Délivrance

Deu á luz uma robusta e simpatica criança do sexo feminino, a snr. D. Aurora da Conceição Nunes Loureiro, dedicada esposa do nosso preso amigo snr. José Pedro Lourenço, considerado ferro-viário no Porto.

Parabens.

DOENTE

Encontra-se doente, e de cama, a estrema mae do nosso ilustre colaborador Almeida Guedes, do Porto.

Desejamos á santa velhinha o seu pronto restabelecimento.

notas, um caso de amor. Pois pôde lá haver na nossa vida um facto importante onde se não descubra o espírito da mulher envolvida?!

O comboio partia ás 8; tinha portanto 4 horas.

Não me deitei, e levei o tempo arranjando uma mala que eu guardara para a ultima hora, como medida de precaução.

Mas o tempo passava, e revendo coisas, fazendo preparativos, eram 7 horas quando fui comer alguma coisa.

Ao sair a porta da rua, encontro a criada que me olhava espantada de me ver de mala na mão áquela hora tão matinal. Para desfazer qualquer suspeita, disse-lhe que quando perguntassem por mim, dissesse que fui para Viana, e talvez só viesse amanhã.

Estavam desfeitas as suspeitas, pois eu fizera dias antes anunciar que iria a Viana do Castelo nesse domingo, como de facto deveria ir, fazer uma conferencia de propaganda associativa.

Chegou á estação de Campanhã, vi o meu amigo Raul Seixas. O movimento era enorme por motivo de ferias. Aos que me perguntavam para onde ia, dizia-lhes inviavelmente: Salamanca, Regua, o que me vinha á ideia.

Compramos bilhete, que só nos deram para a Barca d'Alva. A despedir-se de nós, apenas o nosso amigo Antonio Souza, Madame Lajunie e sua gentil-filha Marguerite. Tocam as badaladas da praxe; silva a locomotiva; trocam-se abraços e beijos. Finalmente a hora chegou...

(Continua).

Editos de 30 dias

(2.ª publicação)

No Juizo de Direito da comarca de Montemór-o-Velho e cartório do escrivão Sampaio, no inventário orfanotrófico por óbito de Maria da Conceição Bicho, do lugar da Torre, freguesia de Pereira, no qual é inventariante o viúvo Joaquim Ferreira Paralta, do mesmo lugar, correm editos de trinta dias contados da segunda publicação do respetivo anúncio no *Diário do Governo*, citando para todos os termos do inventário até final, os interessados Manuel Ferreira Paralta e mulher cujo nome se ignora, ausentes em parte incerta dos Estados Unidos do Brasil.

Montemór-o-Velho, 21 de outubro de 1915.

O escrivão,

Adrião Pereira Forjaz de Sampaio.

Verifiquei:

Amaral Pereira.

DR. AVELINO FARIA
Advogado

CANTANHEDE

Dá consultas aos domingos em

ARAZEDE

de outubro em diante e trata de qualquer questão no tribunal de Montemór-o-Velho.

ANTIGO ESTABELECIMENTO

Mercearia, Tabacos e Fazendas brancas

— DE —

João Antonio Rodrigues
(SUCESORES)

Montemór-o-Velho

Nesta casa se encontra um completo sortido em assucar, chá, café, manteiga nacional e ingleza, biscoitos, bolachas, massas, bacalhau, gênero e vinhos do Porto.

Ferragens, prego de arame e de ferro, panelas de ferro, rastilho, chumbo em barra e para caça.

Fosforos e Tabacos, por atacado. Também vende pelos preços de Lisboa, farinha de trigo, cimento Portland, vidraça, telha de vidro e velas de cera.

Preços resumidos

Oficina-Garage de Coimbra

LOBO DA COSTA & CASTANHEIRA

Grandes oficinas mecânicas para reparações de automóveis; fabrico de carretos, pinhões e corolas em aço; cimentação e temperas; vulcanização e fundição de metais. Recolha e tratamento. Ensino. Automóveis de aluguer de \$08 a \$20 o quilometro e 9 lotações de 4 a 18 passageiros.

Acessórios, gazolina e óleo.

Transações em carros de 2.ª mão. Serviço especial, para bem servir os ex-mos clientes da província.

Rua da Figueira da Foz — 170

COIMBRA

Local conhecido por «Casa do Sal» à entrada da cidade pela estrada do Porto.

Telefone, 502

Telegramas «Garage-Coimbra»

Companhia de Seguros **A Lusitana**

Sociedade Anónima
de Responsabilidade Limitada

Capital 500.000\$00 escudos

Seguros de vida, contra incêndios marítimos, terrestres, agrícolas, cristais, postais e de acidentes de trabalho.

AGENTE na Figueira da Foz

Antonio d'Oliveira Guerra

RUA DA REPÚBLICA, 84

Antonio Pereira de Carvalho

Proprietário dos Grandes Armazéns de Bicicletas, Máquinas de Costura, Pianos e toda a qualidade de acessórios.

A maior e mais antiga casa no género

Oficina para todos os concertos, afinações e reparações em bicicletas, motocicletas e máquinas de costura.

Artista mecânico habilitado. Vendas, alugueis e trocas.

Preços sem competência

34 — Avenida Navarro — 36

(Estrada da Beira) — COIMBRA

Hospedaria do Paço do Conde

— DE —

JOSÉ DOS SANTOS

Rua Adelino Veiga, 36 a 40 — Rua do Paço do Conde, 10

COIMBRA

Vinhos, comidas e tabacos.

Recebem-se comensais por preços modicos.

Camas para pernoitar.

Est. casa, com a transformação porque acaba de passar, melhorou consideravelmente todos os seus serviços, achando-se habilitada a receber hóspedes de qualquer categoria, oferecendo-lhes comodidades por preços baixos. Esmero e prontidão no serviço de meia, para o que tem pessoal competente.

O mesmo proprietário negoceia em cereais e legumes de todas as qualidades, tais como farinhas, sêmolas, batata, castanha, palha enfardada, cordas e adubos químicos.

Rua Adelino Veiga — 44, 48

O seu armazém é já muito conhecido.

Telefone 379

João Antonio Rodrigues

(SUCESSOR)

Montemór-o-Velho

Correspondente das seguintes casas:

Banco Comercial de Lisboa, Banco do Minho, Banco Commercial do Porto, Banco Aliança, Banco Economia Portuguesa, Banco Nacional Ultramarino, Companhia de Seguros A Internacional, Crédit Franco-Portugais, J. M. Fernandes Guimarães & C.º, Pinto da Fonseca & Irmão, J. M. Espírito Santo Silva, Borges & Irmão, J. H. Tota & C.º, e Orey, Antunes & C.º.

Restaurante Ferro-viario

ALFARELOS

ESTE bufete, um dos que melhor servem o público que transita nos comboios, acha-se situado na estação do caminho de ferro de Alfarelos. Fornece almoços, jantares e lanches e toda a qualidade de refeições, por preços comodos. Tem pessoal habilitado, tanto em cozinha como em sala de mesa.

Tudo se encontra com esmero e perfeição.

Fornece comida para fóra, e presta-se a servir em casamentos, batizados, etc., desde que seja prevenido com antecipação.

O proprietário, Artur de Oliveira Coelho.

Aos proprietários de Lisboa e Porto

Grande economia

A MUNDIAL, de acordo com os seus importantes reseguradores resolveu efectuar seguros de propriedades, sem uso ou contiguidade perigosa, ao premo de:

\$08 por cada.	100\$00
ou \$80 >	1.000\$00
de capital seguro	

A MUNDIAL

COMPANHIA DE SEGUROS

Sociedade Anónima de Responsabilidade Limitada

Capital, Escudos 500.000\$00
Reservas em 1914 64.244\$75

Séde em Lisboa — Rua Garrett, 95 — Telefone 4084

Delegação no Porto — Pinto da Fonseca & Irmão
(Banqueiros).

Praça da Liberdade, 138 — Telefone 1459

Agências e Delegações em todo o país, ilhas e colônias.

AGUA DE LUSO — Cura pela Diurése

(MEDALHA D'OURO, MADRID, 1913)

(Estabelecimento termal e Hotéis abertos todo o ano)

A mais diurética e mais digestiva. Aumenta a diurése, regulariza as funções digestivas e ativa os fenómenos nutritivos

Muito radioativa — 4,49 miligramas — minutos
Muito ionizada, resistividade a 18° 18300 ohms
Muito rica em gases raros, argon 1,15, helio 1,00
Muito hipotonica, ponto crioscópico 0°,04

Conclusões da análise feita pelos distintos professores

Giovanni Costanzo e Charles Lepierre

USO EXTERNO — Moléstias da pele (eczema, prurigos, psoriasis, lupus, etc.), reumatismo e gôta.

USO INTERNO — Artritismo, impaludismo, neurastenia — Albuminúria, diabetes — Intestinos, estomago — Rins — Bexiga.

DEPOSITOS: LISBOA: Augusto Brandão, rua dos Fanqueiros 306, telef. 225. PORTO: Victorino d'Almeida, rua 31 de Janeiro, 16-18, telef. 428. FUNCHAL, José Quirino de Castro, rua dos Murças. ÁFRICA ORIENTAL: Oswald Offmann. BEIRA: F. L. Simões & C. LOANDA: Beltrão, Pena & C. e nas principais terras do paiz, aceitando-se depositários nas terras onde ainda os não haja.

Muitíssimo pura, não tem colibacilo nem bacilo tífico

GRATIFICA-SE BEM a quem dê informações de que resulte a condenação por fraudes praticadas com prejuízo dos exclusivos de fosforos e isca (e dos interesses do Estado, da Companhia concessionária e do comércio legítimos acendedores, algodão ou qualquer outra matéria apresentada de forma a servir de isca, fabricação ou venda de chita com preparo inflamável, isca em cordão vendida fraudulentamente a título de cordão de sacos, etc., reservando-se a Companhia concessionária intentar a respectiva ação civil de perdas e danos contra os delinquentes, independentemente da multa a Estado nos termos da legislação em vigor. Gratifica-se generosamente guardando-se a maior discrição. A Companhia logo que receba informações fidedignas enviará a qualquer ponto do paiz agentes da fiscalização para procederem às necessárias diligências. Dirigir-se pessoalmente ou por carta à Companhia Portuguesa de Fosforos, 139, rua de S. Julião, Lisboa.

ADUBOS MELO & MARTINS PAMPILHOSA DO BOTÃO

Fabricantes dos bons adubos compostos da marca registada

PEIXE

Chamamos a atenção dos srs. agricultores para fazerm um experiência dos nossos adubos, devido ao seu magnífico resultado os adoptarão de preferência a qualquer outro.

AZEITE

Para revenda e em grandes quantidades, vendemos de excelente qualidade.

Alugam-se Automóveis

MELO & MARTINS

Pampilhosa do Botão

A FUNERARIA EM PEDRA

— DE —

FRANCISCO A. DOS SANTOS, FILHO

RUA DIREITA, 139 a 149

COIMBRA

Esta oficina encarrega-se de todo o trabalho de jazigos, mausoleus, campas, cantarias e ornamentações, tanto em calcareo como em marmore, a qual tem desenhos de jazigos, para escolher, em estilos antigos e em ARTE MODERNA.

Tem depósito de bancas de cosinhas e mausoleus em lousa preta.

Encarrega-se também de fazer esculturas, bustos em pedra, barro, gesso, etc.

Toma conta de qualquer trabalho fora de Coimbra

FÁBRICA DE CAL AOS AGRICULTORES

Cal fina e grossa, fornece-se em muito boas condições. Preços modicos, sobre o wagon, no caminho de ferro e nos próprios fornos.

Agente de telha tipo marseilla e tijolos de todos os formatos, da fábrica Lacerda, Figueiredo & C. Limitada, da Pampilhosa.

Pedidos a
Joaquim S. Coca Junior
Zambujeiro — Arazeade

Tendo terminado todas as sementearias, previnem os fregueses que façam novas encomendas de adubos químicos e orgânicos, da acreditada casa Varela, Leal & C. das Varzeas, que se encontram à venda, por preços sem competencia, em casa de Manoel Monteiro Godinho, Casal do Gaio, Arazeade.

HOSPEDARIA SILVA

Junto à Estação do Caminho de Ferro

PAMPILHOSA DO BOTAO

Esta hospedaria, situada em frente à estação do caminho de ferro, oferece aos ex. passageiros todas as comodidades, tendo bons quartos.

Serviço esmerado e bom tratamento.

DOMINGOS RODRIGUES DA SILVA

Mercearia, Vinhos e Tabacos. Especialidade em café.

PREÇOS COMODOS

Comissões e consignações

Depósito das afamadas águas de Luso.

Portugal Preidente

COMPANHIA DE SEGUROS

Sociedade Anónima — Responsabilidade Limitada

Capital UM MILHÃO de Escudos

SÉDE — RUA DO ALECRIM, 10 — LISBOA

N.º Telef. — 1849

End. Teleg. — VIDA

Seguros contra incêndios de prédios, fábricas, etc.
Seguros de estabelecimentos e mobiliários.
Seguros agrícolas de ceás, eiras, palhas, arvoredos, etc.
Seguros de máquinas e utensílios de lavoura.
Seguros contra incêndio proveniente de greves e tumultos.
Seguros de transportes marítimos e postais.
Seguros contra roubo de habitações e estabelecimentos.
Seguros contra fraude de empregados.
Seguros contra quebra de cristais.
Seguros de vida, pensões, dotes e reformas.
Seguros contra acidente de trabalho.

Agências em todas as terras importantes do paiz, ilhas e colônias.

Sucursal no PORTO — Rua Passos Manuel, 21.

BANQUEIROS — Borges & Irmão — Porto e Lisboa

Ano 4.

Montemor-o-Velho, 30 de Janeiro de 1916

N.º 204

O DEVER

Semanario defensor da união da familia Portuguesa

Pátria e Humanidade

Director, Proprietário e Administrador — Almeida Junior

Nós perante o conflito europeu

A cerca da nossa projectada participação na guerra, que se desencadeou em toda a Europa, tem-se escrito notícias, pró e contra, que nos deixam perfeitamente embasbacados.

Hoje é X, o grande diário inglês, que engrandece o nome português pela atitude nobre e alta que tomou perante o grande conflito, que ameaça subverter-nos.

Hontem foi o X, o grande periódico da mesma nacionalidade, que não achou azada a ocasião de intervirmos, por motivo do glorioso 14 de maio que — seja dito de passagem — nos libertou de uma das mais vergonhosas ditaduras de que ha memória e cuja queda, segundo a opinião de alguns políticos de má raça, importou-nos o descredito para com a Inglaterra.

Os civilizados alemães continuam a revelar, num século de tão adeantada civilização, sentimentos mais perversos do que nos tempos em que a velha Roma assalariava assassinos para destruir lusitanos de pulso, como o famoso Viriato?

Ponham-se as cousas a claro e dispunhamo-nos para combater em prol da Civilização e do Direito.

¿Foi-nos solicitado o nosso auxílio? ¿Não nos foi solicitado o nosso auxílio?

São pontos que até hoje, salvo melhor opinião, ainda ninguém provou com factos irrefutáveis.

Eu sei que no glorioso exército português ha elementos que muito desejavam combater ao lado dos aliados.

Mas a nossa projectada participação na guerra tem sido verdadeiramente um facto que os adversários do partido republicano português teem explorado a seu belo prazer.

Saiâmos desta situação dubia em que nos encontramos e que constitue para o snr. Camacho assunto primordial para artigos da sua Lucta, e faremos melhor fi-

gura do que com essa aluvião de notícias que se publicam acerca da nossa intervenção no grande conflito europeu.

Ha também quem pretenda assegurar que o nosso exército não dispõe das munições precisas para combater o grande colosso alemão.

Isto é um argumento que cai pela base. Se a dúvida está nisso, não deixará a Inglaterra, nossa secular alia- da, de nos municiar convenientemente.

O colosso alemão, pelos seus actos, improprios da época de adeantada civilização que atravessamos, precisa de pagar bem caro os horrorosos crimes que já tem cometido nesta abençoada Europa, onde maravilhas do gênio humano se teem operado.

Deixemo-nos de notícias, de artifícios que só mal nos causam, e ajudemos os aliados na sua grande obra de pacificação humana, se o nosso auxílio nos foi solicitado!

Constantino Gomes Tomé.

O nosso jornal

Devido à mudança da sua direcção para Lisboa, deixou de se publicar O Dever na ultima semana, do que pedimos venia aos nossos presados assinantes.

Egal pedido fazemos aos nossos distintos e valiosos colaboradores, pela não inserção dos seus originais, o que prometemos ir fazendo á medida que o espaço no-lo permitir.

A crise dos jornais

E tremenda a crise que atravessa neste momento toda a imprensa periodica do país, que, por motivos da grande conflagração, se tem visto a braços com toda a sorte de dificuldades, no atinente à questão económica.

Para tratar da crise do papel, que mais vinha pôr em cheque a carestia da vida, visto que milhares de braços se empregam exclusivamente na venda e fatura dos jornais, convidiou o nosso colega da capital, a Nação, a imprensa geral do país, para uma reunião magna, onde se tratasse deste assunto.

Lá enviamos o nosso delegado, ao qual démos plenos poderes, por meio de telegrama, associando-nos, desta maneira, aos trabalhos preparatórios para conseguir dos poderes públicos alguma protecção á imprensa, especialmente á da província, que bem carece do auxílio governamental.

Não quizemos deixar de prestar o

Redactor Principal
Virgilio Marques

Secretario da Redacção e Editor
Abel M. de Melo Brandão

Red. e Adm. — R. Dr. José Calvão — Montemor-o-Velho

Direcção-LISBOA-Hotel Porto, R. da Amparo, 12
(para onde deve ir a correspondência)

Composição e Impressão — Tip. Silva (a vapor)

AVEIRO

O avôsinho

Desde sempre: bom pai, bom amigo, o avôsinho.
Que máguia ao vê-lo assim, á doença vergado!
Os seus previam já, coração torturado,
o não ir longe, não, em seu triste caminho...

Ele era o seu viver, — suave como arminho!
Choram-no, e com razão, agora que é prostrado
pelo tufo da Morte! — Ai, o avô adorado!
— seu amparo, seu Bem; seu amor, seu carinho!...

Antevêem o porvir bem doloroso e triste;
creanças muito embora, ao pezar não resistem
sua alma, não, vergada ao peso da amargura!...

Comove a máguia, a dor, sim, das pobres creanças!
E a boa da avôsinha — as suas esperanças —
como chora — infeliz — a sua desventura!...

Montemor-o-Velho.

J. Neves.

N. da R. — Por ter saído com gráficas o explêndido soneto deste nosso ilustre amigo, drama-lo hoje novamente á publicidade pedindo-lhe desculpa da involuntaria falta da revisão.

31 de Janeiro de 1891

E' amanhã que o Porto, trabalhador e revolucionário, comemora a data gloria dos percursores da Republica.

Neste ano, com a assistencia de Sua Ex.ª o snr. Presidente da Republica, inicia-se a abertura dos trabalhos de embelezamento e sanção, que a cidade ha muito necessitava.

Que os herois que lutam pelo bem da sua terra vejam os seus esforços coroados de éxito; e as famílias daqueles que venderam cara a vida, as nossas condolências.

O Dever associa-se, pois, a esta data nacional.

João dos Santos

O nosso presado colega «Jornal de Coimbra» dizia, num dos seus últimos numeros, o seguinte a propósito deste prestante cidadão do nosso concelho, que muito nos apraz registrar:

O nosso conterraneo, amigo e antigo assinante, snr. João dos Santos, residente na Quinta dos Condados (Figueira da Foz), ofereceu a quantia de dez escudos á caritativa instituição figueirense Carreta dos pobres, solenizando a festa da família.

São muitos os actos de benemerência praticados por aquele nosso patrício, a quem não negaremos merecidos e justos louvores, pelo seu altruísmo e pela maneira condigna como auxilia a pobreza que tem nele um verdadeiro benfeitor.

Louvamos o nosso amigo.

PROMOÇÃO

Encontra-se em Coimbra, onde passará uma temporada, este nosso presado amigo e ilustre colaborador, distinto advogado em Pombal, que brevemente partirá para Lisboa prestar provas nos concursos para notário.

Foi ultimamente promovido a sub-chefe de repartição junto do Secretariado Geral da Companhia Portuguesa, o nosso querido amigo Alfredo Fernandes d'Almeida, velho lutador das ideias democráticas. Um abraço.

Virgilio Marques

É um novo na idade, mas um velho lutador do ideal sacroso da regeneração humana. Jornalista distinto e mimoso poeta, o nosso novo companheiro ha-de saber continuar, a nosso lado, a defesa do seu alevantado credo. São muitos os nossos colegas cujas páginas abrillantam com a sua bela colaboração, tendo dirigido, com brilhantismo, o primoroso semanário académico *A Verdade*, que se publicou no Porto. Também no *Arquivo Democrático*, de Lisboa, de que foi director Agostinho Fortes e Tomaz da Fonseca, o nosso novo camarada colaborou com inteligência e dedicação. Virgilio Marques honra bem o ilustre nome de seu pae o ex.^{mo} snr. dr. José Marques, actual chefe da secretaria da Câmara Municipal do Porto e um grande jurista.

Bemvindo seja o nosso amigo, que encontrará nesta casa a lealdade de sempre, e onde saberemos corresponder á sua desinteressada dedicação, visto que outros persistentemente nos têm querido desacompanhar. Assim ficará um *bouquet* de tres novos cheios de vontade e de coragem para a luta.

Sociedade Operaria Montemorense

Montemor conta hoje mais uma associação, devido aos dedicados esforços de um grupo de bons rapazes, que ha perto de um ano, para este fim tem contribuído com toda a sua boa vontade, mostrando, pela propaganda, aos seus companheiros de trabalho, o alto valor desta colectividade, a bem da terra que lhes foi berço, o do seu operariado ha largos anos criminosamente desprotegido.

Os seus esforços e a sua sã e leal propaganda, foram coroados pelos mais benéficos resultados, pois que no passado domingo, 16 do corrente, grande numero de operários, reunidos na casa da extinta filarmónica «25 de Setembro», formaram a almejada associação, a que deram o nome de «Sociedade Operaria Montemorense».

Os fins desta sociedade são, a instrução e recreio dos seus socios, de forma a sequestrar-lhos a convivências e ambientes perniciosos, que muito tem contribuído para a ruína e desprestígio destas classes.

No princípio do proximo mez de fevereiro, começarão a funcionar as aulas nesta colectividade, regidas pelos snrs. José Nunes Bento, distinto professor oficial nesta vila; Mario Augusto Mota, estudante da Universidade de Coimbra; Abel Brandão, farmacêutico; Joaquim Duarte Ferreira, proprietário, e outros.

A direcção ficou constituída pelos snrs. Mario Augusto Mota, presidente; Bernardo Gonçalves Ferreira, vice-presidente; José Nunes Bento, primeiro secretario; Levi Vieira Rocha, segundo secretario; e Abel Brandão, tesoureiro. Vogais, os snrs. Al-

fredo Pereira Beirôco, Joaquim Duarte Ferreira e Francisco Augusto Pereira Veloso.

Oxalá que o operariado se não esqueça brevemente dos bons resultados que de futuro virá a colher da bela iniciativa que acaba de tomar.

Brevemente se realizará nesta prestímosa colectividade uma série de palestras educativas que o *Dever* promoverá para a cultura.

Novo colaborador

Começará em breve a sua colaboração no *Dever* o distinto académico conimbricense e nosso amigo, snr. Manuel da Costa.

Estudante inteligente, muito nos honrará os seus escritos.

Carta da Abrunheira

19-1-916.

(Retardada)

Domingo ultimo, a Abrunheira deixou-nos a impressão de que estava em festa!

Foi dia de mercado, que como sempre esteve concorridíssimo, e que, segundo opiniões autorizadas, é o primeiro, em gado suíno, no distrito de Coimbra.

A tarde, a Tuna Alfarelense, que veio expressamente cumprimentar o snr. Joaquim de Sousa Carvalho, como noticiámos no numero anterior de *O Dever*, percorreu as ruas da localidade cumprimentando também algumas das pessoas amigas do seu director, o snr. Silverio Coelho.

A noite, o snr. Carvalho, ofereceu na casa da sua residencia um baile que esteve muito animado.

Na Sociedade 1.º de Maio, houve também baile, que, de todos os que ali tem havido, foi o mais concorrido.

Antes de este começar, a fanfarra daquela Sociedade saiu á rua, a anunciar que o baile ia começar, subindo ao ar muitos foguetes.

Assim foi.

Passado pouco tempo começou o baile, que se prolongou até alta madrugada.

N.

ALMEIDA JUNIOR

Foi colocado na Repartição Central da Companhia dos caminhos de ferro Portugueses, em Santa Apolonia, o nosso presidente de director, que já partiu para a capital a tomar posse do seu novo lugar.

Almeida Junior é um rapaz trabalhador, que tem diante de si um largo futuro, pois é um funcionário que a companhia considera pelo zelo que dedica aos seus interesses e pelo seu grande amor ao estudo.

Felicitamos o nosso companheiro de trabalho, que também sabe ser um bom amigo.

(2) FOLHETIM**NA FRANÇA**

POR

VIRGILIO MARQUES**PRIMEIRA PARTE****O que eu vi e ouvi**

II

Já mal distinguia a longa estação de Campanhã, os lenços brancos se reduziam a pontos imperceptíveis, e eu ainda me conservava debruçado sobre a janela da portinhola do comboio, imóvel, como que petrificado, olhando o firmamento. Manhã ténpida, a locomotiva atravessava agora o bairro de S. Roque da Lameira, onde o sol punha scintilações na cúpula da casaria dormente. Minha alma, profundamente sensibilizada, olhava tudo com um ar místico e religioso, como quem se despede para sempre, e recorda os tempos, em que, com o coração dilacerado, vagabundeava por essas ruas e bêcos. Mas o desânimo, o arrependimento da minha resolução, diga-se a verdade, nunca invadiu o meu pensamento. Passados os primeiros momentos da partida, eu caminhava resoluto para o fim, como quem obedece a uma lei determinista. Chegámos á estação de Rio Tinto mas os resultados eram contraproducen-

e ai, novamente fui atacado pela saudade, — quem é que as não tem — quando o meu amigo Antonio de Sousa, se despediu para voltar ao Porto. Não influenciou de maneira nenhuma este facto no ardor que eu possuia. Passados instantes, o comboio novamente em marcha, o ultimo adeus á pessoa conhecida, a única que servia de elo a toda essa grande cadeia de factos da minha vida passada, e instalei-me definitivamente na minha carruagem.

O compartimento ia cheio. O meu Raul passava a revista aos jornais da manhã, enquanto que eu, cansado pela fadiga da noite que levei nos preparativos, me punha a encostar a cabeça d'encontro a um canto do compartimento, para ver se dormia alguma coisa.

Mas os companheiros de viagem, que tinham de certo dormido regaladamente e vinham de estomago composto, é que não estavam pelos ajustes. Diziam talvez para si, que era castigo de mais conservarem calados. Por isso falavam, desde os assuntos mais palpítantes de interesse geral, aos seus negócios particulares, que acabavam sempre pela política. Não me esquecia o assunto, pois que, é já velha mania um português.

Eu tossia, espreguiçava-me, para lhes chamar a atenção, enfim, queria dormir,

Secção de charadas**EM FRASE**

Aqui, nessa medida antiga, veste-se — 1, 2.

Dá trabalho, mas tem dinheiro, este passaro — 2, 2.

AUMENTATIVA

Dá o milho porque está junto á unha — 3.

Porto.

Abilio Ramos.

ENIGMAS

No reino vegetal e no corpo está o nome de um escritor — 3, 2.

Na tinta é na cana está esta injuria — 2, 1.

Na casa e no campo está esta prisão — 2, 2.

Na musica e no hotel está este pequeno logar português — 1, 2.

POR INICIAIS

P	V	I	N	A	L
2	1	3	4		

Celso R. Baía.

* * *

Decifrações do numero anterior:

Logogrifo—Abrunheira.

Enigma—Arara.

O meu livro—Romen.

* * *

Decifraram os snrs. Abilio Ramos e Zangão, de Arazede, que não temos o prazer de conhecer; e Deolindo Duarte Soares, de Coimbra.

No proximo n.º irão outras produções, que ficam por falta de espaço.

Teatro Verridense

Realizou-se no dia 20, no elegante teatro daquela vila, um esplendido espectáculo, subindo á cena o conhecido drama «Jocelim, o pescador de baleias», em que se houveram magnificamente os amadores da terra, snrs. Joaquim de Sá, pai, Azolina Mendes, Aníbal Pinto, Joaquim de Sá, filho, Placidia Gomes, Emídio Roque Pinto, José Rodrigues Pinto e Henrique Pinto. Abrilhantou a festa a filarmónica da localidade.

A menina Azolina Mendes disse muito bem a cançoneta «A costureira», que recitou a pedido. Também a engraçada comédia «A espadelada» foi desempenhada primorosamente.

A casa estava á cunha e, dentre a selecta assistencia, lembra-nos ter visto os ex.^{mo} snrs. drs. Martinho de Brito e Gaspar de Lemos, e os snrs. Joaquim Jorge

tes: mais alto falavam e dentro em pouco todo o compartimento, excepto nós, discutia. Tinha-se, pois, generalizado o debate.

Visto a impossibilidade de pregar olho, puchei dum charuto, ofereci outro ao Raul e começámos a falar. Ao meu lado sentava-se uma senhora, que pela fôrma como se metia na conversa, demonstrava ter certas pretenções a sábia, porque, durante o trajecto percorrido, fôra a que mais me businára aos ouvidos com a sua voz de falsete. Mal que eu acendêra o charuto, olhava para mim um tanto contrafeita, demonstrando a sua profunda repugnância pelo fumo. Fiz de contas que não percebi, e lancei grossas baforadas pelo ambiente.

O vento que entrava pela janela levava as nuvens de fumo para o seu lado e ela começava a tossir. Logo que tal percebi, comecei a tirar baforadas sucessivas, e daí a pouco olhá-la era mesmo uma dôr d'alma, pois que de tanto tossir, chorava que parecia uma cascata. Não me tinha deixado dormir; pois bem: estava vingado!

Como eu não fazia caso, mudou de lugar, ao cabo de algum tempo. Mas a conversa abrandou... e agora limitava-se a dois personagens masculinos, já de certa idade, que regressavam ao patrio lar, ali para o Alto Douro.

Fiz sentir ao meu Raul a lembrança

da Silva, Julio Neves, Raul Gaspar de Lemos, Manuel Batista da Costa, e outros cujos nomes nos não ocorrem.

Agradecemos a amabilidade do convite.

«No Jardim da Infancia»

E' o titulo dum episodio num acto, em verso, devido á pena do nosso ilustre colaborador e distinto poeta Leão Correia. Novo ainda, não deixa de, contudo, merecer o nosso aplauso e incitamento, como estimulo, a que prosiga na sua obra, pois que já demonstra um certo brilho de imagens e uma relativa facilidade na versificação. Os seus versos são correctos, embora aqui e além tenham de ás vezes pecar um pouco por falta de cadencia. Mas isto passa bem despercebido no seu conjunto, e não é dum principiante que se exigem grandes coisas.

Continuando, com pequenas correções terá de certo um futuro largo, na poesia portuguesa.

«No Jardim da Infancia» é uma cêna leve, que se lê com gosto, e que ele terá em volta dum amor casto e puro. Recomendámos-la por isso aos nossos leitores.

Vende-se na Livraria Tavares, rua Direita, Vizeu.

Preço, 10 ctv. (100 réis).

Correspondencias**Arazede, 27-1.**

Repetir-se-á no proximo domingo o engraçado drama «Um erro judicial», original de Batista Diniz, no teatrinho desta localidade, e em que distintos amadores tem sabido colher fartos aplausos.

Tomam novamente parte na récita os nossos amigos snrs. Antonio Ismael da Cruz, fazendo de João Saraiva; Evaristo de Noronha, (Luiz Nunes); Antonio Baía, (Pompeu da Rocha); Fausto Ferrão, (o filho Aníbal); D. Arminda Baía, (Maria Souto Maior); Antonio Rocha, (José Souto Maior e Zé Aldeão); Augusto Baía, (o Juiz); Antonio Reis d'Almeida, (presidente do juri); Celso Baía, (um agente de polícia e 1.º aldeão).

A avaliar pelo passado, espera-se optimo desempenho, pois não faltam qualidades aos novéis amadores.

A seguir, algumas comedias se representarão também.

B.

Alhadas, 27-1-916.

Continua envolto no misterio o roubo feito ha mezes ao nosso amigo snr. Joaquim Pedro Dias. Pela forma como foi feito ainda se não desvaneceu a má impressão que produziu em todos os habitantes desta aldeia que dele tiveram conhecimento.

No dia 24 do corrente foi transferido para a escola do sexo masculino das Alhadas, o professor snr. Henrique Bernardes

descansar algum tempo. Mas o sono tinha desaparecido. Estava agora bastante indisposto, e o meu amigo não menos. Conservámo-nos algum tempo calados, olhando através das janelas os produtivos campos do Douro. Àquele ar desses verdejantes e extensos campos, aliviaria-me a cabeça e dispuzera-me bem. Agora mudara por completo. Estava bem disposto, falador e a alegria era tal que breve a transmiti a Raul.

Conversavamos agora sobre varias coisas, desde as mais tétricas ás mais otimistas, mas rindo sempre e metendo o bom-humor a propósito de tudo.

Chegámos á estação de Cete. Aqui desceu muita gente que ia para uso das aguas de Entre-os-Rios. Foi no meio daquela onda, que descobri o meu amigo Martins, rapaz cá da troupe, e meu contemporâneo em Coimbra, onde frequentava Direito.

Desci, abraçámo-nos, trocámos impressões... Mas o comboio déra o sinal, e apressadamente correra para o meu compartimento. Agora íamos só quatro pessoas; íamos á vontade. Dispuz-me a fazer uma especie de cama, onde me deitei, conseguindo assim reparar um pouco as minhas forças abaladas. O meu Raul fizera o mesmo.

(Continua)

Namora, que em Brenha, donde é natural, exerceu, durante muitos anos, igual mistério. O sr. Henrique Namora que, há anos, nesta terra, constituiu família, é por todos que o conhecem muito considerado. Espírito elevado, sabe ensinar com o carinho e amor que requerem as crianças.

— Entrou em ampla convalescência o sr. Joaquim Arsenio Pedrosa, bemquisto capitalista desta terra. Folgando em dar esta notícia desejamos ao ilustre cidadão o completo restauroamento.—A. A.

Coimbra, 27-1.

Feriado — Em virtude da morte do embaixador brasileiro, em Portugal, smr. Regis d'Oliveira, houve na segunda-feira, no liceu desta cidade, feriado.

Boi desorientado — Na terça-feira, eram aproximadamente 9 horas, um boi tresmalhou-se, no largo de Sansão, ferindo várias pessoas, que estavam para assistir ao funeral da esposa do sr. dr. Rosete. O animal custou bastante a domar. Não houve, porém, ferimentos graves. Ainda bem.

Troupes — Posto que já tivesse passado a época das celebres «troupes» acadêmicas, os senhores estudantes da Universidade continuam cortando estupidamente o cabelo aos pobres «bichos».

Bom era que se deixassem de tão estúpido divertimento.—Sival.

DR. AVELINO FARIA
Advogado

CANTANHEDE

Dá consultas aos domingos em

ARAZEDE

de outubro em diante e trata de qualquer questão no tribunal de Montemór-o-Velho.

ANTIGO ESTABELECIMENTO

— DE —

Mercearia, Tabacos e Fazendas brancas

— DE —

João António Rodrigues

(SUCESSORES)

Montemór-o-Velho

Nesta casa se encontra um completo sortido em açucar, chá, café, manteiga nacional e ingleza, biscoitos, bolachas, massas, bacalhau, genebra e vinhos do Porto.

Ferragens, prego de arame e de ferro, panelas de ferro, rastilho, chumbo em barra e para caça.

Fósforos e Tabacos, por atacado. Também vende pelos preços de Lisboa, farinha de trigo, cimento Portland, vidraça, telha de vidro e velas de cera.

Preços resumidos

Oficina-Garage de Coimbra

LOBO DA COSTA & CASTANHEIRA

Grandes oficinas mecânicas para reparações de automóveis; fabrico de carretos, pinhões e cordas em aço; cimentação e temperas; vulcanização e fundição de metais. Recolha e tratamento. Ensino. Automóveis de aluguer de \$08 a \$20 o quilometro e 9 lotações de 4 a 18 passageiros.

Acessórios, gazolina e óleo.

Transações em carros de 2.ª mão. Serviço especial, para bem servir os ex-mesmos clientes da província.

Rua da Figueira da Foz — 170

COIMBRA

Local conhecido por «Casa de Sal» à entrada da cidade pela estrada do Porto.

Telefone, 502

Telegrams «Garage-Coimbra»

Companhia de Seguros **A Lusitana**

Sociedade Anónima
de Responsabilidade Limitada

Capital 500.000\$00 escudos

Seguros de vida, contra incêndios marítimos, terrestres, agrícolas, cristais, postais e de acidentes de trabalho.

AGENTE na Figueira da Foz

Antonio d'Oliveira Guerra

RUA DA REPÚBLICA, 84

Antonio Pereira de Carvalho

Proprietário dos Grandes Armazéns de Bicicletas, Máquinas de Costura, Pianos e toda a qualidade de acessórios.

A maior e mais antiga casa no gênero

Oficina para todos os concertos, afinações e reparações em bicicletas, motocicletas e máquinas de costura.

Artista mecânico habilitado. Vendas, alugueis e trocas.

Preços sem competência

34 — Avenida Navarro — 36

(Estrada da Beira) — COIMBRA

Hospedaria do Paço do Conde

— DE —

JOSÉ DOS SANTOS

Rua Adelino Veiga, 36 a 40 — Rua do Paço do Conde, 10

COIMBRA

Vinhos, comidas e tabacos.

Recebem-se comensais por preços modicos.

Camas para pernoitar.

Esta casa, com a transformação porque caba de passar, melhorou consideravelmente todos os seus serviços, achando-se habilitada a receber hóspedes de qualquer categoria, oferecendo-lhes comodidades por preços baratos. Esmero e prontidão no serviço de meia, para o que tem pessoal competente.

O mesmo proprietário negoceia em cereais e legumes de todas as qualidades, tais como farinhas, sêmolas, batata, castanha, palha enfardada, cordas e adubos químicos.

Rua Adelino Veiga — 44, 48

O seu armazém é já muito conhecido.

Telefone 379

João António Rodrigues

(SUCESSOR)

Montemór-o-Velho

Correspondente das seguintes casas:

Banco Comercial de Lisboa, Banco do Minho, Banco Commercial do Porto, Banco Aliança, Banco Economia Portuguesa, Banco Nacional Ultramarino, Companhia de Seguros A Internacional, Crédit Franco-Portugais, J. M. Fernandes Guimarães & C.º, Pinto da Fonseca & Irmão, J. M. Espírito Santo Silva, Borges & Irmão, J. H. Tota & C.º, e Orey, Antunes & C.º.

Restaurante Ferro-viario

ALFARELOS

ESTE bufete, um dos que melhor servem o público que transita nos comboios, acha-se situado na estação do caminho de ferro de Alfarelos. Fornece almoços, jantares e lunches e toda a qualidade de refeições, por preços comodos. Tem pessoal habilitado, tanto em cozinha como em sala de mesa.

Tudo se encontra com esmero e perfeição.

Fornece comida para fóra, e presta-se a servir em casamentos, batizados, etc., desde que seja prevenido com antecipação.

O proprietário, Artur de Oliveira Coelho.

Aos proprietários de Lisboa e Porto

Grande economia

A MUNDIAL, de acordo com os seus importantes reseguradores resolvem efectuar seguros de propriedades, sem uso ou contiguidade perigosa, ao preço de:

\$08 por cada.	100\$00
ou \$80	1:000\$00
de capital seguro	

A MUNDIAL

COMPANHIA DE SEGUROS

Sociedade Anónima de Responsabilidade Limitada

Capital, Escudos . . . 500.000\$00
Reservas em 1914 . . . 64.244\$75

Séde em Lisboa — Rua Garrett, 95 — Telefone 4084

Delegação no Porto — Pinto da Fonseca & Irmão
(Banqueiros)

Praça da Liberdade, 138 — Telefone 1459

Agências e Delegações em todo o país, ilhas e colônias.

AGUA DE LUSO—Cura pela Diurése

(MEDALHA D'OURO, MADRID, 1913)

(Estabelecimento termal e Hoteis abertos todo o ano)

A mais diurética e mais digestiva. Aumenta a diurése, regulariza as funções digestivas e ativa os fenómenos nutritivos.

Muito radioativa—4,49 miligramas—minutos

Muito ionizada, resistividade a 18° 18300 ohms

Muito rica em gases raros, argon 1,15, helio 1,00

Muito hipotônica, ponto crioscópico 0°,04

Conclusões da análise feita pelos distintos professores

Giovanni Costanzo e Charles Lepierre

Muitíssimo pura, não tem colibacilo nem bacilo tifico

USO EXTERNO—Molestias de pele (ezema, prurigo, psoriasis, lupus, etc.), reumatismo e gôto.

USO INTERNO—Artrite, impaludismo, neurastenia—Albuminúria, diabetes—Intestinos, estomago—Rins—Bexiga.

DEPOSITOS: LISBOA: Augusto Brandão, rua dos Fanqueiros, 306, telef. 225. PORTO: Victorino d'Almeida, rua

ORIENTAL: Oswald Ofmann. BEIRA: F. L. Simões & C. LOANDA: Beltrão, Pena & C., e nas principais terras do paiz, aceitando-se depositários nas terras onde ainda os não haja.

GRATIFICA-SE BEM

a quem dê informações de que resolute a condenação por fraudes praticadas com prejuízo dos exclusivos de fosforos e isca (e dos interesses do Estado, da Companhia concessionária e do comércio legítimos acendedores, algodão ou qualquer outra matéria apresentada de forma e servir de isca, fabricação ou venda de chita com preparo inflamável, isca em cordão vendida fraudulentamente a título de cordão de sacos, etc., reservando-se a Companhia concessionária intentar a respectiva ação civil de perdas e danos contra os delinquentes, independentemente da multa a Estado nos termos da legislação em vigor. Gratifica-se generosamente guardando-se a maior discreção. A Companhia logo que receba informação fidedigna enviará a qualquer ponto do paiz agentes da fiscalização para procederem às necessárias diligências. Dirigir-se pessoalmente ou por carta à Companhia Portuguesa de Fosforos, 139, rua de S. Julião, Lisboa.

ADUBOS MELO & MARTINS PAMPILHOSA DO BOTÃO

Fabricantes dos bons adubos compostos da marca registada
PEIXE

Chamamos a atenção dos srs. agricultores para fazerem uma experiência dos nossos adubos, devido ao seu magnífico resultado os adoptarão de preferência a qualquer outro.

AZEITE

Para revenda e em grandes quantidades, vendemos de excelente qualidade.

Alugam-se Automóveis

MELO & MARTINS

Pampilhosa do Botão

A FUNERARIA EM PEDRA

— DE —

FRANCISCO A. DOS SANTOS, FILHO

RUA DIREITA, 139 a 149

COIMBRA

Esta oficina encarrega-se de todo o trabalho de jazigos, mausoleus, campas, cantarias e ornamentações, tanto em calcareo como em marmore, a qual tem desenhos de jazigos, para escolher, em estilos antigos e em ARTE MODERNA.

Tem depósito de bancas de cosinha e mausoleus em lousa preta.

Encarrega-se também de fazer esculturas, bustos em pedra, barro, gesso, etc.

Toma conta de qualquer trabalho fora de Coimbra

FABRICA DE CAL aos agricultores

Cal fina e grossa, fornece-se em muito boas condições. Preços modicos, sobre o wagon, no caminho de ferro e nos próprios fornos.

Agente de telha tipo marseilla e tijolos de todos os formatos, da fabrica Lacerda, Figueiredo & C. Limitada, da Pampilhosa.

Pedidos a
Joaquim S. Coca Junior
Zambujeiro - Araçede

Tendo terminado todas as

sementerias, previnem os fre-

guezes que façam novas enco-

mendas de **adubos quí-**

micos e orgânicos, da

acreditada casa Varela, Leal &

C. das Varzeas, que

se encontram à venda, por pre-

ços sem competencia, em casa

de Manoel Monteiro Godinho,

Casal do Gaio, Ara-

zede.

HOSPEDARIA SILVA

Junto à Estação do Caminho de Ferro
PAMPILHOSA DO BOTAO

Esta hospedaria, situada em frente à estação do caminho de ferro, oferece aos ex.ºs passageiros todas as comodidades, tendo bons quartos.

Serviço esmerado e bom tratamento.

DOMINGOS RODRIGUES DA SILVA

Mercearia, Vinhos e Tabacos. Especialidade em café.
PREÇOS COMODOS

Comissões e consignações

Depósito das afamadas águas de Luso.

Portugal Previdente

COMPANHIA DE SEGUROS

Sociedade Anónima — Responsabilidade Limitada

Capital **UM MILHÃO** de Escudos

SÉDE — RUA DO ALECRIM, 10 — LISBOA

N.º Telef. — 1849

End. Teleg. — VIDA

Seguros contra incêndios de predios, fábricas, etc.

Seguros de estabelecimentos e mobiliários.

Seguros agrícolas de ceás, eiras, palhas, arvoredos, etc.

Seguros de máquinas e utensílios de lavoura.

Seguros contra incêndio proveniente de gréves e tumultos.

Seguros de transportes marítimos e postais.

Seguros contra roubo de habitações e estabelecimentos.

Seguros contra fraude de empregados.

Seguros contra quebra de cristais.

Seguros de vida, pensões, dotes e reformas.

Seguros contra acidente de trabalho.

Agências em todas as terras importantes do paiz,

ilhas e colônias.

Sucursal no PORTO — Rua Passos Manuel, 21.

BANQUEIROS — Borges & Irmão — Porto e Lisboa

O

DEVER

Semanario defensor da união da familia Portuguesa

Pátria e Humanidade

Director, Proprietario e Administrador—Almeida Junior

Dr. José Pessoa Ferreira

Poucos homens tenho conhecido que tanto entusiasmo, tanta fé tenha acumulado em torno dum ideia, como esse intemperato batalhador que se chamou Pessoa Ferreira. Duma índole extremamente combativa, dum temperamento sacudido e nervoso, era homem para tomar conta dumcausa, por mais perigosa e difícil, e vence-la. Quantas, na verdade, ele venceu!

A sua simples abordagem, as suas palavras, cheias dum grande sinceridade, provocavam, desde logo, uma de duas coisas: ou adesão á causa que sempre, calorosamente, defendia ou perturbação, pela singularidade do seu modo, tão vivo, tão contínuo, que muitos o julgariam alucinado.

E porque não? O que foi essa campanha imensa, essa batalha sem treguas nem quartel, que nós, os republicanos, empreendemos para salvar da deshonra uma Nacionalidade, senão uma alucinação?

Alucinação por um idial libertador; alucinação por uma causa augusta e nobre; alucinação pela conquista da nova Pátria que sonhavamos, Pátria que ele já não pôde contemplar com os seus olhos vivos, inquietos.

Mas se a não viu, teve o presentimento da sua aproximação. E tão viva era a sua fé nessa inevitável, nessa próxima República, que ao morrer, nessa hora, destinada á sufocação de todas as energias e impulsos; nessa hora em que o pensamento, se persiste esclarecido, é apenas para o adeus áqueles que em torno de nós reprimem a dor e os soluções, ele teve um grito singular:

— Viva a República! E mergulhou na morte.

Que este grito seja sempre lembrado por aqueles que cá ficaram e são hoje os responsáveis perante o futuro dessa Pátria querida, embora incompleta ainda, que sonhou o dr. Pessoa Ferreira e que nós, seus companheiros e amigos, tivemos a satisfação de contemplar, embora sejamos, como ele, vitimas sacrificados ao seu esplendor, á sua glória, ao seu triunfo, que para ser definitivo, precisa ainda do batismo de fogo que serão as novas lutas que, em anos futuros, os nossos descendentes saberão vencer e iluminar com o fulgor da sua razão esclarecida e a beleza moral do seu caráter firme e incorruptível.

Tomaz da Fonseca,
Senador da República.

N. da R.—Faz hoje 6 anos que levamos ao algido cemiterio de Mangualde, este nosso inovável amigo, um dos que mais alto queria levantar o nome de Portugal, pela implantação da República.

Desde que acabou a sua formatura-

ra, novo ainda, ele demonstrará já o seu espírito irreverente, pelo completo desprezo dos favores dos políticos de então. Mantinha assim a sua linha de conduta de independencia, que iniciaria ao abandonar o seminário contra a vontade de seus pais. Demitiria-se de delegado do procurador regional, quando do celebre processo dos 21, lugar que á data ocupava em África.

Depois foi advogado em Mangualde, terra da sua naturalidade, e ali manteve o brilhante colega *Voz da Beira*, que tão maus saibos de boca causou aos caciques.

Para terminar, pois tão grande foi o seu passado, que não o podendo resumir em duas linhas como estas, fazemos a transcrição destes períodos d'*O Revolucionário*, de Lisboa, em 1914, referindo-se ao 28 de janeiro: — «E para em tudo se parecer este movimento com o de 31 de janeiro de 1891 — como nota triste — foi Pessoa Ferreira olvidado dum forma censurável pelos dirigentes da ideia republicana».

«Não a esquecemos nós, que com ele lidámos, e como dever e preito de homenagem, reunimos nestas modestas linhas o seu saudoso nome ao nome querido de Cândido dos Reis».

Não podia *O Dever* deixar passar este dia, sem lembrar com profunda saudade o seu grande amigo, que se chamou Pessoa Ferreira.

Viagem Presidencial

A passagem de Sua Ex.^a o sr. Presidente da República em Alfaiates, foram apresentar os seus cumprimentos as autoridades administrativas e municipais deste concelho, e bem assim, grande numero de cidadãos de todas as freguesias limitrofes, tendo a filarmónica de Condeixa executado a *Portuguesa* durante a paragem do comboio, ouvindo-se vivas á Republica e aos snrs. Presidente da Republica, dr. Afonso Costa, Alexandre Braga e outros.

Veio ao seu encontro o sr. Governador Civil do distrito, que acompanhou os ilustres viajantes.

Dentre a numerosa assistencia vivos, entre outros, os snrs.:

Antonio Peixoto da Silva e Boaventura Augusto Simões, pela câmara municipal; Quirino de Sampaio e Mendes Resende, respectivamente secretario e administrador do concelho; e dr. Armando de Carvalho.

Pela comissão municipal republicana, o seu presidente, sr. José Luiz Ferreira Galvão, Manuel Teixeira, Francisco Antunes e Antonio Beja da Silva.

Também da Figueira vieram cumprimentar Sua Ex.^a grande numero de cidadãos, entre eles o velho republicano e senador da República, dr. Manuel Gaspar de Lemos, drs. Manuel e José Cruz, e o nosso presadíssimo amigo e inteligente director do nosso colega *Voz da Justiça*, a quem tivemos o prazer de abraçar.

Toda a correspondência relativa ao «DEVER», deverá ser enviada ao director, para o Hotel Porto, Rua do Amparo, 12 — Lisboa.

Redactor Principal
Virgilio Marques

Secretario da Redacção e Editor
Abel M. de Melo Brandão

Red. e Adm.—R. Dr. José Galvão—Montemor-o-Velho
Direcção—LISBOA—Hotel Porto; R. do Amparo, 12
(para onde deve ir a correspondencia)

Composição e Impressão—Tip. Silva (a vapor)

AVEIRO

Tomaz da Fonseca

Começa a honrar hoje as colunas deste semanário, com a sua brillante colaboração, este intemperato e velho republicano, que foi um dos que mais trabalhou pela implantação da República.

O autor dos *Sermões da Montanha* e da *Bíblia dum Seminarista*, ainda há pouco, no Senado, de que é um dos mais dedicados membros, tratando do caso de Tondela, mais uma vez afirmou a fé inabalável dos seus inquebrantaveis princípios.

Sé nos orgulhamos de ter o auxílio valioso do ilustre democrata, temos também ocasião para felicitar os nossos presados leitores.

Discutindo . . .

Ao snr. correspondente do Bom Sucesso (Mico).

Snr. correspondente: — Lançando os meus olhos pelo *Dever* de 26 de dezembro de 1915, nele encontrei eu este pedaço de prosa escrita por v. ex.: — «Com a epígrafe, *A lealdade portuguesa*, publicou a *Voz da Justiça*, da Figueira da Foz, e não sabemos se outros jornais que, como a *Voz*, nutrem o sacrossanto afecto pela causa justa dos aliados, um substancial artigo de Jean Finot. E, pois, um estrangeiro que, com noção evidente e justa bem palpável o escreve e assina. São trez colunas coloridas pela luz resplandecente da Verdade, que vem banhar, em reverberos de patriotismo, a alma dum povo grande».

E logo em seguida: — «Jean Finot, francez ilustre e timorato justiciero é, sem dúvida, um adepto fervoroso e um batalhador pela Causa porque lutamos» . . .

E mais abaixo: — «O artigo de Jean Finot é, pois, digno de ser lido por todos os portugueses, porque, cada período que descreve, é uma oração á Pátria de Camões e um culto venerando aos descendentes de Vasco da Gama e Albuquerque! . . .

Por Deus, snr. correspondente, não ouse perturbar o sono desses trez portugueses ilustres; eles valem bem mais um pouco do que esse Jean Finot!

Colocar, citando-os, ao lado de Finot, esses trez Homens para quem a Pátria foi um culto, o anhelo incessante de todas as horas, se não é ultraje, parece blasfêmia!

Confesso, snr. correspondente: ao ler o naco de prosa que v. ex.^a escreveu, eu senti qualquer coisa de doloroso, porque achava, e acho ainda, indigno dum portuguez, pôr ao lado dessas trez figuras prestigiosas e queridas — Camões, Gama e Albuquerque — o nome dum renegado á sua Pátria, dum apostata que desprezou e calcou aos pés, a Terra que lhe foi berço!

Um renegado, um apostata, a convidar-nos com frases lindas, interessantes, a entrar na grande luta! Que miseria!

E acha então v. ex.^a para cumulo, que cada período que descreve (deve ser escreve) é uma oração á Pátria de... (não citamos o nome por piedade) e um culto venerando aos descendentes de... (não citamos também porque nos fica mal)!

Julio Diniz.



Agora, todos os aliados são muito nossos amigos!

Mas talvez ainda hontem elas não soubessem aonde ficava a minha e a sua Pátria, o que era um Portugal, e o que valia, por heroica e gloriosa, a História de Portugal!

Antigamente não tínhamos valor, desprezavam-nos, chegavam até a julgar que éramos uma província de Espanha, não faziam caso de nós; mas agora, que se sentem perdidos, agora que sentem ruir todo esse alicerce de mentiras pacifistas, de radicalismos dissolventes, agora lembraram-se de nós, dizem-se amigos e parece — até que emfim! — que chegaram a descobrir, que ao lado da Espanha, banhado pelo Atlântico, fica um paiz independente, pobre e espoliado, existia uma república que lhes podia satisfazer os interesses e servir de alguma coisa!

E vá, então, de fazer grandes *lustradores* nos jornaes da grei, com alusões no heroísmo dum povo, a quem eles ainda não ha muito mimosearam com o celebre ultimatum de 31 de Janeiro de 1890, e com as atrocidades que ha pouco mais dum seculo se praticaram, a quando das invasões francesas, em que nem as sepulturas dos nossos mortos, como a da linda Inês e de D. Pedro I, escaparam ás fúrias selvagens desses piratas franceses de Napoleão!

Isto para não recordar o caso de a França mandar buscar ao Tejo o celebre navio negreiro, apresado justamente pelas nossas autoridades, o que fez erguer a voz potente de José Estevão (bem mais superior ao tal Jean Finot), nem o caso da esquadra francesa do contra almirante barão de Roussin que nos forçou á Convenção de 14 de Julho de 1831, nem muitas outras coisas...

Como são nossos amigos!

Eu podia, snr. correspondente, deixar de bordar estas considerações — nascidas daquele naco de prosa —, mas a paciencia humana tem limites.

V. ex.^a é com certeza um partidário acerrimo dos aliados, e como tal — são todos assim, e v. ex.^a não fará, pois, uma excção á regra — considera a Alemanha um país definitivamente morto — e o militarismo prussiano arrazado, está claro — um povo de barbaros, de doidos, de selvagens; certamente tem protestado contra todos os crimes — é assim que os aliados dizem — dos alemães e seus sequeiros.

(Continua)

Eduardo Passos.

«Resistencia»

Tivemos o prazer de receber os primeiros numeros deste bi-semanário que se publica em Coimbra, orgão do partido republicano portuguez do distrito. Superiormente dirigido pelo nosso amigo dr. Falcão Ribeiro, apresenta-se com bom aspecto e colaboração escolhida.

Muitas felicidades.

(4) FOLHETIM

NA FRANÇA

POR

VIRGILIO MARQUES

PRIMEIRA PARTE

O que eu vi e ouvi

II

O calor começava a apertar e a pouco e pouco, começavamos a sentir uma laxidão, que melhor nos dispunha para um sono reparador. Quando acordei, encontrei-me só, tendo ao lado o Raul que dormia a sono solto. O comboio, marchava agora por entre colinas de vinhedos, tão accidentadas em certos pontos, que demonstravam que para além devia correr um rio.

Depois de algumas curvas um tanto fechadas, aparece-nos o Douro lá ao fundo,

De semana a semana

Partido médico

Pedi ha dias a demissão de médico municipal deste concelho, o snr. dr. Mario Mendes, de Arazéde, ficando a substituí-lo o snr. dr. Alfredo Soares Couceiro, facultativo na Carapinheira do Campo, onde goza de geral estima e consideração.

O dr. Mario Mendes deixa saudades, pois que, sendo sempre um funcionario zeloso e cumpridor dos seus deveres, conseguiu conquistar simpatias dos seus clientes.

O logar foi já posto a concurso, sendo a sua dotação anual de 30000 escudos.

Pelo Municipio

A Camara Municipal, na sua sessão de 25 do corrente, procedendo á eleição da Comissão Executiva, excluiu dois dos seus vogais, os snrs. Joaquim Gois, do Seixo, e Manuel Pereira Batista, de Tentugal, segundo cremos, por motivos politicos, que nos parece não estarem em harmonia com a lei; pois elegeu substitutos estando vivos os vereadores efetivos, que se encontravam no pleno gôsto dos seus direitos civicos. E' isto legal?

Brevemente nos ocuparemos desse assunto.

Na Tesouraria

E' o seguinte o movimento desta repartição municipal na semana finda em 28 de janeiro:

Saldo anterior	331\$97
Cobranças da semana	56\$24
	388\$21

Na Caixa Economica	5\$00
	393\$21

— A camara oficiou ha dias á tesouraria sobre liquidações feitas e a fazer ao respetivo funcionario.

Havendo porem divergencias na percentagem a receber, foram trocados os ofícios entre estas duas entidades municipais, esperando agora final resolução que ha-de ser harmonia com as leis que regulam em tais casos, de maneira que não vá afetar nem o funcionario nem os municipes.

Funcionarios publicos

Consta que não tendo a ex.^a Camara dado até hoje cabal cumprimento ás leis de 23 de agosto e 3 de setembro de 1915, sobre vencimentos aos seus funcionários, estes, baseados nas mesmas leis, vão interpôr o competente processo administrativo afim de que justiça lhes seja feita.

Parece-nos que a Camara não poderá alegar falta de recursos, pois vive desafogadamente, sem dívidas e com receitas suficientes a satisfazer os seus compromissos.

ora correndo mansamente parecendo um grande espelho, ora indo de quando em quando a despenhar-se do alto dum acude, num som cávo e nostálgico. Assim fui largo tempo seguindo na sua margem, a tortuosa corrente, contemplativo, quando o Raul me sacudiu, para perguntar em que altura íamos. O comboio acaba de parar numa estação, que agora me não recorda, e saímos para estender as pernas entorpecidas.

A casualidade fizera-nos encontrar em um outro compartimento o nosso amigo Fonseca, o Murça, como lhe chamavamo no meio academico, por ser natural da Murça, e que frequenta a Faculdade de Medicina, no Porto. Abraçámo-nos efusivamente e a seu convite tomámos logo na sua carruagem.

Dispunha-se a comer um belo almoço que levava, quando nós lhe caímos em cima, e que ele gostosamente nos ofereceu.

Depois de algumas curvas um tanto

fechadas, aparece-nos o Douro lá ao fundo,

Administração do Concelho

A comissão política deste concelho, no intuito de pugnar pela observância das leis, que, como velhos republicanos, pelo seu cumprimento se sacrificaram, vão requestar ao ex.^a Governador Civil para que a autoridade administrativa resida na sede do concelho.

Não podemos deixar de aplaudir semelhante resolução, pois que, são os casos de ordem publica e policiamento da vila que requerem mais rápidas soluções. Assim, uma desordem ou outro facto anormal, terá de se realizar, ou então só mais tarde ser julgado se é que não passam despercebidos.

Para casos desta natureza, contem sempre incondicionalmente com o nosso jornal.

I. Militar Preparatoria

Chamamos a atenção de todos os mancebos, obrigados a este exercicio, para o cumprimento da respetiva lei, afim de se não dar o caso, de terem de passar algumas horas contrateitos, numa das dependencias da nossa cadeia. Isto porque, ainda no domingo passado foi punido um infrator, que teve de estar todo dia sob ferros, visto o oficial instrutor estar na disposição de fazer cumprir rigorosamente a lei.

Acautelem-se os interessados!

Pela Misericordia

Diz-se que por ofício da autoridade superior, a Meza da Misericordia foi obrigada a pôr em juizo todos os devedores de juros e rendas á mesma Casa, tornando-a responsável pela prescrição de qualquer destas dívidas.

DR. SOUSA JUNIOR

No proximo número, honrará as colunas do nosso semanário, com um belo artigo sobre a instrução no concelho de Montemór, este nosso ilustre amigo, senador da Republica, ex-ministro da instrução, e atual director geral de Estatística.

Secção de charadas

COMBINADAS

Aos insignes charadistas montemorense, João Castanheira e José de Melo Beiroco

1. ^a —culoso—Manchado
2. ^a —tile—Tamara
3. ^a —so—Ofendido
4. ^a —peiro—Dorminhoco

Mulher

1. ^a —dulo—Fruto
2. ^a —rindana—Espada
3. ^a —duo—Duro
4. ^a —cel—Espaldar

Homem

Montenór-o-Velho.

E. Castanheira.

1.^a—ga=Planta
2.^a—o=Centro
3.^a—do=Gratuito
4.^a—go=Canga
5.^a—vel=Instrumento
6.^a—be=Globo

Jornalista

Lisboa.

Pires.

1.^a—uco=Bosque
2.^a—ura=Brisa
3.^a—lua=Medida
4.^a—eps=Tecido
5.^a—nho=Cordeiro
Nome de mulher

Abrunheira.

Liz.

1.^a—lio=Homem
2.^a—rco=Anda de roda
3.^a—no=Jogo
4.^a—da=No rio

Mulher

Abilio Ramos.

MASSADAS GEOGRAFICAS
Aos insignes charadistas montemorense, João Castanheira e José de Melo Beiroco

Formar o nome duma terra portuguesa com as letras das seguintes palavras:

OH FOLE RODAZ

Montemór-o-Velho.

E. Castanheira.

Formar o nome duma terra portuguesa com as letras da seguinte frase:

ADELINO CODV

Abilio Ramos.

Formar o nome duma terra portuguesa com as letras das seguintes palavras:

MIRA MEL I

Porto.

Almeida Guedes.

ENIGMAS

Por que é que a província do Algarve se parece com um cão?

Porto.

Almeida Guedes.

NOVISSIMA

Sofre de doença na pele, o animal.—1, 1 Abrunheira.

Liz.

* * *

Decifrações do numero anterior:
Em frase—Capote; Massarieco.

Aumentativa—Espiga, espigão.

Enigmas—Pinheiro Chagas; Corno;

Ratoeira; Faiscas.

Por inicias—Preto velho não aprende linguagem.

AMIGOS DO DEVER

Deram-nos o prazer da sua assinatura, por intermedio do nosso devotado amigo, snr. Fernando Teixeira da Silva, os snrs. Octavio Maximo Rangel e Alberto Loureiro da Fonseca, de Resende.

Agradecemos.

ca, depressa nos tornámos amigos. Não sabendo português e mal comprehendendo o hespanhol, eramos nós que lhe servímos de interpretes.

Como devem calcular, este encontro foi para nós, motivo de grande satisfação, pois que assim, teríamos alguém que nos acompanharia á França. Ele, por seu lado, não parecia menos satisfeito.

Desde este momento, considerámo-nos amigos, ou por outra, quasi irmãos. Assim fomos largo tempo em alegre convívio, recordando scenas da nossa vida academica, lembrando-me o nosso amigo Fonseca a nossa viagem á Galisa, um ano transato, em que de quando em quando havia um ditosinho, alegre ou picante, que nós aproveitavamos, desopilando.

Mas o comboio apitara. Chegavamos á Regua, e os nossos companheiros dispunham-se a sair para tomar o comboio que os aguardava do outro lado da linha.

(Continua).

AGRADECIMENTO

A todos os jornais que se têm referido à transferência do nosso querido director para Lisboa, agradecemos as palavras lisonjeiras que lhes dirigiram.

Manuel José da Fonseca

Enceta hoje a sua colaboração nas colunas do nosso jornal, este nosso amigo e inteligente académico, novo redactor do *Dever*. Ainda novo, já demonstra possuir bastantes faculdades de trabalho, que com o tempo lhe darão os méritos dum bom jornalista.

Ao novo companheiro, damos, pois, um abraço de saudação.

Correspondencias

Verride, 2-2-916.

Retirou no dia 19 de Janeiro para Novo Redondo, (África Ocidental) o nosso amigo e conterraneo João Rodrigues Correia, que a todos deixou profunda saudade. Dotado dum belo caráter e trato afável, conseguiu pela grande força de vontade que sempre mostrou no engrandecimento de sua terra natal, a fundação da Sociedade de Instrução Militar Preparatória n.º 43, desta vila, e da qual foi o 1.º presidente.

DR. AVELINO FARIA
Advogado

CANTANHEDE

Dá consultas aos domingos em
ARAZEDE
de outubro em diante e trata de
qualquer questão no tribunal de
Montemór-o-Velho.

Luiz Maria Lopes & Bretão

Negociantes de sal e vinhos,
em vagões,
para diversos pontos do paiz

12—R. Fernandes Tomaz—14
9—Rua da República—11
Telefone n.º 265.

FIGUEIRA DA FOZ**A Flôr d'Abrunheira**

Joaquim de Sousa Carvalho

Fazendas de lã e algodão, ferragens, tintas, mercearia, vinhos e tabacos.

Variado sortimento de miudezas

Especialidade em chá, café, licores, etc.

ABRUNHEIRA**João António Rodrigues**

(SUCESSOR)

Montemór-o-Velho**Correspondente das seguintes casas:**

Banco Comercial de Lisboa, Banco do Minho, Banco Commercial do Porto, Banco Aliança, Banco Economia Portuguesa, Banco Nacional Ultramarino, Companhia de Seguros A International, Crédit Franco-Portugais, J. M. Fernandes Guimarães & C.ª, Pinto da Fonseca & Irmão, J. M. Espírito Santo Silva, Borges & Irmão, J. H. Tota & C.ª, e Orey, Antunes & C.ª.

Realisaram-se nesta vila no dia 20 de Janeiro, os afamados e tradicionaes festejos a S. Sebastião, que decorreram com deslumbrante brillantismo.

Como nos anos anteriores, visitaram esta linda vila imensos forasteiros de todo o distrito.

Abrihantou os festejos a filarmónica Verridense 31 de Janeiro, que mais uma vez mostrou o seu variadíssimo repertório, sob a proficiente regência do seu maestro João Maria da Silva Bátista.

Ha muitos anos que todos os mancebos analfabetos do concelho para fazerem o seu recenciamento militar, lhes era exigido pela Camara, a importância de \$20. centavos. Pois, segundo agora averiguamos por pessoas autorizadas, esta exortosa era mais um escândalo inexplicável. Consta-nos que o Ministério da Guerra vai averiguar o que ha de verdade sobre este assunto.

Para o nosso amigo António Nunes da Silva, foi pedida em casamento pelo snr. Benedito Moraes Sarmento, do Seixal, a gentil menina Olga Benvinda dos Santos.

Aos noivos, que são dotados de belas qualidades, ha-de-lhes de certo sorrir um futuro venturoso.

Está marcado para o proximo dia 16, o casamento do nosso amigo Constantino Pereira da Silva, com a gentil menina Aida Suino de Carvalho, da Abrunheira. Pelas belas qualidades de que são dotados os nubentes auguramos-lhes um risso porvir.

Nobisa Topim.

**Companhia de Seguros
A Lusitana**

Sociedade Anónima
de Responsabilidade Limitada

Capital 500.000\$00 escudos

Seguros de vida, contra incêndios marítimos, terrestres, agrícolas, cristais, postais e de acidentes de trabalho.

AGENTE na Figueira da Foz

Antonio d'Oliveira Guerra

RUA DA REPÚBLICA, 84

Antonio Pereira de Carvalho

Proprietário dos Grandes Armazéns de Bicicletas, Máquinas de Costura, Pianos e toda a qualidade de acessórios.

A maior e mais antiga casa no gênero

Oficina para todos os concertos, afinações e reparações em bicicletas, motocicletas e máquinas de costura.

Artista mecânico habilitado. Vendas, alugueis e trocas.

Preços sem competencia

34—Avenida Navarro—36

(Estrada da Beira)—COIMBRA

Hospedaria do Paço do Conde

— DE —

JOSÉ DOS SANTOS

Rua Adelino Veiga, 36 a 40 — Rua do Paço do Conde, 10

COIMBRA

Vinhos, comidas e tabacos.

Recebem-se comensais por preços modicos.

Camas para pernoitar.

Esta casa, com a transformação porque cabia de passar, melhorou consideravelmente todos os seus serviços, achando-se habilitada a receber hóspedes de qualquer categoria, oferecendo-lhes comodidades por preços baratos. Esmoro e prontidão no serviço de meza, para o que tem pessoal competente.

O mesmo proprietário negoceia em cereais e legumes de todas as qualidades, tais como farinhas, sêmolas, batata, castanha, palha ensardada, cordas e adubos químicos.

Rua Adelino Veiga — 44, 48

O seu armazém é já muito conhecido.

Telefone 379

**Aos proprietários de Lisboa e Porto
Grande economia**

A MUNDIAL, de acordo com os seus importantes reseguradores resolveu efectuar seguros de propriedades, sem uso ou contiguidade perigosa, ao premio de:

508 por cada	100\$00
ou 580	1.000\$00
de capital seguro	

508 por cada 100\$00
ou 580 1.000\$00
de capital seguro

508 por cada 100\$00
ou 580 1.000\$00
de capital seguro

508 por cada 100\$00
ou 580 1.000\$00
de capital seguro

508 por cada 100\$00
ou 580 1.000\$00
de capital seguro

508 por cada 100\$00
ou 580 1.000\$00
de capital seguro

508 por cada 100\$00
ou 580 1.000\$00
de capital seguro

508 por cada 100\$00
ou 580 1.000\$00
de capital seguro

508 por cada 100\$00
ou 580 1.000\$00
de capital seguro

508 por cada 100\$00
ou 580 1.000\$00
de capital seguro

508 por cada 100\$00
ou 580 1.000\$00
de capital seguro

508 por cada 100\$00
ou 580 1.000\$00
de capital seguro

508 por cada 100\$00
ou 580 1.000\$00
de capital seguro

508 por cada 100\$00
ou 580 1.000\$00
de capital seguro

508 por cada 100\$00
ou 580 1.000\$00
de capital seguro

508 por cada 100\$00
ou 580 1.000\$00
de capital seguro

508 por cada 100\$00
ou 580 1.000\$00
de capital seguro

508 por cada 100\$00
ou 580 1.000\$00
de capital seguro

508 por cada 100\$00
ou 580 1.000\$00
de capital seguro

508 por cada 100\$00
ou 580 1.000\$00
de capital seguro

508 por cada 100\$00
ou 580 1.000\$00
de capital seguro

508 por cada 100\$00
ou 580 1.000\$00
de capital seguro

508 por cada 100\$00
ou 580 1.000\$00
de capital seguro

508 por cada 100\$00
ou 580 1.000\$00
de capital seguro

508 por cada 100\$00
ou 580 1.000\$00
de capital seguro

508 por cada 100\$00
ou 580 1.000\$00
de capital seguro

508 por cada 100\$00
ou 580 1.000\$00
de capital seguro

508 por cada 100\$00
ou 580 1.000\$00
de capital seguro

508 por cada 100\$00
ou 580 1.000\$00
de capital seguro

508 por cada 100\$00
ou 580 1.000\$00
de capital seguro

508 por cada 100\$00
ou 580 1.000\$00
de capital seguro

508 por cada 100\$00
ou 580 1.000\$00
de capital seguro

508 por cada 100\$00
ou 580 1.000\$00
de capital seguro

508 por cada 100\$00
ou 580 1.000\$00
de capital seguro

508 por cada 100\$00
ou 580 1.000\$00
de capital seguro

508 por cada 100\$00
ou 580 1.000\$00
de capital seguro

508 por cada 100\$00
ou 580 1.000\$00
de capital seguro

508 por cada 100\$00
ou 580 1.000\$00
de capital seguro

508 por cada 100\$00
ou 580 1.000\$00
de capital seguro

508 por cada 100\$00
ou 580 1.000\$00
de capital seguro

508 por cada 100\$00
ou 580 1.000\$00
de capital seguro

508 por cada 100\$00
ou 580 1.000\$00
de capital seguro

508 por cada 100\$00
ou 580 1.000\$00
de capital seguro

508 por cada 100\$00
ou 580 1.000\$00
de capital seguro

508 por cada 100\$00
ou 580 1.000\$00
de capital seguro

508 por cada 100\$00
ou 580 1.000\$00
de capital seguro

508 por cada 100\$00
ou 580 1.000\$00
de capital seguro

508 por cada 100\$00
ou 580 1.000\$00
de capital seguro

508 por cada 100\$00
ou 580 1.000\$00
de capital seguro

508 por cada 100\$00
ou 580 1.000\$00
de capital seguro

508 por cada 100\$00
ou 580 1.000\$00
de capital seguro

508 por cada 100\$00
ou 580 1.000\$00
de capital seguro

508 por cada 100\$00
ou 580 1.000\$00
de capital seguro

508 por cada 100\$00
ou 580 1.000\$00
de capital seguro

508 por cada 100\$00
ou 580 1.000\$00
de capital seguro

508 por cada 100\$00
ou 580 1.000\$00
de capital seguro

508 por cada 100\$00
ou 580 1.000\$00
de capital seguro

508 por cada 100\$00
ou 580 1.000\$00
de capital seguro

508 por cada 100\$00
ou 580 1.000\$00

Companhia de Seguros TAGUS

Sociedade anónima de responsabilidade limitada
FUNDADA EM 1877

Capital social — 1.200.000\$00 E
Capital emitido — 500.000\$00
Fundo de reserva — 268.000\$00

Séde do seu predio:
Rua do Comercio, 56

LISBOA

Efectua seguros terrestres, agrícolas, marítimos e postais.

Correspondentes em todas as terras do paiz, ilhas e ultramar.

Agente em Coimbra

José Joaquim da Silva Pereira

GRATIFICA-SE BEM

a quem dê informações de que resulte a condenação por fraudes praticadas com prejuízo dos exclusivos de fosfatos e isca (e dos interesses do Estado, da Companhia concessionária e do comércio legítimos acendedores, algodão ou qualquer outra matéria apresentada de forma a servir de isca, fabricação ou venda de chita com preparo inflamável, isca em cordão vendida fraudulentamente a título de cordão de sacos, etc., reservando-se a Companhia concessionária intentar a respectiva ação civil de perdas e danos contra os delinquentes, independentemente da multa a que o Estado nos termos da legislação em vigor. Gratifica-se generosamente guardando-se a maior discreção. A Companhia logo que receba informação digna enviará a qualquer ponto do paiz agentes da fiscalização para proceder às necessárias diligências. Dirigir-se pessoalmente ou por escrito à Companhia Portuguesa de Fosfatos, 139, rua de S. Julião, Lisboa.

ADUBOS
MELO & MARTINS
PAMPILHOSA DO BOTÃO

Fabricantes dos bons adubos compostos da marca registada
PEIXE

Chamamos a atenção dos srs. agricultores para fazerem uma experiência dos nossos adubos, devido ao seu magnífico resultado os adoptarão de preferência a qualquer outro.

AZEITE

Para revenda e em grandes quantidades, vendemos de excelente qualidade.

Alugam-se Automóveis

MELO & MARTINS

Pampilhosa do Botão

A FUNERARIA EM PEDRA

— DE —

FRANCISCO A. DOS SANTOS, FILHO

RUA DIREITA, 139 a 149

COIMBRA

Esta oficina encarrega-se de todo o trabalho de jazigos, mausoleus, campas, cantarias e ornamentações, tanto em calcareo como em marmore, a qual tem desenhos de jazigos, para escolher, em estilos antigos e em ARTE MODERNA.

Tem depósito de bancas de cosinha e mausoleus em louça preta.

Encarrega-se também de fazer esculturas, bustos em pedra, barro, gesso, etc.

Toma conta de qualquer trabalho fóra de Coimbra

ANTIGO ESTABELECIMENTO

— DE —

Mercearia, Tabacos e Fazendas brancas

— DE —

João António Rodrigues

(SUCESSORES)

Montemor-o-Velho

Nesta casa se encontra um completo sortido em assucar, chá, café, manteiga nacional e ingleza, biscoitos, bolachas, massas, bacalhau, genebra e vinhos do Porto.
Ferragens, prego de arame e de ferro, panelas de ferro, rastilho, chumbo em barra e para caça.
Fosfatos e Tabacos, por atacado. Também vende pelos preços de Lisboa, farinha de trigo, cimento Portland, vidraça, telha de vidro e velas de cera.

Preços resumidos

Companhia de Seguros

Fidelidade

Séde: Largo do Corpo Santo, 13 — T.º

LISBOA

Capital emitido.	1.344.000\$00
Capital desembolsado.	67.200\$00
Reservas	733.702\$07,5
Prejuízos pagos	4.497.355\$11

Efectua seguros marítimos e terrestres na séde e nas correspondências.

AOS AGRICULTORES

Tendo terminado todas as sementeiras, previnem os frequentes que façam novas encomendas de **adubos químicos e orgânicos**, da acreditada casa Varela, Leal & C. das Varzeas, que se encontram à venda, por preços sem competição, em casa de Manoel Monteiro Godinho, Casal do Gaião, Arade.

Guilherme dos Santos Pinto & Irmão

OFICINA DE CANTEIRO

Encarregam-se de jazigos de toda a especie e todo o serviço concernente á sua arte.

Também executam todos os trabalhos que digam respeito a Plantas, Alçados, Copias, Projetos e orçamentos de edifícios, edificações, etc.

Montemor-o-Velho = Verride

HOSPEDARIA SILVA

Junto á Estação do Caminho de Ferro
PAMPILHOSA DO BOTÃO

Esta hospedaria, situada em frente á estação do caminho de ferro, oferece aos ex-moradores passageiros todas as comodidades, tendo bons quartos. Serviço esmerado e bom tratamento.

DOMINGOS RODRIGUES DA SILVA

Mercearia, Vinhos e Tabacos. Especialidade em café.
PREÇOS COMODOS

Comissões e consignações

Depósito das famosas águas da Luso.

Portugal Presidente

COMPANHIA DE SEGUROS

Sociedade Anónima — Responsabilidade Limitada

Capital UM MILHÃO de Escudos

SEDE — RUA DO ALECRIM, 10 — LISBOA

N.º Telef. — 1849

End. Teleg. — VIDA

Seguros contra incêndios de prédios, fábricas, etc.
Seguros de estabelecimentos e mobiliários.
Seguros agrícolas de ceás, eiras, palhas, arvoredos, etc.
Seguros de máquinas e utensílios de lavoura.
Seguros contra incêndio proveniente de greves e tumultos.
Seguros de transportes marítimos e postais.
Seguros contra roubo de habitações e estabelecimentos.
Seguros contra fraude de empregados.
Seguros contra a quebra de cristais.
Seguros de vida, pensões, dotes e reformas.
Seguros contra acidente de trabalho.

Agências em todas as terras importantes do paiz, ilhas e colônias.

Sucursal no PORTO — Rua Passos Manuel, 21.

BANQUEIROS — Borges & Irmão — Porto e Lisboa

elho, 20 de Fevereiro de 1916

N.º 207



O DEVER

Semanario defensor da união da familia Portuguesa

Pátria e Humanidade

Director, Proprietario e Administrador—Almeida Junior

Palavras claras...

Bastas vezes temos sido acoimados de cobardes porque sempre nos conservamos arredios de qualquer grupo ou facção politica.

Repelimos com toda a energia de quem se vê caluniado e ferido nos seus brios, a aleiosa afronta.

O nosso jornal não pode imiscuir-se em lutas politicas, porque, imparcial e digno, defendendo sempre a justiça e o direito, não saberia, filiado neste ou naquele agrupamento partidario, sem paixão, encarar a frio, serenamente as questões que lhe merecessem reparo.

Estaremos sempre ao lado dos homens, politicos ou não, que souberem pelo seu respeito aos sagrados princípios da honra e da justiça elevar bem alto, no nosso conceito e na nossa admiração, o seu nome!

Nada nos poderá demover deste intento.

Rogos ou ameaças resultarão inuteis ante a inquebrantável fé de que nos achamos possuidos, conscos de que, procedendo como até hoje, cumpriremos o nosso devér.

Caminharémos sempre avante, através de todas as dificuldades e más vontades que os perversos e invejosos pretendem amontoar no nosso caminho, altiva e serenamente, fitos os olhos no Ideal que nos anima.

Todos os fracos calcados pela prepotencia terão em nós um eco compassivo á sua desgraça; todos os oprimidos e humildes terão em nós padinos corajosos dispostos a quebrar lanças pela sua justa causa!

Vem isto a propósito do que algures se rumoreja em nosso desfavôr...

«O Dever» em França

Já por varias veses temos recebido cartas dalguns nossos amigos que combatem na frente da batalha, salvando o nosso jornal, pela maneira como defende a civilização latina.

Agora, coube a vês ao importante diario de Bayonne, *Le Courier*, que transcrevendo parte do artigo publicado em 30 de janeiro ultimo, «Os portugueses e o conflito europeu», do nosso distinto colaborador Constantino Gomes Tomé, tem para nós pa-

lavras que muito nos honram, como jornalistas e como portugueses.

A velha folha bayonêsa, depois de varias considerações, subordinadas ao título de «Um jornal português francófio», termina por estas palavras, que não podemos fugir á tentação de as transcrever:

Eis ao menos um jornal, que diz o que pensa da Alemanha. Não vai muita a distância de Portugal á Espanha, mas nós evidentemente com prazer este reconhecimento.

A *Le Courier* agradecemos pernidadíssimos, as palavras que tem para o nosso jornal, bem como a sua transcrição.

Páginas sóltas

Impressões de Arte

Estamos ainda no rigor do inverno, nuas as arvores, de cor pardacenta, triste, como que esperando... Mas parece que se advinha já a primavera: um belo sol a dar vida á casaria da cidade e a polvilhar de ouro as custosas pelícias das «toilettes» femininas; e o ambiente é perfumado pelos ramos de violetas e junquinhos...

E a acompanhar este sorriso da Natureza manifestado na luz fecundante do Sol e no perfume inebriante dessas florinhas timidas e modestas que são as violetas e os junquinhos,—um outro sorriso de almas, as manifestações de Arte.

E neste mês varias exposições de pintura e desenho nos teem franqueado as suas portas...

A arte é a manifestação do génio, o reflexo da bondade; é a vida do sentimento.

Mas a minha crónica de hoje vem simplesmente referir-se a uma festa de Arte realizada ha pouco, numa tarde de sol e num ambiente perfumado de violetas e junquinhos...

Foi a leitura do poema *Chave dourada*, no atelier do insigne estatuário Teixeira Lopes.

A musica, a poesia e a escultura, aliadas, proporcionaram-nos uma tarde deliciosa.

Depois da audição dos maestros Nicolino Milano, Mario Vergé e Pedro Blanco, intérpretes da arte divina de Verdi e Beethoven,—a assistencia ia ouvir, ali, no recinto onde se acumulam e guardam tantas obras de Beleza e Arte,—ia ouvir a leitura dum poema—a *Chave dourada*, de Manoel da Silva Gaio.

Ali, bem perto daquele poeta, outros irmãos no estro, e a presença solene de vultos de valor nas catedras do ensino como lentes de Universidades, e homens de destaque nas letras pátrias.

De entre os perfis graciosos das senhoras, das plumas e *aigrettes* dos seus chapeus, assomavam lindas cabeças de crianças sorridentes, no seu perpetuo sorriso — as estatuetas de Teixeira Lopes; de onde em onde um busto de marmore ou de bronze. Parecia que as estatuas se compraziam em receber tão distinta assembleia e que se inebriavam tambem com as estrofes do poeta ao cantar os sonhos e as glórias da nossa patria querida—a boa terra portuguesa.

De um lado a celebre estatua de

Baco, com o seu riso e a fronte ornada de ramos,—que parecia escutar aquela invocação que Silva Gaio fazia ao Passado; sim, o invejoso da gloria dos portugueses como refere Camões:

O padre Baco ali não consentia
No que Júpiter disse, conhecendo
Que esquecerão seus filhos no oriente
Se lá passar a Lusitana gente.

E cá ao fundo, no alto dum friso ou coluna, um pequeno busto de Eça de Queiroz, no seu eterno sorriso de ironia, riso contraído da alma que se pretende anular, analisar-se e que só consegue ferir-se, ensanguentar-se, despedaçar-se; parecia que esse busto do grande torturado ria com fina ironia ouvindo o tom mavioso da voz do poeta Silva Gaio, cantando glórias nacionais que o Eça cobrira de «galhadas fúnebres»...

No prólogo do seu livro explica Silva Gaio a contextura do seu poema que dividiu em três cantos. E todo ele é uma evocação patriótica a essas grandes eras em que os portugueses caminharam de conquista em conquista avassalando o mundo...; dessa era de «quattrocentos» que tanto influiu no inicio das glórias da nossa terra. O poeta invoca a pessoa de D. Sebastião, já quando a adversidade vinha marcar sinistramente uma era de luto nos anais brilhantes da Patria...

Sonho e lenda... a voz do passado resurgida pela voz do poeta; e parecia que estávamos em praia longínqua ouvindo bater os remos n'água, dum bergantim ao largo,

Dessa idade, a que o mar inda rebôa
Em que o génio da raça
Navegava levando a Glória à proa
E ao leme a Desgraça...

Tanto a introdução como o poema são lições de historia e um anejo de ressurgimento nacional.

E, como diz Cesar Cantú, nenhuma sciencia pôde melhor que a historia satisfazer á necessidade de conhecer o que é belo, verdadeiro e bom; e o bem e os progressos da civilização tornam esta necessidade cada vez mais exigente.

... Por ultimo as notas feridas no orgão vinham reboar naquele recinto do Belo, como uma onda de paz. Parecia que nos achavamos numa catedral, sim; mas catedral do culto da Beleza e da Arte.

Janeiro de 1916.

Aurea Judit Amaral.

Antonio de Sousa Junior (Filho)

Mais um novo que vem até nós. Cheio de talento, e vivacidade e energia, honra bem o glorioso nome de seu ilustre pae, o distinto homem de sciencia que é o sr. dr. Sousa Junior, a quem a Patria e a Republica devem dedicações inovideaveis.

O nosso novo companheiro de trabalho, que cursa com inteligencia o 1.º ano de direito da Universidade de Lisboa, mais parece já um experimentado nas lides jornalisticas, tal é a exuberancia de sua prosa e a facilidade da sua palavra sempre cheia de fé e ardente nos conceitos.

Apresentando-o aos nossos presados leitores, orgulhamo-nos da sua amavel companhia e damos-lhe um estreito abraço de boas-vindas.

Redactor Principal

Virgilio Marques
Secretario da Redacção & Editor
Abel M. de Melo Brandão

Red. e Adm.—R. Dr. José Galvão—Montemor-o-Velho
Direcção—LISBOA—Hotel Porto, R. do Amparo, 12
TELEFONE 364

(para onde deve ir a correspondencia)

Composição e Impressão—Tip. Silva (a vapor)
AVEIRO

De semana a semana

Funcionarios publicos.

Subordinada a esta epigrafe, fizemos sentir ha tempo, neste mesmo local, a falta de cumprimento pela ex.^{ma} Camara, do preceituado nas leis de 25 de agosto e 3 de setembro de 1915, relativo ao pagamento dos vencimentos dos seus funcionários. Nessa local, alegavamos, e com razão, de que nada impedia para que se não cumprisse tais formalidades.

E tanto assim a compreenderam os dignos senadores municipais, que na sua ultima sessão, aprovaram o pagamento dessas dvidas, resolvendo para isso estabelecer um orçamento suplementar.

Só temos a felicitar o Senado por tão acertada medida, que não só os nobilita, como pouparam gastos ao cofre do Municipio; em virtude das disposições em que estavam os funcionários de recorrerem aos tribunais.

Balburdia.—Uns individuos de nome Cardosos, foram propositadamente, provocar o sapateiro António Maia Coentro, morador na rua Dr. José Galvão, por causa dumas contas de calçado.

Interveio o administrador do concelho, que os prendeu, e lhe dará o respectivo destino.

Este é que era duma força!—A snr.^a Maria Gomes, de Catarrchos, queixou-se ao respectivo regedor, duma burla de que foi vítima. O caso resume-se nisto: esta snr.^a tem um filho militar em Aveiro. Como ele não soubesse lér, pediu a um seu camarada para lhe tratar da correspondencia. Mas este figurão, em alturas tais, escreveu á mão do rapaz dizendo que estava preso e precisava de 15\$00 escudos. A snr.^a Maria apressou-se a enviar-lhe a quantia. Passados tempos, voltou novamente a pedir-lhe outros 15\$00 escudos, dizendo que ia para Vizeu.

Mas esta snr.^a, desconfiando da historia, mandou a Aveiro saber se lá estava o filho.

Depois... entregou a causa ao regedor, que oficiou ao comandante do regimento e está seguindo os seus tramites.

Pela Camara.—E' deveras ridículo e atentatorio á dignidade e saude dos municipes, o estado de extrema imundicie em que se encontram a maioria das ruas e vielas desta vila, facto que em nada nobilita a ex.^{ma} Camara Municipal, que devia ter mais um pouco de consideração e respeito pelas regalias e asseio dos municipes, que a isso tem incontestavel direito, que lhes é dado pelo Codigo das Posturas e Regulamentos Municipaes.

Ha nesta vila esquinas intransitáveis, devido á grande quantidade de toda a casta de imundices nelas depositadas, transformando-as em pestilenciosos fócos de infecção, que representam serios perigos para a saúde publica.

A unica entidade responsavel por tão desleixada falta de higiene, é a ex.^{ma} Camara Municipal, por não mandar cumprir aos zeladores, com o art.^o 21 e seus paragrafos, do citado Codigo das Posturas, pois que, por esta forma, se lhe tornava facil manter es-

ta vila em melhores condições de asseio, sem agravar o cofre do município.

Porque se não mandará cumprir este artigo? Por acaso irá a sua execução agravar as despesas camarárias?

Seja como fôr; o que prometemos, é não largar de mão este assunto, sem que justiça nos seja feita.

— A esta redacção vieram protestar os cidadãos Virgílio Maia, João de Deus Brandão e outros, contra um requerimento apresentado ha dias á Camara Municipal, pedindo o aforamento de uma esquina de que os protestantes são inquilinos, e cujo aforamento seria uma violencia cometida pela ex.^a Camara, no prejuizo destes municipios.

— Irá no proximo numero o balancete da Camara referente a 1915.

Pela polícia. — No dia 16 do corrente, pelas 15 horas, envolveram-se em desordem os ciganos, conhecidos pelos Cardosos, provocando e dando ocasião a grande alvoroço e aglomeração de povo na rua Direita, em frente da casa do sr. Maia; em seguida compareceu o digno administrador do concelho e regedor de paróquia, que prenderam os arruaceiros.

Mais uma vez se fez sentir a falta da Guarda Republicana.

Estaciona nesta vila uma caravana de ciganos, ha uns poucos de dias, sem que a respetiva autoridade os mande expulsar, como era seu dever.

— Passou aqui, no dia 16, uma força da Guarda Republicana, em automovel, que foi chamada a toda a pressa, para Coimbra, por causa da greve académica.

— Na quarta-feira realizou-se aqui o mercado quinzenal, que foi muito concorrido, e bastante fertil em gatunagem. Realizaram diversas proezas. Chama-se a atenção da respetiva autoridade, afim de se prevenir com tempo para que a vespera e dia de mercado sejam devidamente policados, visto haver uma verba para polícia e que a ex.^a Camara não pode desviar.

Pelo senado. — Reuniu, na quinta-feira, o senado, ocupando-se de diversos assuntos, entre os quais foi debatida a questão de pagamento do aumento dos ordenados aos empregados administrativos em harmonia com a Lei de 23 de Agosto e 13 de Setembro, resolvendo por fim nomear uma comissão de cinco vereadores para reverem o orçamento geral e elaborar um orçamento suplementar para satisfazer o que se acha em dívida e a pagar.

A comissão ficou constituída pelos seguintes vereadores: José A. Monteiro da Costa, Boaventura Augusto Simões, dr. Antonio Soares Couceiro, Antonio Mendes Larangeiro e Antonio Augusto Rodrigues Campos. Em seguida o ex.^a Presidente da Comissão Executiva declarou á comissão, que fizessem o seu exame o mais consciencioso possível, pois não se importava que lhe cortassem qualquer verba no todo ou em parte, conforme entendessem e que fosse mais adiável.

(6) FOLHETIM

NA FRANÇA

POR

VIRGILIO MARQUES

PRIMEIRA PARTE

O que eu vi e ouvi

II

Recordava essas lutas academicas que se desenrolaram no Porto, e que, com todos os seus dissabores, me causavam ainda saudades.

Depois vinham todas as ideias que se prendiam ao meu semanário: os rapazes que me acompanhavam; a ideia que determinou a sua fundação; as dificuldades que tive; enfim, a minha prisão depois dos tu-

— Reuniu na segunda-feira a comissão dos vereadores encarregada de rever o orçamento geral e elaborarem o orçamento suplementar para pagarem aos empregados administrativos. A discussão foi bastante demorada, havendo diversos debates, por a comissão resolver cortar parte da verba de 500\$00 da estrada da Carapinheira pela Mata a Gatões, chéganho o vereador Monteiro da Costa a declarar que dava a sua palavra de honra que não voltava á Camara se lhe tocassem naquela verba, sendo debatido corréltamente e com elementos, pelo vereador Antonio Rodrigues Campos, respondendo ao digno vereador Monteiro da Costa, que já, por muitas vezes, tinha ouvido darem a sua palavra de honra dentro da sala das sessões e que, no dia seguinte, faltavam a esse cumprimento como se falta a qualquer couza insignificante. Como, por fim, sempre resolvem cortar parte da verba, o sr. Monteiro da Costa, vendo que não tinha meios legais para se opôr, disse, num gesto de arrebataamento, que Montemór devia ser queimado!!

E' esta a forma como sua ex.^a tem administrado os interesses da vila, com a sua passagem pelas cadeiras do município.

Tesouraria. — Saldo em dinheiro, 3:121\$50; caixa económica, 2:805\$00.

Arabescos

(Prosas)

AO QUE VENHO:

Leitores:

E' praxe e eu não poderia despreza-la sem incorrer no vosso desagrado, simpaticos cultores do uso e do costume, que os novos, aqueles que ensaiam, tremulos os primeiros passos na senda escabrosa das lêtricas, cumprimentem reverentes o publico que vai, de futuro, ser o único juiz das suas más pequenas accções.

Aqui fica, pois, exarado o meu solene cumprimento, e o voto de que não vos opie demasiado o espírito a leitura da minha prosa, para vos não assemelhardes, ainda mais, aos texugos, que passam dormindo o melhor da sua vida!

Ora pois, venho eu a falar de mim:

— Menino e moço nos anos e na Arte, se ás vezes te ferirem os ouvidos a insipidez ou incorrecção da minha fraze, não castigues, ó Critica impiedosa! E' ainda débil infante o teu justicado! Chama-lhe antes prometedora esperança, estreia brilhante, e quejandas sandices que a cada passo sôes, louvaminheira, prodigalisares os que te besuntam de manteiga o sujo focinho, que tão frequentes vezes abres para analvalhar nos carídos colmilhos, a reputação do proximo que te é antipatico.

Estou já a ouvir-te apodar-me de irreverente, menino malcriado, etc., e a rir-me intimamente da cara com que receberás esta minha desataviada prosa!...

multos no liceu Rodrigues de Freitas, e que eu prometi a mim mesmo escrever tudo nas Minhas Memorias logo que a occasião o permitisse. E, se não fosse o meu Raul, que chamára a minha atenção para o Douro, que serpenteara lá em baixo, os pedregulhos montes da província que banhava, largo tempo me conservaria impassível á sua beleza tão selvagem, embobido como estava na profundíssima saudade que se apossára do meu sér.

E na verdade, o meu Raul tinha razão. A parte mais linda do rio Douro era a que agora íamos atravessando. As altas montanhas um tanto ou quanto despidas de vegetação, selvagem na essência, de cor negra, tostada por um sol que parecia equatorial, alongavam-se quasi a prumo na margem direita do rio, como que imitando o zig-zag do Douro.

Na margem esquerda, a prumo, se-

E agora calcêmos a luva e afinemos os bicos á pena, porque vamos falar ás leitoras:

Lindas mulheres portuguesas, de olhos d'água, fogo e cabelos de treva, eu vos saúdo!

E' para vós que vai todo o calor da minha alma mōça, nessa sincera e despretenciosa apresentação!

E' para vós, anjos descidos á terra a suavisar-nos as dôres e amparar-nos neste vale de lagrimas, a nós, os preciosos, os eternos torturados!

O vosso coração, sacrario bendito onde se albergam os mais puros tesouros de ternura e afeição é grande como o mundo, abrange todos os infelizes, e todos os desgraçados!

Bem o disse o poeta cujo patrício me honro de sér:

Coração que tens bondade,

Sê bendito coração!

E's do tamanho do mundo,

Cabes na palma da mão!

Deliciosa quadra que encerra uma verdade em quatro versos delicadíssimos! Ha in-folios poeirentos, de milhares de páginas que ela ultrapassa na sua simplicidade e pequenez...

E' ao vosso coração que eu hei-de dirigir-me, de quando em vés. Não sempre, que ás vezes me sae, pungeante, a satira quando eu quizera escrever um madrigal.

Quantas vezes aos vossos olhos-janelas da alma — hão-de aflorar lagrimas por mim provocadas!

Lagrimas e risos, que não é só luto, a vida sob este lindo céu de Portugal que eu julgo o mais belo de todo o mundo:

Recompensar-me-ha o meu labôr a ideia de que fiz vibrar as vossas almas, que outra recompensa não quero.

Eis a que venho: vós me acolheréis por certo, que eu bem o sinto!

Lindas mulheres da minha terra, moréneas virgens de porte altivo e espirito elevado, até á vista.

Lisboa, Fevereiro de 1916.

A. de Sousa Junior (Filho).

Pelo tribunal

Em audiencia de galão branco presidida pelo meritíssimo juiz de direito dr. Antonio Augusto do Amaral Pereira, respondeu no dia 14 do mês corrente, Maria Augusta Caixeiro, do logar de Reveles, de 21 anos de idade, pelo crime de infanticidio, sendo condenada na pena de 30 dias de prisão correcional, levando-se-lhe em conta o tempo de prisão já sofrida desde 17 de janeiro do corrente ano, e substituindo-se os restantes dias daquela condenação, por igual tempo de multa a 30 centavos diários, á escolha da ré, nas custas e selos dos autos e ainda na quantia de 4\$00 que o douto julgador arbitrou de procurador a favor do advogado oficioso da referida ré, dr. Francisco dos Santos Neto.

A mesma Maria Augusta Caixeiro, casára 4 dias antes de responder, nas cadeias desta comarca, onde se achava presa, com Abilio Soares, do

guia a linha ferrea, que o comboio, lentamente, a mēdo, ia disputando palmo a palmo, que qualquer velho trôpego o poderia acompanhar a pé. Olhando bem, o Douro é uma linha que representa o corte longitudinal dos montes.

As estações, aqui, são, como se deve calcular, poucas e de importância nula. A unica que gravei na minha memoria, foi a de Castello Melhor, porque, caso curioso, não sabia onde ficava tal terra, de que eu conhecia a nossa historia tanto fala, talvez porque não a conhecesse bem... no reinado que precedeu a nossa libertação de jugo hespanhol.

Mais umas horas, e aparece-nos á vista na banda de lá do rio, no cume dum monte, uma casinha branca rodeada de vinhedos, solitaria e triste como toda esta região. Dizem-me que é ali o templo mais rico que tem aparecido na minha terra, e

mesmo lugar, para assim evitar ter a maxima pena.

A sentença foi geralmente muito bem recebida, visto que a ré é mulher rude, ignorando as consequencias do mal que praticara, mas é bom frizar-se que a criança que a mesma ré atirara para dentro de um poço, nascera morta.

Horas d'insónia

Eu imaginei, meus senhores, que um poeta seria uma alma feita de luz, uma criatura feita perdão. Uma alma gentil que apenas sonhasse a paz da vida, a Clemencia, a bondade dos homens. Imaginei que um poeta, coração aformozado pelas muzas saudaveis que arrebatam e apaixonam, não possuia aquele rancor doentio que inspira tédio, que causa aborrecimento.

Mas não é isso. Lemos ha pouco uma produção de Cabral Junior, que nos desludi, e nos fez pensar cada vez mais na podridão das almas e no Odio humano, que dos poetas pensei arredado.

Dirige-se ao Imperador da Alemanha, e tem versos cheios de reneno. Um é este:

«Que os vermes te minem, que a lepra te róa».

O meu João de Deus adorado, ó meu amantíssimo Soar's de Passos! Vive um momento! Volta a este agitar de paixões, a esta terra apodrecida! Mas não. Não voltem. Repouzem na mançao do tumulo, cobertos de lírios e de glórias, afastados da lepra da sociedade, longe do mundo que é ingrato, ben longe desta perversidade e destas ambicões que nos tornam dia a dia mais irrisórios e mais defeituosos.

Porque vós, meus doces poetas da D.R., meus infelizes idíalistas, decerto, se voltasseis aqui, sentiríeis desejos intensos de correr tudo a ponta d'azurrague, se o vosso temperamento, um temperamento de Bondade e de união, se transformasse numa coisa que a todos cause tédio.

Que um poeta escrevesse com pedaços d'alma, com fios de sangue amoroso, era o que eu comprehendia, era o que eu julgava. Cabral Junior, que domesticava temperamentos, que lima consciencias, que burila caracteres, dá-nos a impressão do contrario. Dá-nos a impressão duma fera, dum reptil escondido nos grandes mangais esperando, bebado de ódio e de vingança, a pobre preza inesperiente. Como a alma dos homens é suscetível de rancores, e como, num peito onde deve arder a chama do amor e da bondade, se incendeia, em sinistros labaredas, a vingança e a maldade, o Despotismo que já não tem sério nem corão!

Pobre humanidade, sujeita a estas contingências da Vida...

ALMEIDA JUNIOR.

Toda a correspondência relativa ao «DEVER», deverá ser enviada ao director, para o Hotel Porto, Rua do Amparo, 12 — Lisboa.

onde irradiaram durante anos, as mais sãs doutrinas de Regeneração Humana e das quais ainda hoje nos sentimos influenciados. Foi seu fundador o maior príncipe da Península, o senhor feudal mais poderoso de todos os tempos, o apostolo mais fervoroso de todas as religiões.

Ali, sobre aquela terra negra, apareceram o templo brilhante como uma estrela, parecendo indicar o caminho aos Magos, que a admiraram e veneraram, e se sentem renascer na salutar doutrina das suas orações:

*Pobres dos pobres são pobresinhos
Almas sem lares, aves sem ninhos.*

Era a casa de Guerra Junqueiro!

(Continua).

Poetas e Prosadôres

RESPOSTA

Quando um amigo é feliz, eu não creio no lenitivo que ele nos possa dar, porque não se importará com a nossa dor.

Um opulento a quem se mostre um casebre infecto, fugirá de nójo; assim também um amigo ditoso a quem confiemos as nossas dores, a quem apresentemos as nossas chagas de sofrimento, fugirá de tédio, contrariado e aborrecido.

Consequentemente eu creio que aquele que nos poderá dar um pouco de alívio, um pouco de esperança, será sómente o amigo que for desgraçado e que sofra como nós.

Já o dizia Fénelon: *un ami malheureux est plus propre qu'un autre à soulager les peines que nous éprouvons.*

Quanto ao segundo ponto, eu creio que recordar é reviver, é reconstruir na mente todo um Passado; e assim quando um Passado é de dores — a recordação das alegrias e triunfos também é dolorosa — eu penso que essa recordação nos é prejudicial, eu penso que essa reminiscência longe de dominar essa dor, longe de cicatrizar essa chaga, a vai fazer revivescer, a vai fazer supurar, gangrenando-nos as energias, o coração.

Guimarães.

Eduardo Passos.

O POETA

Soltai cantigas ao vento
Cantai as lindas canções
Deixa que eu solte o lamento
Ao sopro das virações.

(Popular).

Quando o luar iluminava a solitária estrada do cemiterio, batendo de chofre nos ciprestes esguios, era então o seu passeio favorito.

O grande chapéu desabado sobre os olhos, embora lhe escondesse a farta e ondeada cabeleira, não ousava contudo ocultar-lhe as profundas rugas que lhe vincavam a fronte triste e pensativa.

O poeta — assim lhe chamavam, pois o nome de família ninguém lho conhecia — quando o incêndio desvastara o casal, ele próprio edificara a choça onde de ordinário permanecia, quando não divagava errante, absorto nas suas tristes recordações.

Quando uma vez, no seu passeio, mais amargamente se lhe vincavam as rugas prematuras, numa rapariguinha, encarnando em si o horroroso tipo da tuberculosa, acerca-se dele, pedindo esmola numa voz que quizera tornar firme.

Então ele quedou-se extasiado, ao ver maior infortúnio; e, enquanto os olhos se lhe marejam de lágrimas, num impulso da sua alma romântica, depõe um demorado beijo nos anelados cabelos da criança.

E enquanto ele voltava lentamente, a gentil pequenita, inconsciente do mal que a minava, e das tristes recordações que involuntariamente, talvez, tivesse evocado, vaidosa do ósculo paternal que recebera, atribuindo-o à sua garridice, cantarolava a quadra, então em voga:

Poetas quando eu morrer
Cantai-me não quer penas
Que eu gosto de adormecer
Como as crianças pequenas.

(Popular).

Lisboa, 15—1—916.

Manuel José da Fonseca.

Discutindo...

(CONTINUAÇÃO)

Que motivos grandes, que interesses poderosos levam os nossos patrícios governantes a quererem lançar-nos na grande guerra?

Quais são eles? Onde estão? Compensações territoriais? Mas, oh céus, já temos terras de sobra, e até, infelizmente, mal administradas. A consolidação do regimen? Sim, é isso, snr. correspondente; é esse o fito infame dos nossos democráticos governantes, é esse o único motivo porque nos querem levar para os campos da batalha, é esse o único desejo, tavez insatisfeito, desses alviçareiros dos comícios, desses paladinos do banquete de S. Carlos, tipo Alexandre Braga, que sem autoridade de especie alguma, soltou aquela célebre frase: *Quando vós nos quizerdes a vosso lado, tereis então motivos seguros para avaliardes o que somos e o que valemos.*

Talvez efeitos do champagne, não lhe parece, snr. correspondente?

Infamíssimos paladinos, que oferecem vidas como quem oferece um osso, desdenhoso, a um cão faminto.

Mas não partem, não, como voluntários (o que é o mês!), esses paladinos, a dar o exemplo, a ensinar à gente como se morre, heroica, gloriosamente, num posto de honra, no rugir estrepitoso da metralha!

Não vão; querem maudir os outros, com o fito na consolidação do regimen, para eles cá ficarem, à mesa do orçamento, regalados, deitando rétoricas nos jornais, cantando o heroísmo dum povo!

Desenganem-se, snr. correspondente, os aliados são muito nossos amigos, por que precisam de nós.

Sómente a causa aliadofila (santa, no dizer de v. ex.) tem uns defensores muito cobardes, estúpidos e maus em Portugal.

E' assim como lhe digo.

V. ex., com certeza, é partidário da nossa ida para a grande luta; nem me venha dizer o contrario, porque então eu não sei como explicar esse seu entusiasmo pelo artigo de Jean Finot (o ilustre pensador e publicista Alfredo Pimenta dá-o como nascido em Pinczow, na Russia, com o nome de Jean Fincklhuns), onde não encontro, por mais que procure orações à minha Pátria, nem cultos venerandos aos pobres lusos!

Quando muito poderei encontrar, e encontro, frases interesseiras, próprias para apanhar saloios na rede, ou para iludir ingênuos!

Jean Finot! Que tem este nome a recomendá-lo, a não ser uma apostasia? Será inteligente? Talvez; deve mesmo até ser um pouco mais inteligente do que o nosso chanceler de ferro (e pedra) Urbano Rodrigues.

(Continua).

Eduardo Passos.

Cartas duma infeliz

Meu caro Leopoldo:

Ha oito dias que não saí de casa. Dei hoje um pequeno passeio, com um petízito descalço pela mão. Fui ver as violetas que tantas veses tenho regado com lágrimas de saudade.

Demorei-me ao pé delas, estática, absorta, toda entregue a pensamentos nostálgicos que tanto me adoecem a alma!

Eu queria ser como tu. Vives felizes; todos os dias vês coisas novas que te dão novos prazeres. Diverteste, vás aos teatros, esqueces por momentos as coisas horrorosas que originam tristesa. A noite aproxima-se e, com ela, lúgubre e pavorosa, a solidão que eu tanto adoro. Nesta vida de martirios que é o meu inteiro fado, sinto ao menos a consolação de que a natureza me fala á alma, me ilumina as minhas esperanças mais queridas.

Pobre do petízito, meu companheiro, e pobre de mim, que não sei se não chorar!

Ele e eu somos bem a síntese da desventura e da dor. Ele, sem mãe e sem abrigo, será talvez mais tarde um homem do mundo, que esquecerá de-

pois estes carinhos e estas ternuras todas.

Eu, sem um carinho consolador, não estranharei a continuação da Desdita...

Não te enfado mais. Adeus.

Saudades da

sempre tua

Irene.

Crónica

A inveja

A humanidade é suscetível de rancores e sentimentos que prevertem. Um faminto e um zoila, dando-se ares de *grand seigneurs*, parecem sempre, no seu

magistral sonho de demolição, uns entes de apetecível talento.

Lêem obras de pataco, metem-se em todos os níveis, fazem-se passar por filósofos imaginando deslumbrar as multidões.

Depois, oh! vida asquerosa de almas adoentadas! essas criaturas, vejetando à custa alheia, muitas vezes fingem não ver e nem ouvir, julgando-se os deuses salvadores, e norteando a sua conduta pela de homens sem defendido lema nem objetivo seguro.

Criticam tudo, desdenham de tudo.

E se a gente, mais experimentado na vida, lhes faz uma pergunta concreta, encolhem os hombros e vão seguindo.

Depois, querendo popularizar-se, abuzam da amizade do próximo.

Não tem uma ideia sua.

E quando, agarrados ao seu seitio de criticadores de meia bitola, se cuidam os grandes mestres da vida, fogem de esconderias, ás escondidas, não vá alguém surpreendê-los em posições dubias, em duvidosas exibições do seu eu.

Não se conformam com coisa nenhuma. Sem coragem para lutar, são ao menos hipócritas a valer, procurando arredar dos outros algum lampejo de boas-intenções que ainda seja o seu norte neste mar de ignomínia e ódio, neste agitar de inconcebíveis paixões.

São assim os invejosos, que a criação de muitos na regeneração dos costumes procura iludidamente elevar no conceito público.

Entretanto, atraídos da tempestade vem a bonança, como é de uso dizer-se, e não há como o tempo para curar mazelas e enxugár pustulas que sangram miasmas e envenenam tudo.

E a gente deixa-se rir, rir, arredando-se do tufão que parece que tomba e não tomba, como a torre inclinada de Piza, assim à maneira do que fez e não é, no dia solene do seu casamento.

A inveja! Ao que leva esse sentimento contaminante desta humanidade a definhar, a apodrecer, a gangrenear-se...

E o mal todo é dos ingênuos, que confiando em suportar amizades, ás vezes desvendam segredos que não confiam a pessoas íntimas. A maldade!

Alberto Godin.

Correspondências

Carapinheira do Campo, 13-916

Ao iniciar as minhas cartas para o *Dever* devo, em primeiro lugar, apresentar aos meus leitores quais os fins que tenho em vista.

Assim, declaro que nunca nos meus escritos farei apreciações a atos de política, á qual sou contrario, pela sua provada perniciosa, assim como nunca me referirei a assuntos de caráter religioso.

O meu principal objetivo, é tornar bem evidentes, por forma a serem conhecidas, em toda a parte onde as minhas palavras sejam lidas, as necessidades de que a Carapinheira carece, para o desenvolvimento da sua agricultura e comércio, elementos de vida que tão atrasados se encontram.

Quem percorrer o nosso país, especialmente as nossas regiões Beirãs, encontra povoados de muito menor número de habitantes do que a Carapinheira, com o seu desenvolvimento comercial e agrícola muito menos importante que o nosso, e dotados de melhoramentos da maior utilidade para os povos circunvizinhos.

É verdadeiramente intolerável, que a freguesia da Carapinheira, tendo hoje talvez o triplo da população que tinha há 50 anos, continue a ser servida tanto em vias de comunicação que a liguem com facilidade com as mais próximas estações de caminho de ferro, como em serviço de correio etc., com a mesma deficiência que nos primitivos tempos.

E se tudo aqui permanece na mesma de quem é a culpa?

Não ha um unico Carapinheirense que, principalmente no inverno precisando de sair a qualquer parte e utilizando-se do comboio, que pelo caminho não lastime a sua sorte por viver numa terra para a qual os politicos tão pouco teem olhado. E os que se queixam e lastimam, não são uma ou duas desenhas de Carapinheirenses. Não hesito em afirmar de que o queixume é geral e justificadissimo.

Mas como o povo desta terra, não tem de quem se queixar, antes se tem de confessar cúmplice de si proprio, cada habitante cumplice de si mesmo no que respeita a este desabandono.

Eu, no cumprimento duma missão a que me impuz, irei das minhas sucessivas *Cartas da aldeia* demonstrando, e evidenciando, quais são os inadiáveis melhoramentos porque esta freguesia aspira; quais os processos que o povo deve usar se os quiser ver efetivados, se bem, com poucas esperanças de encontrar quem comigo empareirre empregando os seus esforços para o mesmo fim.

A. C. Pessoa.

Bom Sucesso, 12-2-916

Festa Civica.

O nosso querido amigo e distinto professor oficial desta povoação, sr. José Duarte Morais, está envidando todos os esforços para levar a efecto a festa da Arvore, contando nesse dia inaugurar solemnemente a bandeira que para esse fim adquiriu recentemente. Vai ser uma festa donde hão-de derivar proveitosos ensinamentos e o nosso amigo verá decerto coroados de exito os seus patrióticos intuições.

Xico.

O DEVER

SEMANARIO DEFENSOR DA UNIÃO DA FAMÍLIA PORTUGUESA

Assinaturas

(Pagamento adeantado)

Trimestre 0\$32
Semestre 0\$62
Ano 1\$22

Continente e África

Trimestre 0\$35
Semestre 0\$65

Brasil e África Oriental

Ano 2\$00
Número avulso, #04

Publicações

Comunicados, o #06 a linha; anúncios, na 1.^a página 1 vez, o #10 a linha; na 2.^a, o #80; na 3.^a e 4.^a, o #60.

Repetições, metade d'este preço.

Por mais de um mês, preço convencional.

Selo, cada publicação, o #01.

Os assinantes teem desconto de 25 o/o.

Não se aceitam informações anónimas nem se restituem originais, quer sejam ou não publicados.

DR. AVELINO FARIA

Advogado

CANTANHEDE

Dá consultas aos domingos em

ARAZEDE

de outubro em diante e trata de qualquer questão no tribunal de Montemor-o-Velho.

Companhia de Seguros TAGUS

Sociedade anônima de responsabilidade limitada

FUNDADA EM 1877

Capital social - 1.200.000\$00 E
Capital emitido - 500.000\$00
Fundo de reserva - 263.000\$00

Séde do seu predio:

Rua do Comercio, 56

LISBOA

Efectua seguros terrestres, agrícolas, marítimos e postais.

Correspondentes em todas as terras do paiz, ilhas e ultramar.

Agente em Coimbra

José Joaquim da Silva Pereira

GRATIFICA-SE BEM

a quem dê informações de que resulte a condenação por fraudes praticadas com prejuízo dos exclusivos de fosforos e isca (e dos interesses do Estado, da Companhia concessionária e do comércio legítimo acendedores, algodão ou qualquer outra matéria apresentada de forma e servir de isca, fabricação ou venda de chita com preparo inflamável, isca em cordão vendida fraudulentamente a título de cordão de sacos, etc., reservando-se a Companhia concessionária intentar a respectiva ação civil de perdas e danos contra os delinquentes, independentemente da multa a Estado nos termos da legislação em vigor. Gratifica-se generosamente guardando-se a maior discreção. A Companhia logo que receba informações fidedignas enviará a qualquer ponto do paiz agentes da fiscalização para procederem às necessárias diligências. Dirigir-se pessoalmente ou por carta à Companhia Portuguesa de Fosforos, 139, rua de S. Julião, Lisboa.

ADUBOS

MELO & MARTINS

PAMPILHOSA DO BOTÃO

Fabricantes dos bons adubos compostos da marca registada

PEIXE

Chamamos a atenção dos senhores agricultores para fazerem uma experiência dos nossos adubos, devido ao seu magnífico resultado os adoptarão de preferência a qualquer outro.

AZEITE

Para revenda e em grandes quantidades, vendemos de excelente qualidade.

Alugam-se Automóveis

MELO & MARTINS

Pampilhosa do Botão

A FUNERARIA EM PEDRA

— DE —

FRANCISCO A. DOS SANTOS, FILHO

RUA DIREITA, 139 a 149

COIMBRA

Esta oficina encarrega-se de todo o trabalho de jazigos, mausoleus, campas, cantarias e ornamentações, tanto em calcareo como em marmore, a qual tem desenhos de jazigos, para escolher, em estilos antigos e em ARTE MODERNA.

Tem depósito de bancas de cosinha e mausoleus em lousa preta.

Encarrega-se também de fazer esculturas, bustos em pedra, barro, gesso, etc.

Toma conta de qualquer trabalho fora de Coimbra

ANTIGO ESTABELECIMENTO

— DE —

Mercearia, Tabacos e Fazendas brancas

— DE —

João Antonio Rodrigues

(SUCESSORES)

Montemor-o-Velho

Nesta casa se encontra um completo sortido em açúcar, chá, café, manteiga nacional e inglesa, biscoitos, bolachas, massas, bacalhau, genebra e vinhos do Porto.

Ferragens, pregos de arame e de ferro, panelas de ferro, rastilho, chumbo em barra e para caça.

Fosforos e Tabacos, por atacado. Também vende pelos preços de Lisboa, farinha de trigo, cimento Portland, vidraça, telha de vidro e velas de cera.

Preços resumidos

Luiz Maria Lopes & Bretão

Negociantes de sal e vinhos, em vagões, para diversos pontos do paiz

12-R. Fernandes Tomaz-14
9-Rua da República-11
Telefone n.º 205.

FIGUEIRA DA FOZ

Companhia de Seguros

Fidelidade

Séde: Largo do Corpo Santo, 13-1.º

LISBOA

Capital emitido	1.344.000\$00
Capital desembolsado	67.200\$00
Reservas	733.702.807,5
Prejuízos pagos	4.497.355,811

Efectua seguros marítimos e terrestres na séde e nas correspondências.

Companhia de Seguros

A Lusitana

Sociedade Anônima
de Responsabilidade Limitada

Capital 500.000\$00 escudos

Seguros de vida, contra incêndios marítimos, terrestres, agrícolas, cristais, postais e de acidentes de trabalho.

AGENTE na Figueira da Foz
António d'Oliveira Guerra
RUA DA REPUBLICA, 84

HOSPEDARIA SILVA

Junto á Estação do Caminho de Ferro
PAMPILHOSA DO BOTAO

Esta hospedaria, situada em frente á estação do caminho de ferro, oferece aos ex.ºs passageiros todas as comodidades, tendo bons quartos.

Serviço esmerado e bom tratamento.

DOMINGOS RODRIGUES DA SILVA

Mercearia, Vinhos e Tabacos. Especialidade em café.

PREÇOS COMODOS

Comissões e consignações

Depósito das afamadas águas de Luso.

Portugal Previdente

COMPANHIA DE SEGUROS

Sociedade Anônima — Responsabilidade Limitada

Capital UM MILHÃO de Escudos

SÉDE — RUA DO ALECRIM, 10 — LISBOA

N.º Telef.—1849

End. Teleg.—VIDA

- Seguros contra incêndios de prédios, fábricas, etc.
- Seguros de estabelecimentos e mobiliários.
- Seguros agrícolas de ceás, eiras, palhas, arvoredos, etc.
- Seguros de máquinas e utensílios de lavoura.
- Seguros contra incêndio proveniente de greves e tumultos.
- Seguros de transportes marítimos e postais.
- Seguros contra roubo de habitações e estabelecimentos.
- Seguros contra fraude de empregados.
- Seguros contra a quebra de cristais.
- Seguros de vida, pensões, dotes e reformas.
- Seguros contra acidente de trabalho.

Agências em todas as terras importantes do paiz, ilhas e colônias.

Sucursal no PORTO — Rua Passos Manoel, 21.

BANQUEIROS — Borges & Irmão — Porto e Lisboa

Biblioteca da Universidade
de Coimbra

mór-o-Velho, 27 de Fevereiro de 1916

N.º 208

O DEVER

Semanario defensor da união da familia Portuguesa

Pátria e Humanidade

Diretor, Proprietario e Administrador—Almeida Junior

1912-1916

Ha 4 anos, quando a ideia nos começou a formigar no cerebro para a fundação do nosso jornal, nós contavamos sempre com as desilusões e os obstáculos das grandes empresas, das empresas generosas mas difíceis como são as jornalísticas, contudo, um unico fim nos iluminava as almas cheias de fé: engrandecer a nossa terra e emancipar os espíritos pela educação de princípios, olhos fitos no alvorecer luminoso desta patria muito amada. Primeiro em Arazede, e depois em Montemor, meios pequenos e adversos ao engrandecimento e à ilustração como são todas as terras da província, onde a inveja e a mexerique impera, nunca o desanimo nos contaminou, consciencios como estávamos da nossa missão.

Algumas boas-vontades encontrámos, soldados do mesmo ideal, dos quais, uns, conservando-se no seu posto, continuam debaixo da mesma disciplina, desinteressados e leais, outros, desertaram, talvez por cobardia, talvez porque a mira que tinham no interesse não correspondeu á sua espérfativa.

Estes, eram os mercenários sem escrúpulos.

Contudo, O Dever, sem se arredar da estrada que procurou seguir, é ainda o mesmo jornal de combate intransigente, de doutrinação imparcial.

Têm procurado amesquinhá-lo, reduzi-lo á expressão mais infima. Todos os esforços tendenciosos, porém, se teem tornado estereis, como improdutivo é tudo quanto é mau e tudo quanto não mergulha na Idea mater, na luminosidade dos altos conceitos humanos.

Em Arazede e em Montemor a guerra tem sido atrôs, embora surda, e se alguém procurar os imbecis, e quais as razões que a tal os encaminham, eles escondem-se como leprosos que ganguerenam.

A hora é de paz. Passa hoje mais um ano por sobre a existencia da nossa obra, e não pensamos em historia-la. O tempo regulará o fiel da balança. E, mesmo desajudados, uma coisa nos anima:

Esta meia duzia de companheiros que são todo o nosso encanto e todas as nossas esperanças mais queridas.

Com eles temos vivido o melhor da nossa vida jornalística; e sempre estas almas de pureza feitas tem vindo ao nosso encontro trazer-nos lenitivos ás nossas magras e animando-nos nos nossos intuições.

Ontem como hoje nos sentimos

alentados e corajosos, e com os nossos amigos seguiremos á ante, sempre com a mesma energia e iluminados com o mesmo clarão abençoado d'esperança.

E' necessário sofrer, como o amor é necessário á luta, porque, como disse Kropotkin: «lutar é viver!»

Por isso, neste dia solene de mais um triunfo, daqui abraçamos estreitamente e comovidamente todos aqueles que, a despeito de tudo, nos teem acompanhado.

De semana a semana

Engraçados — Na noite de 20 para 21, alguém de bom gosto, entreteve-se a tirar os ramos de loureiro das tabernas, colocando-os nos candeiros da vila.

Tiveram rasão os engraçados. Se final eles nunca se acendem e servem para simples ornamento, ao menos que tenham o aspecto de vasos.

Por economia? Mas o povo paga as suas contribuições! Já lá vai o tempo em que Montemor tinha administradores dos seus dinheiros como Mamedo Souto Maior e dr. José Galvão.

Hoje, «dá vontade de morrer», como diria A. Herculano.

Carnaval — Este ano tem decorrido afimado. Em varias casas da nossa primeira sociedade, tais como as dos snrs. dr. José Maria de Gois Mendanha Raposo e José Luiz Ferreira Galvão, tem-se dançado com entusiasmo, até de manhã.

Por seu lado, a rapasiada desta vila tem-se divertido doutro modo, fazendo varias partidas, entre elas coloando badalos ás portas e enfarinhanando as raparigas novas, que dão grande cavaco.

Dr. Costa Sarmento — Este distinto advogado em Coimbra e filho do nosso concelho tem vindo todas as semanas a esta vila, em serviço da sua profissão. Da maneira como o ilustre causídico se tem desempenhado dos deveres do seu cargo, são prova exuberante as justas simpatias que está conquistando. As nossas felicitações.

Escola Noturna — Tem continuado com grande entusiasmo as aulas na prestimosa Associação Operária, ultimamente aqui fundada. São dignos de louvor os nossos amigos Maia Mota, Abel Brandão, nosso secretário, e Nunes Bento. Fazemos votos por que os socios se compenetrem das grandes vantagens futuras que a instrução lhe trará e para que todos trabalhem com afan para o engrandecimento da sociedade, que é como quem diz, para o engrandecimento da terra que lhe foi berço.

Ciganos — Continua acampada no largo da Feira uma caravana destes nomadas, apesar de nos constar que a autoridade já tomou as suas providencias.

Fundos da Camara Municipal relativos ao ano de 1915 — Fundo do Municipio:

Redactor Principal
Virgilio Marques

Secretario da Redacção e Editor
Abel M. de Melo Brandão

Red. e Adm.—R. Dr. José Galvão—Montemor-o-Velho

TELEFONE 364

(para onde deve ir a correspondência)

Não se restituem originais, embora não se publiquem

Composição e Impressão — Tip. Silva (a vapor)

AVEIRO



DESPESAS GERAIS

Receita	11:175\$05
Despesas do proprio cofre	8:395\$48
Sua quota para instrução	1:232\$00
	9:627\$48

Saldo real.	1:547\$57
Emprestimo feito ao cofre d'instrução	1:250\$26

Saldo em dinheiro.	297\$31
--------------------	---------

INSTRUÇÃO PRIMARIA

Receita propria	7:168\$53
» donativo	500\$00
	7,668\$53

Despesa:	
----------	--

Do proprio anno	8:853\$14
-----------------	-----------

Pagou emprestimo de 1914	
--------------------------	--

feito pelo Cofre Geral	65\$65
------------------------	--------

	8:918\$79
--	-----------

Emprestimo feito pelo Cofre Geral	1:250\$26
-----------------------------------	-----------

Deficit	
---------	--

Cartas duma infeliz

Meu caro Leopoldo

A vida é podridão, a vida é mentira. Tudo caminha ao acaso, bebado d'odio, sem ideias, sem sentimentos, sem sonhos. E eu ás vezes ponho-me a pensar em todos os miseráveis, em todos aqueles que, não tendo enxerga nem lar, maldizem os seus progenitores e todos aqueles que, como eu, entregues somente á saudade que amortece energias e faz reviver dias felizes que não voltam, imaginam tudo um mar de lagrimas, procurando vinganças e amaldiçoando venturas que se não alcançam e que sempre se sonham.

Ha dias, num jardinsinho isolado, onde se repirava amor e onde se fazia amor, eu senti que esta alma torturada se debatia em conjecturas mil, idiando e sonhando o que não chegárá jámais.

Vê tu, Leopoldo, a diferença que existe entre um e outro.

Tu, irreverente e indomavel a coisas que dão vida, roubaste para mim um mundo inteiramente novo. Eu, entregue a esta dor que me domina, apenas quero o céu, luminoso e belo, envolvendo-me de sorrisos e animando-me de instintos bons.

Duas palavras: Um adeus e um abraço

Da tua,

IRENE.

Horas d'insónia

Já lá vão 4 anos! A vida passa, as desilusões chegam carregadas de desventura e dor. Só uma coisa me resta ainda, pujante e querida, bendita e amavel:—a esperança! Essa não mais me desamparou. Nasceu comigo, comigo houve baixar a sepultura.

Recordar a fundação do «Dever» é embriagar-me no sonho que me acalentou, é tornar mais intensas as saudades que me dão vida, que me animam a alma.

E através destes 4 anos, meus amigos, quantos quimeras arquitetadas, quantos dissabores, quantos sacrifícios.

A lucta, porém, é um ideal que me dá saúde; e eu vivo para o semelhante muito mais do que vivo para mim.

Na minha alma, ardente de fé, embriagada de sonho, nunca o desafelecimento encontrou guarida.

Tenho atravessado mil vicissitudes; o combate ardilos e despido de sinceridade com que têm procurado atravessar-me o peito, desapiedadamente, já mal conseguiu desviar-me do meu caminho. Quasi tenho trazido o pobre «Dever» aos homens. Ele tem-me acompanhado para toda a parte, tal é o amor que lhe dedico.

E que eu imagino que assim, a despeito de más vontades, tenho cumprido com as palavras que um dia, com a mesma fé, proferi numa reunião junto dos que m'o ajudaram a fundar e depois se afastaram sem se importarem com jura-menos feitos nem com deveres a cumprir!

Tenho sido acionado de ganancioso, de tudo, pobre de mim! que já por vezes dispendi o que não pude para fazer face a compromissos de varia ordem.

Mas, avante, meus companheiros amigos. Saibamos lutar e saibamos sofrer. Para vós, que voluntariamente me viesteis ajudar a erguer esta pesada cruz de martírios, que houve chegar um dia ao seu calvario de torturas, que torturas é todo este viver sem compensações, não, nesta hora de recolhimento sincero, todos os meus sinceros carinhos e todas as minhas mais ternas gratidões. Lutemos...

Almeida Junior.

Toda a correspondência relativa ao «DEVER», deverá ser enviada ao director, para o Hotel Porto, Rua do Amparo, 12 — Lisboa.

Em audiencia de polícia correccional de 21 do corrente mez, foram julgados José Simões Duarte, casado, comerciante em Pereira, deste concelho, e Manuel da Silva Cabral, tambem casado, negociante, da Granja do Ulmeiro, comarca de Soure, e condenados cada um na pena de 20\$00 de multa, custas e selos dos autos, por transgressão dos Regulamentos da Caça. Foi seu defensor o ex.^{mo} dr. Jaime Herculano da Costa Sarmento, inteligente advogado na comarca de Coimbra.

Em audiencia de polícia correccional do mesmo dia, foi julgado e condenado Manuel Marques Salgado, solteiro, menor, jornaleiro, do Casal do Gaio, na pena de 10 dias de prisão correccional substituídos por igual tempo a 50 centavos diarios e 5 dias de multa a \$20 por dia, sem custas nem sélos, pelo crime de ofensas corporaes voluntarias em José Maria Carvalho, casado, ferreiro, do mesmo logar.

Foi seu defensor oficioso o ex.^{mo} dr. Francisco dos Santos Neto.

Em audiencia de polícia correccional de 22 do corrente mez, foram julgados pelo crime de injuria Bernardo Roque, sua mulher e um filho menor, sendo todos trez absolvidos.

Foi seu defensor o ex.^{mo} dr. Jaime Herculano da Costa Sarmento.

Em audiencia de polícia correccional do mesmo dia, foi julgado e condenado, Manuel Paredes Mateus, casado, lavrador, de Alfarelos, na pena de 12 dias de prisão correccional substituídos por igual tempo a 30 centavos por dia, mais 5 dias de multa a 20 centavos cada dia e nas custas e sélos dos autos, pelo crime de ofensas corporaes voluntarias em Celestino Jorge d'Oliveira, sol-

teiro, menor, jornaleiro, do mesmo lugar.

Foi seu defensor o ex.^{mo} dr. Francisco dos Santos Neto.

Foram passados mandados de captura contra o vadio Manuel Cardoso, desta vila, por falta de comparecimento no tribunal judicial, onde tinha de responder em 21.º do corrente mez, pelo crime de ofensas corporaes em António Duarte Soares, desta vila.

Em audiencia de polícia correccional de 23.º deste mez, foi julgado e condenado Francisco Cavaleiro, solteiro, jornaleiro, do Casal do Corso, freguezia da Carapinheira, na pena de 20 dias de prisão correccional e na multa de 8 dias a 20 centavos cada dia.

Foi seu defensor oficioso o ex.^{mo} dr. Francisco dos Santos Neto.

Instrução

Promete-nos o snr. Almeida Junior a colaboração, alias conspicua e distinta, dos snrs. Tomaz da Fonseca e Souza Junior, neste jornal.

Ouso duvidar da possibilidade do snr. Almeida se desempenhar deste compromisso... Eu sei bem que o snr. Tomaz da Fonseca costuma apenas escrever um artigo, por muito obséquio, para cada jornal que lhe solicita a sua colaboração tão desejada. Seja, porém, como for. Como o snr. Almeida promete dar publicidade às ideias destas duas individualidades importantes, que são, ao mesmo tempo, duas autoridades, com voto na matéria, que me serve de epígrafe, eu peço ao liberalismo do director de *O Dever* que me deixe conversar um pouco com suas ex.^{as}, neste lugar.

Não precisa o snr. Almeida lembrarme de que no patamar da escada social, em que me encontro, eu não conseguirei uma resposta. Eu bem sei ainda que as grandes *altitudes* produzem um certo género de *altitudes*, cuja enfermidade não permite que os respetivos *padecentes* ouçam aqueles que lhes ficam mais abaixo.

Em todo o caso, deixe-me dizer coisas, snr. Almeida Junior; deixe-me cumprir com o meu dever de cidadão, amigo da sua Patria e do derramamento da Instrução em Portugal.

Deixa?

Ora, se deixa, em principio.

Ha tempo o snr. Tomaz da Fonseca fez uma lei, que não é de todo má, mas que justificou, fazendo nessa justificação sobresair uma frase tão dura e aspera como uma noite de inverno:

«Dora ávante os professores primários, que principiarem no magistério, terão que comer um pedaço de pão que o diabo amassou».

Esse pedaço de pão diabólico era a sua propria lei.

O snr. Sousa Junior, quando ministro da Instrução, fez um decreto, pelo qual obrigava todos os alunos das escolas primarias a revacinarem-se contra a variola.

Esse decreto foi atacado por um eminente sabio italiano, que, com estatísticas e argumentos scientificos, provou que tal medida era mais prejudicial que útil á saude dos mesmos alunos.

Que en saiba, sua ex.^{as}, o snr. Sousa Junior, não contestou a opinião abalizada daquele seu colega nas medicinas.

E, contudo, ex.^{mo} snrs., a Instrução está precisando do amparo e protetção de v. ex.^{as}.

Os professores precisam de receber o seu mesquinho (e bem mesquinho nessa hora adiantada da guerra europeia!) o seu mesquinho ordenado, a tempo e a horas!

Deixem-se v. ex.^{as} de botar frases lindas, apenas para o ouvido educado dos literatos.

Deixem-se v. ex.^{as} de insignificâncias clinicas... Se v. ex.^{as} querem prestar o vosso valioso concurso á causa da Instrução, abram as suas ex.^{mas} bocas:

1.º

Contra as câmaras municipais, que não pagam no prazo legal aos professores;

2.º

Contra o governo, que não obriga essas câmaras ao cumprimento da lei;

3.º

Contra o governo por não enviar a certas câmaras o subsídio, a que elas têm direito, para fazer face ao referido pagamento;

4.º

Contra a falta de mobiliário nas escolas;

5.º

Contra o aumento de 60\$00 anuais aos professores (que eles antes queriam que fosse de 55\$00, por motivos... do raga, põe, tira e deixa.)

Querem mais, v. ex.^{as}?

Pompeu Farinha de Castro.
(Professor oficial).

Transcrição

O nosso presado colega *Ceia Fraterna*, de Ceia, teve a amabilidade de transcrever o nosso artigo *A Festa da Arvore*.

Agradecemos.

Vereador ou quê?

Nós imaginavamos que petroleiros só os havia nas grandes cidades, como Paris e Londres.

Enganamo-nos!

E como nós estávamos decerto enganados os municipes desta bela vila de Montemor, ao elegerem o snr. Monteiro da Costa para seu representante no município. Hoje não! O snr. Monteiro da Costa, num rasgo de oratoria como um Camilo Demoulin (em segunda edição mas sem ser revista pelo autor), expôz o seu programa na ultima reunião camarária, e era nada mais nada menos do que — *queimar Montemor*!

Lá para ele não ha meias medidas; todo o programa fica resumido em duas palavras apenas.

O *Dever* tem já por varjas vezes dispensado deferências a este vereador, e agora mesmo, não é sua intenção melindrar quem quer que seja. Entretanto não podíamos deixar passar em claro o facto dum vereador da qualidade do snr. Monteiro da Costa, ter, em pleno sentido, expedito ideias que se não coadunam com o nosso modo de viver, visto que desde a primeira hora que nos impuzemos a defesa dos interesses do concelho, jámais desanimamos na luta para o conseguimento do nosso fim.

Um vereador que dispõe assim dos seus serviços em prol, não da defesa, mas do desprestígio da séde da comarca, não pôde continuar a merecer a confiança dos seus eleitores.

Com efeito, Montemor devia ser queimada, não agora, que o mal está feito, mas na ocasião em que o praticou, mandando ás cadeiras senatoriais defensores do quilate deste vereador.

De ha muito que se vinha acentuando a necessidade de sanear, e nós sómos daqueles que nunca nos esquecemos de que esta terra jámais primou na escolha dos seus representantes administrativos. O que não compreendemos é que por questões de interesse secundario, se oidei uma vila até ao ponto de a desejar viver arrasada pelo fogo.

E' que provavelmente este senhor deseja a sua cremação, para remir os seus pecados!

O diabo é a estrada da quinta... Mas ainda não ficamos por aqui...

Pela sociedade

Esteve em Lisboa, hospedado no Hotel Porto, dando-nos o prazer da sua visita, o nosso estimado amigo e assinante José dos Santos Barreiro, digno escrivão de fazenda em Rodam.

Partiu para Candosa (Taboa), onde foi ultimamente colocado como gerente dum fabrica de serração, o nosso presado amigo José Martins Ferreira Pires, de Pampilhos do Botão, que foi á capital visitar seu filho, o tambem nosso amigo e colaborador Domingos Pires, 2.º sargento d'arma da e estudante da Escola Naval.

Deu-nos o prazer da sua visita na capital, o nosso distinto amigo Mário Mendes, considerado industrial no Porto, onde já regressou.

Agradecemos a gentileza da deferença.

Acha-se bastante doente em Lisboa o snr. dr. Rodrigo Alves de Souza, cunhado do nosso amigo José Luiz Ferreira Galvão.

Fazemos ardentes votos pelo seu pronto restabelecimento.

Realisa-se hoje, na séde da Associação Operaria desta vila, um baile oferecido aos socios e famílias, que promete decorrer bastante animado.

Partiu para o Porto, inesperadamente, o nosso estimado companheiro de trabalho A. de Souza Junior, Filho, o qual, acompanhado de seu pae, o ilustre antigo ministro de instrução e actual director geral d'estatística, snr. dr. Souza Junior, deve regressar na proxima semana.

Um abraço de saudades.

Em Pampilhoza

Teve logar no domingo passado, na sala das sessões da Junta de Paroquia, uma brilhante e encantadora festa de regosijo por a mesma corporação reaver o que lhe pertencia, e que, pela lei de Separação, lhe havia sido tirada. Cremos que são 8 contos em inscrições, e os respectivos juros no valor de 300 escudos.

Os professores ensaiaram muitas criancinhas, que entoaram a *Portuguese e Maria da Fonte*, discursando os snrs. Guilherme Ferreira da Silva e padre Botelho, que agradaram, sendo depois distribuidos premios escolares aos petizitos, levantaram-se varios vivas, dentre eles aos snrs. Mourão, Francisco Cruz e D. Rodrigues da Silva, que efetivamente são uns grandes benemeritos da terra, que desejam ver prosperar.

Crónicas licaias

Os tumultos que ha dias se desenrolaram, duma maneira tragica, no liceu desta cidade ha-de trazer certamente, para os seus protagonistas consequencias terrivelmente funestas.

Num arranco de patriotismo, eu condono tais procedimentos de vandalismo, praticados por quem tinha o dever moral e idoneidade intelectual de reflectir, tais actos que só enlameiam quem os pratica, que só aviltam quem os perpetra.

E' o tumulto que agita já a mocidade de hoje, impelindo-a, arrastando-a a commeter actos de destruição e sublevações anárquicas, que, se algum fim tem, é prejudicar a marcha normal dum regimen, combatido ainda pelo fermento de antigas revoltas e atingido já, moral e materialmente, pela terrível conflagração europeia.

E' a indisciplina fervilhando já no cérebro dessa mocidade ardente, no qual só existem amalgamas de ideias e uma promiscuidade horrivel de preconceitos perniciosos e obstrucionistas, que custosa e dificilmente se evaevem a fim de caminharmos na rota esplendorosa do Progresso.

Como disse, condono e caustico tais procedimentos, em que transparece uma manifesta corrente de degeneração de caracteres, nuncio terrivel de um fim proximo, de um apodrecimento de sentimentos; o presagio funesto do alheamento que se sente pela felicidade geral, pela paz colectiva e pelo que possa convir comunemente.

Retroceder sem demoras nem desfalcamentos no caminho do erro para o da justiça, eis o que urge, afim de que em todos os lances vós, académicos, tenhais a vossa lado, prontos a defender-vos, as consciencias imaculadas, os individuos de comprovada sinceridade e honestidade.

Fitai sempre o ideal sacroso da Patria. Fitai-o e professai-o Coimbra, fevereiro de 1916.

Mario Augusto da Silva.

Discussindo...

(CONTINUAÇÃO)

Mas será um colosso, um genio? Não me consta; Alfredo Pimenta chama-lhe, textualmente, um *pseudo homem de ciencia, sem cotação séria nos meios científicos*.

Será por ser autor dum livro sobre *Le Fréjus des Races*, onde introduziu, no fim, amaveis referencias de algumas figuras de renome, declamatoriamente? Não me parece; que tem pois a recomenda-lo? Esfinge maldita a que ninguém responde, interrogação fatal que permanecerá talvez sem explicação na triste historia das colas humanas.

Snr. correspondente: ame profundamente a sua Patria, dê-lhe sim todo o seu sangue, todo o seu amor, todo o seu esforço quando a independencia dela corra risco, mas não combata um povo que tem comnosco importantes relações de comercio, um povo que é nobre por tudo, que tem sido vilmente injuriado e que se encontrou na luta não foi porque quiz— como propositadamente e com fins maus que sabidos se tem feito constar— mas sim porque a isso era obrigado pela fé dos tratados!

Tem-se feito constar que a Alemanha foi a culpada desta guerra estupenda; é clinicamente falso; se vamos a assacar responsabilidades essas devem-se inteiramente ao povo servio, que tem expiado amargamente os seus crimes temerosos; é caso para se dizer que a Providencia não dorme, e que a Justiça da Historia é implacável!

A culpada desta guerra foi a Servia, essa nação semi-selvagem ainda, com o atentado nefando de Serajevo.

Combater essa atoarda de ser a Alemanha a culpada desta guerra, seria muito do meu desejo, se este artigo não fosse já tão extenso.

Leia V. Ex.^a o recente livro de Gustave Le Bon, *Ensignements psychologiques de la guerre européenne* e lá encontrará, a pag. 172, estas significativas palavras: «A guerra declarou-se muito cedo de mais para os interesses da Alemanha. Não ha pois razão alguma para crermos que ela a queria no momento em que circunstancias diversas a fizeram rebentar».

Dito isto por um francez ilustre não serão precisas, creio eu, mais provas; felizmente existem bastantes, e todas concordes em afirmar que a Alemanha não foi a culpada deste tremendo conflito.

O escol de mentiras com que pretendiam aniquilar um povo grande, ou pelo menos fazer-lhe perder parte da consideração de que gosava, não deu os frutos desejados, antes pelo contrario.

(Continua).

Eduardo Passos.

BRAZIL

Por noticias ultimamente recebidas nesta redacção, sabemos estarem de saude varios nossos patricios, entre os quais, Cesario Simões Correia, Manuel Marques da Costa, A. Góes da Silva e outros, que nos pedem que os recomendemos a suas familias.

AVISO

Pedimos aos nossos correspondentes para enviarem as suas noticias até quarta-feira. Prestavam-nos um grande favor.

Poetas e Prosadóres**DESPEDIDA**

Ao amigo José Passos

E' bem triste a minha sorte!
E' bem triste o meu viver!
Minha mãe morreu agora,
Eu também quero morrer.

Viver no mundo sosinha
Sem um carinho materno,
E' viver eternamente
Sepultada no inferno.

Não quero viver mais tempo,
Minha sorte é negra e crua!
Vou deixar a vida triste
As duras pedras da rua.

Esta vida, é um sofrimento
Que nos mata, nos tortura!
E' como um barco sem velas,
Errante, por noite escura.

Dobra o sino na igreja,
Minha alma é dolorida...
Minha mãe lá vai embora
P'ra morada apodrecida...

O' morte, negra, tirana,
Volta atraç que vae errada!
Deixa ficar quem faz falta,
Tem dô desta desgraçada...

Já que levaste do mundo
O alívio do meu sofrer,
Conduz-me p'ra junto dela
Qu'eu tambem quero morrer.

Porto, 27—12—1915

Almeida Guedes.

Cartas irreverentes

Minha boa Alice:

Fica sabendo que estás expressamente proibida de continuares a chamar-me a «tua feminista», pois que eu não sou tal coisa, pelo menos segundo a ideia que vulgarmente se liga a essa palavra.

Dizem os entendidos, liberais e avançados, que a mulher feminista se quer tornar homem, e eu nunca me lembrei disso. Se antes de surgir neste mar de rosas, alguém me tivesse perguntado a que sexo desejava pertencer, eu certamente escolheria o forte; porque a força é ainda hoje uma grande coisa; mas, agora estou conformada tanto mais que preciso tornar-me egoista e má...

Os reaccionários, esses entendem que feminismo é sinônimo de amor livre; não discuto tal assunto que nem sequer prende de leve a minha atenção. Liberdades dessa natureza pouco valem a quem é escravo da sua dignidade.

Já vés, pois, que tenho razão em não querer que me chames nomes feios. E porquê, afinal?

Porque me exalto sempre qua na minha presença se menospreza a dignidade feminina, e porque toda a mulher, ainda aquela a quem imputem os mais graves delitos, tem em mim uma ardente defensora, convencida de que esses erros e defeitos, apontados ao sexo feminino, principalmente pela falta de instrução originem dos restantes, acabarão no dia em que a mulher consiga libertar-se da tutela a que tem estado sujeita desde que o mundo é mundo?

Para conseguir este fim é que eu admito a cooperação da mulher na vida pública, convencida, porém, de que em Portugal, rarissimas seriam as que deixassem o socego dos seus lares para irem engrossar as fileiras de qualquer dos partidos que tem na sua mão os destinos sagrados da Pátria. E todavia, nós precisaríamos duma voz amiga que se fizesse ouvir no parlamento em prol dessas infelizes que, trabalhando tanto como os homens, vencem muito menores salários, e pugnasse pela criação de

estabelecimentos de ensino. A República algo tem feito (mas ainda é pouco) para que a mulher se tornasse apta a ganhar honestamente a sua vida sem ter que procurar o casamento como uma taboa de salvação.

Não é raro ouvir dizer:

— O ideal da mulher é um marido que lhe sustente o estomago e o luxo!

Ora um homem pensando désta forma, como considerará sua esposa?

Como um traste que lhe fica um poncio mais caro do que os outros; e quando muito, se ele foi já uma belíssima pessoa, verá nela a mãe de seus filhos. E ela, a eterna sacrificada, que merece mais?

A mulher portuguesa é neste ponto mais feliz que as restantes; considerada e com razão mais mãe do que esposa, todas as humilhações e todas as dores sofre com o pensamento em seus filhos, para os quais exclusivamente vive e que por isso se lhe tornam suaves.

Sabes, afinal, em que se resume o meu pseudo-feminismo?

Em educar e instruir a mulher de forma que ela se torne um sér independente, e assim possa encontrar em seu marido um companheiro ou um socio, mas nunca um senhor.

Revolta-me a ideia de que a tudo ela curvے a cabeça pensando resignada:

— «O destino da mulher é sofrer!»

Será assim; mas façamos todo o possível por contrariar esse destino tão pouco acolhedor. Se todas fossem da minha opinião, alguma coisa se conseguira.

Perdõa este aranzel, que não será o ultimo.

Tua

Angelina de Castro Mendes.

Secção de charadas

A' minha irmã Branca

COMBINADA

- 1.^a—acela—Erva e flor
 - 2.^a—céquia—Canal
 - 3.^a—abaçaria—Salada
 - 4.^a—rruço—Entrada hostil
 - 5.^a—ijesu—Mimoso
 - 6.^a—esvelo—Diligencia
 - 7.^a—tuação—Atividade
 - 8.^a—alama—Saudação
 - 9.^a—ncubo—Pesadelo
 - 10.^a—evita—Sacerdote
 - 11.^a—oaria—Ave
 - 12.^a—linho—Asseio
 - 13.^a—dita—Fortuna
 - 14.^a—nxidro—Exido
 - 15.^a—talhador—O que explora
 - 16.^a—umidouro—Vôrágem
- Nome inteiro de mulher

E. Castanheira.

SOBRE A NOSSA BANCA...

Cartilha Nova.—Acaba de ser posta á venda, a 2.^a edição desta bela obra de propaganda republicana e anti-religiosa, devida á pena do grande propagandista do Livre Pensamento e senador da Republica sr. Tomaz da Fonseca. Escrita em estilo corrente, própria para as camadas populares a que ela é destinada, vem ela preencher uma lacuna, que ha muito se viu nha sentindo.

Ninguem melhor do que Tomaz da Fonseca, escreveria em linguagem tão corrente e tão convincente, visto que, o seu contacto com a massa popular no saudoso tempo da propaganda republicana lhe ensinou a maneira de falar ao coração do povo e trasel-o á arena para o combate pela Liberdade, libertada da suprestição religiosa.

O autor dedica esta edição ao eminente estadista dr. Afonso Costa, promulgador da libertadora lei da Separação.

E' de crer que, como a 1.^a, esta se esgotaria rapidamente. A capa é uma bela gravura, representando um jesuíta sobre a sua eterna vitima:—o Povo.

Encontra-se á venda em todas as livrarias ao preço de 50 centavos. Agradecemos o exemplar que teve a gentileza de nos oferecer.

Falta de espaço

Por este motivo, retiramos muito original, entre ele o folhetim do nosso companheiro Virgilio Marques, e uma mimosa poesia do nosso distinto colaborador J. Neves.

Correspondencias

Verride, 25—2—1915

No dia 17 deu-se nesta vila um grande incêndio na casa onde habitava uma pobre velhota chamada Arcangela Bátista Ferreira. Temos ouvido ás pessoas más velhas desta terra, que se não lembram dum incêndio de tão fatais consequências, pois que pereceu vítima da asfisia a desgraçada velha Arcangela. A casa que ficou apena com as paredes em ruínas, é propriedade do sr. Antônio Rodrigues da Costa, ausente no Pará, e não estava no seguro. O povo foi incansável para a extinção do incêndio.

— Na noite de 21 para 22 foi roubad o chalet «Amelia». Os amigos do alheio levaram alem de diversos objectos de valor, 5 casais de coelhos espanhóis. Não se tem poupad a esforços para descobrir os gatunos, o diligente regedor desta freguesia, o sr. Dias.

— Deus Momo será este ano muito divertido, segundo nos informam os directores da Sociedade Carnavaleira *Caras Direitas*.

(Correspondente).

Editos de 6 meses(1.^a publicação)

No Juizo de Direito da comarca de Montemór-o-Velho e pelo cartorio do escrivão do segundo ofício, na acção requerida por Maria de Nazaré de Jesus, solteira, maior, domestica, do lugar das Faiçais, freguesia de Arazéde, em que ela pede a entrega dos bens de seu pai Leonardo Francisco Lage, solteiro, maior, serrador, do dito lugar das Faiçais, mas ausente há aproximadamente trinta anos em parte incerta dos Estados Unidos do Brasil sem dêle haver notícias, correm editos de seis meses, contados da segunda publicação d'este anúncio no *Diário do Governo*, citando o dito auente Leonardo Francisco Lage, e de 60 dias os interessados incertos, para na segunda audiência d'este Juizo a contar decorridos que sejam oito dias depois de findo o prazo dos editos, verem acusar-lhes esta citação e marcar-se-lhes três audiências para a contestação.

As audiências n'este Juizo têm lugar todas as segundas e quintas-feiras, não sendo estes dias feriados, porque n'este caso têm lugar nos dias imediatos, sendo estes uteis, e sempre por dez horas, no Tribunal Judicial de Montemór-o-Velho, sito nos Paços do Concelho na Praça da Repùblica.

Montemór-o-Velho, 17 de fevereiro de 1916.

O escrivão,

João Paes da Cunha Mamede.

Verifiquei a exatidão:

O Juiz de Direito,

Amaral Pereira.

ANUNCIOS

No Juizo de Direito da comarca de Montemór-o-Velho e pelo cartorio do escrivão do segundo ofício, correm editos de 30 dias, contados da segunda publicação deste anúncio no *Diário do Governo*, citando o executado Leonardo Francisco Lage, solteiro, maior, serrador, das Faiçais, freguesia de Arazéde, desta comarca, mas ausente em parte incerta nos Estados Unidos do Brasil, para no prazo de 10 dias, a contar passados que sejam oito dias depois de findo o prazo dos editos, pagar no cartorio do escrivão que este subscreve, a quantia de 97\$35.5 em que foi condenado na acção de investigação de paternidade ilegitima que lhe moveu sua filha Maria de Nazaré de Jesus, solteira, das Faiçais, ou nomear á penhora, no mesmo prazo, bens suficientes para tal pagamento sob pena dessa nomeação ser devolvida ao exequente, o Digno Agente do Ministério Público nesta comarca e a execução seguir seus termos até final com custas e selos acrescidos.

Montemór-o-Velho, 17 de fevereiro de 1916.

O escrivão,

João Paes da Cunha Mamede.

Verifiquei a exatidão.

O Juiz de Direito,

Amaral Pereira.

Venda de carros

Vendem-se dois Brechs, sendo um grande com tejadilho em bom estado e outro pequeno, sem tejadilho, novo, e um caleche e alguns arreios.

Quem pretender dirija-se a Bernardo Gonçalves Ferreira ou a Julio Pessoa Leitão, de Montemór-o-Velho.

DR. AVELINO FARIA

Advogado

CANTANHEDE

Dá consultas aos domingos em ARAZÉDE de outubro em diante e trata de qualquer questão no tribunal de Montemór-o-Velho.

O DEVER de 27 de Fevereiro de 1916

Companhia de Seguros TAGUS

Sociedade anonima de responsabilidade limitada

FUNDADA EM 1877

Capital social — 1.200.000\$00 E
Capital emitido — 500.000\$00
Fundo de reserva — 268.000\$00

Séde do seu predio:
Rua do Comercio, 56

LISBOA

Efectua seguros terrestres, agricolas, maritimos e postais.

Correspondentes em todas as terras do paiz, ilhas e ultramar.

Agente em Coimbra

José Joaquim da Silva Pereira

GRATIFICA-SE BEM

a quem dê informações de que resulte a condenação por fraudes praticadas com prejuizo dos exclusivos de fosforos e isca (e dos interesses do Estado, da Companhia concessionaria e do comercio legítimos acendedores, algodão ou qualquer outra materia apresentada de forma e servir de isca, fabricação ou venda de chita com preparo inflamável, isca em cordão vendida fraudulentamente a título de cordão de sacos, etc., reservando-se a Companhia concessionaria intentar a respectiva ação civil de perdas e danos contra os delinquentes, independentemente da multa ao Estado nos termos da legislação em vigor. Gratifica-se generosamente, guardando-se a maior discreção. A Companhia logo que receba informações fidedignas enviará a qualquer ponto do paiz agentes da fiscalização para procederem às necessarias diligencias. Dirigir-se pessoalmente ou por carta à Companhia Portuguesa de Fosforos, 139, rua de S. Julião, Lisboa.

ADUBOS MELO & MARTINS PAMPILHOSA DO BOTÃO

Fabricantes dos bons adubos compostos da marca registada
PEIXE

Chamamos a atenção dos snrs. agricultores para fazerem uma experiência dos nossos adubos, devido ao seu magnífico resultado os adoptarão de preferencia a qualquer outro.

AZEITE

Para revenda e em grandes quantidades, vendemos de excelente qualidade.

Alugam-se Automoveis

MELO & MARTINS

Pampilhosa do Botão

A FUNERARIA EM PEDRA

— DE —

FRANCISCO A. DOS SANTOS, FILHO

RUA DIREITA, 139 a 149

COIMBRA

Esta oficina encarrega-se de todo o trabalho de jazigos, mausoleus, campas, cantarias e ornamentações, tanto em calcareo como em marmore, a qual tem desenhos de jazigos, para escolher, em estilos antigos e em ARTE MODERNA.

Tem deposito de bancas de cosinha e mausoleus em lousa preta.

Encarrega-se tambem de fazer esculturas, bustos em pedra, barro, gesso, etc.

Toma conta de qualquer trabalho fóra de Coimbra

ANTIGO ESTABELECIMENTO

— DE —

Mercearia, Tabacos e Fazendas brancas

— DE —

João Antonio Rodrigues

(SUCESSORES)

Montemór-o-Velho

Nesta casa se encontra um completo sortido em assucar, chá, café, manteiga nacional e ingleza, biscoitos, bolachas, massas, bacalhau, genebra e vinhos do Porto.

Ferragens, prego de arame e de ferro, panelas de ferro, rastilho, chumbo em barra e para caça.

Fosforos e Tabacos, por atacado. Tambem vende pelos preços de Lisboa, farinha de trigo, cimento Portland, vidraça, telha de vidro e velas de cera.

Preços resumidos

Luiz Maria Lopes & Breião

Negociantes de sal e vinhos, em vagons, para diversos pontos do paiz

12-R. Fernandes Tomaz — 14
9—Rua da Republica — 11
Telefone n.º 205.

FIGUEIRA DA FOZ

Companhia de Seguros Fidelidade

Séde: Largo do Corpo Santo, 13 — 1.º

LISBOA

Capital emitido	1.344.000\$00
Capital desembolsado	67.200\$00
Reservas	733.702\$07,5
Prejuizos pagos	4.497.355\$11

Efectua seguros maritimos e terrestres na séde e nas correspondencias.

Companhia de Seguros A Lusitana

Sociedade Anonima
de Responsabilidade Limitada

Capital 500.000\$00 escudos

Seguros de vida, contra incendios maritimos, terrestres, agricolas, cristais, postais e de accidentes de trabalho.

AGENTE na Figueira da Foz
Antonio d'Oliveira Guerra
RUA DA REPUBLICA, 84

HOSPEDARIA SILVA

Junto á Estação do Caminho de Ferro

PAMPILHOSA DO BOTAO

Esta hospedaria, situada em frente á estação do caminho de ferro, oferece aos ex.ºs passageiros todas as comodidades, tendo bons quartos.

Serviço esmerado e bom tratamento.

DOMINGOS RODRIGUES DA SILVA

Mercearia, Vinhos e Tabacos. Especialidade em café.

PREÇOS COMODOS

Comissões e consignações

Depósito das afamadas águas de Luso.

Portugal Preidente

COMPANHIA DE SEGUROS

Sociedade Anonima — Responsabilidade Limitada

Capital UM MILHÃO de Escudos

SÉDE — RUA DO ALECRIM, 10 — LISBOA

N.º Telef. — 1849

End. Teleg. — VIDA

Seguros contra incendios de predios, fabricas, etc.
Seguros de estabelecimentos e mobiliarios.
Seguros agricolas de ceáras, eiras, palhas, arvoredos, etc.
Seguros de maquinas e utensilios de laboura.
Seguros contra incendio proveniente de greves e tumultos.
Seguros de transportes maritimos e postais.
Seguros contra roubo de habitações e estabelecimentos.
Seguros contra fraude de empregados.
Seguros contra a quebra de cristais.
Seguros de vida, pensões, dotes e reformas.
Seguros contra acidente de trabalho.

Agencias em todas as terras importantes do paiz, ilhas e colonias.

Sucursal no PORTO — Rua Passos Manuel, 21.

BANQUEIROS — Borges & Irmão — Porto e Lisboa



O DEVER

Semanario defensor da união da familia Portuguesa

Pátria e Humanidade

Director, Proprietário e Administrador — Almeida Junior

Redactor Principal
Virgilio Marques

Secretario da Redacção e Editor
Abel M. de Melo Brandão
Red. e Adm. — R. Dr. José Galvão — Montemor-o-Velho
Direcção-LISBOA-Hotel Porto, R. do Amparo, 12
TELEFONE 364

(para onde deve ir a correspondência)

Não se restituem originais, embora não se publiquem

Composição e Impressão — Tip. Silva (a vapor)
AVEIRO



A CARESTIA DA VIDA

A carestia da vida é um facto que em Portugal nos tem trazido seriamente preenvidos, não se sabendo como será o dia de amanhã.

Todos os que mouejam dia a dia, com o fito unico de angariarem os necessarios meios de subsistencia, se queixam amargamente da conjuntura presente, que se nos divisa cheia de horrores para a nossa nacionalidade.

O grande conflito europeu, que traz envolvidos na luta sangrenta milhares de braços, que tão necessários eram ao arroteamento do solo desta abençoada Europa e que as malditas hostes do kaiser impeliram para a grande carnificina, tem servido — é um facto — de pretexto para o encarecimento da vida portuguesa.

No meio desta grande barafunda, que é a situação calamitosa com que nos defrontamos, quantos vis exploradores enriquecem à custa das nossas algibeiras, apresentando, como argumento, falho de logica e de razão, que é a guerra o motivo de fazerem as suas transações com uma careza que nos põe os cabelos em pé?

De acordo que a conflagração tenha criado dificuldades ao comercio e à industria, mas não tantas, que seja preciso vender, quasi pelo dobro, diferentes produtos e artigos de primeira necessidade.

Ha ganancia que é preciso combater, dão a quem doer. Ha queixames que devem ser ouvidos e ponderados, pois partem de milhares de infelizes para quem a vida é um pesadissimo fardo.

A situação económica, que se nos depara ha um certo tempo a esta parte, deixa de ser má para ser simplesmente horrivel. E' preciso evitar excessos, como os que sucederam na capital, na noite de 29 de janeiro findo, pois, como se sabe, as crises de subsistencias são muito serias e delas resultam sempre os mais lamentaveis factos.

Uma medida de verdadeira representação figura-se-nos indispensavel para conter em respeito os gananciosos que, a pretexto da grande guerra, sugam milhares de infelizes, cujos estomagos não podem estar sujeitos ás contingências da fome!

Constantino Gomes Tome.

Por Verride

Verride é uma das terras do nosso concelho que mais procura engrandecer-se, mercê dum povo generoso e bom a quem se deve orgulhar de ter servido de berço.

Ligam-nos ás suas tradições históricas fortes laços de simpatia, e o Dever não poderá deixar jamais de estar incondicionalmente ao lado da defesa dos seus interesses.

Assim, no passado domingo, lá fomos assistir a uma reunião da assembleia geral da sociedade de I. M. Preparatoria, e na qual se tratou do

caso da constituição, da Abrunheira, em freguesia, conforme projeto de lei apresentado ao Parlamento e inserto no *Diário do Governo* n.º 98, de abril de 1914, e renovado no dia 21 do mez passado, pelo senador democrático snr. dr. Daniel Rodrigues.

Sobre o caso falou largamente o nosso director, que, defendendo os direitos de Abrunheira, fez ver a conveniencia daquela povoação se autonomizar sem ferir os legítimos interesses de Verride e respeitando os de Reveles, duas paroquias ás quais se pretende arrancar algumas povoações, como Presalves e Carril.

Também o snr. dr. Gaspar de Lemos, um ilustre portuguez, homem de bem dum só fé e dum só carácter, defendeu as ideias do snr. Almeida Junior, com as quais concordou absolutamente.

Com efeito, Abrunheira tem todo o direito de constituir-se em freguesia. Mas não deve nem é seu propósito, estamos disso convencidos, levar os povos confinantes.

A reunião esteve muito concorrida, e os oradores foram largamente felicitados.

Saudando o povo verridense, não nos esquecemos da felicitar a Abrunheira pelo seu gesto de patriotismo procurando progredir e emancipar-se.

Discutindo...

(CONCLUSÃO)

Se no principio da guerra havia admiradores da Alemanha, hoje essa corrente tornou-se muitíssimo maior. Culpa de quem? Das falsidades de que vivem os aliados, dos embustes dos grandes órgãos do jornalismo (verdadeiros contos do vigário) e principalmente dessa campanha do «preparam-se e marchem».

Portugal não irá, felizmente, para a guerra, porque se tal crime se praticasse, crime sem nome e sem perdão, o povo, o verdadeiro povo, aquele que trabalha e que produz, que rega esta terra bendita com o suor do seu rosto e que a trata e a acarinha com os maiores desvelos, o povo — não confundamos com a Rua que tudo desorienta — havia de fazer sentir aos que o mandassem, que era necessário partir na frente, para dar exemplo do heroísmo de que eles tanto falam, para dar coragem, para dar estímulo.

E é preciso que não vamos; eles são cobardes, não têm aquela força que dá a verdadeira, a leal convicção, não possuem aquela firmeza, aquela fé que só tem quem tem um Ideal, não têm o amor da Pátria nos corações enregelados; move-os sómente o interesse, o vil interesse dum simples consolidação dum regimen, que deu provas suficientes da sua incapacidade administrativa, e que estava a acertar, não para um povo civilizado e bom, mas para uma terra de puros e de barbares (não confunda com os

teutonicos), lá para os sertões da África, ou para as tribus de Marrocos.

V. ex.^a vai-me responder brilhantemente e com talento, eu bem o sei, vai-me talvez meter num bolso, como se diz em linguagem popular; embora; tenho o costume de afirmar publicamente tudo aquilo que penso, sem medo e sem receios.

A minha consciencia está plenamente tranquila, e espera com a mesma impasividade a resposta que v. ex.^a certamente me dará a este arrazoado, em nada brilhante, mas em tudo sincero.

Hoje, como hontem, continuarei a pensar como Ernest Renan, no seu livro *La réforme intellectuelle et morale*: «On n'est pas obligé de réussir, on n'est pas obligé de faire concurrence aux procédés que se permet l'ambition vulgaire; on est obligé d'être sincère».

Seu admirador

Eduardo Passos.

Páginas soltas

Aniversario do «Dever»

... a Imprensa,
mãe da liberdade,
que ampara o genio em seu trabalho acerbo,
e abarca as éras em sua esfera imensa,
prendendo idade a idade.

Tomas Ribeiro.

O Dever entrou num novo ano de existencia. Sinal de que quer viver...

Ler jornais é nos tempos hodiernos, mais que um habito, uma necessidade grande. O que é preciso é que o jornalismo seja á altura de profICIENTEMENTE satisfazer essa necessidade do espírito.

O jornalismo é um sacerdócio e o jornal uma arma perigosa ou um facho de luz. Tanto pode guiar para o bem como dirigir para o abismo; tanto pode contribuir para elevar o nível moral dum povo como para encaminhá-lo para a perversão. E' por isso que o jornalista deve ser conscientioso e que deve ter por guia a Verdade e por norma o bem-publico.

Mas se é uma profissão nobre, é um árduo mister. Impende-lhe o sacrifício como a todo o sacerdocio.

As palavras dos que escrevem ha quem as desvirtúa; as suas intenções nem sempre são compreendidas e apreciadas. E a Crítica — a Crítica nunca pôde ser verdadeira e principalmente num país onde toda a gente que sabe pegar numa pena já é crítico! — vai muitas vezes fazer irritar os ânimos mais serenos, ou entubiar os mais corajosos.

A imprensa periódica, mercê de várias causas, tem desvirtuado muita a sua missão a ponto de trivialmente se ouvir: «Não me fio no que dizem jornais».

Todavia, lá pela província fôra,

muita gente acredita como verdade inconsciente tudo quanto as páginas dum jornal digam. Recorda-me de por lá ter ouvido: «Até já salu nos periodicos!...»

E' por isso que o jornal devia ser uma escola do povo; sobretudo os semanários provincianos, como o Dever.

Este jornal tem um léma nobilitante; que sempre, de facto, por él se norteie.

Da minha colaboração nas colunas do Dever no decorrer dos seus quatro anos de existencia, parece-me que não tenho de que penitenciar-me de que ela não fosse sempre inspirada no anseio de trabalhar pelo bem da Pátria e da Humanidade.

... O jornalismo começou em Portugal depois da revolução de 1640. O primeiro número da *Gazeta* apareceu em novembro de 1641.

Parece que o nome de «gazeta» que vulgarmente se dá aos jornais, derivou do nome da moeda veneziana que era o custo de cada periódico; — e fôra em Veneza que apareceram as primeiras publicações periódicas.

Desde então para cá que progressos teem sido feitos na arte de Guttemberg!

Louvor

... à Imprensa,
mãe da liberdade,
que ampara o genio em seu trabalho acerbo...

29-2-1916.

Aurea Judit Amaral.

Carta de Coimbra

28-2-916

Realizou-se este ano com extraordinário brilho, a Festa Nacional da Arvore

A alma angélica da infancia, mais uma vez vibrou num acorde unisono e eloquente, prestando culto á mãe ubérrima de doçuras e encantos, ao manancial inexaurível de parasidicas scintilações de Paz — a Natureza.

Os seus olhos rutilantes de Esperança ergueram-se, num extasis intuspívito, a arvore; os seus joelhos dobraram-se religiosamente perante ela, não por ela representar a encarnação de um Deus, mas porque simboliza a imagem do Belo!

Avante, pois, crianças, pelo que é útil e bom, avante pela glória da Patria!

— Está a chegar o Carnaval. Um pouco chuvoso, mas divertido. Os anos passam, a humanidade mata-se e ele sempre rijo. Nenhuma doença o ataca, nenhuma enfermidade o prostra. Porquê?

Porque a humanidade é sempre folgazá, ainda que a dó a dilacere, a guerra a esmague, ou um *kaiser* apaça herculeo e fulminante e a faça morder o pó ensanguentado das campinas verdejantes.

M.

A festa da Arvore na Ereira

A distinta professora snr.^a D. Estela de Oliveira Costa, teve, no domingo, a sua justa consagração, no vizinho lugar da Ereira, onde é carinhosa educadora.

Com efeito, a festa da arvore que a ilustre senhora ali promoveu, resultou dum brilhantismo pouco vulgar, mercê do seu talento e da sua grande força de vontade. Foram 18 as crianças que recitaram poesias aluzivas ao acto, e entusiasmadas com uma «splendidíssima harmonia de vozes, a «Portugueza» e a «Maria da Fonte», hinos do povo e para o povo preparados.

Assistiu a filarmónica do lugar, que deu á festa grande realce, começando por um discurso brilhantíssimo proferido pela snr.^a D. Estela, que soube imprimir-lhe sentimento e arte. Referindo-se á arvore sob o ponto de vista histórico, estético, patriótico e humano, ela descreveu-a como companheira do homem e como seu precioso auxiliar na vida. Usou depois da palavra o nosso director, que soube, como sempre, falar á alma do povo, fazendo a apologia da confraternização social e demonstrando o alto significado de festas desta natureza.

Saudou as criancinhas e teem um merecido elogio á distintíssima professora, á sua dedicação pelos seus alunos e pelo seu povo. Foram ambos imensamente aplaudidos.

No fim, a snr.^a D. Estela ofereceu, em sua casa, um jantar a algumas pessoas mais gradas das suas relações, indo a sua gentileza até ao ponto de convidar o nosso director.

Muito povo de Verride e outras povoações circunvizinhas ali afluui, pena tendo sido que o tempo não auxiliasse.

Dentre a numerosíssima assistência lembra-nos ter visto os nossos amigos Ernesto da Costa Coelho e sua ex.^a esposa, da Abrunheira; a bondosa professora de Buarcos e seu marido e outras pessoas cujos nomes nos não ocorrem.

Falta-nos o espaço para mais desenvolvermos a encantadora festa, que foi uma das melhores a que na província temos assistido.

Em Gatões.—Deve realizar-se no dia 12 do corrente, nessa povoação, a festa da arvore, para o que átivamente estão trabalhan-

do os respetivos professores. Daremos mais notícias.

Cartas duma infeliz

Meu caro Leopoldo

Tenho estado muito doente. Nunca, como agora, a saudade me torturou tanto! Lembro-me de minha mãe, daquela pobre velhinha de cabelos brancos que tanto me quer, e de todos os que mais queridos me são.

Continuo isolada, agora mais do que nunca, e como nunca sem desejo de destraír-me. Prometeste, Leopoldo, vir-me logo que te fosse possível, trazendo tua irmã, que eu tanto desejo abraçar, e ainda não aparecesceste.

Não sei que ha de ser de mim, meu amigo. Já não sei o que são sorrisos nem carinhos de família. Tudo me abandonou. Falta só que me abandonem também as flores do meu jardim, estas violetas que são todo o meu encanto e que ornam deliciosamente as paredes do meu quarto de dormir, onde eu sonho e onde eu choro.

Adeus. Hoje escrevo pouco, porque a mão treme-me e o coração advinha-me horrores que se aproximam da

Tua sempre
IRENE.

Pela sociedade

Acaba de tomar posse do lugar de professora no quadro privativo do Porto, a ex.^a snr.^a D. Aurea Judit Amaral, nossa distinta colaboradora, pelo que a felicitamos sinceramente.

— Tem passado bastante incomodidade de saúde, a distinta professora da escola móvel de S. Pedro de Azambuja.

Desejamos-lhe pronto restabelecimento.

— Acompanhado de sua ex.^a esposa e gentil filha, esteve na capital o nosso amigo e presado assinante da Figueira da Foz, snr. Manuel d'Oliveira Junior, que acaba de adquirir um automóvel da melhor marca.

— Fez anos no passado dia 27, o nosso amigo Manzel d'Almeida Junior, irmão do nosso querido director, e proprietário do conceituado Hotel Porto, na capital.

As nossas felicitações.

— Deu-nos o prazer da sua visita, o nosso amigo Aurelio Bizarro, distinto aluno do 3.^º ano do Instituto Superior de Agronomia.

— Tem passado levemente incomodado de saúde o nosso querido amigo Virgilio Marques, redactor-principal do nosso jornal.

Desejamos-lhe rápidas melhorias.

— Fez anos no passado dia 25 a gentil aluna da Escola Normal de Lisboa, snr.^a D. Zaira d'Almeida.

Os nossos parabéns, embora tardios.

Interesses de Verride

Por ter chegado tarde a esta redacção, no próximo número daremos publicidade ao extrato dum a sessão realizada na sede da I. M. Preparatória, em Verride, no dia 27 de fevereiro, e a que noutro lugar resumidamente nos referimos.

Que os nossos presados assinantes daquela localidade nos desculpem.

A VOZ DOS PROFESSORES

Uma iniciativa de valor.— O Professorado dos diferentes graus de ensino, do Norte, vai fundar uma Cooperativa de crédito e consumo.

Da imprensa diária do Porto recordamos a seguinte notícia:

«Por iniciativa da Associação dos Professores dos Liceus do Norte, e a convite da sua Direcção, reuniram, no salão da Escola Infantil n.^º 1, em grande número, professores tanto oficiais como particulares, dos diferentes graus de ensino, com o fim de organizar uma Cooperativa, destinada a minorar as dificuldades resultantes da carestia da vida.

Exposto o fim da reunião pelo professor Basílio de Vasconcelos (do liceu Alexandre Herculano) foi proposto para a presidência o professor snr. J. C. Oliveira Ramos, que convidou para o secretariado a professora primaria D. Aurea Amaral e o professor de ensino livre, snr. Casanova Pinto.

Tomou-se nota da adesão de vários professores que não puderam comparecer, entre elas as dos srs. dr. Santos Silva, dr. Andrade Vilares, dr. Silva Dias, dr. Ferreira Pinto, Barboza Gama, Moreira de Sá, etc.

Nomeou-se uma comissão destinada a elaborar os estatutos e a proceder á instalação da Cooperativa, — comissão que ficou constituída pelos professores srs. João Simões Figueirinha, Abilio Barreiro, João Ferreira Guedes, Abel Loff, D. Aurea Amaral, José Pinto de Queirós Magalhães, António Abreu Graça, Francisco Cardoso Junior, José J. Ribeiro Barbosa, Padre Cândido Abilio de Almeida Gomes, Augusto Cesar Pires de Lima e José Monteiro.

Na reunião emitiu-se o voto de que esta sessão fosse o inicio dum aproximação mais íntima entre o professorado, nos seus diferentes graus, podendo a futura Federação ser instalada numa casa comum. Tomaram parte na discussão, além da mesa, os professores Abel Loff, Humberto Beça, Abreu Graça, etc.

A estas informações temos a acrescentar que os trabalhos de organiza-

ção da Cooperativa vão muito adiantados. A comissão reuniu várias vezes, tendo já os estatutos elaborados que muito em breve apresentará, à discussão, em assembleia geral.

Tem sido muito avultado o número das inscrições de sócios. As primeiras listas foram cobertas logo com cerca de trezentas assinaturas; de Coimbra vieram também adesões.

Oportunamente *O Dever* publicará o plano geral dos estatutos.

Vereador ou quê?

Do snr. Chefe da Secretaria da Câmara de Montemor-o-Velho, recebemos a seguinte carta:

Snr. Director do *Dever*:

Peço a v. se digna declarar no seu conceituado semanário *O Dever*, se as informações sobre cousas da Câmara Municipal, incluídas as que se referem ao snr. vereador J. A. Monteiro da Costa, são ou não fornecidas ou prestadas por mim.

Montemor-o-Velho, 27 de Fevereiro de 1916.

O Chefe da Secretaria da Câmara Municipal,

Antonio Peixoto da Silva.

N. da R.—Publicando a carta do snr. Peixoto da Silva, cumpremos dizer que, as informações publicadas na nossa local passada e que nos merecem todo o crédito, não são da autoria deste ilustre senhor.

Ficamos pois assentes nisto.

Secção de charadas

AUXILIAR

- 1.^a + el = homem
- 2.^a + pa = arbusto
- 3.^a + ma = instrumento
- 4.^a + va = planicie

Nome de mulher

NOVISSIMA

*Ao meu amigo e distinto correspondente d'*O Dever*', snr. J. N. C.*

A industria enche de sofrimento quem a exerce.—2, 1.

MASSADA GEOGRAFICA

Formar o nome duma terra portuguesa com as letras das palavras seguintes:

MORHO VENERO TOM

Abrunheira.

Liz.

* *

Decifração do numero anterior:

Combinada—Maria da Silva Dias.

Decifrou a snr.^a D. Branca Castanheira, desta vila.

viajar. Fujam sempre das trocas cambiais em viagem...

O comboio avançava agora, por uma estreita garganta, sinuosa, formada por montes despidos e tristes, como é toda esta região. No nosso compartimento apenas os companheiros-irmãos.

Silenciosos e tristes, talvez efeitos da região que atravessavam, apenas se ouvia o *paf... paf... paf... paf...* da máquina e o rodar das carruagens nos raios.

Veio interromper esta monotonia, uns parceiros duma carruagem vizinha, que batendo numa lata e nos bancos do compartimento, cantavam uma música hespânola, mais monotonâa ainda, a que dão o nome de *chula*.

Ao princípio, despertou-me um pouco; mas depressa me aborreceu, ao ponto de me irritar.

Felizmente para nós, o comboio apitava e davamos entrada em Fragedena.

(Continua).

(7) **FOLHETIM**

NA FRANÇA

POR
VIRGILIO MARQUES

PRIMEIRA PARTE

O que eu vi e ouvi

II

Era bem sobre aquelas rochas alcantiladas e tristes, que o Poeta da *Morte de D. João* escrevera a sua mais bela elegia, e recordava-me com prazer infinito dos seus versos da «Introdução».

Depois, maquinalmente, repetia-os em voz alta:

*Eu era mudo e só na rocha de granito
Por sobre a minha fronte a sombra do infinito.
Em volta a solidão...*

Agora mais do que nunca, eu compre-
endera o Poeta. Sim! Quem ali passou a

infância e ali viveu tinha forçosamente que produzir essa monumental obra.

E enquanto o comboio foi por largo tempo marginando o rio eu não perdia de vista a casinha, lusente como uma estrela, respondendo por toda a Sua Obra.

Finalmente chegamos a Barca d'Alva, ultima estação portuguesa, e talvez por isso, os portugueses que aí habitam, estarem influenciados pelo meio barbaro e gâncioso sem escrúpulos do país vizinho.

Tinhamos prometido a nós próprios, que se alguma coisa escrevessemos um dia lhe fariamos a justiça devida. Chegou a ocasião, e começaremos por relatar os factos.

Na estação de Campanhã, ou porque as ordens fossem apertadas, relativamente à venda de bilhetes para França, ou porque a amabilidade que caracteriza muitos empregados públicos portugueses, fosse excessiva... não nos quizeram vender bilhetes directos mas só até a esta ultima estação.

Chegados aqui, fomos imediatamente ter com sua *excellencia* o chefe, que com

modos bruscos, para amaciá-la frase (na minha terra chamam-lhe de galegos) fez o favor de nos vender bilhetes até à ultima estação hespânola: Yrun.

Mas aonde não pude calar a minha revolta íntima, foi no cambio da moeda.

Exigindo que se pagasse em dinheiro português ou hespânhol, e dado o caso de pouco deste dinheiro levarmos, visto o nosso fraco espólio ser em moeda francesa, fez um assalto em forma á nossa bolsa!

Mas de nada nos valia protestar. A capital ficava cá tão longe, e numa terra de

minima importância como esta, valia-se da situação dizendo: **se quer quer, se não não!**

O comboio tinha chegado atrasado, como, segundo nos informaram, quasi sempre acontece. Não havia tempo a perder. E vimo-nos na dura necessidade de aceitarmos a proposta deste *senhor...* Pena temos nós de não lhe saber o nome, porque havíamos de o escrever aqui, para firmar esta consagração...

Chegados aqui, fomos imediatamente ter com sua *excellencia* o chefe, que com

modos bruscos, para amaciá-la frase (na minha terra chamam-lhe de galegos) fez o favor de nos vender bilhetes até à ultima estação hespânola: Yrun.

Mas aonde não pude calar a minha revolta íntima, foi no cambio da moeda.

Exigindo que se pagasse em dinheiro português ou hespânhol, e dado o caso de pouco

deste dinheiro levarmos, visto o nosso fraco espólio ser em moeda francesa, fez um assalto em forma á nossa bolsa!

Mas de nada nos valia protestar. A capital ficava cá tão longe, e numa terra de

minima importância como esta, valia-se da situação dizendo: **se quer quer, se não não!**

O comboio tinha chegado atrasado, como, segundo nos informaram, quasi sempre

Poetas e Prosadôres

ALTA NOITE

Aos contemporâneos: Dr. Paulo de Sá e Fernandes Martins, autores do fado *Saudades*.

Minha mãe sou desgraçado!...
Ninguém tenha dó de mim.
Nasci p'ra andar neste fado...
Que presinto ter mau fim!

Ai das mães que têm filhos!
Não queiras tê-los Maria
Sofríveis e eles também
E' o pão de cada dia.

A minha capa velhinha
E' como o meu coração!
Está só preso por um fio...
Espera só pelo caixão!...

Todas as noites creança
Vem dizer-me o que não sentes...
Pois lei-o nesses teus olhos
Que quando falas me mentes!

Pelo muito que amou
Também Jesus padeceu!
Que m'importa pois sofrer
Sendo tu Anjo do Ceu ..

Eu tive quando nasci
Por penitência bem dura,
Andar toda a minha vida
Pela estrada d'Amargura.

Coimbra - Maio - 1913.

VIRGILIO MARQUES.

Carta da Abrunheira

29 - 2 - 916.

No vapor do próximo dia 10, parte para Lourenço Marques, acompanhado de sua ex-ma espousa, o snr. Joaquim Jorge da Silva.

Desejamos-lhes feliz viagem.

Foi pedida em casamento pelo snr. Joaquim de Sousa Carvalho, para o snr. Jorge da Cruz Vieira, professor oficial nesta localidade, a ex-ma snr. D. Anastacia Xavier Brites da Cunha H. Ramalho, gentil dama de Traz-os-Montes e filha dum importante proprietário daquele província.

O nosso amigo e distinto sponente abrunheirense, snr. Ernesto da Costa Coelho, vai aqui organizar um grupo de escoteiros. Oxalá o nosso amigo não esmoreça no tão simpático quanto espinhoso empreendimento.

Teve a sua délivrance a esposa do snr. João Bátista da Costa.

Como comissários dum importante casa estrangeira, vão percorrer as variadas regiões vinícolas do país, em propaganda, os snrs. Joaquim de Goes Nobre e Alfredo Simões Graça.

O carnaval promete ser divertido. Já estão marcados dois bailes de costumes, para os próximos sábado e segunda-feira, na Sociedade 1.º de Maio.

Encontra-se bastante doente o snr. José Pais Junior, agente da importante casa Singer.

N.

CONTO LIGEIRO

(A meu padrinho Domingos Rodrigues da Silva).

Através das vidraças, que a chuva fustigava impiedosamente, distinguia-se o vulto débil dumha mulher, que, ajoelhada ante uma pequena imagem da virgem, orava com fervor.

Lágrimas de angústia, semelhando perolas, rolavam-lhe pelas faces de rosa emorhecida.

Não era o cativeiro a causa do seu pranto, mas, quem visse quanta anciadade, quanta devoção, transparecia no olhar que dirigia à pequena imagem, de-

Absorto como estava em criminosos pensamentos, não viu que, pouco depois, eram dois os vultos que, com as mesmas cautelas, escalavam o muro da quinta, para se embrenharem no bosque, onde, a não ser o gorgorio alegre alguma aveia, ou o zumbido de abelha que ali fosse liberar o mel das flores, nada via surpreendentes nos doces enleios de amor em que se encontravam.

A noite vinha descendo, já arrastando o seu manto de breu. O vento soprava fortemente, e os dois amantes, extraídos a tudo que os rodeava, pareciam ouvir entoar um doce canto de ventura...

Lisboa, 1916.

Domingos Pires.

Rectificando

No artigo do nosso colaborador, Pompeu Faria de Castro, do n.º passado, onde se lê «atitudes», deve ler-se ótites.

Também o seu nome saiu por engano como sendo Farinha. Que desculpe.

Toda a correspondência relativa ao «DEVER», deverá ser enviada ao director, para o Hotel Porto, Rua do Amparo, 12 - Lisboa.

ANUNCIOS

No Juizo de Direito da comarca de Montemór-o-Velho e pelo cartório do escrivão do segundo ofício, correm editos de 30 dias, contados da segunda publicação deste anúncio no *Diário do Governo*, citando o executado Leonardo Francisco Lage, solteiro, maior, serrador, das Faiscas, freguesia de Arazéde, desta comarca, mas ausente em parte incerta nos Estados Unidos do Brasil, para no prazo de 10 dias, a contar passados que sejam oito dias depois de findo o prazo dos editos, pagar no cartório do escrivão que este subscreve, a quantia de 97\$35,5 em que foi condenado na ação de investigação de paternidade ilegítima que lhe moveu sua filha Maria de Nazaré de Jesus, solteira, das Faiscas, ou nomear á penhora, no mesmo prazo, bens suficientes para tal pagamento sob pena dessa nomeação ser devolvida ao exequente, o Digno Agente do Ministério Público nesta comarca e a execução seguir seus termos até final com custas e selos acrescidos.

Montemór-o-Velho, 17 de fevereiro de 1916.

O escrivão,
João Paes da Cunha Mamede

Verifiquei a exactidão.

O Juiz de Direito,
Amaral Pereira.

Venda de carros

Vendem-se dois Brechs, sendo um grande com tejadilho em bom estado e outro pequeno, sem tejadilho, novo, e um caleche e alguns arreios.

Quem pretender dirija-se a Bernardo Gonçalves Ferreira ou a Júlio Pessoa Leitão, de Montemór-o-Velho.

Editos de 6 meses

(2.ª publicação)

No Juizo de Direito da comarca de Montemór-o-Velho e pelo cartório do escrivão do segundo ofício, na ação requerida por Maria de Nazaré de Jesus, solteira, maior, domestica, do lugar das Faiscas, freguesia de Arazéde, em que ela pede a entrega dos bens de seu pai Leonardo Francisco Lage, solteiro, maior, serrador, do dito lugar das Faiscas, mas ausente há aproximadamente trinta anos em parte incerta nos Estados Unidos do Brasil sem dêle haver notícias, correm editos de seis meses, contados da segunda publicação deste anúncio no *Diário do*

Governo, citando o dito auente Leonardo Francisco Lage, e de 60 dias so interessados incertos, para na segunda audiência deste Juizo a contar decorridos que sejam oito dias depois de findo o prazo dos editos, verem acusar-lhes esta citação e marcar-se-lhes três audiências para a contestação.

As audiências neste Juizo têm lugar todas as segundas e quintas-feiras, não sendo estes dias feriados, porque neste caso têm lugar nos dias imediatos, sendo estes uteis, e sempre por dez horas, no Tribunal Judicial de Montemór-o-Velho, sito nos Paços do Concelho na Praça da República.

Montemór-o-Velho, 17 de fevereiro de 1916.

O escrivão,

João Paes da Cunha Mamede

Verifiquei a exactidão:

O Juiz de Direito,

Amaral Pereira.

No Juizo de Direito da comarca de Montemór-o-Velho, cartório do terceiro ofício, pendem uns autos de petição para prestação de contas da administração de bens em que é requerente José Augusto Patrício, viúvo, proprietário, atualmente ausente no Brasil e requeridos José Guardado e mulher Maria do Carmo Patrício, residentes que foram no lugar da Abrunheira e, como consta da certidão passada pelo respectivo oficial, que estes requeridos se ausentaram para parte incerta, se passaram os competentes editais e anúncios e pelos quais são citados os mesmos requeridos para na segunda audiência posterior ao prazo de 38 dias que começaram a contar-se da última publicação deste anúncio no *Diário do Governo*, verem acusar-lhes esta citação, receberem o competente duplicado e seguirem-se os demais termos sob pena de revélia.

As audiências do Juiz de Direito desta comarca tem lugar às segundas e quintas-feiras, sendo dias uteis, porque não sendo se observam as formalidades legais, no tribunal judicial situado no edifício dos Paços do Concelho desta vila.

Montemór-o-Velho, 21 de fevereiro de 1916.

O escrivão,

José de Paiva Bobela Mota

Verifiquei a exactidão:

O Juiz de Direito,

Amaral Pereira.

No Juizo de Direito da comarca de Montemór-o-Velho e pelo cartório do escrivão do 2.º ofício, correm editos de 30 dias, contados da 2.ª publicação deste anúncio no *Diário do Governo*, citando os interessados Manuel Maricato, casado, do Tojeiro, e Joaquim Pavalhão, casado, da Carzelha, mas ausentes em parte incerta nos Estados Unidos do Brasil, para assistirem a todos os termos até final do inventário orfanológico a que neste Juizo se procede por óbito de sua tia Maria Marques, viúva, moradora que foi no lugar dos Pelicanos, desta comarca e no qual é cabeça de casal Ana Marques, irmã do inventariado, do mesmo lugar.

Montemór-o-Velho, 21 de Fevereiro de 1916.

O Escrivão,

João Paes da Cunha Mamede

Verifiquei a exactidão:

O Juiz de Direito,

Amaral Pereira.

Antonio Pereira de Carvalho

Proprietario dos Grandes Armazens
de Bicicletas, Maquinas de Cos-
tura, Pianos e toda a quali-
dade de acessorios.

A maior e mais antiga casa no genero

Oficina para todos os concer-
tos, afinações e reparações em
bicicletas, motocicletas e maqui-
nas de costura.

Artista mecanico habilitado.
Vendas, alugueis e trocas.

Preços sem competencia

34—Avenida Navarro—36

(Estrada da Beira)—COIMBRA

GRATIFICA-SE BEM

a quem dê informações de que re-
sulte a condenação por fraudes
praticadas com prejuízo dos exclu-
sivos de fosfatos e isca (e dos in-
teresses do Estado, da Companhia concessionária e do comercio legítimos
accededores, algodão ou qualquer outra matéria apresentada de forma e
servir de isca, fabricação ou venda de chita com preparo inflamável, isca
em cordão vendida fraudulentamente a título de cordão de sacos, etc., re-
servando-se a Companhia concessionária intentar a respectiva ação civil
de perdas e danos contra os delinquentes, independentemente da multa a
Estado nos termos da legislação em vigor. Gratifica-se generosamente
guardando-se a maior discreção. A Companhia logo que receba informaçõe
fidedignas enviará a qualquer ponto do paiz agentes da fiscalização para
procederem ás necessárias diligências. Dirigir-se pessoalmente ou por car-
a Companhia Portuguesa de Fosfatos, 139, rua de S. Julião, Lisboa.

ADUBOS MELO & MARTINS PAMPILHOSA DO BOTÃO

Fabricantes dos bons adubos compostos da marca registada
PEIXE

Chamamos a atenção dos snrs. agricultores para fazerem uma experien-
cia dos nossos adubos, devido ao seu magnifico resultado os adoptarão de
preferencia a qualquer outro.

AZEITE

Para revenda e em grandes quantidades, vendemos de excelente qualidade.

Alugam-se Automoveis

MELO & MARTINS
Pampilhosa do Botão

A FUNERARIA EM PEDRA

— DE —

FRANCISCO A. DOS SANTOS, FILHO

RUA DIREITA, 139 a 149

COIMBRA

Esta oficina encarrega-se de todo o trabalho de jazi-
gos, mausoleus, campas, cantarias e ornamentações, tan-
to em calcareo como em marmore, a qual tem desenhos
de jazigos, para escolher, em estilos antigos e em ARTE
MODERNA.

Tem deposito de bancas de cosinha e mausoleus em
lousa preta.

Encarrega-se tambem de fazer esculturas, bustos em
pedra, barro, gesso, etc.

Toma conta de qualquer trabalho fóra de Coimbra

ANTIGO ESTABELECIMENTO

— DE —

Mercearia, Tabacos e Fazendas brancas

— DE —

João Antonio Rodrigues

(SUCESSORES)

Montemór-o-Velho

Nesta casa se encontra um completo sortido em assucar,
chá, café, manteiga nacional e ingleza, biscoitos, bolachas, mas-
sas, bacalhau, genebra e vinhos do Porto.

Ferragens, prego de arame e de ferro, panelas de ferro, ras-
tilho, chumbo em barra e para caça.

Fosfatos e Tabacos, por atacado. Tambem vende pelos pre-
ços de Lisboa, farinha de trigo, cimento Portland, vidraça, telha
de vidro e velas de cera.

Preços resumidos

Luiz Maria Lopes & Bretão

Negociantes de sal e vinhos,
em vagons,
para diversos pontos do paiz

12—R. Fernandes Tomaz—14
9—Rua da Republica—11
Telefone n.º 205.

FIGUEIRA DA FOZ

Companhia de Seguros Fidelidade

Séde: Largo do Corpo Santo, 13—1.º

LISBOA

Capital emitido	1.344.000\$00
Capital desembolsado	67.200\$00
Reservas	733.702\$07,5
Prejuizos pagos	4.497.355\$11

Efectua seguros marítimos e terres-
tres na séde e nas correspondencias.

Companhia de Seguros A Lusitana

Sociedade Anonima
de Responsabilidade Limitada

Capital 500.000\$00 escudos

Seguros de vida, contra incen-
dios marítimos, terrestres,
agricolas, cristais, postais e de
acidentes de trabalho.

AGENTE na Figueira da Foz
Antonio d'Oliveira Guerra
RUA DA REPUBLICA, 84

HOSPEDARIA SILVA

Junto á Estação do Caminho de Ferro

PAMPILHOSA DO BOTAO

Esta hospedaria, situada em frente á estação do caminho de ferro, ofe-
rece aos ex.ºs passageiros todas as comodidades, tendo bons quartos.

Serviço esmerado e bom tratamento.

DOMINGOS RODRIGUES DA SILVA

Mercearia, Vinhos e Tabacos. Especialidade em café.

PREÇOS COMODOS

Comissões e consignações

Depósito das famosas aguas de Luso.

Portugal Previdente

COMPANHIA DE SEGUROS

Sociedade Anonima — Responsabilidade Limitada

Capital UM MILHÃO de Escudos

SÉDE — RUA DO ALECRIM, 10 — LISBOA
N.º Telef.—1849 End. Teleg.—VIDA

Seguros contra incendios de predios, fabricas, etc.
Seguros de estabelecimentos e mobiliarios.
Seguros agrícolas de ceáras, eiras, palhas, arvoredos, etc.
Seguros de máquinas e utensílios de lavora.
Seguros contra incendio proveniente de gréves e tumultos.
Seguros de transportes marítimos e postais.
Seguros contra roubo de habitações e estabelecimentos.
Seguros contra fraude de empregados.
Seguros contra quebra de cristais.
Seguros de vida, pensões, dotes e reformas.
Seguros contra acidente de trabalho.

Agencias em todas as terras importantes do paiz,
ilhas e colônias.

Sucursal no PORTO — Rua Passos Manuel, 21.

BANQUEIROS — Borges & Irmão — Porto e Lisboa

O DEVER

Semanario defensor da união da familia Portuguesa

Pátria e Humanidade

Director, Proprietario e Administrador—Almeida Junior

DESAFRONTA!

A hora dos nossos leitores lerem o nosso jornal, já a barbara Alemanha deve ter declarado guerra a Portugal.

Nunca, nesta ingrata missão jornalistica, nos sentimos tão satisfeitos, e a pena deslisou tão rapidamente como agora.

Sentimos já os sons metálicos do quebrar das alamedas, que, mercê da nossa pequenez e situação financeira pouco desafogada, nos vinharam manietando ha muito.

Logo que rebentou a Grande Guerra, Portugal, latino, irmão dilecto da França e aliado secular da Inglaterra, manifestou todo o seu sentimento de solidariedade pelas nações amigas, ao mesmo tempo que um arrepió de revolta pelo barbarismo teutônico, corria do Norte a Sul, do nosso Paiz. Desde os analabetos aos mais cultos, todos á uma, desejavam e desejam o aniquilamento dos boches.

E' que ainda estão bem vivas as afrontas que deles temos recebido.

Em 1904, roubaram-nos a baía de Kionga, sem podermos protestar, embora que, platonicamente.

Depois, ainda nos roubaram nas delimitações da nossa colónia de Moçambique com a África Alemã. E depois... nem eu sei mais...

A tudo isto assistimos, impavidos, calando intimamente a revolta, de que nos sentímos apossados. E o nosso povo, ordeiro e trabalhador, lá ia sofrendo de sol a sol, todas estas afrontas, todas estas ignominias.

Chegou a hora do ajuste de contas!

Não é deshonra, aproveitar esta ocasião. Peor e muito peor foi o seu procedimento, quando fiada na sua força nos vilipendiou.

Demais, fômos nós a provocá-la?

Não! O motivo da requisição dos seus navios, não era suficiente, pois que, o tratado luso-germanico no-lo permitia.

Guilherme II, como qualquer fadista ou varredor de feiras, com o genio do mal inato, não estava ainda sa-

tisfeito da sua horrorosa carnicina. Tinha ainda alguém a quem devia provocar. Esse alguém era Portugal.

Veio o massacre do forte Cuangar, em Naulila. Mas o governo dentão, com uma prodencia criminosa, limitou a sua accão unicamente á parte diplomática. O governo de Berlim, decerto, riu da nossa fraqueza, porque tudo ficou como dantes.

Finalmente definiu-se a situação.

Neste momento, sentimos os herois de Naulila reclamando vingança!

Esse gemidos veem até nós, num tom cavo, das profundezas da terra onde repousam, e falam-nos de Nuno Álvares Pereira, Vasco da Gama e outros.

Um arrepió feroz, percorre-nos a medula. Vemos tremer a nossa bandeira verde-vermelha, na proa dos navios. Na rua a multidão acusa Portugal e as Nações Aliadas. Os hinos patrióticos confundem-se.

As mães levam os filhos aos quarteis e ajudam-nos a equipar. Outras, velhinhas de cabelos côn de neve, contam-lhes o valor dos nossos antepassados.

Portugal renasce!

E' noite. Da nossa janela houvem-se ao longe aclamações constantes:

Viva Portugal!

Vivam as Nações Aliadas!

Virgilio Marques.

PORTUGAL E A GUERRA

E' provável que, á hora em que o nosso jornal andar em circulação, a guerra nos esteja já declarada.

Com efeito, era necessário que as situações se definissem perante o mundo, que esperava um nobre gesto de Portugal.

A nossa atitude não pôde ser outra senão a de beligerância. Reclamam-no a dignidade dum povo e o brilhantismo duma Historia, que é unica sob o ponto de vista patriótico, nas nações da Europa. Não vale a pena encobrir já questões por demais conhecidas. Temos sido afrontados, escarnecidos, e a Alemanha, julgando-nos um povo sem coragem nem pundonor, parece que tem querido atear o fogo com arremetidas inopportunas.

Tomámos-lhe os seus barcos, usando dum direito consignado nas leis internacionais, que não são ainda letira morta; as circunstâncias ocasionais da nossa vida económica impõem mais ainda. E o mundo culto, que espreita os nossos gestos, esperava da nossa parte nada menos do que o que

foi feito:—não voltar atrás após o que se passou.

Serão boas, serão más as consequências da rotura de relações? O futuro o dirá. A vida, assim havia probabilidades e deveres indeclináveis a cumprir, é que não se podia prolongar. Vamos para a guerra. Estamos em guerra. A surpresa não foi nenhuma, visto como a situação era o que era, e cada vez mais a nosso favor se tem acentuado.

Morreremos, muito embora, mas o sangue fecundante dos nossos irmãos saberá aureolar ainda mais a nossa glória.

A sombra duma bandeira gloriosa como a nossa, cheia de sacrifícios e de sofrimentos, não será demais mais um sacrifício. Talvez o ultimo, talvez o mais decisivo, porque, á medida que a civilização se acentua nos povos, mais eles vivem sequiosos d'autonomia e d'amor patrio. Ninguém poderá prever até onde irão os nossos interesses, mas todos constatam até onde chegou o nosso amor á honra.

A patria portuguesa é mais alguma coisa do que nos julga a Alemanha.

Nos nossos corações a fé abraça e tonifica. O coração da Patria pulsa frequentemente, tem vida, tem sangue generoso. E essa vida e esse sangue hão-de frutificar. Declaram nos guerra? Pois bem Terão guerra e terão guerreiros. Guerreiros cheios de coragem, almas ao sacrifício feitas. Que a união faz a força...

7 — 3 — 916.

ALMEIDA JUNIOR.

As cartas duma infeliz

Meu caro Leopoldo

A vida tem surpresas extraordinárias. Todos os dias novas ingratidões fazem de mim uma amargurada. Falaste-me há tempo de hipocrisia, mas bem sabes que esse sentimento, por muita gente cultivado, não consegue logar na minha alma de pensadora. Há quasi dois anos que não sabia da minha amiga E... O correio d'hoje, Leopoldo, trouxe-me notícias suas, em resposta a uma carta que em 1914 lhe dirigi, dando-lhe os pezames pela morte de uma sobrinha que era todo o seu encanto.

E... diz-me que só ha pouco recebeu a minha carta. 15 mezes levou ela no caminho! Que horror, meu amigo! Se as tuas tardassem tanto, chegar-me-ia o convencimento de que os homensinhos do correio, que ás vezes são generosos e pró-digos em notícias deliciosas, o fariam de propósito uma vez descoberto o interesse com que eu espero sempre letra tua. Tua e da nossa amiga de sempre.

Adeus. Estou muito assustada por causa da guerra. Tu irás também? Se fores, irá contigo a tua saudosa

IRENE.

Silva Lirio

Esteve em Aradeze este nosso preso amigo, que em Lisboa gosta de muitas simpatias pelo seu lindo carácter e reconhecida modestia.

Foi á sua terra natal passar as festas carnavalescas e já regressou á sua casa da Amadora.

Redactor Principal
Virgilio Marques

Secretario da Redacção e Editor
Abel M. de Melo Brandão

Red. e Adm.—R. Dr. José Galvão—Montemor-o-Velho

TELEFONE 364

(para onde deve ir a correspondência)

Não se restituem originais, embora não se publiquem

Composição e Impressão—Tip. Silva (a vapor)

AVEIRO

Discutindo...

Sob esta epígrafe, terminou o ultimo numero do nosso jornal, com a serie de artigos do snr. Eduardo Passos.

Por uma questão de amisade pessoal, unicamente, por este velho colaborador de *O Dever*, lhe démos publicidade, não compartilhando por princípio algum nas ideias por ele expostas, como já temos, por varias vezes, demonstrado nestas colunas.

Damos a seguir um artigo doutro nosso colaborador, referente ao mesmo assunto, ficando-nos ainda um outro do nosso amigo Mario Augusto da Silva, que por falta de espaço irá no proximo numero.

**

Palestra amena...

E' a propósito dum longo artigo, firmado pelo senhor Eduardo Passos (não será antes *von der Passos?*), que hoje saem neste semanário as desconchavadas linhas dalgum que, não acreditando em todas as notícias fornecidas pelos jornais, tem, no entanto, mais imparcialidade que aquele senhor para encarar serenamente o que se passa por essa Europa tórra, para depois, tiradas as necessárias conclusões dos factos, julgar no suprêmo tribunal da consciencia publica os átos das hostes combatentes.

Quem este subscreve não é aliadó-filo, nem anarquista, nem medroso. E' um amigo sincero do progresso do seu paiz, um defensor estrénuo da Verdade e, sobretudo, um soldado firme da Republica. E' como tal que vai conversar um pouco com o senhor Passos, cujas palavras traduzem um ódio sem limites pelos sãos princípios da Democracia. Vamos, pois, começar a nossa palestra amena...

O senhor correspondente do Bom-sucedido foi, de facto, pouco comedido ao exaltar as virtudes dum povo de quem alguns agravos já receberam, mas a sua falta é desculpável se entendermos á enorme sugestão produzida em muitos portugueses pela *brilhante literatura francesa* (ái vem, decerto, um protesto do senhor Passos). Por outro lado estou convencido de que o senhor correspondente não recebeu sequer um franco para escrever o seu artigo (por sinal habilmente corrigido pelo senhor Passos) porque *não me consta que ande por aí moeda francesa a comprar as consciencias*. Isto apezar de o senhor Passos e congénères dizerem em alta voz que ha caudilhos da Republica que fazem da participação de Portugal na guerra um lucrativo negocio...

Diz, e muito bem, o senhor Passos, que os aliados chamam monstros aos teutônicos sem repararem que um deles é Röntgen, o célebre inventor dos raios X. E, como eu prometi ser imparcial, aqui venho socorrer aquele senhor, lembrando-lhe que um deles é tambem Noersted, o grande aperfeiçoador das lampadas elétricas, e *humanitario* inventor dos gases asfixiantes, que tem ceifado milhares de vidas. (Que sua excelencia arquive esta



na lista das invenções dos físicos germanicos...)

O senhor correspondente não devia ter-se socorrido da figura de Jean Finot, porque a França guarda as cinzas de homens mais ilustres do que ele, como Dumas, Victor Hugo, Balzac e outros. Mas também o senhor Passos não devia reforçar-se com afirmações do homem dos Cucos e dos acontecimentos de Lamego (disseram-nos as gazetas sem que o senhor Alpoim se indignasse), nem com as do Alfredo Pimenta do jogo dos quatro cantinhos no jornalismo político. Mas explica-se: — o senhor Passos achou os mais talentosos do que Afonso Costa e António José de Almeida (ou estes não fossem sinceros republicanos...) E depois sua excelência não se cansa de insinuar que a República é um regime só próprio para administrar barbaros (os marroquinos por exemplo, que os alemães são bons rapazes). A essa explosão de má fé correspondeu eu com a opinião de que a Monarquia é só própria para governar escravos.

O senhor correspondente olhando para tempos que não vão longe julga o povo português capaz de se sacrificar pela libertação da Patria. O senhor Passos não: — ao povo generoso e forte chama Rua, e julga-o apenas disposto para um 14 de Maio, como se aquilo tivesse sido uma batalha de flores na Avenida. Para ele o povo, o verdadeiro e autêntico povo, parece ser aquele que deixou o Manuelsinho dar ás de Vila Diogo ali pela Ericeira. Mas, senhor correspondente, em Portugal nem todos anseiam pelo agorizar desta pequenina Patria de grandes feitos, como nem todos pensam em sacrificial-a para servir a política, o ódio e a barriga.

E v. ex.^a, senhor Eduardo Passos, não pense que a geração é de cobiçadas e hipócritas, e veja como ha quem, com hombridade e firmeza, lhe saia ao encontro para lhe ensinar a proceder com imparcialidade. Para se fazer justiça á França e á Alemanha é preciso não estar vendido, moralmente pelo menos, a qualquer dessas nações.

E não venha agora dar-me lições de gramática nem pedir-me procuração do senhor correspondente...

Coimbra.

José Seabra Cascão.

Arabescos

(PROSAS)

Aspectos de Lisboa — A Baixa

Com a sua casaria alinhada, simétrica, em ruas que se cortam formando angulos rectos, com os passeios pejados, a trasbordar, da multidão que passa; com os seus estabelecimentos regoritando de compradões, a Baixa é o coração desta linda Lisboa de marmore e granito.

Direi de passagem que granito é coisa que ainda aqui não vi. Marmore e belo marmore profusamente adorna os edifícios, alveja nos monumentos e até tapeta o solo em quadrinhos minuscúlos...

Mas, granito, o rude e forte granito que tanto abunda no meu querido Porto, é palavra sem significado para o alfacinha que só conhece — resume todo o seu prazer nisso, — a terra onde nasceu.

E', pois a Baixa como que o centro onde reflue a vida das arterias lisboetas.

Deixa a vosa Beira, leitores e leitoras, e vinde comigo a contemplar como ele palpita!

Vireis encontrar-me debruçado na minha meza de trabalho a procurar assimilar a indigesta doutrina dos variados compendios jurídicos, que o fôsforo dos nossos juristas mais conspiços parturejou.

Lereis duas ou três paginas de qualquer deles, e, se padeceis de insónias, eu vos asseguro que vos curará radicalmente esta sublime panacea,

que deita a um canto, a bolorenta terapêutica de todos os galênos nascidos e por nascêr.

Falo de catedra: já experimentei...

E tão bem curado estou daquele mal, que hoje, basta-me relancear os olhos sobre aquelas cerradas fileiras de letras, exercitos ao serviço da Scienza, para sentir escancarar-se-me num bocejo sonolento, a bôca...

Perdoai-me estas inocentes divagações... E' superior a mim o desejo — que a gratidão me dita — de enaltecer os méritos da soberba obra de tão inclitos e benemeritos varões.

O sol brilhando num céu puro de anil, beijava-me com os seus raios a face, que o ar civilizado da capital tornou palida quando chegastes.

Vamos pois, que o tempo convida, espalher, e desoprimir o espírito fatigado.

O vosso, da viagem longa e maçadora, o meu, da maçada prosa dos assuntos da Lei.

Entrareis num eléctrico, que bendito o Progresso — em troca de 3 centavos vos levará ao Rocio.

(Continua).

A. Sousa Junior (Filho).

Horas d'insónia

Minha mãe sou desgraçado

E assim que eu idialisco os poetas. Amoraveis, sentimentais e bons.

Virgilio Marques é bem uma alma de triste, um idílista do Bem e do Belo. Dirige-se a sua mãe, canta-lhe as virtudes, sonha, sonhos de mocidade que dão vida, que emancipam, que dispõem optimamente quem lê os seus conceitos de pureza. Alma irmã da minha, ambos nascemos para o sofrimento e para a dor.

Minha mãe sou desgraçado
Ninguém tenha dó de mim.

E assim, clamando perdão, ele vê o horror da vida através do prisma da realidade pungente que dilacera e entristece.

São assim todos os líricos, todos aqueles que, desiludidos e cansados de ver tanta mentira, se dirigem ao Destino com as lágrimas nos olhos e a esperança amortecida.

Com efeito, este mar imenso de podridões em que a humanidade navega sem porto de salvação, dá-nos sempre ensejo a rezar as nossas orações de desiludidos e de amargurados.

E, se o meu doce amigo teve por penitencia, quando nasceu, andar pelas estradas da amargura, poucos serão os que a tal sorte se furtam. Estrada da amargura é esta em que nós todos caminhos, ao acaso, enganados pelo futur que ambicionamos e do qual os homens, desfeitos e orgulhosos, às vezes persistem em conservar-nos arredados, so porque a Vida é sofrimento e a Morte, abençoada muitas vezes, nos traz a salvação completa.

Mas este poeta sentimental não é aquele que, em tiradas d'odio, desejava o aniquilamento do próximo. Ha grande diferença.

Um é a bondade feita luz; o outro a ingratidão feita horror! Por isso as missas quadras do primeiro se vulgarizaram já na meiga Lusa-Atenas.

Cantam-nas as tricâneas d'olhos negros e almas a ti as bordar d'amor.

Muitas vezes as ouvimos em Coimbra, à beira dos regatos que choram á sombra dos salgueirais suspirosos e do lindo Mondego que nos seduz d'encantos. E ainda não imaginavamo que o seu autor nos viria cair nos braços, ajudando-nos nesta ingloria cruzada do jornalismo. O Desino!...

ALMEIDA JUNIOR.

Por falta de espaço ficou de remissa o folhetim do nosso colega Virgilio Marques e outros originais já compostos.

Poetas e Prosadôres

O que nunca esquece

Esfusando pela vida além, como betas indiscretas de sol pelas fiscas comarcas da choupana, assim nos fêrem em trêmos de amor num harpejo dolente e suave — as recordações da infância.

Enquanto pequeninos, os sorrisos que deslismam volutuosos no carmim dos labios balbuciante, fogem numa lenda de graça a desposar nos encantos da natureza, o azul-safira dos céus e o esmeraldino sevoro das montanhas.

Aconchegam-se numa dormencia toda carinhos, esses narcoticos que transportam a fantasia dumã mãe ás frageis colunatas do sônhio, as pétalas roseas da alma, que, mais tarde, sacudidas pela rajada do Destino, desfolham em tristesa num tumulo ou, amarelecidas como folhas outonicas, abandonam-se ao lamaçal das paixões, onde as ironias do calculo cristalizam um filão perene de egoismos.

Nessa época de inocencia, nimba da beijos ardentes, que num sópro vaparoso tocaram pelos dedos idíais dumã tada, enfeitada de açucenas brancas como veus de noiva, funde-se o torpôr dos sentidos, esmagase como serpente o figelo que grita impérios, foge do espírito como fugiram os olhos dumã esfinge horrorosa, o infortunio, que, em gestos de nobrêsa, burila legendas em pedestais, onde nunca murcham as palmas do martirio; enfim, encinéra-se nesse túribulo, jasida amante de perfumes orientais, como é o coração da creaçâa, os sarcasmos miseraveis do homem, que as forjas do vicio retêmram em chamas infernais e assoldaram de desgraça.

Na infancia, os abismos, são a limpidex dum espelho de Veneza, que nem uma gota de orvalho conseguem macular!

As angustias, são os festões de violetas e jasmims, que as nossas mãositas irrequietas acalentam, como que a prescrutar o esconderijo do seu perfume misterioso!

As desilusões, são a auréola de paz, que cinge numa pose sublime a cabecita loira e anelada!

Finalmente, o pêso da vida, é o descuido de borboleta inconstante que, em plena primavera, adeja cubicosa nos calices indefesos das flores!

A nossa alma, livre como o capricho das aves em poiar nas grimpas denegridas dumã velha catedral, ou na rocha musgosa, que serve de pilar á vigilância do corvo esfaimado, onde a vaga favorosa arremessa o segredo do seu poder indômito, ela, espandendo estreitada de venturas, palpitante de delícias!

Assim se vão embrulhando no velho rendilhado da ilusão, essas pérolas que nunca engastaram as palhetas de um leque de Izabel de Inglaterra, que nunca deslumbraram na tez morêna dumã indiana opulenta ou no alabastro impúdico dumã favorita romana!

Crescemos. Já surge a manhã tempestuosa das quiméras, — manhã de arrebóis como diz Camilo!

E', então, que um estilete esbraseado sulca os páramos da saudade e, visionários como Hamlet, contemplamos estáticos debrecada no pensamento, — a Virgem loura da Infância, rodeada de pombas branças e seguindo a lira que vibravam agora...

Sômos poetas.

O botão de ouro que vai abrindo lentamente as suas pétalas aos desnígnos dumã estréla, sabe carpir os tesouros que o despresa aram, enviando lágrimas ao passado e acordes á lua!

Infancia! Infância! — Corre jovial pelo macio tapete do prado brincando com boninas, que, elas nunca esquecerão a tua amizade de berço, acompanhando-te sentidas e alegres vincianos.

na eterna e solitaria mansão da igualdade...

Porto, 1 de Março de 1916.

Maria Emilia da Rocha Pereira.

O nosso aniversario

Tem-nos sido enviadas várias cartas e bilhetes, felicitando-nos pela entrada no 5.º ano do nosso modesto semanário.

Entre eles recebemos os seguintes:

Da nossa ilustre colaboradora, D. Aurea Judit Amaral, distinta professora no Porto; Francisco Fernandes de Carvalho, Bom-Sucesso.

Pela imprensa

Da Voz da Justiça, da Figueira da Foz:

Fez anos O Dever, semanário que sob a direcção do nosso antigo colaborador e preso amigo Almeida Junior, se publica em Montemor-o-Velho. Felicitam-o.

Da Província, de Coimbra:

Entrou no 5.º ano da sua publicação este nosso estimado colega que, sob a direcção do nosso amigo e velho republicano sr. Almeida Junior, se publica na linda e histórica vila de Montemor-o-Velho.

As nossas cordiais felicitações.

De O Riso do Vouga, de Aveiro:

O Dever, semanário que se publica em Montemor-o-Velho, entrou no seu quinto ano de publicação. Daqui o felicitamos desejando-lhe muita vida e infinitas prosperidades.

Da Resistência, de Coimbra:

Entrou no 5.º ano da sua publicação este nosso presadissimo colega, de Montemor-o-Velho.

Ao Dever e, especialmente, ao seu ilustre director, o velho republicano, sr. Almeida Junior, enviamos-lhes os nossos mais afectuosos cumprimentos e cordiais felicitações.

Da Gazeta de Coimbra:

Completo mais um ano de publicação o nosso estimado colega o Dever, de Montemor-o-Velho.

Saudam-o cordalmente.

Do Jornal de Cantanhede:

Também este nosso prezado colega, que na vila de Montemor-o-Velho se publica, entrou no 5.º ano de existência.

Que muitos conte, são os nossos melhores desejos.

Da Defesa de Mira:

Completo mais um ano de vida o nosso estimado colega O Dever que nos tem sempre merecido uma simpatia sincera atentas não só a brilhante e independente orientação que segue, como também a reconhecida lealdade como nos corresponde.

Perenes felicidades.

Da Leiria Ilustrada:

Mais um ano — o 4.º d'existência — passou o nosso preso colega O Dever, do bom amigo Almeida Junior.

Afastado da politiquice, o nosso colega tem sabido manter-se numa linha de apreciavel conduta, ao avesso do que fazem outros jornais progressistas vincianos.

Desejamos-lhe muitos mais aniversários e prosperidades.

Do Povo Beirão, de Vizeu:

Entrou no quinto ano da sua publicação este brilhante semanário republicano que sob a direcção do devotado patriota sr. Almeida Junior, vê a luz da publicidade na histórica vila de Montemor-o-Velho.

Saudando o velho republicano que dirige o *Dever*, nada mais faremos do que render uma despretenciosa homenagem, a quem tão levadamente tem sabido defender a República, dos ataques desleais de seus inimigos.

Esperando que este nosso amigo nos desculpe, se o ferimos na sua modestia, enviamos-lhe um sincero abraço de felicitações.

A todos, os nossos agradecimentos.

Toda a correspondência relativa ao «DEVER», deverá ser enviada ao director, para o Hotel Porto, Rua do Amparo, 12 — Lisboa.

Novos colaboradores

Começa a honrar com a sua brilhantíssima colaboração, as colunas do nosso semanário, a distinta escritora, sr.ª D. Maria Emilia da Rocha Pereira. Espírito culto, duma sensibilidade extrema, sabe dar alma aos seus escritos, aonde a mocidade transparece. Com os nossos cumprimentos de boas-vindas, os parabens aos nossos leitores.

Correspondências

VERRIDE

Extracto da sessão da I. M. P. do 27 de Fevereiro

Presidente, Joaquim Nunes Dias, secretariado pelos cidadãos Constantino Pereira da Silva e Joaquim Dias Alemão. Antes de se entrar em trabalhos foi proposto por Constantino Pereira da Silva que se nomeasse uma comissão para se avistar com os srs. drs. Carlos Gaspar de Lemos, José Cristino e mais individuos em destaque nos partidos Democrático e Evolucionista, afim de assistirem a esta reunião.

Aberta a sessão o presidente encarregou o shr. Emidio Roque Pinto, presidente da direcção, para expôr à assembleia quais os seus fins, que consiste em protestar contra a anexação de parte da freguesia de Verride à freguesia de Abrunheira.

Almeida Junior que defendeu calorosamente esta manifestação pacífica, demonstrando com largo conhecimento de causa, que a Abrunheira tem direito a ser autónoma, mas não prejudicando a freguesia de Verride.

Constantino Pereira da Silva em nome dos srs. dr. José Cristino e Carlos Diniz d'Abreu, que estavam solidarios com todas as resoluções aqui tomadas.

Dr. Carlos Gaspar de Lemos que num empolgante discurso se mostrou solidario com o discurso de Almeida Junior, terminando por declarar que abandonava a política caso não fosse feita justiça a Verride. O orador foi delirantemente ovacionado por toda a assembleia.

Emidio Roque Pinto que faz algumas considerações sobre o assunto, declarando que como presidente da direcção estar satisfeito, por a reunião ter decorrido com muito brilhantismo.

Joaquim Contente Ribeiro, de Reveles, que protesta veementemente contra a criação da freguesia de Abrunheira, terminando por afirmar que o povo de Reveles de forma alguma quer pertencer a Abrunheira, em ultimo caso é seu desejo pertencer á freguesia de Verride.

As ultimas palavras do orador foram sublinhadas pela assembleia com vivas aos povos de Verride e Reveles.

Na ordem dos trabalhos o presidente da assembleia propôz um voto de louvor ao senador sr. dr. Manuel Gaspar de Lemos, pelo interesse que tem tomado pelas regalias das S. I. M. Preparatorias, e mais lembrou a conveniencia de lhe enviar o extrato desta acta, para que no Senado tome em consideração o assunto desta reunião.

ANUNCIOS

Rio de Janeiro

Procuratório

Ernesto Gomes de Castro, rua Visconde de Inhauma n.º 52, Rio de Janeiro, encarrega-se — com todo o zelo e mediante comissões modicas — de receber e fazer pronta remessa de rendas de casas, juros, dividendos e amortisações de quaisquer títulos, pagáveis naquela capital.

Também se encarrega de mandar fazer nos predios os concertos necessarios, fiscalisá-los, pagar impostos, etc. Informações no Rio de Janeiro: com qualquer banco da praça ou com as importantes casas Gomes de Castro & C.ª e João Reinaldo, Coutinho & C.ª; e em Portugal: Montemor-o-Velho, com o sr. João Antonio Rodrigues, Sucessor.

Nº Juizo de Direito da comarca de Montemor-o-Velho e pelo cartorio do escrivão do 2.º ofício, correm editos de 30 dias, contados da 2.ª publicação deste anuncio no *Diário do Governo*, citando os interessados Manuel Maricato, casado, do Tojeiro, e Joaquim Tralhão, casado, da Varzela, mas ausentes em parte incerta nos Estados Unidos do Brasil, para assistirem a todos os termos até final do inventário orfanológico a que neste Juizo se procede por óbito de sua tia Maria Marques, viúva, moradora que foi no logar dos Pelicanos, desta comarca e no qual é cabeça de casal Ana Marques, irmã do inventariado, do mesmo logar.

Montemor-o-Velho, 21 de Fevereiro de 1916.

O Escrivão,
João Paes da Cunha Mamede.
Verifiquei a exactidão:
O Juiz de Direito,
Amaral Pereira.

Doença da vinha e das batatas

**Tratamento eficaz pelos
preparados em pó**

Oxydina e Sulfo oxydina

Formulas do engenheiro agro-nomo Palma de Vilhena.

Fabrico exclusivo da casa A. Simões Lopes, Porto.

Agencia e deposito no concelho de Montemor-o-Velho, Carapinheira do Campo — Farmacia Araujo — onde se dão os esclarecimentos precisos.

Venda de carros

Vendem-se dois Brechs, sendo um grande com tejadilho em bom estado e outro pequeno, sem tejadilho, novo, e um caleche e alguns arreios.

Quem pretender dirija-se a Bernardo Gonçalves Ferreira ou a Julio Pessoa Leitão, de Montemor-o-Velho.

Hospedaria do Paço do Conde

Hospedaria

— D. —

JOSÉ DOS SANTOS

Paço do Conde, 10

Rua Adelino Veiga, 36 a 40 — Rua da

COIMBRA

Vinhos, comidas e tabacos.

Recebem-se comensais por preços modicos.

Camas para pernoitar.

Esta casa, com a transformação porque caba de passar, melhorou consideravelmente todos os seus serviços, achando-se habilitada a receber hóspedes de qualquer categoria, oferecendo-lhes comodidades por preços baratos. Esmoro e prontidão no serviço de meza, para o que tem pessoal competente.

O mesmo proprietário negoceia em cereais e legumes de todas as qualidades, tais como farinhas, sémolas, batata, castanha, palha enfardada, cordas e adubos químicos.

Rua Adelino Veiga — 44, 48

O seu armazem é já muito conhecido.

Telefone 379

Aos proprietários de Lisboa e Porto Grande economia

A MUNDIAL, de acordo com os seus importantes reseguradores resolveu efectuar seguros de propriedades, sem uso ou contiguidade perigosa, ao premio de:

\$08 por cada.	100\$00
ou \$80	1:000\$00
de capital seguro	

A MUNDIAL

COMPANHIA DE SEGUROS

Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada

**Capital, Escudos. 500:000\$00
Reservas em 1914 64.244\$75**

Séde em Lisboa — Rua Garrett, 95 — Telefone 4084

Delegação no Porto — Pinto da Fonseca & Irmão (Banqueiros)

Praça da Liberdade, 138 — Telefone 1459

Agencias e Delegações em todo o paiz, ilhas e colonias.

Oficina-Garage de Coimbra

LOBO DA COSTA & CASTANHEIRA

Grandes oficinas mecânicas para reparações de automóveis; fabrico de carretos, pinhões e coroas em aço; cimentação e temperas; vulcanização e fundição de metais. Recolha e tratamento. Ensino. Automóveis de aluguer de \$08 a \$20 o quilometro e 9 lotações de 1 a 18 passageiros.

Acessórios, gazolina e óleo.

Transações em carros de 2.ª mão. Serviço especial, para bem servir os ex.ºs clientes da província.

Rua da Figueira da Foz — 170

COIMBRA

Local conhecido por «Casa do Sal» á entrada da cidade pela estrada do Porto.

Telefone, 502

Telegrams «Garage-Coimbra»

Antonio Pereira de Carvalho

Proprietario dos Grandes Armazens
de Bicicletas, Maquinas de Cos-
tura, Pianos e toda a quali-
dade de acessorios.

A maior e mais antiga casa no genero

Oficina para todos os concer-
tos, afinações e reparações em
bicicletas, motocicletas e maqu-
inas de costura.

Artista mecanico habilitado.
Vendas, alugueis e trocas.

Preços sem competencia

34—Avenida Navarro—36

(Estrada da Beira)—COIMBRA

GRATIFICA-SE BEM

a quem dê informações de que re-
sulte a condenação por fraudes
praticadas com prejuízo dos exclu-
sivos de fosforos e isca (e dos in-
teresses do Estado, da Companhia concessionaria e do comercio legítimos
acendedores, algodão ou qualquer outra materia apresentada de forma a
servir de isca, fabricação ou venda de chita com preparo inflamável, isca
em cordão vendida fraudulentamente a título de cordão de sacos, etc., re-
servando-se a Companhia concessionaria intentar a respectiva ação civil
de perdas e danos contra os delinquentes, independentemente da multa a
Estado nos termos da legislação em vigor. Gratifica-se generosamente
guardando-se a maior discreção. A Companhia logo que receba informação
fidedignas enviará a qualquer ponto do paiz agentes da fiscalização para
procederem ás necessarias diligencias. Dirigir-se pessoalmente ou por car
á Companhia Portuguesa de Fosforos, 139, rua de S. Julião, Lisboa.

ADUBOS MELO & MARTINS PAMPILHOSA DO BOTÃO

Fabricantes dos bons adubos compostos da marca registada
PEIXE

Chamamos a atenção dos srs. agricultores para fazerem uma experien-
cia dos nossos adubos, devido ao seu magnifico resultado os adoptarão de
preferencia a qualquer outro.

AZEITE

Para revenda e em grandes quantidades, vendemos de excelente qualidade.

Alugam-se Automoveis

MELO & MARTINS

Pampilhosa do Botão

A FUNERARIA EM PEDRA

— DE —

FRANCISCO A. DOS SANTOS, FILHO

RUA DIREITA, 139 a 149

COIMBRA

Esta oficina encarrega se de todo o trabalho de jazi-
gos, mausoleus, campas, cantarias e ornamentações, tan-
to em calcareo como em marmore, a qual tem desenhos
de jazigos, para escolher, em estilos antigos e em ARTE
MODERNA.

Tem deposito de bancas de cosinha e mausoleus em
lousa preta.

Encarrega-se tambem de fazer esculturas, bustos em
pedra, barro, gesso, etc.

Toma conta de qualquer trabalho fóra de Coimbra

ANTIGO ESTABELECIMENTO

— DE —

Mercearia, Tabacos e Fazendas brancas

— DE —

João Antonio Rodrigues (SUCESORES)

Montemór-o-Velho

Nesta casa se encontra um completo sortido em assucar,
chá, café, manteiga nacional e ingleza, biscoitos, bolachas, massas,
bacalhau, genebra e vinhos do Porto.

Ferragens, prego de arame e de ferro, panelas de ferro, ras-
tilho, chumbo em barra e para cacha.

Fosforos e Tabacos, por atacado. Tambem vende pelos pre-
ços de Lisboa, farinha de trigo, cimento Portland, vidraça, telha
de vidro e velas de cera.

Preços resumidos

Luiz Maria Lopes & Bretão

Negociantes de sal e vinhos,
em vagons,
para diversos pontos do paiz

12—R. Fernandes Tomaz—14
9—Rua da Republica—11
Telefone n.º 205.

FIGUEIRA DA FOZ

Companhia de Seguros Fidelidade

Séde: Largo do Corpo Santo, 13—1.º

LISBOA

Capital emitido.	1.344.000\$00
Capital desembolsado.	67.200\$00
Reservas	733.702.807,5
Prejuízos pagos	4.497.355\$11

Efectua seguros maritimos e terres-
tres na séde e nas correspondencias.

Companhia de Seguros A Lusitana

Sociedade Anonima
de Responsabilidade Limitada

Capital 500.000\$00 escudos

Seguros de vida, contra incen-
dios maritimos, terrestres,
agricolas, cristais, postais e de
acidentes de trabalho.

AGENTE na Figueira da Foz
Antonio d'Oliveira Guerra
RUA DA REPUBLICA, 84

HOSPEDARIA SILVA

Junto á Estação do Caminho de Ferro
PAMPILHOSA DO BOTAO

Esta hospedaria, situada em frente á estação do caminho de ferro, ofe-
rece aos ex.ºs passageiros todas as comodidades, tendo bons quartos.

Serviço esmerado e bom tratamento.

DOMINGOS RODRIGUES DA SILVA

Mercearia, Vinhos e Tabacos. Especialidade em café.

PREÇOS COMODOS

Comissões e consignações

Depósito das afamadas aguas de Luso.

Portugal Preidente

COMPANHIA DE SEGUROS

Sociedade Anonima — Responsabilidade Limitada

Capital UM MILHÃO de Escudos

SÉDE — RUA DO ALECRIM, 10 — LISBOA
N.º Telef.—1849 End. Teleg.—VIDA

Seguros contra incendios de predios, fabricas, etc.
Seguros de estabelecimentos e mobiliarios.
Seguros agricolas de ceáras, eiras, palhas, arvoredos, etc.
Seguros de maquinas e utensilios de laboura.
Seguros contra incendio proveniente de greves e tumultos.
Seguros de transportes maritimos e postais.
Seguros contra roubo de habitações e estabelecimentos.
Seguros contra fraude de empregados.
Seguros contra a quebra de cristais.
Seguros de vida, pensões, dotes e reformas.
Seguros contra acidente de trabalho.

Agencias em todas as terras importantes do paiz,
ilhas e colonias.

Sucursal no PORTO — Rua Passos Manuel, 21.

BANQUEIROS-Borges & Irmão—Porto e Lisboa

Biblioteca Nacional
Universidade
Coimbra

Montemor-o-Velho, 19 de Março de 1916

N.º 211



O DEVER

Semanario defensor da união da familia Portuguesa

Pátria e Humanidade

Director, Proprietário e Administrador—Almeida Junior

Redactor Principal
Virgílio Marques

Secretario da Redacção e Editor
Abel M. de Melo Brandão

Red. e Adm.—R. Dr. José Galvão—Montemor-o-Velho

TELEFONE 364

(para onde deve ir a correspondencia)

Não se restituem originais, embora não se publiquem

Composição e Impressão—Tip. Silva (a vapor)

AVEIRO



Viva a Pátria Portuguesa!

Na vida política da Republica acaba de dar-se o gesto mais nobilitante da sua emancipação e do seu ideal para a luta. Norteou-nos sempre o sagrado princípio da união dos homens, e, num país ideal como o nosso, a separação das almas, pelo ódio pessoal, trazia-nos aca-brunhados e desalentados.

O DEVER não é político, mas, nesta hora solene do alevantamento moral dos homens do regime, dando-se os braços numa efusão comunicativa de afetos, sente vontade de o ser.

Esqueceram-se agravos e, na frase lapidar do grande tribuno, hoje presidente de ministros, todos nos ajoelhamos comovidamente no altar amarissimo da nossa Pátria.

O País sente bem a significação dos abraços que estreitaram os dois homens mais notáveis destes últimos tempos da política nacional.

Um, sente na alma a visão do belo, o sonho ardente da regeneração da raça. O outro, esperançando na vitória que deve ser nossa, tem sido o sustentaculo do regime.

Antonio José d'Almeida anteviu dias de gloria. Afonso Costa sente no coração o coração generoso do povo. E o povo, amando a ambos, chorará com eles nas horas de infortúnio e cantará hinos de gloria na hora do triunfo.

Que o país os auxilie. E o DEVER, prestando homenagem sincera aos dois caudilhos da Republica, vê com justificado júbilo consumado o seu ideal das primeiras horas de existência.

*Arreem-se as bandeiras dos partidos!
Viva a Pátria Portuguesa!*

VIVA PORTUGAL!

Chegou a hora em que todos nós, políticos ou não, soubemos enfim abater todas as nossas bandeiras partidárias, esquecendo retaliações pessoais, e fundando uma inexpugnável barreira, para opôr ao inimigo que nos ameaça a integridade da Pátria.

Corações ao alto, fieis ás nossas tradições de coragem, saibâmos ser os portugueses doutr'ora, todos sacrificio e abnegação.

Que a afronta recebida, hontem pelo barbarismo teutônico, e hoje pelo derruido trono austriaco, seja repeliда, como sempre temos feito e a nossa historia no-lo demonstra.

A sessão de 10 de março corrente, no Congresso da Republica Portuguesa, marcou a pagina mais bela da nossa historia dos ultimos tempos.

Os chefes politicos, todos á uma, numa admirável de-

monstração patriótica, digna de portugueses, comprometeram-se, acabando com as velhas questões que nos tem dividido a todos, na conjugação de esforços para o levantamento da Alma Portuguesa.

Assistimos, comovidos, á memorável sessão referida, em que os chefes políticos fôram freneticamente aplaudidos nas passagens mais patrióticas dos seus entusiastas discursos.

Grande povo, o português!

Hora admirável aquela que contribuiu para a unificação da Família Portuguesa!

Afonso Costa e Antonio José d'Almeida, os chefes dos partidos mais fortes de Portugal, deram um grande exemplo de civismo: esqueceram todos os agravos passados, apertam-se as mãos, unem-se num grande amplexo, selam essa União tão desejada para o Progresso e Prosperidade deste Povo enorme.

Sim! Por esta paz que dulcifica a alma, que nos con-

duzirá ao apogeu da Vitoria, desejada há muito pelo povo português, cançado já pelas revoluções que tem agitado ultimamente o nosso paiz.

Portugal está em guerra!

Quiz o imperador teutônico preverter-nos com a ameaça dum *ultimatum*. Enganou-se! Portugal, fiel cumpridor dos seus tratados, respeitando sempre a sua assinatura, honrando o seu carácter, respondeu-lhe altivamente, como todo o português que não tenha o sangue dessurado.

Querem guerra? Viva a guerra!

Pequenos como sómos, não tememos as arrogantes aguias germanicas, e sabermos responder, tanto quanto esteja em nossas posses, condignamente, com brio e honradez, a todas as provocações que pretendam rebaixar a nossa raça.

Portugueses! Saibamos ser patriotas! Nesta hora grave que atravessa a nossa Pátria, que todos se sacrificem por ela e lhe prestem o seu concurso.

Que renasca em nós o espírito de sacrifício e de abnegação.

Hontem a Belgica, Servia, França e Inglaterra. Hoje nós!

VIVA PORTUGAL!

Cartas a uma infeliz

Minha amiga:

Não te assustes. A guerra era necessária para que os portugueses, tu, eu, todos nós os que amamos entrânhadamente esta Pátria abençoada que é muito nossa, só nossa, demonstrássemos que os latinos tinham no peito um coração que sabe amar e sofrer. A guerra é a consequência lógica das muitas afrontas que temos recebido. E' chegada a hora solene da vingança. Eu não fui isento das obrigações militares. Cumprí os meus deveres, e, ao retirar das fileiras, senti que as lágrimas me humedeciam os olhos. Lembro esse tempo com a saudade mais suada da minha alma. E agora, olhos fitos neste lindo céu de Portugal, eu encontro-me mais vigoroso do que então. Varri as casernas, limpei marmitas, e, ao sair debaixo de fórmica, sentia sempre pulsar com entusiasmo o coração neste peito que a farda militar cobria.

Não te assustes. Irás comigo, se quizeres; e, se não preferires o teatro dos campos de batalha ao teu isolamento, nessa casa que te definha, consentirás que leve comigo o teu retrato.

Ele me estimulará para a luta em defesa desta nacionalidade orgulhosa.

Porque, Iréone, é bom morrer lutando por uma causa nobre e justa.

Não te assustes, nem é preciso que rezas as orações do costume. Deves procurar ser sempre uma mulher do nosso tempo.

A vida é um leve sopro que passa. E, has-de convencer-te disso, tanto se morre rezando como entuando hinos à Liberdade. O misticismo é próprio de almas adoentadas. E tristezas há muito quem as origine. A guerra, minha amiga, é a lógica consequência das afrontas que temos recebido. E' chegada a hora solene da desafronta. Se fôr, irei contente e saberei morrer amortalhado na bandeira gloriosa da nossa pátria, que, como tu, me ha-de saber cobrir de carinhosas despedidas.

Adeus. Saudades do teu

LEOPOLDO.

Páginas sóltas

Comemoração dum centenário

Projecta-se para este ano a comemoração dum facto de grande relevo na História:—o 5.º centenário da abertura do caminho marítimo da Europa á India.

A iniciativa da comemoração desse centenário deve-se ao jornalista snr. João da Rocha, erudito investigador histórico, que, como director da *Folha de Viana*, dirigiu um convite a toda a imprensa.

Iniciativa bela, intenção louvável! Como é consolador para nós evocar, recordando-os, os fastos da historia pátria onde está perpetuamente vinculado o gênio da nossa raça.

Se eu tenho um culto de estima e respeito pela memória dos herois da nossa terra, daqueles que, com o «montante polido no arnêz do inimigo» e a alma temperada na fé e no heroísmo, sabiam dar valor ao nome português, —o meu culto vai ainda mais enternecido para a memoria dos domadores do Oceano, dos navegadores portugueses.

E' que eu considero-los como sonhadores conscientes e iluminados, e não quais interesseiros corsários,—ao sulcar em as ondas do mar tenebroso, abrindo para a Humanidade as portas da luz e do progresso!

O snr. João da Rocha tomando a iniciativa já referida, funda a sua opinião atribuindo a Gonçalo Velho Cabral o facto de ter chegado á Terra Alta, para lá do Cabo Bojador, no ano de 1416. Quem este caso conta é Diogo Gomes (contemporaneo e muito íntimo do Infante D. Henrique) numa sua crônica.

E' ou não verdadeiro este facto? Respondam os grandes investigadores.

Ainda não li o livro do snr. João da Rocha, e tenho como certo que é fundado em boas fontes históricas conscientemente procuradas; mas suponho que esse depoimento de Diogo Gomes é um que o historiador Major cita, segundo refere Pinheiro Chagas.

Essa crônica pertence á coleção de documentos organizada por Valentim de Maravia que em Portugal exercia a profissão de impressor no tempo de D. Ma-

noel I (1805). Em 1847 a Academia de Ciencias de Munich mandou imprimir uma memória, escrita pelo dr. Schwellen, acerca desse manuscrito.

A narrativa que nessa memória saiu completa foi a de Diogo Gomes; —uma narração de viagens marítimas sob os auspícios do grande Infante D. Henrique.

Dessas viagens só numa o autor da «narrativa» tomou parte,—foi na descoberta do arquipélago de Cabo-Verde, em 1446; das outras escreveu sobre o que ouviu dizer.

A narrativa de viagem em que tomou parte é importante porque vem pulverizar as pretensões de Luís de Caramonte à prioridade da descoberta de Cabo-Verde. As outras narrações escritas pelo que ouviu dizer e referentes a anos muito anteriores áquele em que escreveu, é que Major assim como outros historiadores, nomeadamente Pinheiro Chagas, não julgam de valor.

A ser assim teríamos que o emprendimento da navegação para o sul se déra após a passagem de Gil Eanes para além do Cabo Bojador em 1434.

O citado Diogo Gomes era moço da câmara do Infante e por isso poderia estar bem informado acerca das viagens que porventura tivessem sido realizadas; mas pelo que se lê de contradições e maneiras de ver, de todos os cronistas, e que são reputadas de contestável valor histórico as suas narrativas. Todavia é muito de crér que antes de 1434 se tivessem feito ao longo da costa de África, para o sul, exploração de terras a latitude do Cabo Bojador.

Nas investigações históricas encontra-se sempre grande soma de contradições. O livro de Emílio Bossi em que o autor pretende demonstrar a não existência histórica de Cristo, funda-se nas contradições (embora aparentes como na refutação do mesmo esclareceu o já falecido escritor padre Sena Freitas) que há nos quatro livros históricos, os Evangelhos.

Mas é, na verdade, da investigação que nasce a luz, embora nesses assuntos históricos tenhamos quasi sempre de nos estribar em conjecturas.

Parece estar demonstrado que na antiguidade duas viagens de circum navegação africana se tinham feito, mais ou menos cobertas de maravilhoso e fábula pelos seus narradores.

Uma, contada por Herodoto, é referida ao tempo de Necho, rei do Egito (617 a 604 a. C.); os navios dessa expedição seriam tripulados por fenícios e teriam saído dum porto do mar Roxo (mar Vermelho) e costeado toda a África entrando depois no Mediterrâneo pelo estreito de Gibraltar. Esta expedição tem sido negada por variadíssimos historiadores que Pinheiro Chagas cita.

A outra viagem em redor da África fôr a de Hannon, general cartaginês (570 anos a. C.). Esta viagem era em sentido contrário á dos fenícios: teriam nayegado ao longo da costa ocidental, para o sul, terminando o periplo pela costa oriental. A descrição desta viagem fê-la Hannon gravar no templo de Baal Moloch que os romanos destruiram, mas cuja inscrição fôr traduzida na Sicília.

Realisadas ou não essas viagens pouco importa. O que se sabe é que nenhum proveito os estudos geográficos ou a ciência, deles colherá.

O Oceano Atlântico talvez ainda mercê dessa tradição, era o «mar tenebroso» de que fala Theopompo, escritor grego, era o mar desconhecido onde existia a Atlântida anunciada por Platão...

Emfim: a treva e o horror...

E quem desvendou essas lendas, quem dissipou êsses horrores, quem após mil perigos empreendeu as verdadeiras viagens marítimas, de valor,—isso é que é incontestável, isso é que é o

nossa maior orgulho,—fôram os portugueses.

E esses arrojados empreendimentos devêram-se ao benemérito da Humanidade, ao Infante D. Henrique; ao glorioso português a cuja memória, neste mesmo jornal, a minha humilde pena prestará já homenagem. E quando me sucede passar naquela rua da Alfândega junto da casa onde a 4 de março de 1394 o Infante nascera, o'ho com carinhoso respeito para aquele edifício quasi em ruínas (onde o desleixo nacional ia consentindo, há poucos anos, que ali se estabelecesse um armazém de bacalhau!) querendo evocar, nos rendilhos manuelinos da singela placa comemorativa, um passado de sonho em que tão grande pátria tivemos!

A personalidade do «Infante de Sagres» tem sido ultimamente muito discutida. A critica histórica tem produzido livros sobre o assunto. Mas a figura desse homem superior aparecerá sempre como um grandioso vulto não só da Pátria, mas da Humanidade.

«Vasco da Gama completou a grande empreza, cantou-a Camões, mas foi o infante D. Henrique quem a iniciou». Pois que se faça agora condignamente a comemoração do «centenário», da iniciativa do snr. João Rocha,—fazendo reviver o amor patrio, o culto de respeito pela memória dos grandes vultos da nossa história.

E, como diz o mesmo erudito investigador, «compete á imprensa a iniciativa desta obra de reconstrução e regeneração—reconstrução dum edifício que se desmorona, regeneração de uma vontade que definha,—e não só á imprensa da capital como a de todo o país, pois que a todo o país deve interessar a lição que, como estímulo, se procura obter.»

Que essa lição se colha e a iniciativa não seja infrutífera... E eu, como português entusiasta pelas glórias da nossa terra, a essa comemoração me associo devotadamente. E terminando com o poeta

«Meu Portugal das lendas belas,
dá gosto os tempos recordar
em que, nas lusas caravelas,
iam teus filhos navegar...»

Março de 1916.

AUREA JUDIT AMARAL

Novo ministerio

Está definitivamente constituído o ministerio nacional. Tem a organização seguinte:

Presidencia e Colonias—Dr. Antonio José d'Almeida.
Interior—Dr. António Pereira Reis.
Justiça—Dr. Mesquita de Carvalho.
Finanças—Dr. Affonso Costa.
Guerra—Norton de Matos.
Marinha—Victor Hugo d'Azevedo Coutinho.
Estrangeiros—Dr. Augusto Soares.
Fomento—Antonio Maria da Silva.
Instrução—Dr. Pedro Martins.

Os unionistas não fazem parte do ministerio, mas o snr. Brito Camacho declarou que dá apoio ao novo governo. Vai ser criado um novo ministerio—do trabalho e da previdencia social—que será

confiado ao snr. Antonio Maria da Silva, entrando para o fomento o snr. Fernandes Costa.

Pela sociedade

Esteve em Lisboa, acompanhado de sua gentil mana, o nosso preso amigo Elídio de Carvalho Cruz, ferro-viário na Malveira.

Agradecemos a sua amável visita.

— Regressou do Porto o nosso preso amigo e distinto colaborador A. de Souza Junior, Filho, que ali tinha ido de visita aos seus.

Um abraço de boas-vindas.

— Está para breve o enlace matrimonial do snr. dr. Martinho de Brito, da Abrunheira, com a snr. D. Eugénia de Castro Oliveira, de Verride.

DOIS DEDOS DE CAVACO...

E' sobremaneira espantoso e inaudito que alguém que se ufana de pertencer á gloriosa raça lusitana, venha defender quem só tem por guia o Despotismo e por sentimentos a fereza da pantera.

Defender a Alemanha sem um bocadinho de pejo a purpurar-lhe as faces é irritante a quem sente pulsar um coração e sente a escalar-lhe as veias o sangue generoso e bom, épico e nobre de D. Nuno, de Vasco da Gama, de Albuquerque, etc...

Quem ha afi, pois, que a defende?

O snr. Eduardo Passos e a imensa prole de declarados monárquicos que nesciam e sem consciencia anseiam fervorosamente a sua vitória somente porque ela traria o aniquilamento infalível da Republica, e, por consequencia, deste «jardim da Europa á beira-mar plantado.»

Snr. Eduardo Passos, sou ainda um novo, mas, no entanto, não seria ante os canhões 42 que eu recuaría cheio de medo, porque acima de tudo eu venero a honra e a dignidade da que me foi berço, da que me guarda solicitamente debaixo do seu céu de afectos e bondades.

Que me importa que eu defendia a França se eu defender uma causa nobre e libertante, se eu pugnar pelo triunfo da Liberdade?

Se virmos que a Alemanha tenta esmagar sem escrupulosas liberdades latinas, ¿ que devemos fazer?

Colocar-nos incondicionalmente ao lado de quem soltou o grito de liberdade ainda que se alguém nos tenha menosprezado, porque no carro contrario manifestavamo simplesmente uma detestável vingança, impondo a nós mesmo a condição misérrima e nefanda de pugnar por quem sustenta na sua mão repelente o azorrague do vilipêndio e da escravidão.

Se nós não formos ter com a guerra, ela virá ter connosco: assim pronunciou cheio de patriotismo e de inabalável fé no futuro risonho de Portugal o iminente e ilustre comandante da nossa divisão naval snr. Leote do Rego.

V. ex.ª talvez chamará a este ilustre patriota tantos nomes feios quantos eu tenho visto nas gazetas. Não me admirei, contudo. Se v. ex.ª o fizer é pelo menos por tres motivos capitais: 1.º de s. ex.ª ter aderi-

do ao glorioso Partido Republicano Portuguez; 2.º de s. ex.ª ter tomado parte activa na revolução de 14 de Maio, que, diga-se de passagem, foi um acto libertador, semelhante ao de 1640; 3.º de v. ex.ª, snr. Eduardo Passos, ser monárquico confessado, como já depreendi, e odiar quem defende altivo e nobremente o estandarte da Liberdade, que onda la presentemente na fumada negra dos canhões.

Por hoje nada mais quero dizer senão afirmar perentoriamente a v. ex.ª que nenhum médo me assoberbará ante qualquer perigo, se eu com isso possa dignificar a Pátria de Camões e defender intrinsecamente o chão sacroso da nossa Pátria Portugal.

Mario Augusto da Silva.

Carta de Coimbra

14—3—916.

Esteve ha dias nesta cidade, o professor do P. R. sur. Abreu Graça, que, na qualidade de delegado do Sindicato dos Professores Primários daquela cidade, veio conferenciar com os professores colegas daqui, afim de que o proximo Congresso pedagógico possa reverter, nesta Lusa-Atenas, o maior brilho possível. Foi nomeada uma comissão para tratar da receção aos congressistas e doutros trabalhos.

— O assunto de todas as conversações tem sido a nossa participação militar no tremendo conflito europeu.

Por toda a parte se discute acaloradamente, detestando-se o imperio alemão. E' que o povo coimbricense está mais do que nunca integrado nos sãos princípios da Democracia e compenetrado de que os altos interesses da Pátria exigiram a nossa participação no campo da Justiça, no qual todos os povos de consciencia e livres devem pugnar, para que o Despotismo amanhã não impere massacrando-nos e vexando-nos.

Viva Portugal!

M.

BOM SUCESSO, 13—3—916

FESTA CIVICA.—Conforme as nossas previsões, excedem a expectativa esta festa patriótica ontem aqui realizada e abrilhantada pelo «Grupo Musical e Dramático Quiaens». Eram 12 horas, quando os festejos tiveram o seu enio, começando pela inauguração da Bandeira Nacional que, pela primeira vez aqui corou a porta principal do edifício escolar.

Estavam já vincadas no nosso coração e do público com quem vive, as patrióticas intenções do nosso amigo e promotor da festa, professor José Duarte Morais mas ontem, ao ouvirmos pronunciar o seu discurso baseado principalmente no Amor da Pátria, mais nos convencemos de qual é o ardor e a fé que no seu espírito se alberga, discutindo o complemento da causa que hoje domina o povo português, e que ele se apraz em acalar. Falaram também sobre a Bandeira e a Pátria o autor destas linhas e o snr. Antonio Duarte Morais.

No acto da plantaçao, as crencinhas entoaram o «hino á Arvore» e a «Maria da Fonte» sendo muito aplaudidas.

C.

Toda a correspondência relativa ao «DEVER», deverá ser enviada ao director, para o Hotel Porto, Rua do Amparo, 12—Lisboa.

Poetas e Prosadôres

SOLIDÃO

Em horas avançadas, quando tudo dorme,
quando a lua vai alta, eu gosto de velar.
Eu amo a solidão. Meu quarto é ermo e triste,
somente uma cadeira e a mesa nele existe,
o lavatorio, a cama e os livros p'ra estudar.

Eu passo horas e horas namorando a lua,
que muda e vagarosa pelo céu flutua,
velando sobre a terra num bondoso rir.
E sinto-me feliz olhando a janela,
vendo-lhe a face argentea, soridente e bela,
cercada de estrelinhas meigas a luzir.

Eu amo a solidão. Ai que saudades sinto
das horas que passei no grato logarejo
em que a primeira vez depuz um terno beijo
na boca juvenil do meu primeiro amor!...
Horas encantadoras, cheias de ventura,
horas consoladoras como a brisa pura
que desliza subtil e sem fazer rumor...
Até! Era um logarejo triste e solitário,
porem duma tristeza grata ao coração.

Um sino repicava além no campanário
e aqui, num verde ramo, um pintasilgo vario
trinava docemente uma fugaz canção.
E sentia-me bem naquela soledade...
Minh'alma, embriagada, punha-se a cantar...
Reconhecendo bem a superioridade
d'aquela vida calma sobre a da cidade,
desejai essa vida nunca mais deixar.
Sonhei uma casinha branca, toda branca,
cercada de arvoredo e flores sempre a abrir,
aonde a passarada jovial e franca
os seus pequenos ninhos fosse construir.

Lisboa, Fevereiro de 1916

Hipólito Dámaso.

QUIMERA

(A alguém).

Só sonha quem ama, só tem quimeras
quem son'a.

Recostado em fôfo leito de erva;
extenuadíssimo pela longa caminhada
duplicada pelo calor sufocante do sol,
enlano no seu zenith, aspirava softegamente
os perfumes subtils que emanavam das agrestes flores.

O silencio, levemente perturbado pelo regatosinho que docemente serpentava a meus pés, e pelo pipilar amoroso dos passarinhos, deixava que uma doce fadiga se me apossasse, até que adormeci.

Divino sonho:

Uma tenue nuvem que pouco a pouco tomava formas celestiais, descia das regiões eterias, e, já proximo, pude divisar enfim a débil figurinha certamente modelada no marmore de Páros.

Negros como ébano, sedosos, brihantes os cabelos caiam-lhe opulentamente até aos pés arquiados e breves; olhos de compridas e sedosas pestanas; boca fortemente sinzelada que continuamente se entreabria deixando advinhar uns pequeninos dentes de marmore pálido, sorriam-no. E, como se à sua voz cariosa, qual fada benfazeja me tivesse transformado numa pena, seguia-a certo que me transportava a um eden que até então desconhecia.

Acordou-me o choque imperdoável dum sápo, que se precipitava no riacho, e sonolento ainda, baixinho, como receoso de entregar o meu segredo a tão discretas testemunhas, num suspiro murmurou um nome...

Lisboa, Fevereiro de 1916.

Manuel José da Fonseca.

O nosso aniversario

Pela imprensa

Dos Ecos de Cantanhede:

Com o seu ultimo numero comple-

tou mais um ano de existencia o nosso colega *O Dever*, semanário que se publica na vizinha vila de Montemór-o-Velho.

Também o nosso estimado amigo e distinto colaborador José Seabra Cascão nos felicitou pelo aniversario do nosso jornal.

Com prazer registamos a amabilidade.

Carta d'aldeia

A Guerra

Está declarada pela Alemanha, guerra a Portugal. Este acontecimento, há tanto tempo previsto, não surpreendeu ninguém.

O que vai suceder? E' a interrogacão que neste momento corre de boca em boca, sem que ninguém saiba responder. Deva registrar a calma que existe neste bom povo que em nada se mostra apreensivo com a nova situação.

Essa calma que se nota em todos os espíritos é o melhor sinal de grande valor da alma portuguesa que com uma resignação admirável, vai aguardando o momento provável de se defrontar com o inimigo.

Nada de covardias, que elas são impróprias do nome português! Mostremos mais uma vez ao mundo que somos descendentes daquele nosso guerreiro antigo, que ao marchar para regiões africanas assim clamava aos seus soldados:

«O peito é de aço
honrar a farda
e nem um passo
à rétaguarda.»

Garapinheira, 13—3—916.

A. C. Pessoa.

AGRADECIMENTO

Joaquim Ferreira Gramma, Maria Pereira de Souza, Adriano

Ferreira Gramma e Henrique Ferreira Gramma, agradecem a todas as pessoas que acompanharam á sua ultima morada seu querido filho e irmão, Francisco Ferreira Gramma, falecido no dia 10 do corrente.

Equalmente agradecem a todas as pessoas que a sua casa foram manifestar o seu pesar por tão doloroso transe, incluindo aquelas que lhes enviaram cartões no mesmo sentido.

A todos, o nosso eterno agradecimento.

Montemór-o-Velho, 15 de Março de 1916.

ANUNCIOS

No Juízo de Direito da comarca de Montemór-o-Velho, cartorio do escrivão Sampaio, nos autos de execução de sentença que Joaquim Roque Vicente, casado, do lugar de Alfarelos, move contra Joaquim Fernandes Alves ou Joaquim Fernandes Alvaro e mulher Maria Augusta, do lugar de Reveles, e ausentes em parte incerta no Brasil, correm editos de trinta dias a contar da segunda publicação do respectivo anúncio no *Diário do Governo*, citando os interessados Antonio Ramos Tinoco e Joaquim Angusto Gomes Caiado, ausentes em parte incerta nos Estados Unidos do Brasil, para assistirem a todos os termos até final do referido inventário.

Montemór-o-Velho, 18 de Janeiro de 1916.

O escrivão,

Adrião Pereira Forjaz de Sampaio.

Verifiquei.

Amaral Pereira.

VENDA

Vende-se um predio de casas de 2 andares com lojas, jardim, quintal com árvores de fruto e outras pertenças, sita na Rua Dr. José Galvão desta Vila, em praça particular, no dia 16 de abril proximo por 12 horas no jardim do referido predio.

Para tratar com Benedicto Galvão de Carvalho, contador do Juiz desta comarca.

João Antônio Rodrigues

(SUCESSOR)

Montemór-o-Velho

Correspondente das seguintes casas:

Banco Comercial de Lisboa, Banco do Minho, Banco Económico Português, Banco Nacional Ultramarino, Companhia de Seguros A. Internacionais, Crédit Franco-Portugais, J. M. Fernandes Guimarães & C.º, Pinto da Fonseca & Irmão, J. M. Espírito Santo Silva, Borges & Irmão, J. H. Tota & C.º, e Orely, Antunes & C.º.

Doença da vinha e das batatas

Tratamento eficaz pelos preparados em pó

Oxydina e Sulfo-oxydina

Formulas do engenheiro agronomo Palma de Vilhena.

Fabrico exclusivo da casa A. Simões Lopes, Porto.

Agencia e deposito no concelho de Montemór-o-Velho, Carapinheira do Campo — Farmacia Araujo — onde se dão os esclarecimentos precisos.

Antonio Pereira de Carvalho

Proprietario dos Grandes Armazens
de Bicicletas, Maquinas de Costura, Pianos e toda a qualidade de acessorios.

A maior e mais antiga casa no genero

Oficina para todos os concertos, afinações e reparações em bicicletas, motocicletas e maquinhas de costura.

Artista mecanico habilitado, Vendas, alugueis e trocas.

Preços sem competencia

34—Avenida Navarro—36

(Estrada da Beira)—COIMBRA

GRATIFICA-SE BEM

a quem dê informações de que resulte a condenação por fraudes praticadas com prejuízo dos exclusivos de fosforos e isca (e dos interesses do Estado, da Companhia concessionária e do comércio legítimos acendedores, algodão ou qualquer outra matéria apresentada de forma e servir de isca, fabricação ou venda de chita com preparo inflamável, isca em cordão vendida fraudulentamente a título de cordão de sacos, etc., reservando-se a Companhia concessionária intentar a respectiva ação civil de perdas e danos contra os delinquentes, independentemente da multa a Estado nos termos da legislação em vigor. Gratifica-se generosamente guardando-se a maior discrição. A Companhia logo que receba informação fidedignas enviará a qualquer ponto do país agentes da fiscalização para procederem às necessárias diligências. Dirigir-se pessoalmente ou por carta à Companhia Portuguesa de Fosforos, 139, rua de S. Julião, Lisboa.

ADUBOS MELO & MARTINS PAMPILHOSA DO BOTÃO

Fabricantes dos bons adubos compostos da marca registada
PEIXE

Chamamos a atenção dos srs. agricultores para fazerem uma experiência dos nossos adubos, devido ao seu magnífico resultado os adoptarão de preferência a qualquer outro.

AZEITE

Para revenda e em grandes quantidades, vendemos de excelente qualidade.

Alugam-se Automóveis

MELO & MARTINS

Pampilhosa do Botão

A FUNERARIA EM PEDRA

— DE —

FRANCISCO A. DOS SANTOS, FILHO

RUA DIREITA, 139 a 149

COIMBRA

Esta oficina encarrega-se de todo o trabalho de jazigos, mausoleus, campas, cantarias e ornamentações, tanto em calcareo como em marmore, a qual tem desenhos de jazigos, para escolher, em estilos antigos e em ARTE MODERNA.

Tem depósito de bancas de cosinha e mausoleus em lousa preta.

Encarrega-se também de fazer esculturas, bustos em pedra, barro, gesso, etc.

Toma conta de qualquer trabalho fora de Coimbra

ANTIGO ESTABELECIMENTO

— DE —

Mercearia, Tabacos e Fazendas brancas

— DE —

João Antonio Rodrigues

(SUCESORES)

Montemór-o-Velho

Nesta casa se encontra um completo sortido em açúcar, chá, café, manteiga nacional e inglesa, biscoitos, bolachas, massas, bacalhau, genebra e vinhos do Porto.

Ferragens, prego de arame e de ferro, panelas de ferro, rastilho, chumbo em barra e para caça.

Fosforos e Tabacos, por atacado. Também vende pelos preços de Lisboa, farinha de trigo, cimento Portland, vidraça, telha de vidro e velas de cera.

Preços resumidos

Luiz Maria Lopes & Brácio

Negociantes de sal e vinhos,
em vagões,
para diversos pontos do país

12—R. Fernandes Tomaz—14
9—Rua da República—11
Telefone n.º 205.

FIGUEIRA DA FOZ

Companhia de Seguros Fidelidade

Séde: Largo do Corpo Santo, 13—1.º

LISBOA

Capital emitido	1.344.000\$00
Capital desembolsado	67.200\$00
Reservas	733.702\$07,5
Prejuízos pagos	4.497.355\$11

Efectua seguros marítimos e terrestres na sede e nas correspondências.

Companhia de Seguros A Lusitana

Sociedade Anónima
de Responsabilidade Limitada

Capital 500.000\$00 escudos

Seguros de vida, contra incêndios marítimos, terrestres, agrícolas, cristais, postais e de acidentes de trabalho.

AGENTE na Figueira da Foz
Antonio d'Oliveira Guerra
RUA DA REPÚBLICA, 84

HOSPEDARIA SILVA

Junto á Estação do Caminho de Ferro
PAMPILHOSA DO BOTAO

Esta hospedaria, situada em frente á estação do caminho de ferro, oferece aos ex.ºs passageiros todas as comodidades, tendo bons quartos.

Serviço esmerado e bom tratamento.

DOMINGOS RODRIGUES DA SILVA

Mercearia, Vinhos e Tabacos. Especialidade em café.

PREÇOS COMODOS

Comissões e consignações

Depósito das famosas águas de Luso.

Portugal Previdente

COMPANHIA DE SEGUROS

Sociedade Anónima — Responsabilidade Limitada

Capital UM MILHÃO de Escudos

SÉDE — RUA DO ALECRIM, 10 — LISBOA

N.º Telef.—1849 End. Teleg.—VIDA

Seguros contra incêndios de prédios, fábricas, etc.

Seguros de estabelecimentos e mobiliários.

Seguros agrícolas de ceás, eiras, palhas, arvoredos, etc.

Seguros de máquinas e utensílios de lavoura.

Seguros contra incêndio proveniente de greves e tumultos.

Seguros de transportes marítimos e postais.

Seguros contra roubo de habitações e estabelecimentos.

Seguros contra fraude de empregados.

Seguros contra quebra de cristais.

Seguros de vida, pensões, dotes e reformas.

Seguros contra acidente de trabalho.

Agências em todas as terras importantes do país,
ilhas e colônias.

Sucursal no PORTO — Rua Passos Manuel, 21.

BANQUEIROS — Borges & Irmão — Porto e Lisboa

Biblioteca Universitária
Coimbra

Montemor-o-Velho, 26 de Março de 1916

N.º 212

O DEVER

Semanario defensor da união da familia Portuguesa

Pátria e Humanidade

Director, Proprietário e Administrador — Almeida Junior

Redactor Principal
Virgílio Marques

Secretário da Redacção e Editor
Abel M. de Melo Brandão

Red. e Adm. — R. Dr. José Galvão — Montemor-o-Velho

Direcção — LISBOA — Hotel Porto, R. do Amparo, 12
TELEFONE 364

(para onde deve ir a correspondência)

Não se restituem originais, embora não se publiquem

Composição e Impressão — Tip. Silva (a vapor)
AVEIRO

Páginas sóltas

Pela Pátria!

Em 9 de Janeiro de 1915 na minha crónica no diário portuense *O Norte*, subordinada ao título «Sentimento da nacionalidade», escrevera este período:

Se alguém atentasse contra a nossa independência, de norte a sul do país se levantaria em uníssono a voz de todos os portugueses: — Pela Pátria!

Um ano que passou

Sobre os campos da batalha rugava a prepotência pela boca do canhão. Coálha-se o solo de mortos mas na alma dos vivos canta o sorriso da esperança. Extinguem-se vidas numa vorágem sinistra, mas no seu reduto os vivos manteem o posto da honra. Os que fôram, pagaram o seu tributo ao futuro da Humanidade... Os que ainda batalham no campo do dever e da honra, defendendo o «Direito das gentes», trabalham pela paz das gerações vindouras...

E eu escrevera aquela frase apontada e escrevera-a — referindo-me á Espanha; um ano após, e profundamente comovida, volto a recordá-la quando de lés a lés da terra da minha Pátria se sente a impressão causada por uma ultrajante declaração de guerra, que nos fôra feita pelo império alemão, — recordo-a neste momento solene em que a alma nacional vibra impulsionada pela coragem e a esperança: Pela Pátria!

O momento é grave. O sacrifício é urgente. Que importa: só ha um caminho para a vitória — lutar! Só ha um lema para salvar a honra da nação — o patriotismo.

Ressôam ainda nos meus ouvidos os écos da manifestação. Fôra uma noite memorável. A Junta Patriótica do Norte promovêra uma sessão solene em honra dos aliados e um cortejo cívico onde a alma popular se manifestasse no acrisolado amor da sua terra, no avigoramento do seu cívismo. Uma e outra resultaram de uma maneira grandiosa. Uma afirmação e uma esperança...

No Palácio da Cidade, o antigo edifício da Bolsa, receberam os representantes dos países em luta, dos nossos aliados de hoje, a expressão mais sincera e carinhosa da simpatia dos portugueses. A dentro das paredes luxuriosamente decoradas do salão árabe, que fôram trabalhadas por mãos de artistas, ali não havia partidos políticos, ali não havia dissensões de crenças ou idéias: ali só havia — patriotas. E todos fraternizavam no mesmo entusiasmo.

O hall do palacio é uma onda de cabeças: rostos que sorriem animados por uma esperança, lábios que se abrem para deixar passar explosões de fé patriótica, de cívismo.

E foi num desses momentos e recordando talvez aquela frase que eu escrevera em Janeiro de 1915, — fôra talvez sugestionada pela realização que ela estava tendo, que, já quasi no fim da festa, fascinada pelo entusiasmo popular chegára a uma varanda.

Alguém de entre a multidão pôde a minha cooperação; pôdem-me que

fale... Que havia de eu dizer assim num improviso? Sem a eloquência do ritmo para só ter a da sinceridade, sem outro intuito se não a fé patriótica que as ditára, algumas frases pronunciára então. Cortadas algumas vezes pelos carinhosos aplausos dessa onda humana, as minhas palavras eram impulsionadas pelo entusiasmo, — que na frase de Lamartine, tem um relâmpago como o raio, — que, na frase de Lytton, é o génio da sinceridade.

Mas essas ovações recebidas, êsas aplausos calorosos só os aceitára para os depôr na óra do sentimento da nacionalidade, porque eles eram — pela Pátria!

... De lés a lés de Portugal parece que está revivendo a alma dos nossos gloriosos antepassados; de norte a sul do paiz se trabalha por se esquecerem as dissensões partidárias, os ódios políticos. E' o despertar do nosso povo que parecia morto...

E' que o momento é grave. E' que o sacrifício é ingente. Mas que importa? Só ha um caminho para a vitória — lutar! Só ha uma divisa na bandeira desfraldada: — Pela Pátria!

Aurea Judit Amaral.

* * *

Corrigenda: Na crónica *Comemoração dum centenário* onde se lê: «1805» e «Schweller» deve ler-se: 1508 e Schmeller. — A.

A miseria publica

A vida é cada vez mais difícil para todos. Os generos de primeira e de absoluta necessidade são cada vez mais caros, não havendo memória já mais de semelhante carestia. São em numero elevadíssimo, algumas dezenas de milhares, as famílias que por ahí vasquejam no meio das agonias mais dolorosas e dos mais horrorosos pavores.

Cada dia que passa depois que esta tremenda conflagração está ensanguentando o mundo, engrossa consideravelmente o exercito dos famintos.

Alastrá-se, estende-se a miseria pública dizimando uma populaçao raquitica e debilitada constituída por toda a sorte de desgraçados, vítimas da fatalidade do acaso. E' um cõo unisono de clamores; todos bradam e clamam sem que ninguém consiga pôr um dique a este alastrar constante da miseria e em breve por este incremento de todos os dias, de todos os instantes, ela ameaçará tudo e todos não havendo ricos nem remediados antes a todos avassalando no sínistro estonteamento da fome.

O governo tem pretendido pôr um entrave a esta carestia constante dos generos mas as suas providencias têm resultado estereis e ineficazes.

Qual a razão disso?

Não é difícil adivinharla; ela reside essencialmente nos especuladores da miseria publica, nos grandes e pequenos açambarcadores que mercê de variadissimas cabálas tem conseguido em todos os tempos sofismar quantas providencias governativas são decretadas pela Republica em favor das classes trabalhadoras e dos humildes em geral. Não precisa isto ser comprovado, pois à força de re-

A' Mocidade das Escolas

Por terra, a túnica em pedaços,
Agonizando a Pátria está.
O' Mocidade, oíço os teus passos!...
Beija-a na fronte, ergue-a nos braços,
Não morrerá!

Com sete lanças os traidores
A trespassaram, vede lá!...
O' Mocidade! unge-lhe as dores,
Beija-a nas mãos, cobra-a de flores,
Não morrerá!

Rasca o teu peito sem caudela,
Dá-lhe o teu sangue todo, vá!
O' Mocidade heroica e bela,
Morre a cantar!... morre... porque ela
Reviverá!

Guerra Junqueiro.

petido constitue já um axioma que todos

os pobres operarios acolheriam com os agradecimentos do coração, pois esse rasgo de benemerencia, partindo dos que

leem a sorte de ter a mesa farta, dava a impressão de que os remedados entendiam as suas ações até aos desgraçados sem enxerga, que muitas vezes

não tem um bocado de pão para mitigar a fome aos filhos lacrimosos.

As cartas duma infeliz

Meu caro Leopoldo:

Sei que tens estado doente. Doente, Leopoldo, trago eu tambem a alma. Mas para mim não haverá já cura possível. Resignei-me, visto que a aurora da vida, que para tantos tem clarões a sorrir de esperança e suavidades a refazer o espírito, raiou para mim, quando eu nasci, como um pezadelo que amargura e nos confunde na noite tormentosa do desalento e da Dôr.

A morte é para tantos o simbolo da felicidade eterna, quando a vida, como a minha, decorre cheia de amargores e de desditas. E essa morte reparadora, que às vezes vítima quem tanta falta faz, foge de mim como o cordeirito do lobo esfainado.

Embora, meu amigo. Procura-la, não; que os criminosos são maus. E eu quero ter a coragem de resistir contra todas as intempéries da sorte, que prefiro, a ir de encontro ao que a Providencia criou.

Ha muito quem sofra e ha muito quem chore... amando. Adeus.

Tua,

IRENE.

D. Benigna Rita dos Santos

Fez anos na passada quinta-feira, esta nossa distintissima colaboradora e inteligente aluna da Escola Normal de Lisboa.

Os nossos parabens.

Toda a correspondência relativa ao «DEVER», deverá ser enviada ao director, para o Hotel Porto, Rua do Amparo, 12 — Lisboa.

Avante!

Avante! eis o grito que, de vale em vale, deve retumbar; que, de povoação em povoação, deve estimular os espíritos mais tacanhos para que a raça portuguesa se erga fulminante e herculea, cheia de vigor e intransigência, evidenciando, da maneira mais clara e precisa, que hoje, como amanhã, existem neste rincão ocidental os legítimos representantes dos antigos portugueses que souberam afirmar perante todos, a sua dignidade e honra, características que ficaram, indelevelmente, esculpidas no marmore da História dos Povos.

E' preciso e urgente que, nesta hora solene, de vida ou de morte, todos, sem distinção, se congreguem para que o resultado final seja o mais eficaz à vitalidade deste Portugal que todos enternecidamente amamos e veneramos; para que o Despotismo de hontem fique esmagado pela Justiça e Liberdade de hoje, porque só assim a felicidade dos povos deixará de ser químérica para se tornar real e positiva.

Tudo quanto hoje simbolizar o Passado, esse Passado envolto nas trevas densas de uma barbarie profunda, deve ser extinguido pelo clarão rutilante de um Futuro prospero, Futuro envolto pelas sinalizações de uma era de prosperidades e de emancipaçoes.

Estamos no Presente em luta com o Passado.

O Passado quiere ressurgir, querer reviver com a sua ignorância, mas além já se avista esse Futuro emancipador que surgirá se todos os povos fizerem, num esforço supremo e possante, baquear o imperialismo germanico que, acobertado pela capa honorifica da Civilisação, tenta inconscientemente proclamar o Despotismo, apanagio do Passado.

Ergamo-nos, então, vigorosos á luta pelo Futuro, bafejados pela Esperança, acalentados pela Felicidade de um Porvir risonho e feliz!

Avante pela gloria suprema da Patria querida, avante pela victoria da Liberdade!

E a ti, Portugal, solto estes gritos, com os quais vai toda a ardencia do meu patriotismo, toda a fé da minha alma:

Viva a Patria Portuguesa!

Viva a Republica!

Coimbra.

Mario Augusto da Silva.

Pela sociedade

Esteve em Lisboa o nosso preso assinante de Pampilhosa, snr. José Martins Catarino, que em breve partirá para a Baía em viagem de negócios da sua importante casa comercial.

Tem estado doente o nosso estimado amigo snr. Bernardo Gonçalves Ferreira, bemquisto comerciante na praça desta vila.

Deu-nos o prazer da sua visita o nosso preso amigo Avelino Paredes, redactor principal da *Palavra Livre*, belo

semanario caixeiral que se publica em Lisboa. Agradecemos.

Tambem, tendo regressado do Porto, nos deu a honra da sua visita, o nosso estimado amigo e antigo colaborador, snr. Gomes Monteiro. Agradecemos.

Abraçamos nesta redacção o nosso amigo Fernando Afonso de Vasconcelos, filho do velho republicano dr. Estevão de Vasconcelos, antigo ministro do Fomento e atual Administrador da Caixa Geral dos Depositos.

Tem estado encomodado de saude o nosso preso amigo e valioso assinante snr. Joaquim Contente Ribeiro, de Reveses, dedicado amigo do nosso jornal. Dejamos-lhe pronto restabelecimento.

Deu-nos o prazer da sua visita o nosso preso amigo snr. Aurelio Bizarro, distinto aluno da Escola de Regentes Agrícolas.

Tem passado encomodado de saude, com um ataque de neurastenia, o nosso estimado companheiro de trabalho, Manuel José da Fonseca.

Acha-se em Lisboa, em tratamento, o nosso amigo snr. Miranda, arrematante das obras dos encontros e ligação da ponte sobre o Mondego, na Lavandeira.

Fazemos votos pelo seu restabelecimento, afim de continuar as obras, cuja conclusão tanto interessará os povos do concelho.

Deu-nos o prazer da sua visita o nosso preso amigo snr. Aurelio Bizarro, distinto aluno da Escola de Regentes Agrícolas.

Deu-nos o prazer da sua visita o nosso preso amigo snr. Aurelio Bizarro, distinto aluno da Escola de Regentes Agrícolas.

Deu-nos o prazer da sua visita o nosso preso amigo snr. Aurelio Bizarro, distinto aluno da Escola de Regentes Agrícolas.

Deu-nos o prazer da sua visita o nosso preso amigo snr. Aurelio Bizarro, distinto aluno da Escola de Regentes Agrícolas.

Deu-nos o prazer da sua visita o nosso preso amigo snr. Aurelio Bizarro, distinto aluno da Escola de Regentes Agrícolas.

Deu-nos o prazer da sua visita o nosso preso amigo snr. Aurelio Bizarro, distinto aluno da Escola de Regentes Agrícolas.

Deu-nos o prazer da sua visita o nosso preso amigo snr. Aurelio Bizarro, distinto aluno da Escola de Regentes Agrícolas.

Deu-nos o prazer da sua visita o nosso preso amigo snr. Aurelio Bizarro, distinto aluno da Escola de Regentes Agrícolas.

Deu-nos o prazer da sua visita o nosso preso amigo snr. Aurelio Bizarro, distinto aluno da Escola de Regentes Agrícolas.

Deu-nos o prazer da sua visita o nosso preso amigo snr. Aurelio Bizarro, distinto aluno da Escola de Regentes Agrícolas.

Deu-nos o prazer da sua visita o nosso preso amigo snr. Aurelio Bizarro, distinto aluno da Escola de Regentes Agrícolas.

Deu-nos o prazer da sua visita o nosso preso amigo snr. Aurelio Bizarro, distinto aluno da Escola de Regentes Agrícolas.

Deu-nos o prazer da sua visita o nosso preso amigo snr. Aurelio Bizarro, distinto aluno da Escola de Regentes Agrícolas.

Deu-nos o prazer da sua visita o nosso preso amigo snr. Aurelio Bizarro, distinto aluno da Escola de Regentes Agrícolas.

Deu-nos o prazer da sua visita o nosso preso amigo snr. Aurelio Bizarro, distinto aluno da Escola de Regentes Agrícolas.

Deu-nos o prazer da sua visita o nosso preso amigo snr. Aurelio Bizarro, distinto aluno da Escola de Regentes Agrícolas.

Deu-nos o prazer da sua visita o nosso preso amigo snr. Aurelio Bizarro, distinto aluno da Escola de Regentes Agrícolas.

Deu-nos o prazer da sua visita o nosso preso amigo snr. Aurelio Bizarro, distinto aluno da Escola de Regentes Agrícolas.

Deu-nos o prazer da sua visita o nosso preso amigo snr. Aurelio Bizarro, distinto aluno da Escola de Regentes Agrícolas.

Deu-nos o prazer da sua visita o nosso preso amigo snr. Aurelio Bizarro, distinto aluno da Escola de Regentes Agrícolas.

Deu-nos o prazer da sua visita o nosso preso amigo snr. Aurelio Bizarro, distinto aluno da Escola de Regentes Agrícolas.

Deu-nos o prazer da sua visita o nosso preso amigo snr. Aurelio Bizarro, distinto aluno da Escola de Regentes Agrícolas.

Deu-nos o prazer da sua visita o nosso preso amigo snr. Aurelio Bizarro, distinto aluno da Escola de Regentes Agrícolas.

Deu-nos o prazer da sua visita o nosso preso amigo snr. Aurelio Bizarro, distinto aluno da Escola de Regentes Agrícolas.

Deu-nos o prazer da sua visita o nosso preso amigo snr. Aurelio Bizarro, distinto aluno da Escola de Regentes Agrícolas.

Deu-nos o prazer da sua visita o nosso preso amigo snr. Aurelio Bizarro, distinto aluno da Escola de Regentes Agrícolas.

Deu-nos o prazer da sua visita o nosso preso amigo snr. Aurelio Bizarro, distinto aluno da Escola de Regentes Agrícolas.

Deu-nos o prazer da sua visita o nosso preso amigo snr. Aurelio Bizarro, distinto aluno da Escola de Regentes Agrícolas.

Deu-nos o prazer da sua visita o nosso preso amigo snr. Aurelio Bizarro, distinto aluno da Escola de Regentes Agrícolas.

Deu-nos o prazer da sua visita o nosso preso amigo snr. Aurelio Bizarro, distinto aluno da Escola de Regentes Agrícolas.

Deu-nos o prazer da sua visita o nosso preso amigo snr. Aurelio Bizarro, distinto aluno da Escola de Regentes Agrícolas.

Deu-nos o prazer da sua visita o nosso preso amigo snr. Aurelio Bizarro, distinto aluno da Escola de Regentes Agrícolas.

Deu-nos o prazer da sua visita o nosso preso amigo snr. Aurelio Bizarro, distinto aluno da Escola de Regentes Agrícolas.

Deu-nos o prazer da sua visita o nosso preso amigo snr. Aurelio Bizarro, distinto aluno da Escola de Regentes Agrícolas.

Deu-nos o prazer da sua visita o nosso preso amigo snr. Aurelio Bizarro, distinto aluno da Escola de Regentes Agrícolas.

Deu-nos o prazer da sua visita o nosso preso amigo snr. Aurelio Bizarro, distinto aluno da Escola de Regentes Agrícolas.

Deu-nos o prazer da sua visita o nosso preso amigo snr. Aurelio Bizarro, distinto aluno da Escola de Regentes Agrícolas.

Deu-nos o prazer da sua visita o nosso preso amigo snr. Aurelio Bizarro, distinto aluno da Escola de Regentes Agrícolas.

Deu-nos o prazer da sua visita o nosso preso amigo snr. Aurelio Bizarro, distinto aluno da Escola de Regentes Agrícolas.

Deu-nos o prazer da sua visita o nosso preso amigo snr. Aurelio Bizarro, distinto aluno da Escola de Regentes Agrícolas.

Deu-nos o prazer da sua visita o nosso preso amigo snr. Aurelio Bizarro, distinto aluno da Escola de Regentes Agrícolas.

Deu-nos o prazer da sua visita o nosso preso amigo snr. Aurelio Bizarro, distinto aluno da Escola de Regentes Agrícolas.

Deu-nos o prazer da sua visita o nosso preso amigo snr. Aurelio Bizarro, distinto aluno da Escola de Regentes Agrícolas.

Deu-nos o prazer da sua visita o nosso preso amigo snr. Aurelio Bizarro, distinto aluno da Escola de Regentes Agrícolas.

Deu-nos o prazer da sua visita o nosso preso amigo snr. Aurelio Bizarro, distinto aluno da Escola de Regentes Agrícolas.

Deu-nos o prazer da sua visita o nosso preso amigo snr. Aurelio Bizarro, distinto aluno da Escola de Regentes Agrícolas.

Deu-nos o prazer da sua visita o nosso preso amigo snr. Aurelio Bizarro, distinto aluno da Escola de Regentes Agrícolas.

Deu-nos o prazer da sua visita o nosso preso amigo snr. Aurelio Bizarro, distinto aluno da Escola de Regentes Agrícolas.

Deu-nos o prazer da sua visita o nosso preso amigo snr. Aurelio Bizarro, distinto aluno da Escola de Regentes Agrícolas.

Deu-nos o prazer da sua visita o nosso preso amigo snr. Aurelio Bizarro, distinto aluno da Escola de Regentes Agrícolas.

Deu-nos o prazer da sua visita o nosso preso amigo snr. Aurelio Bizarro, distinto aluno da Escola de Regentes Agrícolas.

Deu-nos o prazer da sua visita o nosso preso amigo snr. Aurelio Bizarro, distinto aluno da Escola de Regentes Agrícolas.

Deu-nos o prazer da sua visita o nosso preso amigo snr. Aurelio Bizarro, distinto aluno da Escola de Regentes Agrícolas.

Deu-nos o prazer da sua visita o nosso preso amigo snr. Aurelio Bizarro, distinto aluno da Escola de Regentes Agrícolas.

Deu-nos o prazer da sua visita o nosso preso amigo snr. Aurelio Bizarro, distinto aluno da Escola de Regentes Agrícolas.

Deu-nos o prazer da sua visita o nosso preso amigo snr. Aurelio Bizarro, distinto aluno da Escola de Regentes Agrícolas.

Deu-nos o prazer da sua visita o nosso preso amigo snr. Aurelio Bizarro, distinto aluno da Escola de Regentes Agrícolas.

Deu-nos o prazer da sua visita o nosso preso amigo snr. Aurelio Bizarro, distinto aluno da Escola de Regentes Agrícolas.

Deu-nos o prazer da sua visita o nosso preso amigo snr. Aurelio Bizarro, distinto aluno da Escola de Regentes Agrícolas.

Deu-nos o prazer da sua visita o nosso preso amigo snr. Aurelio Bizarro, distinto aluno da Escola de Regentes Agrícolas.

Deu-nos o prazer da sua visita o nosso preso amigo snr. Aurelio Bizarro, distinto aluno da Escola de Regentes Agrícolas.

Deu-nos o prazer da sua visita o nosso preso amigo snr. Aurelio Bizarro, distinto aluno da Escola de Regentes Agrícolas.

Deu-nos o prazer da sua visita o nosso preso amigo snr. Aurelio Bizarro, distinto aluno da Escola de Regentes Agrícolas.

Deu-nos o prazer da sua visita o nosso preso amigo snr. Aurelio Bizarro, distinto aluno da Escola de Regentes Agrícolas.

Deu-nos o prazer da sua visita o nosso preso amigo snr. Aurelio Bizarro, distinto aluno da Escola de Regentes Agrícolas.

Deu-nos o prazer da sua visita o nosso preso amigo snr. Aurelio Bizarro, distinto aluno da Escola de Regentes Agrícolas.

Deu-nos o prazer da sua visita o nosso preso amigo snr. Aurelio Bizarro, distinto aluno da Escola de Regentes Agrícolas.

Deu-nos o prazer da sua visita o nosso preso amigo snr. Aurelio Bizarro, distinto aluno da Escola de Regentes Agrícolas.

Deu-nos o prazer da sua visita o nosso preso amigo snr. Aurelio Bizarro, distinto aluno da Escola de Regentes Agrícolas.

Deu-nos o prazer da sua visita o nosso preso amigo snr. Aurelio Bizarro, distinto aluno da Escola de Regentes Agrícolas.

Deu-nos o prazer da sua visita o nosso preso amigo snr. Aurelio Bizarro, distinto aluno da Escola de Regentes Agrícolas.

Deu-nos o prazer da sua visita o nosso preso amigo snr. Aurelio Bizarro, distinto aluno da Escola de Regentes Agrícolas.

Deu-nos o prazer da sua visita o nosso preso amigo snr. Aurelio Bizarro, distinto aluno da Escola de Regentes Agrícolas.

Deu-nos o prazer da sua visita o nosso preso amigo snr. Aurelio Bizarro, distinto aluno da Escola de Regentes Agrícolas.

Deu-nos o prazer da sua visita o nosso preso amigo snr. Aurelio Bizarro, distinto aluno da Escola de Regentes Agrícolas.

Deu-nos o prazer da sua visita o nosso preso amigo snr. Aurelio Bizarro, distinto aluno da Escola de Regentes Agrícolas.

Deu-nos o prazer da sua visita o nosso preso amigo snr. Aurelio Bizarro, distinto aluno da Escola de Regentes Agrícolas.

Deu-nos o prazer da sua visita o nosso preso amigo snr. Aurelio Bizarro, distinto aluno da Escola de Regentes Agrícolas.

Deu-nos o prazer da sua visita o nosso preso amigo snr. Aurelio Bizarro, distinto aluno da Escola de Regentes Agrícolas.

Deu-nos o prazer da sua visita o nosso preso amigo snr. Aurelio Bizarro, distinto aluno da Escola de Regentes Agrícolas.

Deu-nos o prazer da sua visita o nosso preso amigo snr. Aurelio Bizarro, distinto aluno da Escola de Regentes Agrícolas.

Deu-nos o prazer da sua visita o nosso preso amigo snr. Aurelio Bizarro, distinto aluno da Escola de Regentes Agrícolas.

De

Poetas e Prosadóres**Vagamente...**

A noite desce. A tarde, agora fina,
Foi doce... e o sol morreu, ha pouco ainda...
— Cai dos teus olhos a docura infida
Do amor mais termo, ou ilusão mais linda...

Passam, cantando, as aguas das ribeiras,
A caminho do mar... passam, ligeiras...
E nasce a lua, o luar branco das eiras.
— E a vida é cheia de ilusões fagueiras!

Horas de paz e fé, horas de calma...
E a brisa doce é que baloiça a palma...
E, ás ilusões da vida, se baloiça a alma!

As estrelas, no céu, passam na rua,
— A via-lactea... a minha alma fluctua...
Deixou a terra, a Dôr... anda na lua!

Oliveira San-Bento.

Arabescos**(PROSAS)**

Aspectos de Lisboa — A Baixa

(Continuação)

Descemos, pois, não sem perigo de quebrar as costelas, a patinhar na lama da calçada.

As últimas chuvas transformaram a capital num vasto mar de lodo, com os seus baixios, os seus abismos, etc., etc.

Habituados á pacata vida da vossa província, ferir-vos-ha o olhar a profusão de vultos que se agitam incessantemente, na lufa-lufa dos seus afazeres, ou no lento caminhar das horas de ocio, irritar-vos-ha o ouvido a algazarra dos garotos dos jornais, os prégões dos vendedores ambulantes, o grito prolongado da varina de pé descalço e saia arregada, canastra á cabeça sobre o pequeno chapéu de abas recuadas; o pragogiar dos carroceiros, guiando pequenos veículos, ou imensos carros, que passam, com estrondo infernal, levados pelo trote dos machos possantes; o buzinar dos automóveis cortando a lama a espadas para todos os lados; todo o imenso brouhaha que é o latejar d'este coração gigante.

Os electricos sucedem-se incessantemente, a despejar gente, que, lesta, se dirige aos seus múltiplos destinos.

Atravessada a Praça, onde admira-se o monumento a D. Pedro IV — aquele finório que armou em paladino da Liberdade — e os belos tanques onde a agua cai sobre estatuas de bronze, em gótas que o sol vise de mil cores, dirigireis os vosso passos para a Rua do Ouro, onde, mais intensa, freme a viscera.

Parêmos á esquina, para podermos olhar a onda dos que vão e a onda dos que vêm.

Este mar humano tambem tem os seus fluxo e refluxo.

As mulheres levezinhas, calcam airoso o solo, com os pésinhos minuscúlos — que os não têm menores os anjos — e bem calçados em botinas de polimento a que o sol empresta o brilho de espelhos.

Elegante, a loira, alta, de face branca onde os olhos azuis brilham como duas nesgas de céu, entre as nuvens candidas, e a boca rubra e

perfeita põe um traço carminado, passa, magestosa, ao lado da morena *mignone*, de linhas correctissimas, olhar de fogo, cabelo negro como a nuvem que contem o raio, boca sensual: — morango desafiando beijos.

Meninas casadoiras lançam olhares ternos aos cadetes da Escola de Guerra, guerreiros que se deixam facilmente ferir pelas setas de Cupido. Muito aprumados nas suas tardas brilhantes, correspondem sorridentemente, através o monoculo, áquele telegrafia... *optica*.

Estudantes embiocados nas suas negras capas relanceiam, lubricos, olhadela incendiarias ás costureiras galantes, que correm no passeio.

O galanteador-profissional, ao nosso lado vai dirigindo a todas as mulheres os madrigais insultos arrancados aos arcanos poeirentos da sua óca cabeça. Na freima de falar a todas, não poupa nem as velhas nem as feias.

Dir-se-ia que tem nos olhos um prisma que o torna imbecil a ponto de vér perfeições onde só ha defeitos, frescura onde só ha ruiça, e o olfacto embotado a ponto de tomar por perfume de mocidade bafo a bolores, por aroma a querubim fedorenta emanacão de mostrengos.

Lisboa, março de 1916.

A. de Souza Junior (Filho).

D. Maria Emilia da Rocha Pereira

Esteve bastante doente, tendo recolido ao leito, esta nossa distintissima colaboradora portuense.

Felizmente, o mal foi-se debelando, tendo já dado um pequeno passeio.

Que pronto se restabeleça são os nossos ardentes desejos.

Agradecimento

Maria Pereira Freitas, filhos, genros e netos, confessam-se profundamente reconhecidos para todas as pessoas que se interessaram durante a doença e acompanharam á ultima morada, seu estremoso marido, pai, sogro e avô, e pedem desculpa de agradecer por este meio, pois, devido ao estado de consternação em que se encontram, é de todo impossível fazê-lo pessoalmente. Muito gratos também ao ex.^{mo} sr. dr. Cristino pela dedicação e esforços que em-

pregou para roubar da morte o ente que já mais lhes esquecerá.

Secção de charadas**COMBINADAS**

- 1.º + ga = planta marinha
 - 2.º + ga = carinhosa
 - 3.º + ma = senhora
 - 4.º + deu = habitante oriental
 - 5.º + nho = habitação
 - 6.º + gão = instrumento musical
- Nome do director dum jornal português.

- 1.º + zio = molusco
 - 2.º + ca = caixa
 - 3.º + tela = costela
- Vila de Portugal.

F. F. de Carvalho.

ANUNCIOS**VENDA**

Vende-se um predio de casas de 2 andares com lojas, jardim, quintal com arvores de fruto e outras pertenças, sita na Rua Dr. José Galvão desta Vila, em praça particular, no dia 16 de abril proximo por 12 horas no jardim do referido predio.

Para tratar com Benedicto Galvão de Carvalho, contador do Juizo desta comarca.

Anuncio

No dia 26 do corrente, pelas onze horas, á porta do tribunal judicial desta comarca, se haverá de proceder á venda em hasta pública e pelo maior preço que for oferecido além do que lhe for designado, do seguinte predio penhorado na execução hipotecária que Delmino Anibal de Lima, de Coimbra, move contra Maria Jorge Mendes, viúva, e filhos Maria da Encarnação, Francisco, José Francisco e Joaquim Francisco Angelino, solteiros, da Povoada de Santa Cristina: Um predio que se compõe de casas de habitação com currais, pateo, eira de cal, um moinho de fazer farinha, terra lavradia com arvores de fruto e vinha no Arneiro da Povoada de Santa Cristina, vae á praça no valor de dois mil e seis centos escudos.

Pelo presente são citados para a arrematação quaisquer credores incertos.

Montemor-o-Velho, 2 de março de 1916.

O Escrivão,

Adrião Pereira Forjaz de Sampaio.

Verifiquei:

Amaral Pereira.

No Juizo de Direito da comarca de Montemor-o-Velho, cartorio do escrivão Sampaio, no inventário ortanológico por óbito de José Marques Cavaleiro, casado, do logar do Porto Mieiro, em que é inventariante a viúva Maria Ramos, do mesmo logar, correm editos de trinta dias a contar da segunda publicação do respetivo anúncio no Diário do Governo, citando os interessados Antônio Ramos Tinoco e Joaquim Angusto Gomes Caiado, ausentes em parte incerta nos Estados Unidos do Brasil, para assistirem a todos os termos até final do mesmo inventário.

Montemor-o-Velho, 18 de Janeiro de 1916.

O escrivão,

Adrião Pereira Forjaz de Sampaio.

Verifiquei.

Amaral Pereira.

custas e selos que o exequente já pagou na respectiva acção, o que tudo prefaz o total de 172\$50, e ainda os juros na razão de 10% ao ano desde 11 de novembro de 1915, que se vencerem até real embolso do exequente, ou para no mesmo prazo, nomearem á penhora bens suficientes para o pagamento da totalidade da sua dívida, sob pena de, não pagando, se devolver ao exequente, o direito da nomeação.

Montemor-o-Velho, 1 de fevereiro de 1916.

O escrivão,

Adrião Pereira Forjaz de Sampaio.

Verifiquei:

Amaral Pereira.

No Juizo de Direito da comarca de Montemor-o-Velho, cartorio do escrivão Sampaio, nos autos de curadoria provisória a requerimento do Curador Geral dos Orfaos nesta comarca, dos bens de Manoel Rodrigues Nogueira, solteiro, maior, da vila e freguesia de Pereira, e ausente há já anos, em parte incerta nos Estados Unidos do Brasil, correm editos de trinta dias, contados da segunda publicação do respetivo anúncio no Diário do Governo, citando o referido ausente e quaisquer interessados nos bens dele, para no prazo de oito dias, findo o dos editos, virem requerer o que tiverem por conveniente nos referidos autos.

Montemor-o-Velho, 7 de fevereiro de 1916.

O escrivão,

Adrião Pereira Forjaz de Sampaio.

Verifiquei.

Amaral Pereira.

No Juizo de Direito desta comarca, pelo cartorio do escrivão Sampaio, no inventário ortanológico por óbito de Joaquina Andrade, viúva, do logar do Pisão, freguesia de Liceia, no qual é cabeça de casal o filho, Manuel Jorge Batata, do mesmo logar, correm editos de trinta dias contados da segunda publicação do respetivo anúncio no Diário do Governo, citando os interessados Virginia Andrade e marido João Gomes Margalhau, ausentes em parte incerta no Brasil, para assistirem a todos os termos até final do referido inventário, sem prejuízo do seu andamento.

Montemor-o-Velho, 18 de fevereiro de 1916.

O escrivão,

Adrião Pereira Forjaz de Sampaio.

Verifiquei.

Amaral Pereira.

No Juizo de Direito da comarca de Montemor-o-Velho, cartorio do escrivão Sampaio, no inventário ortanológico por óbito de José Marques Cavaleiro, casado, do logar do Porto Mieiro, em que é inventariante a viúva Maria Ramos, do mesmo logar, correm editos de trinta dias a contar da segunda publicação do respetivo anúncio no Diário do Governo, citando os interessados Antônio Ramos Tinoco e Joaquim Angusto Gomes Caiado, ausentes em parte incerta nos Estados Unidos do Brasil, para assistirem a todos os termos até final do mesmo inventário.

Montemor-o-Velho, 18 de Janeiro de 1916.

O escrivão,

Adrião Pereira Forjaz de Sampaio.

Verifiquei.

Amaral Pereira.

Antonio Pereira de Carvalho

Proprietario dos Grandes Armazens de Bicicletas, Maquinas de Costura, Pianos e toda a qualidade de acessorios.

A maior e mais antiga casa no genero

Oficina para todos os concertos, afinações e reparações em bicicletas, motocicletas e maquinhas de costura.

Artista mecanico habilitado. Vendas, alugueis e trocas.

Preços sem competencia

34—Avenida Navarro—36

(Estrada da Beira)—COIMBRA

GRATIFICA-SE BEM

a quem dê informações de que resulte a condenação por fraudes praticadas com prejuizo dos exclusivos de fosforos e isca (e dos interesses do Estado, da Companhia concessionaria e do comercio legítimo acendedores, algodão ou qualquer outra matéria apresentada de forma a servir de isca, fabricação ou venda de chita com preparo inflamável, isca em cordão vendida fraudulentamente a título de cordão de sacos, etc., reservando-se a Companhia concessionaria intentar a respectiva ação civil de perdas e danos contra os delinquentes, independentemente da multa ao Estado nos termos da legislação em vigor. Gratifica-se generosamente, guardando-se a maior discreção. A Companhia logo que receba informações fidedignas enviará a qualquer ponto do país agentes da fiscalização para proceder às necessárias diligências. Dirigir-se pessoalmente ou por carta à Companhia Portuguesa de Fosforos, 139, rua de S. Julião, Lisboa.

ADUBOS MELO & MARTINS PAMPILHOSA DO BOTÃO

Fabricantes dos bons adubos compostos da marca registada
PEIXE

Chamamos a atenção dos snrs. agricultores para fazerem uma experiência dos nossos adubos, devido ao seu magnífico resultado os adoptarão de preferência a qualquer outro.

AZEITE

Para revenda e em grandes quantidades, vendemos de excelente qualidade.

Alugam-se Automóveis

MELO & MARTINS
Pampilhosa do Botão

A FUNERARIA EM PEDRA

— DE —

FRANCISCO A. DOS SANTOS, FILHO

RUA DIREITA, 139 a 149

COIMBRA

Esta oficina encarrega-se de todo o trabalho de jazigos, mausoleus, campas, cantarias e ornamentações, tanto em calcareo como em marmore, a qual tem desenhos de jazigos, para escolher, em estilos antigos e em ARTE MODERNA.

Tem depósito de bancas de cosinha e mausoleus em lousa preta.

Encarrega-se também de fazer esculturas, bustos em pedra, barro, gesso, etc.

Toma conta de qualquer trabalho fora de Coimbra

ANTIGO ESTABELECIMENTO

— DE —

Mercearia, Tabacos e Fazendas brancas

— DE —

João António Rodrigues

(SUCESSORES)

Montemór-o-Velho

Nesta casa se encontra um completo sortido em açucar, chá, café, manteiga nacional e ingleza, biscoitos, bolachas, massas, bacalhau, genebra e vinhos do Porto.

Ferragens, prego de arame e de ferro, panelas de ferro, rastilho, chumbo em barra e para caça.

Fosforos e Tabacos, por atacado. Também vende pelos preços de Lisboa, farinha de trigo, cimento Portland, vidraça, telha de vidro e velas de cera.

Preços resumidos

Luiz Maria Lopes & Brálio

Negociantes de sal e vinhos, em vagões, para diversos pontos do país

12—R. Fernandes Tomaz—14
9—Rua da República—11
Telefone n.º 205.

FIGUEIRA DA FOZ

Companhia de Seguros Fidelidade

Sede: Largo do Corpo Santo, 13—1.º

LISBOA

Capital emitido	1.344.000\$00
Capital desembolsado	67.200\$00
Reservas	733.702.507,5
Prejuizos pagos	4.497.355\$11

Efectua seguros marítimos e terrestres na sede e nas correspondências.

Companhia de Seguros A Lusitana

Sociedade Anônima
de Responsabilidade Limitada

Capital 500.000\$00 escudos

Seguros de vida, contra incêndios marítimos, terrestres, agrícolas, cristais, postais e de acidentes de trabalho.

AGENTE na Figueira da Foz
Antonio d'Oliveira Guerra
RUA DA REPUBLICA, 84

DR. AVELINO FARIA

Advogado

CANTANHEDE

Dá consultas aos domingos em

ARAZEDE

de outubro em diante e trata de qualquer questão no tribunal de Montemór-o-Velho.

HOSPEDARIA SILVA

Junto á Estação do Caminho de Ferro
PAMPILHOSA DO BOTAO

Esta hospedaria, situada em frente á estação do caminho de ferro, oferece aos ex.ºs passageiros todas as comodidades, tendo bons quartos.

Serviço esmerado e bom tratamento.

DOMINGOS RODRIGUES DA SILVA

Mercearia, Vinhos e Tabacos. Especialidade em café.
PREÇOS COMODOS

Comissões e consignações

Depósito das afamadas águas de Luso.

Portugal Previdente

COMPANHIA DE SEGUROS

Sociedade Anônima — Responsabilidade Limitada

Capital UM MILHÃO de Escudos

SÉDE — RUA DO ALECRIM, 10 — LISBOA

N.º Telef.—1849

End. Teleg.—VIDA

Seguros contra incêndios de prédios, fábricas, etc.

Seguros de estabelecimentos e mobiliários.

Seguros agrícolas de ceás, eiras, palhas, arvoredos, etc.

Seguros de máquinas e utensílios de fábrica.

Seguros contra incêndio proveniente de greves e tumultos.

Seguros de transportes marítimos e postais.

Seguros contra roubo de habitações e estabelecimentos.

Seguros contra fraude de empregados.

Seguros contra a quebra de cristais.

Seguros de vida, pensões, dotes e reformas.

Seguros contra acidente de trabalho.

Agências em todas as terras importantes do país,
ilhas e colônias.

Sucursal no PORTO — Rua Passos Manuel, 21.

BANQUEIROS — Borges & Irmão — Porto e Lisboa



O DEVER

Semanario defensor da união da família Portuguesa

Pátria e Humanidade

Director, Proprietário e Administrador — Almeida Junior

Portugueses

Avante! A hora é de luta, a hora é de sangue, a hora é de desafronta! Cada um de nós deve sentir, a vasculhar-lhe a face como um ferro em braço, um pouco dessa lama que a Alemanha arremessou, num gesto brutal, à nossa amantíssima pátria!

Oh! grande, oh! heroica raça portuguesa, que lávaste de vermelho a relva dos prados de Ourique, que fizeste mordêr o pó ao altivo pendão castelhano nessa epopeia escrita a golpes de montante, que foi a batalha de Aljubarrota, chamaram-te escrava da Inglaterra!

Ha para vergonhado mundo civilizado uma nação na Europa, que calca os tratados pelos seus representantes; que queima as aldeias indefesas numa guerra feroz, num desejo perverso de marcar em rios de sangue o seu culto ao mal.

Ha na Europa uma nação cujos soldados violam mulheres inimigas, decepam as crianças, fuzilam os velhos e os doentes...

Ha uma nação que bombardeia cidades indefesas, arraza as obras darte, e, contra todos os direitos humanos, torpedeia navios pacíficos, afogando milhares de criaturas inermes...

E é essa nação que te chama escrava da Inglaterra, a ti raça de heróis e de gneiros; a ti raça portuguesa altriva como nenhuma!

A hora é de luta sem tréguas! Mostremos à raça mais vil entre as mais vis que Portugal sabe fazer pagar cara a injuria que lhe cospem em rosto.

Para a guerra, portugueses.

Antonio Sousa Junior (Filho).

Páginas sóltas

«Carmen Sylva»

Foi no começo deste traiçoeiro e chuvoso mês de março que os jornais nos disseram que ela morreu.

Neste tumultuar de notícias bélicas, de efervescentias por causa da nossa beligerancia, quasi nem me lembra do seu passamento... Mas Carmen Sylva merece que, nesta galeria onde tenho feito entrar vultos de mu-

lheres celebres, lhe dedique uma página sóltas do grande como singelo livro das minhas impressões...

Izabel da Roménia, descendente da casa principesca de Wied era rainha e era escritora. Possuía o estro poético e a mais delicada sensibilidade de mulher.

Haverá antagonismo no ofício de reinar e na arte da poesia?... Os cronistas talvez nos digam ás vezes que não. O D. Diniz que sendo um rei cuidadoso e sábio administrador, era no entanto *lavrador* que nunca geôrou terra, mas que *lavrou* algumas das primeiras páginas de bucolismo e trovas pastoris, na infância da nossa língua; era um poeta.

Mas sucede que os reis, de todos os tempos, tem a mania de se julgarem entes superiores e por isso entenderam que o acaso que os fez chegar duma hierarquia social os dotou também de talento, de génio e estro... Nero desculparia alguma falta de respeito á sua qualidade de magestade imperial; mas nunca perdoaria se lhe ferissem o amor próprio menosprezando as suas tendências de artista: poeta, músico e cantor. E um seu colega imperial, da actualidade, — Vá lá sem ironia na comparação... — sua altíssima magestade autoritária, o *kaiser*, também nas suas preclaras qualidades contra o título de glória de haver escrito um drama! Mas talvez agora esta guerra que ele desencadeou lhe saia brevemente — em tragédia verdadeira...

Pois a rainha Izabel da Roménia era poetisa e de valor.

Filha de um filósofo e grande cultor da literatura, Izabel herdára as qualidades de seu pai. E' um caso da hereditariade moral. Alma sensível o seu gosto de artista manifestava-se pelo isolamento, pela vida passada num bucolismo suave, em contacto com os belos quadros da Natureza que ela cantava nos seus versos.

Tinha um pseudónimo. Para que as suas obras fossem apreciadas não precisava de cobri-las com o seu manto real. Antes de se sentar num trono já era artista da poesia. E o seu pseudónimo literário viera recolhê-lo ao ocidente, viera busca-lo á península hispanica: — Carmen Sylva.

Alphonse Karr disse que a mulher que escreve comete dois erros: aumenta o numero dos livros e diminui o numero das mulheres. Com o exemplo de Izabel da Roménia poderei contradizer o aforismo de Karr porque ela enriquecendo a literatura com livros escritos até em línguas estranhas á sua deixou uma obra variada e extensa afirmando cada vez mais o alto cunho da sua sensibilidade de mulher...

O seu sonho, como de resto o de todas as mulheres intelectuais e sentimentalistas por educação ou temperamento, era o anseio de trabalhar pelo aperfeiçoamento da humanidade, era o desejo de ver os povos fraternizar como irmãos...

A sua residencia habitual onde as etiquetas e pragmáticas da corte, as lisonjas e mentiras das convenções sociais que cêrcam os reis, não tinham grande moradia — fôra surpreendê-la por certo, o choque desta grande carnificina do século vinte. Que colher de desilusões para os seus sonhos pacifistas!

PORTUGAL

(Em resposta ao inspirado poeta Oliveira San-Bento)

Nem só a nobre França, meu simpático poeta,
daria ao vil tirano, a Guilherme II,
as penas da prisão, o cárcere profundo,
a própria guilhotina, o peso da grilheta;

Também este País, esta bemdita terra,
feita de paz e amor e risos de alvorada,
sabe erguer-se sublime, alta e revoltada,
e mostrar o valor que no seu peito encerra!

Foi ela que em audácia heroica e sem remate
ergueu brado arrogante ao nosso nôno rei.
Foi ela que fez vêr que a voz do povo é lei,
e deu tanta energia a Fernão alfaiate!

Foi ela que ao Bragança impôs duro limite
e disse: «Para traz ou ruge a dinamite...»
Não se espesinha assim um direito sagrado!
A canalha bramiu... Heroica alma a do povo!
O Luramido fez-se hino... Abriu-se um sol bem novo...
E o tirano caiu inerme, ensanguentado.

Nem só a França, pois, saberia esmagar
os ódios dum bandido. E nem só um Gavroche
o seu riso mordaz saberia atirar
á face horri.

Também este País a quem beija uma glória
de séculos volvidos de triunfante historia...
País que tem no mundo um logar sem igual
Um povo em cuja peito o país otismo brilha
Povo que tomaria uma nova Basílica
País heroico e bom chamado — Portugal!

Lisboa, 22 de Março de 1916.

Gomes Monteiro.

EXPEDIENTE

Vamos mandar para o correio os recibos do 1.º semestre de assinaturas.

Aos nossos presados assinantes que residam longe das estações postais de cobrança, rogamos o favor de mandarem o dinheiro para essas estações postais, no prazo de 4 dias, por meio de um proprio, pois há sempre portadores que vão ás sedes dos concelhos tratar dos seus negócios.

Aos de Verriide e outras povoações do nosso concelho, pedimos que enviem para a estação postal de Montemor, por qualquer pessoa que lá vá, podendo os de Verriide pagar ao nosso amigo, snr. Contente Ribeiro, que vai á vila todos os dias.

Corrigenda

Na crónica do numero anterior, *Pela Pátria*, além de varios erros de facil correcção, ha as seguintes gralhas: «sacrificio urgente» e «óra de sentimentos», que devia ser: sacrifício ingente e óra do sentimento da nacionalidade, etc.

4.

As cartas duma infeliz

Meu caro Leopoldo:
Tive a noite passada um sonho desalentador. Adormeci lendo Antero de Freire, no seu livro *D. Fedro e D. Ignez*. Fazem-me impressão as coisas que lembram o passado. Via-a a ela, coitada

da pobre Ignez, debruçada sobre o meu leito de repouso. Estava palida, duma palidez cerial adorável. Não, Leopoldo; a vida é amargurada para nos recordar, com saudades, horas cantantes d'amor que já não voltam.

No meu doce isolamento, ás vezes olho o céu que parece poiar, com tristeza, além no Tejo pejado de barquitos e sobre o qual, eu sei, há corações que pulsam e saudades que comovem. Nos meus momentos de pezar, recordo os ais suspirados que, sobre o Tejo, se tem soltado, a dizer os adeus amargurados das despedidas, que em tantos casos são bem tragicas. Sómem-se almas que se adoravam e apagam-se, sob lagrimas e dores, dedicações que se juraram e se julgavam firmes como as rochas dos mares das costas ocidentais longínquas.

E acordei. O sonho deu-me alento.

Volvo agora á minha habitual lembrança do passado que não volta!

Adeus.

Tua,
IRENE.

Horas d'insónia

O AMOR LIVRE

Ainda, sobre este assunto palpitante, e de transcendental importância nestes dias damargura e podridão que decorrem, alguém me escreve com entusiasmo, expendo ideias que são toda a nobreza dum carácter. E... é uma figura de destaque. Pensa que amor deve ser algumacoisa do coração. E é. O desejo da satisfação sexual, em meu entender, deixa de ser um sentimento luminoso, desde que esse acto seja praticado sob condições que assentem em contratos registados em papel com selos.

Comprar um beijo, mercadejar a carne das desgraçadas, que se vendem nos lpanares, de lagrimas nos olhos, deve ser qualquer coisa de asqueroso e pervercador.

Com efeito, cara amiga, eu não sei que valor moral poderão ter esses carinhos docasão, que se procuram para dar largas a um sentimentalismo mórbido, que traz, muitas vezes, consequencias bem tragicas. Encontrar, numa alforja de rameiras, uns olhos idíalistas, que sonham mundos sem mácula, uma humanidade sem pás, virtuosa, luminosa e bela, pode não ser difícil. Num corpo coberto de chagas, sifítico, caindo de misérias de toda a especie, pode muito bem encontrar-se, e encontrar-se, com efeito, uma alma de docuras, perfeitamente bela e perfeitamente sã. E assim, não deve haver escrúpulos, da parte do meu sexo, em distribuir um pouco da sua consideração por criaturas desta maneira constituídas.

Ha, porém, uma grande diferença na distribuição do nosso sentimento amoroso, que eu concebo só sob o ponto de vista dos altos pensamentos.

O amor desquina, feito ao acaso e ocasionalmente sentido, deve ter tudo de bestefador. E eu sou dos que o admitem sómente gosado sob uma atmosfera pura de idíalismos. Porque os carinhos, assim, purificam uma raça e eternizam um ideal virtuoso. Que o amor, cara amiga, deve nascer fundo dos segredos misteriosos da nossa alma, impulsionado por uma corrente magnética datrações mutuas.

A liberdade, perfeita na sua significação mais aprimorada, será o lema do futuro amor-ideal.

Destribuir caricias, recolher impressões dasfétos mal-sentidos, é sempre a materialização doentia entre duas almas que se sentem afastadas nas suas intenções desconhecidas. E a gloria duma afeição está precisamente na expansibilidade com que essa ternura aparece em criaturas que se entregam norteadas apenas pelo interesse profundo que vivifica e purifica.

O horror vem sempre após as manifestações dos primeiros impetos datração, quando esse acto de aproximações se realiza sem nenhum vislumbre de sincero desejo.

Como consequencia logica do amor sentimental, temos, sem grandes esforços do coração, os primeiros beijos a iluminar as nossas esperanças. E através desse mundo que desconhecemos, nos aparece a vida feita luz e feita auroras dintensidade inextinguível.

Muita gente admira-se de que o maior numero de filhos advinha sempre das casadas mais humildes da sociedade. E eu encontro, para tal facto, esta conclusão concreta: Os filhos do povo amam a seu modo. Afastados dos grandes meios, morrejando, numa lucta titanica, para prover a sustentação dos seus, passam a maior parte do tempo no seio dos seus lares satisfeitos pela paz que revigora, sem outros carinhos nem outros sorrisos que não sejam os da família. E, desta maneira, o acto sexual é sempre mais intensificado daldos idíais.

Nas altas camadas a vida passa sem espiritualização, porque as distrações roubam por completo a pureza dos sentimentos e, ao lar, o homem recolhe já cansado e já gasto da orgia, sem forças para distribuir pela esposa os carinhos de que ela tem sede, porque não conhece outros carinhos.

O calor das almas predispõe para a procreation da especie. E os espíritos arrefecem com tanta maior facilidade quanto são suscetíveis d'empolgar se e quanto mais vezes se emocionam.

Por agora, boa E..., é o que lhe pôde dizer o

ALMEIDA JUNIOR.

A VOZ DOS PROFESSORES

O Sindicato dos Professores Primários de Portugal adia o seu 2.º Congresso Pedagógico.

A Comissão organizadora do 2.º Congresso Pedagógico, ponderando a inconveniencia da sua realização nesta época de apreensões em que todas as energias devem dedicar-se à defesa da Patria, deliberou adiá-lo para quando a situação actual se modifique, e participar a deliberação ao snr. Ministro da Instrução Pública, afirmando a sua ex.ª que o governo pôde contar com a dedicação dos professores primários e com o serviço que o Sindicato possa prestar-lhe.

Deliberou mais devolver a todos os professores inscritos como congressistas, a importancia recebida, certa de que eles se conformam com essa resolução, porquanto as reclamações feitas neste momento grave seriam inopportunas se não anti-patrióticas.

Carta de Coimbra

28-3-916.

Tuna Operaria Recreativa. — Inaugurou-se, com sessão solene, esta simpatica associação musical, sob a regencia autorizada do infatigável e exímio musico, snr. José Elizeu.

Aberta a sessão, tomou a presidencia o snr. dr. Joaquim da Silva Costa e Nôra, secretariado pelos srs. Antônio Angelo de Melo e Mario Augusto da Silva.

O snr. presidente proferiu uma explêndida alocução, em que enalteceu o valor da musica e o seu papel social, terminando por uma saudação a todos e em especial ao snr. José Elizeu, para o qual teve palavras de justo louvor.

Falou também o snr. Angelo de Melo que, em palavras ardentes e entusiasticas, mostrou o valor da musica, o sentimento dos seus acordes harmoniosos que ora nos alegram, ora arrebatam a

nossa alma ao mundo dulcificante da quimera.

Nos intervalos os associados tocaram varias musicas, sendo aplaudidos.

Que o esforço do snr. José Elizeu seja coroado dos melhores exitos, é o que sinceramente lhe desejamos.

Sociedade patriótica. — Fundar-se-há, talvez, no licen desta cidade, uma Sociedade patriótica, cujo fim é promover a maior propaganda em favor da nossa actual situação. Constará de 3 grandes comissões: comissão jornalistica, da qual fazem parte todos os alunos que tenham colaboração em jornais, para que nos mesmos e noutras possam fazer propaganda; comissão dos alistados na Instrução Militar Preparatoria, para que, entre os mesmos associados, possam mostrar que a Patria poderá deles precisar, e, nesse caso, todos deverão acorrer ao primeiro sinal de alarme; comissão angariadora de donativos para auxiliar a Cruz Vermelha.

Esta iniciativa, que se deve ao nosso amigo, José Seabra Cascão, deve ter o auxilio de todos os alunos. Sei, no entanto, que ha alguns que não concordam, isto é, não querem. Esses, à parte. São réprobos.

M.

Pela sociedade

Na conservatoria do 3.º bairro, em Lisboa, realisou-se no passado domingo o casamento do nosso amigo, snr. Eduardo Ferreira Martins, com a snr. D. Carolina da Luz Enes Barbosa.

A noiva é uma senhora dotada das mais belas qualidades e estimadíssima, e o noivo um cavalheiro muito trabalhador e honesto.

Paraninfaram por parte da noiva o snr. Marcelino José Alcantara, chefe de bombeiros e sua esposa a snr. D. Tereza de Jesus Leão Alcantara; e do noivo o snr. Albano Bento Gomes Martins e a snr. D. Teodora Duarte Martins.

As testemunhas foram o snr. Filipe Tiago da Costa e sua esposa a snr. D. Virginia Marques da Costa, e o pae do noivo.

Ao acto, que foi revestido da maior pompa, assistiram entre outras pessoas de que não podemos tirar o nome, as snr. D. Laura Ferreira Martins, D. Idilia Ferreira Martins, D. Deolinda Marques, D. Deolinda de Jesus Costa, D. Eugenia Galis, D. Elisa Marques e D. Maria Rodrigues.

E os snrs.: Abel Pessoa Ferreira, Armando Teles Fortes, Francisco Ferreira Martins, Alfredo Mota e Fernando Ferreira Martins.

No final, foi servido um delicioso copo de agua em casa do pae da noiva, sendo trocados amistosos brindes e decorrendo com a maior animação.

Na corbeille viam-se numerosas e valiosíssimas prendas, tendo os noivos recebido inumeros telegramas e cartões de felicitacões.

Os noivos partiram para o norte em viagem de núpcias.

Muitas felicidades e uma prolongada lua de mel.

— Esteve em Lisboa o nosso amigo, snr. José Pedro dos Santos, digno chefe de Deposito do Caminho de Ferro, no Entroncamento.

— Fez anos na passada quinta-feira a snr. D. Maria Amélia d'Almeida.

— Fazem anos: no dia 7, a snr. D. Irene do Carmo, distinta aluna da Escola Normal de Lisboa.

— No dia 8, a snr. D. Maria Clementina Pessoa Ferreira Marques, mãe do nosso querido amigo e redactor-principal d'O Dever, esposa do snr. dr. José Marques, digno chefe da secretaria da Câmara Municipal do Porto.

Os nossos parabens.

Pelo Tribunal

Por sentença de 28 do mez findo, foi julgado em processo de polícia correcional pelo crime de dâno,

José Cordeiro da Silva, tambem conhecido só por José Cordeiro, caseado, ferrador, do lugar do Alhastro, freguesia da Carapinheira, desta comarca, e condenado na pena de 20 dias de prisão correcional substituídos por igual tempo de multa a \$20 por dia, 5 dias de multa egualmente a \$20 por dia e nas custas e selos dos autos.

Foi seu defensor o snr. dr. Francisco dos Santos Neto.

•••

Por sentença de 27 do mesmo mez, foram julgados em policia correcional Frutuoso d'Oliveira, viudo, proprietario, e Catarina Ventura Marques, solteira, criada de servir, ambos de Verride, desta comarca, pelo suposto crime de transgressão, sendo absolvidos.

Foi seu defensor o snr. dr. Francisco dos Santos Neto.

•••

Em audiencia de policia correcional do mesmo dia, foram julgados pelo suposto crime de ofensas corporaes, José Narciso Gaspar, calafate, e sua mulher Maria dos Anjos, domestica, de Verride, desta comarca, e absolvidos.

Foi defensor dos reus o snr. dr. Ismael de Sampaio.

•••

Em audiencia de policia correcional de 28 do mesmo mez, foi julgado Joaquim Rama Monteiro, ou só Joaquim Monteiro, solteiro, de 18 anos, lavrador, desta vila, pelo crime de ofensas corporaes em José Marques, solteiro, proprietario, de Fonteira, freguezia desta vila, e condenado na pena de 5 dias de multa a \$20 por dia.

Foi seu defensor o snr. dr. Ismael Sampaio.

Poetas e Prosadôres

No baile de X

A Maria Madalena Monteiro

No limbo negregante do infinito um punhal rasgara os velamens cinérios das nûvens, transsudando estilicídos vidrentos que gemiam nas janelas como febricitantes beijos. O baile ainda não começo. No chão, graciosos punhados de confeti em artístico negligé, arremedavam pétalas violáceas desfolhadas pela asa da brisa na meiga quietude dum lago pelucido; pela paréde, espreguiçava-se a linda companheira dos muros afivelando com frescas camélias brancas extravagantes laciniados verdes.

Esinaltando o relevo matizado e florido abandonavam-se máscaras de faces rubicundas e órbitas sem olhos, cuja expressão terrifica fazia-nos regressar á realidade dos dragões da fábula, que guardavam os formosos jardins ou as moradas dos deuses.

Em breve, as notas orfeicas vagueiam pelo salão impregnado de perfumes, luzes e flôres, ilaqueando centelhas de vida e sentimento na fibra mais sensativa da alma. Move-se tudo. Fal-a-se da quadrilha, acomodam-se os pares, e, ei-los deslislando com leveza de andorinha, no solo de setim, em requiebros donairosos, os primeiros passos.

Estava, pois, prolificado, o entusiasmo que gorgitou estuante como companhia inefavel daquela noite, como talisman precioso que exorna a plenitude do vigor.

Que ledice tão intranhavel!... Que sensações tão libentes não osculavam os espíritos juvenis!... E as vestes ricas e caprichosas que fulgararam

como bocados de cōres vivas, dispersas, naquêle mar onde as Iampadas derramaram palidez de lua!... Deslumbrante!...

A dança executa-se, os seus adeames de movimentos rigidamente estudados exibem-se com elegância e gravidade; mas, a correção enfatizada e exigente, visita com vislumbres de cortezia a festiva noite despedindo-se com um adeus amigo e resignado. Era um baile carnavalesco... impunha-se o despresso pela regra impositiva mas simpática para a tradição folgaz ter um brando universal daquela reunião moça e expansiva.

Agora, correem no ar densas nuvens de confeti trémulo e colorido adegando num labirinto de serpentinas; soltam-se arruidos timbrantes de colôquios e de cristalinas gargalhadas. Folga-se.

E, por entre as ondulações de burritos de éter vomitados por bisnagas, borboleteiam atrávitios confusos, que a vista recolhe como em mirífico painel.

O frenesi, ergue-se, então, na eminência do combate e a sua graduação subindo sempre de nível sorve mil atenções, dimana lavas ardentes.

De quando em vez, refrigeram-se os ardores com bebidas deliciosas e finas artes de confeitaria. Assim prossegue a noite radiante até que, deserta a aurora percertada pela mesma neblina da vespera. São quasi horas de abandonar o salão em desordem. A lembrança da vizinha despedida satura efluvios de tristeza, que fórmam no ámago o tropel da saudade.

Lá se vão os convidados!...

A manhã espera-os com o seu castigador hissope, saúdando-os com ironia por não ter penetrado na estufa, onde os trofeus do Carnaval esperam as blandicias duma vassoura.

E eu, debaixo da capa negra dum estudante, atravessei as ruas da cidade com um sorriso à flor dos labios, apesar do sono zombar dos meus esforços que se estiolavam ao peso da fatiga...

Porto.

Maria Emilia da Rocha Pereira.

O DEVER

SEMANARIO DEFENSOR DA UNIÃO DA FAMÍLIA PORTUGUEZA

Assinaturas (Pagamento adeantado)

Trimestre	0\$32
Semestre	0\$62
Ano	1\$22
Continente e África	
Trimestre	0\$35
Semestre	0\$65
Brazil e África Oriental	
Ano	2\$00
Número avulso, 0\$04	

Publicações

Comunicados, 0\$06 a linha; anúncios, na 1.ª pagina 1 vez, 0\$10 a linha; na 2.ª, 0\$08; na 3.ª e 4.ª, 0\$06. Repetções, metade d'este preço. Por mais de um mês, preço convencional. Selo, cada publicação, 0\$01. Os assinantes tem desconto de 25%.

Não se aceitam informações anónimas nem se restituem originais, quer sejam ou não publicados.

Correspondencias

VERRIDE, 29 de Março

No proximo domingo, ás 15 horas, realiza-se nesta vila uma grandiosa festa dramática e desportiva, promovida pela direção da prestimosa e patriótica associação de instrução militar preparatoria, cujo produto reverte em benefício do cofre da mesma Sociedade e na qual tomarão par-

te um grupo de socios do Sport Club Conimbricense, composto pelos ilustres cidadãos: Ismael Chuvas, Angelo Esteves, Antonio dos Santos Junior, Francisco Relvas e outros.

Às 11 horas será inaugurada e colocada na fachada principal da sede da Sociedade, o busto da Republica, executado e oferecido pelo ilustre e distinto escultor ex.^{mo} snr. Guilherme dos Santos Pinto, sendo nesta altura hasteada a bandeira nacional, fazendo uma alocução o ex.^{mo} snr. Capitão Pestana Lopes, e prestando as honras da continencia, a 1.ª secção dos recrutas da Sociedade, e ao mesmo tempo a Filarmónica União Verridense executará o hino nacional e outros hinos patrióticos.

O programa da festa é o seguinte:

Às 15 horas, sarau dramático e desportivo.

PRIMEIRA PARTE

1.º—Hino Nacional pela orquestra.
2.º—Conferencia pelo ilustre medico desta vila, ex.^{mo} snr. dr. José Cristino.
3.º—Assalto á espada entre os ex.^{mos} snrs. Tenente Ferreira e Alferes Ferreira, de infantaria n.º 28.

4.º—Apresentação dos atletas Ismael Chuvas, campeão do distrito de Coimbra em pesos e altéres, e do seu discípulo Angelo Esteves, feita pelo ex.^{mo} snr. Francisco Relvas, director do Sport Club Conimbricense.
5.º—Trabalhos atleticos (pesos e altéres) pelos ex.^{mos} snrs. Ismael Chuvas e Angelo Esteves.

6.º—Cançonetas, monologos e poesias, por um grupo de amadores de Verride.

SEGUNDA PARTE

1.º—Sinfonia pelo orquestra.
2.º—Sólos em pifano de câna executados pelo ex.^{mo} snr. Rocha, musico de infantaria 28.
3.º—Assalto de luta greco-romana entre os lutadores Ismael Chuvas e Angelo Esteves, arbitrado pelo ex.^{mo} snr. Francisco Relvas.
4.º—Monologos e poesias pelos ex.^{mos} snrs. A. dos Santos Junior e Francisco Relvas.
5.º—Cançoneta — *O amor é uma poma* — pelo ex.^{mo} snr. Francisco Relvas, que se apresentará com fato apropriado para esta cançoneta.

C.

Secção de charadas

EM VERSO

Mulher perversa que amei—1
O meu peitoinda te quer...
Em Aveire te encontrei,—2
Linda e perversa mulher!

Nitrato.

+
Decifrações do n.º anterior:

Das Combinadas — Almeida Junior e Buarcos.
Decifraram a ex.^{ma} snr. D. Elvira de Moraes Costa e os snrs. Domingos Pires e Nitrato.

ANUNCIOS

PINHAL

VENDE-SE um, 5 aguilhadas, sitio da Lagôa, proximo a Sant'Ana, a um quilometro da estação de Montemor, na linha da Beira Alta. Pode ser mostrado pelo guarda, snr. Manuel Caibeço, de Sant'Ana.

Propostas a Antonio Lopes da Cunha — Vila Franca de Xira.

Hospedaria do Paço do Conde

JOSÉ DOS SANTOS

Rua Adelino Veiga, 36 a 40 — Paço do Conde, 10

COIMBRA

Vinhos, comidas e tabacos.

Recebem-se comensais por preços modicos.

Camas para pernoitar.

Esta casa, com a transformação porque caba de passar, melhorou consideravelmente todos os seus serviços, achando-se habilitada a receber hóspedes de qualquer categoria, oferecendo-lhes comodidades por preços baratos. Esmoro e prontidão no serviço de meza, para o que tem pessoal competente.

O mesmo proprietário negoceia em cereais e legumes de todas as qualidades, tais como farinhas, sémolas, batata, castanha, palha enfardada, cordas e adubos químicos.

Rua Adelino Veiga — 44, 48

O seu armazem é já muito conhecido.

Telefone 379

Aos proprietários de Lisboa e Porto

Grande economia

A MUNDIAL, de acordo com os seus importantes reseguradores resolveu efectuar seguros de propriedades, sem uso ou contiguidade perigosa, ao premo de:

508 por cada.	100\$00
ou 580 >	1:000\$00
	de capital seguro

A MUNDIAL

COMPANHIA DE SEGUROS

Sociedade Anónima de Responsabilidade Limitada

Capital, Escudos. 500.000\$00
Reservas em 1914. 64.244\$75

Séde em Lisboa — Rua Garrett, 95 — Telefone 4084

Delegação no Porto — Pinto da Fonseca & Irmão (Banqueiros)

Praça da Liberdade, 138 — Telefone 1459

Agências e Delegações em todo o paiz, ilhas e colônias.

Oficina-Garage de Coimbra

LOBO DA COSTA & CASTANHEIRA

Grandes oficinas mecânicas para reparações de automóveis; fabrico de carretos, pinhões e corolas em aço; cimentação e temperas; vulcanisação e fundição de metais. Recolha e tratamento. Ensino. Automóveis de aluguer de 508 a 520 o quilometro e 9 lotações de 1 a 18 passageiros.

Acessórios, gazolina e óleo.

Transações em carros de 2.ª mão. Serviço especial, para bem servir os ex.^{mos} clientes da província.

Rua da Figueira da Foz — 170

COIMBRA

Local conhecido por «Casa de Sal» à entrada da cidade pela estrada do Porto.

Telefone, 502

Telegrams «Garage-Coimbra»

Antonio Pereira de Carvalho

Proprietario dos Grandes Armazens
de Bicicletas, Maquinhas de Costura, Pianos e toda a qualidade de acessorios.

A maior e mais antiga casa no genero

Oficina para todos os concertos, afinações e reparações em bicicletas, motocicletas e maquinhas de costura.

Artista mecanico habilitado. Vendas, alugueis e trocas.

Preços sem competencia

34—Avenida Navarro—36

(Estrada da Beira)—COIMBRA

GRATIFICA-SE BEM

a quem dê informações de que resulte a condenação por fraudes praticadas com prejuízo dos exclusivos de fosforos e isca (e dos incendiadores, algodão ou qualquer outra matéria apresentada de forma a servir de isca, fabricação ou venda de chita com preparo inflamável, isca em cordão vendida fraudulentamente a título de cordão de sacos, etc., reservando-se a Companhia concessionária intentar a respectiva ação civil de perdas e danos contra os delinquentes, independentemente da multa ao Estado nos termos da legislação em vigor. Gratifica-se generosamente, guardando-se a maior discrição. A Companhia logo que receba informações fidedignas enviará a qualquer ponto do país agentes da fiscalização para procederem às necessárias diligências. Dirigir-se pessoalmente ou por escrito à Companhia Portuguesa de Fosforos, 139, rua de S. Julião, Lisboa.

ADUBOS MELO & MARTINS PAMPILHOSA DO BOTÃO

Fabricantes dos bons adubos compostos da marca registada
PELXE

Chamamos a atenção dos srs. agricultores para fazerem uma experiência dos nossos adubos, devido ao seu magnífico resultado os adoptarão de preferência a qualquer outro.

AZEITE

Para revenda e em grandes quantidades, vendemos de excelente qualidade.

Alugam-se Automoveis

MELO & MARTINS

Pampilhosa do Botão

A FUNERARIA EM PEDRA

— DE —

FRANCISCO A. DOS SANTOS, FILHO

RUA DIREITA, 139 a 149

COIMBRA

Esta oficina encarrega-se de todo o trabalho de jazigos, mausoleus, campas, cantarias e ornamentações, tanto em calcareo como em marmore, a qual tem desenhos de jazigos, para escolher, em estilos antigos e em ARTE MODERNA.

Tem depósito de bancas de eosinha e mausoleus em lousa preta.

Encarrega-se também de fazer esculturas, bustos em pedra, barro, gesso, etc.

Toma conta de qualquer trabalho fora de Coimbra

ANTIGO ESTABELECIMENTO

— DE —

Mercearia, Tabacos e Fazendas brancas

— DE —

João Antonio Rodrigues (SUCESORES)

Montemór-o-Velho

Nesta casa se encontra um completo sortido em açucar, chá, café, manteiga nacional e ingleza, biscoitos, bolachas, massas, bacalhau, genebra e vinhos do Porto.

Ferragens, pregos de aço e de ferro, panelas de ferro, rastilho, chumbo em barra e para caça.

Fosforos e Tabacos, por atacado. Também vende pelos preços de Lisboa, farinha de trigo, cimento Portland, vidraça, telha de vidro e velas de cera.

Preços resumidos

Luiz Maria Lopes & Bráeto

Negócios de sal e vinhos, em vagões, para diversos pontos do país.

12—R. Fernandes Tomaz—14
9—Rua da República—11
Telefone n.º 205.

FIGUEIRA DA FOZ

Companhia de Seguros Fidelidade

Sede: Largo do Corpo Santo, 13—1.º

LISBOA

Capital emitido	1.344.000\$00
Capital desembolsado	67.200\$00
Reservas	738.702.807,5
Prejuízos pagos	4.497.355\$11

Efectua seguros marítimos e terrestres na sede e nas correspondências.

Companhia de Seguros

A Lusitana

Sociedade Anónima
de Responsabilidade Limitada

Capital 500.000\$00 escudos

Seguros de vida, contra incêndios marítimos, terrestres, agrícolas, cristais, postais e de acidentes de trabalho.

AGENTE na Figueira da Foz
Antonio d'Oliveira Guerra
RUA DA REPUBLICA, 84

HOSPEDARIA SILVA

Junto á Estação do Caminho de Ferro
PAMPILHOSA DO BOTAO

Esta hospedaria, situada em frente á estação do caminho de ferro, oferece aos ex.ºs passageiros todas as comodidades, tendo bons quartos.

Serviço esmerado e bom tratamento.

DOMINGOS RODRIGUES DA SILVA

Mercearia, Vinhos e Tabacos. Especialidade em café.
PREÇOS COMODOS

Comissões e consignações

Depósito das afamadas águas de Luso.

Portugal Previdente

COMPANHIA DE SEGUROS

Sociedade Anónima — Responsabilidade Limitada

Capital UM MILHÃO de Escudos

SEDE — RUA DO ALECRIM, 10 — LISBOA

N.º Telef.—1849

End. Teleg.—VIDA

Seguros contra incêndios de prédios, fábricas, etc.

Seguros de estabelecimentos e mobiliários.

Seguros agrícolas de ceáras, eiras, palhas, arvoredos, etc.

Seguros de máquinas e utensílios de lavoura.

Seguros contra incêndio proveniente de greves e tumultos.

Seguros de transportes marítimos e postais.

Seguros contra roubo de habitações e estabelecimentos.

Seguros contra fraude de empregados.

Seguros contra a quebra de cristais.

Seguros de vida, pensões, dotes e reformas.

Seguros contra acidente de trabalho.

Agências em todas as terras importantes do país,
ilhas e colônias.

Sucursal no PORTO — Rua Passos Manuel, 21.

BANQUEIROS—Borges & Irmão—Porto e Lisboa

O DEVER

Semanario defensor da união da familia Portuguesa

Pátria e Humanidade

Director, Proprietario e Administrador—Almeida Junior

Redactor Principal
Virgilio Marques

Secretario da Redacção e Editor
Abel M. de Melo Brandão

Red. e Adm.—R. Dr. José Galvão—Montemór-o-Velho
Direcção—LISBOA—Hotel Porto, R. do Amparo, 12
TELEFONE 364

(para onde deve ir a correspondencia)
Não se restituem originais, embora não se publiquem

Composição e Impressão—Tip. Silva (a vapor)

AVEIRO

Os detentores da Fome

A vida está cara.
Toda a gente o sabe e, todavia, nós ainda ousamos vir dizê-lo mais uma vez.

E' que nos confrange a visão dolorosa dum lar érmo de pão, onde ha lamentos de criança e lágrimas mudas de pai!

E' que temos ainda bem patente a extorsão simplesmente cruel a que tentaram sujeitar este bom e honrado povo de Montemór quando, em 29 do mês findo, lhe açambarcaram todo o milho do mercado para que êle morresse de fome!

Quizéramos comparecer ante os juizes austeros para que êles nos dissessem qual era o mais criminoso: se o alucinado que desfecha uma pistola contra um seu semelhante, se aquelle que rondecamente, friamente condena um povo inteiro a perecer á mingua.

De certo que a integerrima consciência dos altos magistrados não teria que vacilar um momento a estabelecer o contraste.

E... todavia, para o homicida aparecem invariavelmente dezenas de braços empurrando-o para o fundo da prisão maior celular ou para o degredo!

No momento que atravessamos não achamos excessivo pedir para aqueles que exploram com a carestia da vida o que Junqueiro pediu para os funambulos da cruz:

— Truculenta manada obesa de hipopótamos — Virgem-mãe dos heróis, o Liberdade! enxóta-nos, E fazem os transpor, a grunhir, sem demoras, As fronteiras do globo em vinte e quatro horas!

Não, nós não pedimos muito...

Prescinde-se de quem nada produz com a mesma facilidade que se elimina quem tenta perverter mais ainda quem tão pervertido está.

Eis a razão porque achamos não pedir muito.

Os interesses do povo de Montemór havemos de defendê-los, olho por olho, dente por dente, e, por isso, não hesitaremos em cair a fundo sempre que os seus direitos sejam ofendidos.

— Pois como assistir impossivel á vil acção de quem monopolisa o negro pão que a gente come, só com o fim de o tornar mais caro?

— Porventura estará êle muito barato?

— Pois o pobre, o triste, o rude cavador ha-de espraiar o olhar por essas veigas fôra, pensar que foi êle—só êle—que rasgou o ventre á terra para que ela produzisse, e não ha-de revoltar-se porque vê a ganancia penetrar no seu lar, limpar-lhe as únicas migalhas de sobre a mesa e dizer-lhe: — Has de morrer de fome, porque eu quero enriquecer?

— E o cavador?
Ergue-se indignado e corre a pontapés o vil açambarcador.

— E assim fica explicada a acção do povo de Montemór na dia 29 do mês findo.

Dr. Souza Junior

Regressou do Porto, encontrando-se já na capital, este ilustre Senador da Republica e inteligente director geral de Estatística. Damos as boas-vindas ao eminentíssimo patriota que com tanto prestígio tem defendido a nação e impulsionado os bons princípios de democracia, não só com o seu talento de homem de ciencia como com a sua inquebrantável fé na regeneração dos costumes.

Em Verride

Verride teve no domingo passado mais uma consagração. Aquela vila, que está dando a todo o distrito o grande exemplo do patriotismo e da coragem, e que no concelho é uma das terras cujo povo mais ama a emancipação dos costumes e os belos princípios de democracia, viu inaugurar, na tarde explêndida daquele dia radiante, a bandeira da Pátria e o busto da Republica, na séde da Associação d'Instrução Militar Preparatória n.º 43, que ficou instalada na antiga capela.

Ao acto assistiram centenares de pessoas, e o ilustre capitão sr. Pestana Lopes, prelecionando, falou com entusiasmo ao povo, dedicando as suas considerações mais á mocidade palpitante que ha-de tornar alta a nacionalidade por meio da grande fé patriótica que lhes aquece as almas.

A tarde, pelas 46 horas, constituiu-se a meza que devia presidir á anúncio da conferencia do sr. dr. José Cristina, e para cuja presidencia convidou o nosso preso amigo, sr. Reinaldo Sá de Carvalho, o eminentíssimo patriota, sr. capitão Pestana Lopes, que foi secretário, a convite do mesmo amigo, pelos reis dela a verdadeira significação e

A VIDA

Ao consagrado poeta Antonio Sousa Junior (Filho)

A vida! a vida! eis a imutável norma!
Eis o alambique onde se agita o Ser
Que hâde encarnar em uma nova forma
Nas âncias colossais de reviver!...

Eu fui a rocha a que o divino Phidias
Deu vida e forma e cândida expressão;
Eu fui lamina atroz de vis perfidias
Que já brilhou em criminosa mão;

Eu fui o branco Ifrio das campinas,
Fui pétala fugaz de cecéns puras,
Fui idranja entre as plebes assassinas,
Fui o goivo das tristes sepulturas;

Fui grinalda de flôr de larangeira
Da noiva virginal que foi casar,
E dei á mesma virgem a madeira
Do esquife onde a levaram a enterrar!

Fui tudo... tudo... Estranha evolução,
Ha muitos sec'los já, vi que passei...
Quem do Porvir tivera a compreensão!
Quem soubera ainda mais o que eu serei!

— E em toda esta materia que me forma
Um nada repeLENte eu heide vêr,
Se nada se consome mas transforma
Nuns anseios febris de reviver?

Lisboa, 4—4—916.

Gomes Monteiro.

srs. tenente Ferreira e Almeida Junior, Reinaldo de Carvalho é bem uma alma do nosso tempo. Incançável, sempre com a mesma frescura no coração e o mesmo entusiasmo de sempre, a ele se deve, em grande parte, o bom exito que a festa teve.

O sr. dr. José Cristina foi imensamente feliz. Falou com a aprimorada ilustração que todos nós lhe conhecemos. E' nos impossível dar ao público uma nítida ideia do que foi o seu discurso brilhantíssimo, que o público cobriu constantemente de entusiasticas aclamações. Entretanto, daremos um pequeno extrato, que é apenas um palido reflexo do seu grande talento d'homem de ciencia e fina erudição, sentindo que a falta de espaço nos não permite inserir tudo oeste n.º, mas concluiremos no domingo.

O sr. dr. Cristina tem, em primeiro logar, palavras de agradecimento para os membros da direcção da Sociedade, pela gentileza com que o honraram convidando-o a tomar parte em tão simpatica festa; depois apresenta a homenagem de respeito e admiração aos oficiais do exercito presentes, que não tem poupadão a inteligencia e os seus esforços no auxilio que teem prestado á mesma Sociedade. (Muitos apoiados). Proseguindo, diz:

Meus senhores
Rapazes

A festa que hoje se realiza, tão simples e modesta na sua apariencia, mas tão levantada e sublime no seu significado, ha-de ficar-vos gravada na memoria de tal maneira, que vós, no futuro, tendes a convite do mesmo amigo, pelos reis dela a verdadeira significação e ao penhor da vossa palavra e repudian-

compreender-lhe eis o seu elevado alcance.

Na simplicidade do vosso espirito não cabe ainda a complexidade desta festa, mas, mais tarde, quando fizerdes uma evocação das vossas recordações, estes momentos hão-de lembrar-vos bem risonhos, hão-de servir-vos de lenitivo a muita dor, de compensação a muita decepção e de estímulo a muito empreendimento.

Esta festa realiza ainda o sublime condão de retemperar os já gastos dos anos e das atribulações, de dar coragem, aos que a perderam nos baldões da sorte e nas adversidades da vida, de dar aos sacrificados uma maior capacidade de esforços e sacrifícios e aos desalentados o alento e energia para novas empresas.

Mas, perguntar-me-eis, como duma coisa tão simples poderão vir tão grandes resultados e operar-se tão grandes transformações?

Eu me explico:

Esta festa solemnis a inauguração da nova séde desta Sociedade e uma inauguração desta séde a inauguração duma Escola.

E sabeis vós o que é a Escola?
Vou tentar dizer-vos-lo.

A Escola é um santuário, em que se lapidam espíritos e se formam caracteres. É um santuário, em que pelo conhecimento do Bem, aprendereis a ser generosos e bons para com os vossos semelhantes; pelo conhecimento do Belo aprenderedes a apreciar as belezas da Natureza e a obra do homem; pelo conhecimento da Honra e da Dignidade, aprenderedes a ser honrados e dignos, dando com o vosso proceder, plena satisfação

A VOZ DOS PROFESSORES

O CONTO...

Vem isto a propósito dum belo artigo firmado por Antonio Figueirinhas, em *O Meu Jornal*, e em que se acha envolvida uma certa criatura que, por a conhecermos de sobejo, não podíamos deixar de aplaudir tão nobre stílitude.

Nunca as mãos lhe dão, snr. Antonio Figueirinhas!

Já que começou a dissecar, todo esse cadáver putrefacto, eu não podia deixar de pegar também no meu escarpelo ajudando-o nessa tarefa tão necessária, nesta época em que a honradez é um trapo indecente, sujeito às maiores poucas vergonhas.

E dito isto, principiemos...

Por infelicidade minha, fui aluno do snr. Santana, e tive ocasião de mais para poder avaliar da sua tão alta *intelectualidade*, nessa Escola, especie de cubata, onde sua ex.^a é Regulo Mór.

Quererei eu estender, esta minha denominação, a todos os professores da Escola? Não. Ainda lá ha criaturas (poucas são, é bem verdade) de quem somos amigos e ainda conservamos gratas recordações. Pois foi por causa delas, que todo o odio de que o snr. Santana é pouco inexgotável, se voltou para mim, por eu não querer acompanhal-o na sua sêde vingativa de jacobino ultra-pre-historico! Uma vez veio em que ele se pôz a descoberto. Depois de fazer anichar como mestres da sua Escola todo o bicho careta da incompetência, verdadeiras nulidades, e a quem ele tecia os maiores encomios, tratou de perseguir professores conhecidos como competentissimos, obrigando-os a pedir a sua demissão. E alguma coisa conseguiu. Os alunos, poucos é claro, apreciavam esse facto, e muitas vezes durante as aulas punham em cheque a competencia dos ilustres catedráticos. Santana irritava-se. Duma ocasião, o meu saudoso colega Justino de Vasconcelos, que tivera medias altas a francez, na nova regencia dum dos *tais* mestres baixava muito consideravelmente a nota. Na primeira ocasião, chamara ao mestre o que ele era:—incompetente.

Pois não foi preciso mais nada. Justiça de Satan... moveu-lhe imediatamente um processo. Nós apreciamos, exaltados, esta maneira de querer calar a consciencia de cada um, e duma vez, dizia eu: «Isto é uma monarquia de barrete frigio»; e acto continuo lançando ao ar algumas notas do hino da Carta, dizia: «Viva o rei má-lia rainha tamem...» O' tu que tal disseste! Salta, apopletico, do seu gabinete ao nosso, e num tom imperativo de Kaiser, (naquele tempo diríamos dum dos mais exaltados jacobinos) pergunta:

«Quem esteve aqui a cantar o hino da Carta?»

Tudo emudeceu. Eu placidamente, respondi: «Fui eu!»

— O senhor?

— Sim senhor!

— Ainda o diz?

— Se quer que minta! . .

Desapareceu como um relampago. Tudo dizia: ah! vai já um telegrama para o Governo dizendo: *Descobri uma conspiração!* Sim, devia ter um processo pelo meu gesto.

Ao outro dia, o jornal do snr. Machado dos Santos, *O Intransigente*, lá trazia, pouco mais ou menos:

«Na Escola Normal, fóco de monarquicos, uns meninos cantam o hino da Carta. Um sabemos nós (era eu) que por condições de familia tentarão abafar o processo, mas nós não deixaremos passar este desacato à Republica».

E' claro que o articulista falava verdade, dizendo que era um fóco de monarquicos, mas não explicava se os alunos se de mes-tres...

Ao outro dia escrevi uma carta ao snr. Machado dos Santos, dizendo como se tinha passado a questão, e que tinha sido eu o único que *desacatara* a Republica, emprassando fosse quem fosse, se eu tinha sido monarquico ou se o era actualmente. Depois citava, transcrevendo do *Anuario da Escola*, umas palavras proféradas pelo snr. Santana, um ano antes da implantação da Republica, que era a prova mais escandalosa da sua bajulação ao ex-rei Manuel.

A resposta do snr. Machado dos Santos foi de que tinha recebido uma carta minha, e por já ter passado a oportunidade, visto que o incidente estava liquidado, não a publicava, etc. . .

Em vista da minha atitude, foi junto de meu Pai, e pediu-lhe para me transferir, visto que *ali não passava!*

A principio ainda me opus, mas acedi depois, visto que o snr. Santana, chegou (o que o vereador é) a vereador da Camara do Porto! e meu Pai como secretario não queria ter com ele conflitos.

E lá fui para Coimbra.

Tudo isto, e muito mais, eu fazia tento de escrever num folheto intitulado: *A Escola Normal do Porto, fóco de incompetencia moral, intelectual e física*, logo que atingisse a minha maiorida-de. Proporciona-se agora a ocasião, e eu hoje senhor dos meus actos, não no folheto, mas aqui, começarei a apresentar o sudario. E agora, snr. Santana, vingue-se em mim.

Virgilio Marques.

do aqueles que a ela faltam; é esse santuário, em que aprendereis o respeito, que deveis ao vosso semelhante e a vós mesmos, em que aprendereis a enxugar

as lagrimas á dor, a dispensar todo o auxilio ao desvalido, todo o carinho e amor ao infortunio; esse santuário, que

sos antepassados, admirando-lhes o exemplo, a honra e o valor; esse santuário, finalmente, que faz dia a dia passar por diante dos vossos olhos maravilhados as grandes, luminosas e emocionantes páginas da nossa historia, que outra mais bela não ha no mundo, os feitos gloriosos dos nossos maiores, com que se originariam as mais nobres nações, ensinando-vos assim a seguir-lhes o exemplo, ensinando-vos assim a derramar os vosso sangue pela Patria e a colocá-la bem alta, bem limpida e cristalina no logar que ela tem direito a ocupar.

A Escola é então, como vos disse, o santuário, em que se lapidam espíritos e se formam caracteres.

Se vós deveis muito a vossos País, que vos deram á custa de tantos sacrifícios e quem sabe de quanta dor, a vida física, muito haveis de dever á Escola, que vos dá a vida do espirito tirando-vos das trevas da ignorancia.

Se é certo que os esforços de vossos País fizeram o homem, não é menos certo também que os esforços de vossos Professores hão-de fazer de vós o cidadão.

E, visto que entrei nesta ordem de ideias, deixai-me aproveitar a ocasião para vos dizer que este edifício, onde até ainda ha bem pouco se ministram os preceitos duma religião, com a sua nova aplicação não foi na verdade profanado, porque nele se ministram agora os preceitos duma outra religião: a religião do Bem e do Belo, do Amor e da Verdade.

Pois, meus senhores, apesar da Escola ser tudo o que vos acabo de expôr e muito mais, essa alavanca poderosissima de engrandecimento dos povos e das nações, até ainda ha bem pouco, os nossos governos votavam ao mais feroz ostracismo, ao mais deprimente e repugnante abandono o problema maximo da regeneração da nossa raça.

Só com o advento da Republica o Governo Provisorio tratou d'este importantissimo problema com levantado entusiasmo e desvelado carinho.

A Europa culta colocou-nos no ultimo grau da escala; pôz a par da Bulgaria e da Turquia a nação, que ha quatro séculos com um punhado de heróes encheu o mundo com as suas glórias, revolucionou o comercio e as industrias, as sciencias e as artes, subjugou nações e dominou os mares; pôz a par da Bulgaria e da Turquia a nação, que escreveu os *Lusiadas*, o mais extraordinario poema dos tempos modernos!

E, infelizmente hoje, Portugal conta mais de quatro milhões de almas, que não sabem já não digo entender ou interpretar, mas nem sequer soletrar essa bíblia santa, cuja leitura realiza a misteriosa virtude de dar coragem ainda aos mais açoitados pela ventania de todos os desastres.

(Continua).

Manuel Ribeiro do Rosario

Com destino á Beira Baixa, parti no comboio correio de quarta-feira passada, este nosso querido amigo e assinante.

Ribeiro do Rosario, que é regente agricola pelas escolas de Coimbra e Santarém, posse em Alcains importantes propriedades que teve de abandonar a cuidados estranhos, afim de vir á capital tratar-se de grave enfermidade de que, felizmente, se encontra restabelecido já. Hospedára-se no «Hotel Porto» e foi aqui que o conhecemos. As suas cativantes qualidades e fino espirito, fizeram-no seu amigo, e na quarta-feira passada, ao despedirmo-nos dele na gare do Rocio, não pudemos fazê-lo sem que a comoção nos invadisse, e a saudade nos alanceasse a alma.

Que goze por lá as maiores felicidades, é o que sinceramente lhe desejamos.

Estevão Faria Rama

Deu-nos a honra da sua visita este nosso presadissimo amigo, Empregado Principal de Via e Obras da Companhia Portuguesa e um dos mais devotados amigos desta vila, que foi o seu berço

Faria Rama prometeu ao Dever todo o seu concurso de bom patriota, e a sua acção far-se-á sentir dentro em breve auxiliando-nos na organização dum espetáculo que este jornal vae aqui promover, no Teatro, com elementos dos palcos da capital, em favor do povo mais necessitado desta terra, agora que a fome tanto cá se está fazendo sentir.

Contamos não só com aquele nosso amigo, como com todos os bons que nos queiram ajudar.

Pela sociedade

Tem estado doente, em Coimbra, encontrando-se já felizmente melhor, o distinto aluno do quarto ano de medicina e nosso presado amigo, snr. Antonio Maria Branquinho do Amaral Pereira.

Desejamos muito sinceramente as rápidas melhorias do inteligente academico.

= Passou no dia 31 o aniversario naturalicio da snr.^a D. Idalina Machado, extremecida filha do nosso presado assinante, amigo e distinto escultor conimbricense, snr. João Machado.

Parabens.

= Deu-nos o prazer da sua amavel visita o nosso estimado amigo, snr. Antonio Cigarra, digno empregado superior da casa Ramiro, Leão & C.^a, de Lisboa, e antigo funcionario da Casa Herold, de Pampilhosa, onde deixou muitas simpatias pelo seu trato afavel.

= Passou, classificado em primeiro lugar em todas as disciplinas da Escola Naval de Lisboa, o nosso presado amigo Domingos Pires, inteligente 2.^o sargento da armada.

Um abraço.

As cartas duma infeliz

Meu caro Leopoldo :

Fui hontem passiar á Quinta das Lagrimas. Tinha ouvido falar dela, e desse dôce retiro histórico nos falam poetas. Foi lá que D. Ignez amou com ternura, e ali á beira dos salgueirais do Mondego, eu senti que uma alma nova falava á minha alma extasiada.

Mirei com enternecimento os horizontes iluminados que tantas coisas intimas nos segredam, e a paisagem, soberba de exuberancia mas em si divinamente nostalgica, e nebeou-me os sentidos até á saudade amargurante dos que por ali passaram em tempos de gloria e em dias amorosos de devaneios e lagrimas.

Vê-se de lá toda Coimbra, soberba nas suas tradições mais belas, e os meus olhares, entrestecidos pelo poente alaranjado do sol-morto, mais mortos pareciam ainda para a vida do entusiasmo que possa dar-nos prazeres.

Ah! Leopoldo! Quantas vezes eu me lembrei de minha santa mãe, das suas orações lacrimosas, dos seus conselhos amigos! De minha mãe e de ti, que te pareces, no sentimento e na Dôr, muito com essa velhinha que nasceu para amar e para fazer bem.

Bem sei que te ris do meu humor de doente. Embora. A vida, que para mim são Ave-Marias de tristeza, resadas ao toque do campanario, que chora todos os dias á noitinha, por sobre a casa da minha aldeia, será para ti um manancial de prazeres e de divertimentos. Deixa-lo! A Natureza é prodiga. E foi a Natureza, agora toda vestida de galas e odorante de perfumes, que me fadou para este tédio ás coisas d'alegría e de venturas.

Adeus. Vou deixar a Quinta das Lagrimas; mas, o meu pensamento, esse não deixará nunca os momentos de bem-estar espiritual que aqui passei. Escreve á tua Coimbra.

Irene.

Poetas e Prosadóres

CONTO...

(A) Irène das «Cartas duma infeliz»

Havia, outrora, em terras portuguezas
Uns olhos negros, lindos, de encantar,
E um namorado cheio de tristezas
Que tentava a conquista desse olhar!

E os teus olhos, então, moveram guerras
Contra aquele que os queria conquistar
E ficou preso, emfin, em longes terras
E nunca mais se poderá livrar!

Ficou preso na patria das quimeras,
Porque amava esse paiz deveras,
Onde vive, contente, a soluçar!

Oh! meu amor, este conto é bem triste..
Tudo isto é verdade, é certo, existe:
—Fui eu que me perdi no teu olhar!

Oliveira San-Bento.

Donativo

A camara municipal dotou a escola de Verride com mais 600 escudos, verba que já se achá na Tesouraria, para ser levantada. E' digno de louvor o snr. Antonio Joaquim Simões, presidente da Comissão Executiva, pela maneira digna como está auxiliando a instrução no concelho que administra.

Falecimento

=†=

Faleceu em Vila Franca d'Araze, povoação deste concelho, a snr. Clotilde d'Oliveira, esposa do snr. Antonio da Cruz Bernardo e irmã do nosso assinante, snr. Manoel d'Oliveira Mauricio, daquele mesmo lugar.

Deixa na orfandade três crianças menores.

Paz á sua alma e sentidas condolências á familia em luto.

Horas d'Insónia

E... escreveu-me novamente. Diz-se inspirada na minha crónica sobre a liberdade no amor. Que casou. O seu consório foi um contrato duplamente agradável: o contrato da sua alma, fundindo-se, por meio dum longo beijo, na alma de seu marido; e o das formulas oficiais, realizado na secretaria dum posto de registo. Não sentiu ainda, diz E..., que o grande amor das primeiras horas de casada diminuisse. Vê no companheiro a glória do seu ideal, a consumação do seu sonho de tantos anos. A' volta dos seus olhos, um pouco apagados já, descortina a minha gentil confidente as primeiras rugas epidermicas. E mandou-me, para amosa, um cabelo prateado, o primeiro que viu dentro os milhares de cabelos que lhe ornaram a cabecita loira? E' pouca a sua idade, mas muitos e enormes os seus sofrimentos. Anteviu um mundo novo, um mundo sem dores, um mundo sem lama.

Não comprehendo bem, minha senhora. V. Ex.ª sentiu-se, ao casar, feliz e bem disposta. Uniu o seu coração ao do marido, certamente em transportes arrebatantes de meigas caricias. Sentiu a sua vida na vida dele, a sua alma na alma do homem que sempre amou. Se assim foi eu não percebo, cara E..., a razão do seu sofrimento, a causa das suas torturas, tão nova ainda. Se a união de dois seres se completa por meio de registos, á vista de testemunhas, e com repique de sinos e dois tostões ao sacristão que tem fome, porque o padre, esse, janta como convidado tomando o lugar d'honor á laute banca do salão com tapetes caros bordados por finas mãos; se a união se completa para a felicidade futura, assim com amendoas e viagens em automovel, não faz sentido que, depois dela, a nostalgia continue, a dor subsista, porque, a meu ver, esse facto contribuirá para o depauperamento da

raça, tornando os vindoiros almas doentes e organismos sem valor aproveitável.

Depois, minha senhora, eu sei: Uma mulher nova, como V. Ex.ª, é sempre bela; e, se é mãe, não é sómente bela: —é também docemente adorável.

Não tenho o gosto de conhecê-la. Jugo-a no entanto uma inteligência superior, um carácter ben formado. Assim, como vê, e as próprias experiências da vida lhe devem ter mostrado, não é difícil encontrar galanteadores, homens de monoculo e sobreesaca, de chinó e de olheiras feitas propulsivamente fundas.

E V. Ex.ª que passa, cheia de glórias e provavelmente de notas do Banco de Portugal, com um nêmesio pela mão e um grande chapéu da moda, criada de olhares lubrivos, de olhares variados e de varias maneiras e feitos, sente-se naturalmente aborrecida por se julgar presa a uma convenção e ela não lhe dar direito a rir para ninguém, a amar mais ninguém, assim como que uma imposição á alma e um dique ao sentimento, que às vezes pode ter nobreza e encanto.

Será essa a causa do seu mal-estar? Se é, temo-la em contradição, e nesse caso o casamento tem inconvenientes. Um dia a sociedade reconhecerá que os preconceitos fazem mal e que não ha como os preconceitos do amor, da confiança em nós próprios, do ideal que nos alenta e do sonho de belezas psicológicas, que povoam constantemente o nosso cérebro.

E nesse dia deixará d'haver filhos sem amor e V. Ex.ª de escrever sobre o mesmo assunto ao

ALMEIDA JUNIOR.

AGRADECIMENTO

Antonio Henriques Nogueira, e sua esposa, encontrando-se livres de perigo, após a grave enfermidade que os reteve no leito por muito tempo, vêm, por este meio, agradecer ao ilustre e inteligente medico, o Ex.º Sur. Dr. Delfim Pinheiro, todas as solicitudes com que os tratou, podendo dizer que ao Sur. Dr. Delfim devem o sobreviverem a tão horrível doença.

Granja do Ulmeiro, (Alfarelos)
31 de março de 1916.

Falta d'espaco

Por este motivo ficaram retidos vários originais, dentre eles parte do extracto da conferencia do snr. dr. José Cristino, por ter chegado muito tarde a esta redacção.

Transcrição

Ao nosso ilustre confrade do Porto, a Federação Escolar, agradecemos a transcrição que fez no seu n.º 211, do belo artigo do nosso intelectual colaborador Pompeu Faria de Castro, e inserido num dos últimos numeros do Dever.

Outrossim muito nos penhoraram as amáveis palavras que dirige ao nosso director.

Amor Patrio!

Americo era o mais esbelto rapaz da sua aldeia, com quem todas as raparigas se orgulhavam de conversar, aos domingos, nas ceifadas, e em bailes em que a mocidade se espande, cheia de galas, pujante e bela; e em que realçam sempre os encantos das gentes camponezas que, levando a semana inteira em trabalhos arduos, sob um sol ardente, mas tonificante, se sentem cheias de vida e frescor que mais doce tornam as suas festas juvenis! Mocidade, quadra sublime que jamais deveria findar! tu és bem a ridente Primavera da vida; tu és bem uma gargalhada cristalina de bençãos solta por labios formosos de boca pe-

quenina e fresca, como só possuem as inocentes creancinhas, ao rir alegremente!

Tinha Americo vinte anos. Conselho da sua beleza mascula, era um pouco vaidoso, a despeito de possuir um coração nobre, uma alma idealmente bela, um carácter probo que o distingua. Era por isso que os labios carminados das mocetonas se abriam para ele, num sorrisinho estonteante. Mas Americo sabia ser indiferente, bailando com todas, sem que se deixasse prender pela arrebatante aza do amor que, na sua idade, tem vôos lúminos d'encanto e rasgos sublimes d'heroísmo. Sentia-se feliz por ser amado? De certo. Tinha albergado em seu peito um afecto enternecedor que o dignificava, e que não lhe dava enjôo para pensar em outra cousa que não fosse o seu ideal sublime! Amava a Patria com idolatria; era Ela o altar sagrado perante o qual ajoelhava, cheio de crença e esperança no futuro da libertação das consciencias.

Declara-nos guerra a Alemanha altaiva, arrogante e imponente no seu sonho d'aniquilamento. E o Americo, gentil e sonhador, coração forte de português a valer, é o primeiro a esquecer a vida feliz da sua aldeia; a abandonar, sem esquecer nunca, os sorrisos cativantes das gentis morenitas para as quais ele era como que um ídolo:—Americo oferecia-se para defender a nossa gloriosa Patria, esta Patria sacrosanta de abnegações e heroismos, que é, dentre todas as raparigas, para ele a mais sedutora e a mais querida. Depois da Patria ama Aura. Alma feita só para o bem, aconselha-o, com o seu mais cativante sorriso, a que parta; que irá com ele; que saberá morrer a seu lado nos campos ensanguentados da guerra onde a Liberdade se defende e a imancipação das raças hâde germinar, altaiva e fecundante, para o bem da humanidade em luta. E quando a morte os surpreender em defesa deste lindo jardim da Europa á beira mar plantado, terão ambos a força precisa para, mesmo nas vascas da agonia, gritarem com toda a força dos seus corações unidos para o mesmo destino:

Salvé, Portugal!

E. de Morais Costa.

Jornais

Passou mais um ano por sobre a existencia do nosso preso colega de Mira, a Defesa, superiormente dirigido pelo grande patriota, snr. dr. Elias Gorodilho. Apraz-nos registrar o facto, pois a Defesa de Mira tem sabido manter-se a dentro das rígidas normas dos altos principios d'independencia.

Morto em África

Do ministério das colônias foi recebida a notícia no governo civil de haver falecido em Malema, província de Moçambique, o 2.º sargento Antonio d'Oliveira, de Cadima, concelho de Cantanhede, deixando um espólio de 28.925.

Agradecimento

Manuel Duarte Geral e Evaristo Duarte Geral, agradecem a todas as pessoas que acompanharam a sua ultima morada o seu chorado irmão e tio José Augusto Duarte Geral, e bem assim a todos os que nessa ocasião lhes manifestaram os seus sentimentos.

Montemor-o-Velho,
5—4—916.

ANUNCIOS

PINHAL

VENDE-SE um, 5 aguinhadas, sitio da Lagôa, proximo a Sant'Ana, a um quilometro da estação de Montemor, na linha da Beira Alta. Pôde ser mostrado pelo guarda, snr. Manuel Cabeco, de Sant'Ana.

Propostas a Antonio Lopes da Cunha — Vila Franca de Xira.

BINHEIRO

EMPRESTA-SE, mediante boa garantia. Nesta redacção se diz.

DR. AVELINO FARIA

Advogado

CANTANHEDE

Dá consultas aos domingos em ARAZEDE de outubro em diante e trata de qualquer questão no tribunal de Montemor-o-Velho.

Aos proprietários de Lisboa e Porto

Grande economia

A MUNDIAL, de acordo com os seus importantes reseguradores resolvem efectuar seguros de propriedades, sem uso ou contiguidade perigosa, ao premio de:

50\$ por cada	100\$00
ou 50\$ >	1.000\$00
de capital seguro	

A MUNDIAL

COMPANHIA DE SEGUROS

Sociedade Anónima de Responsabilidade Limitada

Capital, Escudos 500.000\$00
Reservas em 1914 64.244\$75

Séde em Lisboa — Rua Garrett, 95 — Telefone 4084

Delegação no Porto — Pinto da Fonseca & Irmão (Banqueiros)

Praça da Liberdade, 138 — Telefone 1459

Agências e Delegações em todo o paiz, ilhas e colônias.

Antonio Pereira de Carvalho

Proprietario dos Grandes Armazens de Bicicletas, Maquinas de Costura, Pianos e toda a qualidade de acessorios.

A maior e mais antiga casa no genero

Oficina para todos os concertos, afinações e reparações em bicicletas, motocicletas e maquinas de costura.

Artista mecanico habilitado. Vendas, alugueis e trocas.

Preços sem competencia

34—Avenida Navarro—36

(Estrada da Beira)—COIMBRA

GRATIFICA-SE BEM

a quem dê informações de que resulte a condenação por fraudes praticadas com prejuízo dos exclusivos de fosforos e isca (e dos interesses do Estado, da Companhia concessionaria e do comércio legítimos acendedores, algodão ou qualquer outra matéria apresentada de forma e servir de isca, fabricação ou venda de chita com preparo inflamável, isca em cordão vendida fraudulentamente a título de cordão de sacos, etc., reservando-se a Companhia concessionaria intentar a respectiva ação civil de perdas e danos contra os delinquentes, independentemente da multa so Estado nos termos da legislação em vigor. Gratifica-se generosamente, guardando-se a maior discreção. A Companhia logo que receba informações fidedignas enviará a qualquer ponto do paiz agentes da fiscalização para procederem às necessarias diligências. Dirigir-se pessoalmente ou por carta à Companhia Portuguesa de Fosforos, 139, rua de S. Julião, Lisboa.

ADUBOS MELO & MARTINS

PAMPILHOSA DO BOTÃO

Fabricantes dos bons adubos compostos da marca registada
PEIXE

Chamamos a atenção dos snrs. agricultores para fazerem uma experiência dos nossos adubos, devido ao seu magnífico resultado os adoptarão de preferência a qualquer outro.

AZEITE

Para revenda e em grandes quantidades, vendemos de excelente qualidade.

Alugam-se Automoveis

MELO & MARTINS
Pampilhosa do Botão

A FUNERARIA EM PEDRA

— DE —

FRANCISCO A. DOS SANTOS, FILHO

RUA DIREITA, 139 a 149

COIMBRA

Esta oficina encarrega-se de todo o trabalho de jazigos, mausoleus, campas, cantarias e ornamentações, tanto em calcareo como em marmore, a qual tem desenhos de jazigos, para escolher, em estilos antigos e em ARTE MODERNA.

Tem deposito de bancas de cosinha e mausoleus em lousa preta.

Encarrega-se tambem de fazer esculturas, bustos em pedra, barro, gesso, etc.

Toma conta de qualquer trabalho fóra de Coimbra

ANTIGO ESTABELECIMENTO

— DE —

Mercearia, Tabacos e Fazendas brancas

— DE —

João António Rodrigues

(SUCCESSIONES)

Montemor-o-Velho

Nesta casa se encontra um completo sortido em açucar, chá, café, manteiga nacional e ingleza, biscoitos, bolachas, massas, bacalhau, gengibre e vinhos do Porto.

Ferragens, prego de arame e de ferro, panelas de ferro, rastilho, chumbo em barra e para caça.

Fosforos e Tabacos, por atacado. Tambem vende pelos preços de Lisboa, farinha de trigo, cimento Portland, vidraça, telha de vidro e velas de cera.

Preços resumidos

Luiz Maria Lopes & Brácio

Negociantes de sal e vinhos, em vagões, para diversos pontos do paiz

12—R. Fernandes Tomaz—14
9—Rua da Republica—11
Telefone n.º 205.

FIGUEIRA DA FOZ

Companhia de Seguros Fidelidade

Sede: Largo do Corpo Santo, 13—1.º

LISBOA

Capital emitido	1.344.000\$00
Capital desembolsado	67.200\$00
Reservas	733.702\$07,5
Prejuizos pagos	4.497.355\$11

Efectua seguros marítimos e terrestres na sede e nas correspondencias.

Hospedaria do Paço do Conde

— DE —

JOSÉ DOS SANTOS

Rua Adelino Veiga, 36 a 40 — Rua do Paço do Conde, 10

COIMBRA

Vinhos, comidas e tabacos.

Recebem-se comensais por preços modicos.

Camas para pernoitar.

Esta casa, com a transformação porque acaba de passar, melhorou consideravelmente todos os seus serviços, achando-se habilitada a receber hóspedes de qualquer categoria, oferecendo-lhes comodidades por preços baratos. Esmoro e prontidão no serviço de meza, para o que tem pessoal competente.

O mesmo proprietário negoceia em cereais e legumes de todas as qualidades, tais como farinhas, sémolas, batata, castanha, palha enfardada, cordas e adubos químicos.

Rua Adelino Veiga — 44, 48

O seu armazem é já muito conhecido.

Telefone 379

Portugal Previdente

COMPANHIA DE SEGUROS

Sociedade Anonima — Responsabilidade Limitada

Capital **UM MILHÃO** de Escudos

SÉDE — RUA DO ALECRIM, 10 — LISBOA

N.º Telef.—1849

End. Teleg.—VIDA

Seguros contra incendios de predios, fabricas, etc.
Seguros de estabelecimentos e mobiliarios.
Seguros agrícolas de ceáras, eiras, palhas, arvoredos, etc.
Seguros de máquinas e utensílios de lavoura.
Seguros contra incendio proveniente de gréves e tumultos.
Seguros de transportes marítimos e postas.
Seguros contra roubo de habitações e estabelecimentos.
Seguros contra fraude de empregados.
Seguros contra quebra de cristais.
Seguros de vida, pensões, dotes e reformas.
Seguros contra acidente de trabalho.

Agencias em todas as terras importantes do paiz, ilhas e colônias.

Sucursal no PORTO — Rua Passos Manuel, 21.

BANQUEIROS—Borges & Irmão—Porto e Lisboa

Ano 5.

Montemor-o-Velho, 16 de Abril de 1916

N.º 215

O DEVER

Semanario defensor da união da familia Portuguesa

Pátria e Humanidade

Director, Proprietario e Administrador — Almeida Junior

ESCORRACANDO A FOME

A semelhança do dinamite, a alma do povo irrompe, ruge e tudo esmaga quando lhe tentam impôr barreiras onde queiram sujeitar o seu ser livre.

A prova mais concludente tivemos-nos nas foices roçadoiras do Minho, quando no ar andavam dispersas as notas estridentes da Maria da Fonte.

Esse tempo passou, é certo, o que não quer dizer que com ele passasse esse pruri-formidável que cria heróis.

Assim, também o povo de Arazede, Tentugal e outras freguezias do concelho se levantou contra o lívido espetro da Fome, imposto pela ganância dos vis açambarcadores, e fez valer os seus direitos.

Muito bem! diremos nós, ainda que, lá dos antros da ambição infame, os miseráveis traficantes nos tentem anavalhar, tanto mais que tais criaturas são capazes de tudo.

Já na passada semana vimos a terreiro com a mesma ordem de ideias, e, hoje como hontem, pedimos ao governo que se interesse um poucochinho mais na solução do grave problema que se nos oferece — o pão dos pobres.

Porque pobres não são sómente aqueles que vão de porta em porta implorando a caridade alheia, exibindo umas chagas pustulentas, conduzindo umas crianças enfezadas e raquiticas.

Pobres são também aqueles que sol a sol labutam para o grangeio do pão quotidiano e que, no dizer acertado do nosso povo, «o ganham de dia para o comereim à noite».

Pobres são aqueles que, visionando o monopolio do pão, fazem restringir a sua cólera justiciera e tocam os sinos a rebate.

* * *

Se pudessem traduzir a linguagem dolente dos sinos quando no coração dessa nobre gente se estuava o anseio de viver, ouviriam os hinos da revolta misturando-se com os gemidos plangentes.

tes dos que agonisam de pés pequeninos, o diabo do actor ás vezes corre meia Lisboa. Porque é que as senhoras se envergonham de andar assim?

Todo esse bronze ferido por mãos desesperadas, parecendo relembrar o passado, atirava pelos ares fôra um grito de reivindita.

Era o mesmo som — sentido bem — que cantou em batizados festivos, que repicou em casamentos felizes, que soluçou em funebres cortejos!

E agora — bem-dito seja o bronze! — se ergueu em voz potente a proclamar os direitos mais sagrados deste bom e honrado povo.

Bemdito seja, como benedita deve ser a nobre alma popular, pronta para todos os sacrifícios e altaiva perante todas as infamias a que a tentam sujeitar.

Horas d'Insónia

Sáias curtas

Pergunta-me uma leitora gentil, que nunca usou sáias curtas nem travadihas, qual o motivo porque, sendo as sáias curtas uzadas livremente e voluntariamente, muitas das suas possuidoras, ao sentarem-se nos bancos dos jardins ou nos carros elétricos, fazem todo o possível para que a perna se lhe não veja, correndo a baixo os vestidos ou escondendo os pés, ás vezes com sacrifício. Franamente, minha senhora, não sei como, não conhecendo eu nada do assunto, lhe possa dar uma resposta satisfatória.

Que eu gosto de ver vestidos curtos ás meninas, isso não resta á mais pequena dúvida. Que elas, trajando assim, o fazem por mero luxo, obedecendo ás praxes da moda? Deve ser isso. Mas nesse caso, não é bem claro que, fazendo-o, se não exibam á vontade, e, só depois de se vestirem, e andarem na rua girando com graça e desenvoltura, se lembrem de que não é airoso trazer vestidos curtos á vista de toda a gente.

Entrou já a Primavera. A minha gentilissima leitora, que é tão perspicaz e fina, decerto começou a trazer, nas Avenidas, o seu vestido de gare, muito transparente, dando-nos a impressão duma criatura sem nenhuma espécie de convencionalismos a fervilharem-lhe no cérebro que pensa muito a seu modo e encaminha as suas ações com certa liberdade e amplitude.

Entretanto, vae-me perguntando porque é que as senhoras, trazendo vestidinhos curtos, se envergonham na rua de andar assim. E eu não sei responder-lhe, sinto-o! Se se envergonham, não sei. O que sei é que não acho razão para cavar, de mais a mais quando o remedio está na modista e muitas vezes na tezoura da própria menina que mostra o pésinho bem feito.

O Chaby acha lhe graça, e, por uns

sabemos, irmanados na mesma Fé e no mesmo sentimento patriótico lançar mão de todos os recursos para repelir com honra e altivez a afrouta da tirania.

Havemos de seguir-lhe o exemplo, porque antes queremos morrer com honra, do que arrastar, vilipendiados, os grilhões infamantes da servidão. (Muitos apoiados).

Continuando no confronto entre Portugal e as nações citadas, lamenta que Portugal, com uma língua própria, uma expansibilidade enorme, com um coeficiente intelectual dos mais elevados da Europa, sem percentagem de crimes e perversões, esteja abaixo dessas nações.

Alem da vergonha que desse facto nos vem, (continua o conferente) faz pena, causa indiguação e desperta um grito de revolta, a quem ama um pouco estes torrões; a quem sente palpitar em cada lage de fumulo, em cada zimbório de catedral, no bramir do mar, no murmurar das fontes, nas lamentações plangentes do arvoredo, a alma gloriosa dos nossos antepassados! (Ovações entusiasticas).

Avaliemos pois, meus senhores, que benedita cruzada esta, que benemerente iniciativa, que tenta, com a sua quota parte, limpar esta mancha, que nos envergonha, que tenta apagar das estatísticas os 4 milhões de analfabetos e tenta enfim remir o deficit monstruoso da civilização portuguesa.

Isto seria multiplicar as forças morais da nação, engrandece-la debaixo de todos os aspectos, apagar-lhe a mais afrontosa macula, que a conspurca e coloca-la com o brilho, que ela merece, e com o respeito e admiração, a que ela tem direito, ao lado das nações mais cultas da Europa.

Com ilustração não ha nações pequenas. O que a força material não pode, vence-o a superioridade moral e intelectual.

E sabeis, meus senhores, porque a nossa nação se encontra crucificada neste calvario deprimente da ignorância?

Pelo abandono criminoso a que foi votada a escola primária.

Lá fôra, onde se pensa, onde se trabalha, onde se progride, a escola primária é tratada com os zelos e carinhos com que uma mãe trata os filhos amados. (Muitas palmas).

A seguir faz o confronto de Portugal com outras nações da Europa como a Suecia, a Noruega, a Suíça, a Dinamarca, a Holanda e quando quer referir-se á Belgica diz:

Da Belgica não falo, porque essa nação, que acaba de dar ao mundo o exemplo mais emocionante da honra e da bravura, do cavalheirismo e do sacrifício, essa hoje quasi que não existe, vítima da brutalidade e da traição alemã. E nós, para quem o tirano na ancia convulsiva de morticínio já estendeu a garra sanguinaria, havemos de seguir o exemplo dessa Belgica e dessa Servia heroicas e martires, porque queremos legar aos vindouros, porque queremos legar a nossos filhos, o nome glorioso e honrado, rico em tradições de bravura e heroísmo, que herdamos de nossos antepassados.

Havemos de seguir-lhe o exemplo, porque, nés os Portuguezes, nas grandes crises de angustia da Patria, sempre

Redactor Principal
Virgilio Marques

Secretário da Redacção e Editor
Ab M. de Melo Brandão

Red. e lid. — R. Dr. José Galvão — Montemor-o-Velho
Direcção — LISBOA — Hotel Porto, R. do Amparo, 12
TELEFONE 364
(para onde deve ir a correspondencia)

Não se restituem originais, embora não se publiquem

Composição e Impressão — Tip. Silva (a vapor)
AVEIRO



menor esforço; porque não quer aprender novos processos e porque não quer ter a paciencia e curiosidade de experimentar novos resultados.

Não se lembra, ou não quer lembrar-se, de que os novos ensinamentos são a resultante de muitos trabalhos, muitas lucubrações, muitas experiências de homens de reconhecida competência.

Nos paizes em que a agricultura se deixa guiar pela mão da sciencia, a transformação é completa, a situação desafogada e prospera; a agricultura em lugar de ser, como entre nós alguém de grande talento disse espiritualmente, «a maneira de empobrecer alegremente», é um manancial de energia e prosperidade.

Mas qual a causa principal do nosso atraso o mais deprimente e funesto?

O atraso da Escola primaria. (Aclamações).

A seguir refere-se á remodelação da escola primaria francesa, confrontando-a com as nossas, que não chegam sequer para ensinar a ler.

Mas a escola faz mais. Manancial inexgotável, não param por aqui os seus benefícios. Assim como prepara o homem para a vida prática, pelas noções com que lhe enriquece o cerebro, assim como, despertando-lhe e robustecendo-lhe as virtudes faz dele um caracter, assim também lhe ensina a distinguir o bom do mau, assim o ensina a prever-se contra as armadilhas e trações dos falsos, assim lhe ensina a cauterizar o vício, pestilente chaga social, como se cauterisam as chagas nos organismos infectados.

Para o homem instruído já o vício se não ri da virtude; a hipocrisia não escarnece a sinceridade; a covardia não apunhalá vilmente a lealdade; a insignificância não amesquinha o valor; a baixesa não esmaga tudo o que é nobre; a ignorância não se veste com o manto roubado à sciencia; a ambição não leva à falsidade, escondendo uma coisa no coração e mostrando outra nos lábios; a amizade e inimizade são apreciadas pelo que em si são, que não conforme o interesse.

Inimiga irreconciliável do vício, não deixa de exercer sobre ele a sua vigilância e não poupa a sua acção purificadora.

Descobre-o onde ele existe e tenta eliminá-lo, cauterizando-o.

Um dos vícios mais repugnantes e de mais terríveis consequencias, porque ataca o individuo, destroea a felicidade do lar e perturba o equilibrio das sociedades, vício, para cuja repressão se tem empregado as mais variadas medidas e se tem esforçado as mais louváveis e generosas iniciativas, ha-de principalmente ser batido pela Escola. Esse vício é o alcoolismo. (Apoiado).

Entrando neste assunto, o erudito conferente descreve a origem das bebidas alcoólicas e os excessos repugnantes a que o abuso das bebidas alcoólicas deu origem na Grecia e em Roma. Refere-se às bacanaes e diz que desde os povos mais antigamente conhecidos, os egípcios, se pôde afirmar que não havia povo que tivesse ficado virgem dessa mancha, nem época que deixasse de ser empestada pelos fumos do alcool.

Cita os trabalhos anatomo-pathológicos de Brissand, Dijerine, Lancereaux, os trabalhos estatísticos relativos à Alemanha, Inglaterra, Russia, de Cruveiller, e os trabalhos psiquiátricos de Charcot.

Tratando seguidamente da loucura alcoólica e das taras hereditárias, que o abuso do alcool imprime à 2.ª geração, mostra que é precisamente neste facto que reside o mais funesto e pernicioso efeito do alcool.

Os filhos dos alcoólicos são por via de regra degenerados mentais, veem em tais vícios de constituição e em tal pobreza fisiológica, que se tornam terreno propício para neles se desenvolverem as

mais variadas doenças, notadamente a Tubercolose.

Trata com a sua autoridade de medico distinssimo das lesões dos diferentes órgãos e aparelhos e da decadência orgânica, em que o abuso do alcool coloca o individuo que dele abusa.

O alcool ataca pois—diz—traíçoicamente; ou por si só liquida o infeliz, que dele abusa, ou prepara o terreno para que outra doença dê o golpe de misericordia.

Analisa o alcoólico debaixo do ponto de vista moral e social.

A paz da família, continua o conferente, o agasalho e economia do lar, a educação dos filhos, e a moralidade, alavanca redemptora da perfectibilidade social, são coisas vãs e sem significado para o alcoólico.

Muitos criminosos e prostitutas não existiriam, se seus pais não tivessem trocado o santuário do lar pela taberna, se com a mão potente e forte dum homem e com o coração carinhoso e palpitante dum pae, tivesse guiado, com amor e solicitude, os passos incertos dos entes frágeis, a quem deu a existência. O homem, aos entes que gerou, com o conselho e com o exemplo, tem de formar cidadãos e não parasitas; tem de formar valores positivos para este somatório enorme que se chama Sociedade. (Muitos aplausos, delirantes ovações e palmas).

Pois meus senhores—continua—apesar das medidas de ordem legislativa e administrativa para a repressão do alcoolismo, a que reputo de mais benefícios e seguros resultados é a Escola.

Na escola aprendem os novos os prejuízos do alcool e o horror que este vício deve inspirar a todo o homem de bem.

Seria bom que o nosso ministério de Instrução se entregasse a este problema com afinco, encorajando professores e professoras a tomarem a peito o ensino anti-alcoólico, que num grande número de paizes se tem tornado obrigatorio.

E os resultados seriam maravilhosos, se estes ensinamentos se continuassem no regimento, por onde passa a maior parte da nossa mocidade ainda não intoxicada pelo veneno do vício.

Seria uma obra altamente patriota e social. (Apoiados).

Nesta altura o conferente tem palavras de admiração e louvor para com o ex.^{mo} sra. dr. Antonio Joaquim Simões, digno Presidente da Camara, que se acha presente, pelos esforços e pela inteligência empregada para derramar o maximo de instrução pelo concelho. Considera-o um verdadeiro benemerito da instrução. (O sra. dr. Simões foi muito cumprimentado, e ouviram-se vivas ao seu nome).

Rapazes! Só vos peço que aprendais com avidez, com sofreguidão mesmo, todos os ensinamentos, que vos ministram os vossos mestres, porque estou convencido de que um grande futuro vos está reservado e quanto maior ele for, maior será a satisfação daqueles que, hoje levantados pela Fé e rejuvenescidos pela Esperança, não pouparam sacrifícios para a realização completa da sua crença.

E a vós, Pais e Mães que me escutais, a vós, que acalentais com os afagos dos vossos heiços e com o carinho dos vossos corações, esses entes queridos, que são a carne da vossa carne, o sangue do vosso sangue e a alma da vossa alma, a vós só vos peço também uma coisa: só vos peço que, em cada conselho que lhes derdes, em cada beijo com que os afigardes, lhes lanceis sempre um bafejo d'amor por esta Patria bendita, por este Portugal glorioso, para que ele, em lugar de pedir uma cruz para morrer, peça umas azas para voar.

Patriotas! Correi a combater em prol da Civilização e do Direito; ide à nossa Historia, fonte inexaurível

São indiscretiveis o entusiasmo que lavrou em toda a sala, as palmas, as delirantes aclamações ao nome do ilustre medico, quando ele, visivelmente comovido, terminou o seu discurso.

O sra. dr. José Cristino foi muito cumprimentado e abraçado e o dia 2 do corrente haverá ficar, sem dúvida, profundamente gravado na memoria do bom povo de Verride.

O Dever agradece á sociedade o amavel convite.

Expediente

Novamente remetemos para o correio os recibos dos nossos assinantes que os deixaram devolver.

A todos pedimos que satisfaçam. Aos da Carapinheira, Verride e Arazede rogamos mandarem por portador que Venha a Montemór, o qual entregará na estação postal, assim de não suspendermos a remessa do jornal.

Pela sociedade

Em goso de férias partiu para o Pórtugal, o nosso presado colega de redacção, Virgilio Marques, que junto com sua ex.^{ma} família ali passará dez dias.

Também em goso de férias, por oito dias, partiu para Pampilhosa do Botão, o nosso colega de redacção, Domingos Pires, 2.º sargento da Arma, estudante da Escola Naval.

Que em breve regressem ao nosso convívio, cuja falta sentimos, é o nosso mais ardente desejo.

A'VANTE!

Ao escrever este meu singelo artigo para o simpatico Dever, não posso deixar de aludir aos insultos que a barbara nação teutonica nos dirigiu, simplesmente por, no uso pleno de um direito, lhe requisitarmos os seus navios, ancorados em aguas portuguezas.

A Alemanha mais uma vez deu provas da sua ferocidade, não respeitando um povo que é pequeno no numero dos individuos que o constituem, mas grande nas suas qualidades moraes e no amor que consagra á sua patria, que ele saberá erguer tão alta, como os nossos antepassados nas batalhas de Ourique e Aljubarrota, onde deram provas do seu acendrado patriotismo e assombroso valor belico.

Guerra sem treguas contra as hostes malditas do Kaiser, que pretendem avassalar-nos!

Secundemos as nações aliadas na sua obra de verdadeira pacificação humana, e legaremos a nossos filhos, que ficarão a verter, pela nossa ausencia, lagrimas de saudade e dor, um futuro doce e tranquilo.

A hora é grave para a independencia da nossa nacionalidade, injuriada por uns facinoras, que hão de pagar bem caro a torpeza dos seus actos!

Patriotas! Correi a combater em prol da Civilização e do Direito; ide à nossa Historia, fonte inexaurivel

dos mais brilhantes acontecimentos, admirar os belos exemplos que a ilustre dama, D. Filipa de Vilhena, deu a seus filhos numa conjuntura calamitosa para a nossa nacionalidade, que a grande portuguesa desejava ver livre das garras aduncas de Castela.

Estou certo que a tirania germanica não suplantará a justiça por que combatem as nações civilizadas, e de que o radiante sol da Liberdade já deixará de brilhar, em toda a sua plenitude, em terras ferasíssimas da genial Europa.

Sigamos os exemplos dos nossos antigos guerreiros que, para salvar a patria querida, não hesitavam em expôr-se aos maiores sacrifícios, e ajudaremos a aniquilar uns despotas, que se comprazem em fazer derramar sangue de inocentes e de mulheres indefesas, facto horripilante que tem feito vibrar de comoção e de dor todas as almas generosas.

A'vante!

Constantino Gomes Tomé.

DINHEIRO

EMPRESTA-SE, mediante boa garantia. Nesta redacção se diz.

Instituto dos Professores Primários Oficiais

Efectua-se hoje a inauguração deste Instituto que tem por fim a educação dos filhos orfãos dos associados.

A festa, que o sra. Presidente da Republica honrará com a sua presença, promete revestir grande pompa.

Será cantado o hino *Fiat Lux!* com musica deliciosa do inspirado maestro Alves Coelho e letra do nosso querido camarada de redacção, Virgilio Marques.

Dr. João Batista Loureiro

Passou no dia 12 do corrente o aniversário natalício deste nosso querido amigo e inteligente sub-delegado de sade deste concelho.

Ao ilustre clínico apresentamos os nossos parabens e fazemos votos para que hoje e daqui por muitos anos O Dever continue a ser honrado com a sua brillante colaboração.

O DEVER

SEMANARIO DEFENSOR DA UNIÃO DA FAMÍLIA PORTUGUESA

Assinaturas

(Pagamento adeantado)

Trimestre 0\$32

Semestre 0\$62

Ano 1\$22

Continente e África

Trimestre 0\$35

Semestre 0\$65

Brazil e África Oriental

Ano 2\$00

Número avulso, \$04

Publicações

Comunicados, 0\$06 a linha; anúncios, na 1.ª pagina 1 vez, 0\$10 a linha;

na 2.ª, 0\$80; na 3.ª e 4.ª, 0\$06.

Repetições, metade d'este preço.

Por mais de um mês, preço convencional.

Selo, cada publicação, 0\$01.

Os assinantes tem desconto de 25%.

Não se aceitam informações anónimas nem se restituem originais,

que sejam ou não publicados.

Poetas e Prosadóres**Semana Santa**

Lá vai o bom Jesus, que foi condenado
A agonizar no meio de ladrões.
Como entristece ver-vos ultrajado,
Soberano dos Ceus e das Nações!

Tempo de prece ardente; ajoelhado
Quero dizer as minhas orações:
Atende ó Deus que foste abandonado
A prece universal dos corações.

Pois de joelhos, prostrado ante a tragedia
Infinita de dôr, imensa, ebria,
Peço-te ó fonte donde o bem emana,

Que a espada cruel de furia tanta
Respeite ao menos a semana santa.
Oh! como és grande e vã loucura humana.

10—4—16.

GOMES MOTA.

Recordação

(A meu irmão Joaquim)

Ia alta a noite. De longe em longe,
têmpos raios de luar, conseguindo a custo
sulcar o céu nublado, vinham espar-
gir-se frouxamente na escura e infecta
viela.

Harmoniosos sons de guitarra per-
diam-se, dolentemente, na imensidão do
espaço; e ela, sempre triste como o ci-
nério firmamento, recordava, com dôr, o
seu passado feliz. Chorava!... Eram la-
grimas que, de quando em quando, es-
quecidamente ela deixava rolar pelas fa-
ces que uma vida desregrada vincara já.
Lagrimas de saudade!

Aquelas que a podridão e o vício de
um bordel infamante, não conseguem
cristalizar num coração que amou.

Era já noite alta, e a desgraçadita,
sentada no rebate do seu tugúrio humil-
de, arremecava ao ar o fumo fétido dum
cigarro, monoigando assim.

«Como era linda a minha casa!

Situada lá no alto, dominando a
colina verdejante, que as boninas e pa-
poulas matisavam, e que um regato cris-
talino, murmurante, beijava docemente,
mais parecia um celestial retiro, do que
a casta habitação duma donzela.

«Casta! Como podem meus labios
pronunciar esta doce palavra, este termo
que embriaga, sem que a razão, a ver-
dade, a isso se oponham?

«Não. Não poderei dizer assim, por-

que foi ali que ouvi de seus labios as
mais ternas palavras de amor; foi ali que
eu o amei, e foi também ali que...»

E calou-se por momentos porque
uma tossesita seca veio pôr-lhe em vi-
brações o seu corpo débil, transparente,
esquelético, enfim...

E continuou depois:

«Mas de que será feito aquele cora-
ção que eu reputei o mais sincero, para
que não sinta a ferrea mão do Remorso
apertá-lo dolorosamente?

«Oh! E' bem mais sensível o cora-
ção das mulheres.

«Mas quando elas se compenetram
com a maldade que se alberga no co-
ração dos homens, e os afastem de si
como coisas prejudiciais, que horro-
ram, então eles expiarão as suas cul-
pas.

«Pobres mulheres! Maldito seja o
destino que as fadou para tão duras pro-
vações!»

E calou-se. A tosse atacava-a agora
com mais violencia. O seio arfava-lhe
com impetuosidade, e uma golfaida indó-
mita de sangue, libertando-se do peito
que a oprimia, veio dar-lhe a morte. A
morte salvadora!

Fôra a tuberculose, a fatal e inevi-
tável consequencia do vício, que viêra
roubar-lhe a vida, quando ela recordava
a sua passada felicidade que viu desapa-
recer como o fumo subtil dos seus ci-
garros, ao sopro suave da brisa leve.

Lisboa, 22 | 3 | 916.

Domingos Pires,
2.º sargento d'armada.**A TOMADA DE KIONGA**

Se eu fosse crente acreditaria
que tinha chegado a hora da ex-
piação para a despotica Alemanha,
que tem levado uma já longa vida
esfaqueando o flanco impoluto da
Liberdade.

Assim, julgarei simplesmente
que nem sempre o bandido poderá
surgir impunemente na orla dos
caminhos e nem sempre o canalha
poderá flanar impávido e hipócrita
entre as pessoas de bem.

Não poderei chamar desastre á
pouca sorte dos lacaios do Kaiser,
como desastres não são os infortu-
nios dum gatuno a quem partiram
as costelas ao transpor uma capoei-
ra alheia.

Dirão: «Anda ali o dedo da
Providencia...»

Não o acredito porque se a Pro-
videncia fosse dotada de dedos e
outras miudezas não teria consen-
tido a geração dos Hoenzollern, o

maior aborto dos ultimos séculos.
Não é a Providencia, mas sim
o nobresa da alma latina que jamais
consentiria uma afronta de quem
quer que fôsse.

* * *

Quando em 1886 firmamos o
tratado com a Alemanha que nos
conferia a posse da bahia de Kionga,
acreditavamo-s—santa ilusão a
nossa!—que uma palavra de hon-
ra dada era sagrada e irrevogavel.

Mas... não foi preciso esperar
muito — oito anos apenas — para
que a repelente Germania patenteasse
bem claro a sua falsidade e
traição!

Desceu mansamente, docemente
o glorioso pendão das Quinas,
para subir esse trapo tinto no ru-
bro do sangue dos oprimidos e no
negro agoirento dos corvos mal-
ditos.

Foi arriada essa bandeira que,
acariciada pelo sol de mil combates
e novecentas vitórias, é ainda e se-

rá o simbolo da nossa Patria, para
ser içado o pavilhão alemão, agora
despedaçado e sujo!

E, lá nos confins do seu covil,
a fera germanica afiou as unhas
para novas extorsões, enquanto
que nós curvavamos a fronte que
já fôra cingida por laureis famosos.

* * *

Era forçosa a desafronta.
Tivémo-la agora recuperando
a bahia de Kionga.

Olhai: Dum repelão, desce a
bandeira alemã, assim como que
um abutre que o lavrador, já farto
de seus roubos, abateu com uma
chumbada.

E a gloriosa bandeira das Qui-
nas, o simbolo sagrado da nossa
Patria, subiu, subiu, subiu até que,
desfraldada ao vento, parece pôr
um tom novo á paisagem que a cerca.

Parece que na imponencia do
seu inflar ha um pouco da altivez
heroica do imortal vice-rei da In-
dia—Afonso de Albuquerque.

Gomes Monteiro.

«A PROVINCIA»

Passou mais um aniversario este
nosso presado colega conimbricense,
vernacularmente dirigido pelo ex.^{mo} snr.
dr. Lima Duque, senador evolucionista.

A Provincia tem sabido trilhar inva-
riavelmente a senda dos bons princí-
pios.

Abraçamos o nosso ilustre confrade.

Valor da nova moeda

Um escudo ou avo de ouro (1\$000 rs.)	divide-se em 100 centavos :
1/4 centavo	equivalente a 2 1/2 réis
1/2 centavo	5 réis
1 centavo	10 réis
2 centavos	20 réis
5 centavos	50 réis
10 centavos	100 réis
20 centavos	200 réis
50 centavos	500 réis
1 escudo (100 centa- vos) equivalente a...	1\$000
2 escudos (200 centa- vos) equivalente a...	2\$000
5 escudos (500 centa- vos) equivalente a...	5\$000

João Antonio Rodrigues

(SUCESSOR)

Montemór-o-Velho

Correspondente das seguintes casas:

Banco Comercial de Lisboa, Banco do Minho, Banco Co-
mercial do Porto, Banco Aliança, Banco Económico Português,
Banco Nacional Ultramarino, Companhia de Seguros A Interna-
cional, Crédit Franco-Portugais, J. M. Fernandes Guimarães &
C., Pinto da Fonseca & Irmão, J. M. Espírito Santo Silva,
Borges & Irmão, J. H. Tota & C., e Orsy, Antunes & C. a.

PINHAL**Antonio Pereira de Carvalho**

Proprietário dos Grandes Armazens
de Bicicletas, Maquinhas de Cos-
tura, Pianos e toda a quali-
dade de acessórios.

A maior e mais antiga casa no gênero

Oficina para todos os concer-
tos, afinações e reparações em
bicicletas, motocicletas e maqui-
nas de costura.

Artista mecanico habilitado.
Vendas, alugueis e trocas.

Preços sem competencia

34—Avenida Navarro—36

(Estrada da Beira)—COIMBRA

DR. AVELINO FARIA

Advogado

CANTANHEDE

Dá consultas aos domingos em
ARAZEDE

de outubro em diante e trata de
qualquer questão no tribunal de
Montemór-o-Velho.

O Escrivão,

Adrião Pereira Forjaz de Sampaio.

Verifiquei:

Amaral Pereira.

ANTIGO ESTABELECIMENTO

— DE —

Mercearia, Tabacos e Fazendas brancas

— DE —

João António Rodrigues

(SUCCESSIONES)

Montemor-o-Velho

Nesta casa se encontra um completo sortido em açucar, chá, café, manteiga nacional e ingleza, biscoitos, bolachas, massas, bacalhau, genebra e vinhos do Porto.

Ferragens, prego de arame e de ferro, panelas de ferro, rastilho, chumbo em barra e para caça.

Fosforos e Tabacos, por atacado. Tambem vende pelos preços de Lisboa, farinha de trigo, cimento Portland, vidraça, telha de vidro e velas de cera.

Preços resumidos

GRATIFICA-SE BEM

a quem dê informações de que resulte a condenação por fraudes praticadas com prejuízo dos exclusivos de fosforos e isca (e dos interesses do Estado, da Companhia concessionária e do comércio legítimos acendedores, algodão ou qualquer outra matéria apresentada de forma a servir de isca, fabricação ou venda de chita com preparo inflamável, isca em cordão vendida fraudulentamente a título de cordão de sacos, etc., reservando-se a Companhia concessionária intentar a respectiva ação civil de perdas e danos contra os delinquentes, independentemente da multa ao Estado nos termos da legislação em vigor. Gratifica-se generosamente, guardando-se a maior discrição. A Companhia logo que recebe informações fidedignas enviará a qualquer ponto do país agentes da fiscalização para procederem às necessárias diligências. Dirigir-se pessoalmente ou por carta à Companhia Portuguesa de Fosforos, 139, rua de S. Julião, Lisboa.

ADUBOS
MELO & MARTINS

PAMPILHOSA DO BOTÃO

Fabricantes dos bons adubos compostos da marca registada
PEIXE

Chamamos a atenção dos srs. agricultores para fazerem uma experiência dos nossos adubos, devido ao seu magnífico resultado os adoptarão de preferência a qualquer outro.

AZEITE

Para revenda e em grandes quantidades, vendemos de excelente qualidade.
Alugam-se Automóveis

MELO & MARTINS
Pampilhosa do Botão

A FUNERARIA EM PEDRA

— DE —

FRANCISCO A. DOS SANTOS, FILHO

RUA DIREITA, 139 a 149

COIMBRA

Esta oficina encarrega-se de todo o trabalho de jazigos, mausoleus, campas, cantarias e ornamentações, tanto em calcareo como em marmore, a qual tem desenhos de jazigos, para escolher, em estilos antigos e em ARTE MODERNA.

Tem depósito de bancas de cosinha e mausoleus em lousa preta.

Encarrega-se tambem de fazer esculturas, bustos em pedra, barro, gesso, etc.

Toma conta de qualquer trabalho fóra de Coimbra

Hospedaria do Paço do Conde

— DE —

JOSÉ DOS SANTOS

Rua Adelino Veiga, 36 a 40 — Rua do Faz do Conde, 10

COIMBRA

Vinhos, comidas e tabacos.
Recebem-se comensais por preços modicos.
Camas para pernoitar.

Esta casa, com a transformação porque cabia de passar, melhorou consideravelmente todos os seus serviços, achando-se habilitada a receber hóspedes de qualquer categoria, oferecendo-lhes comodidades por preços baratos. Esmoro e prontidão no serviço de meia, para o que tem pessoal competente.

O mesmo proprietário negoceia em cereais e legumes de todas as qualidades, tais como farinhas, sementes, batata, castanha, palha enfardada, cordas e adubos químicos.

Rua Adelino Veiga — 44, 48

O seu armazém é já muito conhecido.

Telefone 379

Aos proprietários de Lisboa e Porto
Grande economia

A MUNDIAL, de acordo com os seus importantes reseguradores resolveu efectuar seguros de propriedades, sem uso ou contiguidade perigosa, ao prémio de:

\$08 por cada	100\$00
ou \$80	1.000\$00
de capital seguro	

A MUNDIAL

COMPANHIA DE SEGUROS

Sociedade Anónima de Responsabilidade Limitada

Capital, Escudos	500.000\$00
Reservas em 1914	64.244\$75

Séde em Lisboa — Rua Garrett, 95 — Telefone 4084

Delegação no Porto — Pinto da Fonseca & Irmão
(Banqueiros)

Praça da Liberdade, 138 — Telefone 1459

Agências e Delegações em todo o país, ilhas e colônias.

Oficina-Garage de Coimbra

LOBO DA COSTA & CASTANHEIRA

Grandes oficinas mecânicas para reparações de automóveis; fabrico de carretos, pinhões e corôas em aço; cimentação e temperas; vulcanisação e fundição de metais. Recolha e tratamento. Ensino. Automóveis de aluguer de \$08 a \$20 o quilometro e 9 lotações de 4 a 18 passageiros.

Accessórios, gazolina e óleo.

Transações em carros de 2.ª mão. Serviço especial, para bem servir os ex.ºs clientes da província.

Rua da Figueira da Foz — 170

COIMBRA

Local conhecido por «Casa do Sal» á entrada da cidade pela estrada do Porto.

Telefone, 502

Telegrams «Garage-Coimbra»

O DEVER

Semanario defensor da união da familia Portuguesa

Pátria e Humanidade

Director, Proprietario e Administrador—Almeida Junior

Redactor Principal
Virgilio Marques

Secretario da Redacção e Editor
Abel M. de Melo Brandão

Red. e Adm.—R. Dr. José Galvão—Montemor-o-Velho

TELEFONE 364

(para onde deve ir a correspondencia)

Não se restituem originais, embora não se publiquem

Composição e Impressão—Tip. Silva (a vapor)

AVEIRO



A Páscoa dos portugueses

Chegou a Páscoa com o seu cortejo de alegrias e flores!

Para todos ela tem o poder mágico de agradar e não ha ninguem — seja quem for — que não senta o peito arfar, docemente batido pela sua varinha de condão.

Para os religiosos ela é a comemoração da vitória do pálido Jesus sobre a morte; para os ateus é ela uma festa que, como todas as festas, abre nos corações um grato festival; para os judeus é a ceremonia pomposa e lauta do cordeiro pascal que sobre a pira, em sincero holocausto, se destina ás regiões de Jehovah.

E para nós, que respeitámos tudo e todos, ela é um grande abraço que nos possa unir, ela é a ideia que, à semelhança da ressurreição do Nazareno, tambem a nossa querida Patria, ao cabo dêsse doloroso calvario a que a sujeitaram, ha-de ressurgir impávida, soridente, erguendo a face altiva para o sol da liberdade.

Tambem ela, sim, ha-de levantar-se e dizer—*Aleluia!* E nós, portugueses, o crêmos e queremos.

Se precisos forem o nosso corpo, o nosso sangue, a nossa vida, dá-los-hemos, rendê-los-hemos em holocausto porque, falando a verdade, elês á patria pertencem.

¿ Que importará a morte — a morte gloria em prol do torrão bendito que nos viu nascer, — se hayemos de ter a nossa Páscoa tambem, a mais triunfante Ressurreição?

E se sobre o túmulo partido do Rabi surgiu um arcanjo de luminosas vestes a dizer:

— *Resurrexit, non est hic* sobre a campa rasa de Portugal ha-de aparecer a História que dirá ao mundo atônito:

— Ressuscitou para ser livre e forte, ergueu-se para maiores emprezas e mais gloriosos feitos.

Ressuscitou para viver até à consumação dos séculos, perante a Humanidade que o contempla e admira.

E será essa a nossa Páscoa, a Páscoa dos portugueses.

As cartas duma infeliz

Meu caro Leopoldo :

O dia de hoje é o de festa e de Perdão. Os auzentos, sentindo na alma a saudade pela familia, correm a receber as bençãos e os carinhosos beijos paternais. A doçura dêsses beijos, e a expansão dessas alegrias bem sentidas, têm, para mim, que as não sento directamente, porque não ha ninguem que m'as faça experimentar, dupla significação: — fazem recordar-me tempos em que a felicidade me acompanhou, e a condenação voluntaria a que me quis submeter de pensar só para mim e de, para a minha Dôr, viver exclusivamente.

Faz hoje um ano que te conheci, e sinto ainda a impressão dos adoraveis momentos que o teu contacto me proporcionou.

Conservei por largo tempo o raminho de violetas e lirios róxos que me déste, e desde que êles, no meu oratorio, murcharam caindo sem vida e sem frescura, eu senti-me desfalecer tambem. Só agora como as violetas e como os lirios murchos. Na alma ficou-me apenas a reminiscência dum vida toda lagrimas e toda dôr, dôr e lagrimas que nunca mais cessaram de acompanhar-me como uma visão dolorosa.

Sentir-me-ia satisfeita se, como tu e tantas outras criaturas bafejadas pelo bom destino, tivesse ao menos a esperança de ser arrancada ao martirio, ainda mesmo que, apenas por um instante, eu sentisse a ilusão dum futuro de sorrisos e pequenas horas de prazer.

Mas é hoje dia de festa e de Perdão. As almas que o clarão do bem sempre iluminam e revigora, hão-de sentir neste dia o convencimento do Bem que para elas imaginariamente existe. Porque só para os bons, afinal, a vida é luz e pureza, sorrisos e confortos.

Adeus. Vou beijar a minha, e nos meus óculos de ternura irá todo o carinho pela saudade e pela tristeza que sinto de tu não poderes beijar a tua! . . .

Adeus.

Tua,

IRENE.

Gomes Monteiro

Foi colocado na Direcção Geral de Estatística, junto do ministerio das Finanças, onde exercerá o cargo de amanuense daquela repartição, superior e intelligentemente dirigida pelo ilustre homem publico snr. dr. Souza Junior, aquele nosso presado amigo e antigo colaborador.

Rejubilamos com o facto, pois, conhecendo o pessoalmente d'ha pouco, Gomes Monteiro revelou-se-nos já um amigo sincero, sobre ser um distinto poeta que muito promete.

Nosso companheiro de trabalho, aqui desabafamos diariamente, metidos neste pobre gabinete onde se respira amor e se cultivam os

A canção dos olhos negros

(Ao querido Almeida Junior)

Ouvi cantar, um dia, a uma velhinha errante — Como errante é minh'alma em procura do amôr — Uma linda canção que eu aprendi de cor... —

— Ha quantos anos foi? Era eu debil infante,

Trazia inda no peito as ilusões em flôr!

Foi ha dez anos já? Não posso recordar... Lembrar-me é para quê? o que me importa a mim? O tempo que passou para não mais voltar Em que a velhinha errante assim vinha cantar Ao som dum bandolim?

Olhos negros, negros olhos Andam por ti a chorar... Para que buscas escolhos Na ventura do teu mar?

Não te afastes. A catraia Vai-se por certo afundar... Olha a ermidinha da praia Inda por ti a acenar!

Da vaga espumantes folhos Olha que te vão tragiar, E olhos negros, negros olhos Ficam por ti a chorar!

Se olhos negros te ofenderam Tu deves illes perdoar, Porque se assim procederam Foi, talvez, por muito amar!

Não sei se ele partiu a esse mar ululante E olhos negros gentis sucumbiram de dôr, Porque nunca mais vi essa velhinha errante, Como errante é minh'alma em procura do amôr!

Lisboa, 20-4-916.

Gomes Monteiro.

bons principios da unificação dos homens por meio da solidariedade matua.

Não foi, pois, em vão que nos interessamos pelo nosso amigo, que decerto, como sempre, não só honrará o seu novo logar como prestará otimos serviços á Republica que muito amamos.

Páginas sóltas

A volta de Quiongá

Uma das noticias que na semana finda mais profundamente me impressionaram foi sem duvida a da tomada de Quiongá. Ao ler os placards meus olhos humedeciam-se de lagrimas de comoção...

E, com uma satisfação bem intima, fui ler quando cheguei a casa, uma transcrição que tenho num caderno de apontamentos, feita dum livro politico de Teixeira de Sousa, se não estou em erro, referente ás nossas colonias e que é do teor seguinte:

«No Post, jornal de Berlim, em 1911 dizia o professor alemão Delbrück: O nosso novo programa é que seja alemã a Africa central; aceitamo-lo pelas seguintes razões: 1.º Porque não ha nada mais para nós no universo. 2.º Porque os territorios alemães na costa oriental e occidental cercam o

interior. 3.º Porque temos a reivindicação para nós as colonias portuguesas. E' mais que tempo que o dominio corrupto dos romanos dê lugar a um povo germanico sâo, tendente a um desenvolvimento economico».

Esta transcrição tenho-a anotada ao lado com duas palavras: *Forte brutal!* A minha leitora que me perdõe o fazer-lhe ler uma expressão tão dura..., mas foi o unico comentário que espontaneamente me saiu ao ler aquela prosa; e não ficaria o sainete completo se para aqui não trasladasse tambem aquelas palavras...

Pois ao ler a noticia do feito heroico das tropas em Africa lembrei-me dessas estultas pretensões formuladas por Delbrück. Em 1911 já esses usurpadores mavôrticos contavam como certa a posse das nossas colónias. E' que essa formidável conflagração não tardaria a estalar...

Essa raça germanica, pela qual antes da guerra eu tinha um culto de respeito pelas suas qualidades de iniciativa e persistencia, de força e energia, mas que após o esmagamento da Belgica, a destruição da catedral de Reims, o torpedeoamento do *Lusitania*, a morte de miss Cavell,—só me inspira repulso, essa raça, dizia, mostrou em 1914 quais eram os seus intuítos premeditados e traiçoeiros, a sua medida séde de engrandecimento e poderio. Desmascarou-se...

Pois tempo volvido, em 1916, já a sua cubija se abate ao peso das decepções; se turva á evidencia das derrotas. E essas colonias que ela queria

absorver, engrandecem-se pelo valor da gente lusitana.

Desde 1894 que a Alemanha se achava de posse do nosso território de Quianga. Roubaram-no-lo como tantos outros que nossos eram por esses continentes africano e asiático.

Portugal tivera por missão descobrir terras, desvendar mundos... mas a nossa população era diminuta para tão vastos domínios territoriais e a gente portuguesa mais sonhadora que mercantilista; e então à nossa custa outras nações se engrandeceram tomando posse pacífica e colonizando esses vastos territórios.

Quianga pode valer pouco; a sua reconquista no actual momento vale muito. E' de grande alcance moral; é neste momento um triunfo. Readquirimos o que era nosso e começamos a lavar a afronta de Naulila. Começamos a responder... às teorias estúpidas do povo alemão, formuladas pelo professor Delbrück!

Quando li o *placard* parecia querer recordar reminiscências de há muitos anos... dos tempos de criança... quando das campanhas do Galhardo e Mousinho. Minha avó ensinava-me de cor versos patrióticos e fazia-me rezar com ela todos os dias um *padre-nosso* a S. Sebastião pela vitória das nossas tropas... Teria eu talvez cinco anos quando do regresso á metrópole, das forças expedicionárias e recordo-me ainda bem do eco das manifestações festivas, tão cedo me ensinaram a amar as glórias da nossa Patria!

Todas essas remeniscências parecia recordar quando comovidamente lia a notícia da tomada de Quianga; e até recordava a ideia que o meu cerebro infantil fazia desse *terrible* Gungunhana...

Após o combate de Magul quantos outros feitos heroicos das nossas tropas em África! Os *dembos* e os *quamatias* que o digam...

Que os manes dos heróis modestos e desconhecidos que naquelas gloriosas campanhas perderam a vida, acompanhem agora os filhos do povo — os soldados, que nas regiões adustas desse solo africano estão combatendo por tornar mais engrandecida, e sempre nobre, a Patria Portuguesa.

Abri de 1916.

Aurea Judit Amaral.

Pela sociedade

Tem estado doente em Coimbra o nosso querido amigo, sr. José Augusto da Silva, digníssimo director da Escola Central de Santa Cruz.

— Também na mesma cidade se tem achado encomodado de saúde o nosso preso e inteligente colaborador, José Seabra Cascão.

— Igualmente aguarda o leito, em Lisboa, a dedicada esposa do nosso querido companheiro de trabalho, Gomes Monteiro, digno amanuense da Direcção Geral d'Estatística.

A todos desejamos rápido restabelecimento.

— Afim de passar as férias pascais com sua ex.^{ma} família, partiu para o Porto o nosso dedicado amigo e inteligente académico da Universidade de Lisboa, sr. António de Sousa Junior (Filho).

— Faz anos no próximo dia 25 a ex.^{ma} sr. D. Ester Dulia Simas Coelho, gentilíssima prima do nosso preso amigo e assinante, sr. João Egídio Simas, de Lisboa.

Antecipadamente, os nossos parabens.

— Em goso de férias, encontra-se em Tentugal, onde foi abraçar a sua família, o nosso preso assinante, Joaquim Maria Delgado, considerado professor em Cadima.

— Também partiu para Arzêde, a passar, entre os seus, as férias pascais, o sr. Alvaro da Silva Ferrão, aplicado aluno de Medicina, da Universidade de Coimbra, e nosso preso amigo.

EXPEDIENTE

Em virtude da remodelação por que tem estado a passar a nossa escrita, algumas faltas haveria na remessa do Dever.

Pedimos aos nossos assinantes que não receberam o jornal, o favor de no-lo dizer na volta do correio, afim de remediarmos tudo.

DINHEIRO

EMPRESTA SE, mediante boa garantia. Nesta redação se diz.

Horas d'Insónia

A hipocrisia é um sentimento abominável. Infelizmente, ela campea em quasi todas as almas.

Um simples olhar, parecendo ás vezes iluminado pelo clarão bendito do amor, envolve em si toda a podridão dum caráter.

Entretanto parece-me que o mister de se fazer hipócrita deve ser coisa bem difícil, especialmente para aqueles que procuram engrandecer o seu sentimento na prática da generosidade e da delicadeza.

Dizem-me que a hipocrisia é necessária. Que também faz parte da educação da humanidade. Assim será.

O convencimento do contrário, porém, escudado nas experiências que gente hipócrita me tem dado, segreda-me que não. Ser hipócrita é ser mentiroso, mau, pequeno em tudo. Pode ser e deve ser uma doença; mas um mal assim, derivando sómente de coisas que causam tédio, porque aborrecem aos bem intencionados, deve ser de facilíma cura.

Tenho indicado o meu receituário e o resultado tem, segundo me dizem, sido magnífico. O despresso.

Despresso importa, para os orgulhosos, uma alfinetada a valer. E os orgulhosos quasi sempre são hipócritas.

No fundo, pobres párias como nós, quem sabe se, a ocultas, não choram a ambiguidade da sua constituição moral, que só a eles prejudica?

A maldade está apegada á alma dos falsários tal e qual como a hera está aconchegada á parede de cuja humidade vive. Ha uma diferença: a hera, pobre planta que inspira saudades e causa dó, que esconde os ninhos das toutinegras e alimenta as borboletas multícoras, que tanto encobre a sepultura dos mendigos como a dos ladrões, é útil á humanidade. A sua sombra chorei eu vezes sem fim... A janela era baixinha; e os olhos que de lá olhavam os meus olhos anciãos, por entre as heras se furtavam á curiosidade alheia, envergonhados.

E a maldade, cancro que mina o sentimento do homem do nosso tempo, passou a habitar também a funda caverna da alma das mulheres, que eu julguei livres das miasmas contaminantes, tal é a pureza que nelas pensei existir.

E com efeito, é no sexo do meu sexo diferente que eu notei a maior miseria de sentimentos.

Sob um chapéu da moda, quanta maldade e quanta mentira!

Hipocrisia! Mentira! Maldade! Tudo é mentira.

São mentira as calças que eu trago, o chapéu que eu ponho, a primeira camisa que me vestiram. E quanta podridão as minhas mãos não tem apertado nas mãos alheias...

A's vezes ela é tanta, e tão palpável, que atravessa a luva que, por medida de precaução, costumo trazer calçada.

Não ha senão lama por toda a parte.

Anda lama nos automóveis, a lama está

nos salões e nas orações, e até, ainda não ha muito, duns olhos de mulher a lama saiu a salpicar uns olhos de criança!

Hipocrisia, mentira eterna, eu te abominio!

ALMEIDA JUNIOR.

Momentos de tédio

(Ao brilhante cronista das «Horas d'insónia»)

Tenho lido sempre, sr. Almeida Junior, as suas *Horas d'insónia* e, a propósito da sua leitura que me deleita, tenho rabiscado folhas e folhas de papel que nunca me atrevi a dar á luz da publicidade.

Confesso — tenho escrito crónicas também que, a par das suas, estabelecem um contraste bem triste para mim: as suas temem as scintilações duma alma nobre e forte — o que não admira porque é homem — e as minhas temem a mesquinhice dum espírito fraco amassado em dor, o que não admira porque sou mulher.

As suas — fruto, talvez, de noites mal passadas pensando nas misérias sociais e no meio de as dificilar — podem chamar-se *Horas de insónia* (bemditas horas essas!) enquanto as minhas, geradas dum spásio de hipocrisia e desalento, se poderão intitular — *Momentos de tédio*.

* * *

— Falou o sr. em amor livre? Tem razão? Mas onde quer o sr. pregar tão nobre sentimento? Aqui? Que ideia?

— Não sabe que aqueles que o leem e aplaudem são também os mesmos que zombam de nós — fracas mulheres! e para nós são impelidos por um único iman — o sensualismo?

Eu falo assim, eu escrevo desta forma porque — com quanto tenha apenas vinte e cinco anos — sou imenso desgraçada e a desgraça faz-me experiente.

— Não me culpe. No dia que eu revelasse o meu nome, todos os nossos leitores se indignariam... e quem sabe? talvez tivessem pena de mim!

* * *

— Não tente sondar quem sou porque me não encontraria. Tomei as minhas precauções. Esta carta vai escrita á máquina para que a minha letra me não possa denunciar.

Se os meus pobres escritos lhe podem merecer um cantinho de *O Dever*, publique-os, caso contrário, rasgue-os e já não tente desvendar o meu incógnito, porque, sendo eu uma grande desgraçada, apenas saberá que me chamo a

Nenhures, 18 — 4 — 916.

DAMA-SEM-NOME.

Joaquim Amarante

Nas corridas de cavalos que em 13 do corrente tiveram lugar no Campo Grande, obteve este nosso querido amigo o 3.º premio, demonstrando assim ser um distinto sportman, tanto mais que competiu com adversários experientes e treinados.

Parabens e um abraço.

Carta de Coimbra

Juramento de bandeira. — Decorreu solenissimo este acto de um elevado significado moral e de uma importância tanto mais extraordinaria quanto maior é a anciadade do momento presente.

No grupo 2 da administração militar, aquatelado na rua da Sofia, falaram o comandante, sr. major Brito, e três oficiais. Usaram de uma grande vemeceia e entusiasmo, mostrando aos soldados quão grandiosa é a historia da Patria portuguesa e como através dos séculos, o exercito português tem sabido manter o seu heroísmo em feitos épicos e grandiosos.

Aos vivas, soltos pelos oficiais, corresponderam entusiasticamente os soldados que bem provaram a inexcedivel abnegação que em seus corações se alberga.

No regimento de infantaria 23 discursou o comandante, sr. Bandeira, estimulando os soldados ao cumprimento do seu sagrado dever.

Conflito militar. — Travou-se no domingo passado um grave conflito entre soldados de alguns regimentos e a polícia civica desta cidade. O caso foi que, senda dada ordem de prisão a um soldado de engenharia, este se recusou, sendo auxiliado pelos camaradas. A questão deu-se a princípio no Terreiro da Erva, continuando no Largo de Sansão.

A polícia, sempre imprudente e despotica, pretendia, a todo o transe, levar para a esquadra o referido militar. Os seus colegas levantaram celeuma, impedindo a sua prisão, até que o tenente-coronel do 23, sr. Pestana, os deteve, aprisionando o militar em questão.

Os soldados resolveram então manifestar-se, indo á esquadra na intenção de soltar o seu companheiro, dando morras à polícia e vivas ao exercito. Esta carregou tresloucadamente a tiros de revólver sobre eles, ferindo também alguns civicos.

Da cadeia a sentinelas, bradando ás armas, descarregou sobre os policiais, que insanamente atiravam sobre todos, pondo em risco a vida dos transeuntes. Alguns soldados do 2, correram indignados ao quartel, afim de trazerem as armas. Saíram comandados por um capitão, que dificilmente os conteve.

A polícia descarregou sobre a Cruz Vermelha que vinha prestar os seus socorros. Lavra por isso grande indignação contra aquela colectividade que, em logar de manter a ordem, a está constantemente perturbando.

É um facto assás comprovado, e já Julio Dantas, nas suas crónicas da *Ilustração Portuguesa*, o afirmou.

M.

Novos Decretos

O Diário do Governo de 20 publicou, entre outros, os seguintes decretos:

Aprovando e mandando pôr em execução as instruções para a nomeação do pessoal a mobilizar anexas ao mesmo decreto.

Regulando os serviços a cargo da repartição de requisições militares.

Suspendendo temporariamente algumas disposições da organização do exercito e mandando promover a alferes médico e veterinario todas as praças que tenham determinadas habilidades.

Dispensando a determinadas praças do exercito o exame de instrução primaria do 2.º grau para ascender ao posto de segundo sargento.

Determinando que possam ser empregados em serviços moderados, em terra, os oficiais e praças da armada que se encontrem na situação de reforçados.

Poetas e Prosadôres**CETICISMO**

(A Almeida Junior).

Eu já não creio em nada. A vida é ilusão,
o mundo uma quiméra, amor falaz mentira.
Em nada, em nada creio... Os omes da minha lira
abomina p'ra sempre a vil religião.

E Deus se é generoso dando a salvação,
porque não dá ventura ao orfão que suspira?
Serão também seus ais, acaso, uma mentira,
ou Deus é vingador e traz-lhe a maldição?

Eu já não creio em nada. A morte é nos-
sa meta, só ela neste mundo salva e é concreta:
é deusa redentora, é deusa da ventura!

Ao orfão que suspira, a Deus pedindo em vão
lenitivo p'ra a dor que tem no coração,
dá ela a paz eterna: a paz da sepultura!

Coimbra, 1915.

José Seabra Cascão.

LUTUOSA

Faleceu no dia 16 do corrente em Vila Franca d'Araze, do nosso concelho, a snr.^a Maria da Costa Lourenço, mais conhecida por snr.^a Maria Feliz.

Era mãe carinhosa das snr.^{as} Luiza da Costa Lourenço e Guilhermina da Costa Lourenço, há muitos anos residentes em Lisboa, onde a falecida também esteve larguissimo tempo.

Teve prolongado e doloroso sofrimento.

Sentindo a perda da pobre velhinha, que era bondosa, enviamos pezames sinceros à desdita família em luto.

Funeral

Realizou-se no dia 20, pelas 10 horas, o funeral do desdito Joaquim Moraes, vítima dos acontecimentos ultimamente ocorridos em Coimbra.

O infeliz moço contava apenas vinte anos de idade e era natural desta vila, filho de António Moraes e de Tereza Cordeiro, residindo, à data do seu falecimento, em Coimbra, como praça do 2º Grupo das Companhias de Saúde.

O seu cadáver foi conduzido para esta vila em automóvel, indo ao seu encontro, acompanhados de numerosas pessoas, as sociedades Cruz Vermelha, Rancho 6 de Julho e a Associação Operária Montemorense, sociedades estas a que o extinto pertencia.

Por entre lamentações e lagrimas conduzia a Associação Operária Montemorense o ferrete do seu saudoso socio, indo depô-lo na igreja de Nossa Senhora de Campos, onde a orquestra desta vila, a que o falecido também pertencia, o aguardava, rezando-lhe o *Liberâme*.

Sobre o ataúde foi deposita a bandeira da Cruz Vermelha e sete lindas coroas de flores artificiais, com as seguintes dedicatórias: — Ao seu desdito camarada Joaquim

Moraes, oferece Ambulancia n.º 25 da Cruz Vermelha; — Ao seu desdito camarada Joaquim Moraes, o 2º Grupo das Companhias de Saúde; — Ultima saudade, da Delegação da Cruz Vermelha, Montemór-o-Velho; — Ao seu saudoso socio Joaquim Moraes, oferece a Associação Operária Montemorense; — Ao seu saudoso socio, como prova d'eterna saudade, oferece o Rancho 6 de Julho; — Ao nosso querido amigo Joaquim Moraes, oferecem Joaquim Gomes Alves e José Correia Monteiro; — Ao nosso saudoso amigo Joaquim Moraes, oferecem Joaquim Correia Monteiro e seus filhos.

No prestito encorpararam-se, além das sociedades Filarmonica 25 de Setembro, Delegação da Cruz Vermelha, Rancho 6 de Julho e Associação Operária Montemorense, numerosas pessoas de todas as classes sociais, isto devido às gerais simpatias que o infeliz moço soube conquistar no meio dos seus patrícios, que nesta hora de cruel amargura, lhe pranteavam o seu desdito fim.

A chave do caixão era conduzida pelo snr. dr. João Rodrigues Baptista Loureiro, médico municipal, e as coroas, pelos snrs. dr. José Maria de Góis Mendanha Raposo, médico; António Augusto Redrigues de Campos, ajudante de notário; Mário Augusto Mata, estudante; Mário Maria, soldado do 2º Grupo das Companhias de Saúde; José Bicho, escrevente; Joaquim Gomes Alves, proprietário, e Francisco Correia Monteiro, lavrador.

Durante o trajecto organizaram-se seis turnos, que foram alternadamente formados pelas associações Cruz Vermelha, Operária e Rancho 6 de Julho.

Também se fizeram representar neste funeral a Delegação da Cruz Vermelha de Coimbra, pelo snr. José de Melo e Santos, estudante; pelo 2º Grupo das Companhias de Saúde de Coimbra, o snr. Manuel Maria, camarada do extinto, e pelo Montepio Recreio e Instrução, desta vila, a sua Direcção.

Que descance em paz o nosso infeliz amigo.

O *Dever* envia á familia enlutada o seu sentido pesar, por tão cruel dôr.

Secção de charadas**AUXILIAR**

(Por silabas)

- 1.º + tro = Castelo
2.º + nado = Trigueiro
3.º + fete = Cristão novo
Sova

Arma de guerra — 2
— lo —

Desagradável ao paladar — 3

AUMENTATIVA

O subterraneo é cavado por baixo — 3, 4.

NOVISSIMA

Roube ao compadre a madrinha de meu filho — 2, 1.

ENIGMA TIPOGRAFICO

CATA

Mangualde.

Lacerda.

FALTA DE ESPAÇO

Por esta razão foi-nos impossível publicar um artigo literário do nosso amigo e colaborador, snr. Domingos Pires, bem como outros originais.

Irão no próximo numero.

A DAMA-SEM-NOME

Foi-nos enviada uma carta escrita à máquina e assinada por uma misteriosa dama que se serve do pseudônimo que encima estas linhas.

Quem será?

Misterio!

Publicamos hoje essa carta que profundamente nos intrigou e pedimos á gentil *Dama-Sem-Nome* que continue a escrever-nos:

ANUNCIOS**EDITAL**

Alexandre de Rezende Mendes, administrador deste concelho de Montemór-o-Velho:

Faz saber

QUE sendo superiormente aprovadas as condições e clausulas do concurso do sustento dos presos pobres desta comarca para o ano de 1916 a 1917, isto é, desde 1 de Julho do corrente ano até 30 de Junho de 1917 — estão patentes nesta administração do concelho, por espaço de vinte dias, aquelas clausulas do concurso para serem examinadas.

As propostas serão feitas em carta fechada, em papel selado, dirigidas ao administrador do concelho, sem outra designação, sinal ou marca exterior.

Para que chegue ao conhecimento de todos se passou este e outros que vão ser afixados nos logares do costume.

Montemór-o-Velho, 13 de Abril de 1916. E eu, Quirino de Sampaio, secretário que o escrevi.

Alexandre de Rezende Mendes.

Farmácia

Ajudante, com atestados de aptidão e bom comportamento, oferece-se. Carta ao Director deste jornal.

DR. AVELINO FARIA

Advogado

CANTANHEDE

Dá consultas aos domingos em

ARAZEDE

de outubro em diante e trata de qualquer questão no tribunal de Montemór-o-Velho.

O DEVER

SEMANARIO DEFENSOR DA UNIÃO DA FAMÍLIA PORTUGUESA

Assinaturas

(Pagamento adeantado)

Trimestre	0\$32
Semestre	0\$62
Ano	1\$22
Continent e África	
Trimestre	0\$35
Semestre	0\$65
Brazil e África Oriental	
Ano	2\$00
Número avulso, \$04	

Publicações

Comunicados, 0\$06 a linha; anúncios, na 1.ª página 1 vez, 0\$10 a linha; na 2.ª, 0\$80; na 3.ª e 4.ª, 0\$06. Repetições, metade d'este preço. Por mais de um mês, preço convencional. Selo, cada publicação, 0\$01. Os assinantes têm desconto de 25%.

Não se aceitam informações anónimas nem se restituem originais, quer sejam ou não publicados.

Antonio Pereira de Carvalho

Proprietario dos Grandes Armazens de Bicicletas, Máquinas de Costura, Pianos e toda a qualidade de acessorios.

A maior e mais antiga casa no gênero

Oficina para todos os concertos, afinações e reparações em bicicletas, motocicletas e máquinas de costura.

Artista mecanico habilitado. Vendas, alugueis e trocas.

Preços sem competencia

34 — Avenida Navarro — 36

(Estrada da Beira) — COIMBRA

João Antônio Rodrigues

(SUCESSOR)

Montemór-o-Velho**Correspondente das seguintes casas:**

Banco Comercial de Lisboa, Banco do Minho, Banco Económico Português, Banco do Porto, Banco Aliança, Companhia de Seguros A Internacional, Banco Nacional Ultramarino, Crédit Franco-Portugais, J. M. Fernandes Guimarães & C.º, Pinto da Fonseca & Irmão, J. M. Espírito Santo Silva, Borges & Irmão, J. H. Toto & C.º, e Orsi, Autunes & C.º.

PINHAL

VENDE-SE um, 5 aguiliadas, sitio da Lagôa, proximo a Sant'Ana, a um quilometro da estação de Montemór, na linha da Beira Alta. Pode ser mostrado pelo guarda, snr. Manuel Cabeco, de Sant'Ana.

Propostas a Antonio Lopes da Cunha — Vila Franca de Xira.

ANTIGO ESTABELECIMENTO
— DE —
Mercearia, Tabacos e Fazendas brancas
— DE —
João António Rodrigues
(SUCESSORES)
Montemor-o-Velho

Nesta casa se encontra um completo sortido em açucar, chá, café, manteiga nacional e inglesa, biscoitos, bolachas, massas, bacalhau, genebra e vinhos do Porto.

Ferragens, prego de arame e de ferro, panelas de ferro, rastilho, chumbo em barra e para caça.

Fosforos e Tabacos, por atacado. Também vende pelos preços de Lisboa, farinha de trigo, cimento Portland, vidraça, telha de vidro e velas de cera.

Preços resumidos

GRATIFICA-SE BEM

a quem dê informações de que resulte a condenação por fraudes praticadas com prejuízo dos exclusivos de fosforos e isca (e dos interesses do Estado, da Companhia concessionária e do comércio legítimos acendentes, algodão ou qualquer outra matéria apresentada de forma e servir de isca, fabricação ou venda de chita com preparo inflamável, isca em cordão vendida fraudulentamente a título de cordão de sacos, etc., reservando-se a Companhia concessionária intentar a respectiva ação civil de perdas e danos contra os delinquentes, independentemente da multa acado no termos da legislação em vigor. Gratifica-se generosamente, guardando-se a maior discreção. A Companhia logo que receba informações fidedignas enviará a qualquer ponto do país agentes da fiscalização para proceder às necessárias diligências. Dirigir-se pessoalmente ou por carta à Companhia Portuguesa de Fosforos, 139, rua de S. Julião, Lisboa.

ADUBOS
MELO & MARTINS
PAMPILHOSA DO BOTÃO

Fabricantes dos bons adubos compostos da marca registada
PEIXE

Chamamos a atenção dos senrs. agricultores para fazerem uma experiência dos nossos adubos, devido ao seu magnífico resultado os adoptarão de preferência a qualquer outro.

AZEITE

Para revenda e em grandes quantidades, vendemos de excelente qualidade.
Alugam-se Automóveis

MELO & MARTINS
Pampilhosa do Botão

A FUNERARIA EM PEDRA
— DE —
FRANCISCO A. DOS SANTOS, FILHO

RUA DIREITA, 139 a 149

COIMBRA

Esta oficina encarrega-se de todo o trabalho de jazigos, mausoleus, campas, cantarias e ornamentações, tanto em calcareo como em marmore, a qual tem desenhos de jazigos, para escolher, em estilos antigos e em ARTE MODERNA.

Tem depósito de bancas de cosinha e mausoleus em lousa preta.

Encarrega-se também de fazer esculturas, bustos em pedra, barro, gesso, etc.

Toma conta de qualquer trabalho fóra de Coimbra

Hospedaria do Paço do Conde

JOSÉ DOS SANTOS

Rua Adelino Veiga, 36 a 40 — Rua do Paço do Conde, 10

COIMBRA

Vinhos, comidas e tabacos.

Recebem-se comensais por preços modicos.

Camas para pernoitar.

Esta casa, com a transformação porque acaba de passar, melhorou consideravelmente todos os seus serviços, achando-se habilitada a receber hóspedes de qualquer categoria, oferecendo-lhes comodidades por preços baratos. Esmero e prontidão no serviço de meza, para o que tem pessoal competente.

O mesmo proprietário negoceia em cereais e legumes de todas as qualidades, tais como farinhas, sêmolas, batata, castanha, palha enfardada, cordas e adubos químicos.

Rua Adelino Veiga — 44, 48

O seu armazém é já muito conhecido.

Telefone 379

Aos proprietários de Lisboa e Porto
Grande economia

A MUNDIAL, de acordo com os seus importantes reseguradores resolveu efectuar seguros de propriedades, sem uso ou contiguidade perigosa, ao prémio de:

\$08 por cada	100\$00
ou \$80	1:000\$00
de capital seguro	

A MUNDIAL

COMPANHIA DE SEGUROS

Sociedade Anónima de Responsabilidade Limitada

Capital, Escudos 500:000\$00
Reservas em 1914 64.244\$75

Séde em Lisboa — Rua Garrett, 95 — Telefone 4084

Delegação no Porto — Pinto da Fonseca & Irmão
(Banqueiros)

Praça da Liberdade, 138 — Telefone 1459

Agências e Delegações em todo o país, ilhas e colônias.

Oficina-Garage de Coimbra

LOBO DA COSTA & CASTANHEIRA

Grandes oficinas mecânicas para reparações de automóveis; fabrico de carrelos, pinhões e corolas em aço; cimentação e temperas; vulcanisação e fundição de metais. Recolha e tratamento. Ensino. Automóveis de aluguer de \$08 a \$20 o quilometro e 9 lotações de 4 a 18 passageiros.

Accessórios, gazolina e óleo.

Transações em carros de 2.ª mão. Serviço especial, para bem servir os ex.ºs clientes da província.

Rua da Figueira da Foz — 170

COIMBRA

Local conhecido por «Casa do Sal» à entrada da cidade pela estrada do Porto.

Telefone, 502

Telegrams «Garage-Coimbra»

Ano 5.

Montemór-o-Velho, 30 de Abril de 1916

N.º 217



O DEVER

Semanario defensor da união da familia Portuguesa

Pátria e Humanidade

Director, Proprietario e Administrador—Almeida Junior

O incêndio da Escola Naval

Quando ha tempos vimos arder o Deposito Geral de Fardamentos, tivemos a ideia nitente e profunda que mão criminosa ali andara... e mão estrangeira.

Tudo o levava a supôr—notem bem—a supôr, porque infelizmente não surgiram ainda provas esmagadoras e terminantes que nos parece haverem sido encerradas em algum sarcófago egípcio de onde jamais ressurgirão.

Agora oferece-se-nos um caso identico — o incêndio da Escola Naval.

Francamente ¿ a quem atribuir um tal desastre?

¿ A malvadez sangrenta de quem junca de cadáveres as ruas duma cidade que ainda ha bem pouco era toda de paz, de vida e de amôr?

¿ Ao carrasco que, chamando Deus como seu aliado, mutila crianças, estupra donzelas e assassina vélhos?

Talvez ao carrasco... talvez...

Mas para nós o carrasco metamorfoseou-se e, envergando o mailot negro dos bandidos, veiu pela sombra tentar intimidar-nos com as chamas crepitantes dum incêndio!

¿ E para quê?

Para nada, porque a alma portuguesa está muito acima de valores materiais e não baixaria ante o receio de os vêr ardêr.

* * *

Foram estas as considerações que fizemos, de nós para nós, quando irrompeu o violento incêndio da Escola Naval.

E então, perante nós, passou a audácia, a coragem, a dedicação personificadas em bons filhos da Pátria—da nossa querida Pátria que alguém mandara insultar.

Foi aí que vimos o brioso capitão tenente maquinista, João de Pinho, sobraçando modelos de máquinas para instrução dos alunos e, como éste, tantos outros impelidos pela ânsia insofrida de arrancar a presa ao desvastador elemento.

Arderam muitas preciosas

sidades, cujo valor estimativo era incalculável?

Decerto.

Mas porque arderam os pequeninos modelos de naus e caravelas que, em certo dia, foram e voltaram triunfantes dos confins das Índias, não escureceu o brilho da nossa glória, antes ao reflexo desse grande brazeiro o mundo poude recordar mais uma vez a grandeza da nossa epopeia homérica.

A AMNISTIA AOS MILITARES

Uma amnistia benigna, nascida da comprovada tolerância dos partidos democráticos, acaba de franquear amistosamente as fronteiras a todos os portuguezes que sem pejo, ultrajaram o nome da Pátria, reconduzindo-os assim aos lares que, num desairamento político, haviam deixado.

Essa amnistia é hoje um facto e sobre ela não queremos, de modo algum, bordar considerações que, neste momento, resultariam inuteis e estereis. Não queremos emitir, sequer, a nossa opinião sobre a sua execução. Está decretada e urge que todos nós, portugueses, nos curvemos, nesta hora de incertezas, não criando nem os mais insignificantes entraves à accção governativa.

O que tão sómente desejamos é provar, esteados na mais sólida e indestrutível das justiças e firmados pela razão mais limpida e clara, que uma outra amnistia, mais ampla e mais lata, deveria ser promulgada, abrangendo todos aqueles que, dentro em pouco irão estoicamente oferecer o peito ás balas, perdoando-lhes os castigos que sobre eles pesam, castigos resultantes, não duma quebra de disciplina ou de crimes de lesapatria, como sucedia com os conspiradores, mas duma falta (aliás desculpável) de observância das praxes militares. Era um acto coruscante de justiça, resplandecente de nobreza, relampujante de bondade, e, tanto mais, quanto é certo que a magua que levarão para o campo de defesa da Pátria, se por qualquer imprevisto motivo não lhes poder ser concedida a referida amnistia, é dolorosa e bem tragica.

Ela representaria a derradeira bênção da Pátria amiga, estimulando-os ao cumprimento do seu sacroso dever, gravando-lhes, indelevelmente, no coração, a silhueta da Mãe-comum, inoculando-lhes esse ardor e esse patriotismo que vencem as mais gigantescas bar-

Redactor Principal
Virgilio Marques

Secretario da Redacção e Editor
Abel M. de Melo Brandão

Red. e Adm.—R. Dr. José Galvão—Montemór-o-Velho
TELEFONE 364

(para onde deve ir a correspondencia)
Não se restituem originais, embora não se publiquem

Composição e Impressão — Tip. Silva (a vapor)
AVEIRO



A' tragica morte

DE

JOAQUIM MORAIS

varado por uma bala, domingo de Ramos, em Coimbra.

I

Era um bom. Como tal deveras estimado.
Bom filho, bom amigo, o seu trato e bondade geravam simpatia, amor puro, amisade!
Julgava-se feliz, amando e sendo amado.

E seria feliz, se o Destino, o mau fado,
que persegue cruel a pobre humanidade,
do mundo não banisse... esse bem: *felicidade!*
Assim obter quem pode o Bem tão desejado?!

Mas bafejava-o a Esp'rança, amoravel, divina:
— julgava-se feliz! — quando bala assassinava
— oh! destino fatal! — lhe corta a vida em flor!

Novo, cheio de vida, e quando o amor sorria
ao seu bom coração!... — ai! triste, cruel dia,
que os *Ramos* transformou... em espinhos de Dôr!...

II

A desolada mãe, como lamenta e chora
ai! a morte infeliz do bom filho querido!...
comove o coração seu pranto dolorido!
boa mãe que adorou e ainda o filho adora!...

Lembra com viva dôr, nesta sentida hora,
seu amor filial, intenso, comovido,
o seu bom proceder, de todos conhecido...
alma emfim a que o Bem dava brilhos d'aurora!...

E num instante só Morte cruel, horrenda,
lhe interrompe da Vida a luminosa senda,
lançando a pobre mãe num abismo de dôr!...

— Oh Deus! por piedade! aquela mãe aflita,
alma que gême e sofre uma dôr infinita,
— o balsamo do éco!... resignação, Senhor!...

Montemór-o-Velho

J. NEVES.

reiras, entusiasmado-s a pugnar
pela derrota do inimigo e pela
glória d'este Portugal! Era o mais
belo incentivo e a consagração
mais categorica da nossa nobreza
e da nossa bondade toda!

Que o momento é de perdão e
de união...

Mario Augusto da Silva.

Concurso literario

Desejando tornar *O Dever*
cada vez mais util e interessante,
afim de corresponder
inteiramente ao fim para que
foi fundado, vamos abrir, no
proximo numero, um con-
curso literario e poético, ao
qual todos os nossos estimados
leitores e colaboradores
poderão concorrer.

Serão premiados os que,
no parecer do juri que se
constituirá oportunamente,
tiverem maior classificação

nas suas produções, que não
poderão ir além dum quarto
de folha de papel, tojal, por
exemplo.

A alma da mocidade, viril
e sonhadora, ha de saber pro-
duzir pedaços de prosa re-
passada de suavidade e can-
ticos entusiasticos em estro-
fes banhadas de sentimento
e amôr.

Os trabalhos de cada um
dos concorrentes serão diri-
gidos á Direcção, que os pu-
blicará á medida que forem
sendo recebidos, não se pre-
terindo ninguem, antes res-
peitando-se a ordem de re-
cção e apreciando, conjunta-
mente, o valor de cada um.

Horas d'insónia

Não, minha amiga. Eu não sou in-
clemente para a mulher. Você encontra-se
atingida pela minha crônica de domingo

passado? Ah! se você soubesse que essas linhas estavam escritas antes de nos conhecermos, como o pode atestar Sousa Junior, filho, e o meu colega Virgílio Marques, aos quais as li há mais de dois meses, decerto não julgaria que a você se destinavam! E não. Alguém as inspirou, é verdade, e essa criatura, que ainda ontem passeava na gare do Rocio, com um homem que eu conheço bem, não merecia menos. Você é uma alma gentil, cheia de bondade e cheia de candura. Sabe chorar e sabe sofrer, e para a encher de comoção sentida, eu sei, não é preciso mais do que o arroxeadão nostalгиco dum poente dolorido, ou a fome ingrata do seu similitante.

Dormi. E a sonhar, produzi aquelas coisas, que o meu próprio temperamento não perfila.

Insistências fizeram dá-las à luz da publicidade. E, ao relé-las agora, socgado e tranquilo, vejo quanto você é injusta na carta que me dirige...

O sexo do meu sexo diferente tem também defeitos, acredite. E no seu afeto de feminista conscientiosa, você, que me escreve assim zangada, ha de tê-lo constatado. Refiro-me a alguém que, tendo o odio á superfície da alma, assim como tem o amor que não sente, mas que julga fazer sentir aos outros, ainda ha dias, uma petizia esfomeada lhe pediu pão e ela a repudiou indignada —, se pretende fazer passar, nesta sociedade purulenta, por alma-mater da sinceridade.

O desengano é apanágio das almas simples, e com ele se sente a gente retroceder dez anos na nossa vida de locubrações e martírios, como que sentindo-se vencido perante tanta mentira que por ai assim se patenteia todos os dias.

Não era, já o disse, para a minha amiga que é boa, aquela crónica mais forte que eu escrevi.

Entretanto, acredite, o caso não se poderá repetir, por que coisas assim não se repetem nem se envolvem de simpatia.

A mulher mereceu-me sempre os maiores carinhos e os maiores cuidados. Para ela tem ido sempre as minhas melhores palavras e os meus maiores sentimentos amores. Foi da mul er que eu vim, como você diz, e é minha mãe dedicarei sempre o minha afeição mais íntima e mais sincera...

E terminou o incidente, sim?...

ALMEIDA JUNIOR.

* *

P. S. — No proximo numero responderá á gentilissima Dama-Sem-Nome, que de Nenhures se me dirige com os seus vinte e cinco anos a sorrirem lhe d'esperanças e a sua desventura a torná-la uma vencida para a luta...

A. J.

Momentos de tédio

↓ Falou v., snr. Almeida Junior, sobre a hipocrisia humana?

Incontestavelmente, a hipocrisia é o mal mais contagioso que têm aparcido em este vale de amarguras.

Mas... já pensou v. em uma filha que a mesma hipocrisia deitou ao mundo, havendo-a dotado préviaamente com tanto ou maior cinismo que o que possue?

Já alguma vez se sentiu enleado pelos seus abraços mais dolorosos que os da corda dos enforcados?

Nunca?... Como é feliz!

Pois bem: se algum dia lhe fôr bater á porta essa filha da hipocrisia, que tem por nome — *Intriga* —, repila-a porque decerto o contagiará da lepra que a satura.

Eu sou — como já lhe disse — uma pobre mulher de vinte e cinco anos que algum dia acalentei ilusões róseas.

↓ E sabe v., snr. Almeida Junior, quem mas assassinou? Sabe?

A hipocrisia e sua filha Intriga. Eu quiséra expandir-me um pouco

mais. Todavia, aguardarei a sua resposta, se é que resposta se dignará dar á

Dama-Sem-Nome.

Nenhures, 28-4-916.

VERRIDE EM FESTA

Passeio militar

A Sociedade de Instrução Militar Preparatória n.º 25, da Figueira da Foz, efectua hoje um passeio militar a Verride, de visita á sua congénere n.º 43, daquela vila, acompanhada da Banda do Regimento n.º 28 e dos respectivos oficiais. A Sociedade n.º 25 vai com o seu activo, na força de 150 recrutas, armados e equipados. A Sociedade n.º 43, de Verride, oferecerá o rancho militar a toda a força, o qual será feito pelas canticas do Regimento de Infantaria 28, ao ar livre.

A Sociedade n.º 25 chega a Verride no comboio das 10-45, sendo esperada pela sua congénere n.º 43, e seguirão, até á sede da Sociedade, onde lhe serão dadas as boas vindas e fará uma alocução patriótica o distinto médico e ilustre orador snr. dr. José Cristina.

Depois dos exercícios militares e diversos jogos desportivos, irão bivacar na quinta da Bela Vista, donde se disfruta um dos panoramas mais belos e surpreendentes de todo o país e onde lhes será fornecido o rancho. Às 15 horas dará um concerto a Banda de Infantaria 28, sendo aberta uma *ker-nesse*, onde se encontram valiosíssimas prendas e em número avultadíssimo, e, entre elas, algumas riquíssimas de altas entidades oficiais.

Acabam de nos comunicar que a Sociedade n.º 10, de Coimbra, acompanhada da Banda de Infantaria 23, também vai a Verride fazer o seu passeio militar e diversos exercícios, na força de 300 praças. O entusiasmo é enorme por todos os subúrbios de Verride, na Figueira e em Coimbra, o que levará a tão linda terra milhares de pessoas. O passeio a Verride é sempre encantador e belo, pela disposição geográfica de tão formosa terra, que nos oferece panoramas vastíssimos e admiráveis e pena é que Verride não tenha um bom hotel e bons restaurantes, porque decerto fariam muito dinheiro e atrairia muita mais gente. O dia de hoje em Verride há de memorizar-se pela imponência das festas.

De Lisboa vai muita gente, além da colonia de Verride que vive na capital e que o amor patrio ali a leva. Já conhecemos esta terra a quem a natureza concedeu tanta beleza e principalmente nesta estação do ano em que todos os montes e campos se vestem de galas. Têm visto floras belas, mas como a de Verride nenhuma outra se assemelha.

Por motivo de doença, que o tem impedido de sair de casa, não pode o nosso director ir ali usar da palavra, mas não deixa de agradecer, comovido, o honroso convite da Sociedade e do belo

povo de Verride, ha tempos a ele dirigido.

Que todos desculpem a falta involuntária.

•••

Depois de escrito o que acima se lê, foi-nos participado que, em virtude da saída inesperada do instrutor da sociedade, o snr. tenente Henrique Ferreira, na expedição a Moçambique, ficou adiada *sine-die* tão simpática festa.

O brioso militar deixa muitas saudades, pois o povo verridense queria-lhe muito e muito o estimava.

Que tenha boa viagem e regresse á Patria coberto de glória.

Pela sociedade

Fez na passada quinta-feira anos, a menina Maria Julia de Sousa, gentil filha do nosso querido amigo, sur. dr. Sousa Junior, ilustre director Geral da Estatística.

Os nossos parabens.

— A passar as férias da Páscoa, esteve no Porto, em casa do nosso querido amigo snr. dr. José Marques, a ex.^{ma} sur. D. Maria Antonia Janeiro, inteligente professora oficial em Canelas (Gaiá).

— Regressou do Porto, de visita ao nosso redactor-principal, o nosso distinto colaborador Domingos Pires, aluno da Escola Naval, de Lisboa.

— Tem passado encomodada de saude a nossa distinta colaboradora, D. Emilia da Rocha Pereira.

— Também se encontra doente o sur. José Ribeiro, pai da nossa estimada assistente, snr. D. Ermelinda Ribeiro, distinta professora oficial no Porto.

— Tem estado doente o nosso preado assinante, snr. Manuel Rodrigues Rolo, bemquisto negociante na vizinha vila de Verride.

— Também tem passado encomodado de saúde, o nosso estimado amigo, sur. Joaquim da Mota Paixão, digno funcionário do Laboratorio Eletrotecnico, em Lisboa.

Desejamos-lhes rápidas melhorias.

A Vingança

Ao querido Gomes Monteiro

Era ainda muito novo quando foi arremessado para esse antro de ignominia, essa escola de todos os vícios e de todos os crimes, que se chamá o lupanar.

Que triste não é o ter que suportar os insultos e motejos duma sociedade contaminada de vícios mas com fôros de civilizada, onde milhares de vítimas se estorcem em dolorosa agonia, quais débeis insetos caídos na engenhosa teia que aranha pequenina, mas habil, construisse para dar-lhes caça...

Bem via ela o contraste da sua vida de outr'ora com a de hoje; e, por mais duma vez, tentará escapar-se do profundo e escarpado abismo em que caíra, mas exitava ante a ideia de que assim não ficaria salva a sua honra!...

Quantas vezes, na solidão do seu quarto de repouso, em acessos febris de mau humor, em desejos de vingança, levára à cabeça as mãos diáfanas, para arrancar punhados dos seus cabelos lindos, lindos como fios d'ouro reluzentes que o sol acariciasse com meiguice. Depois, soluçando, dava largas á sua dor...

Um dia, contemplando nostalgicamente o retrato do infame que lhe trouxera a desonra, concebeu mais estranho projecto de vingança.

Escrivendo-lhe, com um nome suposto, marcando-lhe uma entrevista em determinado ponto. Ela sabia bem quanto ele era dado a aventuras e galanteios, e tinha por certo que não faltaria. E então, sem deixar-se conhecer, lançava-lhe-hia, em rosto, um frasco de vitriolo e fugiria em seguida.

Era este o seu atentorio plano, e deliberou pô-lo em prática na tarde desse mesmo dia. Com efeito, chegado o momento oportuno, ei-la a caminho do local da entrevista prometida.

Nuvens pardacentas aglomeravam-se sinistramente, ameaçadora mente, numa disposição fantástica, como prenúncios de gigantesca luta dos elementos.

Começavam já caíndo grossas gotas de agua que, impelidas por um vento cortante e frio, açoitavam o arvoredo frondoso, gemebundo; e ela lá ia afrontando todos os perigos, levando no olhar crispações de acerba raiva contra o infame que a perdera, e no cerebro um unico pensamento — vingar-se!

Estava já proxima do local, e ele lá estava aguardando ansioso, comovido, a aventurosa dama.

Ela já o tinha visto, e, encobrindo-se com as arvores como fera espreitando a presa, procurava momento azado para atirar-lhe ao rosto o terrível ácido.

Já muito proximo dele, fa levantar a mão onde empunhara o frasco, mas...

Ouve-se o ribombar sonoro de um trovão, e uma faísca, descrevendo caprichosas linhas no espaço infinito, veio fulminá-los a ambos. Não chegou a consumar-se a vingança...

Caía agora uma chuva miudinha e polvorienta que, atravessada por um raio de sol meigo e acariciador, patenteava, em disposição artística, as cônchas do arco iris...

Lisboa — Abril de 1916.

Domingos Pires.

As cartas duma infeliz

Meu caro Leopoldo:

Se este aborrecimento, este tédio pelas coisas e pelas pessoas, tivesse que durar muitos dias ou mesmo algumas horas, acredita, meu terno amigo, que eu sucumbiria ante a cruz do meu calvario, que já é um madeiro que me pega aos hombros duma maneira ingrata.

Tinha já, na minha vida de martírios, a cruz da sande que tanto me tem mortificado.

Tenho agora mais uma cruz — a do infotnio e a da dor enorme que me ha-de roubar ao convívio dos meus leitores e aos beijos acariciantes dos pequeninos que eu adoro e com quem vivo ha muito tempo.

Quisera eu ter um instante ao menos, em que as locubrações entristecedoras do meu espírito se afugentassem, cedendo lugar a uma aurora luminosa que me transportasse aos mais íntimos pensamentos de acisolante sensibilidade.

Longe de tudo que possa causar prazer, condenada continuarei nesta vida de amarguras que é o único refúgio dos sem sorrisos e sem amores...

Adeus. Tua,

IRENE.

Poetas e Prosadôres

Tristitia mea

Nem tam sómente me foi deixado, em vossa partida, o conforto de saber para que parte da terra ieis, porque então descançariam meus olhos em levarem para lá a vista.

Bernardim Ribeiro.

Nem sequer me ficou, nesta tristeza, Descanço nos meus olhos maguados, Que os gasto pelo céu, na incertezâ Da terra onde os teus vivem descuidados.

Lá segue atraç de ti, com ligeirêza, Meu rebanho de sonhos desmanchados... E vasia de sonhos mais me péza Agora a alma em ancias e cuidados.

Melhor nunca te vissem olhos meus, Já que tam breve deles escondeste O claro, alegre sol que vi nos teus!

Assim me dêste a luz e me cegaste, Pois se era grande o bem que me trouxeste, E' bem maior o mal que me deixaste.

GRANJA, em 1915.

Carlos de Moraes.

Carta de Coimbra

24-4-916.

Jornal de Coimbra. — Comunica-nos o nosso amigo Alves Barata, que aquele nosso ilustre confrade acaba de sofrer importantes melhoramentos. A sua frente ficará uma pleia de ilustre de redactores, como: Armando Correia, jornalista considerado, antigo colaborador da *Montanha, Lanterna, etc.*; José H. Barata, aluno do 5.º ano da Faculdade de Letras; Ferreira Lopes, estudante, jornalista apreciado pela sua prosa elegante moralizadora; e finalmente, o nosso amigo João Alves Barata Junior, possuidor de um espírito sagaz e perscrutador e assiduo colaborador do referido jornal. Tudo, pois, indica que o nosso colega avançará sob o impulso destes novos lutadores jornalísticos. O que sinceramente lhe desejamos são as prosperidades de que é merecedor, e com prazer daqui os cumprimos.

Carencia de água. — Devido a uma avaria na casa das máquinas da absorção e elevação da água, está Coimbra com sede. A camara municipal tem empregado os seus esforços para que os munícipes não sofram com a avaria, mandando fazer a distribuição da agua nos domicílios pelos carros de campanha da Administração Militar. Crise em tudo.

Conferencias. — Realisou, na 6.ª feira, uma conferencia, o ilustre parlamentar, snr. dr. Artur Leitão.

— O snr. Augusto Casimiro, digno oficial do exercito, realisou também, na 2.ª feira, uma conferencia patriótica.

Foram bastante aplaudidos.

M.

CONTOS

A tecedeira do Souto

Era uma dessas tardes de outubro, tão amenas e calmas, como só o outono nos proporciona. Já começavam as vindimas; na aldeia vai um movimento desusado; sol posto, todos abandonam os campos e retomam o caminho de suas casas, entoando dolentes canções, como que impregnadas da melancolia daquela tarde tão bela!

O sino da ermida acaba de fazer ouvir o saudoso toque das Ave-Marias; e, talvez esperando essa hora, uma mulher, pobramente vestida de escuro, saiu da sua habitação humilde como ela, e toma o caminho da casinha muito branca e toda enginalhada de trepadeiras e ramações, em que vive o snr. reitor. Estuga o passo como para furtar-se ás vistas dos curiosos, mas esse esforço fatiga-a, e, de vez em quando, pára sufocada por um ataque de tosse que lhe alofra a fronte de um suor frio, e o seu magro corpo de 26 anos, se tanto, gasto pelo sofrimento e pela doença, curva-se para a terra onde em breve descerá para sempre.

Chega à porta do reitor; bate a custo e é recebida com exclamações e carinhos:

— E's tu, Aninhos? Entrá. Então tens passado melhor?

— Muito obrigada, snr. reitor; isto vai cada vez pior. Eu já nem penso em mim, diz ela com um triste sorriso que faz assomar lágrimas aos olhos do bom reitor; só me lembram os meus filhinhos.

E' por causa dêles que eu hoje venho encomodá-lo. E' tão bondoso que de certo me perdoará.

— Deixa-te de ideias negras, rapariga; logo que venha a primavera hás de melhorar. Ela abanou tristemente a cabeça. — O que tu precisavas era de alguém que te tratasse com carinho e não estar sujeita ás brutalidades de teu marido que, em vez de auxiliar-te, ainda precisa que tu trabalhes para lhe sustentar os vícios. O tear foi a origem da tua doença. Uma rapariga tão assisada como tu, e que casamento fizeste! Eu bem te dizia que aquele valdevino não podia ser um bom marido. Não fizeste caso...

— Para que falar do passado? Era esse o meu destino, com certeza. E qual será a mulher que não julgue o objecto do seu amor o mais digno de todos? Talvez eu fosse digna de melhor sorte, tudo lhe perdoá, porque o amo e porque ele é o pai de meus filhos, e é por esses, unicamente, que eu tremo!

Se hoje eu lhes faltasse, o que seria dêles, sem um pai que possa guiá-los e ampará-los! Mas o snr. reitor, que é bondoso, lembra-se-ha desses dois inocentinhos em nome da amizade que deu sempre á mãe, não é assim?

E a pobre chorava, levantando o olhar implorativo para o reitor, que também já não tentava esconder as lágrimas.

Pois sim; socega, que não é coisa para falar assim; mas prometo que farei por teus filhos tudo o que estiver ao meu alcance. E agora não quero mais lagrimas, ouviste? Não sejas desanimada, porque tu até vais melhor...

— Melhor!... — diz ela sorrindo dolorosamente. Eu não tenho pena do mundo, mas custa-me deixar os meus filhinhos, e, porque não falarei verdade? meu marido também. Se pudesse, levá-los ia comigo, morreria satisfeita.

Adeus, snr. reitor; permita-me que lhe beije as mãos, porque me tirou um grande peso do coração.

E saí, mal pude de sustentar-se em pé, enquanto o reitor a segue com a vista, murmurando:

— Pobre Aninhos! Tão nova e tão boa!...

Dai a dois meses, quando as arvores, já despidas, mais triste tornavam a aldeia, a tecedeira do Souto, abraçada a seus filhinhos, exalava o derradeiro suspiro, deixando nos corações de todos os que a conheciam, uma funda saudade, inspirada pela sorte adversa que acompanharia o seu viver virtuoso e digno.

Angelina de Castro Mendes.

Secção de charadas

Combinada

- 1.º + ei = decreto
- 2.º + ma = mulher
- 3.º + ol = escalar
- 4.º + ufo = enfeite
- 5.º + da = mulher
- 6.º + ro = argola

Cidade portuguesa

Violeta.

Em frase

A bruxa na capital tem muita perspicacia — 2, 3.

Violeta.

Metamorfose

No animal se encontra a ave — 2 (g+p).

Violeta.

N. da R. — *Violeta* é uma nova e gentil colaboradora, muito experimentada neste genero de passatempo. A ela fica confiada esta socção do *Dever*, que dirigirá com solicitude.

Nos envelopes devem, pois, os charistas indicar a palavra *Violeta*, e dirigir as suas produções a esta Direcção.

+ Conceito das charadas do ultimo numero:

- 1.º — Castanha.
- 2.º — Salobre.
- 3.º — Socava-Socavado.
- 4.º — Comadre.
- 5.º — Socata.

Decifraram: todas, *Violeta*; a 2.º, Domingos e Pires; e 1.º e 4.º, Nitrato.

Transcrição

O nosso presado colega *Defesa de Mira*, transcreveu o nosso editorial «Escorraçando a fome». Muito obrigado.

ANUNCIOS

EDITAL

Alexandre de Rezende Mendes, administrador deste concelho de Montemór-o-Velho:

Faz saber

QUE sendo superiormente aprovadas as condições e clausulas do concurso do sustento dos presos pobres desta comarca para o ano de 1916 a 1917, isto é, desde 1 de Julho do corrente ano até 30 de Junho de 1917 — estão patentes nesta administração do concelho, por espaço de vinte dias, aquelas clausulas do concurso para serem examinadas.

As propostas serão feitas em carta fechada, em papel selado, dirigidas ao administrador do concelho, sem outra designação, sinal ou marca exterior.

Para que chegue ao conhecimento de todos se passou este e outros que vão ser afixados nos logares do costume.

Montemór-o Velho, 13 de Abril de 1916. E eu, Quirino de Sampaio, secretário que o escrevi.

Alexandre de Rezende Mendes.

Farmácia

Ajudante, com atestados de aptidão e bom comportamento, oferece-se. Carta ao Director deste jornal.

DR. AVELINO FARIA

Advogado

CANTANHEDE

Dá consultas aos domingos em

ARAZEDE

de outubro em diante e trata de qualquer questão no tribunal de Montemór-o-Velho.

Antonio Pereira de Carvalho

Proprietario dos Grandes Armazens de Bicicletas, Maquinas de Costura, Pianos e toda a qualidade de acessórios.

A maior e mais antiga casa no genero

Oficina para todos os concertos, afinações e reparações em bicicletas, motocicletas e máquinas de costura.

Artista mecanico habilitado. Vendas, alugueis e trocas.

Preços sem competencia

34 — Avenida Navarro — 36

(Estrada da Beira) — COIMBRA

PINHAL

VENDE-SE um, 5 aguihadas, sitio da Lagôa, proximo a Sant'Ana, a um quilometro da estação de Montemór, na linha da Beira Alta. Pode ser mostrado pelo guarda, snr. Manuel Cabeço, de Sant'Ana.

Propostas a Antonio Lopes da Cunha — Vila Franca de Xira.

Agua da Curia

Mogofores

As unicas aguas sulfatadas-calcicas que existem no paiz, similares ás famosas aguas de Contrexéville, nos Vosges (França).

João Antonio Rodrigues

(SUCESSOR)

Montemór-o-Velho

Correspondente das seguintes casas:
Banco Comercial de Lisboa, Banco do Minho, Banco Commercial do Porto, Banco Aliança, Banco Económico Português, Banco Nacional Ultramarino, Companhia de Seguros A. Internacionais, Crédit Franco-Portugais, J. M. Fernandes Guimaraes & C., Pinto da Fonseca & Irmão, J. M. Espírito Santo Silva, Borges & Irmão, J. H. Tota & C., e Orely, Antunes & C. A.

ANTIGO ESTABELECIMENTO
— DE —
Mercearia, Tabacos e Fazendas brancas
— DE —
João Antonio Rodrigues
(SUCESSORES)
Montemor-o-Velho

Nesta casa se encontra um completo sortido em assucar, chá, café, manteiga nacional e ingleza, biscoitos, bolachas, massas, bacalhau, genebra e vinhos do Porto.

Ferragens, prego de arame e de ferro, panelas de ferro, rastilho, chumbo em barra e para caça.

Fosforos e Tabacos, por atacado. Tambem vende pelos preços de Lisboa, farinha de trigo, cimento Portland, vidraça, telha de vidro e velas de cera.

Preços resumidos

GRATIFICA-SE BEM

a quem dê informações de que resulte a condenação por fraudes praticadas com prejuízo dos exclusivos de fosforos e isca (e dos interesses do Estado, da Companhia concessionária e do comércio legítimos acedentes, algodão ou qualquer outra matéria apresentada de forma a servir de isca, fabricação ou venda de chita com preparo inflamável, isca em cordão vendida fraudulentamente a título de cordão de sacos, etc., reservando-se a Companhia concessionária intentar a respectiva ação civil de perdas e danos contra os delinquentes, independentemente da multa ao Estado nos termos da legislação em vigor. Gratifica-se generosamente, guardando-se a maior discrição. A Companhia logo que receba informações fidedignas enviará a qualquer ponto do paiz agentes da fiscalização para procederem às necessárias diligências. Dirigir-se pessoalmente ou por carta à Companhia Portuguesa de Fosforos, 139, rua de S. Julião, Lisboa.

ADUBOS
MELO & MARTINS
PAMPILHOSA DO BOTÃO

*Fabricantes dos bons adubos compostos da marca registada
PEIXE*

Chamamos a atenção dos snrs. agricultores para fazerem uma experiência dos nossos adubos, devido ao seu magnífico resultado os adoptarão de preferência a qualquer outro.

AZEITE

Para revenda e em grandes quantidades, vendemos de excelente qualidade.

Alugam-se Automóveis

MELO & MARTINS
Pampilhosa do Botão

A FUNERARIA EM PEDRA

— DE —

FRANCISCO A. DOS SANTOS, FILHO

RUA DIREITA, 139 a 149

COIMBRA

Esta oficina encarrega-se de todo o trabalho de jazigos, mausoleus, campas, cantarias e ornamentações, tanto em calcareo como em marmore, a qual tem desenhos de jazigos, para escolher, em estilos antigos e em ARTE MODERNA.

Tem depósito de bancas de cosinha e mausoleus em lousa preta.

Encarrega-se também de fazer esculturas, bustos em pedra, barro, gesso, etc.

Toma conta de qualquer trabalho fóra de Coimbra

Hospedaria do Paço do Conde

JOSÉ DOS SANTOS

Rua Adelino Veiga, 36 a 40 — Rua do Paço do Conde, 10

COIMBRA

Vinhos, comidas e tabacos.

Recebem-se comensais por preços modicos.

Camas para pernoitar.

Esta casa, com a transformação porque vê a casa de passar, melhorou consideravelmente todos os seus serviços, achando-se habilitada a receber hóspedes de qualquer categoria, oferecendo-lhes comodidades por preços baratos. Esmojo e prontidão no serviço de meza, para o que tem pessoal competente.

O mesmo proprietário negoceia em cereais e legumes de todas as qualidades, tais como farinhas, sémolas, batata, castanha, paialha enfardada, cordas e adubos químicos.

Rua Adelino Veiga — 44, 48

O seu armazém é já muito conhecido.

Telefone 379

Aos proprietários de Lisboa e Porto
Grande economia

A MUNDIAL, de acordo com os seus importantes reseguradores resolveu efectuar seguros de propriedades, sem uso ou contiguidade perigosa, ao preço de:

§08 por cada	100\$00
ou §80	1.000\$00
de capital seguro	

A MUNDIAL

COMPANHIA DE SEGUROS

Sociedade Anónima de Responsabilidade Limitada

Capital, Escudos 500.000\$00
Reservas em 1914 64.244\$75

Séde em Lisboa — Rua Garrett, 95 — Telefone 4084

Delegação no Porto — Pinto da Fonseca & Irmão (Banqueiros)

Praca da Liberdade, 138 — Telefone 1459

Agências e Delegações em todo o paiz, ilhas e colônias.

Oficina-Garage de Coimbra

LOBO DA COSTA & CASTANHEIRA

Grandes oficinas mecânicas para reparações de automóveis; fabrico de carretos, pinhões e corões em aço; cimentação e temperas; vulcanisação e fundição de metais. Recolha e tratamento. Ensino. Automóveis de aluguer de §08 a §20 o quilometro e 9 lotações de 4 a 18 passageiros.

Acessórios, gazolina e óleo.

Transações em carros de 2.ª mão. Serviço especial, para bem servir os ex.ºs clientes da província.

Rua da Figueira da Foz — 170

COIMBRA

Local conhecido por «Casa do Sal» à entrada da cidade pela estrada do Porto.

Telefone, 502

Telegrams «Garage-Coimbra»

O DEVER

Semanario defensor da união da familia Portuguesa

Pátria e Humanidade

Director, Proprietario e Administrador—Almeida Junior

A nossa questão magna

Se alguma vez a questão das subsistencias necessitou de estudo e atenção da parte dos poderes publicos, nunca essa necessidade foi tão imperiosa nem tanta urgencia requereu como neste momento em que, para nos desafrontarmos duma nação que subordinou a Razão ao império da Força, teremos de arrancar milhares de braços á nossa mais que lamentavel agricultura.

Até hoje, na resolução do problema máximo de que trattamos, tem-se partido do gracioso principio de que ao Terreiro do Paço hão-de afluir os clamores de numerosas regiões com necessidades e recursos inteiramente diferentes. Daí tem resultado a conhecida ineficácia de decretos e tabelas, que, não tendendo a acudir a cada área em especial, antes pretendendo uniformizar as condições economicas em todo o paiz, vão esbarrar com dificuldades de toda a ordem, pecando a cada passo pela sua natural deficiencia. E' possivel que este modo de legislar seja mais cômodo, mas o que de maneira nenhuma pode é corresponder ao que seria para desejar. Não obstante ser um inteligente e bem intencionado estadista o autor do que temos em matéria de legislação sobre subsistencias, a verdade é que, cada vez mais rapidamente, vamos caminhando para um circulo vicioso que só mal estar nos pode trazer. E isto simplesmente porque uma só cabeça não pode concentrar o que a algumas dezenas de cérebros devia exigir-se, e ainda, e principalmente, porque a falta do que carecemos se acentua mais nos géneros de primeira necessidade do que em artigos e paragrafos, que, à força de serem tantos, já ninguem os distingue ou entende.

Mas se o problema ainda não teve solução, disso não tem culpa unicamente o governo, mas antes dela participam todas as entidades que, mais ou menos directamente, são por esse problema interessadas. Dum lado

estão as autoridades que, tendo muitas vezes conhecimento de que honrados cavalheiros exploram com a miséria do povo, armazenando géneros que mais tarde lhe impingem pelos preços da ultima tabela, não procedem com a energia que o caso require, e que devia consistir em obrigar os comilões a expôr á venda, por preços ao alcance dos famintos, todos os víveres de que são miseráveis detentores.

Do outro lado estão os santos dos burguezes, na sua maioria piedosos cristãos, que, deliciando-se na leitura dos espichos que, a propósito dum aniversario, lhes botam as gazetas, se não cansam de, após uma digressão de elegantes em que fizeram um figurão, deitarem contas á vida para acertarem na maneira como hão-de ir roubar mais o Zé sem camisa (para cobrirem as despesas do passeio, é claro...)

Finalmente alguma da culpa pertence á turba que se divide em núcleos para reagir, e que, deste modo, nada mais consegue do que ser adjetivada com coisas feias, indo parar por fim á penitenciaria ou á cadeia. Se o povo, em massa, se soubesse apoderar consciente e ordeiramente daquilo que legitimamente lhe pertence, mas sem praticar atentados inutéis e cobardes semelhantes aos de Lisboa, eu sempre queria ver em que cadeias o metiam e quaes os adjetivos a aplicar a quem temerariamente cumpria o mais justificado dos deveres.

Assim é que eu julgo devêr pôr-se a questão, fazendo justiça á quem a merece e atribuindo a responsabilidade a quem de facto a tem. Dôa a quem doer é esta a verdadinha toda.

O resto é tudo sofirmado, e, enquanto o fôr, não ha maneira de sairmos disto!

Coimbra.
José Seabra Casção.

DOENTE

Encontra-se eucomodada de saúde a nossa inteligente colaboradora snr.^a D. Elvira de Moraes da Costa, que obsequiosamente dirige a secção de charadas. Desejamos á bondosa senhora o seu pronto restabelecimento.

Redactor Principal
Virgilio Marques

Secretario da Redacção e Editor
Abel M. de Melo Brandão

Red. e Adm.—R. Dr. José Galvão—Montemor-o-Velho

Direcção—LISBOA—Hotel Porto, R. do Amparo, 12

TELEFONE 364

(para onde deve ir a correspondencia)

Não se restituem originais, embora não se publiquem

Composição e Impressão—Tip. Silva (a vapor)
AVEIRO



Concurso literario

Mãe!

A doçura deste nome, que nos embriaga de comoção sentida, suavisa-nos a alma sangrando de saudade; e é a nossa mãe, a sorrir e a chorar, que nós vemos a todos os instantes quando também sorrimos e chorâmos.

Se a mulher é divinal, por compartilhar com o homem das suas felicidades e das suas desventuras, é idealmente sublime quando a Natureza lhe concede o sacroso nome de Mãe.

Longe, quando o infortunio é, para a humanidade que sofre, o pão nosso de cada dia, é a sua imagem, sempre bela e dulcificante, que nos aparece como estrela redentora a guiar os nossos passos vacilantes, os nossos olhares vagos e indecisos, neste mar ingrato, cheio de abrolhos, de dôres e desilusões que tanto nos atormentam. Por isso quando, nos momentos em que a dôr é mais latente e o infortunio maior, nós nos sentimos bem adorando, com religiosa unção, a imagem que de nossa adorada mãe para toda a parte sempre nos acompanha.

— Minha mãe! abre-me o peito, porque quero morrer na cruz adorável dos teus braços, que outros, decerto, tão ternamente amigos, já mais encontrarei...

Elvira de Moraes da Costa.

PATRIA

(Ao voluntario do exercito portuguez e meu sincero amigo Alves Ribeiro)

Num campo do Brazil, entregue ao sen labor,
andava um português que fôra lavrador.
Um dia em Portugal tivera rendimentos,
sentira-se feliz rico por momentos.
Caprichos da fortuna a pobre o reduziram
e logo os orgulhosos vis o perseguiram.
Sem um conforto amigo o homem desprezado
abandonou a terra, pobre e despeitado.
Para alcançar riqueza, a outras regiões
se dirigiu. Mas só coheiu desilusões...

Curvado para a terra a morte lentamente
vae encontrando ali, naquele clima ardente.
E seu tristonho olhar, sumindo-se tambem,
procura ver o céu azul da Pátria-mãe.
E quem de muito perto, o murmurar sentido,
pudesse ouvir ao homem triste, alfin rendido,
á sua nostalgia, á voz do coração,
sentil-o-hia bem rezar esta oração:

— «Eu sou do meu país um filho renegado.
Vilmente abandonei, por ser um desgraçado,
a terra tão formosa e doce onde nasci.
Agora... agora, com certeza, morro aqui
sem tornar a pisar o solo português.
Deus me conceda a mais querida das mercês:
voltar á minha terra e nela finalmente
dormir o derradeiro sono eternamente».

E' tarde. Um ancião que ali caminha perto
pergunta ao infeliz em tom um pouco incerto:
— Nasceu em Portugal, amigo cavador?
— Disso tenho grande honra, creia, meu senhor,
— Não sabe que está já em guerra o seu país?
— O quê? Mal acredito nisso que me diz!...
— Juro sob palavra de honra que é verdade!
— Pois apesar de ser já muita a minha idade
eu vou partir feliz, em hora tão ditosa,
defender a minha Pátria, a minha mãe extremosa!

Coimbra, 18 de Março de 1916.

José Seabra Casção.

A descoberta do Brazil

Já mais de quatro séculos se passaram depois que as galeras pomposas de Alvares Cabral, sulcando mares sem fim, foram apontar ás terras de Santa Cruz.

Quatro séculos e mais... e todavia, o anejo que faz palpitar de orgulho os peitos portuguêses de então, é o mesmo que nos leva a venerar a data que se passou, porque ela é bem o padrão imorredoiro da nossa glória.

Se o Brazil nos não pertence já, se conseguiu a liberdade que a todos deve ser acessível, se se libertou das clausulas do nosso poderoso, ficou-nos em compensação uma Patria amiga, irmã da nossa Patria, entre as quais não vacilará por certo o auxílio mutuo.

Por isso, a data da descoberta dos sertões inóspitos de Santa Cruz foi para nós de galas festivas, de alegrias francas, de recordações bemditas.

Quando empregamos o nosso olhar nos tempos que já lá vão distantes, parece virmos ainda as poderosas naus de velas brancas, muito brancas, onde uma cruz vermelha punha um inconfundível sinal, infladas pelos propícios ventos, a sulcarem... a sulcarem a superficie misteriosa dos incógnitos mares.

E então Cabral, espraiando o seu olhar de águia nas brumas do Além, vinha dizer á tripulação atônita: «Terra! Terra! Já se vê a terra que vai pertencer tambem à Portugal!»

E essa terra era o Brasil!

Hoje, quem sondar essa ditosa Patria, irmã da nossa Patria, sentir-se-ha transportado por um ex-tase divino e verá que, por entre as galas vicejantes da sua Flora incomparável, andam lédos sabiás ensaiando os seus concertos e ouvirá que a par, ou talvez muito acima da harmonia dos canticos de suas aves, andam endeixas sentidas de Gonçalves Crespo, Casimiro de Abreu, Gonçalves Dias, Olavo Bilac e tantos mais...

Subindo, á semelhança do condôr que tem sede do vácuo, eis que nos surgem Severo e Santos Dumont, que só por si marcariam um logar de destaque á sua Patria entre as outras nações que se consagram á conquista do ar.

E Euclides da Cunha, o malogrado autor do inolvidável *A Margem da Historia*?

E Coelho Neto, o sublime con-tista que não encontrará, por certo, émulo digno de si?

E Eugenio Savard, o melancólico poeta que, como todos os poetas de coração — permitam-nos o termo — viveu um dia, sucumbiu, morreu!...

E todos esses e tantos mais, são filhos dilectos do Brazil, dessa carinhosa Patria, irmã da nossa Patria.

Havemos de reconhecer, portanto, que festejar a data do des-

cobrimento do Brazil é exaltar a nossa Patria e é levantar o nosso próprio nome.

Concurso literario

Abrimos hoje o nosso concurso. Nele depõe, em primeiro lugar, uma senhora. Do seu valor intelectual, e do valor intelectual de todos os concorrentes, dirá o juri que ha de oportunamente constituir-se, e do qual farão parte individualidades bem conhecidas na literatura portuguesa.

Além dos premios que se distribuirão, publicaremos, se o mesmo juri acordar nisso, o retrato dos mais classificados.

Pedimos aos nossos colaboradores o favor de não se afastarem do espaço indicado nas condições publicadas no último numero do *Dever*, porque o jornal não é grande e assim não nos criarão dificuldades.

Horas d'insónia

Não sei a quem vou responder. Daman-Sem-Nome escreve-me, com os seus vinte e cinco anos a sorrirem-lhe de esperanças, e, todavia, parece-me já uma vencida da vida. Dir-se-ia que as experiencias lhe têm ensinado a desamar o prazer, e que agora, nostalga como todas as mulheres do seu tempo e da sua idade, que possuem um temperamento todo psicologia morbida e todo nervosismo contundente, se propõe levar aos outros um pedaço do seu desanimo e do seu aborrecimento a tudo.

No amor livre, que ela advoga como eu defendo, ha um ponto culminante em que eu discordo da minha correspondente gentil.

O simples facto da sociedade não estar ainda preparada para a sua execução absoluta, não quer dizer que nos não proponhamos semear, desde já, essa ideia sublime que um dia, quando for realizada, tornará os homens mais perfeitos e a família mais bela.

Tambem o cristianismo fez sua trajetoria luminosa de superstições, enquanto a civilisação e a sciencia lhe não opuzeram outros horizontes de luz e de concretização moral. As suas maximas científicas pecam enormemente por se deixarem perder no mar desconhecido do irrial.

E o que de moralização dos costumes naquele credo havia, foi deturpado e tem sido torcido já nos nossos dias, a pontas da descrença se manifestar até nos espíritos mais falhos de compleição futurista.

No amor livre, minha amiga, ha-de dar-se precisamente o contrário. Essa ideia avançará tanto mais quanto a convicção de que os preconceitos não valem, se for arraigando nas almas que sonham um mundo novo e nos corações que procuram novos e mais sentidos amores.

Permita-me que assim responda ás suas duas cartas, que, na síntese, querem ambas dizer a mesma coisa.

Diga quem é ao
ALMEIDA JUNIOR.

Aguas de Pisões de Moura

Vai na terceira pagina o anuncio destas maravilhosas aguas minero-medicinais, de que é proprietário o nosso querido patrício snr. Manuel da Silva Lirio, homem probo e duma bondade incontestável. E a provar a elevação do seu belo carácter, está o ponto social a que, á custa do seu esforço e do seu trabalho honrado e persistente, se soube dignamente guindar.

Para as suas afamadas aguas chama-mos a atenção dos nossos leitores.

A VOZ DOS PROFESSORES

Amigos da instrução...

O cacique, o eterno cacique que nos tempos da monarquia sofreu tratos de polé dos governantes de hoje, nunca, como agora, sentiu o seu poder tão grande, nem campo tão vasto para exercer as suas vinganças naqueles que nunca se deixaram acorrentar, sujeitando-se ao mais vil dos servilismos. Queremos referir-nos a uma lei que, para suprema vergonha do professorado primário, ainda não foi revogada, embora muitos já lhe tenham sentido o efeito, e alguns jornais, como o *Meu Jornal*, de A. Figueirinhas, lhe tenham feito a devida crítica.

Mas, forçoso é confessar-se, nem todos os professores têm aderido a esta tão justa campanha, que amanhã lhe baterá á porta e depois sentirão os seus tão perniciosos efeitos.

Queremos referir-nos á lei que entregou o ensino ás camaras municipais. Quer isto dizer, que sejamos contrários aos principios de descentralização? Não. Não o poderíamos ser por varios motivos. Mas devemos concordar que, se lá fôra estas medidas têm dado bons resultados, em Portugal, mercê da ignorancia da maioria dos nossos municipios, ela se presta ás maiores infamias sabendo-se, como se sabe, que os snrs. administradores são pouco mais que analfabetos, e ainda tem agregados a si velhos processos que nós esperavamos, uma vez implantada a Republica, ver desaparecer. Para nós, a lei descentralizadora do ensino é a maior afronta feita ao professorado primário. Que a campanha não esfrie.

P. F.

Brasil e África

A maior parte dos recibos dos nossos assinantes de S. Paulo e Campinas encontram-se em poder do nosso amigo snr. José Marques da Costa, Rua Dr. Ricardo, 115, CAMPINAS.

Rogamos o favor de satisfazermos as importâncias das suas assinaturas em débito, ao nosso amigo.

Pedimos também aos que estão em África a fineza de remeterem as importâncias por assinaturas atrasadas.

Arabescos

(PROSAS)

Aspectos de Lisboa — A Baixa

A par do galanteador profissional, encontrarão os nossos olhos a figurinha esquipatica e esgrouviada do janota conquistador.

Primorosamente barbeado, envolvido num fato (*dernier cri*); encastoados na órbita o inseparável vidrinho; calçada a mão numa irrepreensível luva de camurça; comprimido o pé numa das mais elegantes produções da sapataria * * * (omitir o nome para não parecer reclame) e manobrada ai-

rosamente a badine de malaca, o janotinha de Lisboa é o tipo acabado do *dandy*, parvoinho e balôto. Imagine-se um D. Juan Tenorio, um Lovelace, a que nenhuma formosura, nenhuma pudicia resistem.

Vêde-o, fitando com um ar de suprema superioridade aquela *elegante* que passa, pisando o pavimento da rua num passo miudinho de ave assustada!

Vai fasciná-la!...

Não resistirá por certo a *tentadora* Eva ao fluido magnético que se desprende dos olhos do conquistador!...

Vai decerto implorar-lhe ja o seu ombr, reduzida, fascinada por aquele olhar, como a aveita atraída pela pupila de uma serpente...

Mas, não! A elegante passa olímpica e nem olha o patetinha chic que manifesta o seu descontentamento por alguma arrieirada, peculiar aos da sua *galante* parceria.

(Continua).

Lisboa, março de 1916.

A. de Sousa Junior (filho).

“O Povo”

Recebemos a visita deste nosso presado colega funchalense, que ha dez longos anos vem pugnando pelo Bem e pela Verdade.

Agradecemos e vamos permutar.

Carta de Coimbra

5—5—916.

Exposição d'arte.

Foi inaugurada a exposição de arte, levada a cabo pela *Escola Livre das Artes de Desenho*. Uma numerosa assistência visitou a exposição, na qual se achavam trabalhos dos mais ilustres artistas de Coimbra, como: João Machado, João Machado Junior, Antônio Augusto Gonçalves, Silva Pinto, Antônio Eliseu, Abel Eliseu, Saul de Almeida, Capitão Bruscós, Carlos Lobo, Capitão Brito e Faro, etc., etc.

E' de todo o princípio louvável a iniciativa, pois que o povo de Coimbra teve ocasião de constatar que, nesta terra, existem verdadeiros artistas, cultores extremos da Arte.

Movimento militar.

Tem sido extraordinário o movimento militar. Na quarta e quinta-feira saíram dois contingentes de tropas das classes licenciadas com direcção a Mafra. Tiveram na Estação de Coimbra B uma comovedora despedida. Para Tancos team partido vários contingentes da administração militar.

Todos iam bem dispostos.

Várias.—Não houve este ano, pelo 1.º de Maio, manifestações operárias.

— O tempo tem estado pessimo. Parece que estamos em pleno inverno. Aparenta indireitar-se. Oxalá!

— Na sexta-feira e no sábado houve, no Liceu, reunião de classe, afim de serem dadas as notas do 3.º período.

— Teem chegado muitos recrutas para a grande mobilização.

M.

Poetas e Prosadôres

Um tambôr

Do Tres de Caçadores, os soldados altivos marcham entre a multidão e pelo patro amor vão animados e vencer ou morrer é seu brazão.

E a banda militar, que os acompanha, os anima e parece-lhes dizer: «Quem mais valente fôr nessa campanha mais louros para a Pátria ha-de colher».

E o bravo regimento tem por lema a bandeira da Pátria que ostentou e para o bom soldado é um poema, que nas grandes empresas o animou.

Regressa vencedor! Em tanta gloria, um tambor, que julgou não mais voltar, colher não quiz os louros da vitória, mas a pobre familia ir abraçar.

Corre á terra natal! E quando vira sem ninguem esse albergue, onde nasceu, saudoso pelos seus, gême e suspira... E, orfão desdito, ali morreu!

Jorge das Neves Larcher.

O MOINHO

Ao ilustre poeta e meu amigo,
Marques Mendes

Sereno e triste ao lado do outeiro,
Pobre moinho triste abandonado,
Só se vê bem a côr do seu telhado
Que é a do céu ao star de neveiro.

Serviu talvez outrora ao povo amado
Para capelinha dalgum santo obreiro,
Ou então foi para o senhor Morgado
Dar um abrigo a seu melhor caseiro.

E quando em noites tristes, invernosas,
—Noites que a dor nos faz só ante-vêr
O vento rijo, as chuvas tenebrosas.

Sinto uns gemidos como do sofrer:
São do moinho as velas vagarosas...
Parece um velho, quando está a gemer

Leão Correa.

(Do livro inédito *Através dos Sonhos*).

Pela sociedade

Recebemos a amável visita do nosso bom amigo e assinante de Sobral do Campo, Manuel Ribeiro do Rosario.

— Acha-se melhorsinho o interessante menino Chico, estremecido filho do nosso presado assinante sr. Francisco Pimentel, distinto solicitador em Coimbra.

— Esteve na capital, onde foi fazer exame para admissão nos Caminhos de Ferro, o sr. José Tavares Ferrão, filho dedicado do nosso amigo sr. Matos Tavares, digno inspector do Vale do Vouga. O Zé ficou distinto, pelo que os abraçamos.

— Deu-nos o prazer da sua visita, vindo de Mafrá, o nosso querido amigo Cesar Alves, empregado comercial em Coimbra e agora encorporado nas fileiras do exército. Agradecidos.

Capitão Fernando Utra Machado

A bordo do vapor «Portugal», chego a Lisboa este nosso velho e querido amigo, que exercem com brilho e acentuado patriotismo o cargo de governador geral de Angola.

Novo ainda, inteligente, conta já em África uma bela folha de serviços que atestam bem as suas belas qualidades administrativas e da qual varios jornais se tem feito eco.

Sua ex., que se encontra hospedado no Hotel Aliance, onde o fomos cumprimentar em nosso nome e no d'O Dever,

vem á metropole reconstituir-se um pouco dos excessivos trabalhos de África.
As nossas boas vindas.

O DEVER

SEMANARIO DEFENSOR DA UNIÃO DA FAMÍLIA PORTUGUEZA

Assinaturas (Pagamento adeantado)

Trimestre	0\$32
Semestre	0\$62
Ano	1\$22
Continent e Africa	
Trimestre	0\$35
Semestre	0\$65
Brazil e Africa Oriental	
Ano	2\$00
Numero avulso, \$04	

Publicações

Comunicados, 0\$06 a linha; anúncios, na 1.ª pagina 1 vez, 0\$10 a linha; na 2.ª, 0\$08; na 3.ª e 4.ª, 0\$06. Repetições, metade d'este preço. Por mais de um mês, preço convencional.

Selo, cada publicação, 0\$01. Os assinantes tem desconto de 25%.

Não se aceitam informações anónimas nem se restituem originais, quer sejam ou não publicados.

Bibliografia

Manual Pratico de Ginástica Racional — Recebemos este interessante manual de educação física baseado nos métodos educativo e correctivo dos inspetores das Escolas de Paris, tenente coronel Dérue e doutor Emile Laurent, no qual o seu autor, A. de Castro, coloca ao alcance de todos a forma prática de se robustecerem.

A Livraria Portugueza de João Carneiro & Comia. agradecemos a gentileza da oferta.

Secção de charadas

Em verso

Coitada da condenada — 1
Por mais que grite em bolandas — 2
E' cuspida espesinhada
P'la maior das propagandas



A toutinegra brégeira — 2
Canta alegre na devesa — 2
Está visto todo o encanto
Duma terra portuguesa.

Electrica

A's direitas e ás avessas
Sempre o mesmo pode ser
E nós não queremos meças
Porque nos fazem doer.

Acre e Doce.

* * *

Decifrações do numero anterior:

Combinada — Leiria.
Em frase — Sagacidade.
Metamorfose — Gato-pato.

Decifraram os snrs. Acre & Doce e a snr. D. Elvira L. Pereira, de Leiria, pelo que os felicitamos.

Violeta.

Valor da nova moeda

Sulfato de cobre Inglês garantido

Um escudo ou avo de ouro (1,500 rs.) divide-se em 100 centavos:

1/4 centavo	equivalente a	2 1/2
1/2 centavo	5 réis	
1 centavo	10	
2 centavos	20	
5 centavos	50	
10 centavos	100	
20 centavos	200	
50 centavos	500	
1 escudo (100 centavos)	equivalente a...	15000
2 escudos (200 centavos)	equivalente a...	25000
5 escudos (500 centavos)	equivalente a...	50000

VENDE SE na Gandra, no estabelecimento de Antônio Cândido Soares d'Almeida (antiga casa do País). Espera-se enxofre em pedra para ser cá moido.

Antonio Pereira de Carvalho

Proprietário dos Grandes Armazens de Bicicletas, Maquinas de Costura, Pianos e toda a qualidade de acessórios.

A maior e mais antiga casa no gênero

Oficina para todos os concertos, afinações e reparações em bicicletas, motocicletas e máquinas de costura.

Artista mecânico habilitado. Vendas, alugueis e trocas.

Preços sem competência

34 — Avenida Navarro — 36

(Estrada da Beira) — COIMBRA

Agua da Curia

Mogofores

As únicas aguas sulfatadas-calcicas que existem no paiz, similares às famosas aguas de Contrexéville, nos Vosges (França).

Empreza das aguas Minero-Medicinaes

DE

Pizões-Moura, L. da

Magnifico preventivo contra o tifo

Esta agua, recomendada por abalizados médicos, é utilizada com o maior sucesso no tratamento das afecções intestinais, bexiga, rins e estomago, podendo usar-se sem o menor receio, antes com enorme vantagem, como agua habitual de meia.

Usando esta agua obtém-se boas digestões.

Adoptando-se permanentemente, está-se ao abrigo de febres infecciosas adquiridas vulgarmente pelo uso de aguas inquinadas.

Análise química e bacteriológica de C. Von Bonhorst.

Bacteriológicamente: PURA.

Depósito geral: — Rua Jardim do Rededor, 27 — Lisboa.

Pedi-la nos bons estabelecimentos.

João Antonio Rodrigues

(SUCESSOR)

Montemór-o-Velho

Correspondente das seguintes casas:

Banco Comercial de Lisboa, Banco do Minho, Banco Económico Português, Banco do Porto, Banco Aliança, Companhia de Seguros A Internacionais, Crédit Franco-Portugais, J. M. Fernandes Guimarães & C. Pinto da Fonseca & Irmão, J. M. Espírito Santo Silva, Borges & Irmão, J. H. Tota & C. e Orey, Antunes & C. a.

DINHEIRO

EMPRESTA-SE, mediante boa garantia. Nesta redação se diz.

Novidade literaria

GOLPES

LIVRO DE VERSOS

POR

Eduardo Pereira

1 volume brochado, \$50. A venda em todas as livrarias.

ANTIGO ESTABELECIMENTO
— DE —
Mercearia, Tabacos e Fazendas brancas
— DE —
João António Rodrigues
(SUCESSORES)
Montemor-o-Velho

Nesta casa se encontra um completo sortido em assucar, chá, café, manteiga nacional e ingleza, biscoitos, bolachas, massas, bacalhau, genebra e vinhos do Porto.

Ferragens, prego de arame e de ferro, panelas de ferro, rastilho, chumbo em barra e para caça.

Fosforos e Tabacos, por atacado. Tambem vende pelos preços de Lisboa, farinha de trigo, cimento Portland, vidraça, telha de vidro e velas de cera.

Preços resumidos

GRATIFICA-SE BEM

a quem dê informações de que resulte a condenação por fraudes praticadas com prejuízo dos exclusivos de fosforos e isca (e dos interesses do Estado, da Companhia concessionária e do comércio legítimos acendedores, algodão ou qualquer outra matéria apresentada de forma a servir de isca, fabricação ou venda de chita com preparo inflamável, isca em cordão vendida fraudulentamente a título de cordão de sacos, etc., reservando-se a Companhia concessionária intentar a respectiva ação civil de perdas e danos contra os delinquentes, independentemente da multa ao Estado nos termos da legislação em vigor. Gratifica-se generosamente, guardando-se a maior discreção. A Companhia logo que receba informações fidedignas enviará a qualquer ponto do país agentes da fiscalização para procederem às necessárias diligências. Dirigir-se pessoalmente ou por carta à Companhia Portuguesa de Fosforos, 139, rua de S. Julião, Lisboa.

ADUBOS
MELO & MARTINS
PAMPILHOSA DO BOTÃO

*Fabricantes dos bons adubos compostos da marca registada
PEIXE*

Chamamos a atenção dos snrs. agricultores para fazerem uma experiência dos nossos adubos, devido ao seu magnífico resultado os adoptarão de preferência a qualquer outro.

AZEITE

Para revenda e em grandes quantidades, vendemos de excelente qualidade.

Alugam-se Automóveis
MELO & MARTINS
Pampilhosa do Botão

A FUNERARIA EM PEDRA

— DE —

FRANCISCO A. DOS SANTOS, FILHO

RUA DIREITA, 139 a 149

COIMBRA

Esta oficina encarrega-se de todo o trabalho de jazigos, mausoleus, campas, cantarias e ornamentações, tanto em calcareo como em marmore, a qual tem desenhos de jazigos, para escolher, em estilos antigos e em ARTE MODERNA.

Tem depósito de bancas de cosinha e mausoleus em lousa preta.

Encarrega-se também de fazer esculturas, bustos em pedra, barro, gesso, etc.

Toma conta de qualquer trabalho fóra de Coimbra

Hospedaria do Paço do Conde

JOSÉ DOS SANTOS

Rua Adelino Veiga, 36 a 40 — Rua do Paço do Conde, 10

COIMBRA

Vinhos, comidas e tabacos.

Recebem-se comensais por preços modicos.

Camas para pernoitar.

Esta casa, com a transformação porque acaba de passar, melhorou consideravelmente todos os seus serviços, achando-se habilitada a receber hóspedes de qualquer categoria, oferecendo-lhes comodidades por preços baratos. Esmoro e prontidão no serviço de meia, para o que tem pessoal competente.

O mesmo proprietário negoceia em cereais e legumes de todas as qualidades, tais como farinhas, sêmolas, batata, castanha, palha enfardada, cordas e adubos químicos.

Rua Adelino Veiga — 44, 48

O seu armazém é já muito conhecido.

Telefone 379

Contra Roubo e Contra Incêndio
Grande economia
Seguro de Mobiliário

Por \$20 por cada 100\$00 de valor, isto é pelo que se paga só pelo risco de fogo «A MUNDIAL» segura numa só apólice os riscos de INCÊNDIO e ROUBO. É tão necessário o seguro de ROUBO como o de FOGO.

A MUNDIAL

COMPANHIA DE SEGUROS

Capital, Escudos . . . 500:000\$00

Reserva em 1915 . . . 102:007\$74,1

Séde em Lisboa — Rua Garrett, 95 — Telefone 4084

Teleg. — MUNDIAL

Delegação no Porto — Pinto da Fonseca & Irmão
Praça da Liberdade, 138

Oficina-Garage de Coimbra

LOBO DA COSTA & CASTANHEIRA

Grandes oficinas mecânicas para reparações de automóveis; fabrico de carretos, pinhões e coroas em aço; cimentação e temperas; vulcanisação e fundição de metais. Recolha e tratamento. Ensino. Automóveis de aluguer de \$08 a \$20 o quilometro e 9 lotações de 4 a 18 passageiros.

Accessórios, gazolina e óleo.

Transações em carros de 2.ª mão. Serviço especial, para bem servir os ex.ºs clientes da província.

Rua da Figueira da Foz — 170

COIMBRA

Local conhecido por «Casa do Sal» á entrada da cidade pela estrada do Porto.

Telefone, 502

Telegrams «Garage-Coimbra»

Ano 5.

Montemor-o-Velho, 14 de Maio de 1916

N.º 219



DEVER

Semanario defensor da união da familia Portuguesa

Pátria e Humanidade

Director, Proprietario e Administrador—Almeida Junior

COISAS NOSSAS

A hecatombe pavorosa e sem igual que ha perto de dois anos assola a Europa, constituiu para nós, portugueses, a mais dura e ao mesmo tempo bela lição que um facto de tal natureza nos poderia dar.

Só o estado de guerra poderia chamar-nos á triste realidade das coisas, fazendo-nos sentir, bem tristemente por sinal, todas as consequencias da nossa incuria, da nossa rotina comercial e industrial e sobretudo da nossa falta absoluta de iniciativas arrojadas.

Que Portugal não é de forma alguma um país industrial, sabêmo-lo muitíssimo bem, mas isso não obsta a que tenhamos de reconhecer com amargurado desgosto que um sem numero de pequenas industrias se poderiam aqui crear e desenvolver, pois não nos faltam artistas competentes e de valor, como nos não faltariam certamente todas as condições necessarias ao seu desenvolvimento e prosperidade.

Pois não será por ventura lastimável que tenhamos ainda hoje de importar da Alemanha—dessa Alemanha que envergonhando o mundo com as suas selvagerias monstruosas é no entanto—porque não confessá-lo!—um país de iniciativas arrojadas e onde a industria alcançou um grau de explendor invejável—os mais insignificantes utensílios de menage, desde a pequenina mola para vestido de senhora até à tão delicada e mais ou menos rica maquina de barbear?

E como estes, quantos e quantos produtos da mais comésinha manufatura nos não vemos, infelizmente, na necessidade de importar?

Tudo isto viria demonstrar, se demonstrado não estivesse já suficientemente, como se torne necessário estabelecer e divulgar entre nós o ensino profissional creando escolas-oficinas, cursos profissionais, e fazendo convergir para eles a mocidade dos nossos liceus e escolas superiores.

Porque, é por demais sa-

bido — todos o reconhecem mas ninguém o atende — que do que nós necessitamos não é de legistas, medicos, literatos ou jurisconsultos, mas sim de técnicos industriais e engenheiros que as nossas escolas ainda hoje, infelizmente, não produzem, sendo por isso necessário importá-los tambem.

Coimbra, 2 | 5 | 916.

Raul de Brito,
Advogado.

Páginas sóltas

Na debandada...

Tinha-se visto algumas veses a passear num jardim público. Vestia um «costume tailleur» de cor acinzeirada e duma simplicidade extrema. Uma gravata azul-ferrete rematava o colarinho de branca «chemisette». Na cabeça um «canotier» cendrado, tendo como único enfeite uma fita á volta e da mesma cor da gravata.

Tipo de mulher do Norte; talvez inglesa embora não tivesse o *aplomb* característico dessas esguias filhas de Albion que por af vemos passar...

A sua fisionomia tinha á primeira vista um não sei quê de antipático... Acompanhava-a um cãozito pequeno, de raça, ao qual ela parecia falar e com ele brincava jardim em fóra.

Pois há poucos dias, quando de abalada deixára a «cidade invicta» para ir gozar pacatamente, docemente, os breves dias de férias junto de pessoa de familia,—ao chegar á gáre amarantina encontrei-me com essa estrangeira.

Não trazia o cãozito, companheiro de passeio pelo jardim portuense, e seria talvez por isso que ela parecia ir tão pensativa... Os seus olhos claros, azuis como hidranjas desbotadas, fitavam ao longe a paisagem imprecisa dos contrafortes do Marão. Trazia o mesmo fato «alfaiate», o mesmo chapéu direito de cor acinzeirada, a mesma gravata azul.

Familia... por certo que a não teria lá pelas terras amarantinas onde o apreciado vinho verde medra pelas faldas do Marão, e onde se venéra o tão popular casamenteiro das velhas—o S. Gonçalo.

Iría talvez retemperar os pulmões com os áres sadios dos montes cujas ondulações agora se vêem de giestas floridas de branco,—outeiros de onde se destaca ao longe na linha plúmbea do horizonte a *silhouette* esguia de raquíticos pinhei-

Redactor Principal
Virgilio Marques

Secretario da Redacção e Editor
Abel M. de Melo Brandão

Red. e Adm.—R. Dr. José Galvão—Montemor-o-Velho
Direcção-LISBOA-Hotel Porto, R. do Amparo, 16
TELEFONE 364
(para onde deve ir a correspondencia)

Não se restituem originais, embora não se publiquem

Composição e Impressão—Tip. Silva (a vapor)
AVEIRO



Concurso literario

A MULHER E A NATUREZA

Entra Maio das flôr's! A Vida exuberante
Tem canticos de luz e risos côn de rosa...
Aloiram-se os trigais... Volita a mariposa
Ao longo da campina alácre e vicejante...

Nas azas irreáis da brisa rumorosa,
Ha arômas de lilaz e rosa perfumante!
O Ceu tem o fulgôr do teu olhar brilhante,
A mesma candidez da tua face airósia...

Entra Maio das flôr's! Que angelical beleza,
Como enternesse mais a tua voz de rôla
Risonha joia ideal, primôr da Natureza!

Entra Maio das flôr's! Mulher, meu doce bem:
—Beijo-te e julgo estar beijando uma papoula!
—Canto-te e julgo estar cantando a Terra-mãe!

Porto, abril de 916.

SVATERRA JUNIOR.

N. da R.—Pedimos ao snr. José Neto, que nos enviou uma produção para o concurso, o favor de nos indicar a sua morada, sem o que não poderá ser publicada.

ros... E lá baixo, pelos terrenos ribeirinhos que o Tâmega banha, tantas árvores frutíferas engrinaldadas de perfumosas floritas anunciar-lhe hiam bem graciosamente a plenitude da primavera.

Pois essa estrangeira que, longe da sua terra que ela abandonará talvez voluntariamente, talvez por imposição... ia ali gozar a terra estranha, sob o belo céu de Portugal, os seus dias de férias, — a sua Páscoa.

Mas que surpresas da vida! Em tempo de guerra não se limpam armas, que é como quem diz: nestes tempos, de mavôrticas incertezas, não se gozam impunemente uns deliciosos dias de quietude reconfortante do corpo e da alma.

E' publicado no *Diário do Governo* o oportuno como necessário decreto ordenando o exôdo dos alemães. O prazo é breve mas suficiente—cinco dias. E então essa estrangeira que eu conhecia de vista e que julgaria inglesa, estava inclusa nas malhas desse decreto.

Fôra apresentar-se ao comando militar da vila; soube então que ela era alemã.

Eu, positivamente, por muito que ame a Humanidade, não posso sujeitar-me á fórmula de Fénelon; e por isso para mim, a Pátria está acima de tudo e antes de tudo.

E' por isso que a saida forçada dessa estrangeira me não impressiona; é que ela é inimiga da minha Pátria. E' que á evidencia se tem demonstrado que onde está um re-

presentante da raça teutonica—está um espião!

E' que os altos mandantes dessa horda destruidora da paz e civilização europeias, queriam engrandecer o imperio á custa das nossas colônias africanas e amesquinhar-nos moralmente ante o mundo civilizado; é que a Alemanha é a nossa inimiga de hoje.

Mas o nome português que retumbou do ocidente ao oriente nas plagas longínquas dos continentes, nos pélagos revoltos dos oceanos, se erguerá bem alto; e apontando neste momento as portas da fronteira aos intrusos, dir-lhe hemos: em Portugal só há uma voz — pela Pátria!

25 de abril.

Aurea Judit Amaral.

Cartas de um pobre

O homem enamorado é uma criatura a quem, por um processo incompreensível, lhe subiu o coração á cabeça.

Dois corações ainda jovens entendem-se num momento, porque o coração é mais perspicaz que a inteligência.

Barão de Roussado.

Já lá vão 20 e tantos anos, que pela primeira vez encontrei Armando, companheiro leal e amigo não menos dedicado de quem conservo as mais gratas recordações.

Frequentei, com ele, os bancos da escola e tive ocasião de apreciar nesse rapaz dotes admiraveis, hoje, não muito fáceis de encontrar.

Armando em cada companheiro tinha um amigo sincero, porque, ele, apesar de rico era modesto, apesar de novo era prudente e ajuizado, sa-

bendo impôr-se á estima dos seus camaradas pela sensatez das suas palavras.

Pois foi este meu grande amigo tão generoso como bom, que ha mezes encontrei implorando uma esmola á porta de uma egreja.

Cheio de surpresa corri a abraçalo e não foi sem dificuldade, que o conduzi até a minha casa.

Apressou-se Armando em me contar detalhadamente as suas infelicidades, para as quais contribuiam a perda de seus extremos pais, que o deixaram na orfandade, nessa idade admirável em que a vida nos sorri.

Choramos saudades de um tempo que já não volta, desse tempo saudoso que já mais esquece em que se vive sonhando e ficamo-nos a olhar, como revivendo o passado, mergulhados no mais religioso silêncio.

Se bem que já tivesse notado que Armando, queria comigo desabafar, pedir talvez um lenitivo para uma grande dor que o atormentava, eu esperei, para me não tornar indiscreto, que o meu bom amigo esse adorável rapaz, que por tanto amar, tanto sofreu, me dissesse escuta:

— Albergo em mim um segredo, que te pretendo ocultar para que me não julgasses um insensato, um louco, mas já que a luz mortíca do meu olhar te denunciou, ainda que vagamente, o sofrimento que me estala o coração, compadece-te de mim com o teu perdão.

Como vês sou pobre, mas tenho um coração que sabe sentir e me arrastou embriagado de amor, para esta estrada que conquanto espinhosa, não deixa de ter os seus encantos.

Sem saber aprendi amar, não me recordando que um pobre, e vi numa criatura sonhadora, que tem a frescura das 20 primaveras, olhar vivo e inteligente, um cabelo, louro e brilhante como a luz do sol, que lhe emoldura o rosto gracioso, levemente rosado, com uma boquinha carinhosa, feita para sorrir, eu vi nela, a imagem idealizada dos meus sonhos.

Tive alegrias, mas muito mais desespéros e não deixaram de acudir a meus olhos lagrimas de revolta.

Pois este misto de dor e goso, alentou-me, deu-me vida e depois de tanta luta entre a consciencia e o coração na hora em que pareciam despontar os primeiros clarões de felicidade, eu vejo tristemente, meu amigo, que este amor não me satisfaz, não me sacia e só neste momento me ocorre á ideia a triste lembrança de que sou um pobre.

No dia seguinte, no quarto de Armando, fui encontrar um bilhete, escrito nervosamente, em que se lia:

“Bom irmão, perdão, perdão mil vezes um amigo, que a loucura de um amor arrasta não sabe para onde...”

Não pude resistir á tentação de transcrever alguns trechos das suas cartas tão simples, como amorosas e sentimentais, que definem bem as elevadas qualidades que ornavam este bom amigo, que já hoje não pertence ao numero dos vivos.

Jorge das Neves Larcher.

COMO AS COISA SÃO...

Sabíamos que o desejo de arrancar á povoação de Reveles a séde da freguezia que legitimamente ali foi criada, era latente em muitas criaturas que tem a preocupação do mando, querer e posso. Com essa usurpação viria, naturalmente, o desdobramento da freguezia da vila de Verride.

Sem olhar aos meios, antes tendo em vista sómente os fins, os abruñheiros que, sem elementos de vida propria, querem a todo o transe servir-se com a prata alheia, procuram agora, goradas todas as ten-

tativas, que o caso seja resolvido no Parlamento por um deputado socialista.

O truc não pode encobrir-se por mais tempo. E «O Dever», que se tem mantido alheio a essa contenda, não pode por mais tempo ficar silencioso ante as comunicações que ultimamente lhe tem sido feitas, e que envolvem, algumas delas, tremendas responsabilidades para a pessoa ou pessoas que a tais papéis se prestam.

E' sabido que o partido democrático dispõe em Verride e em Reveles da maioria, e que os votos da primeira destas terras influiram imenso na vitória partidaria das últimas eleições. Tres vezes a proposta da passagem da freguezia de Reveles para Abrunheira, ou criando ali uma paróquia, foi levada ao Parlamento, e por tres vezes baixou á comissão que lhe não tem encontrado furo. Agora, e é este o nosso caso principal, foi levada á Câmara dos Deputados, pelo sr. dr. Martinho de Brito, uma representação que deve ter sido entregue no dia 10, e em que se pede a mesma coisa.

Era natural. Era lógico. O que, porém, nem é natural nem lógico, por ser pouco concorrente com os bons princípios de justiça, é que essa representação tivesse sido assinada por mulheres e por crianças da escola.

Essa representação, portanto, perdeu todo o carácter de legalidade. Persiste-se em levar á revolta os povos de Reveles e de Verride, e de fazer cessar a votação do partido democrático naquelas duas freguezias.

Os políticos em evidencia daquelas terras, a sancionar-se a afronta, retirar-se-ão completamente da política e, com eles, irão os votos de que ali disponha o mais glorioso partido da República.

Ao senador por este círculo pedimos, em nome dos povos descontentes, que tenha mão no assunto, se algum interesse lhe merece ainda a importante votação que se vai perder.

No domingo continuaremos, porque agora nos falta o espaço de que tanto carecemos.

As cartas duma infeliz

Meu caro Leopoldo:

Não sei se estás mobilizado, e se tens de partir para a guerra. Se fores, as minhas orações serão todas pelas glórias que te cobrirem ao partires de lá, ou pelos sacrifícios em que a morte te encontrar defendendo a Pátria. Não se é sómente herói sob as balas do inimigo. Os mártires d'antigas eras, que sofreram por amor do próximo, semeando ideias sublimes e praticando o Bem em toda a sua plenitude, souberam assim morrer com orgulho, gloriosamente, rolando dos cadasfatos, de mãos postas sobre o peito afrente e d'olheiros pregados na cruz dos seus martírios!

Mas vai. E' o dever que te impõe essa missão. Triste missão, desgraçadamente, a de tirar fogo ao peito da humanidade que sofre, de matar os nossos irmãos em sentimento e em sofrimento. E, ao cairas varado pela metralha, que o teu último suspiro, no hospital de sangue ou no campo da luta, seja bem sentido e bem profundo para a

Tua,
IRENE.

Franquia postal

Informa o nosso distinto colega a «Voz da Justiça», que já obteve parecer favorável a proposta isentando os jornais da franquia postal.

Julgamos que o camarada está enganado, pois, segundo as nossas averiguações, essa proposta foi registada pela comissão de finanças, que lhe deu voto desfavorável, fundamentando-se em que o prejuízo subiria a 62 contos, para o Estado.

Somos nós que não desejamos sacrifícios á República, que dos nossos sacrifícios carece. Mas, com franqueza, esta questão de isentar temporariamente os jornais de franquia não se nos afigura coisa que não pudesse levar-se a bom termo, por isso que a imprensa periodica provinciana presta grandes serviços ao regime e hoje atravessa também uma crise medonha.

Que o governo faça justiça.

Horas d'insónia

Lisboa está perdida, meus amigos!

Vocês julgam, na aldeia pacata onde vivem tranquilos, que o céu é por cá mais luminoso e o ambiente mais saudável. Invoco o socorro das vossas almas, as mãos calosas que o crestou e que apertam as vossas mãos delicadas.

Ontem, ao dar das duas da madrugada, eu fui até ao Rocio. Quiz ir procurar, na solidão dulcificante da noite, um pouco de conforto a este espírito que de há muito se amargurou, tal é o doloroso pezelado que me causa a podridão das almas que eu confronto, em horas de nostalgia, com a pureza das almas da gente da minha terra. Admirei o mutismo divinal das estátuas públicas, e senti uma saudade enorme ao evocar os feitos gloriosos dos homens que elas simbolizam naquele marmore frio que o vento norte sustiga, mas que a brisa das alegradas tão docemente beija e perfuma.

Admirei as pobres pedras das calçadas, que pésinhos de mulher insensivelmente pizam, todos os dias, porque é nas pobres pedras das ruas, aquela hora deserta, que encontro ainda, a amizade que sonho e a dedicação sem máculas que o meu ideal alimenta.

E sofri uma deceção! Ao mesmo tempo que a Brasileira fechava, pondo na rua os últimos dandis saciados do café e de licores, e de dizerem mal de tudo e de todos, no seu desden de caturras endinheirados, uma rameira passava, coitada! de olhos fundos, mal dormida e mal alimentada. Na mão a tradicional matinha, na qual, o mais que poderia ter, era um mouchoir de la poche, que o homem do prego não quiz, ela lá ia, pesquisando com fome e com sono, o primeiro miserável que lhe atravesse um níquel em troca duma brutalidade insofrida. E, ao ver-me, admirando as pobres pedras das calçadas, minhas amantes mais queridas, a faminta desditsa julgou encontrar em mim os cobres que ambicionava para ir tomar uma cana.

Olhou-me, sorrindo, como ha pouco olhou e sorriu para algum notívago que foi com ela ao mais proximo antro onde se beija sem sentimento e se ama sem amor, e quasi que mendigou um sorriso.

Que a acompanhasse, que tinha sede d'orgia.

E eu comprehendi que a vida era miséria, e que, dos seus olhares e dos seus sorrisos forçados, saia toda a podridão duma alma que a infelicidade prostituiu.

E ao dar-lhe o pouco de que podia dispor, quiz assegurar-me de que ela ia comprar pão. E foi, chorando, limpando os olhos negros com o unico objecto que o

homem do prego não quis — um lenço de assoar!

Puz-me a olhar de novo as pedras das calçadas. E, pelo meu espírito atormentado, ao constatar tanta desgraça, passou todo um mundo de vício e podridão.

E vocês, meus amigos, na aldeia pacata onde vivem tranquilos, de certo, aquela hora, admiravam, extáticos, esse lindo sol da nossa terra, esse socorro das almas imaculadas! . . .

ALMEIDA JUNIOR.

Portugal em guerra

O primeiro manifesto da sub-comissão de propaganda pela imprensa

Cidadãos! — A Alemanha, obsecada pelo cesarismo e desvairada pelo militarismo, declarou guerra a Portugal.

Em guerra estava a Alemanha connosco, ha muitos anos, guerra incessante, guerra absorvente, guerra ardilosa, guerra crua e sangrenta, por vezes.

Que foi senão guerra a atitude da Alemanha na célebre conferência de Berlim de 1885, em que os mais caros interesses de Portugal foram por ela postergados, especialmente na bacia comercial do Congo?

Que foi senão guerra o latrocínio cometido pela Alemanha, quando em vez de estabelecer a fronteira do Sul de Angola, no Cabo Frio, impôs a do Rio Cunene?

Que foi senão guerra a pretenção absorvente de tudo quanto constituisse possessões de Portugal, contra a qual nobremente se levantaram, em pleno parlamento, os próprios poderes públicos da Grã-Bretanha, fazendo sentir que passar além do cabo Delgado seria calcar aos pés direitos incontroversos de Portugal, direitos assinalados por vestígios manifestos da acção civilizadora portuguesa, quando mais não fosse, com sinais postos em proveito da navegação mundial?

Que foi senão guerra a extorsão ignominiosa de possessões manifestamente nossas, como era Kionga, hoje, felizmente, restituída à posse de Portugal?

Que foi senão guerra de ardis e de vis interesses mercantis, a imposição da Alemanha, em 1913, para, sob a capa de um irrisório imposto de transito, ser permitida a entrada pelos portos e fronteiras da nossa África de quantas mercadorias os alemães quisessem levar para a sua e para a nossa África Ocidental, com prejuízos consideráveis para a indústria portuguesa?

Que foi senão guerra, guerra á mão armada, guerra marcada com o sangue português, o ataque e saque do posto de Mazina, na nossa África Oriental, por um grupo de alemães, em princípios de setembro de 1914?

Que foi senão guerra, a ferro e fogo, já não pelos elementos sem responsabilidade oficial, mas por forças regulares, armadas e equipadas, sob a direção das autoridades alemãs da Damaralandia, o massacre traíçoeiro das guarnições e habitantes do Cuangar e outros fortes do Cubango?

Que foi senão guerra, guerra iludindo a Verdade e esmagando a História, a propaganda na imprensa da Alemanha pela pena dos seus professores, dos seus publicistas, pretendendo negar a posição dominante de Portugal na civilização do mundo e sobretudo na civilização da África?

Tudo isso era, em verdade, a acção mais ou menos encoberta, de um inimigo formidável que espesinhava o Direito, só para servir e saciar a sua desme-

dida ambição de riqueza e predominio.

Depois de rebentar a grande guerra europeia, a tragi-comedia mudou de scenario e de personagens. A Alemanha passou a querer ver em Portugal não a nação gloria e independente á qual ainda em 1908 não duvidara apertar a mão honrada, num tratado de comercio, mas a aliada secular da Inglaterra, companheira de armas do soldado português nas mais belas jornadas que assinalam o heroísmo do nosso exercito e o brio de um povo cioso da sua independencia.

Feria os duros ouvidos da Alemanha o éco das declarações leais que em Portugal se faziam, a propósito da aliança luso-britânica; ofuscava os seus vescos olhos, empanados pelo sangue de tantos milhões de vitimas da sua cruidade e da sua ambição, o doce quadro de um pequeno povo, tão grande nos exemplos de respeito á fé dos tratados. Ignobil surdez, ominosa cegueira!

Pretendia, talvez, que lhe seguissemos a traça moral e politica, iludindo os pactos que desde o século XIV, ha cinco séculos feitos, prendeu Portugal á Inglaterra e que ainda ha doze anos, em 1904, foram rectificados em Windsor. Se pretendia semelhante infamia, redondamente se enganou! Digamos-lho, todos, com orgulho!

Os factos ali estiveram para lhe arrancar todas as ilusões, a propósito da atitude de Portugal.

Mal rebentou a guerra, a 7 de agosto de 1914, o governo português fez perante o parlamento declarações que não davam logar a duvidas.

A 23 de novembro daquele ano, o Congresso da Republica Portuguesa autorisava, por aclamação, o poder executivo a intervir militarmente na luta armada, quando e como julgasse necessário aos altos interesses e deveres da nação livre e aliada da Inglaterra. Numa nota ilucidativa enviada então pelo governo á meia do Congresso declarava-se perentoriamente que logo no princípio da guerra Portugal afirmara espontaneamente que estava pronto, como aliado da Grã-Bretanha, a dar-lhe todo o concurso a que «o governo inglez, apreciando altamente este claro testemunho de cordeal solidariedade, convidára, com entranhavel reconhecimento, o governo portuguêz a contribuir, de facto, consoante entre ambos se estipulasse, com a sua cooperação militar».

O governo do imperio alemão, teve, sem dúvida, conhecimento destas declarações formais; mas entendeu fingir-se surdo, como nas selvas a fera aguardando o mais propício momento de formar o salto.

Outras declarações e diversos actos do parlamento e do governo português completaram subsequentemente, a evidencia da atitude de Portugal ao lado da Inglaterra, na guerra europeia.

Faltava um pretexto para afivelar a mascara de novas represalias. Achou-o a Alemanha numa nota do governo português, com data de 23 de fevereiro ultimo, dando conhecimento da requisição, com as competentes indemnizações, dos navios mercantes alemães surtos em portos portugueses, em face das necessidades do país.

O kaiser, pela voz do seu governo, desde logo protestou, invocando *quebra de direito*, sem que talvez lhe tremesse a mão ao blasfemar assim do Direito e da Justiça, que a Alemanha despojara das suas vestes augustas para os expôr andrajosos nos campos de batalha revolvidos pela metralha e regados por torrentes de sangue!

Não é, porém, de estranhar que assim se houvesse para com Portugal quem, para se justificar da violação do direito das gentes na invasão da Belgica, ousara classificar de *farrapos de papel* tratados firmados com todas as formalidades inerentes a convenios respeitáveis.

Sempre cega, sempre dementada pelo odio, a Alemanha fingira esquecer que ao gesto da Italia, utilizando navios alemães, não correspondera com igual protesto.

E' que, ferindo Portugal, seria a Grã-Bretanha! Eis tudo! . . .

Cidadãos!

Caia a mascara! A Alemanha pretendia, evidentemente, que fossemos uma nação sem honra, perante essa aliança batizada de *indestruivel* por Herculano, porque foi nos campos de Aljubarrota e em frente dos esquadrões franceses e castelhanos que a invencível intautaria ingleza jurou, com os cavaleiros portugueses, que a nossa terra seria livre.

Unamo-nos, pois, para manter integral esse juramento! Façamos de nossos peitos um rigido ante-mural, capaz de aguentar as mais fortes arremetidas do inimigo!

A Alemanha pretendia que fossemos perfidos, como se não nos abonasse a velha honra, a antiga lealdade portuguesa.

Respondamos-lhe, um por todos e todos por um, que sómos formados do mesmo carácter de bronze, da mesma fortaleza de aço que tanto nobilitaram os nossos maiores!

A vitória, em todos os campos, será nossa!

A Junta Patriótica do Norte.

Poetas e Prosadóres

CANTARES

(A ex.º snr.º D. Maria da Resurreição Pinto Ramos)

Rosa que estás á janela,
Não ruborises de pejo...
Desce á rua sem receio
E vem dar-me um terno beijo!

Pois nunca os beijos de amor
Desonestaram ninguem;
Vão-se nas azas da brisa
E vão morrendo no além!

Se acaso num roseiral
Uma rosa se colhen,
Perdeu acaso o frescor
Ou a virtude perdeu?

Pois são teus labios donzela
Roseiral dos meus desejos
Onde eu quizera colher
Rosas gracis dos teus beijos!

25—1—916.

Ricardo Fernandes Sardinha.

Miseria e altivez!

O sol, arroxeados e doente, terminava, no espaço infinito e luminoso, o seu giro habitual. Operários e patrões passavam, em premissuidade, após um dia de labor insano. Era triste o ambiente.

E duas criancinhas, que brincavam na rua, cheias de vida e de encantos, da garridice só propria da sua idade e da sua despreocupação, sem maguas, desconhecendo as amarguras duma existencia de martirios, dum mundo cheio de lepra, foram surpreendidas por uma dama carregada de joias e ajoujada de vaidade, que lhes perguntou, numa altivez de desdem, a razão porque, havendo tantas escolas, elas ali andavam viciando-se e contaminando-se, preparando um futuro de invalidez social, de nenhum proximo para a Patria-mãe!

A pergunta, se não tivesse nada de impertinente, seria tomada á conta de generosidade.

Infelizmente para todos, os pe-

querruchos, descalços e sem camisa, não tinham, sequer, umas botinas com que podessem apresentar-se ao professor!

Eram ainda pequeninas para puderem, com sentimento, penetrar neste mar de abrolhos onde a humanidade se atrofia e desvirtua.

Mas a infancia é sempre bela; nessa quadra da vida o mundo é, para nós, um paraíso de sonhos e um oceano incompreendido de belezas e de inocentes amores.

Entretanto eu estou vendo ainda, com magua, essa dama que, passando activa no seu porte donaioso, lembrava as escolas a frequentar mas não teve um gesto generoso com o qual, à semelhança do que fazem os bem-intencionados, minorasse a desdita em que viviam.

Os pobres paes, velhos e canudos, sem pão e sem abrigo, saiam de manhã, sol-fora, para a oficina em busca do pão quotidiano, e mal tinham tempo de comer.

Rotitos e sujos, os pobres abandonados vagueavam ao acaso, pelas ruas da eidade, e os seus andrajos causaram o reparo da dama activa e de porte donaioso que, ajoujada de joias, ia a caminho do baile da condessa X.

* * *

Anos volvidos. Num dia como o de então, de sol poente, arroxeados e enfermo, encontrei eu as creancitas de ontem. Eram homens feitos. Cada um deles levava pela mão uma loirita, de olhos pretos. Dir-se-iam irmãs, nascidas do mesmo ventre e amamentadas ao mesmo seio.

Atraz seguia, curvada ao peso dos anos, enrugada e triste, uma pobre velha adoentada, tendo, no olhar amortecido, a expressão da Saudade e da Dôr. Não era já a mesma dama, de porte activo e donaioso, que repreendia, sem carinho, os pequerruchos descalços.

Vivia agora á custa deles, um medico e outro engenheiro civil.

O mundo, amigas minhas! o que é o mundo e a podridão da vida! . . .

Elvira de Moraes da Costa.

Secção de charadas

EM VERSO

(A' ilustra directora desta secção)

Que profane a vida, embora—3
Quem suspende amor cantante—4
Ficará qual doce Aurora
A charadista brilhante.

Não ha um triste maior—4
Que o que não vê No pinhal—2
Entre raminhos em flor
Um mamifro original.

REDUZIDA

No novel—3

ve

animal—2

Acre & Doce.

* * *

Decifrações do n.º anterior:

1.—Reclame.

2.—Aveleda.

3.—Sopapos.

Violeta.

ANUNCIOS

Empreza das aguas
Minero-Medicinaes

DE

Pizões-Moura, L. da

**Magnifico preventivo contra
o tifo**

Esta agua, recomendada por abalizados medicos, é utilizada com o maior exito no tratamento das afecções intestinais, hexiga, rins e estomago, podendo usar-se sem o menor receio, antes com enorme vantagem, como agua habitual de meza.

Usando esta agua obtém-se boas digestões.

Adoptando-se permanentemente, está-se ao abrigo de febres infeciosas adquiridas vulgarmente pelo uso de aguas inquinadas.

Análise química e bacteriológica de G. Von Bonhorst.

Bacteriológicamente: PURA.

Depósito geral:—Rua Jardim do Regedor, 27—Lisboa.

Pedi-la nos bons estabelecimentos.

**Sulfato de cobre
inglês garantido**

VENDE SE na Gandra, no estabelecimento de Antonio Cândido Soares d'Almeida (antiga casa do País). Espera-se enxofre em pedra para ser cá moido.

DR. AVELINO FARIA

Advogado

CANTANHEDE

Dá consultas aos domingos em ARAZEDE

de outubro em diante e trata de qualquer questão no tribunal de Montemor-o-Velho.

Antonio Pereira de Carvalho

Proprietario dos Grandes Armazens de Bicicletas, Máquinas de Costura, Pianos e toda a qualidade de acessórios.

A maior e mais antiga casa no gênero

Oficina para todos os concertos, afinações e reparações em bicicletas, motocicletas e máquinas de costura.

Artista mecanico habilitado. Vendas, alugueis e trocas.

Preços sem competencia

34—Avenida Navarro—36

(Estrada da Beira)—COIMBRA

DINHEIRO

EMPRESTA-SE, mediante boa garantia. Nesta redação se diz.

Agua da Curia

Mogofores

As unicas aguas sulfatadas-calcicas que existem no paiz, similares ás famosas aguas de Contrexéville, nos Vosges (França).

ANTIGO ESTABELECIMENTO
— DE —
Mercearia, Tabacos e Fazendas brancas
— DE —
João Antonio Rodrigues
(SUCESSORES)
Montemór-o-Velho

Nesta casa se encontra um completo sortido em assucar, chá, café, manteiga nacional e ingleza, biscoitos, bolachas, massas, bacalhau, genebra e vinhos do Porto.

Ferragens, prego de arame e de ferro, panelas de ferro, rastilho, chumbo em barra e para caça.

Fosforos e Tabacos, por atacado. Tambem vende pelos preços de Lisboa, farinha de trigo, cimento Portland, vidraça, telha de vidro e velas de cera.

Preços resumidos

GRATIFICA-SE BEM

a quem dê informações de que resulte a condenação por fraudes praticadas com prejuízo dos exclusivos de fosforos e isca (e dos interesses do Estado, da Companhia concessionaria e do comercio legítimos acendedores, algodão ou qualquer outra matéria apresentada de fórmula e servir de isca, fabricação ou venda de chita com preparo inflamável, isca em cordão vendida fraudulentamente a título de cordão de sacos, etc., reservando-se a Companhia concessionaria intentar a respectiva ação civil de perdas e danos contra os delinquentes, independentemente da multa ao Estado nos termos da legislação em vigor. Gratifica-se generosamente, guardando-se a maior discreção. A Companhia logo que receba informações fidedignas enviará a qualquer ponto do país agentes da fiscalização para proceder às necessárias diligências. Dirigir-se pessoalmente ou por carta à Companhia Portuguesa de Fosforos, 139, rua de S. Julião, Lisboa.

ADUBOS
MELO & MARTINS
PAMPILHOSA DO BOTÃO

Fabricantes dos bons adubos compostos da marca registada
PEIXE

Chamamos a atenção dos snrs. agricultores para fazerem uma experiência dos nossos adubos, devido ao seu magnífico resultado os adoptarão de preferência a qualquer outro.

AZEITE

Para revenda e em grandes quantidades, vendemos de excelente qualidade.

Alugam-se Automóveis

MELO & MARTINS
Pampilhosa do Botão

A FUNERARIA EM PEDRA

— DE —

FRANCISCO A. DOS SANTOS, FILHO

RUA DIREITA, 139 a 149

COIMBRA

Esta oficina encarrega-se de todo o trabalho de jazigos, mausoleus, campas, cantarias e ornamentações, tanto em calcareo como em marmore, a qual tem desenhos de jazigos, para escolher, em estilos antigos e em ARTE MODERNA.

Tem depósito de bancas de cosinha e mausoleus em lousa preta.

Encarrega-se também de fazer esculturas, bustos em pedra, barro, gesso, etc.

Toma conta de qualquer trabalho fóra de Coimbra

Hospedaria do Paço do Conde

JOSÉ DOS SANTOS

Rua Adelino Veiga, 36 a 40 Rua do Paço do Conde, 10

COIMBRA

Vinhos, comidas e tabacos.

Recebem-se comensais por preços modicos.

Camas para pernoitar.

Esta casa, com a transformação porque acaba de passar, melhorou consideravelmente todos os seus serviços, achando-se habilitada a receber hóspedes de qualquer categoria, oferecendo-lhes comodidades por preços baratos. Esmoro e prontidão no serviço de meza, para o que tem pessoal competente.

O mesmo proprietário negoceia em cereais e legumes de todas as qualidades, tais como farinhas, sêmolas, batata, castanha, palha enfardada, cordas e adubos químicos.

Rua Adelino Veiga — 44, 48

O seu armazém é já muito conhecido.

Telefone 379

Contra Roubo e Contra Incêndio
Grande economia
Seguro de Mobiliário

Por \$20 por cada 100\$00 de valor, isto é pelo que se paga só pelo risco de fogo «A MUNDIAL» segura numa só apólice os riscos de INCÊNDIO e ROUBO. É tão necessário o seguro de ROUBO como o de FOGO.

A MUNDIAL

COMPANHIA DE SEGUROS

Capital, Escudos . . . 500:000\$00

Reserva em 1915 . . . 102:007\$74.1

Séde em Lisboa — Rua Garrett, 95 — Telefone 4084

Telex — MUNDIAL

Delegação no Porto — Pinto da Fonseca & Irmão
Praça da Liberdade, 138

Oficina-Garage de Coimbra

LOBO DA COSTA & CASTANHEIRA

Grandes oficinas mecânicas para reparações de automóveis; fabrico de carrelos, pinhões e cordas em aço; cimentação e temperas; vulcanisação e fundição de metais. Recolha e tratamento. Ensino. Automóveis de aluguer de \$08 a \$20 o quilometro e 9 lotações de 1 a 18 passageiros.

Acessórios, gazolina e óleo.

Transações em carros de 2.ª mão. Serviço especial, para bem servir os ex.ºs clientes da província.

Rua da Figueira da Foz — 170

COIMBRA

Local conhecido por «Casa do Sal» á entrada da cidade pela estrada do Porto.

Telefone, 502

Telegrams «Garage-Coimbra»

Ano 5.^o

Montemor-o-Velho, 21 de Maio de 1916

N.º 220

O DEVER

Diário Defensor da União da Família Portuguesa



Pátria e Humanidade

Director, Proprietário e Administrador — Almeida Junior

AMIGOS E INIMIGOS

Portugal e a França

I

Tinha rebentado o conflito europeu, que ninguém previa até onde chegariam as suas complacções. Quando chegamos à França, alguns dias depois, supunhamos encontrar o povo enervado, do choque tremendo que em todo o mundo causaria a guerra: Mas, com grande espanto nosso, afora o aspeto militar, e as medidas de precaução tomadas pelo governo francês, nada mais transparecia que demonstrasse o seu estado belicoso.

Que admirável povo, o povo francês! Quem conviveu com ele durante algum tempo, no período por assim dizer mais agudo da guerra, quando os «boches» distanciavam 50 quilómetros de Paris, teve ocasião de contar dia a dia, hora a hora, as suas pulsas, tão regulares, tão serenas, em que não transparecia a mais leve desconfiança nos seus exercitos, a eterna confiança na Vitória final. Só uma vez a vi um pouco indecisa, momento rápido é certo, quando Joffre, o Taciturno, assistiu impávido ao avanço alemão, obedecendo a uma tática, que o povo francês desconhecia. Mas, a alegria da batalha do Marne, compensou bem algumas horas de amargurado desespero.

Que patriotismo! Que estranha abnegação!

* * *

E Portugal, diziam-me; em que fica o velho lutador dos mares?

Que responder?

Nós conhecímos os sentimentos de afectividade que ligam o povo português à França; tínhamos assistido às manifestações estrondosas, cheias de entusiasmo e fé, em que o nosso bom povo unia o seu coração ao dos seus irmãos da raça latina.

Todos os odios, que tinham derivado da ambição dum homem — Napoleão — tinham sido esquecidos, porque o Povo, depressa se convencera que a Alma da França, a França democrática e liberal, repudiava todos os atentados desse tempo.

E num século, a França modificara-se por completo.

A instituição dos «Direitos do Homem» abalara

com as suas ideias novas de carácter social, todos os povos que aspiravam um Futuro, e se conservavam sob o domínio dum falso liberalismo, ou por outra, dum feudalismo encapotado e ortodoxo.

As suas revoluções, repercutiam em toda a Europa, e a simpatia dos povos aumentava. Os nomes de Rousseau, Prudhomme, Danton, Robespierre, Marat e outros andavam de boca em boca, decorando-se-lhe as frazes mais arrebatadoras. Proclamava-se a República em Espanha; os portugueses faziam a insurreição de 1820, da Maria da Fonte, pedindo medidas liberais.

A literatura, as ciências, as artes, o comércio, a indústria, começaram a ser estudados e a despertar o nosso sentimento de inovação, não de modernismo balofio, mas com Ideal, com um fim a atingir, podemos dizer mesmo, num sentido filosófico. Emfim, a França era o centro da cultura dos latinos, muito diferente da kultur alemã...

E, como a criança que é amamentada por uma ama, adquire certas qualidades psicológicas da que a amamenta, assim nós fomos adquirindo todos esses sentimentos afectivos que nos ligaram.

O Portugal atual é, em espírito, a continuação da França. Temos ambos, as mesmas noções de Liberdade e sofremos por um mesmo coração. Quando a França foi insultada e agredida, Portugal sentiu essa agressão, e materializou-a nos seus protestos de «Abaixo a Alemanha!» que repercutiram por todo o País intimamente revoltado pela barbaria teutonica.

* * *

Depois de rememerar todos estes factos, quando me perguntavam: em que fica o velho lutador dos mares? eu respondia com orgulho de português:

— Portugal, saberá cumprir o seu dever!

Virgilio Marques.

Redactor Principal
Virgilio Marques

Secretário da Redacção e Editor
Abel M. de Melo Brandão

Red. e Adm.—R. Dr. José Galvão—Montemor-o-Velho
Direcção—LISBOA—Hotel Porto, R. do Amparo, 12
TELEFONE 364
(para onde deve ir a correspondência)

Não se restituem originais, embora não se publiquem
Composição e Impressão—Tip. Silva (a vapor)
AVEIRO



Concurso literário

III

CONTRASTE...

Vegetando numa denegrida alfarja e tendo por único arrimo o predomínio martirizante da Desventura, tal era a vida dum pobre pária a quem o temoroso constantemente invadia.

Era velho. Nas faces rugosas e maceradas, desenhavam-se patentemente profundos indícios de aflição e dôr. Durante o dia lá se acoitava no imundo casebre, absorto em constante meditação, que o alheava por completo das espinhosas lides da vida; e, quando a noite começava a descerrar o seu denso manto de trevas acordava então, da inação que o prostrara. Cambaleante, como árvore velha açoitada por temporal furioso, lá caminhava ao acaso, abordando aqui e ali as portas dalguns infelizes que ele outrora maltratara, e que hoje, mercê da grande força do Destino, repartiam consigo as escaças migalhas do seu pão e as sobras minguidas do seu magro caldo.

Fôra rico. Possuía luxuosos palácios, onde confortáveis e dourados salões lhe predispunham a Felicidade; trajara rigorosamente ostentando sedas e regalos, e, nos bolos, onde o ouro nunca escaceava, abundavam agora desperdícios do tecido de que a sua surrada jaqueta se achava despojada, e, onde cinco reisinhos mendigados com vergonha se iam perder de vez em quando. A opulência em que vivia e em cujo seio nasceu, cegou-lhe por completo a mente, atirando-o um dia para os azares do jogo.

Ganhou. Amontoou ainda mais fortuna e predispor-se com mais febre a essa tentação voraz que em breves dias o elevou à miseria. Enquanto possuia, fazia da devassidão o seu império e zombava sarcásticamente da humildade — dessa humildade que tantos infelizes abraçam despreocupados, sem um desabafo que lhe alivie o espírito já afeito às contingências da Sorte.

Mas... sozinho a senda da Vida traz, av mais das vezes, envoltas na penumbra do mistério tristes decepções para os que folgam e fluidos de esperança para os que padecem — lá foi um dia surpreendido pela Desgraça que arrebatadamente lhe bateu à porta, despojando-o de todas as grandezas. Passou, pois, de opulento e nobre, a humilde e pobre mendigo. E era então ouvi-lo nas suas peregrinações nocturnas pela aldeia: — «Mal diria eu, o ricaço poderoso, a quem a fartura fazia mal, que um dia havia de ser vosso companheiro d'infortunio.

«A vida, que foi para mim um jardim florido de ilusões, transformou-se hoje em deserto árido, sem vegetação e onde sopra continuamente o vento da desdita.

«Mas... não importa; viverei até que a morte me arrebete maldizendo a vida desregada que levei, e abençoando ao mesmo tempo aqueles a quem repudiei e em cujo seio encontro lenitivo para o meu sofrer...»

Bom Sucesso.

FRANCISCO F. DE CARVALHO.

COISAS NOSSAS

Em Portugal, é esta uma triste verdade, trabalha-se pouco e produz-se muitíssimo menos.

De facto, agora que a luta pela vida se torna dia a dia mais intensa, que observámos nós? O operariado reclama em altos berros em vez de aumento de salário, o que seria natural, esta coisa absurdamente diminuição de horas de trabalho.

Nem esta tremenda conflagração em que por mal dos nossos pecados nos vemos envolvidos, foi capaz de nos sacudir do torpor inato em que jazemos.

Parece que não chegou ainda a ocasião de abrirmos os olhos e de ver clara a realidade dos factos. Não temos consciência da gravidade do momento, esquecendo-nos lamentavelmente de que estamos em guerra com uma nação pôderosíssima, que muito embora nos não possa vir atacar, nos obriga a estar precavidos contra qualquer eventualidade. O português é assim. Indolente por natureza, só se lembra em geral de Santa Barbara quando faz trovoadas...

Hoje que a luta industrial e comercial tem certamente de ser maior, que todas as nações depauperadas por uma guerra sem igual na história do

mundo hão-de fatalmente de lançar mão de todos os instrumentos de trabalho procurando robustecer as suas energias e as suas finanças, o nosso operariado, o operariado português, está dando, na verdade, um bem triste exemplo.

A ocasião para tal pedido é o menos oportuna possível e, estamos certos disso, ha-de haver dentro do próprio operariado quem o tenha reconhecido já. Neste momento, no momento gravíssimo que atravessamos, tais reclamações são absolutamente descabidas e despropositadas e quem as fizer não é certamente patriota.

De facto, uma só cousa nos deve hoje preocupar seriamente — a questão económica. É necessário estimular e intensificar por todos os meios ao nosso alcance a produção de tudo quanto no país se possa produzir para que possamos atenuar o mais possível a fatal reacção que ha de vir a dar-se passada a guerra e que será sem dúvida, intensa, colossal.

Quem pode, pois, numa ocasião destas vir pedir diminuição de horas de trabalho?!

R. Brito.

Fez anos o sr. Fernando Coutinho, distinssíssimo aluno da Escola Naval de Lisboa, e nosso preso assinante.



A VOZ DOS PROFESSORES

A instrução Primária e a Guerra

A propósito da mobilização, tem-se discutido e previsto vários casos, mas um ha que, parecendo de minima importância, ainda hoje, ao que me conste, ninguém tratou. Quero referir-me à mobilização dos professores primários. Estes modestos funcionários, não estão dispensados da sua apresentação nos quartéis.

E assim, uma vez mobilizados, ha dois pontos a discutir: primeiro, em que condições vão; segunda, em que condições ficam os seus alunos?

A primeira pergunta temos a acrescentar: vão como simples soldados, ou consentir-lhesão a frequencia na escola de oficiais milicianos?

O professor primário é uma criatura que tem um curso especial e que, mercê do desempenho da sua profissão, tem necessidade de ser mais ou menos culto.

Frequentou uma cadeira de ginástica prática e teórica e ministra a instrução militar preparatória aos seus alunos. Tem conhecimentos literários e matemáticos, muito superiores a qualquer primeiro sargento tarimbeiro. Somos, pois, pela sua entrada na escola dos milicianos.

A segunda pergunta, será mais fácil de remediar, talvez, mas não legalmente.

E certo que se poderá substituir o professor mobilizado, por professoras. Mas, não será isto cerciar os direitos doutrem?

Decerto.

Só ha um remedio, que não é nosso, porque já foi aplicado em França, e depois na nossa Escola de Guerra. Era abrir matrículas de seis em seis meses nas Escolas Navais, com cursos ininterruptos.

Nada se perderia.

Aqui ficam os alvitres, e os interessados que os discutam. Nós voltaremos se encontrarmos eco.

V. M.

Pela sociedade

Já regressou de férias, a Lisboa, o nosso amigo Aurelio Bizarro, terceirista do I. Superior de Agronomia, fazendo áto de hidráulica, ficando distinto.

— Deram-nos o prazer da sua visita os nossos amigos Alfredo Gois e Roque Martins, de Coimbra e atualmente soldados do 23, que brevemente partirá para Moçambique.

— Partiu para Moçambique, na expedição militar áquela província africana, o nosso preso assinante snr. Julio Cesar de Matos, 2.º sargento de infantaria 23 e natural da vizinha povoação de Ferreira-a-Nova.

Boa viagem e que regresse coberto de glória.

— Também partiu para o mesmo destino o nosso amigo snr. Adriano Correia Pessoa, da vizinha povoação da Carapinheira.

— Tem estado doente e de cama, o nosso preso colaborador, Antonio Lopes Anadio, das Alhadas.

Desejamos as suas melhorias.

— Regressou a Mangualde, acompanhado de sua ex.ª mana, o nosso ami-

Às Mães portuguesas

Santas de Portugal! O' Mães de todos nós!
De nossos filhos, duas vezes mães—avós!
Velhinhas de cabeças brancas de luar!
Santas de Portugal: vós ides escutar
Os versos da minha alma ardente d'alegria,
Sonho dum coração envolto de magia,
Sorriso a inflor em pétalas de rosas!
Santas de Portugal, velhinhas carinhosas
Que em noites de Dezembro, nêgras, trovejantes,
Nos contastes historias tristes, soluçantes,
De princesas e moiras e fadas divinas!
Velhinhas que na roça o linho alvo fiaes
E ao Toque de Trindades, quando o sol é posto
Resaes cheias de crença, e amargurado o rosto
Pedia por todos nós a Deus que está nos céus!

Santas de Portugal: ouvi os versos meus
E deixae-me, depois, num ultimo desejo
Cobrir as vossas faces com o amor dum beijo!

Não choreis, por quem sois. Nós vamos para a Guerra,
E esse monstro, o Mães, a nós, não nos aterra!
Nós vamos defender a Patria-Estremecida!
Por ela o nosso amor e o nosso sangue—a vida!
Que importa que morramos? E' uma vez, sómente...
E a Patria fica livre e livre eternamente!
Lançaram-nos ao rosto, os infimos teutões,
De vassalos a lama—alcunha de vilões
Da honra dos heroes e grandes Portugueses!
Mas vassalos de quem? Vassalos dos ingleses?
Aliados de ha sec'los, sempre os respeitamos,
Mas nunca, como cães, os pés lhe babujamos!
Somos vassalos, sim, do nosso Portugal!

Por ele hemos morrer. Por ele todo o mal
Que nos possa cair será p'ra nós um bem!

O' Mães: pois vós quereis que a vossa santa Mãe,
A heroica Luzitania seja enxovalhada,
E que não haja um filho que levante a espada
Para lavar a afronta, atravessar o vil
Insultador? Acaso o desejaes servil,
Covarde e embrutecido, os braços sobre o peito,
A escutar o ultraje, humilde, satisfeito?

Velhinhas nossas Mães: nós temos que marchar!
Já ao longe o clarim ouvimos a vibrar
O seu grito de guerra, o grito de vingança!
Queremos partilhar da Glória dessa França
Extraordinaria, enorme, e onde a humanidade
Com as feras se bate em pró da Liberdade!

Onde é um Português que treme e que se aterra?
— A vossa benção, Mães! Adeus, vamos p'ra Guerra!

Serra, em 1916.

Delfim de Vimaranes.

go snr. Albuquerque Gouveia, que havia estado em Lisboa.

— Foi otimamente classificado nas provas do concurso para 1.º sargento, o nosso estimado colaborador snr. Ricardo Fernandes Sardinha, a quem, por tal motivo, abraçamos, agradecendo-lhe ao mesmo tempo a gentileza da sua visita.

— Encontra-se doente o nosso presadíssimo amigo snr. Eduardo Castanheira de Carvalho.

Desejamos-lhe rápidas melhorias.

— Partiu para Torres Novas, onde vai fixar residência, o nosso amigo snr. João de Sousa Carvalho, digníssimo professor primário.

Boa viagem.

— Regressou de Lisboa, onde foi em serviço particular, o nosso preso assinante snr. Joaquim Pedro Dias.

— Tem passado encorregada de saude a ex.ª esposa do snr. Tomaz da Fonseca, director da Escola Normal de Lisboa.

Que prestes se restabeleça, são os nossos ardentes votos.

Abel Pessoa Ferreira

Regressou do norte a Lisboa, onde foi em serviço oficial, este nosso presadíssimo amigo, digníssimo secretario do Comissariado dos Fosforos.

Na gare do Rocio, aguardava-no alguns dos seus amigos.

nós já nada nos causa espanto, tal é a persuasão de que a maldade e a falta de pureza sentimental são hoje a determinante da maior parte dos casos que se nosparam como completas aberrações psicologicas, de promiscuidade com a falta manifesta de educação de principios e de firmeza de convicções.

Que mais nos terá reservado o Destino? Mas...

ALMEIDA JUNIOR.

Falecimento

Finou-se ha dias na vizinha povoação de Vila Franca d'Arazede, o snr. José Cipriano da Silva, que exerceu por largo tempo n'aquela terra o mistér de cirurgião.

Era um homem respeitável pela sua bondade e pela lhança do seu carácter, deixando em todos muitas saudades, porque a sua morte foi muito sentida.

Faleceu em avançada idade. Pezames à família em luto.

A mulher e a guerra

As senhoras da nossa terra

Escusado será mencionar quanto a mulher poderá fazer em beneficio da sua Patria, no momento em que, como agora, ela precisa de todos os esforços. Não é só o homem no campo da batalha, vendendo cara a vida, com entusiasmo e fé, que contribui para a vitória, para o engrandecimento duma Patria.

E' também a mulher, suprindo por todas as formas a falta dos braços do homem, auxiliando-os enfim.

Porque não organizam as ilustres damas em Montemor, uma comissão, à semelhança da «Crusada das Mulheres Portuguezas», de Lisboa, ou «Cruz Branca», de Coimbra?

Essa comissão poderia, até, aderir á «Crusada das Mulheres Portuguezas».

Afíca a nossa ideia, contando que ela não ficará no olvido, pois que, sendo uma obra de humanitarismo e sobre tudo altamente patriótica, encontrará, decerto, eco no coração das senhoras da nossa vila.

«O Dever», coloca-se inteiramente à disposição de tão simpática ideia.

Dr. Raul de Brito

Realizar-se-á no proximo dia 7, em Coimbra, o consorcio do nosso querido amigo e distinto colaborador snr. dr. Raul de Brito, ilustre advogado naquela cidade, com uma gentilissima dama de Santa Clara.

Antecipadamente o abraçamos.

Horas d'insónia

A sinceridade

A sinceridade é um sentimento que não aquece todas as almas, por desgraça nossa! Muitas vezes a luz espiritual que nós imaginámos existente em determinadas criaturas, sai-nos baixa, sem vitalidade, antes desinhada na sua estrutura psicológica. E a perfeição que visionámos passou amarfanhada ante o vosso olhar absorvido pela visão do Belo e do Sublime. A lepra das almas apagadas para a uniformidade dos sentimentos e para o sentimento da solidariedade mutua, assalta-se-nos então muito mais gangrenada, tal é o estado de pusilanimidade a que o individuo chegou, após uma rutura de ligações que se julgaram firmes nos seus mais abençoados propósitos de humanidade e de espiritualização.

«Coitados dos pobres de espírito...»

Esta frase, na sua simplicidade mais candida e mais santa, envolve em si um mundo inteiro de Verdade, porque são tantos, neste século em que parece retrocedermos, os pobresinhos de espírito, que a

PELA IMPRENSA

«A Voz da Justiça»

Acaba de contar mais um ano de existencia, este nosso preso colega da Figueira da Foz.

Velho defensor dos idéias republicanas, tem mantido sempre, através de tudo, a mais acendrada fé pelo completo triunfo da causa democrática.

A' ilustre redacção, e em especial ao seu director snr. Manuel Jorge da Cruz, os nossos cumprimentos com os desejos de longa vida.

Defende a tua Patria
Odeia o inimigo
Despreza os boateiros
Vigia os espiões

Lisboa—1916.

Gremio Montanha.

Poetas e Prosadôres

Saudades do passado

(A' Ex.^{ma} Snr.^a D. Maria da Ressurreição Pinto Ramos).

... já me tinha primeiro confessado amante com a eloquência do silêncio...»

Camilo Castelo Branco.

I

A florida Esperança que por vezes impera na nossa alma faz acreditar-nos de que nem todas as dôres que se sofrem são no fundo amargas. Sonhando, senti beijar-me a fronte com o seu halito divino, os primeiros clarões dum sol redor que uma nuvem de tristeza havia ofuscado nas trevas de meu coração.

Das azas da brisa que bafejara o meu leito colhi a certeza de ser amado e de que Alguém a muito custo calava na sua alma o desejo de sorrir-me de amor.

No meu olhar, nas minhas faces orvalhadas de pranto, divisava-se o transe tumultuoso porque o meu pobre espírito havia passado, na minha alma sorria a esperança de ternos carinhos e o meu coração interrogava a todos os instantes esses lampejos de ventura que começavam a florir em meu peito.

Sentindo o ardor dum beijo e a violência dum desejo alimentava a orgulhosa satisfação de que o coração desse Alguém experimentasse a flama da Saudade devorar-lho, sentisse na sua alma a mudez de seus gritos, no seu espírito a monotonia pesada e excruciente do desespero e na sua mente o pesadelo sombrio da ingratidão eterna!

Não eram meus desejos rancor ou ódio, mas sim rogos a Orfeu para que nem por ligeiros instantes deixasse de elevar nos seus cantos os nobres sentimentos de amor que começavam a desabrochar no ataúde dessa alma a quem desde os bancos da escola aprendi a amar, a quem o Destino ligou a felicidade de meus dias futuros e a quem desejava ver despedaçados os crepes que a adornam, para como a rosa bonita dos prados e das selvas, ser a rainha dos amores, um anjo de sublime e candida esperança, uma estrela derramando luz, um ente suspirando carinhos, e deixasse de ser a inanimada e fria rocha de granito para se tornar o mais apetecível jardim de encantos onde o apaixonado colhesse a mística rosa do amor, embora tivesse de lutar com os espinhos que dão e cortam até ao íntimo do coração...

A visão de todos os momentos apresenta-me soberba e magestosa a sua imagem retratada na minha alma e guardada no sacrário de meu coração, e o seu doce nome de Maria, assim como a suavidade das feições, fazem lembrar-me em toda a sua candura sublime a beleza original da mais formosa virgem da Ju-deia, que desde creanças estremeço e de quem espero ouvir um sinal de sua boca, embora tremulo e envergonhado e receber um doce e quente beijo de irmã...

Primeiros clarões da madrugada,

14-5-916.

Ricardo Fernandes Sardinha.

A CRIANÇA

Ha lá coisa mais sagrada
Mais do sabor dum açoitamento,
Mais terna, mais adorada,
Que seja mais engracada
Que o riso dum açoitamento?

Pode vir um Ser brilhante
Delicado e purpúreo,
Mais alegre e adorada
Que não é mais interessante
Que o riso dum açoitamento;

Nem a ando rinha mais bela
Nem o pomar mais florido,
Nem o sorrir dum açoitamento
Tem a graciosa singela
Do sabor dum açoitamento.

A musica mais mavioza
Mais cristalina e mais sôa,
Não é tão harmoniosa
Como a criança mimosa
Que diz a sorrir—mamã!

(Do livro inédito «Atravez dos Sonhos»).
Vizeu.

Leão Correia.

Cartas dum pobre

Vivi, até agora, acalentando sonhos e mitigando dores...

E tu, impávida e altaiva, deixas de quando em quando aflorar aos teus lábios de setim, um sorriso.

Mas que sorriso!...

Sorriso tão ironico, que o teu olhar belo e sentimental vagueia no espaço sem me querer fixar, receoso de denunciar sorriso tão ironico.

Ouve:

Vivi, até agora, acalentando sonhos e formei de esperanças um altar em tua honra.

Pensei em dias risonhos, dias belos, que só os corações amantes sabem idealizar...

Nessas longas manhãs de primavera deitava-me sobre a relva ainda fresca, e mil e uma vez repetia um juramento, mas que juramento!...

↓ Talvez sonhasse! Talvez.

Mas se, realmente, aquilo era um sonho, ai! quem me dera sonhar sempre.

Ontem colhi um mal-me-quer, quiz pedir á natureza o seu voto, a ultima folha veiu desfazer, por momentos, o altar sacroso feito todo de esperança e amor, erguido no meu coração.

↓ Que hei-de fazer?

Provavelmente o tal sorriso reaparecerá nos teus lábios nacarados, feitos para sorrir, e, ironico como sempre me dirá, «desiste»...

E então irei errar na estrada deserta da vida, sem o farol bendito dos teus olhos e pela calada da noite, dessas noites luarentas de julho, vou soltar debaixo da tua janela os meus queixumes.

E um dia, quando as primeiras neves branquearem esses fios de ouro, que ornam a tua cabeça, tu irás além ao cemiterio, com o coração tremente e cheia de remorsos, depôr uma saudade em flor, a chorar e a rir...

Jorge das Nêves Larcher.

Original

Por se ter estraviado o nosso correio, que chegou á tipografia depois do jornal estar impresso, deixamos de publicar alguns artigos, e do que pedimos desculpa aos nossos colaboradores.

Valor da nova moeda

Um escudo ou avo de ouro (15000 rs.) divide-se em 100 centavos:

1/4 centavo	equivalente a	2 1/2	>
1/4 centavo	,	5	réis
1 centavo	,	10	,
2 centavos	,	05	,
5 centavos	,	50	,
10 centavos	,	100	,
20 centavos	,	200	,
50 centavos	,	500	,
1 escudo (100 centavos)	equivalente a...	15000	,
2 escudos (200 centavos)	equivalente a...	25000	,
5 escudos (500 centavos)	equivalente a...	50000	,

Em Verride

Vamos proceder á cobrança. Pedimos á todos os assinantes e muito especialmente aos que devem ainda os primeiro e segundo anos o pagamento das assinaturas. Tambem pedimos aos que nos devolveram o jornal no fim de 2 anos «sem nunca terem pago» o favor de pagar.

AGRADECIMENTO

Antonio Moraes Cigarro, The-reza Moraes e seus filhos, agradecem a todas as pessoas que acompanharam á ultima morada seu filho Joaquim Moraes, falecido no dia 17 de abril.

Equalmente agradecem ás pessoas de quem receberam visitas de pesames.

A todos o nosso eterno agradecimento.

Montemor-o-Velho, 10 de maio de 1916.

O DEVER

SEMANARIO DEFENSOR DA UNIÃO DA FAMÍLIA PORTUGUEZA

Assinaturas
(Pagamento adeantado)

Trimestre	0\$32
Semestre	0\$62
Ano	1\$22
Continente e África	
Trimestre	0\$35
Semestre	0\$65
Brazil e África Oriental	
Ano	2\$00
Numero avulso	0\$04

Publicações

Comunicados, 0\$06 a linha; anúncios, na 1.^a pagina 1 vez, 0\$10 a linha; na 2.^a, 0\$80; na 3.^a e 4.^a, 0\$06. Repetições, metade d'este preço. Por mais de um mês, preço convencional. Selo, cada publicação, 0\$01. Os assinantes tem desconto de 25%.

Não se aceitam informações anónimas nem se restituem originais, quer sejam ou não publicados.

ANUNCIOS

Antonio Pereira de Carvalho

Proprietario dos Grandes Armazens de Bicicletas, Máquinas de Costura, Pianos e toda a qualidade de acessórios.

A maior e mais antiga casa no gênero

Oficina para todos os concertos, afinações e reparações em bicicletas, motocicletas e máquinas de costura.

Artista mecanico habilitado. Vendas, alugueis e trocas.

Preços sem competencia

34—Avenida Navarro—36

(Estrada da Beira)—COIMBRA

DR. AVELINO FARIA

Advogado

CANTANHEDE

Dá consultas aos domingos em

ARAZEDE

de outubro em diante e trata de qualquer questão no tribunal de Montemor-o-Velho.

DINHEIRO

EMPRESTA SE, mediante boa garantia. Nesta redação se diz.

João Antonio Rodrigues

(SUCESSOR)

Montemor-o-Velho

Correspondente das seguintes casas:

Banco Comercial de Lisboa, Banco do Minho, Banco Commercial do Porto, Banco Aliança, Banco Económico Português, Banco Nacional Ultramarino, Companhia de Seguros A Internacionais, Crédit Franco-Portugais, J. M. Fernandes Guimarães & C., Pinto da Fonseca & Irmão, J. M. Espírito Santo Silva, Borges & Irmão, J. H. Tots & C., e Orey, Antunes & C.

Agua da Curia

Mogofores

As unicas aguas sulfatadas-calcicas que existem no paiz, similares ás famosas aguas de Contrexéville, nos Vosges (França).

Empreza das aguas Minero-Medicinaes

DE

Pizões-Moura, L. da

Magnifico preventivo contra o tifo

Esta agua, recomendada por abalados medicos, é utilizada com o maior exito no tratamento das afecções intestinais, bexiga, rins e estomago, podendo usar-se sem o menor receio, antes com enorme vantagem, como agua habitual de meia.

Usando esta agua obtém-se boas digestões.

Adoptando-se permanentemente, está-se ao abrigo de febres infecciosas adquiridas vulgarmente pelo uso de aguas inquinadas.

Analise química e bacteriológica de C. Von Bonhorst.

Bacteriológicamente: PURA.

Depósito geral:—Rua Jardim do Regedor, 27—Lisboa.

Pedi-la nos bons estabelecimentos.

GOLPES

LIVRO DE VERSOS

POR

Eduardo Pereira

1 volume brochado, \$50. A' venda em todas as livrarias.

ANTIGO ESTABELECIMENTO
— DE —
Mercearia, Tabacos e Fazendas brancas
— DE —
João Antonio Rodrigues
(SUCESSORES)
Montemór-o-Velho

Nesta casa se encontra um completo sortido em assucar, chá, café, manteiga nacional e ingleza, biscoitos, bolachas, massas, bacalhau, genebra e vinhos do Porto.

Ferragens, prego de arame e de ferro, panelas de ferro, rastilho, chumbo em barra e para caça.

Fosforos e Tabacos, por atacado. Tambem vende pelos preços de Lisboa, farinha de trigo, cimento Portland, vidraça, telha de vidro e velas de cera.

Preços resumidos

GRATIFICA-SE BEM

a quem dê informações de que resulte a condenação por fraudes praticadas com prejuízo dos exclusivos de fosforos e isca (e dos interesses do Estado, da Companhia concessionária e do comércio legítimos acendedores, algodão ou qualquer outra matéria apresentada de forma e servir de isca, fabricação ou venda de chita com preparo inflamável, isca em cordão vendida fraudulentamente a título de cordão de sacos, etc., reservando-se a Companhia concessionária intentar a respectiva ação civil de perdas e danos contra os delinquentes, independentemente da multa ao Estado nos termos da legislação em vigor. Gratifica-se generosamente, guardando-se a maior discreção. A Companhia logo que receba informações fidedignas enviará a qualquer ponto do país agentes da fiscalização para procederem às necessárias diligências. Dirigir-se pessoalmente ou por carta à Companhia Portuguesa de Fosforos, 139, rua de S. Julião, Lisboa.

ADUBOS
MELO & MARTINS
PAMPILHOZA DO BOTÃO

*Fabricantes dos bons adubos compostos da marca registada
PEIXE*

Chamamos a atenção dos snrs. agricultores para fazerem uma experiência dos nossos adubos, devido ao seu magnífico resultado os adoptarão de preferência a qualquer outro.

AZEITE

Para revenda e em grandes quantidades, vendemos de excelente qualidade.

Alugam-se Automóveis

MELO & MARTINS
Pampilhosa do Botão

A FUNERARIA EM PEDRA

— DE —

FRANCISCO A. DOS SANTOS, FILHO

RUA DIREITA, 139 a 149

COIMBRA

Esta oficina encarrega-se de todo o trabalho de jazigos, mausoleus, campas, cantarias e ornamentações, tanto em calcareo como em marmore, a qual tem desenhos de jazigos, para escolher, em estilos antigos e em ARTE MODERNA.

Tem depósito de bancas de cosinha e mausoleus em lousa preta.

Encarrega-se também de fazer esculturas, bustos em pedra, barro, gesso, etc.

Toma conta de qualquer trabalho fóra de Coimbra

Contra Roubo e Contra Incêndio

Grande economia
Seguro de Mobiliário

Por \$20 por cada 100\$00 de valor, isto é pelo que se paga só pelo risco de fogo «A MUNDIAL» segura numa só apólice os riscos de INCÊNDIO e ROUBO. É tão necessário o seguro de ROUBO como o de FOGO.

A MUNDIAL

COMPANHIA DE SEGUROS

Capital, Escudos . . . 500:000\$00

Reserva em 1915 . . . 102:007\$74.1

Séde em Lisboa — Rua Garrett, 95 — Telefone 4084

Telex — MUNDIAL

Delegação no Porto — Pinto da Fonseca & Irmão
Praça da Liberdade, 138

Hospedaria do Paço do Conde

— DE —

JOSÉ DOS SANTOS

Rua Adelino Veiga, 36 a 40 — Rua do Paço do Conde, 10

COIMBRA

Vinhos, comidas e tabacos.

Recebem-se comensais por preços modicos.

Camas para pernoitar.

Esta casa, com a transformação porque acaba de passar, melhorou consideravelmente todos os seus serviços, achando-se habilitada a receber hóspedes de qualquer categoria, oferecendo-lhes comodidades por preços baratos. Esmero e prontidão no serviço de meia, para o que tem pessoal competente.

O mesmo proprietário negoceia em cereais e legumes de todas as qualidades, tais como farinhas, sêmolas, batata, castanha, palha enfardada, cordas e adubos químicos.

Rua Adelino Veiga — 44, 48

O seu armazém é já muito conhecido.

Telefone 379

Oficina-Garage de Coimbra

LOBO DA COSTA & CASTANHEIRA

Grandes oficinas mecânicas para reparações de automóveis; fabrico de carretos, pinhões e corolas em aço; cimentação e temperas; vulcanização e fundição de metais. Recolha e tratamento. Ensino. Automóveis de aluguer de \$08 a \$20 o quilometro e 9 lotações de 4 a 18 passageiros.

Accessórios, gazolina e óleo.

Transações em carros de 2.ª mão. Serviço especial, para bem servir os ex.ºs clientes da província.

Rua da Figueira da Foz — 170

COIMBRA

Local conhecido por «Casa do Sal» á entrada da cidade pela estrada do Porto.

Telefone, 502

Telegrams «Garage-Coimbra»

Ano 5.

Montemor-o-Velho, 28 de Maio de 1916

N.º 221

O DEVER

Semanario defensor da união da familia Portuguesa

Pátria e Humanidade

Director, Proprietário e Administrador — Almeida Junior

Em pé de guerra

Foi publicado o decreto que determina novas inspecções a todos os individuos que tenham entre 20 e 45 anos. O facto, na sua significação altissima, não surpreendeu ninguem. É intuitivo que, no estado de guerra em que Portugal se encontra, tal medida é mais do que uma consequencia de tal estado: reveste-se dum acentuado carácter de previdencia tão elevado como respeitável sob todas as formas porque o encarece.

Não sabemos ainda, positivamente, até que ponto chegará a soma de sacrificios que todos nós, portugueses, temos de prestar ao culto da Pátria, em defeza da integridade do seu solo, para a manutenção das normas da liberdade tão rigidamente mantidas pelo regimen em que vivemos.

Segredos de chancelaria oculitos nos arcanos das ante-camaras ministeriais, resta-nos entanto alimento a esperança confiante de que a união estabelecida entre a familia portuguesa e que tão inconsistentemente temos propagado e defendido nestas colunas, será a sólida e indestrutivel garantia da existencia da convicção de que nenhum de nós se furtará ao peso dos sacrificios que nos forem exigidos e impostos pelas entidades que assumiram o melindroso encargo, na emergencia actual, de orientar os destinos nacionais.

De resto, a medida das novas inspecções ora estabelecida pelo governo, afigura-se-nos tardia,

Paises, cuja situação em face do conflito europeu era menos grave do que a nossa, como por exemplo a Suissa, a Grecia e outros, mobilisaram logo de principio os seus exercitos, senão como prática duma medida com caracter de exigencia imediata, pelo menos com a mais acertada e judiciosa medida de previdencia.

Portugal, é certo, não se conservou, logo no principio da declaração de guerra, alheio ás suas obrigações impostas pela letra do tratado de aliança, quiçá não esqueceu que o seu logar estaria reservado no campo da luta para, ao lado das nações aliadas, combater pela segurança e estabilidade da Civilisação e da Liberdade que são apanágio das sociedades livres e progressivas. Mas, apegado á preocupação dominante de expandir o seu sentimento afectivo á causa das nações amigas, descurou um pouco a necessidade ha muito merecido e bem merecido, que

de se preparar, adentro do campo material, para robustecer a sua cooperação mais necessaria e mais lata.

No entanto, mais vale tarde do que nunca — diz-nos o adagio. E Portugal, que só agora despertou do seu sonho feito de idealizações com todos os loiros de nobreza, não trepida entanto a dentro da linha de conduta em que se integrhou.

O atraço sofrido pode redundar, com afirmações de prodigioso esforço e sacrificio, por parte de dirigentes e dirigidos no mais soberbo e notavel dos avanços.

Nada de desanimos, crença e fé — e a vitoria da causa em que nos envolvemos dar-nos-há, com legitimo orgulho, em troca dos nossos esforços, a recompensa almejada!...

“O DEVER,”

Dentre tanta soma de ingratidões recebidas, é-nos intimamente agrada sel constatar que ainda existe quem tome a peito, com de ligação e desinteresse, a defeza da nossa causa, que outra coisa não é o prestarem-nos auxilios, de qualquer natureza que eles sejam.

Assim, por intermedio da nossa presada colega da secção de charadas, D. Violeta, tomaram a assinatura do jornal, entre outras pessoas, as snr.^a D. Maria Augusta dos Santos, distinta professora; D. Julia Príncipe Velez, de Elvas; D. Alcina dos Reis Barreto, D. Vitoria Caseiro e D. Henrique de Moraes da Costa, de Leiria; e por intermedio da ex.^{ma} snr.^a D. Elvira L. Pereira, as snr.^{as} D. Clementina da Silva Gaspar e D. Dulce do Carmo Soares, de Leiria.

Tambem o nosso presado amigo snr. Contente Ribeiro, nos enviou uma relação de nomes d'Africa e do continente.

A todos, os nossos sinceros agradecimentos.

Horas d'insónia

«Vocé, meu amigo, é ingenuo em demasia.» E o Pedro dizia-me isto visivelmente comovido, tomando-me o braço, hontem ao anotecer. Não sei se terá razão. O Pedro é um rapaz que vé. Vê bem, vê muito. A frase dele foi inspirada na leitura duma carta que pouco antes me havia chegado ás mãos. Que, para se escrever assim, é necessário possuir uma psicologia especial, bem amestrada no redor, porventura experimentada em prender amarranhar o proximo, rindo depois, a criatura que assim é, da ingenuidade alheia! E será, meu Pedro, por eu ter demorado demais o golpe final, de

Redactor Principal

Virgilio Marques

Secretario da Redacção e Editor

Abel M. de Melo Brandão

Red. e Adm. — R. Dr. José Galvão — Montemor-o-Velho

(para onde deve ir a correspondencia)

Não se restituem originais, embora não se publiquem

Composição e Impressão — Tip. Silva (a vapor)
AVEIRO

Concurso literario

IV

A AVÓSINHA

A avósinha é uma céguinha
mui velhinha,
coitadinha!...
Pobre avó!...

Chora muito, é desgraçada,
pois quer ver e não vê nada...
Coitadinha
da avósinha!

Mete dô.

O seu fadaria diario
d'ordinario
é o rozario,
é rezar.

Coitadita! passa os dias
a rezar Avé-Marias,
suspirando,
murmurando
de vagar.

E tambem se entrega á rega,
também pega,
mesmo cega
como é,
num pequeno regador
e, com carinho e amor,
enche, rasos
d'agua, os vasos,
pois não vê.

A sua vida é chorar
e rezar
e regar.
Pobre avó!
Diz que os seus netos e as filhas
são seus unicos amores.

Coitadinha
da avósinha!
Mete dô.

Hipólito Damaso.

Gento e tantas crianças sem escola!

Pelo recenseamento feito em 2 d'agosto de 1915 constata-se que em Reveles, Presalves e Carril, existem mais crianças d'ambos os sexos, privadas da luz das letras, do que no lugar da Abrunheira, pertencente á freguezia da primeira daquelas terras, que é a séde da Paroquia Civil. Em Abrunheira, porém, existe uma escola mixta, com muito menos população do que as outras agregadas.

Não se comprehende, ou, antes, entende-se bem a razão porque ainda não foi atendida uma representação que o povo de Reveles ha tempos fez á Camara pedindo a criação duma escola, para o que ofereceu e oferece casa e residencia ao professor durante 3 anos, absolutamente de graça, ficando, depois desse prazo de tempo, a cargo do municipio a referida renda apenas por 10 escudos anuais.

E' de justica dizer-se que o snr. dr. Simões tem dispensado á instrução do concelho o melhor d'eu esforço, e portanto não se explica que haja regeitado, com o seu

espírito de economia, um oferecimento daquela natureza. Julgamos s. ex.^a despido de rancorosos despeitos, e hão faz sentido que, sendo amigo da instrução, priva dela **cento e tantas creanças de ambos os sexos**, com a agravante de desgostar uma freguesia inteira, que, tendo elementos de vida própria, com uma situação topográfica magnifica, muito superior à da Abrunheira que só pode contar a mais meia duzia de criaturas que se julgam donas disto por verem um palmo mais além; não entendemos, repetimos, o motivo, se ele não é político, porque se não tem criado em Reveles a aludida escola mixta.

Desejariamos que as más-vontades existentes contra o pobre povo da freguesia tivessem um dia fim. Não faz sentido que vivam em permanente desacordo, porventura odiando-se até, o povo dum localidade e o povo da propria séde da freguesia, porque, o que é mais lamentável ainda, é que essas desinteligencias acarretam responsabilidades de carácter moral e causam transtornos a outros povos do concelho.

De certo que no ministério de Instrução Pública se desconhece isto. Entretanto, havemos de fazer toda a diligência para lho fazer saber depressa. Não pode continuar uma tal situação. Depois, se houvesse em tudo isto um vislumbre de justiça, isto é, se não houvesse razão para se criar a escola em Reveles, perfeitamente de acordo. Bem sabemos que, no nosso concelho, assuntos de instrução são muitas vezes tratados sem a devida imparcialidade, pois que, sobre este assunto, e a propósito dumas licenças e auzências de determinados professores, alguma coisa poderíamos, se quizessemos, contar de novo e de surpreendente aos nossos estimados leitores.

Cremos, contudo, demonstrar que nos não move a menor parcela de maldade contra quem quer que seja.

Por agora apenas desejamos ver atendida a reclamação do povo da freguesia de Reveles, que é justíssima, pois não é airoso que tanta gente viva desgostosa.

Ainda diremos mais coisas.

Consorcio

Realisou-se no dia 27, em Coimbra, o enlace matrimonial do nosso ilustre colaborador e amigo, snr. dr. Raul de Brito, distinto advogado naquela cidade, e cunhado do snr. dr. João Constantino, notário em Arazedo, com uma gentilissima dama de Santa Clara.

Com um estreito abraço lhe desejamos as maiores felicidades.

Postais ilustrados

Caro amigo Magrizela:
Venho-te dar a saber
Que isto agora é que vai ser...
Já temos nova tabela
Té que enfim vamos comer.

Dizem que não é *bô home*;
O Osorio é duma cana...
Seis tabelas por semana
Como se ha de passar fome?
Só de comer é que ha gana.

O que muito vale à gente
E' rico pão integral,
Além de não fazer mal,
Tem matéria nutritiva:
Gorduras, assúcar, cal...

Não carece outro alimento
Quem comer dêste bom pão.
Bacalhau, carne ou feijão
Nunca deram mais sustento,
Nem mataram tanto cão.

Tua resposta é favor.
Faz lá visitas à Chica:
Podes mandar p'ra botica
Na Espinha, ao teu dispor

Teu amigo Zé Estica.
PORTO.

N. R. — O autor desta *gazetilha*, é um distinto poeta e jornalista, que começa a colaborar hoje no nosso jornal. Não o felicitamos, porque podia começar por outra maneira de colaboração, quem tantos merecimentos tem. Não quer isto dizer que a sua produção não seja interessante.

VERRIDE

Não se entende com os nossos estimados assinantes de Verride, por quem aliás temos muita consideração, o debito de um ano e mais à nossa administração, pois todos têm naquela vila os seus pagamentos em dia, o que muito lhes agradecemos.

DESASTRE

Proximo da quinta de Belveia, caiu dumha bicicleta, o snr. Rufo Serio, de Gatões, fazendo alguns ferimentos e contusões pelo corpo.

Transportado ao hospital desta vila, foi imediatamente pensado pelo ilustre facultativo de serviço, e ali ficou em tratamento, não sendo contudo o seu estado grave.

Lamentando o sucedido, desejamos-lhe rápidas melhorias.

Pela sociedade

Tem estado ausente, da capital, tratando de negócios particulares, o nosso preso amigo, snr. Manuel d'Almeida, irmão do nosso director.

— Com um ataque de gripe esteve retido no leito o snr. António de Sousa, aplicado aluno de Direito da Universidade de Lisboa, indo quasi restabelecidoo, com o que sinceramente folgamos.

— Também o nosso preso amigo e dedicado cooperador, snr. Contente Ribeiro, dedicado amanuense da câmara municipal do nosso concelho, se tem encontrado incomodado de saúde, passando agora um pouco mais aliviado. Folgamos.

— De visita à ilustre directora da secção de charadas, snr. D. Elvira de Morais da Costa, está em Lisboa a distinta professora oficial da Paixão, snr. D. Maria Augusta dos Santos, nossa obsequiosa assinante. Cumprimentámo-la afectuosamente.

— Tivemos o prazer de cumprimentar na nossa redacção o nosso amigo

snr. Teles Fontes, ilustre estudante de engenharia mecânica em Inglaterra.

— Estiveram na capital, donde já regressaram, os nossos estimados amigos snrs. dr. Ismael de Sampaio e Alexandre Mendes de Rezende, digno administrador do nosso concelho.

— Está muito doente o nosso cooperador e amigo Eduardo Castanheira de Carvalho, filho do snr. João Castanheira, digno amanuense da administração.

Desejamos as melhorias do enfermo.

Defende a tua Patria Odeia o inimigo Despreza os boateiros Vigia os espiões

LISBOA, 1916.

Gremio Montanha.

Abandono injustificado

Aproxima-se o tempo em que toda a gente viaja.

E, com mágoa o confessamos, sentimos já vergonha pelas apreciações que, se alguém tiver o mau gosto de vir a esta vila, dela irão depois fazer.

Não falamos já no Castelo, nesse montão de pedras e de estrume que ali está em cima, nem da encantadora paisagem que, em contraste, de lá extasia os nossos olhos, ávidos de luz. Apenas queremos falar, por agora, no estado de imundicío em que se encontra a propria vila. Que nós temos duvidas sobre se isto é uma terra civilizada.

Por isso mesmo o comercio, a industria e a propria agricultura lhe estão sofrendo as consequencias. Não ha pão, não ha dinheiro, não ha higiene. Ha, quando muito, um desleixo inconcebivel.

Falou-se na limpeza da vila, em obras várias, matadouro, etc. Falou-se em tudo, em tudo se tem falado. E tudo continua na mesma!

A nossa terra não avança. Falta-lhe o melhor: iniciativa, boa vontade, amor patrio. Vive apenas das suas tradições gloriosas. A sua história comove, porque Montemor, contudo, tem uma história própria, muito querida de patriotismo e bravura.

De noite, quando não ha a luz da lua, que contribue muito para a economia do petroleo, temos tudo apagado. Bêcos sem estética, pelos quais se não pode atravessar sem perigo de calcar toda a qualidade de estrumes, a vila dá-nos um aspecto de logar sertanejo, perdido nos confins do Alentejo onde os criminosos se acoitasseem para satisfazer os seus apetites inconfessaveis!

Pobre vila! Desgraçada terra!

Carta de Coimbra

Maio, 23

Proezas celebres — Havia já bastante tempo que a polícia andava investigando a causa de certos roubos, que atingem, alguns, enormes quantias de dinheiro. Por fim, o académico José Pereira Pina, a quem tinha sido furtada uma corrente de ouro, descobriu o atrevido gatuno que, com numerosa comitiva infestava as algibeiras dos cidadãos.

Encontram-se todos presos, e senhoras aderentes.

oxalá que tenham a devida recompensa, pois que, sendo menores, é necessário castigá-los a fim de que se emendem, se emenda ainda podem ter.

Charada bicuda — O nosso colega desta cidade «O Debate», apresenta aos seus leitores uma interessante charada, recortada de um editorial que a já enobrecida vereação deste município mandou fixar às esquinas. Transcrevemos a charada, e chamamos especialmente a atenção dos charadistas deste semanário. Eis-a:

«Do Mondego, em breves dias, o pessoal trabalhando intermitentemente, em turno».

Afíca.

Conferencias — Realisou no domingo passado, no teatro Avenida, pelas 14 horas, uma conferencia o snr. Guilherme Teles de Menezes, sobre a energia hidráulica do Mondego. Foi bastante ovacionado no final da sua exposição.

Realisou também naquele dia, no mesmo edifício, uma outra conferencia a snr. D. Branca Colaço, distinta poetisa. Apresentada pelo snr. Eugénio de Castro, s. ex.^a fez a sua conferencia subordinada ao título: «Os poetas de hontem».

Foi bastante aplaudida.

A crise da agua — Vai-se acentuando cada vez mais a carencia de agua, em virtude de terem saído para Tanços os carros da administração militar que forneciam agua aos domicílios. Em Montes Claros informam-nos que cada habitante tem de dar oito centavos a uma mulher para só ter um cantaro de agua.

E' absolutamente lamentavel tal estado de coisas. A câmara municipal comete ainda, por cima de tudo, graves imprevidencias. Assim, mandou explorar uma nascente na Cumeada, fornecendo dela a agua; porém, a analise bacteriológica deu-a como impuríssima para o consumo publico.

Urge, por isso, maximas providencias.

M.

A mulhere a guerra

A's senhoras da nossa terra

No nosso ultimo numero fizemos um apelo ás ilustres senhoras da nossa vila, para a constituição de uma comissão de auxilio, não só aos mobilizados, como de protecção ás suas famílias. Sabemos que esta idéa foi recebida com agrado, e já até nós vieram algumas damas procurar informes, para a sua constituição.

Da melhor vontade O Dever tem respondido, e, dado o caso do entusiasmo que lavra, resolvemos receber todas as adesões que nos sejam enviadas, publicando-as, bem como a comissão logo que esteja formada e suas resoluções.

As senhoras de Montemor não deixarão de prestar o seu valioso concurso, ciosas como são, das suas tradições.

O Dever espera já publicar no proximo numero os nomes de algumas senhoras aderentes.

Poetas e Prosadôres

A SAUDADE

(A' menina E. S. V.)

Ha quem diga que a saudade
é mortal, que faz sofrer.
E' porém, ela somente
que me impede de morrer.

Nas longas horas de insónia,
envoltó na escuridão,
penso em ti, anjo adorado,
e adormece-me a saudade...

Quando rompe a aurora ao longe,
tão de mansinho... encantada,
vem-me logo despertar
saudade da minha amada.

A vida seria horrível
na minha fatal idade,
se não tivesse a adornala
este jardim da saudade.

Nesta ausencia tão cruel,
que me traz amargurado,
são minhas fontes de vida
as saudades do passado.

Coimbra, 1915.

José Seabra Cascão.



Cartas de um pobre

Escrivo-te de C..., de uma penedânia
encantadora, que o luar beija.

Esconde-se o sol além, no horizonte,
e chegam até mim os rumores religiosos
de um sino, que tange as Avé-Marias...

Olho o mar e vejo espelhada naquele
magnífica imensidão, a tua figurinha
graciosa que eu queria cantar, em quadras sentimentais, se fosse poeta...

Fito o vago e fico a meditar...

Uma lágrima deslisa mansamente
pelos minhas faces cançadas de chorar
o sofrimento.

O mar nas suas convulsões parece
rir...

Lembro-me então desse teu sorriso,
que traduz um mundo de ironias.

Respeita a dor, que me consome.

Tens coração? Pois bem! Por muito
frio que seja, não poderá ficar indiferente
às suplicas de um pobre.

Condõe-te de mim, e dá-me por esmola,
um sorriso dos teus, que seja sincero, um suave lenitivo para tanto sofrer.

Novamente te encontrei passavas de
carro na rua de...

Fitei-te por momentos, senti-me feliz...

Partiste e eu fiquei entregue à minha
dor.

Em quanto te divertias, havia alguém
que cheio de tristeza e dor recordava o
teu nome santo!

Esse alguém, era eu.

E tu, que tão bem me conheces,
olhaste a multidão e não te compadeceste de mim com um olhar de piedade.

Abandonei o positivismo da vida,
vivo de ilusões; e o que é a vida senão
uma ilusão?...

Vivo a sonhar e cheio de saudades.

Saudades!... que... talvez, já não
podem florir.

Hei-de amar-te até morrer.

Não te posso falar, não te posso dizer
tudo o que sinto, mas cá de longe
velarei pela tua felicidade.

Sê feliz! e que nenhuma nuvem negra venha toldar o teu céu, todo azulado,
feito de paz e amor, tão belo como belos
são os sorrisos nos labios da nossa mãe.

E' esta a quarta carta do ano corrente
e quem déra que ela fosse a 37.^a
Era a prova mais clara e evidente de
que era feliz todos os dias.

Sei que as minhas cartas pobres de
linguagem, mas ricas de franqueza, para
ti, outro valor não tem que desprazer.
Mas que fazer? Resignar-me.
E' feliz sou eu em saber que as re-
cebes.

Os pobres com pouco se contentam.

Eu amo-te e sei que não sou amado.
Mas tu também já amaste e não foste
amada e contudo, bem merecias que
esse alguém que te disse amar cumprisse
a sua palavra tão nobremente como
tu cumpriste a tua...

À noite no teu quarto, quanta vez
com um olhar triste de suplica, pediste
ao Deus, à Natureza, alento e piedade?
Quanta vez cheia de dor e tristeza,
olhaste o vago, que nada te diz mas que
te alenta, esse vago misterioso, que co-
mo alguém muito bem disse «é o para
além do que nós somos».

E, apesar de tudo, sé franca, tu
amavas não é verdade?...

Avalia, agora, por ti a minha dor!...

Do muito que te queria pedir, uma
só cousta te peço: Lé novamente as mi-
nhas cartas, lá vagarosamente, medita e
consulta depois o coração.

Nunca te deixarei porque não posso.

Não me amas, mas ainda espero ser
amado.

Parto amanhã para... e de lá es-
creverei o que o coração ditar.

Jorge das Neves Larcher.

JUNTA PATRIOTICA DO NORTE

Da sub-comissão de propaganda
pela imprensa desta Junta, recebemos uma circular, á qual ade-
rimos entusiasticamente, como não
podia deixar de ser.

Neste momento tão solene para
a nossa nacionalidade, como portugueses que nos presamos de ser,
ciosos de liberdade, herdeiros do
ativismo e valor dos nossos ante-
passados, colocamos á inteira dis-
posição dos membros da patriótica
Junta as colunas do nosso jornal.

Demais «O Dever», que tem
como lema—Patria e Humanidade—,
foi sempre partidário da guerra,
que, para ele, encarnou sem-
pre o renascimento latino.

LUTUOSA

Uma criança ainda, veio a morte
encontrá-la no seu leito de moribunda,
rodeada dos carinhos da família que a
estremecia e das amigas que tanto a
idolatravam.

São as surpresas da vida! E a snr.^a
D. Guilhermina Pereira Dias, que no
arrabalde de Leiria se acaba de finar,
deixa em luto seu marido, o snr. Antônio
Jerônimo dos Santos, dedicado fis-
cal dos impostos naquela cidade, e orfã
uma galante creança que bem cedo fi-
cou sem os beijos acalentadores da mãe
amiga.

Que a lousa lhe seja leve, já que
em vida soube ser uma bondosa e uma
alma feita perdão e feita amor ao semi-
lhante.

A seu marido e a seu pobre pai, o
honrado mestre de obras snr. José Pe-
reira Romão, irmãos José Pereira Dias,
considerado professor da Escola Brotero,
de Coimbra; Julio Pereira Dias, pro-
fessor primário em Amor, e Augusto
Romão, industrial em Leiria, envia O
Dever o seu cartão de sentidos pes-
ames.

O DEVER

SEMANARIO DEFENSOR DA UNIÃO DA FAMÍLIA
PORTUGUESAAssinaturas
(Pagamento adeantado)

Trimestre	0\$32
Semestre	0\$62
Ano	1\$22
Continente e África	
Trimestre	0\$35
Semestre	0\$65
Ano	2\$00
Brasil e África Oriental	
Número avulso, 0\$04	

Publicações

Comunicados, 0\$06 a linha; anúncios,
na 1.^a página 1 vez, 0\$10 a li-
nha; na 2.^a, 0\$80; na 3.^a e 4.^a, 0\$06.
Repetições, metade d'este preço.
Por mais de um mês, preço con-
vencional.
Selos, cada publicação, 0\$01.
Os assinantes tem desconto de
25%.

Não se aceitam informações anô-
nimas nem se restituem originais,
quer sejam ou não publicados.

Junta Geral do Distrito

Em sua sessão de 18 do corrente, a comissão executiva desta
Junta aprovou os seguintes orça-
mentos:

Suplementares — SS. de Santo
Varão, concelho de Montemor-o-
Velho e SS. de Ceira, e o ordiná-
rio das Almas e Senhor dos Passos,
de Goes, todos de 1915-1916.

Ordinários — Confraria do SS.
de S. Martinho do Bispo; Instituto
de N. S. da Graça, de S. João do
Campo; Confraria das Almas, de
Ouretã, concelho de Cantanhede;
Santa Casa da Misericordia de
Pereira, concelho de Montemor-o-
Velho; SS. e S. João Batista, de
Travanca, Penacova, e SS. do Fu-
radouro, concelho de Condeixa-a-
Nova.

EXPEDIENTE

Vamos proceder à cobrança.
Pedimos a todos os as-
sinantes e muito especial-
mente aos que devem ainda
os primeiros e segundos anos
o pagamento das assinatu-
ras. Também pedimos aos
que nos devolveram o jornal
no fim de 2 anos «sem nunca terem pago» o favor de
pagar.

ANUNCIOS

Agua do Alardo

(Castelo Novo—BEIRA BAIXA)

A melhor e mais pura agua de meza

Excelentes resultados em tra-
tamento de doenças de estomago,
figado, gota, obesidade, etc., etc.

TITTEL, MACIEIRA, & C.^aRua Alves Correia (antiga rua de S. José)
233 a 237 — LISBOA

Telefone: Norte 1138

Acceptam-se revendedores em
todas as localidades onde ainda os
não haja.

Empreza das aguas
Minero-Medicinaes

DE

Pizões-Moura, L.^{da}Magnifico preventivo contra
o tifo

Esta agua, recomendada por abali-
sados médicos, é utilizada com o maior
exito no tratamento das afecções intesti-
naes, bexiga, rins e estomago, podendo
usar-se sem o menor receio, antes com
enorme vantagem, como agua habitual
de meza.

Usando esta agua obtém-se boas di-
gestões.

Adoptando-se permanentemente, es-
tá-se ao abrigo de febres infecções ad-
quiridas vulgarmente pelo uso de aguas
quininadas.

Análise química e bacteriológica de
C. Von Bonhorst.

Bacteriológicamente: PURA.

Depósito geral:—Rua Jardim do Re-
gedor, 27—Lisboa.

Pedi-la nos bons estabelecimentos.

Acabam de aparecer:

A Cartilha Nova por
Tomaz da Fonseca.Manual Prático de
Ginástica Racional,
tradução de A. Castro.A Origem da Vida,
por Tomaz da Fonseca.Os Sermões da Mon-
tanha—II.

A venda em todas as boas li-
vrarias.

Agua da Curia

Mogofores

As únicas aguas sulfatadas-cal-
cicas que existem no país, simi-
lhantes às famosas aguas de Con-
trexéville, nos Vosges (França).

Antonio Pereira de Carvalho

Proprietário dos Grandes Armazéns
de Bicicletas, Máquinas de Cos-
tura, Pianos e toda a quali-
dade de acessórios.

A maior e mais antiga casa no gênero

Oficina para todos os concer-
tos, afinações e reparações em
bicicletas, motocicletas e maqui-
nas de costura.

Artista mecânico habilitado.
Vendas, alugueis e trocas.

Preços sem competência

34—Avenida Navarro—36

(Estrada da Beira)—COIMBRA

DR. AVELINO FARIA

Advogado

CANTANHEDE

Dá consultas aos domingos em

ARAZEDE

de outubro em diante e trata de
qualquer questão no tribunal de
Montemor-o-Velho.

DINHEIRO

EMPRESTA-SE, mediante
boa garantia. Nesta reda-
ção se diz.

ANTIGO ESTABELECIMENTO
— DE —
Mercearia, Tabacos e Fazendas brancas
— DE —
João António Rodrigues
(SUCESSORES)
Montemor-o-Velho

Nesta casa se encontra um completo sortido em assucar, chá, café, manteiga nacional e inglesa; biscoitos, bolachas, massas, bacalhau, genebra e vinhos do Porto.

Ferragens, prego de arame e de ferro, panelas de ferro, rastilho, chumbo em barra e para caça.

Fosforos e Tabacos, por atacado. Tambem vende pelos preços de Lisboa, farinha de trigo, cimento Portland, vidraças, telha de vidro e velas de cera.

Preços resumidos

GRATIFICA-SE BEM

a quem dê informações de que resulte a condenação por fraudes praticadas com prejuízo dos exclusivos de fosforos e isca (e dos interesses do Estado, da Companhia concessionária e do comércio legítimos acendedores, algodão ou qualquer outra matéria apresentada de forma a servir de isca, fabricação ou venda de chita com preparo inflamável, isca em corão vendida fraudulentamente a título de cordão de sacos, etc., reservando-se a Companhia concessionária intentar a respectiva ação civil de perdas e danos contra os delinquentes, independentemente da multa no Estado nos termos da legislação em vigor. Gratifica-se generosamente fidedignas enviará a qualquer ponto do país agentes da fiscalização para proceder às necessárias diligências. Dirigir-se pessoalmente ou por carta à Companhia Portuguesa de Fosforos, 139, rua de S. Julião, Lisboa.

ADUBOS

MELO & MARTINS
PAMPILHOSA DO BOTÃO

Fabricantes dos bons adubos compostos da marca registada
PEIXE

Chamamos a atenção dos srs. agricultores para fazerem uma experiência dos nossos adubos, devido ao seu magnífico resultado os adoptarão de preferência a qualquer outro.

AZEITE

Para revenda e em grandes quantidades, vendemos de excelente qualidade.

Alugam-se Automóveis

MELO & MARTINS
Pampilhosa do Botão

A FUNERARIA EM PEDRA

— DE —

FRANCISCO A. DOS SANTOS, FILHO

RUA DIREITA, 139 a 149

COIMBRA

Esta oficina encarrega-se de todo o trabalho de jazigos, mausoleus, campas, cantarias e ornamentações, tanto em calcareo como em marmore, a qual tem desenhos de jazigos, para escolher, em estilos antigos e em ARTE MODERNA.

Tem depósito de bancas de cosinha e mausoleus em louça preta.

Encarrega-se também de fazer esculturas, bustos em pedra, barro, gesso, etc.

Torna conta de qualquer trabalho fóra de Coimbra

Contra Roubo e Contra Incêndio

**Grande economia
Seguro de Mobiliário**

Por \$20 por cada \$100.000 de valor, isto é pelo que se paga só pelo risco de fogo. «A MUNDIAL» segura num só apólice os riscos de INCÊNDIO e ROUBO. É tão necessário o seguro de ROUBO como o de FOGO.

A MUNDIAL

COMPANHIA DE SEGUROS

Capital, Escudos . . . 500.000\$00

Reserva em 1915 . . . 102.007\$74.1

Sede em Lisboa — Rua Garrett, 95 — Telefone, 4084

Telex — MUNDIAL

Delegação no Porto — Pinto da Fonseca & Irmão

Praça da Liberdade, 138

Hospedaria do Paço do Conde

JOSÉ DOS SANTOS

Rua Adelino Veiga, 36 a 40 — Rua do Paço do Conde, 10

COIMBRA

Vinhos, comidas e tabacos.

Recebem-se comensais por preços modicos.

Camas para pernoitar.

Esta casa, com a transformação porque acaba de passar, melhorou consideravelmente todos os seus serviços, achando-se habilitada a receber hóspedes de qualquer categoria, oferecendo-lhes comodidades por preços baratos. Esmoro e prontidão no serviço de meia, para o que tem pessoal competente.

O mesmo proprietário negoceia em cereais e legumes de todas as qualidades, tais como farinhas, sémolas, batata, castanha, palha eufardada, cordas e adubos químicos.

Rua Adelino Veiga — 44, 48

O seu armazém é já muito conhecido.

Telefone 379

Oficina-Garage de Coimbra

LOBO DA COSTA & CASTANHEIRA

Grandes oficinas mecânicas para reparações de automóveis; fabrico de carrelos, pinhões e cordas em aço; cimentação e temperas; vulcanisação e fundição de metais. Recolha e tratamento: Ensino. Automóveis de aluguer de \$08 a \$20 o quilômetro e 9 lotações de 4 a 18 passageiros.

Accessórios, gazolina e óleo.

Transações em carros de 2.º mão. Serviço especial, para bem servir os ex-moradores da província.

Rua da Figueira da Foz — 170

COIMBRA

Local conhecido por «Casa do Sol» á entrada da cidade, pela estrada do Porto.

Telefone, 502 — Telex — Telegramas «Garage-Coimbra»

Ano 5.

Montemor-o-Velho 4 de Junho de 1916

N.º 222



O DEVER

Semanario defensor da união da familia Portuguesa

Pátria e Humanidade

Director, Proprietário e Administrador — Almeida Junior

Sol nascente...

A guerra trouxe grandes ensinamentos à humanidade que queria orientar-se pelos sãos princípios de isenção patriótica.

E os povos, quanto maior for a sua cultura de ideias avançadas, tanto mais eles se sentem no vasto campo de estudo dos preconceitos que o retrocesso dos convencionais criou na sua já debilitada esfera de ação.

Grita-se patriotismo, nas ruas e por toda a parte, como quem, sedento de expansibilidade, procura constantemente reuniões públicas e comícios públicos à procura de ouvir novas concretizações de sonho e idealismo.

As patrias irmãs sacodem já o nostalgiico feitio da paralisação dos costumes, e dão um maior incremento à sua ação reformadora, à parte velhas rotinas que mal dispõem para as lutas e impreparam para as vitórias que se apetecem e justamente se almejam.

Na África Equatorial Francesa, como na Irlanda e no Japão, os novos comandos militares hão de fazer torcer um pouco os planos até agora um pouco mais ou menos uniformes dos grandes pensadores e dos sabios matemáticos alemães.

E a sua pátria, porventura sonhando a destruição completa dos *infimos* países que se lhe não podem equiparar, ha de trazer, por fim, nas dobras dos seus trofeus esfarrapados e denegridos do sol escaldante das batalhas, mais uma atrocidade latente que os encaminhará para a perfílhação dos maximos cálculos no atinente ao seu progresso.

O ambiente que respiramos, todo contaminado e predisposto para a queda que infelizmente se avisinha, ha de continuar a desfazer os mais sãos planos de heroísmo formulados de há muito pelo coração sentimental dos povos latinos e dos outros povos nossos irmãos pela alma e pelas ambições da perfeição que tão ardente aspiram ao

triunfo definitivo ou à derrota em condições de honra e de maravilhoso exemplo de coragem. No Brasil pensa-se assim, porque lá ha almas irmãs da nossa alma e sentimentos que são os nossos próprios sentimentos.

A Liberdade é o astro luminoso pelo qual sempre nos temos deixado embriagar de sonho, quer a morte a aniquile, vencendo-a, quer a vitória seja o seu título de glorificação.

E' que a guerra trouxe grandes ensinamentos à humanidade que queria ser livre e orientada pelos sãos princípios de patriotismo e de coragem.

E assim, bendito seja o sangue dos martires e dos herois que, longe dos seus e longe da luz retemperante deste sol fecundo que nos aquece os nervos e tonifica os pensamentos, sabem aforrimecer cobertos de goivos e lirios brancos de saudade que vão da alma dos que ficam chorando e resendo pela sua memória toda a vida.

O retrocesso é um pouco atormentador nos tempos em que os homens pensam a melhor maneira de se afrofiamrem á custa de embustes e de quimeras que são outros tantos defeitos que levam á vida doente dos que não tem luz nem auroras de sorrisos a guiar-lhes a existência que maldizem.

A guerra!...

Almeida Junior.

Horas d'insónia

O COVEIRO

O homem que abre a cova ao homem é um homem tragicó. O aço da sua enchada, pulido, reluzente, brilhando ao sol de dias de lágrimas e de dor, é insensível à perturbação que causa aos ossos que, no fundo sagrado da Terra-mãe, repousam das fadigas e da ingratidão da vida.

Para o homem que abre a cova ao homem, assobiando, é tão indiferente a notícia da morte de uma pessoa amiga, como de uma virgem perseguida a todo o passo por olhares lubríficos do primeiro bandido que se lembrou de cubicar-lhe os labios de carmim e o seio palpitar.

Anoitece. E, ao chegar aos seus ouvidos o eco nostalgiico do dobro deplante do sino, anunciando o fim do agonizar dum tísico, o coveiro tem, no seu olhar esgaseado, o clarão dos fogos-fátuos. Olha a sua enhada, adormecida ao canto da

Concurso literario

Só tu!...

Podiam oferecer-me, em troca do teu amor, todas as joias de Portugal toda a gloria dum soberano; o amor dum príncipe, o bem-estar duma rainha: tudo despresa: oiro, gloria, ambições!

O teu amor!... Ha, porventura, tesouro mais valioso?

Perde-lo, seria extinguir-se a luz que tem iluminado o caminho que hei percorrido com a felicidade a irradiar-me a fronte, e onde hei colhido algumas rosas, perdidas entre espinhos e abrolhos!...

Rosas!... Muitos espinhos... poucas rosas!...

Mas ainda assim, uma esperança me acalenta a alma; vejo, a luzir ao longe, muito ao longe, dôce fanal da minha vida!...

Todos os meus sofrimentos ofereço em holocausto ao teu amor!

Serão minhas lágrimas o suficiente para te fazer olvidar desgostos.

— Lagrimas! Lagrimas! Terá o meu coração mais lagrimas?...

Coração, vá, desfavela a máscara; deixa vêr. Dize lá: poderás, para meu lenitivo, derramar mais lagrimas?

Não! Eu presentia-o!...

Oh! Deus! Que consolação me resta?

Elvira L. Pereira.

casa, deitaz da porta da rua, e vi de em Abrunheira, o casamento do sr. Antonio de Sousa, de Oliveira Canais, com a menina Irene de Goes Nobre, filha do nosso amigo, sr. Joaquim de Goes Nobre.

A sua preocupação é ganhar dinheiro, abrir a cova, revolver a terra.

Cortu malvas e malmequeres, buxo e

lirios brancos, roseiras e trevo bravo.

Os ossos que encontra arremessa-os com in-

diferença para traz do muro.

São de seu

pai? Que importa. São ossos, e pelos os-

sos não se distinguem pessoas.

Podem ser

duma prostituta que morresse a rezar de

saudade pelos dias em que sorriu, e po-

dem ser de sua santa mãe que o criou

para aquilo!

E o coveiro, assobiando, lá vai remo-

vendo a terra, não vâa chegar o cadaver

sem ter cama para dormir o sono eterno,

que começou há horas no pobre leito mor-

tuário por entre lágrimas de saudade e

despedidas de lágrimas.

E o sino toca; e o homem que abre a

cova ao homem, vai cavando, assobiando

sempre.

Chega a cruz e ele descobre-se.

Depois vem o caixão. Tudo reza. E

o homem, de cara tisnada pelo sol de ver-

rão, prepara a pá e a enhada para co-

brir de terra um coração que amou, as

mãos que o haviam esportulado de vespe-

ra, quando ele passava na rua com fo-

me...

ALMEIDA JUNIOR.

Pela sociedade

Regressou da capital, onde foi em viagem de nupcias com sua ex.^{ma} esposa, o nosso estimado colaborador e amigo, sr. dr. Raul de Brito, meritissimo advogado em Coimbra.

Passou na terça-feira o aniver-

sário natalício da nossa ilustre patricia, ex.^{ma} sr. D. Margarida Cândida Peixoto. Parabens.

Deve realizar-se brevemente,

Vamos proceder à cobrança. Pedimos a todos os assinantes e muito especialmente aos que devem ainda os primeiros e segundos anos o pagamento das assinaturas.

Também pedimos aos que nos devolveram o jornal no fim de 2 anos «sem nunca terem pago» o favor de pagar.

EXPEDIENTE

A VOZ DOS PROFESSORES**MANUEL JOSÉ DE GOUVEIA**

O professorado primário está de luto. Morreu Manuel Gouveia, o Eurico, como era conhecido por todos os seus colegas e por todos aqueles que se interessam pela instrução no nosso país.

É como não havia de assim ser, se ele, o grande revindicador das melhorias económicas e pedagógicas da nossa classe, estava sempre na vanguarda de todos os movimentos?

Em 1905, conseguia reunir quasi a totalidade do professorado, no celebre movimento de Coimbra. Assim conseguiu, prosélitos do seu idial, que num bom nucleo correspondiam aos seus esforços, e o admiravam na sua tenacidade.

Quem estas linhas escreve, conquanto não o conhecesse pessoalmente, tinha por ele grande admiração, pela maneira como nos seus escritos, publicados na *Educação Nacional*, imprimia vigor aos novos, que, dia a dia, vinham à liça combater pela mesma ideia.

A homens como Eurico, não é nas apertadas linhas dum jornal, que se poderia mostrar quanto foi a sua obra, tão monumental ela foi.

Os seus contemporâneos, aqueles que conviveram de perto, é que poderão avaliar bem a grande lacuna por ele deixada.

O professorado primário está de luto. A sua falta será sentida por todos nós, não só como amigo, mas como companheiro.

Que os seus proseguidores não esmoreçam, será bem a melhor maneira de prestarmos a gratidão á sua alma.

V. M.

VELIMO PAREDES

Partiu para Coimbra, onde o chamaram os seus deveres militares, este nosso querido amigo e distinto colaborador, que em Lisboa redigiu superiormente o nosso colega «A Palavra Livre», órgão dos empregados do comércio desta cidade.

Carácter lial e franco, depressa conquistou amigos, que como nós, o viram partir com saudade.

Com um abraço, muitas felicidades.

**Defende a tua Patria
Odeia o inimigo
Despreza os boateiros
Vigia os espíões**

Lisboa—1916.

GREMIO MONTANHA.

As cartas duma infeliz

Meu caro Leopoldo:

Ha dias que ando muito adoentada. Uma tristeza enorme invade todo o meu ser. Que tu, Leopoldo, não estranhas já nada disso, pois não? Nunca te escrevi doura maneira, porque não sei o que são as alegrias de que tanta gente entusiasmada me fala.

Na quinta-feira d'Ascenção fui dar um passeio com a minha amiga E... Noite calma, tranquila, duma doçura de suavidade que inebriava os sentidos. Colhemos muitas flores. Sentimos, ambas, o murmúrio saudoso do mar ao longe. Chorava! Que o mar, Leopoldo, chora também. Pelo caminho encontramos muitos noivos falando d'amor. Afligiu-me muito o esforço duma pobre muda ao querer exprimir-se para o seu namorado. Era uma rapariga linda, tão linda como o céu todo luz e estrelas. Tinha nos olhos a expressão da saudade e nos labios um sorriso d'amargura. E a minha amiga, que é, como eu, dum sentimentalismo profundo e manifesto, comoveu-se ao ver a muda. Que importa que os labios não falem, Leopoldo, quando o coração se faz ouvir!...

Adeus.

Tua,
IRENE.

Por Coimbra**Charada «bicuda»**

Com este sugestivo título apareceu, na carta de Coimbra do ultimo numero d'*O Dever*, uma notícia em que se comentava uma raia que certos edis conimbricenses acrescentavam á sua pitoresca bagagem de eruditos disparates. E' que uma vez no alto cargo de vereador dum pelouro na cidade do Mondego, um pobre fulano fica logo possuído de uma abstração completa que o não deixa pensar nem um momento mais em coisas sérias.

O Debate apresentando aos seus leitores, com a epígrafe «Charada a prémio», o bocadinho de prosa que os leitores já tiveram ocasião de apreciar — e que é um mimo da pátria de Camões — foi mais prudente do que o solícito correspondente de Coimbra, que, julgando resuscitada a figura desastrada de Calino, pretendeu ver no caso um enigma improfundável ao qual chamou «bicudo». Permita-me o ex.^{mo} correspondente estas singelas considerações, não obstante eu o não conhecer pessoalmente, no que teria muita honra, visto que, por varias vezes já, tenho tido ocasião de apreciar-lhe as excepcionais qualidades de trabalho.

Mas voltando ao nosso caso. Não reparou o senhor correspondente, que tão bem como eu deve conhecer a questão, no facto de ter sido afirmado o editorial num dos terríveis dias em que a agua (puríssima segundo os editais) nos vinha da Cumeada carregada de microbios? E' claro que, não obstante os satisfatórios resultados da análise química, os edis preferiram ir matar a sede aos armazens da Vinicola (do que ir ao Mondego beber água cheia de sabão (de todas a menor das porcarias que o rio consigo arrasta). Dahi o terem sabido de lá todos com a môleira a pedir refresco e com vontade decidida e firme de arrancarem o povo ás apreensões que a falta de agua lhe trazia. E o povo riu, com efeito, e a bom rir...

Não julga ter eu atinado com a

verdadeira causa do fenómeno... «bicudo?» Se a aceita como verdadeira, numa simples quadra (mas olhe que eu não sou poeta...) aqui lhe deixo a resposta áquilo que considera um inigma:

*Do Mondego em breves dias
deve vir água fresquinha,
p'ra refrescar a cabeça
dum edil que a traz quentinha.*

E tanto assim é que já a cá temos (a ela, á agua).

Cartas de um pobre**Para ler, durante a minha curta ausência.**

L'espérance et la crainte sont inséparables.

(De R...)

La patience est l'art d'espérer.

(De V...)

...Mais il n'est point vraie adoration sans une conscience pure et un cœur vertueux.

(De X...)

A minha partida foi sustada; antes o não tivesse sido.

Tu deves compreender o alcance destas palavras...

Sinto-me triste; e tu bem o deves ter lido nos meus olhos, que tantas verdades te dizem, porque eles não são mais que um espelho onde se refletem, com toda a nitidez, as imagens do meu sentir.

Queres reviver um passado? Pois bem; revive-o, sé feliz: mas pensa com serenidade, não te traga essa resolução, tão subita, que eu classifico de infantil e de incompreensível, uma lágrima de arrependimento.

Cavas em mim a infelicidade e lanças-me o teu desrespeito como retribuição ao meu afecto!

E porque procedes assim?

Não, não t'o direi, porque não te quero ferir, mas deixa-me que te recorde do saudoso Elmano, este bocadinho:

Votos de eterna fé, que m' fizeste,
Manter não poude feminil fraqueza,
A quem somente a novidade agrada.
Já logar na tua alma a outro déste,
E o mais ardente amor, o amor mais puro
Não satisfaz teu coração perjurô.

Queria ser superior á tua indiferença, ao teu desrespeito calando, na alma, a minha dor; e queria responder á tua altivez com a minha indiferença.

Mas não; ainda mais uma vez, não posso.

Hei de retribuir o teu desrespeito com o amor e a tua indiferença com simpatia, porque um sentimento mais forte que a minha vontade se impõe á consciência para o coração vencer.

Teu nome, que eu queria odiar, hei-de recordá-lo sempre, porque espero, com paciencia, que estas esperanças, cultivadas com tanto amor, tornem a florir...

Não quero, com estas modestissimas linhas, que a consciência dita e o coração impõe, realçar o esplendor da minha bondade, nem tão pouco menoscabar a tua sinceridade e as tuas opiniões, que eu sabrei sempre respeitar.

Mas quem me diz que amanhã terei prazer em gangrear o teu

odio, inflamar a raiva para acender a inimizade; e, assim, provar-te, bem claramente, a minha antipatia. Contudo, esta subita manifestação da alma, pode não ser mais do que uma dor, que o ciúme provocou.

Será uma fatuidade este modo de pensar. Talvez, mas deixa-me assim viver enquanto me restar uma esperança...

Jorge das Neves Larcher.

Junta Geral do Distrito

Em sua sessão de 25 do corrente, a Comissão Executiva desta Junta aprovou os seguintes orçamentos:

Plenamente o 1.^o orçamento suplementar de 1915-1916 da Santa Casa da Misericórdia de Arganil.

Plenamente os seguintes, para o ano de 1916-1917:
Misericordia de Penela e de Vila Nova d'Anços, concelho de Soure.

Irmãoades de Nossa Senhora da Conceição d SS. de S. Bartolomeu de Coimbra.

— Com alterações, os seguintes:
Confraria do SS. da Poca-riça, concelho de Cantanhede; e N. S. do Rosario, de Rio de Vide, concelho de Miranda do Corvo.

— Proferiu acórdão de quietação sobre as contas da Santa Casa da Misericordia de Tentugal, concelho de Montemor-o-Velho.

Falecimento

Finou-se no dia 31, no Lambujeiro, freguesia de Ararede, o venerando ancião e nosso amigo sr. Joaquim Francisco Coca, pai do sr. Coça Junior, industrial na mesma terra.

Contava 74 anos e gozava de muita simpatia em todo o nosso concelho, pois era um carácter exemplarmente digno e honrado.

O seu funeral, que teve lugar no dia 1, foi um dos mais concorridos que ali se tem efetuado.

Acompanhou á ultima morada grande numero de pessoas de toda as terras circunvizinhas, 3 padres e a filarmónica de Ararede.

O cortejo funebre seguiu em direcção á igreja matriz onde foram feitos os ofícios religiosos, e de af para o cemiterio de Ararede.

Pesames á familia em luto.

Rainha Santa

Já não se realiza, em Coimbra, a anunciana procissão de penitencia da Rainha Santa Izabel, devendo realizar-se novenas, em Santa Clara, durante o mês de junho, todos os domingos, ás 18 e meia horas, exceptuando o primeiro.

Muitas pessoas tinham solicitado á Mesa da Confraria para ficar a imagem exposta na igreja de Santa Cruz durante algum tempo, por ser mais acessível ao publico esta igreja do que a de Santa Clara.

Carta de Coimbra

31—5—916

LUTUOSA — Foi bastante sentida, entre o professorado primário deste círculo, a morte do estremo combatente que foi Manuel José de Gouveia.

Foi precisamente no momento em que todo o professorado primário necessitava de quem luctasse em prol dos seus mais lindos direitos, que a palavra austera e vibrante de Manuel José de Gouveia foi imediatamente sofocada pela mão algida da Morte. Foi na hora mais critica da nacionalidade, em que os maiores exemplos de abnegação e heroísmo são precisos, que Manuel José de Gouveia, o intemperato defensor dos direitos do professorado, o indefeso luctador da Liberdade, caiu prostrado pelo golpe cruel da Morte!

Que descanso em paz esse ardente luctador, esse entusiasta dos movimentos de classe no qual cada professor tinha um amigo e a Pátria um obreiro incansável!

A AGUA — Finalmente temos já agua. Os concertos estão todos prontos e a digressão das «sopeiras» acabada. As matronas exalam suspiros de alívio e contentamento, enquanto que as pobres «pequenas» deixam mansamente... tristemente deslizar uma lagrima de... saudade... Coitaditas!... O sr. dr. Silvio Peláez tão bondoso e a fazer coisas...

PARODIA ACADEMICA — Havia (e ha) na Lisboa amada um senhor Virgilio Ramos que tinha a monomania de, por meio de anuncios nas gazetas diárias, conquistar delicadamente as «pequenas». Já mestre na arte, quiz vir divertir-se a Coimbra, para que, ao som das aguas do blandifluo Mondego, pudesse confessar à engrolada o seu diabólico e inexplicável erotismo. Esquêcer-se, no entanto, o senhor Ramos que Coimbra era terra de estudantes endiabrados que sem reboço lhe espertaram uma amavel e divertida partida. Assim foi.

Na quarta-feira, todo lampeiro desembarca na estação A, e, aprumando-se e concertando a cabeleira vasta, começa investigando por entre a multidão (de estudantes, é claro) a sua incognita «diva». Por sinais combinados avista-a, aproxima-se dela, cumprimentando e beijando-lhe a mão com todo o respeito.

Mas ó fatalidade das fatalidades!... Dentro em pouco estava cercado por uma enorme multidão de estudantes, descobrindo estupefacto que a formosa dama não era mais do que um divertido quintanista de direito. Era o princípio da peça que terminou com grande divertimento e algazarra no Teatro Avenida, onde o senhor Ramos foi obrigado a exibir-se no palco.

Só partida de estudantes, não acha, sur. Ramos?

M.

Pelo Governo Civil

O Ministério dos Estrangeiros concedeu licença para residir na Figueira da Foz á subdita alemã D. Ana Teresa Catarina Martins Leal, viúva de Eduardo Teixeira Leal.

— Foi recomendado aos administradores de concelho que enviem ao comando da 5.ª Divisão do Exército, relação das praças, médicos civis e farmacêuticos que deverão ser promovidos a alferes milicianos.

— Como o Ministério da Guerra, não concedesse licença especial para que os trabalhadores do concelho de Pampilhosa da Serra podessem ir a Espanha ás ceifas, o administrador do referido concelho pediu para que naquele concelho fossem abertos tra-

balhos na estrada nacional n.º 25, entre o Vale da Raposa e a Ribeira de Moninhos.

— Pediu a sua exoneração o administrador do concelho de Góis, sr. José Maria Baeta.

Foi-lhe concedida, assumindo a administração o presidente da Câmara Municipal.

Secção de charadas

COMBINADAS

- 1.º + to = Exame.
- 2.º + lho = Altercação.
- 3.º + bra = Quadrupede.
- 4.º + feito = Imperfeição.

Povoação portuguesa.

* * *

- 1.º + dor = Cheiro.
- 2.º + bate = Altercação.
- 3.º + so = Poesia.

Jornal português.

F. F. de Carvalho.

* * *

A' ilustre charadista Violeta

- 1.º + gil = Vigilante.
- 2.º + pidano = Conterraneo.
- 3.º + gra = Instrumento cirúrgico.
- 4.º + pume = Sebe.

Instrumento musical.

* * *

NOVISSIMA

Não é boa nota nesta ocasião—1—1.

Mangualde.

LACERDA.

LOGOGRIFO

A Acer & Doce, pela sua charada do n.º 219.

Palavras de Luiz XIV, á vista do enterro de la Valliere

Mais branco do que o linho que o cercava
-17-l-v-5
O rosto de Luiza nesse dia-1-15-n-16-5

Tinha a expressão alegre de quem ria
-7-12-d-15-n-4-15
Junto á triste expressão de quem chorava.

Era um misto de dor e de alegria
-1-17-6-2-17

Aquela fronte bela que domava
-b-13-n-3-16-17

A loura trança, que a emoldurava
Porem era já morta quem diria
-f-17-14-15-c-3-d-8.

Pegaram no esquife, e a passo lento
-15-s-s-10

O corpo foi levado do convento
-16-3-7-10-d-13

Que a alma já voara para o céu
-15-s-p-12-7-3-9-5

E o rei vendo passar a penitente,
-d-3-11-3-2-8-n-d-5

«Foi este, disse á corte tristemente,
O primeiro desgosto que me deu!»

Violeta.

* * *

Decifrações das charadas do DEVER
n.º 219:

Em verso:—1.º Violeta—2.º Morcego.
Reducida:—Gaveta.

Decifraram:—Lacerda e D. Elvira D.
Pereira, de Leiria.

Mova colaboradora

Inicia no proximo n.º a sua colaboração nesta secção do jornal uma ilustre dama de Leiria, que usará o pseudónimo de Rosa. Rosa no pseudónimo e rosa na formosura, é mais uma distinta auxiliar que vem prestar aos nossos os seus esforços. Agradecemos.

Violeta.

DOENTE

Encontra-se gravemente enferma a mãe estremecida do ilustre oficial do exercito e deputado da nação, sr. capitão Moraes Roza, distinto tradutor.

Com os nossos cumprimentos mais sinceros desejamos o pronto restabelecimento da bondosa doente, que é uma alma de bondade.

Accção de divórcio

No Juizo de Direito da Comarca de Montemor-o-Velho, pelo cartório do escrivão do 2.º ofício—Mamede—por sentença de 17 do corrente mês e ano, que transitou em julgado, foi decretado o divórcio entre os conjuges Joaquim Fernandes e Maria de Jesus Ramalhete, ambos de Formoselha, freguesia de Santo Varão, desta comarca.

Montemor-o-Velho, 29 de Maio de 1916.

O escrivão,

João Pais da Cunha Mamede.

Verifiquei a exactidão.

O Juiz de Direito,

Amaral Pereira.

Agua da Curia

Mogofores

As unicas aguas sulfatadas-calcicas que existem no paiz, similares ás famosas aguas de Contrexéville, nos Vosges (França).

Antonio Pereira de Carvalho

Proprietario dos Grandes Armazens de Bicicletas, Maquinas de Costura, Pianos e toda a qualidade de acessorios.

A maior e mais antiga casa no genero

Oficina para todos os concertos, afinações e reparações em bicicletas, motocicletas e máquinas de costura.

Artista mecanico habilitado.
Vendas, alugueis e trocas.

Preços sem competencia

34—Avenida Navarro—36

(Estrada da Beira)—COIMBRA

DR. AVELINO FARIA

Advogado

CANTANHEDE

Dá consultas aos domingos em

ARAZEDE

de outubro em diante e trata de qualquer questão no tribunal de Montemor-o-Velho.

Aqua do Alardo

(Castelo Novo—BEIRA BAIXA)

A melhor e mais pura agua de meia

Excelentes resultados em tratamento de doenças de estomago, figado, gota, obesidade, etc., etc.

TITTEL, MACIEIRA, & C.

Rua Alves Correia (antiga rua de S. José)
233 a 237 — LISBOA

Telefone: Norte 1138

Aceitam-se revendedores em todas as localidades onde ainda os não haja.

DINHEIRO

EMPRESTA-SE, mediante boa garantia. Nesta redacção se diz.

ANTIGO ESTABELECIMENTO

— DE —

Mercearia, Tabacos e Fazendas brancas

— DE —

João Antonio Rodrigues

(SUCESSORES)

Montemor-o-Velho

Nesta casa se encontra um completo sortido em assucar, chá, café, manteiga nacional e ingleza, biscoitos, bolachas, massas, bacalhau, gênebra e vinhos do Porto.

Ferragens, prego de arame e de ferro, panelas de ferro, rastilho, chumbo em barra e para caça.

Fosforos e Tabacos, por atacado. Também vende pelos preços de Lisboa, farinha de trigo, cimento Portland, vidraça, telha de vidro e velas de cera.

Preços resumidos

GRATIFICA-SE BEM

a quem dê informações de que resulte a condenação por fraudes praticadas com prejuízo dos exclusivos de fosforos e isca (e dos interesses do Estado, da Companhia concessionária e do comércio legítimos acendedores, algodão ou qualquer outra matéria apresentada de forma e servir de isca, fabricação ou venda de chita com preparo inflamável, isca em cordão vendida fraudulentamente a título de cordão de sacos, etc., reservando-se a Companhia concessionária intentar a respectiva ação civil de perdas e danos contra os delinquentes, independentemente da multa do Estado nos termos da legislação em vigor. Gratifica-se generosamente guardando-se a maior discreção. A Companhia logo que recebe informações fidedignas enviará a qualquer ponto do país agentes da fiscalização para proceder às necessárias diligências. Dirigir-se pessoalmente ou por escrito à Companhia Portuguesa de Fosforos, 139, rua de S. Julião, Lisboa.

ADUBOS

MELO & MARTINS

PAMPILHOSA DO BOTÃO

Fabricantes dos bons adubos compostos da marca registada

PEIXE

Chamamos a atenção dos srs. agricultores para fazerem uma experiência dos nossos adubos, devido ao seu magnífico resultado os adoptarão de preferência a qualquer outro.

AZEITE

Para revenda e em grandes quantidades, vendemos de excelente qualidade.

Alugam-se Automóveis

MELO & MARTINS

Pampilhosa do Botão

A FUNERARIA EM PEDRA

— DE —

FRANCISCO A. DOS SANTOS, FILHO

RUA DIREITA, 139 a 149

COIMBRA

Esta oficina encarrega-se de todo o trabalho de jazigos, mausoleus, campas, cantarias e ornamentações, tanto em calcareo como em marmore, a qual tem desenhos de jazigos, para escolher, em estilos antigos e em ARTE MODERNA.

Tem depósito de bancas de cosinha e mausoleus em lousa preta.

Encarrega-se também de fazer esculturas, bustos em pedra, barro, gesso, etc.

Toma conta de qualquer trabalho fora de Coimbra

Contra Roubo e Contra Incêndio

**Grande economia
Seguro de Mobiliário**

Por \$20 por cada \$1000 de valor, isto é pelo que se pagava só pelo risco de fogo «A MUNDIAL» segura numa só apólice os riscos de INCÊNDIO e ROUBO. É tão necessário o seguro de ROUBO como o de FOGO.

A MUNDIAL

COMPANHIA DE SEGUROS

Capital, Escudos . . . 500.000\$00

Reserva em 1915 . . . 102.007\$74.1

Séde em Lisboa — Rua Garrett, 95 — Telefone 4084

Telex — MUNDIAL

Delegação no Porto — Pinto da Fonseca & Irmão
Praça da Liberdade, 138

Hospedaria do Paço do Conde

JOSÉ DOS SANTOS

Rua Adelino Veiga, 36 a 40 — Rua do Paço do Conde, 10

COIMBRA

Vinhos, comidas e tabacos.

Recebem-se comensais por preços modicos.

Camas para pernoitar.

Esta casa, com a transformação porque acaba de passar, melhorou consideravelmente todos os seus serviços, achando-se habilitada a receber hóspedes de qualquer categoria, oferecendo-lhes comodidades por preços baratos. Esmoro e prontidão no serviço de meia, para o que tem pessoal competente.

O mesmo proprietário negoceia em cereais e legumes de todas as qualidades, tais como farinhas, sêmolas, batata, castanha, palha eufardada, cordas e adubos químicos.

Rua Adelino Veiga — 44, 48

O seu armazém é já muito conhecido.

Telex 379

Oficina-Garage de Coimbra

LOBO DA COSTA & CASTANHEIRA

Grandes oficinas mecânicas para reparações de automóveis; fabrico de carretos, pinhões e coroas em aço; cimentação e temperas; vulcanisação e fundição de metais. Recolha e tratamento. Ensino. Automóveis de aluguer de \$08 a \$20 o quilometro e 9 lotações de 4 a 18 passageiros.

Accessórios, gazolina e óleo.

Transações em carros de 2.ª mão. Serviço especial, para bem servir os ex-mesmos clientes da província.

Rua da Figueira da Foz — 170

COIMBRA

Local conhecido por «Casa do Sal» à entrada da cidade pela estrada do Porto.

Telex 502

Telegrams «Garage-Coimbra»

Ano 5.

Montemór-o-Velho, 11 de Junho de 1916

N.º 223

O DEVER



Semanario defensor da união da familia Portuguesa

Pátria e Humanidade

Director, Proprietário e Administrador — Almeida Junior

Luiz de Camões

Passou ontem o 336.º aniversario da morte do príncipe dos poetas portuguêses.

Alma ardente, coração de verdadeiro patriota, Luiz de Camões, na sua imortal obra que tanto engrandeceu o nome português, os *Luziadas*, soube cantar, nas mais sublimes estrofes, as glórias de Portugal.

Na sua encantadora obra encontram-se versos repassados de tanta unção patriótica e polvilhados de tanta arte e magnificência que, ler os *Luziadas*, é receber uma encantadora lição de patriotismo e de acendrado amor pelos que, através os oceanos revoltos, souberam tornar temido e respeitado o nome português.

O infotunio, porém, perseguiu o grande e incomparável Poeta, a ponto de o lançar para um miserável canteiro dum hospital de Lisboa.

Deve-se à generosidade de um escravo jau o facto de Camões não haver morrido de fome, pois para ele mendigava pelas ruas da capital.

Triste e cruel destino!

A patria — que o valente soldado nunca deixou de amar com o mais enternecido afeto — pagou com ingratidão os serviços que ele lhe prestou com o mais notável desassombro, concedendo-lhe uma pensão de uns 40 reis por dia ao sair a lume, em 1572, a primeira edição dos *Luziadas*.

Triste e irrisoria quantia!

Quantos indolentes, que à patria serviços alguns prestam e nas letras e nas artes são umas verdadeiras nulidades, apanham grossa fatia á mesa do orçamento?

A vida é cheia de dores e de surpresas!

Mas esqueçâmos as desditas que tanto martirisaram Luiz de Camões.

Ao registar hoje o nome do imortal Poeta, outro motivo nos não impele além de o apontarmos ás novas gerações para que no nome do ilustre português bebam os preciosíssimos exemplos do amor á patria, cujos destinos Camões viu entregues a um

pobre louco influenciado pela maldita casta jesuítica.

Aprendâmos na sua grande obra, os *Luziadas*, o amor que nos inspira a patria portuguesa, que no actual momento reclama a inergia e a serenidade de todos os seus filhos e déla seremos dignos, como o foi o grande e genial Poeta!

Seixo de Gatões.

Constantino Gomes Tomé.

Páginas sóltas

Solha dispersa . . .

Vinte e cinco de maio.

Tenho sob os olhos, em cima da pasta onde escrevo, uma folha de papel de ofício amarelecida e em que a mão por certo fina e delicada de uma senhora tracejara algumas linhas ha vinte e um anos; está datada de 25 de Maio de 1895.

Naquela letra, bem traçada, um pouco meada mas que não tem inveja á chamada letra da moda, adivinho a alma bondosa e a linhagem quicá aristocrática de quem a escreveu... E depois, na simples meia folha de papel amarelecida e até encarquilhada por já ter servido de embrulho a um rôlo de cadernos, ha além de duas assinaturas autografas, três caligrafias distintas: a de quem fez o ofício, a de quem o assinou, a de quem lhe deu deferimento.

Esta folha de papel, dispersa por certo ha cinco anos do arquivo próprio, vira — sabe Deus depois de quantas voltas! — parar ás minhas mãos como invólucro duns cadernos... Mal imaginaria a piedosa senhora que a escreveu ao que ela iria dar passados vinte e um anos!

Por uma curiosidade natural puz-me a lê-la e o meu primeiro pensamento foi para o incansável colecionador de velharias escritas que, sacudindo-as da poeira do tempo, da noite do passado, as faz ressurgir reconstituindo caracteres, descrevendo costumes, analisando épocas: — Julio Dantas. Ter-lha-hia enviado se o seu valor histórico fosse de vulto, mas assim, vai por cópia para as páginas sóltas do «Dever».

Trata-se dum ofício ou petição da superiora dum convento desta cidade, extinto após a Revolução, e que tem no alto o deferimento escrito e assinado pelo então bispo do Porto, o cardeal D. Americo, ha muito falecido.

E resa assim o dito documento que transcrevemos textualmente, respeitando a ortografia:

«Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Snr.

Diz a Superiora da Visitação de Santa Maria desta cidade, que desejando fazer erigir na sua Igreja a Confraria de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, para fomentar a piedade dos fieis e sendo muito conveniente que ella seja agregada á Archiconfraria estabelecida em Roma em

Redactor Principal
Virgilio Marques

Secretario da Redacção e Editor
Abel M. de Melo Brandão

Red. e Adm.—R. Dr. José Galvão—Montemor-o-Velho
DIRECÇÃO LISBOA—Hotel Porto, R. do Amparo, 12
TELEFONE 364

(para onde deve ir a correspondencia)

Não se restituem originais, embora não se publiquem

Composição e Impressão — Tip. Silva (a vapor)
AVEIRO

Concurso literario

V I

Trovas de Zélia

No triste missal da vida
aprendi tudo o que sei,
e muita ilusão perdida
nessas folhas encontrei.

Minha mãe, minha mæsinha
muita vez a vi chorar,
por ser pobre, coitadinha,
não ter nada que me dar.

Já farto de sofrimento,
cancado de labutar,
desejo a cada momento
a triste vida acabar.

A' campa baixar eu quero
e morrer junto de ti,
este desejo sincero
por outra nunca senti.

E' simpies este desejo,
que talvez, satisfarei,
receber na morte um beijo
daquela que tanto amei.

Eu hei-de morrer cantando
depois de tanto sofrer.
Passei a vida chorando
alegre quero morrer.

José Neto.

1871, afim d'esta lhe comunicar tência me veio ter ás mãos para sobre ele fazer a crónica fugidia dumas paginas soltas...

Como é a «vida» dum papel escrito!

Porto, 25 de Maio de 1916.

Aurea Judit Amaral.

Falta de milho

E', mais do que nunca, manifesta a falta de milho no nosso concelho, a despeito da autoridade administrativa, juntamente com o sr. dr. Ismael de Sampaio, terem tratado, com carinho, de debelar a enorme crise que se atravessa.

As populações rurais lutam com dificuldades. E os mercados, nos quais, até aqui, abundava esse género de cereal, ficam agora desertos, não chegando para satisfazer metade do que se deseja, o milho que ali se apresenta á venda.

Temos a convicção de que o milho existe escondido nos celeiros dos açambardadores. E, continuando o sr. administrador do concelho a procurá-lo, com toda a sua boa vontade, algum remedio encontrará que lhe traga mais glórias ainda.

Que os pobres teem fome!...

Horas d'insónia

Por sobre o Tejo, espelhante e reluzente da luz do sol que lhe batia de chapa, ao morrer de domingo ultimo, eu senti a impressão de que o meu barco a vapor me conduzia á Africa.

Alguem, gentil e soridente, que a meu lado, como eu, se sentia extasiado por sobre o Tejo, espelhante e reluzente da luz do sol que batia de chapa nas suas aguas baloicantes, mirava as aguas do Tejo e, a sorrir e a olhar, passou para as minhas mãos o seu binocolo de teatro. Mesmo assim, embora superficial, foi um auxilio aos meus olhos já miope para verem melhor as gaivotas e os barcos sobre os quais, por tanto tempo, a lingua alemã se fez ouvir e a bandeira alemã tremulou ao vento mar largo em fora.

O porto de desembarque era ali perto. E o forte de Palmela, vigilante e açoitado pelas nortadas constantes de dias invernosos, parecia olhar-nos a todos enternecidamente. Eu não sei se vocês, meus amigos, passaram já o Tejo sobre um barquito de pesca, e foram jantar á outra banda, á sombra duma palmeira.

Se foram e tiveram, como eu, um presente de flores e uma abundancia de olhares e de sorrisos; se foram jantar á Cova da Piedade, onde uma morenita engraçada se deixou enamorar de outra morena de olhos calmos e labios a pedir beijos, devem ter sentido, como eu senti, a graça saudavel das duas mulheres enamorando-se assim.

Sou daqueles a quem um dia de descanso no capital parece um ano. Mas se os domingos assim fossem todos, juntando á sombra das palmeiras e tendo por meza um banquito tosco de jardim, a olhar, embevecido, duas morenas que se atraem, uma dando flores e a outra distribuindo olhares e dizendo caricias estonteantes, só uma coisa desejava: — que fossem domingos, ao menos 365 dias em cada ano.

E depois, ao voltar para casa, sentir a saudade do campo e o tédio por este labirinto da cidade que, roubando á Natureza o que ela tem de mais belo — a paz das aldeias e a simplicidade dos campos — ainda nos consome a nós, num abrir e fechar d'olhos, todo o oxigenio que fomos buscar atravessando o Tejo num barquinho a vapor.

ALMEIDA JUNIOR.

Cartas a uma infeliz

Minha boa amiga:

A tua penultima carta fez despertar no meu coração a necessidade de revelar-te o desejo que nêle impéra.

Não estou ainda mobilisado, mas o meu espirito é, desde os primeiros instantes da crise, a sentinel vigilante desta linda terra portuguesa!

Os santos clamores da tua voz bendita fizeram despertar tão profundamente no meu coração a vontade de combater, como se fossem as notas de um clarim entoando o primeiro sinal de combate! Arrebataron tão profundamente a minha alma, incendiaram tão intensivamente o atavide de meu coração que fizeram esquecer-me para todo o sempre o que de mais belo supunha existir neste mundo de mortais efemeros — *O amor!*

Como as tuas palavras alimentam a Esperança de meus sonhos!

Como te agradeço os favores e as pre-

ces que fazes e imploras da Providencia pelas prosperidades de nossas glórias!

Como admiro a coragem de que se revestem as cordas sensíveis da tua alma! Ah! minha querida, se soubesse quanto é doce morrer em defesa da Patria-mãe; quanto é orgulhoso ter como mortalha a nossa querida Bandeira, nunca julgarias o maior sacrifício de tua vida o veres-me partir para o campo da honra, e morrer pela causa sagrada da Liberdade!

Não sei se partirei... mas se houver de partir, apenas uma lagrima te peço por sobre a minha lousa ao saberes que morri...

Não chore eu embora ardendo de saudades, porque se houver de partir em defesa d'este torrão tão belo e tão formoso, d'este estremoso e querido berço de Camões e Nun'Alvares, apenas me vangloriarei em contribuir com a quota parte de meu sangue para a paz de nossas famílias e felicidade de nosso lar!

E tu, meu amôr, quando chorares a ausencia dum bem querido que peleja além-fronteiras, ouvires a tempestade agitar os troncos senis das arvores, e rugir... rugir delirantemente as ondas tempestuosas do vento, é a saudade que me invade o coração e enluta a existencia que parte como vagabunda cortando os ares, em procura do som melodioso da tua voz, que hoje faz reviver a crença do

Teu
Leopoldo.

Dr. José Cristino

Passou no dia 6 o aniversario natalicio d'este ilustre facultativo municipal da vizinha vila de Veride e nosso devotado amigo.

Cumprimentando o talentoso medico, que de tanta simpatia gosa no nosso concelho, por ser um funcionario zeloso e um caracter de eleição, o Dever deseja ao dr. Cristino as maiores felicidades e a repetição, por largos anos, do dia 6 p. passado.

FORA DA LEI

A junta de paroquia da freguesia de Reveles, do nosso concelho, está fóra da lei.

Possuindo uma sala de sessões, devidamente apropriada, com todos os objectos indispensaveis ao seu funcionamento, na igreja matriz, nunca ali reuniu para deliberar. Está proibido, e são de nenhum valor as reuniões fora do local para isso destinado, e muito mais a gravidade se acentua quando essas reuniões colectivas tem logar numa casa particular e fora da sede da respectiva paroquia.

Por certo que o sr. Governador Civil do distrito desconhece que a Junta de Paroquia de Reveles reune e delibera em casa do proprio presidente, na Abrunheira, com a agravante de alguns vogais da mesma junta não poderem assistir ás sessões por estarem de relações cortadas com o aludido presidente.

Nestes termos, vai ser levado o competente recurso, e serão nulas todas as sessões efectuadas até hoje, devendo os culpados ser punidos em conformidade com as leis da Republica, que nos parece não são ainda letra morta.

O que é para extranhar é que tamанho atentado á logica e ao direito civil se venha praticando, impunemente, ha 3 anos, sem que ninguem se lembrasse de lavrar o seu protesto.

O sr. Governador Civil deve pôr cobro a tal abuso, sob pena de,

não podendo agora alegar ignorancia, nós o julgarmos conivente com tal falta.

O Dever só agora teve conhecimento do facto e apressa-se a levá-lo ao conhecimento da autoridade superior do distrito, podendo garantir que ele é, de ha muito, conhecido da camara municipal desse concelho, cujo presidente habita a dois passos da casa onde ilegalmente as sessões da junta se veem efectuando.

Camara Municipal

Reuniu hontem, em sessão plenaria, a Camara Municipal, que aprovou o segundo orçamento suplementar; tomou conhecimento de pequeno expediente e tratou de varios assuntos de pouca importancia.

Cartas de um pobre

Decorridos uns dias de ausencia volto, novamente, a dar largas ao meu coração que a saudade mortificou durante a tua repentina fugida que eu classifiquei de misteriosa...

Meus olhos, em vão te procuraram e minha alma, que um pessimismo, talvez injusto, entristeceu, traduziu, ainda que palidamente, na ultima carta, a sua magua.

Quente e expansivo porque sou meridional, impulsivo porque sou novo, num repentino excesso de franqueza, provocado pela dôr dum afecto não correspondido, deixei correr livremente sobre o papel um sentido desalento, que, só hoje, vejo quão irrefletido ele foi.

Mas agora que a nudez da verdade desvenda essa misteriosa fugida, não abrigues, em teu coração generoso, o mais leve ressentimento.

Cala em teu peito o que o meu coração sente, meus olhos te dizem e consentem que te amo, ainda que t'no não diga, porque não quero tentar despertar um sentimento, desabrochar uma flor, que o teu calor não pode alimentar.

A tua ausencia fez-me saudades, saudades que deixam um vestigio inapagável e, até ás vezes um tanto de sangue!

E saudades, quem as não sente?
Jorge das Neves Larcher.

Postais ilustrados

Caro Estica:

Não quero fazer esperar a minha resposta, visto como o precário estado da tua viscera gastrica me assusta sobremaneira. Li com duplicado interesse o teu postal e juntamente aquela censura sinhá que, verdade seja, não corta, nem ofende, antes muito pelo contrário te exalta ás culminancias olimpicas do Parnaso. Conhecendo a tua desmesurada modestia, calculo que devias ficar excitadissimo como uma lesma.

Realmente não era elogio que te dêssem depois duma versalhada daquelas, a ti, cujo valor todos reconhecem e que se ainda não fizeste um poema foi por falta de asunto, nem publicaste um livro por carencia de editor. Ainda assim te dou razão. Acreditar que se estudam as subsistencias é crer piamente na vinda do Anti-Cristo que ha-de entortar mais o mundo.

E' certo que te podias apresentar um pouco mais *dandy*, de colarinho engomado e pelo menos um chapéu de côco. Mas eu conheço o

teu feitio. E's um homem que não te preocupa com as fórmulas bi-quadradas da sociedade moderna. Preferes a extracção da raiz exacta das coisas.

Em verdade não te censuro por esse poetico rebento que, depois de alguns anos, parturejaste. Esse fenómeno dá-se até com muitas doenças. Ando agora a ler um tratado de doenças dos ossos, das juntas, etc. Ha uma doença bastante vulgar que afecta a medula dos ossos dos adolescentes; pôde ser aguda ou cronica e, facto curioso, comum a muitas outras, pode reaparecer passadas muitos anos.

Da mesma forma a medula rquitica dos amantes e sonhadores é atacada pelo microbio do lirismo. E por um fenómeno analogo ao mibrubismo latente — o poetismo latente — se pode explicar a tua producção.

Não desanimes, antes me envia os tens ilustrados com as tuas impressões.

A' falta de generos, que seriam o teu maior anceio, dá-te um abraço. Tenho um assunto de tomo a tratar, mas o tempo corre e a vida é curta.

Teu
Magrizola.

DOENTES

Está gravemente doente o sr. dr. Francisco Luiz Coutinho da Silva Carvalho, dignissimo conservador do Registo Predial deste concelho e sogro do sr. dr. João Batista Loureiro, ilustre sub-delegado de saude. Desejamos as melhores do bondoso doente.

— Tem estado muito encomendado de saude, o nosso prestante amigo sr. Azul Paiva de Carvalho, antigo director da Verdade e acreditado comerciante na vizinha freguesia de Pereira do Campo.

— Também se encontra doente o nosso simpatico amigo Mario Augusto da Silva, aluno do liceu de Coimbra e um dos novos que mais promete pela sua inteligencia e amor ao estudo.

A ambos desejamos pronto restabelecimento.

Carta de Coimbra

Ainda a charada. — Finalmente apareceu quem, humoristicamente, tivesse decifrado a charada que, com a devida vena, transcrevi do jornal «O Debate» e a qual apelidei de «bicuda» para lhe não chamar uma tremenda vergonha do município dessa cidade.

Tenho no entanto, a dizer ao senhor *** que, com dificuldade, acredito que esse tal *edil da cabeça quentinha* fosse até à Vinicola, pois s. ex.^a tem um horror enorme ao sangue pelas valetas, dos braços e pernas partidas, cabeças rachadas, e o que poderia acontecer como consequencia dos efeitos da admiravel *pinga* do referido armazem.

Enfim, V. Ex.^a, que tão habilmente tentou decifrar este enigma, não reparou em que, encobrando-se comodamente, criava um outro, qual seja o de adivinhar, por meio de trez asteriscos, o nome da pessoa que tão amavelmente se me dirigiu e que, para mim, teve palavras que reputo elogiosas de mais.

Festival. — Decorreu animado o festival promovido pelo simpatico «Jardim Escola João de Deus». Foram visitados e louvados os trabalhos dos alunos.

Revista. — Consta que brevemente aparecerá uma revista futurista. Bem vinda! M.

Poetas e Prosadóres**Ferro em braza!**

(Cartas duma mulher extraordinária)

MEU AMIGO:

«Quem é o juiz da mulher? O homem que a despenha do abismo, onde a lançou o amor, ao abismo do oprobrio.»

«É o homem, que lhe entalha o ferrete da ignomínia na face onde imprinia o beijo da perdição.»

«O altar onde se adora uma mulher é ao mesmo tempo a arca onde ela se dá em holocausto. Pecadora por muito sentir e chorar, amar e crer, quando nos abre céos e céos de alegria e glória, abrimos-lhe nós o inferno dos desenganos, e o suplicio extremo do descredito. O mundo não as exila, mas afronta-as; o coração não as incrimina, mas agonia na horrível soledade para onde a razão o desterra!»

«O Filho de Maria disse que a mulher era igual ao homem, e levou para o céo o segredo da sua emancipação!»

«Do que fazem mulheres?

C. Castelo Branco.

Vou falar da emancipação da mulher! Porque o homem lhe nega, simplesmente, um pouco de luz reanimadora?! Mais do que por isso.

Homens, quem sois vós? Tiramos que, com as trevas da ignorância, nos inibis de realizar os nossos pensamentos; e no entanto a mulher é a mais nobre obra da criação!

Não falo por ser mulher; falo, sobretudo, porque me tortura ver a sua ignorância em face da sua nobre função social. E' a mulher que lega à pátria os seus filhos e os seus esposos, chorando silenciosamente a sua perda. Ha quem diga que a mulher é pobre de espírito. Sim; é talvez, por amar e sofrer, por esse outro ser desnaturado e vil chamado homem; porque só ela sabe abafar dentro do seu seio os gemidos doutro ser; porque só ela possui as faculdades proprias para fecundar; por só ela se deixar morrer pelo filho das suas entranhas, do seu amor. Se a mulher é pobre de espírito, para que se ligam os homens a essas criaturas, para fazerem gerar um novo ente à sua semelhança?!

Precisam de nós, precisam das mulheres, para realizar o fim dos seus brutais desejos! Sim, é naturalmente assim chamada porque facilmente se deixa iludir por uma cantata de amor! O homem que vê na mulher somente o fim dos seus brutais desejos, é, sem dúvida, um selvagem!

A mulher é o unico ente a quem foi concedida a fecundidade; é ela que oculta no seu ventre o fruto das horas de prazer; é ela que sofre para dar a vida da sua vida; são os seus braços que servem de berço aos seres filhos do seu amor; e, os primeiros vagidos do filho querido abafa-os ela no coração: Eis a sua nobre missão de mãe!

E o homem, o sexo forte, que faz? Em quanto a mãe se estorce em dores terríveis, oculta a cabeça entre as mãos, fecha os olhos e murmura: que covarde fui!

A mulher é fraca, o homem é selvagem; a mulher é pobre de espírito, o homem um pusilamine.

A mulher é fraca porque, durante anos e anos, sabe acalentar dentro de seu peito as ardências de mil e um desejos do seu companheiro. Mas o homem é o feroz selvagem que a engana e atraiçoá e, por fim, a desilude e abandona.

A mulher sofre; o homem gosa pela satisfação de seus desejos.

O homem escarnece-a e leva-a até á prostituição, onde a obriga a vender-se no infecto prostíbulo, legando-lhe a desonra ainda que o seu lar seja dos mais honestos.

Quantas vezes o homem ri ao vê-la padecer por não ter pão para dar aos filhos?

Quantas vezes ela lhe lega a vida e ele a entrega á prostituição?

Se ha prostíbulos e lupanares ao homem os devemos.

Bem sei que, para a propagação da especie, é necessário o conjunto de ambos, mas quantas vezes os filhos não pagam as loucuras dos pais, sofrendo a hereditariade dos seus vícios, das suas enfermidades?!

E a que deve a mulher o seu abatimento? A sua ignorância! Muitas vezes são os seus sentimentos a causa de tantos infortúnios! Mas, lembrai-vos, mulheres, que Lucrecia murmurou: «Ninguem pode invocar o meu nome ao ver-se desonrada!»

Homens: ajudai a erguer a mulher, ajudai-a na sua emancipação! Não a abandonais! Lembrai-vos que a mulher é esposa e mãe!

Homens: erguei bem alto a dignidade da mulher, não a difameis, não a deshonreis, beijai-lhe antes a face macerada e murmurai: «Amote companheira da minha existência, que tanto comparticipas das minhas alegrias como sofreres, resignada, a agudeza das minhas desventuras!»

Regina Bentes.

N. da R. — Publicando integralmente esta produção literária da nossa apreciada colaboradora, snr. D. Regina Bentes (pseudônimo), que, pela sua feição violenta e fraseologia caustica, bem se pode considerar um anátema furibundo ao sexo a que nos honramos de pertencer, temos em mira simplesmente isto: dar-lhe direito a que plenamente expanda o seu odio ao homem que, a despeito de todas as suas censuras, é, e continuará sendo, o ente que valorisa e engrandece a mulher. No entanto, nós, que conhecemos de perto a snr. D. Regina Bentes, que, por sinal, possue uma formosura em manifesto contraste com a fealdade dos seus utópicos ideais adentro do campo do amor, fazemos-lhe a justiça de considerarmos as suas palavras o resultado dum descuido da pena e nunca o fruto dum sentimento albergado na sua alma que vizionamos tão delicada e lépida como um coração de pomba...

Então esquecer-se-ha, acaso, v. ex.^a dos nossos melhores poetas que tanto e tão bem teem divinizado e cantado o seu sexo? Ah! Não cremos!

E v. ex.^a medite, manuseie e reveja-se no espelho dos soberbos canticos do grande Monsarás, por exemplo, e verá que, para esquecer a maldade da maioria dos homens, bastam duas dezenas dos melhores versos dos nossos poetas...

CÃES

A camara queixa-se constantemente da falta de dinheiro, que não tem receita, etc., e consente que por toda a parte, na sua área administrativa, os cães andem à solta, estando os donos fora da lei, com a

agravante de se repetirem, constantemente, os casos da hidrofobia.

Não somos apologistas da extinção dos animais, mas muito desejavamo que se dificultasse a sua posse por meio da aplicação de penas aos que tanto abusam.

E depois... será mais uma fonte de receita.

Em Verride

A guerra não passa de ser o assunto palpitante de todas as conversações. Mas a guerra não é hoje para nós, portugueses, o que a cognominou Leduc, «a prova de origem mais bestial que possue o homem», porque o nosso lar está aberto ao lado daqueles que combatem contra a soldadeira selvagem e hedionda de um imperador que se dá ares de ser o Deus da terra, e se calhar do... céu!

— O ilustre capitão Ernesto Cubal Pestana Lopes, realisa brevemente uma conferencia sobre a guerra, na sede da Sociedade I. M. Preparatoria n.º 43 desta vila.

— As raparigas cá da vila, juram pelo seu santo (o João) que não deixarão de dar meia duzia de voltas e reviravoltas no seu dia. Para que serve estar triste, na verdade as cachopas teem razão porque a vida são dois dias, e depois chegará a hora de ajuste de contas com o... santinho.

— Partiu para Lisboa a sr.ª D. Maria Amelia Marçal Nunes, estremecida esposa do sr. João Marçal Nunes, proprietario da casa Jerónimo Martins & Filhos, da capital.

— Regressou de Lisboa a sr.ª D. Eugénia de Castro Guimarães, importante proprietaria e capitalista nesta vila.

— Encontra-se completamente restabelecido o nosso amigo sr. Manuel Rodrigues Rolo, conceituado negociante.

Secção de charadas**EM VERSO**

(Ao distinto charadista Domingos Pires)

Amor é ilusão que finda—3
No peito do desgraçado—1
Que venturas lembra ainda...
E' sonho já consumado!

Nitrato.

EM FRASE

Que acida e a vogal comparando-se com a doçura deste pseudônimo—2, 1, 2.

**

Não vês além prender um homem—2, 2.

**

Na musica temos a queixa—1, 2.

Leiria.

Rosa.

ANUNCIOS

Empreza das aguas
Minero-Medicinaes

DE

Pizões-Moura, L. da

Magnífico preventivo contra o tifo

Esta agua, recomendada por abalizados medicos, é utilizada com o maior exito no tratamento das afecções intestinais, bexiga, rins e estomago, podendo usar-se sem o menor receio, antes com enorme vantagem, como agua habitual de meza.

Usando esta agua obtém-se boas digestões.

Adoptando-se permanentemente, está-se ao abrigo de febres infecções adquiridas vulgarmente pelo uso de aguas inquinadas.

Analise química e bacteriológica de C. Von Bonhorst.

Bacteriologicamente: PURA.

Depósito geral:—Rua Jardim do Rededor, 27—Lisboa.

Pedi-la nos bons estabelecimentos.

Antonio Pereira de Carvalho

Proprietario dos Grandes Armazens de Bicicletas, Maquinas de Costura, Pianos e toda a qualidade de acessorios.

A maior e mais antiga casa no genero

Oficina para todos os concertos, afinações e reparações em bicicletas, motocicletas e maquinas de costura.

Artista mecanico habilitado. Vendas, alugueis e trocas.

Preços sem competencia

34—Avenida Navarro—36

(Estrada da Beira)—COIMBRA

DR. AVELINO FARIA

Advogado

CANTANHEDE

Dá consultas aos domingos em

ARAZEDE

de outubro em diante e trata de qualquer questão no tribunal de Montemor-o-Velho.

ANTIGO ESTAB ELECIMENTO

— DE —

Mercearia, Tabacos e Fazendas brancas

— DE —

João António Rodrigues

(SUCESSORES)

Montemor-o-Velho

Nesta casa se encontra um completo sortido em assucar, chá, café, manteiga nacional e ingleza, biscoitos, bolachas, massas, bacalhau, genebra e vinhos do Porto.

Ferragens, prego de arame e de ferro, panelas de ferro, rastilho, chumbo em barra e para caça.

Fosforos e Tabacos, por atacado. Tambem vende pelos preços de Lisboa, farinha de trigo, cimento Portland, vidraça, telha de vidro e velas de cera.

Preços resumidos

GRATIFICA-SE BEM

a quem dê informações de que resulte a condenação por fraudes praticadas com prejuízo dos exclusivos de fosforos e isca (e dos interesses do Estado, da Companhia concessionária e do comércio legítimos acendedores, algodão ou qualquer outra matéria apresentada de forma e servir de isca, fabricação ou venda de chita com preparo inflamável, isca em cordão vendida fraudulentamente a título de cordão de sacos, etc., reservando-se a Companhia concessionária intentar a respectiva ação civil de perdas e danos contra os delinquentes, independentemente da multa a Estado nos termos da legislação em vigor. Gratifica-se generosamente guardando-se a maior discreção. A Companhia logo que receba informações enviá-las a qualquer ponto do país agentes da fiscalização para proceder às necessárias diligências. Dirigir-se pessoalmente ou por escrito à Companhia Portuguesa de Fosforos, 139, rua de S. Julião, Lisboa.

A DUBOS

MELO & MARTINS

PAMPILHOSA DO BOTÃO

Fabricantes dos bons adubos compostos da marca registada
PEIXE

Chamamos a atenção dos snrs. agricultores para fazerem uma experiência dos nossos adubos, devido ao seu magnífico resultado os adoptarão de preferência a qualquer outro.

AZEITE

Para revenda e em grandes quantidades, vendemos de excelente qualidade.
Alugam-se Automóveis

MELO & MARTINS

Pampilhosa do Botão

A FUNERARIA EM PEDRA

— DE —

FRANCISCO A. DOS SANTOS, FILHO

RUA DIREITA, 139 a 149

COIMBRA

Esta oficina encarrega-se de todo o trabalho de jazigos, mausoleus, campas, cantarias e ornamentações, tanto em calcareo como em marmore, a qual tem desenhos de jazigos, para escolher, em estilos antigos e em ARTE MODERNA.

Tem depósito de bancas de cosinha e mausoleus em lousa preta.

Encarrega-se também de fazer esculturas, bustos em pedra, barro, gesso, etc.

Toma conta de qualquer trabalho fora de Coimbra

Contra roubo e Contra Incendio

Grande economia
Seguro de Mobiliário

Por \$20 por cada \$1000 de valor, isto é pelo que se paga só pelo risco de fogo. «A MUNDIAL» segura num só apólice os riscos de INCENDIO e ROUBO. É tão necessário o seguro de ROUBO como o de FOGO.

A MUNDIAL

COMPANHIA DE SEGUROS

Capital, Escudos 500.000\$00

Reserva em 1915 102.007\$74.1

Séde em Lisboa — Rua Garrett, 95 — Telefone 4084
Telegрафo — MUNDIAL

Delegação no Porto — Pinto da Fonseca & Irmão
Praça da Liberdade, 138

Hospedaria do Paço do Conde

JOSÉ DOS SANTOS

Rua Adelino Veiga, 36 a 40 Rua do Paço do Conde, 10

COIMBRA

Vinhos, comidas e tabacos.
Recebem-se comensais por preços modicos.
Camas para pernoitar.

Esta casa, com a transformação porque cabia de passar, melhorou consideravelmente todos os seus serviços, achando-se habilitada a receber hóspedes de qualquer categoria, oferecendo-lhes comodidades por preços baratos. Esmero e prontidão no serviço de meia, para o que tem pessoal competente.

O mesmo proprietário negoceia em cereais e legumes de todas as qualidades, tais como farinhas, sêmolas, batata, castanha, palha enfardada, cordas e adubos químicos.

Rua Adelino Veiga — 44, 48

O seu armazém é já muito conhecido.

Telefone 379

Oficina-Garage de Coimbra

LOBO DA COSTA & CASTANHEIRA

Grandes oficinas mecânicas para reparações de automóveis; fabrico de carretos, piões e corôas em aço; cimentação e temperas; vulcanização e fundição de metais. Recolha e tratamento. Ensino. Automóveis de aluguer de \$08 a \$20 o quilometro e 9 lotações de 1 a 18 passageiros.

Acessórios, gazolina e óleo.

Trausães em carros de 2.ª mão. Serviço especial, para bem servir os ex-mesmos clientes da província.

Rua da Figueira da Foz — 170

COIMBRA

Local conhecido por «Casa do Sal» á entrada da cidade pela estrada do Porto.

Telefone, 502

Telegrams «Garage-Coimbra»

Ano 5.

Montemór-o-Velho, 18 de Junho de 1916

N.º 224

O DEVER

Semanario defensor da união da familia Portuguesa

Pátria e Humanidade

Director, Proprietario e Administrador—Almeida Junior

Importante melhoramento

Preciosas aguas minerais — A sua proxima exploração
— Benefícios para Verride — Uma iniciativa louvável

Já o Dever se referiu, por varias vezes, às preciosissimas aguas do Brulho, proximo de Verride, propriedade da ilustre bemfeitora e distinta dama, snr.^a D. Eugenia de Castro Oliveira, fazendo ver a enorme vantagem que traria, e especialmente para Verride, a exploração daque-las aguas minerais.

Com efeito, as curas ali obtidas são inumeraveis. O caminho de ferro é proximo. O panorama, dum vastidão deliciosa, é um panorama como só o são os das margens do Mondego e os dos subúrbios de Coimbra.

Pois bem. A satisfação que sentimos, ao podermos agora noticiar, que seguiu já para Lisboa, para efeitos de análise, uma porção de agua da explendida nascente do Brulho, é enorme.

Depois do exame, que não pode deixar de ser favorável, teremos a construção de chalets, hotel e um lindo estabelecimento balnear, com todas as condições modernamente recomendáveis e exigidas.

A importante vila de Verride terá ali uma grande fonte de receita, e o nosso concelho, de ha muito tão enfeudado e esquecido, um melhoramento que algo o engrandecerá.

Ha outras nascentes no país, que existem em localidades desprovidas de todos os meios de transporte, sem locomoção a vapor, nem condições de vitalidade, e elas lá avançam, exploradas, propagandeadas por empresas

ou particulares que se não pouparam a sacrifícios para as desenvolver.

Aqui bem perto temos nós duas estancias balneares, de maravilhosas aguas sulfurosas, mas que, devido à insalubridade do seu solo, não podem produzir os efeitos desejados por serem pouco frequentadas.

Referimo-nos á Amieira e ao Bicanho. Todavia, veja-se os esforços extraordinários que os exploradores dessas nascentes tem feito no sentido de tornarem prósperas essas estancias.

E em Verride ha iniciativa. Deve, pois, haver boa vontade.

O povo é generoso, e merece que o engrandeçam, que ele, quando se trata de sacrifícios, não olha a meias medidas.

Por outro lado, não é só o povo que beneficia do melhoramento. A snr.^a D. Eugenia d'Oliveira, posto que não precise do auxílio dos lucros que as aguas lhe possam dar, verá ao menos que não foi em vão que engrandeceu a sua terra dignificando-se e dignificando o seu povo.

Felizmente que nestas questões não pode haver política. Porque, não fugimos á tentação de o dizer: se a politica aí pudesse meter bico, nunca se conseguia coisa alguma.

Montemór está assim! Ha politica e políticos? Pois bem. Tudo feito. Ou, pelo menos, tudo prometido.

Soguetes sem... bombas

Este caso da passagem da freguesia de Reveles para Abrunheira tem fornecido matéria para tudo: para chorar, para cantar e para rir ás galhofadas. E até, ha dias, forneceu foguetes sem... bombas.

Notas

Soguetes sem... bombas

Este caso da passagem da freguesia de Reveles para Abrunheira tem fornecido matéria para tudo: para chorar, para cantar e para rir ás galhofadas. E até, ha dias, forneceu foguetes sem... bombas.

E os senhores tomem isto a sério: Meia duzia de cidadãos, do proprio lugar d'Abrunheira, não se lembraram — que ratões! — de ir á porta do dr. Martinho de Brito deitar foguetes

sem bombas em acção de graças pelo seu valor... político, por sua ex.^a ter prometido, a todo o custo, a passagem da freguesia para a sua terra? É fantástico, mas é assim. E' que o partido democrático não pôde sacrificar-se a caprichos...

Instrução, para quê?

A Camara Municipal cá do burgo, jurou uma guerra sem treguas á instrução.

Instrução, para quê?! Luz temos por cá nós em demasia, demais a mais agora, com as lindas noites de luar e a magnifica iluminação que a mesma conspicua Camara nos fornece. Esta-

mos muito bem servidos, embora as cento e cincuenta crianças, da freguesia de Reveles, estejam perfeitamente ás escuras de luz intelectual.

Querem instrução? Procurem-na noutras localidades cá do concelho, onde umas certas licenças e ausências de determinados professores fazem disto um *camulo* de intelectualidade. Escola em Reveles, já mais haverá, embora seja oferecida casa de *borla*.

A Camara não quer desgostar os seus amigalhações e vai d'az... o snr. ministro de instrução deve mandar louvar estes benemeritos.

Capelões

Os inimigos da Republica têm-se farto de explorar com a questão dos capelões militares, que devem acompanhar as expedições, por o governo não ir no *bote* das suas santas *ladas*-nhas.

Pobres santinhos! Não querem mais nada? Vejam lá! *Paparoca* e dinheiro talvez seja pouco para quem, do alto do pulpito e na praça publica, não tem feito outra coisa mais do que inspirar nos cerebros fracos uma certa relutância pela mobilização «pedindo a Deus, com fervor, a vitória da Alemanha», como as creanças pedem a Emulsão de Scott.

Vá, senhores do governo, tenham dó e auxiliem estes santos varões, na sua obra *humanitaria e patriótica*.

Vida o pago de!

Isto por cá vai bonito, não haja dúvida! Então não querem vê? A Junta de Paroquia da freguesia de Reveles entendeu que não devia reunir na sua sala das sessões, mas sim em casa do presidente, que é na Abrunheira.

Ora isto não só está fóra da lei, como tem a agravante de alguns vogais não assistirem ás sessões por estarem de relações cortadas com o mesmo presidente.

Pois, apesar de tudo isto, e da Camara ter conhecimento destes factos, não nos consta que deles tenha dado conhecimento ao chefe do distrito, para que este faça entrar na ordem a referida junta.

E viva o pago de! Isto é deles, cada um faz o que quer e a lei é letra morta,

Prestando culto

Dizia ha dias o hilariante Dia que o Manuelsinho da Gaby, no momento em que vergonhosamente fugiu de Portugal, se entretinha lendo uma das melhores produções do eminente critico francez Emile Faguet — *O culto da incompetencia*.

Está compreendido o motivo porque o heroico ex-rei presta culto a tantos dos seus mais acerrimos defensores.

A incompetencia seduziu, como a Gaby, e ele abraçou fervorosamente todos os incompetentes como a abraçou a ela.

O fim da guerra

Alegrai-vos, ó gente timorata da minha terra! que a guerra vai terminar em breve, não dando tempo a que os nossos heroicos soldados cheguem á frente de batalha.

Segundo os calculos que um grande patusco austriaco publicou num

jornal de Viena, o fim da grande conflagração será o dia 10 do 7 de 1916.

E sabeis, caros leitores e gentis leitoras, como o grande matematico encontrou o X do grande problema? Somou a data e o ano em que nasceu Francisco José, com a que foi coroado imperador, juntou a isto os anos ha que governa e a idade que tem, o que perfaz um total de 3832.

Com Guilherme II procede de igual forma, o que perfaz, tambem, o mesmo total. Depois, dividindo qualquer das totalidades por dois, fica 1916. Em seguida soma os dois primeiros numeros desta data, obtendo o numero 10, e fazendo o mesmo aos dois ultimos dá 7.

Aqui tendes, pois, a solução da charada, que nos faz lembrar a de um outro *maduro* que dizia que a aliança entre Jofre e Frech era de tal ordem, que até nos nomes eram aliados. E' justificava-a da forma seguinte:

JO FRE
FRE CH

Ele sempre ha cada maduro...

Eles conhecem-se

Em artigo de fundo do Dia, aquele celebre Pimenta que em tempos idos, nas colunas da Republica, tantos nomes feios chamou ao snr. Moreira d'Almeida, retribuindo-lhe ele na mesma moeda no seu hilariante Dia, enche duas colunas criticando a forma como se faz jornalismo politico em Portugal, quando não tem autoridade para falar, dizendo não gostar que lhe chamem jornalista «porque num paiz em que simples rabiscadores de inépcias são elevados á categoria de companheiros daqueles que foram, nos jornais, semeadores de doutrinas ou apostolos de ideias — não é honra ser jornalista».

E mais abaixo, referindo-se a um artigo que publicou, em que atribuia ao jornalismo politico o ódio que nos envenena, diz:

«Parece que houve quem enterasse a carapuça tão completamente, que ás orelhas ponteagudas se sumiram».

Isto de rabiscador de inépcias com orelhas ponteagudas, deve ser piada ao Crispim da Nação. Eles conhecem-se. E nós não vemos outro a quem sirva a carapuça.

HOMENAGEM A CAMÕES

Na escola central que funciona no Internato Municipal do Porto, e de que é professora a nossa colaboradora D. Aurea Judit Amaral, tendo por colegas os professores: D. Julieta da Fonseca, José Sá Couto e Cândido Branco, realizou-se no dia 10 uma simpatica festa em honra de Camões.

Essa homenagem prestada ao Autor dos Lusiadas foi uma verdadeira lição de educação cívica para as crianças e tornou-se deveras simpatica pela originalidade que revestiu.

A festa realizou-se ao ar livre, de patusco austriaco publicou num

tes tilias derramam a sua sombra. Numa gruta de verdura formada por belas plantas ornamentais, colocou-se numa coluna o busto de Camões velado pela bandeira nacional.

Ao ser descerrado o busto, as crianças entoaram a canção *Camões fez o livro mais belo*, do poeta Lopes Vieira e de Tomás Borba. Os professores fizeram depois preleções simples, apropriadas, e recitaram alguns dos alunos.

Foram entoadas, e com muito mimo, as canções *Portugal é lindo*, *Os Passarinhos*, etc. O director do Internato, sr. José Vieira, que é um erudito e jornalista e orador muito apreciado, falou também às crianças.

Os córós foram acompanhados pela banda de musica do Internato, sob a regencia do seu professor A. Leitão, e que é formada pelos alunos internos.

No final os rapazes em numero de cento e cinquenta cantando a linda marcha *Continencia à Bandeira*, desfilaron, com um certo aprumo marcial, deante do busto de Camões e da Bandeira da Patria.

O professorado foi vivamente felicitado pelo ilustre inspector escolar, sr. Vidal Oudinot, que é um distinto literato, e a quem *O Dever* já se tem referido pela pena brillante do professor Pompeu de Castro.

Aquela festa, apesar de simples, foi uma significativa homenagem ao nome imortal de Camões.

Meu caro Almeida Junior:

(Sobre as suas Horas do n.º 221)

As mulheres d'hoje, para curarem as úlceras ragadas pelas suas proprias mãos, levam aos labios a ânfora onde se contem o balsamo do cristianismo puro, e a ânfora sagrada exala, mal que lhe tocam, as suavissimas fragrancias da nova poesia. Quantas vezes fico a contemplar o seu rosto gentil, esses olhos que intontecem, esses labios purpurinos, parecendo-me que vejo nessas graciosas mulheres o retrato sedutor da formosa de meus sonhos!

Você conhece, Almeida Junior, as minhas inabalaveis convicções, e conhece, tambem, a minha quasi que indomavel organisação psiquica: Presenciou já algumas dessas lutas horriveis, em que meu espirito, arquejante, tentava despedacar as suas teorias, ao fazer-me a leitura dessa misteriosa carta que não firme de mulher escrevera.

Creio ainda escutar-o naquela formosa avenida do Campo Grande, cercada de tilias, cujas folhas tremem ao de leve e produzem manso ruido, quando as agitava uma bafagem de viração noturna...

Quem seria a misteriosa musa que o inspirava, nessa hora fatidica? Misterio!...

Como é formoso o seu ideal! Atravessar o mundo, involto no lúmioso manto da sua impecabilidade! Dar a essa mulher um subido exemplo, e ter na fronte como que o reflexo da imaculada alvura da sua consciencia!

No firmamento sereno e azul ostentava a lua o seu argenteo rosto e eu ouvia, embevecido em extasi, os seus queixumes sem dar ao me-

nos importancia ao gorgiar das vozes das gentis passeiantes que nos olhavam surpreendidas.

São perigosas conversações meu amigo! Mas, se dessas perigosas conversações sae sempre, ligeiramente maculado, o candido véu da inocencia, você, caro Almeida Junior, veja se não se lhe afrouxam os laços que ligam o seu amor á paixão pelo ideal que professa — O bem-estar do proximo.

Um abraço do

Todo seu,
Lisboa, 916.

Pedro Paulo.

Ponte sobre o Mondego

Proseguem com toda a actividade as obras de encontro das avenidas marginais que hão-de ligar à ponte sobre o Mondego. E' um melhoramento importantissimo para esta vila e até para todo o distrito.

O sr. José de Napoles não se tem ultimamente pougado a sacrificios para, junto do sr. ministro do Fomento, levar a obra a bom termo o mais depressa possível.

Antes assim, e que agora não se faça politica com o caso, que é de interesse geral.

Falta de luz... espiritual

Não queremos repetir o que dizemos nas *Notas* sobre a iluminação cá da vila.

Ela agora não nos faz falta. O que desejamos é acentuar, mais uma vez, que a Camara tem o dever de olhar para a reclamação do povo de Reveles, que tem cento e tantas crianças sem escola, oferecendo-lhes gratuitamente em boas condições.

A Camara aumentou, na sessão de sábado, mais 5 %, nas suas contribuições, com o fim de fazer face ao aumento de salario ao professorado do concelho. E' de justiça, pois, que não se esqueça agora da criação da escola de Reveles, cuja necessidade o presidente conhece tão bem como nós. Quando s. ex.ª foi às cadeiras municipais, toda a gente o julgou incapaz de fazer politica, ou de se deixar subornar por politicos. Entretanto, doloroso é confessá-lo, nesta questão de fazer justiça ao povo de Reveles, ha um pouco de politica, e tem havido muito despeito. Porque? Não o diremos ainda.

Por agora, apenas lembramos a prática dum acto de equidade. E mais nada.

Anuncios judiciais

Não acreditamos que se deixem de publicar no *Dever todos* os anuncios judiciais que a lei determina, com o pretexto de que o jornal não é desta vila, como alguém do juizo já afirmou.

O *Dever* tem apenas a sua sucursal em Lisboa, por residir ali um dos membros da redacção, e a lei não pode ser torcida.

Vamos averiguar, pelo *Diario do Governo* destes ultimos anos, os que teem deixado de nos ser remetidos. Nada de sofismas, porque paciencia de mais temos nós tido até hoje.

Carta de Coimbra

13—6—916.

O aniversario da morte de Camões.

Mais um ano passou por sobre esse dia inoivável que é o dia 10 de junho de 1580. Mais um ano, um anno de dores, rolou por sobre essa hora malfadada e triste, pungente e dolorosa, em que o mais estremecido e laureado filho desta terra recebeu atormentado pelos rigores da tempestade da vida e exacerbado pelas vaias petulantes e sarcasticas de vis sabujadores.

O seu aniversario teve este ano, em Coimbra, a devida consagração. Em todas as escolas primarias, institutos de ensino secundario e superior houve palestras alusivas ao acto, verberando-se causticamente a indiferença que ainda ha séculos se votava contra a figura homérica de Camões, contra o Capitolio sacrosanto dos nossos feitos mais heroicos e deslumbrantes — *Os Lusiadas*. Um facto houve, porém, — com tristeza o confessamos — que contrastou com a homenagem de sentido pezar prestada a Camões. Queremo-nos referir ao que se passou na Escola Normal de Coimbra. Depois da sessão solene em que usaram da palavra alguns professores e alunos, houve — ó suprema das supremas irrisões, ó mais revoltante sarcasmo — um baile!..

Isto é, comemora-se um dia que para todos deve ser considerado como de luto nacional, evoca-se, com as lagrimas humedecendo-nos os olhos, a figura esquelética de Camões que simboliza esta pobre Patria, e ha portuguezes que, sem pejo, cometem o maior sacrilegio, a maior afronta á memoria veneranda e querida do eterno cantor dos Lusiadas. Chora-se uma morte, e ha quem, comemorando esse dia, se entrega aos prazeres dum baile, em que para maior irrisão se dançou a popular e espalhafatosa *Morna*. Toda a Pátria Portuguesa se dobra religiosamente sobre a campa de Camões, e de milhares e milhares de peitos exala-se um «hossana» de pernal saudade, e ha portuguezes que, num como que escarneco, festejam com gaudio esse dia amargurado e triste!

Pobre Camões, pobre Patria! Escarnece de ti, zombam sem cessar das tuas glórias, espesinhão as tuas virtudes! Dizeme depressa porquê! Porque razão te ameaquinham!... E uma voz ronfenha — a voz da Historia — responde: «A Patria, a Patria portuguesa, jaz na campa solitaria de Camões!...»

Ah! sim! só agora me recordo: «Patria, ao menos morremos juntos».

Dr. Antonio Tomé. — Acha-se já completamente restabelecido este ilustre professor do Liceu. Felicitamos S. Ex.ª.

A romaria do Espírito Santo. — Já me ia esquecendo. Não me lembra de dizer qualquer coisa sobre a tradicional romaria. Como de costume, gente e mais gente. As aldeias despejam constantemente sobre Coimbra centenas de forasteiros. Por toda a parte risos, gargalhadas. Ninguem está parado, tudo se movimenta. Os carros electricos regorgitam de gente... E no meio daquele labirinto de pessoas eu usei pensar: Quem ha ali que pense na Guerra? E o meu espirito que se acostumou a ser psicologico respondeu: Ninguém. O povo portuguez é assim...

M.

FÓRA DA LEI

Não se comprehende que a Junta de Paroquia de Reveles continue a reunir fóra da sua séde. E se isso não faz sentido, muito mais ilegal, para não lhe chamarmos imoral, é o facto de os livros e demais documentos pertencentes á mesma colectividade estarem em casa do presidente, que habita longe e numa outra terra.

De modo que, se for necessário um exame a esses livros, a autoridade competente está inibida de o fazer.

Repetimos. Ao sr. governador civil compete olhar por estas coisas. E o sr. administrador do con-

celho, que sabemos ser justiceiro e ter vontade de acertar, não deve tambem deixar de comunicar o facto oficialmente. A camara já o conhece. Agora ha só que proceder em harmonia com as leis da Republica.

Mais nada.

O Nada...

(A memoria duma amiga).

O homenzinho das cartas ás vezes, num sorriso jovial e franco, olhando-nos satisfeito, atira-nos ao coração uma Dôr atrás! E vae-se. Retira assobiando, despreocupado, como quem levou ao semelhante um presente de flores.

Assim foi que, ha dias, o meu carteiro, a sorri e a cantar, me trouxe a casa uma carta toda de luto. Tinha a cõr das almas atormentadas! E a minha amiga, que habitou ao pé da casa que me viu nascer, que chorou comigo, que compartilhou das desditas que teem sido sempre o unico refugio desta alma que me é tão triste, partiu, numa tarde de maio findo, a habitar o alem-tumulo!

Os bons são quasi sempre condannados a desaparecer primeiro!

E a Guilhermina, que eu adorava, porque ela adorava os seus e me estremecia a mim, como só amigas certas sabem querer, não me disse o seu adeus! Desapareceu na voragem destruidora da morte.

E a morte, que por vezes é generosa, não quiz agora se-lo p'ra Guilhermina, coitada!

Tenho procurado esquecer os seus carinhos de ternura! E á janela, vendo o Tejo ao longe a chorar comigo, eu sinto ainda a sua voz; e os seus olhos, quentinhos das suas lagrimas de dôr, olham ainda os meus olhos de saudade!

Na vida, agora, creio que tres coisas a preocupavam muito: seu marido, seu filhinho, e por ultimo, — talvez por ultimo! — a doença que a prostrou.

Tenho sentido desejos de ir ao meu Arrabalde. Tenho lá minha mãe. Tenho lá familia.

Mas, minha santa amiga! — faltas tu! Essa lacuna impreenchivel, enorme como a Dôr, grande como o Martirio e a Saudade é, para mim que te adorava, o maior dos meus martirios.

Entretanto eu irei ao cemiterio. Irei cobrir o teu coval de lirios e rosas-chá, depôr um longo beijo na terra que te cobre e, nesse mistico silencio, dir-te-ei os meus segredos, deixar-t'os-ei com um ramo de saudades, ultimo tributo da

Tua amiga

Elvira de Moraes da Costa.

Senhora do Desterro

Com um lindo dia de sol realisou-se, no dia 12 do corrente, a costumada romaria da Senhora do Desterro, que decorreu animada e sem incidente.

A concorrencia de forasteiros este ano é que foi menor que nos anos anteriores, devido á crise que travessamos.

Poetas e Prosadôres

No golfo da Biscaia

Para o amigo e companheiro
Raul Seixas.

Em frente o vasto Mar encapelado
Azul-Esperança! Oh quem mas dera ter!
Neste momento acabo de rever
O que tem sido todo o meu passado.

Um Mar tambem! Mas este amargurado...
As ondas, a vontade de viver
E a espuma que vemos desfazer
As ilusões do nosso triste fado...

E tudo isto eu vejo debater
Com um fim e missão bem definida
Dencroto à plaga do meu coração.

Derruba-o! Não tem mais a fazer...
Chega ao meu Ser: a Terra Prometida!
E adeus Ventura! Adeus Resignação!

Biarritz, agosto, 1914.

Virgilio Marques.

Caminhos de ferro

Era de todo o ponto justo que a Companhia Portuguesa mandasse construir, no apiadeiro de Reveles, um alpendre a fim de os passageiros se poderem furtar, durante o sol ardente de verão, dos seus rigores maleficos e, de inverno, da chuva impertinente.

O apiadeiro é movimentado, e tem rendimentos bastantes para fazer face á despesa com a execução dos trabalhos.

Associação operaria

Reuniu no dia 13, em assembleia geral, esta simpatica agremiação, para resolver sobre o pedido de demissão do seu presidente, o snr. Mario Mota.

Fomos averiguar das causas que deram lugar a tal pedido, por parte justamente dum dos mais entusiastas organisadores, e, com franqueza, estranhamos o que se deu.

O snr. Mota, sem conhecimento dos associados, e nem ao menos dos membros da direcção, apresentou, já como nomeado para o lugar de continuo, um tal sr. João Maia. Claro que o socio snr. Eduardo Castanheira de Carvalho estranhoulhe o facto, e com razão, pois não reconhecia na presidencia força necessaria para, por si só, fazer nomeação de pessoal, dentias a mais sem notificar o facto á Associação.

Ora isso, com efecto, não é arioso.

Contudo, o snr. Mario Mota resolveu desistir do seu proposito, e fez bem. A colectividade tem ainda pouco tempo de existencia para se fomentarem já discordias e haver mal-entendidos, que só contribuem para a descrença e para o desânimo.

Promoção

Foi promovido a 2.ª classe, e colocado em Beja, o nosso ex.^{mo} amigo, snr. dr. Raul de Vasconcelos e Araújo, digno delegado do Procurador da Republica desta comarca, onde gosa de gerais simpatias.

Cumprimentámo-lo.

O DEVER

SEMANARIO DEFENSOR DA UNIÃO DA FAMÍLIA PORTUGUESA

Assinaturas

(Pagamento adeantado)

Trimestre	0\$32
Semestre	0\$62
Ano	1\$22
Continente e África	
Trimestre	0\$35
Semestre	0\$65
Brazil e África Oriental	
Ano	2\$00
Numero avulso, \$04	

Publicações

Comunicados, o \$06 a linha; anuncios, na 1.ª pagina 1 vez, o \$10 a linha; na 2.ª, o \$80; na 3.ª e 4.ª, o \$06. Repetições, metade deste preço. Por mais de um mês, preço convencional. Selo, cada publicação, o \$01. Os assinantes tem desconto de 25%.

Não se aceitam informações anónimas nem se restituem originais, quer sejam ou não publicados.

Secção de charadas

Conceitos do n.º 222:
Combinadas: — Violeta, Arazede e «O Dever».

Novíssima: — Maré.
Logógrafo: — Muito grata Violeta.

Decifraram: Todas, o nosso preso colega Lacerda; e combinada, o snr. Avelino Ferreira Campos, de Mângualde, que teve a gentileza de nos endereçar um postal, que muito agradecemos.

= + =

Por falta de espaço ficam de remissa algumas produções charadisticas, dentre elas as que o nosso distinto colega snr. Lacerda teve a amabilidade de oferecer a Rosa, que, por certo, como nós, rejugulará com o facto.

Pedimos aos nossos amaveis correspondentes a fineza de nos enviarem as suas produções ou decifrações, até quinta-feira de cada semana, para podermos dar despacho a tudo, não se esquecendo de indicar nos envelopes o nome modesto da

Violeta.

FALTA DE ESPAÇO

Por este motivo ficam de fóra muitos originais, dentre eles uma bela produção de Salvaterra Junior, e que o distinto poeta teve a gentileza de oferecer á nossa colega de redacção, snr.^a D. Violeta.

ANUNCIOS

ARREMATAÇÃO

(1.ª publicação)

No Juizo de Direito da Comarca de Montemor-o-Velho, vão á praça, no dia 2 de Julho proximo, por 11 horas, á porta do Tribunal Judicial, para serem arrematados pelo maior lance oferecido sobre o valor da avaliação, os bens abaixo mencionados, penhorados na execução por custas e selos que o Ministério Público move contra Leonardo Francisco Lage, soldado, maior, serrador, das Faiscas:

1.º Uma terra matagosa, com pinheiros, um sobreiro e um barracão de madeira, nas Faiscas, avaliada em 30\$00.

2.º Uma terra lavradia no sitio das Lages, limite das Faiscas, avaliada em 100\$00.

3.º Uma terra e pinhal, no mesmo sitio, avaliada em 130\$00.

4.º Uma terra lavradia, no sitio da Bica, limite das Faiscas, avaliada em 100\$00.

5.º Uma terra lavradia e pinhal, no sitio da Quinta das Mirandas, avaliada em 180\$00.

6.º Um assentamento composto de casas em ruinas, terra lavradia com árvores de fruto, nas Faiscas, avaliado em 25\$00.

7.º Um bocado de terra lavradia, nas Faiscas, junto ao quintal de Manuel Azambuja, avaliado em 10\$00.

8.º Um pequeno bocado de terra nas Faiscas, avaliado em 15\$00.

9.º Uma casa de celeiro, nas Faiscas, avaliada em 40\$00.

10.º Um pinhal no sitio das Faiscas, avaliado em 45\$00.

11.º Um pinhal no sitio do Girão, avaliado em 20\$00.

12.º Um pinhal no sitio do Quintanão, avaliado em 30\$00.

13.º Um pinhal no sitio das Leiras, avaliado em 60\$00.

14.º Um pinhal no sitio da Cova da Cebola, avaliado em 5\$00.

Todos estes predios são situados na freguezia de Arazedo. Pelo presente são citados para a praça quaisquer credores incertos.

Montemor-o-Velho, 2 de Junho de 1916

O escrivão,

João Paixão da Cunha Mamede.

Verifiquei a exactidão

O Juiz de Direito,

Amaral Pereira.

EDITAL
(Arrematação)

DR. ANTONIO JOAQUIM SIMÕES, Presidente da Câmara Municipal de Montemor-o-Velho:

Faço saber, que em virtude da liberação desta Câmara, em 20 de Maio de 1916, ha-de ir a lance com a maior publicidade, na sala das sessões, pelas 12 horas do dia 1 do mês de Julho, e se arrematará definitivamente, se assim convier aos interesses do município, o seguinte:

As obras de pedreiro e de carpinteiro, do acabamento da casa da escola feminina da Vila de Varride.

As condições para a sobredita arrematação, estarão patentes na Secretaria desta Câmara todos os dias, a contar da data do presente edital.

E para que chegue ao conhecimento de todos mande passar este e outros de igual teor que serão fixados nos logares públicos e do costume.

Secretaria da Câmara Municipal do Concelho de Montemor-o-Velho, 6 de Junho de 1916.

E eu Antonio Peixoto da Silva, chefe da Secretaria, o fiz escrever e subscrevi.

O Presidente,

Antonio Joaquim Simões.

Acabam de aparecer:

A Cartilha Nova por Tomaz da Fonseca.

Manual Prático de Ginástica Racional, tradução de A. Castro.

A Origem da Vida, por Tomaz da Fonseca.

Os Sermões da Montanha-II.

A venda em todas as bôas livrarias.

Empreza das aguas
Minero-Medicinaes

DE

Pizões-Moura, L. da

Magnífico preventivo contra
o tifo

Esta agua, recomendada por abalados médicos, é utilizada com o maior sucesso no tratamento das afecções intestinais, bexiga, rins e estomago, podendo usarse sem o menor receio, antes com enorme vantagem, como agua habitual de meza.

Usando esta agua obtém-se boas digestões.

Adoptando-se permanentemente, está-se ao abrigo de febres infecciosas adquiridas vulgarmente pelo uso de aguas inquinadas.

Analise química e bacteriológica de C. Von Bonhorst.

Bacteriológicamente: PURA.

Depósito geral:—Rua Jardim do Regedor, 27—Lisboa.

Pedi-la nos bons estabelecimentos.

Antonio Pereira de Carvalho

Proprietário dos Grandes Armazéns de Bicicletas, Máquinas de Costura, Pianos e toda a qualidade de acessórios.

A maior e mais antiga casa no género

Oficina para todos os concertos, afinações e reparações em bicicletas, motocicletas e máquinas de costura.

Artista mecânico habilitado. Vendas, alugueis e trocas.

Preços sem competência

34—Avenida Navarro—36

(Estrada da Beira) — COIMBRA

Água do Alardo

(Castelo Novo—BEIRA BAIXA)

O melhor e mais pura agua de meza

Excelentes resultados em tratamento de doenças de estomago, figado, gota, obesidade, etc., etc.

TITTEL, MACIEIRA, & C.º

Rua Alves Correia (antiga rua de S. José)
233 a 237 — LISBOA

Telefone: Norte 1138

Aceitam-se revendedores em todas as localidades onde ainda os não haja.

DR. AVELINO FARIA

Advogado

CANTANHEDE

Dá consultas aos domingos em

ARAZEDE

de outubro em diante e trata de qualquer questão no tribunal de Montemor-o-Velho.

Água da Curia

Mogofores

As únicas águas sulfatadas-calcicas que existem no país, similares às famosas águas de Contrexéville, nos Vosges (França).

ANTIGO ESTABELECIMENTO
— DE —
Mercearia, Tabacos e Fazendas brancas
— DE —
João Antonio Rodrigues
(SUCESSORES)
Montemor-o-Velho

Nesta casa se encontra um completo sortido em assucar, chá, café, manteiga nacional e ingleza, biscoitos, bolachas, massas, bacalhau, ganebra e vinhos do Porto.
Ferragens, prego de arame e de ferro, panelas de ferro, rastilho, chumbo em barra e para caga.
Fosforos e Tabacos, por atacado. Tambem vende pelos preços de Lisboa, farinha de trigo, cimento Portland, vidraça, telha de vidro e velas de cera.

Preços resumidos

GRATIFICA-SE BEM

a quem dê informações de que resulte a condenação por fraudes praticadas com prejuízo dos exclusivos de fosforos e isca (e dos interesses do Estado, da Companhia concessionária e do comércio legítimos acendedores, algodão ou qualquer outra matéria apresentada de forma a servir de isca, fabricação ou venda de chita com preparo inflamável, isca em cordão vendida fraudulentamente a título de cordão de sacos, etc., reservando-se a Companhia concessionária intentar a respectiva ação civil de perdas e danos contra os delinquentes, independentemente da multa ao Estado nos termos da legislação em vigor. Gratifica-se generosamente, guardando-se a maior discrição. A Companhia logo que recebe informações dignas enviará a qualquer ponto do país agentes da fiscalização para procederem às necessárias diligências. Dirigir-se pessoalmente ou por carta à Companhia Portuguesa de Fosforos, 139, rua de S. Julião, Lisboa.

A DUBOS
MELO & MARTINS
PAMPILHOSA DO BOTÃO

Fabricantes dos bons adubos compostos da marca registada
PELXE

Chamamos a atenção dos srs. agricultores para fazerem uma experiência dos nossos adubos, devido ao seu magnífico resultado os adoptarão de preferência a qualquer outro.

AZEITE

Para revenda e em grandes quantidades, vendemos de excelente qualidade
Alugam-se Automóveis

MELO & MARTINS
Pampilhosa do Botão

A FUNERARIA EM PEDRA

— DE —

FRANCISCO A. DOS SANTOS, FILHO

RUA DIREITA, 139 a 149

COIMBRA

Esta oficina encarrega-se de todo o trabalho de jazigos, mausoleus, campas, cantarias e ornamentações, tanto em calcarão como em marmore, a qual tem desenhos de jazigos, para escolher, em estilos antigos e em ARTE MODERNA.

Tem depósito de bancas de cosinha e mausoleus em lousa preta.

Encarrega-se também de fazer esculturas, bustos em pedra, barro, gesso, etc.

Toma conta de qualquer trabalho fóra de Coimbra

Contra roubo e Contra Incêndio
Grande economia
Seguro de Mobiliário

Por \$20 por cada 100\$00 de valor, isto é pelo que se paga só pelo risco de fogo «A MUNDIAL» segura numa só apólice os riscos de INCÊNDIO e ROUBO. E não necessário o seguro de ROUBO como o de FOGO.

A MUNDIAL

COMPANHIA DE SEGUROS

Capital, Escudos 500:000\$00
Reserva em 1915 102:007\$74.1

Séde em Lisboa — Rua Garrett, 95 — Telefone 4084
Teleg. — MUNDIAL

Delegação no Porto — Pinto da Fonseca & Irmãos.

Hospedaria do Paço do Conde

JOSÉ DOS SANTOS

Rua Adelino Veiga, 36 a 40 — Rua do Paço do Conde, 10

COIMBRA

Vinhos, comidas e tabacos.
Recebem-se comensais por preços modicos.
Camas para pernoitar.

Esta casa, com a transformação porque se passa, melhorou consideravelmente todos os seus serviços, achando-se habilitada a receber hóspedes de qualquer categoria, oferecendo-lhes comodidades por preços baratos. Esmoro e prontidão no serviço de mesa, para o que tem pessoal competente.

O mesmo proprietário negoceia em cereais e legumes de todas as qualidades, tais como farinhas, sêmolas, batata, castanha, palha ensardada, cordas e adubos químicos.

Rua Adelino Veiga — 44, 48

O seu armazém é já muito conhecido.

Telefone 379

Oficina-Garage de Coimbra

LOBO DA COSTA & CASTANHEIRA

Grandes oficinas mecânicas para reparações de automóveis; fabrico de carretos, pinhões e cordas em aço; cimentação e temperas; vulcanisação e fundição de metais. Recolha e tratamento. Eusino. Automóveis de aluguer de \$08 a \$20 o quilometro e 9 lotações de 4 a 18 passageiros.

Acessórios, gazolina e óleo.

Transações em carros de 2.ª mão. Serviço especial, para bem servir os ex.ºs clientes da província.

Rua da Figueira da Foz — 170

COIMBRA

Local conhecido por «Casa do Sol» á entrada da cidade pela estrada do Porto.

Telefone, 502

Telegrams «Garage-Coimbra»

Ano 5.

Coimbra

Montemor-o-Velho, 25 de Junho de 1916

N. 225



O DEVER

Semanario defensor da união da familia Portuguesa

Pátria e Humanidade

Director, Proprietario e Administrador—Almeida Junior

Redactor Proprietário

Virgilio Marques

Secretario da Redacção e Editor

Abel M. de Melo Brandão

Red. e Adm.—R. Dr. José Galvão—Montemor-o-Velho

Sucursal-LISBOA-Hotel Porto, R. do Amparo, 364
TELEFONE 364

Não se restituem originais, embora não se publiquem

Composição e Impressão—Tip. Silva (a vapor)

AVEIRO



PATRIOTISMO

Causa verdadeiro pasmo que nesta época, em que devia imperar a verdadeira civilização, isto é, a constante paz entre os povos, o mapa do mundo nos mostre um mundo em estado de guerra, essa atrocidade que herdamos dos tempos barbares, essa tirania repugnante, essa luta sangrenta de odio, que tem desimado milhares de vidas, estranhas ás ambições e caprichos desse louco imperador que desencadeou esta terrível conflagração.

Portugal está em guerra. Grande parte dos seus filhos estão mobilizados e os restantes não tardarão a sê-lo também.

Mas abandonemos, por agora, a analise imparcial das causas que dai nos podem advir, unicamente para elogiar, neste momento, o sagrado amor da Patria que o povo, em geral, tem revelado, não esquecendo esses oficiais e soldados que vão a caminho das nossas colônias e os que, no poligono de Tancos, aguardam ansiosos o momento de se verem na frente do inimigo, para, como verdadeiros heróis, que o são, defenderem do inimigo comum, não só a integridade da Patria, mas também a causa dos aliados, que é a causa da Liberdade, da Justiça e do Direito. Portugal, já sentiu os efeitos da barbarie boche, nas nossas possessões ultramarinas, onde a morte prostrou alguns dos nossos mais ilustres oficiais e mais aguerridos soldados.

Mas esses cruentos dramas, nem por um momento, sequer, arrefeceram, neste grande povo, neste incomparável povo português o seu inegualável patriotismo, a sua fé na grande causa porque combatemos, antes pelo contrário, mais se lhe arriou o desejo de se ver frente a frente com o inimigo, para vingar os seus queridos mortos.

Hai! Porque este povo despreocupado e alegre, que em ocasiões normais, nada ha que o rale, é excessivamente patriota e disso tem dado

provas, neste momento, não só os homens, mas também as mulheres, umas filiando-se na Cruz Vermelha a fim de partirem com as expedições para o campo de batalha, onde irão passar horas de verdadeira tristeza, momentos de lagrimas, ao som de profundos gemidos e de gritos dolorosos, levar algum alento áqueles que possam heroicamente morrer sem ver os seus entes queridos, longe da sua querida Patria, outras organizando comissões e promovendo festas, afim de angariar donativos, que possam suavizar um pouco as agruras dos bravos soldados que partem em defesa da bandeira da Patria e da causa da Humanidade, acudindo, ao mesmo tempo, à miseria dos que ficam privados do auxilio do braço do ente querido.

Por isso aproveitamos a occasião, para saudar, não só o nosso particular amigo e querido director, pelo seu apelo ás ilustres senhoras da nossa vila, para a constituição de uma comissão de auxilio aos mobilizados e suas famílias, mas também ás senhoras que, com tanto agrado, aderiram á sua iniciativa, organizando a referida comissão, não esquecendo as tradições do povo de Montemor que, em todos os tempos, tem sabido dar magníficos exemplos de abnegação e patriotismo.

G. A. Gomes.

Notas

O cumulo...

A Camara Municipal cá da terra jurou aos seus deuses que havia de arreliar os moregos, os desleixados e os anti-patriotas de Montemor, dando-lhe luz em barda, limpava que é uma consolação; promovendo constantemente obras varias, removendo esse montão de pedras e de estrume em que estava transformado o histórico Castelo, enfim, chegamos ao cumulo da iniciativa da limpeza do patriotismo que nos faz navegar, não num mar de desleixo e porcaria, mas num verdadeiro mar de rosas dum cheiro tão esquisito, dum odor tão raro, que suplanta os mais aromaticos perfumes do celebre Lubin parisiense. Por isso, nesta explendida quadra em que toda a gente viaja, devem os senhores banhistas, aquistas e veraneantes, escolher de preferencia esta bem cuidada vila onde encontram de tudo e donde sairão encantados, a ponto de, junto

dos poderes superiores do paiz, exigirem, não uma carga de pau, mas uma estatua colossal a esta patriótica e gloriosa Camara, já que o povo deste concelho ainda não soube galardoar os seus serviços.

Tomem cautela

A *Nação* diz correr «que alguém que conhece a política portuguesa em todos os seus escaninhos, está escrevendo um livro interessantíssimo em que serão explicadas certas campanhas jornalísticas e outros casos de veras curiosos a que andam ligados interesses familiares, etc., etc.»

O diabo! Tomem cautela, não apareça também alguém que conheça bem os escaninhos miguelistas e se proponha explicar certas campanhas jornalísticas e outros casos de veras curiosos a que andam ligados interesses familiares, Franco, Manzonis, Balalha & C.ª.

Não ha dúvida

O snr. José Barbosa, novo director da *Luta*, num artigo publicado naquele jornal, diz:

«Que sabe o povo portuguez dos problemas mais graves da sua política externa e interna?

Nada, absolutamente nada!»

E depois de se referir á nossa situação perante o conflito europeu, e de fazer muitas perguntas sobre o aspecto económico e financeiro, origem de abastecimento e municiamento, acrescenta:

«Todavia, é preciso, é indispensável que o paiz saiba da sua vida».

Não ha dúvida. Tem muita razão o snr. Barbosa.

O paiz tem a precisão indispensável, não só de saber tudo isso, como também a que fins obedeceu o celebre movimento das espadas, com que intuiu os unionistas tanto tem combati a nossa participação na guerra e com que fim veio o snr. Barbosa do Brazil e armou em tubarão, comendo á tripa fórra do nosso magro estado financeiro...»

Decidam isso

A Nação, num artigo a propósito

da guerra, da autoria do seu director, diz:

«Tudo isso fizeram os homens e a sua obra aí está patente».

Mas o que tem mais graça é que no mesmo jornal e logo ao lado do artigo do sr. Franco Monteiro, o sr. A. de F., que por sinal é o advogado Pinto Coelho, membro da direção do partido miguelista, num outro artigo também sobre a guerra diz:

«A colera de Deus, longo tempo contida, desencadeou-se».

Então não querem ver? Os homens são o diabo!

O sr. Franco Monteiro, «diz que tudo isso fizeram os homens».

O director do partido diz «que foi a colera de Deus que se desencadeou».

Afinal no que ficamos? Quem é o culpado? Vá, decidam isso, que nós precisamos da resposta.

União Sagrada

Segundo informa *A Tarde*, orgão unionista sacratista, na sua secção «Diz-se que dizem», vai haver grande medida no partido evolucionista, formando-se um outro grupo com os srs. Malva do vale, Vasconcelos e Sá e Vasco de Vasconcelos, e que, no partido democrático, as coisas não correm bem, estando prestes a indisciplinarem-se o sr. Alexandre Braga e os seus amigos.

E viva a *União Sagrada!*

Inveja

A espírito-sa *Nação*, referindo-se à entrevista concedida pelo secretário do sr. ministro das finanças a um jornal parisiense, chama ao sr. Urbano Rodrigues, o famoso *Urbano da omolete ou rhum de Trez em Pipa*.

Sempre é muito invejoso o sr. Franco Monteiro! Como ele só come queijinhos de Tomar e pasteis de bacalhau, e só frequenta a *Adega da Floresta*, o *José Maria Ricon* e os *Tascos dos Carvoeiro*, onde apanha *carraspas* de cair sobre os rails dos elétricos, morde-se de inveja porque o sr. Urbano come *omolete ou rhum* e frequenta o restaurante Silva da Avenida, antigo *Trez em pipa*. Tenha paciencia, ou então faça o mesmo, o que é difícil por causa... dos rapaninhos.

Não concordamos

E' o título de uma nota da «Vanguarda» sobre as festas que se tem realizado a favor da Cruz Vermelha, mobilizados e suas famílias e que termina assim:

«Não vão julgar que nós detestamos a gente que se diverte.

Nada disso. O que não nos parece bem é que haja gente que se recorde dos infelizes para se divertir.»

Teem muita razão. Nós só devemos concordar com os socialistas arrangistas que pediram na Assistência aos Tuberculosos para serem apresentados á ex-rainha D. Amélia, e que mais tarde foram junto dessa senhora armaz em infelizes, para depois irem para a *parodia*. Isso é que é bom! Isso é que é bonito!

Isso faz-se?

O sr. Pombo, da Nazaré, que fornece as previsões do tempo para a *Nação*, dá-nos a *triste* notícia de que «ficam interrompidas as suas previsões até que passe o estio».

O sr. Franco Monteiro! Isto são coisas que se façam, cortar as azas ao pobre pombo, privando-nos, assim, dos seus acertados estudos!...

Deixasse-o voar á vontade, que, antes que ele batesse as azas com alguma banhista das que nesta quadra frequentam aquela praia, voltava novamente ao pombo.

São as almas dóces e resignadas do povo que mantêm o orgulho e a rudeza dos grandes.

George Sand.

A guerra

Estamos em 1916. Em agosto faz dois anos que se iniciou este tormento, este enorme flagelo actual: a guerra.

Quantas lagrimas, quantas dores não vão, por esse mundo fóra, somente porque um homem, mau e infame, se lembrou, julgando-se um Deus, de se fazer adorar como ídolo!

Quantas crianças não estão hoje em completa orfandade, sómente porque a Patria, a Mãe-sagrada, foi violada nos seus direitos e porque seus pais partiram confiantes a defendê-la do jugo dos opressores!

Tantos tormentos vão por esse mundo!!

Não bastavam as doenças para torturar a humanidade, se não também os homens a devorarem-se como feras.

Quantas vidas não tem perecido nesse mar de luta onde os valhôes dum ambição selvagem e a ambição dum a liberdade violada se debatem numa carnificina fratricida e atroz!!!

Pobres mães, as que, criando os filhos no conchego doce do seu lar, tem de sacrificá-los ao despotismo dum fera!

Mães! guardai vossas lagrimas no íntimo de vossos seios; sacrificai vossos filhos á Patria querida que é uma segunda mãe; lembrai-vos que, se a vossa patria, o nosso querido Portugal for violado pelas hostes barbares dos alemães, nós, mulheres indefezas, teremos de nos deixar calcar pelos que violaram as nossas irmãs, no sér e no sentir, da heroica e simpática Belgica!

Lembrai-vos que, se os alemães entrarem no nosso cantinho abençoado, os vossos filhos, os vossos esposos, serão sacrificados á vontade desses «boches» e nós teremos de perecer nos braços desses malfeiteiros que se dizem inspirados por Deus!

Deus! Deus, se vós sois inspiração desse povo malfazejo, que infame sois!

Mulheres! mandai vossos filhos alistar-se nos batalhões de voluntários que irão levar bem longe o nome de Portugal!

A guerra! Viva o nosso Portugal!

Benigna Santos.

Lisboa, 2—5—916.

Posse

Tomou posse no dia 21, do seu novo lugar de Delegado do Procurador da República, da nossa comarca, o sr. dr. Elísio Azevedo de Moura, em substituição do sr. dr. Raul de Freitas, que já partiu para Beja.

A Camara

Porque se não digna a nossa camara mandar limpar as fontes?

Não saberá que é da agua que provém as maiores doenças epidémicas?

E as fontes do concelho estão um verdadeiro charco. Se alguém de lá bebesse!...

Junta geral

A Comissão Executiva deste corpo administrativo tomou, entre outras, as seguintes resoluções na sessão de 15 do corrente:

Aprovou, para 1915-1916, os seguintes orçamentos:

Plenamente, o 2.º orçamento suplementar da Santa Casa da Misericórdia desta cidade, e

Com alterações, o da Confraria do Senhor dos Passos de Tentugal, concelho de Montemor-o-Velho.

Para 1916-1917, plenamente, o da Misericórdia de Cantanhede.

Pela sociedade

Passou dois dias em Lisboa, o nosso amigo Aurelio Bizarro, distinto aluno de agronomia, que actualmente se encontra no regimento de infantaria 34, em Santarém.

Fez hoje anos, o sr. Luiz Gamita Dentinho, aluno distinto do 3.º ano da Escola Normal de Lisboa. Os nossos parabéns.

Consorcion-se na capital, no dia 21, o sr. dr. Martinho de Brito, com a ex.^{ma} sr. D. Eugénia de Castro Oliveira, rica proprietária, de Verride.

A assistir ao casamento estiveram em Lisboa, dentre outras pessoas, o sr. dr. António Joaquim Simões, presidente da comissão executiva e Batista da Costa, de Verride.

FORA DA LEI

Temos em nosso poder uma atenciosa carta do ilustre governador civil, dr. António Leitão, comunicando-nos que não pode dar providências sobre as irregularidades cometidas pela Junta de Paróquia de Reveles, em virtude de, pela organização administrativa, contida na lei de 7 de agosto de 1913, os corpos administrativos terem ficado independentes e competir a intervenção, no caso presente, aos tribunais administrativos.

Para eles apelamos, conscientes de que saberão fazer justiça.

O que não pode é continuar tal situação, que é deprimente para o povo de Reveles.

Ponte sobre o Mondego

Deram entrada na repartição respectiva o projecto e orçamento, na importância de onze contos, para o enrocamento dos pilares em estacas Mitchel da ponte metálica da Ladroeira, sobre o rio Mondego. Os trabalhos vão muito adiantados, e talvez no princípio do futuro ano já se possa dar por concluída a obra.

Interesses do concelho

Ao Ex.º Ministro da Justiça

Já que as autoridades, a quem compete olhar pela conservação dos bens nacionais, nada se importam, nós apelamos para V. Ex.^a, afim de ordenar que seja reparada a residencia paroquial, que se encontra em péssimo estado, na freguesia de Reveles.

As janelas e as portas, qualquer dia, á menor tempestade, vão abalo. Providencias, sr. Ministro.

«O DEVER»

Por desarranjo na máquina quando se estava a imprimir, só pôde sair o nosso jornal na terça-feira, de que pedimos desculpa aos nossos leitores.

ANOS

No dia 29, faz anos o menino João Ferreira Manita, distinto aluno do liceu Alves Martins (Viseu), e filho do nosso amigo sr. dr. Lopes Manita, digníssimo médico em Mangualde.

No mesmo dia, faz também anos a ex.^{ma} sr. D. Julieta Ferreira Marques, irmã do nosso redactor principal.

A hidrofobia

Chamamos a atenção da autoridade administrativa, para os frequentes casos de hidrofobia que se estão dando no nosso concelho. Ainda ha dias, em Gatões, uma pessoa foi mordida por um cão danado.

Preço dos generos

Tabela dos preços dos generos de consumo abaixo designados, no mercado de Montemor-o-Velho, em 21 de junho de 1916:

Milho branco, 14,63 litros	\$1,10
> amarelo, >	\$1,10
Centeio	\$1,20
Cevada	\$50.
Avéa	\$50
Favas	\$80
Grão de bico	\$80
Chicharos	\$60
Feijão mocho	\$86
> branco	\$90
> mistura	\$70
> pateta	\$70
> fradinho	\$60
Batata	\$75
Tremoços, 20 litros	\$45
Sal, 15 litros	\$08
Galinhais	\$55
Frangos	\$14
Patos	\$45
Ovos, cento	\$1,60
Vinho, 24 litros	\$1,65
Aguardente, 24 litros	\$6,20
Azeite, 10 litros	\$3,10
Vinagre, 24 litros	\$1,20

Representação

A camara representou ao sr. ministro da justiça pedindo a cedência do Passal de Baixo ou Horta, para ali mandar construir o matadouro municipal.

Será desta vez?

Acabam de aparecer:

A Cartilha Nova

por Tomaz da Fonseca.

Manual Pratico de Ginastica Racional

tradução de A. Castro.

A Origem da Vida

por Tomaz da Fonseca.

Os Sermões da Montanha-II.

A venda em todas as bôas livrarias.

Poetas e Prosadôres**Ao cair da tarde...**

Quasi sol posto. No céu, dum azul purissimo, há fulgurações de fogo, com sombrias transparências de oiro velho. E' a hora predileta das almas tristes.

No campo, aqui e ali, vêem-se ribeiros esprenguicando-se languidamente por entre a ramaria dos salgueirais, ora deslizando lentamente, ora marulhando revólhos, ao encontrarem alguns pedregulhos que, por momentos, lhe tóldam a limpidez.

Escondeu-se o sol. Os vales já começam a tingir-se duma sombra azulada, indícios do crepusculo.

Ruído de chocalhos. E' um carro de bois que volta do campo, carregado de herva seca, aos solavancos pelo caminho tortuoso. Seguem-no bandos de raparigas, cantando numa melopeia arrastada... Que felizes, estas cachopas! Levantam-se mal surge a manhã, e lá vão, estrada fóra, para a faixa quotidiana. Depois, á volta, cançadas de mourejar, voltam cantando, para espalhar a fadiga.

Do céu, no crepusculo sereno, desce uma tristeza singular.

Balidos ao longe. Rebanhos de ovelhas avançam pela serra, parando, ora em vez, para refrescar as guélas nalgum ribeirito perdido no matagal. E a fonte, ali ao fim da azinhaga, lá está ela meio oculta por um frondoso arvorédo. Sentados num muroso, uns conversados, esperam que se encha a cantara. Ela, uma moçoila sádia de lábios vermelhos, aperta, com ternura, as mãos d'ele, um rapagão desempenado, de faces tisnadas e olhar meigo.

A agua trasborda da cantara em borbotões alvinientes. Ela põe-a á cabeça, e vão, conversando e rindo. Chegaram á porta da rapariga, uma casita térrea, fendilhada pelo tempo. Pararam. De mãos apertadas olhavam-se muito... subjugados de sonho. Depois, num impeto amoroso, uniram os lábios num beijo longo... apaixonado...

— Adeus, Tonio!

— Adeus, Luzia!

— Ele abalou, cajado ao ombro. Ela ficou a vé-lo sumir-se na sombra.

Noite fechada, agora... No céu, todo azul, brilham milhares de estrelas... Nos longes dos arredores, pelas portas, pelas janelas, aparecem vagas luzinhas de candeeiras... E por entre a ramaria dos arvoredos, a lua espalha a sua luz imaculada, como um véu de noiva...

Arrabalde de Leiria.

9-6-916. Elvira L. Pereira.

EXPEDIENTE

Vamos proceder á cobrança. Pedimos a todos os assinantes e muito especialmente aos que devem ainda os primeiro e segundo anos o pagamento das assinaturas. Também pedimos aos que nos devolveram o jornal no fim de 2 anos «sem nunca terem pago» o favor de pagar.

Festa infantil

Consta que a confraria do Santo de Reveles pretende fazer uma festa infantil no proximo mez, com bastante explendor. Louvamos a iniciativa.

**Assinaturas**

(Pagamento adeantado)

Trimestre	0\$32
Semestre	0\$62
Ano	1\$22
Continent e Africa	
Trimestre	0\$35
Semestre	0\$65
Brazil e Africa Oriental	
Ano	2\$00
Numero aviso, \$04	

Publicações

Comunicados, 0\$06 a linha; anúncios, na 1.^a pagina 1 vez, 0\$10 a linha; na 2.^a, 0\$80; na 3.^a e 4.^a, 0\$06. Repetções, metade d'este preço. Por mais de um mez, preço convencional. Selo, cada publicação, 0\$01. Os assinantes tem desconto de 25%.

Não se aceitam informações anónimas nem se restituem originais, quer sejam ou não publicados.

ANUNCIOS**ARREMATAÇÃO**

(2.^a publicação)

No Juizo de Direito da Comarca de Montemor-o-Velho, vão á praça, no dia 2 de Julho proximo, por 11 horas, á porta do Tribunal Judicial, para serem arrematados pelo maior lanço oferecido sobre o valor da avaliação, os bens abaixo mencionados, penhorados na execução por custas e selos que o Ministério Pùblico move contra Leonardo Francisco Lage, solteiro, maior, serrador, das Fáscas:

1.^a Uma terra matagosa, com pinheiros, um sobreiro e um barracão de madeira, nas Fáscas, avaliada em 30\$00.

2.^a Uma terra lavradia no sitio das Lages, limite das Fáscas, avaliada em 100\$00.

3.^a Uma terra e pinhal, no mesmo sitio, avaliada em 130\$00.

4.^a Uma terra lavradia, no sitio da Bica, limite das Fáscas, avaliada em 100\$00.

5.^a Uma terra lavradia e pinhal, no sitio da Quinta das Mirandas, avaliada em 180\$00.

6.^a Um assentamento composto de casas em ruínas, terra lavradia com arvores de fruto, nas Fáscas, avaliado em 25\$00.

7.^a Um bocado de terra lavradia, nas Fáscas, junto ao quintal de Manuel Azambuja, avaliado em 10\$00.

8.^a Um pequeno bocado de terra nas Fáscas, avaliado em 15\$00.

9.^a Uma casa de celeiro, nas Fáscas, avaliada em 40\$00.

10.^a Um pinhal no sitio das Fáscas, avaliado em 45\$00.

11.^a Um pinhal no sitio do Girão, avaliado em 20\$00.

12.^a Um pinhal no sitio do Quintão, avaliado em 30\$00.

13.^a Um pinhal no sitio das Leiras, avaliado em 60\$00.

14.^a Um pinhal no sitio da Cova da Cebola, avaliado em 5\$00.

Todos estes predios são situados na freguesia de Arazeda. Pelo pre-

sente são citados para a praça quaisquer credores incertos.

Montemor-o-Velho, 2 de Junho de 1916

O escrivão,

João Paes da Cunha Mamede.

Verifiquei a exactidão

O Juiz de Direito,

Amaral Pereira

**Empreza das aguas
Minero-Medicinaes**

DE

Pizões-Moura, L.^{da}**Magnifico preventivo contra o tifo**

Esta agua, recomendada por abalizados medicos, é utilizada com o maior exito no tratamento das afecções intestinais, bexiga, rins e estomago, podendo usar-se sem o menor receio, antes com enorme vantagem, como agua habitual de meza.

Usando esta agua obtém-se boas digestões.

Adoptando-se permanentemente, está-se ao abrigo de febres infeciosas adquiridas vulgarmente pelo uso de aguas inquinadas.

Análise química e bacteriologica de C. Von Bonhorst.

Bacteriologicamente: PURA.

Depósito geral:—Rua Jardim do Regedor, 27—Lisboa.

Pedi-la nos bons estabelecimentos.

Antonio Pereira de Carvalho

Proprietario dos Grandes Armazens de Bicicletas, Maquinas de Costura, Pianos e toda a qualidade de acessórios.

A maior e mais antiga casa no gênero

Oficina para todos os concertos, afinações e reparações em bicicletas, motocicletas e máquinas de costura.

Artista mecanico habilitado. Vendas, alugueis e trocas.

Preços sem competencia

34—Avenida Navarro—36

(Estrada da Beira)—COIMBRA

Agua do Alardo

(Castelo Novo—BEIRA BAIXA)

A melhor e mais pura agua de meza

Excelentes resultados em tratamento de doenças de estomago, figado, gata, obesidade, etc., etc.

TITTEL, MACIEIRA, & C.^o

Rua Alves Correia (antiga rua de S. José) 233 a 237 — LISBOA

Telefone: Norte 1138

Aceitam-se revendedores em todas as localidades onde ainda os não haja.

Agua da Curia**Mogofores**

As únicas aguas sulfatadas-calcicas que existem no paiz, similares ás famosas aguas de Contrexeville, nos Vosges (França).

Novidade literaria**GOLPES****LIVRO DE VERSOS**

por

Eduardo Pereira

1 volume brochado, \$50. A' venda em todas as livrarias.

DR. AVELINO FARIA

Advogado

CANTANHEDE

Dá consultas aos domingos em

ARAZEDE

de outubro em diante e trata de qualquer questão no tribunal de Montemor-o-Velho.

ANTIGO ESTABELECIMENTO
— DE —
Mercearia, Tabacos e Fazendas brancas
— DE —
João Antonio Rodrigues
(SUCESORES)
Montemor-o-Velho

Nesta casa se encontra um completo sortido em assucar, chá, café, manteiga nacional e ingreia, biscoitos, bolachas, massas, bacalhau, genebra e vinhos do Porto.
Ferragens, prego de arame e de ferro, panelas de ferro, rastilho, chumbo em barra e para caça.
Fosfatos e Tabacos, por atacado. Tambem vende pelos preços de Lisboa, farinha de trigo, cimento Portland, vidraça, telha de vidro e velas de cera.
Preços resumidos

GRATIFICA-SE BEM

a quem dê informações de que resulte a condenação por fraudes praticadas com prejuízo dos exclusivos de fosfatos e isca (e dos interesses do Estado, da Companhia concessionária e do comércio legítimos acendedores, algodão ou qualquer outra matéria apresentada de forma a servir de isca, fabricação ou venda de chita com preparo inflamável, isca em cordão vendida fraudulentamente a título de cordão de sacos, etc., reservando-se a Companhia concessionária intentar a respectiva ação civil de perdas e danos contra os delinquentes, independentemente da multa ao Estado nos termos da legislação em vigor. Gratifica-se generosamente, guardando-se a maior discreção. A Companhia logo que receba informações fidedignas enviará a qualquer ponto do país agentes da fiscalização para procederem às necessárias diligências. Dirigir-se pessoalmente ou por car a Companhia Portuguesa de Fosfatos, 139, rua de S. Julião, Lisboa.

ADUBOS MELO & MARTINS PAMPILHOSA DO BOTÃO

Fabricantes dos bons adubos compostos da marca registada
PEIXE

Chamamos a atenção dos srs. agricultores para fazerem uma experiência dos nossos adubos, devido ao seu magnífico resultado os adoptarão de preferência a qualquer outro.

AZEITE

Para revenda e em grandes quantidades, vendemos de excelente qualidade
Alugam-se Automóveis

MELO & MARTINS
Pampilhosa do Botão

A FUNERARIA EM PEDRA

— DE —

FRANCISCO A. DOS SANTOS, FILHO

RUA DIREITA, 139 a 149

COIMBRA

Esta oficina encarrega-se de todo o trabalho de jazigos, mausoleus, campas, cantarias e ornamentações, tanto em calcareo como em marmore, a qual tem desenhos de jazigos, para escolher, em estilos antigos e em ARTE MODERNA.

Tem depósito de bancas de cosinha e mausoleus em lousa preta.

Encarrega-se também de fazer esculturas, bustos em pedra, barro, gesso, etc.

Toma conta de qualquer trabalho fóra de Coimbra

Contra roubo e Contra Incêndio Grande economia Seguro de Mobiliário

Por \$20 por cada 100\$00 de valor, isto é pelo que se paga só pelo risco de fogo «A MUNDIAL» segura numa só apólice os riscos de INCÊNDIO e ROUBO. É tão necessário o seguro de ROUBO como o de FOGO.

A MUNDIAL

COMPANHIA DE SEGUROS

Capital, Escudos . . . 500:000\$00
Reserva em 1915 . . . 102:007\$74.1

Séde em Lisboa — Rua Garrett, 95 — Telefone 4084
Telex — MUNDIAL

Delegação no Porto — Pinto da Fonseca & Irmãos.

Hospedaria do Paço do Conde

JOSÉ DOS SANTOS

Rua Adelino Veiga, 36 a 40 — Rua do Paço do Conde, 10

COIMBRA

Vinhos, comidas e tabacos.
Recebem-se comensais por preços modicos.
Camas para pernoitar.

Esta casa, com a transformação porque seca de passar, melhorou consideravelmente todos os seus serviços, achando-se habilitada a receber hóspedes de qualquer categoria, oferecendo-lhes comodidades por preços baratos. Esmoro e prontidão no serviço de meza, para o que tem pessoal competente.

O mesmo proprietário negocia em cereais e legumes de todas as qualidades, tais como farinhas, sêmolas, batata, castanha, palha entardada, cordas e adubos químicos.

Rua Adelino Veiga — 44, 48

O seu armazém é já muito conhecido.

Telefone 379

Oficina-Garage de Coimbra

LOBO DA COSTA & CASTANHEIRA

Grandes oficinas mecânicas para reparações de automóveis; fabrico de carretos, pinhões e cordas em aço; cimentação e temperas; vulcanização e fundição de metais. Recolha e tratamento. Ensino. Automóveis de aluguer de \$08 a \$20 o quilometro e 9 lotações de 1 a 18 passageiros.

Acessórios, gasolina e óleo.

Transações em carros de 2.ª mão. Serviço especial, para bem servir os ex-mesmos clientes da província.

Rua da Figueira da Foz — 170

COIMBRA

Local conhecido por «Casa do Sal» à entrada da cidade pela estrada do Porto.

Telefone, 502

Telegrams «Garage-Coimbra»



O DEVER

Semanario defensor da união da familia Portuguesa

Pátria e Humanidade

Director, Proprietario e Administrador—Almeida Junior

Avante!...

A vida da nacionalidade portuguesa está intimamente ligada à sorte dos povos latinos em guerra.

Do seu triunfo ou da sua derrota depende a nossa vitória ou o nosso inteiro aniquilamento. Entretanto, o povo português tem uma história de brilliantíssimas tradições de coragem, e ante o perigo iminente que nos ameaça, todos saberemos corresponder com o sacrifício do nosso sangue, que ha de jorrar generosa e fecundamente dos nossos corações palpitantes de coragem e de amor-patrio.

Esta guerra, pois que veio num século em que a luz aureolante da civilização nos ilumina a alma, será uma luta abençoada de ensinamentos e de magestosos sonhos de confraternização humana.

Os povos unidos teem a confiança na sua coragem e no elevado princípio que lhes guia os passos firmes nos campos de batalha.

Joga-se a independência das raças, e a unificação das almas será tanto mais intensificada pelos lampejos de ideal patriótico, quanto a força que nos pretende esmagar puser em prática os seus sinistros sonhos de aniquilamento.

Em Portugal não haverá ninguém capaz de retroceder ante os deveres que a Pátria reclama nesta hora de hinos glorificadores e de gritos ululantes de avante sem temer.

Acima de tudo está o solo da nossa terra, em que a poesia e a vida são os nossos melhores títulos de glória.

Lutemos. A morte assim honrará as nossas cinzas e encherá de gloria os cidadãos do futuro.

A coragem é apanágio da raça portuguesa, que não trepidou nem desfalece diante seja de que sacrifícios fôr. E a prova evidente disso está nas manifestações ultimamente levadas a efeito pela alma colectiva, de norte a sul do país.

Abracemos a bandeira da nossa Pátria. Ela simboliza o heroísmo dos nossos avós, as grandes conquistas do

passado, a vida gloriosamente amorável dos grandes guerreiros que repousam á sombra gelida das sepulturas. E o Portugal de hoje ha de saber honrar as suas tradições históricas, e o sangue dos seus filhos fecundará esta terra abençoada e iluminada por um sol único que tem nos seus raios canções de amor e no seu brilho o amor ideal da regeneração dos povos.

Avante!

ALMEIDA JUNIOR.

Notas

Alegrai-vos!

Os arautos da grande imprensa buzinam aos quatro ventos que já deu entrada na repartição respectiva o orçamento da ponte metálica da Ladröeira, na estrada de Montemor-o-Velho.

Ponte de Ladröeira! Muito bonito nome, oh difamadores da humanidade!

Ladröeiras e ladrões, isso são coisas que existiram, sim, mas nos tempos do absolutismo, e que mais tarde, nos ominosos dias, eram simples adiantamentos e daquele que se aventurasse a chamar-lhe ladrão a um ilustre adeantador! Era espancado, preso e fuzilado, isto quando menos.

Mas hoje, não. Hoje não ha nada disso. Existem apenas uns pequenos tubarões, fugidos do mar alto, por causa dos grandes combates navais, e que procuram abrigo nas nossas águas, e mais nada.

Por isso não tenhas medo, ó Zé de Montemor!

Antes pelo contrario, alegra-te, porque, embora esses bicharocos sejam uns inimigos do povo, e animais de muito alimento, a ponte, desta vez, vai com os 11 contos do orçamento. E não só terás ponte. Vais ter um lindo matadouro, com a cedencia do Passal; as fontes do concelho, limpinhas que ha de ser um regalo e ainda mais, muito mais, gente ingrata e maldizente: uma bonita escola em Revezel, para o que já ha casa de borta e aumento nas contribuições camarárias, tudo isto, não falando nos magníficos concertos que se vão fazer na residencia paroquial da mesma trezezinha. Alegrai-vos!

Invejoso

Os órgãos da boa e engracada e mil vezes abençoada imprensa, que são uns grandes invejosos, trazem o nosso amigo Urbano Rodrigues atraíssimo nas guélas.

Agora coube a vez á simpática «Opinião» que, querendo mostrar aos seus leitores que lá na casa também ha quem cultive o idioma de Voltaire, sai-se com uma espirituosa versilha em francês, tentando ridicularizar o Urbano, porque não lhes liga importância.

O que os faz morder é a inveja de não poderem falar ao mundo no «Petit Parisien» nem «dar lições aos pa-

Concurso literário

VIII

HERA!

Como avarento guardo aquela hera
De perfumada e lírica poesia!
Recordação dum amoroso dia...
Dia de sol que aquece e regenera.

Tomo-a nas mãos, — um frémido se impõe
A dentro do meu sér que me extasia!
Revive para mim uma alegria
Abençoada e sã, de primaveral...

A' carne do meu peito febrilmente
A encosto e assim bem longamente
A deixo com carinho e com cuidado...

E' assim como compenso essa lembrança
Tão cheia de poesia e de esperança,
Que me deste naquele dia amado!...

Porto.

Amelia Guimarães Vilar.

(Do livro «Lagrimas», a publicar brevemente.)

taratas do café da Paz nem terem também um frack chic.

Eles, coitadinhos, vêm, por mais que berrem na sua gazeta, as suas vozes não chegam ao céu; lições não as podem dar, porque nem para si sabem; frack chic, misso nem é bom falar. O desgraçado periódico sem leitores não dá nem para um fatinho reclame dos do Grandella, quanto mais para um frack; por isso a inveja é tanta.

Pôde ser?

Segundo anunciam os periódicos, «O Mundo» vai passar a uma nova empresa, da qual um dos maiores sócios capitalistas é o snr. marquês de Val-Flor, ficando como director geral o snr. Carlos Trilho, actual administrador.

A engraçada «Nação», comentando essa notícia, termina perguntando: «Então isto será crime?

E o snr. Marquês fica sendo... monarquico?

E o «Mundo» continua sendo... o que é?

Mas isto pode ser?»

Pois, hilariantíssimo colega, fique sabendo que isso não será um crime, nem o snr. marquês, se quiser, deixará de ser monarquico, podendo «O Mundo» continuar a ser o que é.

Tudo isto pode ser, porque o snr. Pinto Coelho, também foi um dos maiores accionistas e colaboradores de «O Portugal», do padre Matos, e por esse facto, nem o jornal deixou de defender a política constitucional nem o snr. Pinto Coelho deixou de ser miguelista, antes, ao contrario, foi eleito ao cargo de director do partido, que ainda hoje desempenha.

Nesta «Nação» tudo pode ser.

E' de cair

Oh leitor amigo, tu, por acaso, nunca lêste aqueles Contos & Fantasias que publica a hilariante «Nação»?

Se ainda não lêste é porque és um atrasado, um retrogrado, que não sabe apreciar a boa literatura.

Delicia-te por momentos naquele punhado de admirável prosa, onde, apesar do anonimato, se reconhece a mão habil de seu autor, aquele escrevinhador de inépcias dum jornal de Torres Vedras, a graça incomparável do redactor das províncias do «Correio da Manhã», a verve sem precedentes do inegualável sapateiro Crispim que durante muito tempo deitou bombas e meias solas á janela do orgão miguelista.

Aprecia aquela chistosa entrevista amorosa do senador Bonifácio, o boca de prata, e da poetica Idelzina do Centro das Filhas da Liberdade, onde o gracioso Crispim emprega tanta graça, tanto talento, que nos transporta por este andar, não ás altas regiões desconhecidas, mas sim á caixa do teatro da Trindade, onde nos parece estar ouvindo aquelas antigas entrevistas do simpático futuro ministro miguelista D. Severino, o sangue azul, com a corista D. Cugumela, ilustre directora da Liga das Canastras.

Lê! Lê e aprecia aquelas engraçadissimas ofrasias, que te farão cair de riso, como nós caímos ao assistir um dia ao rendez-vous elegante da Liga, onde a erudita D. Cugumela deliciou a aristocrática assistencia com a sua inspirada inteligencia de calão de bastidores.

Conservadores

«A Ordem», num artigo de Memo, que por tal sinal é um Veneno que andou pela «Capital» ganhando dinheiro e fazendo a política desse punhado de aventureiros sem missão, erguidos ás culminâncias do poder por um acaso e que querem edificar á tóis o templo idealizado nos convénculos das sociedades secretas, deseja só para si e para os seus corregidórios o direito de ser conservador, visto que «ninguem merece



mais esse honrado epíteto que o católico, fiel à doutrina da igreja».

Ora vejam lá, o sr. *Memo* não admite conservadores senão os católicos, esses *benemeritos santinhos* que, como aqueles que comentando o seu artigo, dizem «que tais aventureiros, não tem deixado pedra sobre pedra», deixavam morrer de fome o pobre Veneno se ele se não agarra aos cosinheiros que fizeram o tal guisado que ele, na Capital, devorava, e quem sabe? talvez ainda hoje o vá devorando.

Santos... conservadores, são estes jongleurs do catolicismo.

A hora legal

Tem havido para aí um falatório medonho, uma vozaria ensurdecedora por causa da nova hora legal.

Periodicos ha que tem dito que, se ela foi decretada como medida de grande alcance economico, a fim de encurtar a vida noturna, donde nos adviria uma extraordinaria poupança de laz e combustivel, não se comprehende porque o governo autorisou que os teatros, animatógrafos e outros divertimentos publicos começem uma hora mais tarde, o que dá o mesmo resultado!

Ora estal! Os senhores sempre são muito *curtinhos* e não conhecem nada das leis do pais! O governo, se fez essa concessão, é porque não podia deixar de a fazer.

Segundo a «Gazeta de Coimbra», será punido com as penalidades do artigo 36º do regulamento de 1 de Outubro de 1903 quem *indefeitir um pedido para o prolongamento de qualquer espectáculo, sejam quais forem os motivos que se aleguem.*

Como veem, o governo, não querendo *atropelar* e sofrer os *rigores da lei*, por isso fez a concessão.



M E L H O

Chegou, requisitado pela Câmara para abastecimento dos povos do concelho, um vagão com 15 mois de milho, que foram assim distribuidos:

Cinco moios, Formozelha, para os povos de Santo Varão, Formozelha e Pereira; cinco para Carapinhiera e Means e os outros cinco para Montemor, para abastecer Verride, Revelles, Vila Nova da Barca e esta vila.

Uma coisa é de pasmar! De pasmar, porque isto assim é impossível. Este milho está sendo vendido aos pobres, que não tem eira nem beira, a 940 e 960 reis o alqueire!!

Não acreditamos! Assim, quantos dias de jorna não são necessários para mitigar a fome! Fantástico! A 94 e 96 centavos!! Não pode ser, senhores! E depois, aqui na vila deviam ficar 7 ou 8 moios, pelo menos, visto que o que ficou é insuficiente.

E' certo que a Câmara não se tem pougado ultimamente a esforços para que haja milho no concelho; mas é agora, depois dos grandes proprietários, alguns dos quais são vereadores, terem vendido o seu por bom preço!

E' assim, a *generosidade* do sr. Monteiro da Costa, por exemplo, que foi da iniciativa do milho se adquirir, não veio a tempo. De agradecer era que aquele sr. se compadecesse quando o devia fazer.

Mas...

Cartas a uma infeliz

Meu caro Leopoldo.

Estou de luto. Morreu o meu canário, aquela avesinha sonhadora de que tanto falava. Rodeei-o de carinhos. Dei-lhe muitos beijos. Aconcheguei-o ao coração. Tudo baldado. Tudo morre, Leopoldo! E agora, que apenas a saudade me resta, eu hei de ir, como a minha querida amiga Elvira na sepultura da sua morta, depôr no covil do meu canário um raminho de violetas.

Dir-lhe-ei segredos que só a ele confiaria.

E por fim, quando tiver chorado muito sobre a sua sepultura, que é ali no meu jardim, direi a todas as aves que chorrem por ele também...

Adeus. Vou ver o mar que me chama e a estrela d'alva que me ilumina e me instrue.

Tua,

Irène.

Guarda Republicana

Abriu e fechou o parlamento, onde meia duzia de tagarelas se esfalfou apenas em... apoiar a outra meia duzia que disse coisas.

Trataram-se muitos assuntos, ou, lembraram-se muitos assuntos a tratar.

Temos lá, pelo nosso círculo, um representante de cada um dos dois maiores partidos. Por cá temos também aqueles que se esfalfam por aí a... dizer que fizeram, que valem, que fazem, etc. E algum dos nossos patrícios lembra-se de ouvir falar na vindia da Guarda Republicana para esta vila? Consta que a Câmara pedisse tal melhoramento? Se ela tivesse que pagar-lhe, estávamos de acordo com o seu silêncio. O dinheiro vai só a quem vai. Mas a Câmara nada tem que dispender com os soldados.

As roubalheiras são constantes por esses campos. Os prejuízos, manifestos. Entretanto, tudo vai bem, até vê...

Descrição histórica da Vila de Tentugal

(Extraída da Corografia Portuguesa do padre Antonio Carvalho da Costa, Clerigo do Habito de S. Pedro, Matemático, natural de Lisboa).

Duas leguas de Coimbra para o Poente, em uma alegre planície, está fundada a nobre vila de Tentugal, a quem cercam duas ribeiras, povoadas de muitos moinhos, lagares de azeite. Sua fundação principiou o Conde D. Sisnando pelos anos de 1080, fazendo nela uma fortaleza para reprimir a fúria dos Barbaros. Depois ampliou o Conde D. Henrique no ds 1108, dando-lhe os mesmos fóruns e privilégios que tinham as vilas circumvizinhas.

E' cabeça de Condado, cujo título deu el-rei D. Rodrigo de Melo: tem 600 vizinhos com famílias nobres de apelido: Tavora, Girão, Matas, Farias, Sotomayor, Silva, Lúna, Touros, Travacos, Viegas, Soares, aos quais compreende uma paroquia, orago N. Senhora da Assunção, com um Prior, que apresenta o Duque do Cadaval, senhor desta vila, cuja igreja fundou o infante D. Pedro, filho de El-Rei D. João, o primeiro de Portugal, que

gostava muito viver nesta terra, por ser fresca e de bom clima.

Tem Casa de Misericordia, Hospital, cinco Ermidas e um mosteiro de Freiras Carmelitas da invocação de Nossa Senhora da Natividade, que se fundou das rendas de um rico hospital que havia nesta vila, aplicadas por provisão de El-Rei Dom Sebastião no ano de 1560 e autoridade apostólica, tudo à instância de D. Francisco de Melo, senhor de Tentugal.

Começou-se a ohra a 16 de julho do mesmo ano, em cujo dia se celebra a festa de Nossa Senhora do Carmo, e a 15 de Maio de 1565 entraram nele três religiosas do Convento da Esperança, de Beja, que foram Isabel da Assunção, Francisca do Presépe e Rosa do S. João, que todas acabaram nele com grandes exemplos de virtude.

E' esta vila fertil de pão, vinho, azeite, frutas, hortaliças, aves, caça, gado e peixe.

Tem um Ouvidor, Juiz de Fora, tres Vereadores, um Procurador do Concelho, Escrivão da Câmara, um Juiz dos Oficiais, com seu escrivão, dois Tabelões do Judicial e Notas, um Meirinho da Correição, um Alcaide, e é da Provedoria de Coimbra.

O seu termo tem cem vizinhos com uma Paróquia da invocação de N. Senhora do O, vigairaria, cuja Igreja está no lugar de Cadima, no qual ha uma fonte, que chamam Fervença, que serve tudo quanto lhe lançam dentro.

Tem mais o lugar de Sandelgas, que terá cincuenta vizinhos.

Pela sociedade

Foi aprovado no 1º ano do curso comercial, em Aveiro, o nosso estimado amigo José Ferrão Tavares, direcção filho do ilustre Inspector do Vale do Vouga, sr. Matos Tavares.

Um abraço ao aplicado estudante.

— Esteve em Reveles, de visita a sua estremitada família, o nosso estimado assinante sr. Henrique Nunes Neves da Costa, inteligente aspirante de cavalaria em Torres Novas.

— Com curta demora esteve na Capital e também nosso preso amigo e assinante, sr. Luiz Neves da Costa, grande proprietário em Reguengos do Moncaraz.

— Também esteve em Lisboa a nossa estimada assinante de Arazede, sr.ª D. Mariana da Conceição Pais da Silva.

— Vae melhor o sr. Antonio de Souza, que, numa casa de sande, em Lisboa, sofreu há dias uma operação.

De visita a este nosso amigo, que conta retirar em breve para o Porto, estiveram ali na quinta-feira, seu pae o ilustre médico e antigo ministro sr. Sousa Junior, Xavier Lobato, Betencourt, empregados superiores da Direcção Geral de Estatística e o nosso director, tendo depois jantado todos.

Dr. Sousa Junior

O tenente médico, antigo ministro e actual director geral d'Estatística, sr. dr. Sousa Junior, partiu anteontem para Tancos, depois de uma certa estada na capital, de visita a seu filho, doente.

A despedir-se de s. ex.ª na gare do Rocio, estiveram grande numero de amigos e admiradores de s. ex.ª, lembrando-nos ter visto os srs. Artur Costa, senador; dr. Germano Martins, Xavier Lobato e Betencourt, da Direcção Geral; Almeida Junior e seu irmão Manuel.

Cartas de um pobre

Comecei trilhando um caminho pedregoso, que a luz das trevas escureceu, com este alento proprio de um novo, com esta esperança propria de um crente.

E quando julguei ter atingido o fim, — triste ilusão! — estava precisamente no ponto de partida. Contudo, ainda não desisti; reconheci o animo e continuei a minha jornada até que um dia, dia que eu não sei se virá longe, não me engane nesse caminho que eu julgava conhecer.

E que feliz sarei...

Então, da tua boca ouvirei a palavra amor, que, por si só, encerra tanta poesia e tanto sentimento, que eu receio profana-la com estas descoloridas linhas.

Jorge das Neves Larcher.

INSPECÇÕES

Brevemente daremos a nota, por dias e freguezias, em que os mancebos terão que comparecer às inspecções anuais, que vão começar.

A beira dum charco

Varias vezes se tem pedido providencias para que a vala que ali está seja convenientemente limpa. O sub-delegado de saúde lavrou já o seu protesto oficial e particularmente. A camara fez a sua representação.

Ha aqui autoridades administrativas. Um juiz, um sub-delegado do Procurador da Republica; escrivães; um magestoso edificio público; um castelo histórico; uma população ilustre. Ha aqui de tudo. Causa calafrios que só não haja o indispensável: a higiene. Causa pena que só não haja o que devia haver: energia, coragem para protestar sem sofismas contra quem não dá providencias.

Se se tratasse de politiquice, tudo estaria já remediado.

Montemor é o unico no distrito. Talvez até no paiz. Não ha senão indolencia. Criminosa indolencia. E um amigo dizia-nos ha dias: *isso vai, rapazes; é questão dum vassourada.* E Montemor precisa d'uma vassourada...

DE LUTO

Finou-se em Lisboa na noite de quarta-feira, a ex.ª sr.ª D. Guihermina de Moraes Rosa, estremitada mãe do ilustre capitão do exercito e Deputado, sr. Moraes Rosa.

A desventurada senhora de havia muito que sofría enormemente, padecimentos que se agravaram e a roubaram, alfin, à vida da terra. Era uma bondosa, e os pobres perderam nela uma carinhosa amiga.

Deplorando o triste desenlace, apresentamos, com profundo sentimento, os nossos pesames sentidos a seu direcção filha, bem como a sua sobrinha a sr.ª D. Elvira de Moraes da Costa, que, por certo, não deve ter sofrido menos a dureza asperma do golpe.

Que descance em paz quem na vida só soube fazer bem!

Pontes do Marujal

Vão ser construidas as pontes do Marujal, que ligam as povoações do sul do concelho com a nossa vila.

Tem andado lá os engenheiros de Obras Públicas e o respectivo Director. E' um grande melhoramento, e sem o qual, as pontes sobre o Mondego, em obras também, não teriam valor algum. As pontes do Marujal, a que nos referimos, estão há bastantes anos em ruínas, sendo o transito por ali completamente impossível. Oxalá que vão á avante.

Junta Geral

A comissão executiva na sua sessão de 22 de Junho, tomou as seguintes resoluções.

Confraria das Almas da paróquia de Cadima, concelho de Cantañede.

Irmadade de Santo António, da paróquia de Bobadela, concelho de Oliveira do Hospital e Irmadade do SS. da paróquia de Covas, concelho de Taboia.

Tomou conhecimento que as confrarias do SS. de Tentugal e Senhor dos Passos da mesma paróquia, tinham entrado em cofre com a multa em que foram condenadas por a não prestação de contas e resolveu conceder-lhe mais 30 dias para as organisarem e apresentar nesta secretaria.

O DEVER

SEMANARIO DEFENSOR DA UNIÃO DA FAMÍLIA PORTUGUESA

Assinaturas (Pagamento adeantado)

Trimestre	o\$32
Semestre	o\$62
Ano	1\$22
Continent e África	
Trimestre	o\$35
Semestre	o\$65
Brazil e África Oriental	
Ano	2\$00
Número avulso, \$04	

Publicações

Comunicados, o\$06 a linha; anúncios, na 1.ª página 1 vez, o\$10 a linha; na 2.ª, o\$08; na 3.ª e 4.ª, o\$06. Repetições, metade deste preço. Por mais de um mês, preço convencional. Selo, cada publicação, o\$01. Os assinantes tem desconto de 25%.

Não se aceitam informações anônimas nem se restituem originais, quer sejam ou não publicados.

Secção de charadas

Retribuição ao ilustre charadista Lacerda:

BILHETE POSTAL

13-a-27-0 13-37-11-12-26-7

28-38 17-h-25-6-25-d-25-1-qu24 36-
34-v-34 16 26-30-35-15-32-11-10 1-7-
29-30 33-34 29-30-29-32-4-7-6 19-6-7-
22 20-21-27-14-25-33-12-3-36-39 u-33-
p-27-23-22-18-27 p-34-11-18 qu-30-22-
24 25-p-27-28-3 9-10-11-12-13-14-15-
16'-11-37 12-3-v-32-7-35-29-37-11-h-34-
37-8 33-5-n-38 25-26-27-28-29-30-31-
32-33-34-35-36-37-38.

Violeta.

Decifrações das charadas do n.º 223

Um verso:—Terminando.

Em frase:—N.º 1, Acre & Doce; n.º 2, Aliatar; n.º 3, Lamento.

Decifraram, todas:—Saude e Lacerda.

N.º da R. — Continua em nosso poder algum original que irá brevemente. Os colegas perdoam?

Por lapsus, chamamos à gentil menina Avelina Ferreira Campos, de Mangualde, Avelino. Um nome de rapaz, mas que, comtudo, não ficou mal á nossa adrada correspondente. Que desculpe e receba um abraço da

Violeta.

EXPEDIENTE

Vamos proceder á cobrança. Pedimos a todos os assinantes e muito especialmente aos que devem ainda os primeiros e segundos anos o pagamento das assinaturas. Também pedimos aos que nos devolveram o jornal no fim de 2 anos «sem nunca terem pago» o favor de pagar.

ANUNCIOS

No Juízo de Direito da comarca de Montemor-o-Velho, e pelo cartório do escrivão Sampaio, foi julgada por sentença de oito do corrente mês, a curadoria provisória requerida pelo curador dos orfãos, dos bens de Manuel Rodrigues Nogueira, solteiro, maior, ultimamente morador em Pereira, da mesma comarca, e há anos ausente em parte incerta no Brasil, sendo nomeado curador provisório dos mesmos bens, Francisco Lopes de Oliveira Bomtempo, casado, proprietário, também de Pereira.

Montemor-o-Velho, 12 de Maio de 1916.

O escrivão,

Adrião Pereira Forjaz de Sampaio.

Verifiquei,

Amaral Pereira.

DR. AVELINO FARIA

Advogado

CANTANHEDE

Dá consultas aos domingos em

ARAZEDE

de outubro em diante e trata de qualquer questão no tribunal de Montemor-o-Velho.

Arrematação

(1.ª publicação)

No dia 23 de Julho próximo, pelas onze horas, á porta do Tribunal Judicial desta comarca se ha-de proceder á venda em hasta pública e pelo maior lance oferecido além do preço que lhe vai designado, do predio abaixo indicado, penhorado na execução hipotecária que Delmino Aníbal de Lima, de Coimbra, move contra Maria Jorge Mendes, viúva, e filhos Maria da Encarnação, Francisco, José Francisco e Joaquim Francisco Angelo, da Povo de Santa

Cristina: — Um predio que se compõe de casas de habitação com currais, pateo, eira de cal, um moinho de fazer farinha, terra lavradia com arvores de fruto e vinha, no arneiro da Povo de Santa Cristina, vai á praça no valor de dois mil e seiscentos escudos. Pelo presente são citados para a arrematação quaisquer credores incertos.

Montemor-o-Velho, 17 de Junho de 1916.

O escrivão,

Adrião Pereira Forjaz de Sampaio.

Verifiquei.

Amaral Pereira.

Agua do Alardo

(Castelo Novo—BEIRA BAIXA)

A melhor e mais pura agua de meza

Excelentes resultados em tratamento de doenças de estomago, fígado, gota, obesidade, etc., etc.

TITTEL, MACIEIRA, & C.º

Rua Alces Correia (antiga rua de S. José)
233 a 237 — LISBOA

Telefone: Norte 1138

Aceitam-se revendedores em todas as localidades onde ainda os não haja.

Agua da Curia

Mogofores

As únicas aguas sulfatadas-calcicas que existem no paiz, similares ás famosas aguas de Contrexéville, nos Vosges (França).

Acção de divorcio

No Juízo de Direito da Comarca de Montemor-o-Velho, pelo cartório do segundo ofício, escrivão Mamede, por sentença de 5 do corrente mês e ano, que transitou em julgado, foi decretado o divórcio entre os conjuges Manuel Dias Alemão e Ermelinda da Fonseca Ramalho, de Verride, desta comarca.

Montemor-o-Velho, 16 de Junho de 1916.

O escrivão,

João Paes da Cunha Mamede.

Verifiquei a exactidão.

O Juiz de Direito,

Amaral Pereira.

Antonio Pereira de Carvalho

Proprietário dos Grandes Armazéns de Bicicletas, Máquinas de Costura, Pianos e toda a qualidade de acessórios.

A maior e mais antiga casa no género

Oficina para todos os concertos, afinações e reparações em bicicletas, motocicletas e máquinas de costura.

Artista mecânico habilitado. Vendas, alugueis e trocas.

Preços sem competencia

34—Avenida Navarro—36

(Estrada da Beira)—COIMBRA

Empreza das aguas Minero-Medicinaes

DE

Pizões-Moura, L. da

Magnífico preventivo contra o tifo

Esta agua, recomendada por abalizados médicos, é utilizada com o maior éxito no tratamento das afecções intestinais, bexiga, rins e estomago, podendo usar-se sem o menor receio, antes com enorme vantagem, como agua habitual de meza.

Usando esta agua obtém-se boas digestões.

Adoptando-se permanentemente, está-se ao abrigo de febres infecções adquiridas vulgarmente pelo uso de aguas inquinadas.

Analise química e bacteriológica de C. Von Bonhorst.

Bacteriológicamente: PURA.

Depósito geral:—Rua Jardim do Rededor, 27—Lisboa.

Pedi-la nos bons estabelecimentos.

Novidade literaria

GOLPES

LIVRO DE VERSOS

POR

Eduardo Pereira

1 volume brochado, \$50. A venda em todas as livrarias.

CAFÉ NAVIO

Especialidade da casa de Francisco Correia Vaz d'Aguiar

Rua dos Mastros, n.º 8

LISBOA

Este café encontra-se á venda em lindas latas litografadas, de 125 e 250 gramas, em todas as boas mercearias e confeitorias. Também se encontra á venda n'A Social, de Macieira de Cambra. Este produto, que é das melhores procedências, tais como Cabo Verde, Angola, S. Tomé, R. O., etc., etc., é recomendado a todas as boas donas de casa, quer pela qualidade, quer pela barateza. Aconselhamos a experimental-o, certos de que não mais deixarão de o usar.

O seu depósito é em Lisboa na rua dos Mastros, n.º 8, para onde devem ser enviados todos os pedidos para re-venda.

“A SOCIAL,”

DE

Antonio Correia Vaz de Aguiar

Abriu no dia 1 de Janeiro este novo estabelecimento. Nele se encontram á venda generos de 1.º e 2.º qualidades tais como: arroz, farinha de pau, massas, queijo flamengo, bacalhau, polvo, azeite. Vende-se também miudezas, sabonetes, pasta dentríficia, objectos de papelaria, etc...

Há um grande sortido de figos e passas; vinhos finos, licores, champagnes, vinhos verde e maduro, das melhores procedências, puros.

Este estabelecimento preencheu uma lacuna. Às pessoas que gostarem de artigos de primeira aconselhamos—A Social—única casa que vende artigos escolhidos.

ANTIGO ESTABELECIMENTO
— DE —
Mercearia, Tabacos e Fazendas brancas
— DE —
João Antonio Rodrigues
(SUCESSORES)
Montemor-o-Velho

Nesta casa se encontra um completo sortido em assucar, chá, café, manteiga nacionais e ingleza, biscoitos, bolachas, massas, bacalhau, genebra e vinhos do Porto.

Ferragens, prego de arame e de ferro, panelas de ferro, rastilho, chumbo em barra e para caça.

Fosforos e Tabacos, por atacado. Tambem vende pelos preços de Lisboa, farinha de trigo, cimento Portland, vidraça, telha de vidro e velas de cera.

Preços resumidos

GRATIFICA-SE BEM

a quem dê informações de que resulte a condenação por fraudes praticadas com prejuízo dos exclusivos de fosforos e isca (e dos interesses do Estado, da Companhia concessionária e do comércio legítimos acendedores, algodão ou qualquer outra matéria apresentada de forma a servir de isca, fabricação ou venda de chita com preparo inflamável, isca em cordão vendida fraudulentamente a título de cordão de sacos, etc., reservando-se a Companhia concessionária intentar a respectiva ação civil de perdas e danos contra os delinquentes, independentemente da multa a que o Estado nos termos da legislação em vigor. Gratifica-se generosamente, guardando-se a maior discreção. A Companhia logo que receba informações fidedignas enviará a qualquer ponto do país agentes da fiscalização para procederem às necessárias diligências. Dirigir-se pessoalmente ou por carta à Companhia Portuguesa de Fosforos, 139, rua de S. Julião, Lisboa.

ADUBOS
MELO & MARTINS
PAMPILHOSA DO BOTÃO

Fabricantes dos bons adubos compostos da marca registada
PEIXE

Chamamos a atenção dos srs. agricultores para fazerem uma experiência dos nossos adubos, devido ao seu magnífico resultado os adoptarão de preferência a qualquer outro.

AZEITE
Para revenda e em grandes quantidades, vendemos de excelente qualidade
Alugam-se Automóveis

MELO & MARTINS
Pampilhosa do Botão

A FUNERARIA EM PEDRA

— DE —

FRANCISCO A. DOS SANTOS, FILHO

RUA DIREITA, 139 a 149

COIMBRA

Esta oficina encarrega-se de todo o trabalho de jazigos, mausoleus, campas, cantarias e ornamentações, tanto em calcareo como em marmore, a qual tem desenhos de jazigos, para escolher, em estilos antigos e em ARTE MODERNA.

Tem depósito de bancas de cosinha e mausoleus em lousa preta.

Encarrega-se também de fazer esculturas, bustos em pedra, barro, gesso, etc.

Toma conta de qualquer trabalho fora de Coimbra

Contra roubo e Contra Incêndio

Grande economia Seguro de Mobiliário

Por \$20 por cada 100\$00 de valor, isto é pelo que se paga só pelo risco de fogo «A MUNDIAL» segura numa só apólice os riscos de INCÊNDIO e ROUBO. É tão necessário o seguro de ROUBO como o de FOGO.

A MUNDIAL

COMPANHIA DE SEGUROS

Capital, Escudos 500:000\$00
Reserva em 1915 102:007\$74.1

Séde em Lisboa — Rua Garrett, 95 — Telefone 4084
Telex — MUNDIAL

Delegação no Porto — Pinto da Fonseca & Irmãos.

Hospedaria do Paço do Conde

JOSÉ DOS SANTOS

Rua Adelino Veiga, 36 a 40 — Rua do Paço do Conde, 10

COIMBRA

Vinhos, comidas e tabacos.
Recebem-se comensais por preços modicos.
Camas para pernoitar.

Esta casa, com a transformação porque caba de passar, melhorou consideravelmente todos os seus serviços, achando-se habilitada a receber hóspedes de qualquer categoria, oferecendo-lhes comodidades por preços baratos. Esmoro e prontidão no serviço de meza, para o que tem pessoal competente.

O mesmo proprietário negoceia em cereais e legumes de todas as qualidades, tais como farinhas, sêmolas, batata, castanha, palha enfardada, cordas e adubos químicos.

Rua Adelino Veiga — 44, 48

O seu armazém é já muito conhecido.

Telefone 379

Oficina-Garage de Coimbra

LOBO DA COSTA & CASTANHEIRA

Grandes oficinas mecânicas para reparações de automóveis; fabrico de carrelos, pinhões e corolas em aço; cimentação e temperas; vulcanisação e fundição de metais. Recolha e tratamento. Ensino. Automóveis de aluguer de \$08 a \$20 o quilometro e 9 lotações de 4 a 18 passageiros.

Accessórios, gasolina e óleo.

Transações em carros de 2.ª mão. Serviço especial, para bem servir os ex.ºs. clientes da província.

Rua da Figueira da Foz — 170

COIMBRA

Local conhecido por «Casa do Sal» á entrada da cidade pela estrada do Porto.

Telefone, 502

Telegrams «Garage-Coimbra»

Ano 5.

Montemór-o-Velho, 9 de Julho de 1916

N.º 227

O DEVER



anario defensor da união da familia Portuguesa

Pátria e Humanidade

Director, Proprietário e Administrador—Almeida Junior

Amor e Caridade

A tremenda guerra em que consomem as suas energias as maiores nações da Europa, fez fracassar muitas teorias que os homens tinham por verdades de realidade inconcussa e proxima.

Desde os claustros universitários, desde os gabinetes e laboratórios, havia-se trabalhado, ano após ano, para o progresso dos homens, e os propagandisats da paz haviam levado ao campo vozes de união e de concordia, cujo éco havia de percorrer o mundo inteiro. Podia esperar-se que os progressos do seculo fariam impossível a guerra, se as nações tratavam alguma vez de carregar as armas em cujas lâminas está escrita a legenda da suprema razão.

Mas ao separarem-se os homens por sentimentos de odio e ao estalar na Europa o vendaval do interesse expulsando de repente a semente da fraternidade humana, todos os progressos do seculo desviaram-se do seu caminho para transformarem-se em armas de combate e de destruição contra aqueles mesmos em cujas mãos poderiam ser instrumentos que lavrassem todas as prosperidades.

Calculos, formulas e aparelhos ideados e descobertos para facilitar aos homens novos campos onde exercessem o seu domínio, são agora concreções científicas para a devastação da terra, para a destruição de monumentos de piedade, da tradição e da Arte, para o aniquilamento das raças humanas e a regressão do tempo a estados d'epaixão e de barbarie.

Se uma sombra de remorso pôde ser o princípio em que se fundou a instituição Nobel, quantas instituições não podiam fundar-se agora, quando as ideias do progresso e de vida, são ideias de desolação e de morte!

O mundo inteiro tem a atenção fixa na sciencia dos generais dos Estados beligerantes, esperando iniciativas que suponham a vitoria final; mas mais que aos caudilhos contempla-se e interroga-se os homens de scienc-

cia, querendo saber se o seu cerebro criador pode dar novas formulas de destruição. Como se já não houvesse bastantes para comover a terra e destruir os homens!

A grande França e a serena Inglaterra pediram aos sabios novos esforços com que poder destruir para sempre a pirataria alemã, e os sabios responderam entregando á Pátria novas formulas que eram armas para o exercito. A Italia, que atravessa actualmente um dos mais graves momentos da sua historia, talvez confie em Marconi, o seu grande sabio, como em Cadorna, o seu grande estratégico.

Mas no meio de tanto horror, perante uma hecatombe tão monstruosa, levanta-se heroica e abnegada uma instituição santa que se chama Cruz Vermelha. As lindas damas que prestam os seus humanitários serviços nos campos de batalha, nos hospitais e nas ambulancias são tão dignas da veneração e da gratidão do mundo civilizado, como os nossos valentes soldados que morrem em defesa da sua Pátria.

A ajuda e o sacrificio, que é belo altruísmo e admirável gesto de amor fraternal, destas mulheres sublimemente caritativas, que oferecem o contraste, nestes terríveis instantes de odio e de dôr, nos quais os homens se desgarram uns aos outros sem piedade, de, como na especie humana ainda ha um pouco de amor ao proximo; amor fraternal, desinteressado e divino, que ama o sacrificio pelo mesmo sacrificio.

E esta caridade, esta bela caridade que em todos os lugares onde a dôr e o sofrimento acharam guarida ou encontraram vitimas a quem torturar, estas mulheres, representantes de todas as mulheres, em cujos corações vivem ainda hoje as sublimes palavras do Martir — porque os homens já as esqueceram ha muito tempo — com inquebrantavel fé, com infatigável entusiasmo cumprem a sua sagrada missão de amor e de caridade, em todos os seus aspectos, e vão pondo na rota da dôr as flores do seu sacrificio e sobre os bestiais golpes que as dentadas da morte fizeram nos corpos, as

Redactor Principal
Virgilio Marques

Secretario da Redacção e Editor
Abel M. de Melo Brandão

Red. e Adm.—R. Dr. José Galvão—Montemór-o-Velho

Sucursal-LISBOA-Hotel Porto, R. do Amparo, 12
TELEFONE 364

Não se restituem originais, embora não se publiquem

Composição e Impressão—Tip. Silva (a vapor)
AVEIRO



VIOLETAS

(A' gentil Violeta da secção das charadas)

Vócenca gosta de flores,
A quem doidas borboletas
Dão beijos, cantam amores?
Tem paixão pelos martirios,
Dália, camélias ou lírios?
— Eu morro pelas violetas!

Sempre timidas, modestas,
Vivem tristes como ascetas
Nos jardins, campos, floréstas.
Coitadas! com tal odór,
São viuvinhas da dôr.
As lindas, frescas violetas!

Pelos campos matisados,
Cantadas pelos poetas,
São tal qual olhos pisados...
Lembram olhos de mulher,
A quem a dôr, o sofrer,
Tornou da cõr das violetas!

Freirinhas da soledade,
Pequeninas, quasi pretas,
Da róxa cõr da saudade,
Lembram tambem as gangrenas,
A nostalgia e as penas
Do coração, as violetas!

Vivem sempre num recanto,
São como as almas discretas
Que sacodem a dôr e o pranto.
Boquitas roxas de fome,
Sem pão, sem beijos...—Seu nome!
Teem o seu nome as violetas!

Porto, 6 | 916.

Salvaterra Junior.

tepídas meiguices das suas mãos, que como duas açucenas misticamente brancas, vertem nas feridas o óleo santo do seu caritativo amor.

J. Seves d'Oliveira.

Notas

Vassourada?!

Ora esta! Então não querem ver; um nosso amigo não tem o descaramento, a petulância de nos dizer, aqui ha dias, que isto cá na terra o que precisava era duma vassourada!

Pois, querido amigo, vassoure por aí sua vontade, se isso lhe dá na gana, mas, pela sua riquinha saude, não toque nos nossos ricos políticos, nem tão pouco na nossa impagável câmara, o que seria o cumulo da ingratidão, para quem tantos e tão relevantes serviços tem prestado ao nosso concelho.

O senhor não vê que aqui não se trata de politiquices; não observa a energia, a coragem, a vontade sem sofismas com que se tem pedido a limpeza desse charco imundo, a que chamam vala; não reconhece os esforços inauditos que se tem empregado, para que Montemór tenha um posto da guarda republicana, que evite as constantes roubalheiras por

esses campos; e o preço humanitário por que está sendo vendido o milho; não obriga a rapidez dos trabalhos da ponte da Ladröeria, onde não tem havido ladrão algum; e por ultimo, ainda não observou os estudos para a construção das pontes do Marujal, onde muito marujinho ha de pescar alguma coisa?

Se não via, veja e depois diga-nos se temos ou não razão para lhe pedir que poupe esses benemeritos cidadãos.

Uma vassourada?! Vassoura?! Isso nunca. Um arrôcho, sim, que é para ver se isto se indireita.

O' para todos...

O orgão da grande informação, da capital, referindo-se à criminosa especulação do açambarcamento do milho e trigo nacional, diz que: «o governo tem feito até agora os mais louváveis esforços para assegurar o abastecimento do paiz» afim de «evitar que os efeitos da tremenda crise derivados da guerra europeia, tornem mais dolorosa a vida das classes menos desfavorecidas».

Então o sr. ministro das providências sociais, só trata de si aliviar a si e aos seus amigos menos desfavorecidos e não o pobre Zé trabalhador, que teme a não ter milho nem trigo, a comer o infiel amigo, já pôdre, a 48 centavos, o guloso do sr. Hinton, com muita areia, que é para pesar mais, a 54 centa-

vos e tudo o resto pela mesma bitola.
Nada! Assim não pode ser, ou para todos ou para nenhum.

Será?!

Então tu não queres ver, leitor amigo, que grande maduro me saiu aquele padre São Miguel, que depois de navegar um pouco pelo mar distante da nossa história antiga, na barca fugitiva do pensamento, vai bater e ancorar ao porto da «Deseja de Mira», onde depois faz as suas dragagens pelos velhos castelos de visita às idas mocidades chocareiras d'outrora, dum Portugal, que nasceu do casamento místico da Cruz com a Espada e na sua infância foi embalado pelos anjos e velado carinhosamente pela Virgem, nos atira com a quadra seguinte:

«Bandeira das cinco chagas
«Se Deus a visse no chão
«Viria do céu à terra
«Ergue-la por sua mão.»

Oh!, erudito pastor de Santa Catarina da Serra, olhe que um «Portugal» em tais condições só conhecemos o que esteve no lugar do Pelourinho, que nasceu do casamento místico da Cruz do Padre Matos das guitaradas, com a Espada do Manuelsinho da Gaby, foi embalado pelos anjinhos do padre Cabral de Campolide e velado carinhosamente pelas Virgens do Centenário de Santo António!

E foi certamente navegando na desconjuntada barca do nacionalismo que o reverendo abordou a esses reis castelos, armados dum metralhadora que não chegou a fazer fogo, e se encontrou com as jocosas mocidades da «Oração» amiga, onde a bandeira das cinco chagas, muitas vezes, esteve no chão e sobre o bilhar servindo de travessereiro ao sr. Franco Monteiro, não nos constando, porém, que fosse Deus que a erguesse por suas mãos. A não ser que o João, Coutinho, seja Deus. Será?

Vá

Segundo informam as gazetas vamos ter nova conspiração realista, mas, desta vez, segundo eles dizem, com o apoio de parte do exercito que procura os meios de não seguir para a frente ocidental da guerra.»

Isto é infame! Nós temos a certeza que nenhum português digno dêste nome, se negará a cumprir o seu dever, nesta hora trágica para os destinos da Patria, e que estes boatos são obra desse inimigo da República que assim pagam a benevolência com que teem sido tratados.

Vá, déem mais anistias, deixem vir para Portugal mais Cristos pai e Ave Maria filho e todos os outros santinhos acólitos do «Dia», que pululam pela «Nação», provocando todos os que não lêem pela cartilha da sua «Ordem», onde um Nemo tenta envenenar a vida nacional, com a sua «Liberdade», a quem só agrada a destruição, o boato, a intriga, a conjura, e um «Talassa» vomita infamias sem que receba uma lição exemplar.

Bem achado e...

A clerical «Nação», lamentando «a febre de divertimentos neste período de intenso sofrimento para uma grande parte da humanidade», transcreve da sua ilustre confrade francesa, a jesuítica «Croix», uma notícia em que esta, comentando uma matinée em Biarritz, diz «não parecer que compatriotas se estão batendo para os lados de Verdun», terminando por achar «pena não se poder dar por alguns dias uma volta ao mapa da França, o que havia de ser remedio eficaz», o que a «Nação» reconhece ser bem achado!

Não ha dúvida! E' bem achada, mas mal medida, porque quem mais se di-

verte, são os amigos da «Nação» e da «Croix» que todos os dias enchem o Boletim das Salas com as suas festas elegantes e os seus divertimentos aristocráticos, de que se colhem pelo seu santo amor da humanidade.

E quem sabe até se o simpático coreligionário da «Nação» assistiu também à criminosa matinée que a «Croix» comenta e a «Nação» transcreve, na fúria de fazer política, sem se lembrar dos seus telhados de vidro.

Ao Almeida Junior

(Nas suas HORAS do n.º 223)

Sei bem que você se encontra neurastenizado, de forma a parecer sempre o mesmo triste, não obstante ter momentos de indelevel alegria, quando, uma ou outra ninfa, o embriaga com olhares sedutores.

A sua musa prostitue-se aos pés de todos os grandes; a sua lira não sabe senão entoar, na imensidão da solidão, o seu canto de morte. O mundo de sensações por que você passa, pôde durar por muito tempo sem lhe despedaçar a razão ou a vida; mas, se em vez de 52 domingos, tivessemos os 365 que você idealiza em cada ano, o amor, para si, seria o delírio de todas as suas faculdades. Bem sei que um dia de paraíso vale mais do que cem anos de vida mortal!

Mas você julga que, finda essa vida sublime, se possa voltar para a existência da realidade?

Pobre amigo! Como você é bom no meio dos seus devaneios...

As suas crónicas são sempre interessantes e creia que as leio com bastante agrado. O sentimento é a sua arma e permito-me dizer-lhe que vejo nisso, talvez, um pouco de malícia.

... São elas sempre inspiradas no amor... na dor... etc., e, como a maioria dos corações femininos é bôa e generosa, você busca da aljava do Cupido as setas com que lhe prende!

Abraça-o o todo seu
Lisboa, 14 | 6 | 916.

Pedro Paulo.

Concurso literario

Terminou o concurso literario que o Dever nele abriu. Néle depozeram, em prosa e verso, varias pessoas de reconhecido valor literario.

Abriu-o uma dama gentil. Era de justiça que uma poetisa ilustre o fechasse.

Vai o júri reunir, sob a presidencia, na prosa, do nosso ilustre amigo, sr. Luiz Ferreira, jornalista apreciado, tendo, como vogais, Artur Ornelas e João Guedes, dois dos nossos presados companheiros de casa: o primeiro, funcionário superior da Alfândega de Lisboa, e o segundo, guarda-livros e antigo jornalista.

Para apreciar as produções em verso obsequiou-nos com o seu auxilio o nosso inteligente colaborador sr. José Seabra Cascão, poeta dum valor incontestável.

Da opinião dos nossos amigos dependerão os premios a conferir aos concorrentes, que constam de obras de valor que depois se anunciarão.

Capitão Fernando Utra Machado

Este nosso presadíssimo amigo, que tão inteligente e sabedoramente governou a província de Lunda, e ultimamente a de Angola, acaba de pedir a sua demissão.

Lamentamos deveras tal resolução, pois que a sua falta se fará sentir decerto nas regiões africanas, onde ele tanto trabalhou para o seu engrandecimento. E a propósito devemos dizer aos nossos leitores, que há tempos, falando com um expedicionário sobre coisas de África e seu governo, ao perguntarmos por este nosso amigo nos disse, como sabe das relações de amizade que nos prendiam: —E' o único que em África tem trabalhado.

Apraz-nos registar esta opinião, que de resto já por varias vezes a temos constatado.

Touro fugido

Por Verride e Presalae tem andado, fugido, um touro bravo, que tem feito enormes prejuízos nas cearas, pondo a população em sítio.

Também, sem dono nem pastor, umas vacas bravas andam por ali à vontade, causando do mesmo modo prejuízos.

Providencias.

Eis a falta da Guarda Republicana, de que ainda nos havemos de ocupar.

JORNALISMO

Mais um ano de existencia contam os nossos presados colegas «Jornal de Cantanhede» e «Gazeta de Coimbra», que tem sabido manter-se intransigentemente dentro das boas normas jornalisticas. Felicitamo-los.

Visitou-nos o bem redigido semanário escolar, que tem por bandeira a nossa divisa, este lêma que nos tem norteado desde o primeiro numero. A «Sementeira», que se publica em Guarita, as nossas saudações cordeais.

Cartas dum pobre

Deixaste ontem transparecer, no rosto, um amargo de tristeza; teus olhos que sempre anunciaram alegrias, deram a conhecer o desalento.

Compartilhei, bem intimamente, da tua dor, e tive forças para exteriorizar por um sorriso um nobre sentimento de tristeza.

Fitei-te e senti-me feliz em poder pensar que a luz do sol não é mais pura, nem mais bela, que a luz do teu olhar, que o meu coração aquece.

Nos momentos mais felizes ou nas horas de maior tristeza, já mal esqueço o teu nome encantador, gravado para sempre no meu espírito e que a tua indiferença nunca conseguirá apagar.

Amo-te e este amor tão simples, mas tão veemente, tão puro como desinteressado, levou-me também ao cometimento de uma falta, talvez imperdoável.

O coração tem por vezes destes caprichos; quiz falar e falou....

E tu bem o escutaste, melhor o comprehendeste e, como resposta, o silencio e só o silencio!

Definir tal silencio é facil; mas conformar-me com ele, é impossível;

sim, inteiramente impossível, porque não tenho força para destruir um sentimento invulgar que lhe domina e impõe sobre a minha vontade.

Odeia-me se é esse o teu desejo e se tanto te for possível; mas não tentes convencer-me de que não te posso amar...

Sou pobre, mas tenho coração que sente e vive como o teu.

Talvez que não muito longe venha o dia em que esses teus sorrisos, que a custo se desprendem dos teus labios para dizerem o que não sentes, dêem lugar a lagrimas de arrependimento e de remorso...

Jorge das Neves Larcher.

Carta de Taveiro

Mercê da obsequiosa boa-vontade dum estimado amigo nosso, principiará o Dever, no proximo numero, a publicação duma série de cartas de Taveiro, em que se verberará o procedimento da camara para com o povo daquela terra, etc.

DE LUTO

Os jornais de domingo ultimo deram a triste notícia que segue:

Vila de Pereira, 1 — Realizou-se o funeral do sr. Azul Paiva de Carvalho, que, como noticiamos, faleceu ontem, vitimado pela tuberculose. O extinto era muito querido pela população desta vila, que durante todo o dia, em larga romagem, desfilou perante o ataúde do desventurado moço, tributando-lhe sentidas lagrimas de saudade e acompanhando-o mais tarde à sua derradeira morada numa multidão imensa que tomava as ruas do percurso. Conduziu a chave da urna o académico e amigo do extinto sr. Alberto Sanches, tendo-se no prestígio incorporado todas as pessoas de representação local. Foi uma das maiores demonstrações de pesar que aqui se tem realizado, o que, aliás era de esperar, pois que Azul de Carvalho era uma bela alma e um carácter de eleição, que procurou sempre, como filho de Pereira e verdadeiro amigo do povo que era, engrandecer a terra que o viu nascer.

Com efeito Azul de Carvalho era um devotado amigo do seu povo. E não só do povo de Pereira. Também o era nosso. O Dever contava no nosso desventurado amigo um dos seus mais leais cooperadores.

Tres dias antes da sua morte nos escreveu ele, sobre um pedido que lhe fizermos. Dizia-nos estar de cama, doente. E na sua carta, que temos diante dos nossos olhos, ele deixava já transparecer a saudade pela Vida. Pouco viveu. Apesar de dois dias mais depois que ela nos chegou ás mãos.

Sentindo o desenlace, abraçamos comovidamente os seus, cuja alma, como a nossa, está de luto.

Professorado

Está a pagamento o 1.º semestre de rendas de casas ao professorado do concelho, bem como a folha de ordenados.

Poetas e Prosadóres**EPISÓDIO DA GUERRA**

Ao Ilustre director de "O Dever", ALMEIDA JUNIOR

... fito os olhos num rapaz jovem ainda tendo numa das mãos uma carta e na outra o retrato duma rapariga jovem e linda...

Dos jornais (entrevista com um oficial francês).

Ainda mesmo ali, já morto, frio e mudo
Amar com todo amor... o Deus do amor é tudo!...

Ainda mesmo ali com denegrido aspeto
Tendo no labio o rir dum beijo leve, inquieto,
No olhar um desejo. E dentro a mão gelada
Um retrato a sorrir, talvez da namorada,
Da mãe santa e velhinha a rir de amor... talvez!
Qual seria — leitor — seu amor entre as tres?

Da primeira? não sei; da namorada linda?
Impossível. Pois que um amor maior ainda
E' o amor, grande, a nossa patria amada,
Que faz s'quecer o amor da nossa namorada.

Da segunda? talvez. Amor á mãe é imenso,
Para pagar o amor, aquele amor intenso
Que brilha sempre a rir, no mesmo brilho... e vai
Findar na sepultura. E se o pobre era pai?

Se era pai, só da filha; era da filha entanto.
Trazia-lhe o retrato ao pé do coração
Para o acalantar; quando julgasse um p'riga
Pondo-se a contemplar aquele rosto amigo,
Dum alegre, talvez duma inocencia bela
Que tem o olhar da filha ao pai olhar p'ra ela.
E quem sabe — leitor — se quando viu a morte
Já perto, p'ra acabar naquele esforço forte
Com a vida, o amor, a patria que adorava...

Arrancou dum puchão a farda que ostentava,
Buscou cheio de dôr da linda pequenita
O retrato, seu bem... e uma vez afito
Começou a gritar, morrendo — Oh! maravilha —
Na voz que tem a dôr! — «Adeus querida filha!»

Leão Correia.

O MILHO

A vereação camararia resolveu no penultimo sábado que os 15 moios de milho chegados de fóra não fossem divididos pelas terras do concelho, ao contrario do que estava assente e *O Dever* noticiou.

O milho, pois, fica todo nos paços do concelho, e será vendido a quem o procurar á razão de 950 reis!!!

Deve ser, pois, procurado todas as quartas-feiras e domingos, das 9 horas em diante.

Pobre Zé, que te esfolam!!

A 950 reis o alqueire!!!

O milho!!!! E tanta gente com fome!

Carta de Coimbra

4—7—916

Lutuosa—Faleceu no dia 23 de junho, no Rio de Janeiro, o snr. dr. Gustaf Bergeström. Espírito preclaríssimo, carácter lhano, coração bondoso e simples, a morte tão prematura de S. Ex.^a entristeceu todos quantos lhe admiravam a pujança do seu saber e os sentimentos generosos que lhe adornavam a alma.

A sua família, e muito especialmente a seu pai, Teodoro Bergeström, distinto professor do liceu de Coimbra, enviamos a expressão sentida do nosso pesar.

Exames—Começaram os exames de instrução secundária, no liceu desta cidade. Os exames de

instrução primária do 1.^º grau, começaram também.

Em ferias—Passou no 2.^º ano da Escola Normal, pelo que se encontra em ferias, o nosso amigo José Dias Camarada.

Desejamos-lhe um tempo feliz.
—M.

Agradecimento

Maria Pereira Fernandes Duarte e seus filhos, António Maria Fernandes Duarte e sua família, e José Maria Fernandes Duarte, agradecem muito penhorados a todas as pessoas que os acompanharam na sua dôr pelo falecimento de seu saudoso Marido, Pai, Irmão, Tio e Irmão.

Ereira, 7 de Julho de 1916.

Inspecções militares

As inspecções aos mancebos do concelho, de 20 anos de idade, terão lugar, nos paços do concelho desta vila, nos seguintes dias do mês de agosto:

Carapinheira e Reveles em...	24
Tentugal e Santo Varão....	25
Verride e Pereira.....	26
Seixo, Liceia e Means.....	28
Montemor, Gafões e Arazede..	29 e 30

Os mancebos teem que, na véspera, ir à camara tirar as suas guias e comparecer, ás 9 horas, no dia das inspecções, munidos das respectivas cedulas e senhas.

Brevemente publicaremos a nota dos dias em que se efetuam as novas inspecções aos que ficaram isentos, dos 20 aos 45 anos, para efeitos de mobilização.

Lopes de Oliveira Bomtempo, casado, proprietário, também de Pereira. Montemor-o-Velho, 12 de Maio de 1916.

O escrivão,

Adrião Pereira Forjaz de Sampaio.

Verifiquei,

Amaral Pereira.

Editos de 30 dias(1.^a publicação)

PELO cartorio do terceiro ofício do juizo de direito desta comarca e por apenso a uns autos de petição para prestação de contas de administração de bens requeridos por José Augusto Patrício, viúvo, actualmente no Brasil, contra José Guardado e mulher, d'Abrunheira, corre seus termos uma Execução requerida pelo mesmo José Augusto Patrício contra estes José Guardado e mulher Maria do Carmo Patrício, actualmente ausentes em parte incerta, para pagamento da quantia exequenda de 245\$40,6 de pedido e ainda das custas acrescidas com esta execução, e dos mesmos autos de execução correm editos de 30 dias, que começam a contar-se depois de passados oito em seguida à segunda publicação no *Diário do Governo*, citando aqueles executados, para no prazo de dez dias, depois de findo o prazo dos editos pagarem a quantia exequenda ou nomearem á penhora bens suficientes para seu pagamento, sob pena de se devolver ao exequente o direito dessa nomeação.

Montemor-o-Velho, 30 de Junho de 1916.

Verifiquei:

O Juiz de Direito,

Amaral Pereira.

O Escrivão,

José de Paiva Bobela Mota.

Doente

Tem estado doente, indo um pouco melhor, a ex.^{ma} snr. D. Ilda de Freitas Garcia, estremosa filha do nosso estimado assinante, de Serroventoso, snr. Freitas Garcia.

Sentimos.

Subsistencias

A comissão de subsistencias encorou à camara municipal, 10 sacos de açucar que serão fornecidos pela Companhia Mercantil Internacional, Lda., de Lisboa e calcula-se que poderá ser aqui vendido ao preço de 36 centavos cada quilo.

Nalgumas terras do concelho se está ele vendendo a 520 reis, não se importando os comerciantes com a tabela em vigor, nem as autoridades com o fazer cumprir a lei.

O povo que vá gemendo!...

Veremos se agora temos assurar barato, pois a Camara já oficiou a mandá-lo vir.

Contribuição

Acha-se já em reclamação, até ao dia 10 do corrente, a contribuição industrial.

Arrematação(2.^a publicação)

No dia 23 de Julho próximo, pelas onze horas, à porta do Tribunal Judicial desta comarca se ha-de proceder á venda em hasta pública e pelo maior lance oferecido além do preço que lhe vai designado, do predio abaixo indicado, penhorado na execução hipotecária que Delmino Aníbal de Lima, de Coimbra, move contra Maria Jorge Mendes, viúva, e filhos Maria da Encarnação, Francisco, José Francisco e Joaquim Francisco Angelo, da Povoação de Santa Cristina: — Um predio que se compõe de casas de habitação com currais, pateo, eira de cal, um moinho de fazer farinha, terra lavradia com arvores de fruto e vinha, no arneiro da Povoação de Santa Cristina, vai á praça no valor de dois mil e seiscentos escudos. Pelo presente são citados para a arrematação quaisquer credores incertos.

Montemor-o-Velho, 17 de Junho de 1916.

O escrivão,

Adrião Pereira Forjaz de Sampaio.

Verifiquei,

Amaral Pereira.

No Juizo de Direito da comarca de Montemor-o-Velho, e pelo cartório do escrivão Sampaio, foi julgada por sentença de oito do corrente mês, a curadoria provisória requerida pelo curador dos orfaos, dos bens de Manuel Rodrigues Nogueira, solteiro, maior, ultimamente morador em Pereira, da mesma comarca, e há anos ausente em parte incerta no Brasil, sendo nomeado curador provisório dos mesmos bens, Francisco

João Antônio Rodrigues

(SUCESSOR)

ANTIGO ESTABELECIMENTO

— DE —
Mercearia, Tabacos e Fazendas brancas
 — DE —
João António Rodrigues
 (SUCCESSIONES)
Montemor-o-Velho

Nesta casa se encontra um completo sortido em assucar, cház, café, manteiga nacional e inglesa, biscoitos, bolachas, massas, bacalhau, gênebra e vinhos do Porto.

Ferragens, prego de arame e de ferro, panelas de ferro, rastilho, chumbo em barra e para caça.

Fosforos e Tabacos, por atacado. Tâmbem vende pelos preços de Lisboa, farinha de trigo, cimento Portland, vidraça, telha de vidro e velas de cera.

Preços resumidos

GRATIFICA-SE BEM

a quem dê informações de que resulte a condenação por fraudes praticadas com prejuízo dos exclusivos de fosforos e isca e dos interesses do Estado, da Companhia concessionária e do comércio legítimo acionadores, algodão ou qualquer outra matéria apresentada de forma a servir de isca, fabricação ou venda de chita com preparo inflamável, isca em cordão vendida fraudulentamente a título de cordão de sacos, etc., reservando-se à Companhia concessionária intentar a respectiva ação civil de perdas e danos contra os delinquentes, independentemente da multa a Estado nos termos da legislação em vigor. Gratifica-se generosamente, guardando-se a maior discrição. A Companhia logo que recebe informações diligentes, enviará a qualquer ponto do país agentes da fiscalização para procederem às necessárias diligências. Dirigir-se pessoalmente ou por carta à Companhia Portuguesa de Fosforos, 139, rua de S. Julião, Lisboa.

ADUBOS
MELO & MARTINS
PAMPILHOSA DO BOTÃO

*Fabricantes dos bons adubos compostos da marca registada
 PEIXE*

Chamamos a atenção dos srs. agricultores para fazerem uma experiência dos nossos adubos, devido ao seu magnífico resultado os adoptarão de preferência a qualquer outro.

AZEITE

Para revenda e em grandes quantidades, vendemos de excelente qualidade
 Alugam-se Automóveis

MELO & MARTINS
 Pampilhosha do Botão

A FUNERARIA EM PEDRA

— DE —

FRANCISCO A. DOS SANTOS, FILHO

RUA DIREITA, 139 a 149

COIMBRA

Esta oficina encarrega-se de todo o trabalho de jazigos, mausoleus, campas, cantarias e ornamentações, tanto em calcareo como em marmore, a qual tem desenhos de jazigos, para escolher, em estilos antigos e em ARTE MODERNA.

Tem depósito de bancas de corintha e mausoleus em lousa preta.

Encarrega-se também de fazer esculturas, bustos em pedra, barro, gesso, etc.

Torna conta de qualquer trabalho fóra de Coimbra

Contra roubo e Contra Incêndio

Grande economia
Seguro de Mobiliário

Por \$20 por cada 400\$00 de valor, isto é pelo que se paga só pelo risco de fogo. «A MUNDIAL» segura numa só apólice os riscos de INCÊNDIO e ROUBO. E' tão necessário o seguro de ROUBO como o de FOGO.

A MUNDIAL

COMPANHIA DE SEGUROS

Capital, Escudos. 500:000\$00
Reserva em 1915. 102:007\$74.1

Séde em Lisboa — Rua Garrett, 95 — Telefone 4084
 Telegrafo — MUNDIAL

Delegação no Porto — Pinto da Fonseca & Irmãos.

Hospedaria do Paço do Conde

JOSÉ DOS SANTOS

Rua Adelino Veiga, 35 a 40 — Rua do Paço do Conde, 10

COIMBRA

Vinhos, comidas e tabacos.

Recebem-se comensais por preços modicos.

Camas para pernoitar.

Esta casa, com a transformação porque cabia de passar, melhorou consideravelmente todos os seus serviços, achando-se habilitada a receber hóspedes de qualquer categoria, oferecendo-lhes comodidades por preços baratos. Esmoro e prontidão no serviço da meia, para o que tem pessoal competente.

O mesmo proprietário negoceia em cereais e legumes de todas as qualidades, tais como farinhas, sêmolas, batata, castanha, palha enfardada, cordas e adubos químicos.

Rua Adelino Veiga — 44, 48

O seu armazém é já muito conhecido.

Telefone 379

Oficina-Garage de Coimbra

LOBO DA COSTA & CASTANHEIRA

Grandes oficinas mecânicas para reparações de automóveis; fabrico de carretos, pinhões e corôas em aço; cimentação e temperas; vulcanização e fundição de metais. Recolha e tratamento. Ensino. Automóveis de aluguer de \$08 a \$20 o quilometro e 9 lotações de 4 a 18 passageiros.

Acessórios, gazolina e óleo.

Transações em carros de 2.ª mão. Serviço especial, para bem servir os ex.** clientes da província.

Rua da Figueira da Foz — 170

COIMBRA

Local conhecido por «Casa do Sal» à entrada da cidade pela estrada do Porto.

Telefone, 502

Telegrams «Garage-Coimbra»

Coimbra

Ano 5.

Montemor-o-Velho, 16 de Julho de 1916

N.º 228



O DEVER

Semanario defensor da união da família Portuguesa

Pátria e Humanidade

Director, Proprietário e Administrador—Almeida Junior

Guarda Republicana

Teimosia e indiferentismo — O povo que abra os olhos

O Dever, que nunca se esqueceu dos seus deveres, nem dos interesses da população do concelho, tendo, por esta vila histórica, a maior das suas simpatias, tem pugnado em prol do seu engrandecimento com o mesmo entusiasmo com que defende tudo o que se lhe afigura lógico e consentâneo com os bons princípios de moralidade.

Por muitas vezes tem pedido áqueles a quem compete velar pela segurança e bem-estar dos povos, a criação dum posto da guarda republicana, afim de se pôr cobro aos

desmandos que por aí se notam, pois são muito frequentes as queixas por roubos, danos, etc., que se produzem nos campos e nas terras de cultivo doutras localidades, e é para lamentar que, num assunto de tanta magnitude, se haja visto só no posto de combate.

Outros melhoramentos tem lembrado; outros assuntos de igual importância tem tratado. Desgraçadamente, o nosso intuito não tem sido compreendido. O nosso esforço não tem tido auxílio de qualidade alguma. A inacção, o indiferentismo é tal, que, cada um, procura sómente arranjar-se, não se importando com os outros para nada. Quem sofre que sofra. Que não seja tolo... E' a frase.

E esta frase, sobre ser impertinente, tem alguma coisa de anti-patriótico. Muitos a proferem olhando as velhas rotinas, deixando-se ficar recostado no sofá da indolência, nunca tendo sentido pelo proximo o menor vislumbre de dedicação, a mais pequena parcela de simpatia ou interesse.

Os poderes constituídos do Es-

tado, para onde é costume apelar-se constantemente em Portugal, não são culpados da maior parte das faltas existentes no país. Os deputados vão ao parlamento após uma longa propaganda, prometendo mil coisas. O povo elege-os, levado às urnas pelos influentes locais, e nunca espera deles o mais pequeno benefício, porque, cavando a terra e regando a horta, o que quer é ir ganhando para passar, mesmo dormindo ao sol e permanecendo à chuva.

Os que pedem votos, os que fazem política com a consciência do que fazem, isto é, com a consciência de que iludem, é que tinham o dever de orientar, para que os legisladores lembressem e insistissem, depois, na realização dos melhoramentos que, como a criação do posto da guarda republicana, não trazem grande dispêndio.

Ora isto não é sómente uma ficção. E' mais alguma coisa que não classificamos por vergonha.

Todos constatam estas verdades. E alguns, que podiam auxiliar o povo, pondo-se a nosso lado na defesa dos seus interesses, colocam-se à parte, mercê do seu temperamento comodista e da sua indiferença pelo progresso, pretendendo fazer-se passar por inocentes e tudo quanto é bom, sem se lembrarem de que, uma vez caída a máscara, é muito difícil a reconstituição da fama porque passavam.

Que o povo veja bem quem são os responsáveis pela falta da criação do posto da guarda republicana, que outras terras menos importantes do que a nossa já possuem ha muito tempo...

Mas estes amiguinhos do povo estão-se nas tintas para ligarem importância à real.

O assucar pode estar a 52 centavos com verdadeiro desprezo pela tabela, que isso a eles não os encosta!

O povo pode não ter pão; mas a *humanitaria* vereação não se resolve vender o milho por menos de 95 centavos, ou antes, do alto não ha providências. Depois, é só duas vezes por semana, e tóra desses dias o pobre Zé se quizer comer, tem que esperar que s. ex.^{as} abram novamente as portas dos seus celeiros.

Trabalhar todos os dias! isso é bom para pretos e estas branquinhas criaturas não estão para isso.

A quem doi a barriga que a aperte, que é o mesmo que ha de suceder

Secretário da Redacção e Editor
Abel M. de Melo Brandão

Red. e Adm.—R. Dr. José Galvão—Montemor-o-Velho
Sucursal—LISBOA—Hotel Porto, R. do Amparo, 12
TELEFONE 364

Não se restituem originais, embora não se publiquem
Composição e Impressão—Tip. Silva (a vapor)
AVEIRO



NÉLI

Explendida Neli! Tão séria e tão formosa,
Como uma noiva fliz, vai para a comunhão.
E leva a transbordar de luz o coração.
Puro como o seu veu de laços côn de rosa...

E' terno o seu olhar, a face meiga, airosa,
Da carminada côn da rosa ainda em botão.
Como ela sonha a Vida um ceu de perfeição,
D'ilusões virginais, alegre e venturosa!

Cresce, faz-te mulher, e brotará o amor
Nesse peito febril de linda estatua grega.
E então has-de sentir desilusões e dôr...

E has-de chorar, chorar! p'ra não fugir á regra,
Ao ver quanto o Destino é falaz, traidor,
E como a Vida é negra, aí!, como a Vida é negra!

Porto, 11—5—916.

Salvaterra Junior.

para as proximas eleições, se não fôr antes...

Patriotas!

Esse papeluco monárquico que por aí se arrasta sob a direcção do rapado *vira casacas* do snr. Moreira de Almeida, referindo-se á *atitude monárquica*, ao *patriotismo* dos seus amigos e aos boatos de nova *conspiração realista*, diz que são invenções dos republicanos para exercerem represálias, porque eles não pensam nisso «pela razão simples de que, neste momento, nós todos restituímos aos republicanos o brinde duma Monarquia se eles no-la quizessem oferecer», mas que nem o Manuelsinho nem os seus *patrióticos* amigos querem «nestas alturas da guerra e em frente de horizontes em que se acastelam as mais negras nuvens, uma prematura restauração.»

Bravo, seus grandes... patriotas! Com que então, no momento grave que atravessamos, nem *oferecida* lhe convinha a sua querida monarquia! Mas quando tudo isto correr ás mil maravilhas, então é que dava a conta um lauto banquete á mesa do Estado? Estejam descançadinhos, que, por mais esforços que façam, nem agora, nem mais tarde, o povo consentirá que as *aves de rapina*, que correu na madrugada de 5 de Outubro, voltem novamente a poifar sobre o erário público.

Ora esta!

«A Nação» vem mal humorada com as meninas da companhia dos telefones, porque, além de não ouvirem bem e lhe responderem, frequentes vezes, com o clássico «está impedido» — o que lhe irrita os já velhos e rabugentos *nervos* — não empregam um *tom mais... macio*, mais amável para com a simpática velhinha.

Ora esta! Como quer a beatífica septagenária que as pequenas sejam amaveis se o snr. Franco Monteiro é tão arisco para as senhoras e o Santos tão mal humorado, principalmente quando enverga o celebre *frack* e o *impagavel chapéu alto*?

Mande ao aparelho o Mimoso ou o «Sacavem» e verá como as coisas correm ás mil maravilhas.

Acertou

«A' Ultima Hora», dissertando sobre «política fatal», o snr. Carneiro de Moura, que nos aparece «republicano da velha guarda», depois de se ter bandeado por outros partidos, como qualquer *espanhola salerosa* ao som de pandeireta e castanholas que o «Seculo» lhe tocou em tempos idos, diz que «é impossível, por mais tempo, este socialismo do Estado», visto «quererem todos um lugar á mesa do orçamento ou favores e privilégios, para serem pagos pelos outros... cidadãos escravos.»

Acertou, seu Carneiro! Isto não pode nem deve continuar.

E preciso que o snr. Moura, e outros ociosos, deixem de ser pagos pelos... cidadãos escravos.

Favores para exames, que rendem belos presentes, privilégios de ir á repartição quando apetece, isso é impossível por mais tempo.

O socialismo do Estado tem que acabar e ha de acabar, estamos certos disso.

Depois disto...

O *impagavel Dia*, repisando sempre a já estafada nota da «União Sagrada», transcreve, dum colega republicano, uma local que diz:

«Para os monárquicos a Alemanha é tudo, porque com gente dessa raça casou o fedorento garotinho, que uma infelicidade de má pontaria não liquidou também naquela tarde de Fevereiro, em que o pai sofreu a justiça pública,» e que ele comenta dessa forma:

«Depois disto... que mais ha de ser?»

Depois disto... só umas transcrições daqueles artigos que, de 1908 a 1910, o grande paladino da causa monárquica, publicava *inalte*-*cendo as boas qualidades* do ex-rei, o mesmo Manuelsinho a quem hoje lambe as botas...

Videirinhos

«A Vanguarda», que anda agora muito na retaguarda, amparada por uma Muralha defeituosa e contaminada, depois de tomar o *chá das cinco* que lhe ofereceu o Pinto Pancracio,

Notas

Mais uma vez

Apesar dos nossos fracos recursos musicais, somos obrigados a bussinar mais uma vez a já repisada ária do desleixo e da incuria e da falta de iniciativa e humanidade dos nossos simpáticos camaristas.

Touros e vacas e todas as outras espécies de animalejos andam por aí estragando as cearas dos pobres lavradores, sem que as nossas queridas autoridades deem providencias, nem a nossa *impagavel Camara* se resolva a pedir, sem sofismas, o tão necessário posto da guarda republicana.

furioso por o não convidarem para a varanda do Nacional a ver passar as forças dos marinheiros, observa os casos do dia, onde descobre que o sr. Leote efectuou o passeio militar para mostrar em terra a força que tem nos marujos. Em seguida, passando a revista do dia, encontra um velho republicano perseguido a quem a censura arrancou a cabeça, o que a obriga a, com fé e disciplina a entrar numa igreja,—a penitenciar-se dos antigos pecados que o snr. Muralha cometeu de chicotear religiões e padres,—onde viu alguns soldados e oficiais, o que lhe pareceu um sítoma de regresso ao passado, que atualmente muito conviria ao snr. Pedro.

Mas fique certo que esse misterio insondável da natureza não se dará apesar do desgosto do snr. Muralha e amigos a que nós perdoamos porque não sabem o que fazem mas muito bem o que querem... os Videirinhos.

Liberdades

O sr. Neves Rodrigues, no seu itálico da «Gazeta de Coimbra», vem furioso contra as autoridades, porque não dispensam todo o seu apoio a esses religiosos santinhos que, renegando a Mãe Patria, negando-lhe o seu concurso na hora presente, dizem: «Minha Mãe: a Companhia nunca a deixarei ser-lhe-ei fiel até ao fim e como bom filho de Santo Inácio lamento não dispor senão duma só vida para a consagrar ao seu serviço», termina afirmando que «a liberdade de pensamento e consciencia, como muitas outras liberdades e garantias, existem em Portugal... apenas na letra da lei»:

Então o amigo Neves ainda quer que se dê mais liberdade a esses santos varões, que no pulpito e na praça pública «pedem a Deus com fervor a vitória da Alemanha», que organizam em Gouveia, uma «sociedade secreta» de fins «humanitários e filantropicos porque Deus assim o quer», que distribue um pasquim injurioso em que os republicanos são tratados por «malandros, bandoleiros, puias, malfeitos e matulagem de sica», e em que fazem a apologia do dinamite como matéria «redentora», que escrevem na «Liberdade», «a unica coisa que agradava era a destruição, o boato, a intriga, a conjura», que «seduzem menores, que recebem dinheiro que lhes não pertence», etc. etc.

Veja lá, sr. Rodrigues, se acha pouca a liberdade que se dá a esses benemeritos, diga, porque se pede ao governo que institua um prémio de consolação para galardoar os serviços desses filantropicos patriotas.

Em mau estado

Encontra-se intransitável a mota que atravessa o campo, denominada Mota da Senhora da Saúde, próximo de Reveles, e faz muita falta, visto que os lavradores temem que dar uma grande volta para ir cultivar as suas terras.

Atendendo ao transtorno que o público sofre, pede-se ao snr. Director dos Serviços Fluviais e Marítimos que mande proceder em conformidade.

Concurso literario

Reune hoje o juri afim de apreciar as produções dos concorrentes ao nosso concurso, sob a presidência do ilustre jornalista snr. Luiz Ferreira, tendo por vogais os snrs. João Guedes e Artur Ornelas.

Temos já a opinião do mimoso poeta conimbricense Seabra Cassão, e no proximo numero daremos nota da decisão que foi tomada, anunciando, desde logo, os premios conferidos.

Está em pagamento, na tesouraria da Camara, o expediente e limpeza das escolas do concelho, podendo ser procuradas as verbas pelos respectivos professores.

As cartas duma infeliz

Meu caro Leopoldo:

Perdoa se as minhas palavras, repassadas d'intensa mágoa e escritas com mão trémula e hesitante, te forem enfadar.

D'antes eras um bom. Como o tempo modifica um pouco, e ás vezes inteiramente, a nossa psicologia, é provavel que a ausencia te obrigasse já a seres ingrato tambem.

Depois, longe da Patria e da familia, eu sei quanto te terão afligido e mortificado as saudades deste sol poente de Portugal, do suave odór das violetas, pobres viuvinhas sem malícia mas sempre encantadoras, que toda a vida tanto te encantaram.

Por sobre a minha janela, voejando meigamente, andam andorinhas a sorri e a brincar. Olham para cima. Ha pouco chamei uma, a mais desenvolta e desconfiada delas todas, e cada vez me fugiu mais.

Algumas vêm poifar aqui pertinho, e é lindo, é interessante ouvi-las falar d'amor e vê-las fazer amor.

Estendem as azitas negras, da cõr do vestido da pobre Elvira, e beijam-se muito.

E se tu, Leopoldo, longe da Patria e da familia, pudesses agora vêr tudo isto, decerto não te deixavas vencer por mil presentimentos que te definham.

Adeus. Cheguei ha pouco do cemiterio onde ha dias fui levar minha santa mãe. Ficaram lá as lagrimas e as saudades da

Tua
IRENE.

EM VERRIDE

Realisa-se hoje, na pitoresca vila de Verride, uma interessante festa militar, da iniciativa da Sociedade de Instrução M. P. n.º 43, com o concurso das congêneres de Figueira, Montemor e Abrunheira e a banda do 28, executando-se diferentes exercícios, jogos, etc.

Tudo leva a crer que decorra brillantemente.

Exame

Fez exame do 1.º grau d'instrução primária, no dia 11, ficando optimamente classificado, o menino António, direcção filho do nosso querido amigo Joaquim Contente Ribeiro, digno amanhaense da camara municipal do nosso concelho.

O examinando conta apenas 8 anos d'idade, o que bem prova a esmerada educação que leva. Foi sua professora a snr. D. Aida da Fonseca Mota, da escola da Abrunheira, que preparou mais 17 alunos que ficaram classificados. Presidiu o professor inteligente de Buarcos, Joaquim da Costa e Silva. Parabens.

Meu caro Almeida Junior

Tendo de retirar para fóra de Lisboa, por tempo que não poderei determinar, é com pesar que me despeço de você e de todos os nossos amigos que durante algum tempo me acompanharam no Dever.

De todos, creia, levo as mais profundas saudades, oferecendo-lhes o meu limitadissimo prestímo, no Porto, onde vou residir.

Seu amigo certo
Lisboa, 14-7-1916.

Virgilio Marques.

Pela sociedade

Regressou de Mogofores, onde esteve com sua ex.^{ma} família algum tempo descançando, o snr. Augusto Pina, ilustre verificador de contabilidade da Companhia Portuguesa, fazendo serviço na repartição central, onde é muito considerado pelo seu zelo e amor ao estudo.

Parte amanhã para Espinho o nosso presado amigo Virgilio Marques, redactor principal do Dever. Boa viagem.

Esteve em Reveles no dia 11, de visita a sua família, a dedicada esposa do nosso obsequioso assinante de Serroventoso, snr. Freitas Garcia, acompanhada de sua sobrinha snr. D. Laura Neves e sua estre-mosa mãe.

•PATRIA•

E' o titulo dum belo artigo literario, firmado pela pena brilhante do nosso prezado amigo snr. Luís Ferreira, jornalista primoroso e que tem a sua reputação já feita.

Por ser um pouco extenso, comeca-lo-hemos a publicar em folhetins no proximo numero, e para ele, desde já, chamamos a atenção dos nossos amaveis leitores, aos quais, portal noticia, temos ensejo de felicitá-los.

Horas d'insónia

O Pedro Paulo chama-me malicioso. Por duas vezes se referiu a mim, e por duas vezes foi amarvel. Mas o Pedro vê as coisas muito terra a terra. O realismo fez sua época. Teve seu tempo. E, no tempo em que o realismo era apreciado, e os seus apologistas o sentiam bem, o pus das consciencias estava um pouco mais encubado, como se encubam, no organismo dos doentes, dando-lhes apariencia de bem-estar, os microbios destruidores da vida humana!

Ha quem conceba o principio de se não amar livremente. Ha quem, para fazer amar e para sofrer, procura a nostalgia das noites mornas ou os poentes alaranjados que dizem um adeus á luz. E, se assim fosse, eu não encontraria nunca velhos aos 20 anos, nem cançados de viver precisamente na idade em que as violetas teem para a gente a sua significação propria e a vida a suapropriada filosofia.

Contudo, dum psicologista especial que eu posso, e que vocês, meus amigos, já conhecem de sobejão, não se poderá inferir a maldade a que o Pedro se reporta.

Que a vida, este misterio enorme que ninguém transpõe ainda, a despeito de catecismos, leis canonicas, salmos, cantochões, complicados artigos bíblicos, ha de ser sempre a Vida!

A gente aperta a mão delicada duma ninfa, e sente logo Cupido á espreita, lubrico, sonhador, desladrado de cubica...

Teoricamente, assim podemos encaminhar as coisas, ou senti-las mesmo. Na rialidade, ó velhos namoradores, de cabelos brancos e mãos tremulas! as coisas mudam de aspéto. Pratica-las e senti-las, são dois pontos capitais e cada um deles tocando o seu extremo á parte.

Que o sentimentalismo, meu caro amigo, tem muito de comum com o que você quer, prova-o o proprio prisma pelo qual eu vejo tudo. E' raro haver para mim meias medidas. E na maior parte dos homens, que eu considero contaminados da podridão social, reside, assim encrado o problema, um como que recesso da franquesa.

Ha, muitas vezes, a predisposição para as lagrimas. Ha, muitas vezes, a predisposição para o riso. E no riso e nas lagrimas encontro eu um entendimento mutuo. E' ques-

tão de sorrirem uns labios de cereja, que se beijassem a primeira vez com carinhos da consciencia, e de chorarem uns olhos que a hipocrisia torna baços á custa do seu natural esforço.

E entre o sorrir duma noiva e as lagrimas dum vencido ha diferença consideravel

Disse tudo?

ALMEIDA JUNIOR.

Serviço braçal

Com o serviço braçal teem-se passado coisas verdadeiramente fantasticas, com referencia á sua fiscalização nas varias povoações. Os seahores sabem que esse serviço compete aos zeladores e guardas camprestres, que tem o seu ordenado estabelecido. Ora com uma pequena gratificação, esses funcionários deviam e podiam ser mandados prestar esse serviço.

Ha 2 anos a esta parte, porém, tem-se praticado de outro modo, nomeando pessoas estranhas á Camara, abonando-se-lhes ordenados. Ora isto, se não fosse a afilhagem, nós diríamos que não é assim que se prova o espirito de economia.

Mas como certa gente se quiz fazer passar por imaculada e económica, é bom referir estes factos que todos os municipios devem conhecer bem:

A Camara tem pago a gente estranha para fiscalizar o serviço braçal, podendo e devendo ocupar nesse serviço os seus funcionários.

E' isto justo? Deverá ser, sim.

Limpeza da vala

Mais 150\$00 para a limpeza desse chiqueiro que banha a nossa pobre vila! O governo lembrou-se agora de nós. O calor aperta. E isto, meus caros ministros, é um petisco neste tempo.

Começarão já os trabalhos de limpeza? E se ainda lhes não parece cedo, deixem dormir os peixes mais algum tempo nos lodos e porcaria que na vala se encontram.

A saude dos habitantes? Isso é de pouca importancia.

Uma barca perigosa

A barca, sobre a qual se faz a travessia do rio, ali no Casal Novo, está de tal modo que, no inverno, não será facil transportar um carro. E o transito é grande. O snr. presidente da Camara e demais vereadores sabem do estado da barca? Cremos que sim. Entretanto, o homem do barco não é obrigado a coisa alguma.

Ninguem vê aquilo! Ninguem vê se não a porta dos eloitores, na ocasião oportuna. Pobres dos pobres...

Festividate

Realisa-se no primeiro domingo de agosto a festividate á Senhora da Saude, em Reveles, que costuma atrair ao pitoresco local grande numero de forasteiros, especialmente de Figueira da Foz.

A Companhia dos Caminhos de Ferro estabelece paragens ao quilometro 210 e 50 metros, a todos os comboios.

A capela fica mesmo ao lado, num monte, donde se devisa um soberbo panorama.

Recensiamento

Procedeu-se, no dia 1 do corrente, no tribunal desta comarca, ao recensiamento dos jurados que hão de servir no segundo semestre do corrente ano, tendo sido intimatedos na 5.^a feira, para comparecerem a dar esclarecimentos da capacidade dos cidadãos eleitos jurados, os presidentes das Juntas de Paroquia do concelho.

Cartas dum pobre

(ULTIMA CARTA)

Queria tentar descrever este cantinho encantador, onde comecei estas linhas, mas falta-me a facundia para te dizer com que graça e beleza a Natureza adornou este bocadinho de terra, que honraria uma Vila de Rubens ou de Miguel Angel.

Perfumam o ar mil odores suaves e inebriantes, que arrastam a alma do sér mais indiferente para o campo do belo.

Aos meus pés finissimo tapete de verdua, que excede em encanto, ao mais fino tapete oriental e aos meus olhos desenrola-se uma paisagem soberba, que variegadas flores campestres matizam com uma simplicidade que agrada.

Serpenteando uma pequena elevação, desce um fiosinho de agua cristalina, catarolando sempre, que vem passar junto de mim, talvez para juntar ás minhas tristezas os seus suaves murmurios...

Vai correndo sempre; e, atraz de si, deixando as pedrinhas brancas, muito brancas, que mais tarde, quem sabe! hão-de por ti ser pisadas; os verdes salgueirais que beijados pelo vento se curvam sobre a agua numa atitude humilde e confiante, estendendo a sua ramagem sobre este poetico ribeirinho como que envolvendo-o num saudoso adeus.

Além, mais além junto dum velho pinheiral, uma casita branca, da qual se escapam espessos rolos de fumo que vão subindo em apertadas espirais até se perderem na imensidão do espaço.

Era nesta casinha adorável, perdida entre gigantescos pinheiros, que eu desejava dar abrigo a este meu amôr, que é toda a minha vida e hoje vive á sombra do teu coração.

Sim, era nesta casinha muito branca que eu queria esconder-te aos olhos perversos do mundo, porque tenho ciúmes, ciúmes que nasceram dum amor sincero, que a gente de hoje não sabe compreender...

Lisboa, 1916.

Jorge das Neves Langer,
alferez e professor.**FORA DA LEI**

Continúa fóra da lei a Junta de Paroquia de Reveles, pois reune em local estranho ao destinado ás sessões e fóra da sua séde oficial. Teremos que energicamente, actuar no sentido de tal abuso ter um fim? Não nos parecia, entretanto, que na vigencia da Republica se consentissem tamanhos abusos.

A desilusão vai sendo completa, a ponto de nos convencermos de que não vale a pena tanto sacrifício.

Seves de Oliveira

Um lapso lamentavel originou a não apresentação, no numero passado, do nosso ilustre colaborador de Sever de Oliveira que, mesmo em terras de Hespanha, não se esqueceu do Dever honrando-o com o magnifico fundo que os leitores tiveram occasião de apreciar.

Que o talentoso escritor nos desculpe a involuntaria falta.

Falta de milho

Se a Camara não toma provisões no sentido de se repetir a remessa de milho para abastecimento do povo do concelho, dentro de oito dias estaremos sem um grão do indispensavel cereal.

Mesmo a 950 reis o alqueire, não tem havido mãos a medir. Os pobres são assim, coitados. Vão sofrendo, sofrendo, e, sendo impossivel o peso da vida, é então que se manifestam.

Desgraçado de quem tem fome e não tem pão!

**Engrandecimento
do concelho**

Segundo as informações que, com carácter de toda a imparcialidade, nos foram fornecidas, parece que o actual ministro do Fomento está na intenção de dispensar ao nosso concelho todos os possíveis cuidados.

O snr. José de Napoles, que ultimamente se tem dedicado ao assunto, parece que, sem desejar fazer politica, tem tido amiudadas conferencias com o referido titular no sentido de irem ávante obras já começadas e de se estudarem outras dentro em breve.

A propósito, um nosso amavel correspondente, entrevistando há dias, em rapida conversa, o snr. dr. José Cristina, digno medico municipal em Verride, obteve do ilustre clinico o seguinte, inspirado na mais absoluta imparcialidade, sem deixar de reconhecer quanto tem trabalhado o partido democratico, etc.:

—V. ex.^a está convencido de que se fará alguma coisa em beneficio do concelho?

—Não sei. Parece-me que sim. Embora, porém, pouco se consiga, porque o dinheiro é pouco para ocorrer ás despesas urgentes que estão aparecendo, o que é incontestavel é que o snr. ministro do Fomento tem muito boa vontade, sem olhar á politica de A ou B. Mas como muito há que fazer, havemos de ir pouco a pouco.

Se assim for...

Beja da Silva

De visita a seu pai, o professor snr. José Alexandrino Beja da Silva, esteve há dias em Tentugal o snr. Antonio Maria Beja da Silva, digno secretario particular do snr. ministro das finanças. S. ex.^a visitou o convento e o hospital da vila, acompanhando-o seu pai, seu primo o snr. Albinho Moura e esposa e o nosso dedicado amigo José d'Almeida Machado, alma mater, com João dos Santos, do partido democratico da localidade, hoje extraordinariamente desenvolvido em Tentugal.

Preço dos generos

Tabela dos preços dos generos de consumo abaixo designados, no mercado de Montemor-o-Velho, em 5 de julho de 1916:

Milho branco, 14,63 litros	1\$10
> amarelo, 	1\$10
Trigo branco	1\$10
Dito tremez.	1\$10
Vinagre, 24 litros	1\$20
Centeio	1\$00
Cevada	\$55
Avéa.	\$48
Favas	\$85
Grão de bico	1\$00
Chicharos	\$60
Feijão mocho	\$80
> branco	\$80
> mistura	\$65
> pateta	\$65
> fradinho	\$60
Batata	\$55
Tremoços, 20 litros	\$45
Sal, 15 litros	\$08
Galinhas	\$60
Frangos	\$20
Patos.	\$30
Ovos, cento.	1\$70
Vinho, 24 litros	1\$80
Aguardente, 24 litros	6\$00
Azeite, 24 litros	6\$30

PELO DISTRICHO

CARTA DE TAVEIRO

15 de Julho de 1916.

Primeiramente e antes de encetarmos a correspondencia desta aldeia tão conhecida, principalmente por todos aqueles que, em Coimbra, procuram a cultura, cumpre-me saudar o Dever na pessoa do seu director e nosso presadissimo e bom amigo Almeida Junior, a quem muito deve o distrito de Coimbra e, mormente, o concelho de Montemor-o-Velho, pelo pulso energetic de jornalista e de cidadão defensor dos interesses da sua Patria.

Hoje, começarei por chamar a Camara Municipal de Coimbra para um assunto deveras grave e que merece a sua esclarecida atenção, tanto mais que estamos num periodo em que o povo sofre de frequentes epidemias e a que se torna necessário obviar.

E já do tempo da extinta monarquia que Taveiro vem reclamando, dos poderes publicos, uma fonte para abastecimento da população, alias bastante numeroso. Por varias vezes tem sido feitas ofertas á Camara, por benemeritos desta terra, da agua e de tudo o mais que necessitasse para a fazer chegar ao povoado, tendo conseguido, em 1913, o então presidente da junta desta terra, José Maria Inácio da Silveira, que a Camara de Coimbra contasse, no seu orçamento, com uma verba para dar principio ao estudo da captação. Acedendo a esse justo pedido, foi contado com 50\$00, nesse orçamento, e postos á disposição do presidente da junta da paroquia; alguma coisa se tinha conseguido. Mau intencionados, sabendo do caso por um vogal da mesma junta, resolveram ir a Coimbra a fim de se prontificarem a desempenhar a missão da captação da agua sem terem ao menos a noção do que isso fosse, e daí o gastarem dinheiro que era do Estado, com prejuizo dos interesses dum povo inteiro.

Em Taveiro existe agua, mas é de tal natureza impura, que se torna impossivel consumi-la em usos internos. Ao fundo da povoação existe um pôpo que é o que mais concorrencia tem, não obstante ser o de peor agua, por estar descoberto e ser ali que a garotada se junta e se intertem a despejar toda a casta de imundicie. Tem-lhe sido colocadas varias bombas para o fornecimento da agua, mas estas em tal estado de conservação e funcionamento, que o mais que teem durado são 3 a 4 dias. O sr. sub-delegado de saúde, que é raro o dia que não passa por esse ponto, não terá tido occasião de vér esta vergonha?

Reclamar é bradar no deserto. Fazer pedidos a politicos, que só sabem mendigar votos, é gritar na solidão.

As condições higiénicas duma boa parte das habitações, deixam tanto a desejear, que é frequente a repetição de tifos, escarlatina e outras doenças infectas, motivadas pela falta de fiscalisaçao por parte dos poderes publicos que consentem, junto das habitações, estrumeiras.

Os roubos são quotidianos, apesar das queixas frequentes apresentadas á polícia. Coimbra fica a 6,5 quilometros de Taveiro e tem, com abundancia, guarda civil e republicana, que só serve para passar na cidade, enquanto que, nas terras do seu concelho, se cometem abusos que se torna preciso remediar com urgencia, enviando quando mais não seja, duas vezes por semana, uns guardas republicanos a cada freguesia, a fim de lhes serem apresentadas as suas queixas e fazerem a descoberta dos gatunos e autoar os infratores da sanidade publica.

Justiça, snr. Ministro do Interior!
Justiça, snr. Ministro do Fomento!

(Correspondente).

Secção de charadas**Torre de Babel**

(Ao illustre director deste jornal)

VERSOS DE CANDIDO GUERREIRO

Mas afinal o homem nunca passa-9-26-t-25

Dum miseravel verme que de rastros,

4-9-20-p-12-9-35-34-v-9-33

Ou sob o pé terrível da desgraça,

4-9-27-4-31-t-2

Ergue, contudo, a vista para os astros...

33-25-v-19-26-t-16

Que buscas, que procuras no Infinito,

Atomo escravo deste grão d'areia,

10-2-4-31-v-11

Deste pedaço negro de granito-26-22-10-29

Com tua escassa lampada da ideia?

33-7-21-p-14-23-31-26-7.

E Cristo e Galileu e Augusto Conte,

10-30-5-10-34-f-31-15-19-28-17

Loucos a construirem uma ponte,

25-18-9-f-34-15-2-8-9-21

Um extremo pô, outro nos céos,

p-32-25-31-30-7.

Para transporem nela a imensidão,

p-7-6-1-19-12-25-21

O formidavel tempo, a eternidade,

24-30-14-26-13-9

A ver se lá, oculto, encontram Deus,

y-25-1-3-35.

Violeta.

ANUNCIOS**Editos de 30 dias**(2.^a publicação)

PELO cartorio do terceiro oficio do juizo de direito desta comarca e por apenso a uns autos de petição para prestação de contas de administração de bens requeridos por José Augusto Patrício, viuwo, actualmente no Brazil, contra José Guardado e mulher, d'Abrunheira, corre seus termos uma Execução requerida pelo mesmo José Augusto Patrício contra estes José Guardado e mulher Maria do Carmo Patrício, actualmente ausentes em parte incerta, para pagamento da quantia exequenda de 245\$40,6 de pedido e ainda das custas acrescidas com esta execução, e dos mesmos autos de execução correm editos de 30 dias, que começam a contar se depois de passados oito em seguida á segunda publicação no Diário do Governo, citando aqueles executados, para no prazo de dez dias, depois de findo o prazo dos editos pagarem a quantia exequenda ou nomearem á penhora bens suficientes para seu pagamento, sob pena de se devolver ao exequente o direito dessa nomeação.

Montemor-o-Velho, 30 de Junho de 1916.

Verifique:

O Juiz de Direito,

Amaral Pereira.

O Escrivão,

José de Paiva Bobela Mota.

DR. AVELINO FARIA

Advogado

CANTANHEDE

Dá consultas aos domingos em

ARAZEDE

de outubro em diante e trata de

qualquer questão no tribunal de

Montemor-o-Velho.

Agua da Curia**Mogofores**

As unicas aguas sulfatadas-calcicas que existem no paiz, similares ás famadas aguas de Contrexéville, nos Vosges (França).

ANTIGO ESTABELECIMENTO

— DE —

Mercearia, Tabacos e Fazendas brancas

— DE —

João Antonio Rodrigues

(SUCESSORES)

Montemor-o-Velho

Nesta casa se encontra um completo sortido em açúcar, chá, café, manteiga nacional e ingleza, biscoitos, bolachas, massas, bacalhau, genebra e vinhos do Porto.

Ferragens, prego de arame e de ferro, panelas de ferro, rastilho, chumbo em barra e para caça.

Fosforos e Tabacos, por atacado. Tambem vende pelos preços de Lisboa, farinha de trigo, cimento Portland, vidraça, telha de vidro e velas de cera.

Preços resumidos

GRATIFICA-SE BEM

a quem dê informações de que resulte a condenação por fraudes praticadas com prejuízo dos exclusivos de fosforos e isca (e dos interesses do Estado, da Companhia concessionária e do comércio legítimo os acendedores, algodão ou qualquer outra matéria apresentada de forma e servir de isca, fabricação ou venda de chita com preparo inflamável, isca em cordão vendida fraudulentamente a título de cordão de sacos, etc., reservando-se a Companhia concessionária intentar a respectiva ação civil de perdas e danos contra os delinquentes, independentemente da multa a Estado nos termos da legislação em vigor. Gratifica-se generosamente, guardando-se a maior discreção. A Companhia logo que receba informações fideliadas enviará a qualquer ponto do país agentes da fiscalização para proceder às necessárias diligências. Dirigir-se pessoalmente ou por carta à Companhia Portuguesa de Fosforos, 139, rua de S. Julião, Lisboa.

ADUBOS

MELO & MARTINS

PAMPILHOSA DO BOTÃO

Fabricantes dos bons adubos compostos da marca registada
PEIXE

Chamamos a atenção dos snrs. agricultores para fazerem uma experiência dos nossos adubos, devido ao seu magnífico resultado os adoptarão de preferência a qualquer outro.

AZEITE

Para revenda e em grandes quantidades, vendemos de excelente qualidade
Alugam-se Automóveis

MELO & MARTINS

Pampilhosa do Botão

A FUNERARIA EM PEDRA

— DE —

FRANCISCO A. DOS SANTOS, FILHO

RUA DIREITA, 139 a 149

COIMBRA

Esta oficina encarrega-se de todo o trabalho de jazigos, mausoleus, campas, cantarias e ornamentações, tanto em calcareo como em marmore, a qual tem desenhos de jazigos, para escolher, em estilos antigos e em ARTE MODERNA.

Tem depósito de bancas de cosinha e mausoleus em lousa preta.

Encarrega-se também de fazer esculturas, bustos em pedra, barro, gesso, etc.

Toma conta de qualquer trabalho fóra de Coimbra

Contra roubo e Contra Incêndio

Grande economia

Seguro de Mobiliário

Por \$20 por cada \$100 de valor, isto é pelo que se paga só pelo risco de fogo «A MUNDIAL» segura numa só apólice os riscos de INCÊNDIO e ROUBO. É tão necessário o seguro de ROUBO como o de FOGO.

A MUNDIAL

COMPANHIA DE SEGUROS

Capital, Escudos. 500.000\$00

Reserva em 1915. 102.007\$74.1

Séde em Lisboa — Rua Garrett, 95 — Telefone 4084

Telex — MUNDIAL

Delegação no Porto — Pinto da Fonseca & Irmãos.

Hospedaria do Paço do Conde

JOSÉ DOS SANTOS

Rua Adelino Veiga, 36 a 40 Rua do Paço do Conde, 10

COIMBRA

Vinhos, comidas e tabacos.

Recebem-se comensais por preços modicos.

Camas para pernoitar.

Esta casa, com a transformação porque cabia de passar, melhorou consideravelmente todos os seus serviços, achando-se habilitada a receber hóspedes de qualquer categoria, oferecendo-lhes comodidades por preços baratos. Esmero e prontidão no serviço de meia, para o que tem pessoal competente.

O mesmo proprietário negocia em cereais e legumes de todas as qualidades, tais como farinhas, sementes, batata, castanha, palha enfardada, cordas e adubos químicos.

Rua Adelino Veiga — 44, 48

O seu armazém é já muito conhecido.

Telex 379

Oficina-Garage de Coimbra

LOBO DA COSTA & CASTANHEIRA

Grandes oficinas mecânicas para reparações de automóveis; fabrico de carretos, pinhões e cordas em aço; cimentação e temperas; vulcanização e fundição de metais. Recolha e tratamento. Ensino. Automóveis de aluguer de \$08 a \$20 o quilometro e 9 lotações de 4 a 18 passageiros.

Accessórios, gasolina e óleo.

Transações em carros de 2.ª mão. Serviço especial, para bem servir os ex.ºs clientes da província.

Rua da Figueira da Foz — 170

COIMBRA

Local conhecido por «Casa do Sal» à entrada da cidade pela estrada do Porto.

Telex 502

Telegramas «Garage-Coimbra»

Ano 5.

Montemor-o-Velho, 23 de Julho de 1916

N.º 229



O DEVER

Semanario defensor da união da familia Portuguesa

Pátria e Humanidade

Director, Proprietario e Administrador—Almeida Junior

Guarda Republicana

O desleixo—E' urgente sanear—Palavras do dr. Bernardino Machado a favor de Montemor—A justiça que nos assiste como povo histórico

A propósito dum artigo com o de conhecer de perto uma povoação título que nos serve de epígrafe, e que, respeitosa das mais nobres tradições, é sobretudo a continuadora das fortes gerações obscuras que, com o suor do seu rosto, amassaram o patrimônio territorial que usufruimos.

Certos de que s. ex.^a não esqueceu as palavras de louvor com que enalteceu a nossa terra, lhe pedimos para interceder junto dos poderes públicos para que haja um pouco mais de atenção para com este povo de nobres tradições, que tão abandonado tem sido até agora.

A talho de foice vem neste momento, em que fazem parte do ministério o snr. dr. António José de Almeida e dr. Afonso Costa, transladar para as colunas de *O Dever* alguns trechos do relatório que antecedia o decreto de 3 de maio de 1911—Organização da Guarda Nacional Republicana—da autoria do snr. presidente do ministério e que mereceu também a assinatura do atual ministro das finanças, então da justiça do governo provisório, e que são do teor seguinte:

«Datam de longe as reclamações dos povos por falta de uma polícia rural que lhes assegure o livre trânsito das estradas e caminhos e lhe proteja as propriedades contra os frequentes assaltos de vagabundos e malfeitos que saqueiam os frutos e danificam as culturas.

Este lamentável estado de abandono a que se acham votados os campos faz-se sentir perniciamente na riqueza pública por ficarem por cultivar muitos terrenos, visto não poderem os seus proprietários protegê-los eficazmente. Não menos prejudicado é o Estado com este estado de coisas pela correlativa diminuição dos rendimentos públicos.

A melhoria de segurança das propriedades contribuirá para uma mais cuidadosa e consequentemente proveitosa cultura; a arborização das serras e das dunas bem como o arroteamento de baldios, poderão depois ser tratados com métodos e garantias de êxito que a falta de proteção não permite hoje sequer tentar.

Isto ponderado, verifica-se que, sem sacrifício apreciável, antes com larga cópia de benefícios, que poderosamente contribuirão para o aumento da riqueza pública, pode o país ser dotado com um corpo especial de polícia cuidadosamente recrutado e instruído, que espalhando-se por todo o continente e ilhas adjacentes, trará à vida económica dos cidadãos á sua tranquilidade e segurança as vantagens que gosam os povos em que este serviço está de há muito organizado.»

«Agradeço, snr. presidente da câmara e presidente do sindicato agrícola, o favor da hospitalidade que me permite ocupar este lugar de honra tão lisongeiramente para o meu antigo afecto por Montemor-o-Velho.

Montemor-o-Velho pode sentar-se com orgulho nas margens deste patrio Mondego, porque vários dos feitos ilustres da nossa história esmaltam o seu brasão.»

E depois de agradecer o convite que lhe foi feito, acrescenta:

«E agora, acresce ainda o meu agradecimento, porque tive o gosto

Depois de que deixamos transcrita e dos graves prejuízos—roubos

Secretário da Redacção e Editor
Abel M. de Melo Brandão

Red. e Adm.—R. Dr. José Galvão—Montemor-o-Velho
Sucursal—LISBOA—Hotel Porto, R. do Amparo, 12
TELEFONE 364

Não se restituem originais, embora não se publiquem

Composição e Impressão—Tip. Silva (a vapor)

AVEIRO



Amor de mãe

Amor de mãe! Que sonho de criança tem a candura deste amor tão puro?
Que outro amor nos incute mais esperança e nos adoça a vida no Futuro?

O poeta na hora atribulada em vão procura quem lhe enxugue o pranto:
mas o amor da mãe atormentada vem alentá-lo com remedio santo.

Canta, poeta, canta na bonança passageira do teu destino duro,
a alma cristalina de esperança

que adoça a tua vida no Futuro!
Amor de mãe! Que sonho de criança tem a candura deste amor tão puro?

Coimbra, 25 | 2 | 1915.

Das «Poesias» de

José Seabra Cascão.

e deterioração de cearas e muitos outros abusos—that *O Dever* tem apontado e que se estão repetindo dia a dia no nosso concelho, sem que as autoridades providenciem como era sua obrigação e, finalmente, em obediência ao decreto de 3 de maio de 1911—that diz no seu artigo 84.^a «o presente decreto entrará desde já em vigor» e artigo 85.^a «fica revogada toda a legislação em contrário» e termina por dizer: «Determina-se portanto que todas as autoridades a quem o conhecimento e execução do presente decreto com força de lei pertencer, o cumpram e façam cumprir e guardar tão inteiramente como nele se contem.»

Não nos resta dúvida de que, nem o chefe do Estado, com o seu *antigo afeto por Montemor*, nem o snr. Presidente do ministério e Afonso Costa, deixarão de empregar todos os seus esforços para que este importante concelho seja dotado com um tão necessário posto da Guarda Republicana, não só afim de evitar os prejuízos de que estão sendo vítimas os lavradores, como também em obediência à lei que os dois estadistas assinaram por *reconhecerem vantagens para o Estado*.

E já que os brados d'este jornal não tem sido ouvidos pela câmara, autoridades, políticos e representantes desta infeliz terra, veremos se agora somos mais felizes e o tão anciado posto é estabelecido.

Vamos a ver!...

G. A. G.

Notas

Sempre na mesma

Decididamente, a nossa *impagável* Câmara, as nossas *queridas* autoridades, e os nossos *simpáticos* políticos, não nos querem deixar descansar um pouco, obrigando-nos, todas as semanas, a tocarmos-lhes a *pavana*, aquela celebre dança espanhola, de que nos parece tanto gostarem, e que nós buzinaremos sempre com todas as forças dos nossos pulmões, fazendo-os

Pitoresco

O sr. António Cabral, numa carta que enviou à *Nação* agradecendo-lhe as palavras publicadas em sua defesa a propósito de uma local d'*O Mundo* sobre os conspiradores, escreve:

«Diz a tal gazeta republicana que eu, na Monarquia, fui um dos ministros mais pitorescos.—Esta palavra, que significa «o que diz respeito à pintura», empregada

assim pelo jornal referido, deve ser calão que eu não comprehendo e não querendo enfadar mais o sr. Franco Monteiro termina dizendo: *continuo serenamente a tratar da assistência aos monárquicos para minorar a desgraça de muitos correligionários nossos.*

Em vista do que o sr. Antonio escreve já nos não admiramos que s. ex.^a, quando ministro das Obras Públicas, tivesse afirmado não conhecer a existência, no paiz, das Escolas Industriais, visto também desconhecer o sentido com que *O Mundo* lhe chamou pitoresco, o que lhe vamos explicar.

O nosso colega, chamando-lhe pitoresco, quiz dizer, nem mais nem menos, que o sr. Cabral era digno de pintar-se para ser correligionário do director d'*A Nação*, o que é uma mudança de ... cor política.

Não nos admira

Vem *A Vanguarda* muito admirada porque, depois do decreto que expulsa do território da Republica os individuos de origem alemã com mais de 45 anos e interna, numa ilha, os de idade inferior, esteja no polígono de Tancos como instrutor mecanico de motocicletas o sr. Futschener Junior — que ela diz descendente de alemães — com verdadeiro desrespeito da lei, agravado ainda com o fátorio medonho que para aí vai de que em Portugal se exerce a espionagem alemã e de que o incendio do Deposito de Fardamentos e Escola Naval foi obra dos mesmos espiões! . . .

A nós, isso não nos admira, porque, dentro do paiz, há tantos espiões e jornalistas germanofilos, que o governo ainda não expulsou, nem castigou como merecem, e o orgão do sr. Muralha sabe-o muito bem, se quiser disê-lo . . .

Provas

O simpático Franco Monteiro, que não perde nunca ocasião que se lhe proporcione para atirar a sua estocada aos monárquicos constitucionais, apesar da amizade que hoje os une, escreve na sua beatífica *Nação* duas colunas e tal de *Vícios e Virtudes*, onde diz que a monarquia tombou aos embates das lutas partidárias, geradoras da indisciplina social, que, devido ao predominio do vício da politiquice, não só tirou a influencia da coroa, como fez esquecer o amor á casa em que se nasceu e serviu a Fatria, acrescentando a tudo isto o seguinte:

«Como poderiam esses homens defender e servir o trono, se, no seu íntimo, o regiuen preferido era o republicano, porque o constitucionalismo fôra um progresso em relação á monarquia-pura.

Estamos mesmo a vêr daqui «O Dia transcrever o artigo do seu querido amigo», autor do orgão miguelista e o snr. Moreira d'Almeida a agradecer-lhe as provas de sincera e leal amizade! . . .

A razão

O nosso presadí colega d'*«O Debate»*, snr. dr. Baptista Loureiro, num brilhante artigo publicado naquele importante jornal conimbricense, a propósito de germanófilos, faz muitas perguntas, sem conseguir atinhar com o motivo porque muitos desnaturados portugueses ainda defendem semelhante causa!

Pois, caro colega, desculpe v. ex.^a que lhe diga, mas é preciso ver muito pouco para não observar o motivo a que obedece

FOLHETIM

Patria!

Para M.elle H. C. F.

O Jorge era o mais idoso camponês da aldeia.

Alquebrado, o seu corpo franzino nada indicava o gigante herculeo que tinha sido outr'ora. Setenta janeiros já por ele tinham passado, derrubando-lhe, uma a uma, as suas ilusões mais cárás, as suas fantasias. A mulher, a quem tinha dedicado toda a sua alma e que fôra a companheira eterna que idealisára, já a Parca cruel

o procedimento desses grandes... patriotas.

Para uns, a Republica foi um obstáculo aos constantes regabofes e adeantamentos com que proviam os seus insaciáveis estomagos.

Outros são-no por espírito de contradição. Ainda outros, que nós conhecemos, porque o seu gremio e gazeta são subsidiados por uma imperatriz austriaca.

E, por ultimo, a grande maioria, porque o ouro da Alemanha os seduz e o Guilherme é um mãos largas para quem o serve bem.

Esta é que é a razão, e tudo o mais para essas santinhas criaturas, é zero.

Concurso literario

Reuniu, efectivamente, o júri, para apreciar as produções dos nossos ilustres concorrentes, caindo o primeiro premio, na prosa, á ex.^{ma} snr.^a D. Elvira de Moraes da Costa e o 2.^º à snr.^a D. Elvira Lopes Pereira.

No verso, foi classificado em primeiro lugar o mimoso poeta Salvaterra Junior e, em 2.^º, o snr. Hipólito Damaso.

Os premios conferidos constam da publicação do retrato aos primeiramente classificados e da oferta de 1 exemplar do belo livro *Sentido de river*, do ilustre poeta Manuel Ribeiro, aos que ficaram em segundo lugar premiados.

Os retratos a que aludimos sairão no *Dever* de domingo proximo.

Saudando-os, a todos abraçando internecidamente, publicamos a seguir a honrosa carta que os ilustre presidente nos enviou, por não ter podido comparecer:

Meu caro amigo:

Tendo de seguir, inesperadamente, para fôra, não posso assistir á reunião do «Júri do Concurso Literario», como era meu desejo.

No entanto, tendo ouvido com atenção a leitura que o meu bom amigo fez hontem, dos originais recebidos, é minha opinião que, nos versos, fique em 1.^º lugar, a produção de Salvaterra Junior e, em 2.^º, os versos intitulados «A Avósinha».

Na prosa, o sentimental grito de alma, «Mae!», deve ser 1.^º. Para o 2.^º premio tem o meu amigo uma bem redigida «Cronica», salvo erro, duma senhora que não é leiga em assuntos de jornais.

Sem outro motivo e pedindo muita desculpa de não ir pessoalmente sou, como sempre, amigo certo e muito grato

Luis Ferreira.

P. S. — Nesta minha carta emito a minha opinião. Caso de liberei doutra forma, não tenho a menor dúvida em aderir ás resoluções tomadas.

Aposentação

A camara pediu a aposentação do professor das Means, snr. Francisco Antonio Mendes Junior.

tinha arrebatado para o Náda, para a terra-fria...

Restavam-lhe dois filhos: Pedro e Manuel. Este ult'mo, o mais novo, estava na casa dos 21. Era um moçetão sádico, de boas côres. O outro, mais concentrado, possuía a altivez e o olhar brilhante do seu progenitor. Viviam os tres numa casinha muito branca, onde as avesinhás iam poiar, docemente, como que a abençoar aquele templo de Trabalho e Virtude. Do humilde «menágio» tinha-se encarregado uma bondosa velhinha a quem, um pouco por gratidão, os dois irmãos chamavam a «sua avósinha».

Passaram os dias no campo. Sentado num «mocho», no beiral da sua

Horas d'insónia

Augusto,,

Augusto, Cesar, Republica e Patria analam ligados numa só alma. «Augusto» é um livro de doutrina republicana, intima, sentida, pujante e bela. Cesar, o autor da oração á Patria, da oração á luz. E é Cesar Anjo.

Muita gente, ao receber a oferta dum livro, presta-se, desde logo, sem o ler e sem o meditar, sem o decorar até, quando ele é como o «Augusto» de Cesar Anjo, a escrever sobre ele. Dizem coisas. Incômios, pomposos adjetivos, e mais nada. Eu não, meu Cesar. Quiz ler o teu livro. Quiz resar as orações que escreveste, que a tua alma de sonhador resou também assim na tua Beira, na falda do Caramulo estonteante de poesia e de beleza. Quiz lê-lo bem; e depois, entrega-lo nas mãos de quem o lesse como eu li. De quem o decorasse.

Ah! Cesar, como a ingenuidade é ainda, na tua alma de ideias nobres e doutrinações intimas, um credo sacrossanto que te embriaga e te seduz! Concebeste o «Augusto» em horas de amargura, em momentos de acalentadora esperança! Ele queria a Republica firme, inatacavel, como forma mais prática de governo e como norma mais consentânea com a vida do povo que ele amava e tu mnito amas.

Mataste-ló, Cesar! Mas quem me diz a mim que o teu «Augusto» não morreu a tempo!

Estou a ve-lo olhar os meus olhos em lagrimos com os seus olhos em chamas! E a Dôr, a Dôr enorme que lhe invadia o ser! A Saudade, a Saudade enorme que ele levou para a sepultura! Entretanto, Cesar Anjo, ele descansa na mançao do tumulo, das ingratidões da vida. E nós ambos, e nós todos, sonhando ideais que emancipem, que norteiem para o bem, por cá vamos sofrendo, trazen lo no coração o amor imaculado da nossa Patria, e na alma incendiada de sonho, o amor profundo pela Republica.

E o teu «Augusto», meu Cesar Anjo, é uma obra que se impõe. Não é só com escolhidas frases que se consegue o fim desejado: é também, e sobretudo, com boas intenções e com doutrinas como as tuas. Tenho pena, porque tenho a certeza disso, que ninguém te aprecia do coração. Os danis, esses fazem versos ou escrevem prosa, tendo só em vista — a popularidade.

Pegam num livro como o teu, ou

em livros como os teus, e sentem-se enfadados.

E' que, em cada uma das suas paginas vibra, intensamente arquitetada, uma ideia que dá saude ao espírito, irradiando luz, ensinando o bem, demonstrando o belo. E essas coisas com que ninguem se preocupa. nunca chegam a ser o que deviam ser pelo seu valor incontestável. E ai tens o que, sobre o teu explendido «Augusto», por agora, se oferece dizer ao teu do coração

ALMEIDA JUNIOR.

MILHO

Por nos ter chegado tarde ás mãos sentimos, com magna, não poder publicar neste numero os documentos relativos á compra do milho, e em que se demonstra que a camara o vendeu por preço superior ao custo, agravando ainda mais a já depauperada bolsa do povo que tem fome, a camara que tinha o dever de não encarecer a vida dos seus munícipes.

Os leitores terão ensejo de ver que os homens do município não são o que se julgava...

A autoridade administrativa

No dia 6 do mez passado, um cão, atacado de raiva, mordeu quasi todos os cães do lugar da Portela, deste concelho.

No dia 5 do corrente, dia da feira mensal na vila de Tentugal, apareceu outro que mordeu ali muitos cães, sendo depois morto a tiro pelo cidadão Silverio Mendes.

No dia 6, o povo da Portela, alarmado, gritava de todos os lados: «Fujam que anda por aí um cão danado.» Não era um, eram dois, que pertenciam a um lavrador deste lugar, que depois morderam quantos cães encontravam, dirigiram-se á vila e depois ao campo, onde tentaram morder, ou morderam duas mulhersinhos do vizinho lugar de Sandelgas, ignorando-se o caminho que eles levaram.

Os cães mordidos continuam soltos, o que é um crime, e por isso pedimos providencias ao snr. administrador do concelho, se vale a pena clamar por justiça. A camara não se move. Não quer saber. Morra o pae que é mais velho.

Depois, munícipes, é necessário que isto se veja. As nossas vidas em perigo. A lei deixando de cumprir-se. É tudo assim.

Pelo que, forçoso é dizer-se, parece que é um concelho sem governo... O que nos vale é que o mandato de certos sujeitos está findo, e a reeleição é coisa que... nos não cheira...

casa, Jorge fumava no seu inseparável cachimbo, evocando o passado quasi já diluído em sombras bem negras e amargas. Pensava nos mil e um pequeninos «nadas» que tinham constituído o seu enlevo, a sua Vida, e que o atormentavam, agora, obrigando os seus olhos já cansados a humedecerem-se de cristalinas lagrimas.

A saudade...

* * *

Fôra muito feliz. Amára, apaixonadamente, a mulher com quem casara. Os Paes tinham-se oposto, é certo, ao seu enlace. Mas Jorge tanto lutara, tanto ardor dispendera

para a posse da sua prometida, que..... um dia em que o sol, lá do alto, se mostrou em todo o splendor, Jorge uniu o seu futuro ao da mais gentil mocetona da aldeia. Nesse dia, tudo lhe parecera encantador. As flores eram mais belas, mais víosas do que nunca.

A sua casinha, muito branca, dir-se-ia o reflexo da sua alma pura e até as avesinhás, com os seus gorjeios, trinavam, ao desafio, suas canções de amor...

LUIZ FERREIRA.

(Continua).

Poetas e Prosadôres**A Saudade**

(A' minha amiga D. Ermelinda Ribeiro)

Como o beijo ardente que imprime nas faces do filho agonisante um apelo à vida, uma blasfêmia à morte; como a súplica dolorosa e arrebatada à cruz redentora pelo martir que cinge o infame sambenito e desaparece nas nuvens avermelhadas dum auto de fé, — a Saudade, ergue no peito da humanidade um trono indestrutível de sentimento, um baluarte potente da soberania da alma.

O proscrito, o que não espreita na crápula da perfídia o ferrete da tirania e que anda aos baldões dessa sociedade que tem o pendão da consciência soterrado em vulcões de lama, esse, longe da carinhosa pátria que lhe deu as flores imaculadas do ideal, atropelado de recordações que teem o crisol de lagrimas sentidas, vagueia como um ébrio, como um louco, por uma Paris ruidosamente timbrada de saturnais e de progresso, por uma Florença artística, onde se patenteiam aos olhos do viajante ilustrado as telas imortais do gênio.

E' que a nostalgia, vocáculo que exala nos coruchéus do patriotismo, que retine mais penetrante no oiro das páginas da história como bálsamo ás agruras do exílio, tem nos amplos horizontes da crença as scintilações dum fanal, que brilha em tremelinas de sacrifício e esperança!

O amante, que lembra o passado no misticismo duma formosa noite de luar, no gemido triste de guitarra evocando um poema sublime de cōres, na tarde primaveril de esbatido poeirento ao longe, onde mergulham rosáceas de purpura, impele numa convulsão de sonho, aos arcados falsarios da vida, o gládio que brandiu na altivés dum afecto e que agora, como tudo que pulsou força um bailado constante de caprichos, jaz na necrópole imensa da ilusão, onde os goivos perfumam levemente a sombra melancólica dos ciprestes.

E' que a saudade, naqueles que a buscaram nas paragens ignotas do belo, no paraíso da fantasia que dá ao pensamento os fumos de sulfide e a harmonia impecável da musica, é tão implacável e retumbante como o clamor sanguinário duma multidão que brada torpemente, como o eco sonoro que repercuta as abobadas rendilhadas dum templo, como o vagalhão inclemente que confunde nos horrores da sua voragem os palácios que não temem a voz do oceano.

Maria Emilia da Rocha Pereira.
(Conclui no proximo numero).

Falta de espaço

Por este motivo, e também por nos termos chegado um pouco tarde, deixamos de publicar hoje varios originais, como uma carta de Taveiro, a notícia dos exames em Montemór, etc., o que faremos no proximo numero. Pedimos desculpa.

Em Verride

Decorreu deslumbrantemente a festa militar ali realizada no domingo, e em que se distribuiram varios premios. É digna dos maiores louvores a Sociedade de Instrução Militar Preparatória n.º 48, daquela vila, que tão bem sabe encarar os seus deveres de patriotismo.

Foram alvo de uma imponente manifestação de simpatia, as suas congêneres de Montemór, Abrunheira e Figueira, e o sr. dr. José Cristino, ilustre medico municipal, que fez um belo discurso alusivo ao ato.

O povo de Verride, que saudamos entusiasmados e pelo qual O Dever nutre grande simpatia, ha-de sempre dar o nobre exemplo de patriotismo no nosso concelho.

Bem haja.

Requerimento

A câmara requereu ao director da Repartição Pedagógica de Instrução Primária e Normal para que os exames do 2.º

grau das creanças das escolas da área conciliar fossem feitos no concelho, responsabilizando-se por metade da despesa a fazer com o respectivo júri.

Ha 8 requerimentos para o referido exame, do sexo feminino e 38 do masculino, todos do nosso concelho.

A câmara autorisou o professor de Teutugal, sr. Beja da Silva, a presidir aos exames do primeiro grau na escola móvel da Portela, que se realizaram ali no dia 21, em grande numero de examinandos, todos preparados pelo inteligente professor e nosso amigo José de Almeida Machado. Daremos o resultado obtido.

Preço dos generos

Tabela dos preços dos generos de consumo abaixos designados, no mercado de Montemór-o-Velho, em 19 de julho de 1916:

Milho branco	14,63 litros	1\$20
amarelo,		1\$20
Trigo branco		1\$05
Dito tremez.		1\$05
Vinagre, 24 litros.		1\$50
Centeio		1\$10
Cevada		\$65
Avéa		\$50
Favas		\$90
Feijão mocho		\$80
branco		\$85
mistura		\$65
patafa		\$65
fradinho		\$60
Batata		\$52
Tremoços, 20 litros		\$45
Sal, 15 litros		\$10
Galinhos		\$50
Frangos		\$16
Patos		\$36
Ovos, cento.		1\$85
Vinho, 24 litros		2\$30
Aguardente, 24 litros		7\$00
Azeite, almude		4\$00

CÃES

Apezar das providencias adoptadas pelo sr. administrador do concelho, ainda não foram abatidos os cães por essas aldeolas do concelho. Apenas, aqui na vila, alguns foram mortos.

E' necessário olhar a sério para este problema, que é importante, pois a hidrofobia está-se manifestando extraordinariamente.

Secção de charadas

A' nova colaboradora ROSA

LOGOGRIFO

(Versos truncados de Guerra Junqueiro)

Por terra a em pedaços — 8, 9,
N, 2, c, 4
Agonisundo a está — 5, 11, 8, 7,
2, 4
O' Mocidade, oiço os teus passos
Beija-a na ergue-a nos braços—
f, 7, 6, n, 8, e
Não morrerá!

Rasga o teu sem cautela — 5, e, 2, 8, 6
Dá-lhe o teu todo, vá — s, 11, n, 10, 9, e
O' mocidade heroica e b, e, 12, 4
Morre a cantar! morre... porque ela
..... — 7, e, 3, 2, 1, e, 7, 11

S'um dia formos p'ra guerra
Diremos sempre do peito:
•Te saudo Patria minha•
ROSA bela, é o conceito.

Charada diminutiva

3 — E' cōr de ROSA esta flor — 2

Lacerda.

Recebemos a seguinte presada carta:

Ex.ªma Violeta

Como o bilhete postal do n.º 236 trazia umas gralhas, que o tornavam um pouco mais difícil, com bastante trabalho consegui, julgo eu, decifrá-lo.

Creio que a decifração é:

«Sinceras felicitações e são agradecimentos».

Caso não seja, peço a v. ex.ª a fineza de desculpar-me.

Lembrei-me de pôr algumas charadas a premio; e para desenvolvimento do Dever, oferecia, como premio ao decifrador, a assinatura do Dever durante um ano.

Caso v. ex.ª ache a ideia rasoável e fácil de executar, queira mandar publicar, num proximo numero a

Unidos do Brazil, para todos os termos até final do inventario orfanológico por obito de seu pai Manoel Gonçalves Flaminio, morador que foi no mesmo lugar dos Pelicanos e em que é inventariante Maria de Oliveira, da Bunhosa, viúva do inventariado.

Montemór-o-Velho, 13 de julho de 1916.

O escrivão,

João Paes da Cunha Mamede.

Verifiquei a exactidão:

O Juiz de Direito,

Amaral Pereira.

Editos de 30 dias

(1.ª publicação)

Nº Juizo de Direito da comarca de Montemór-o-Velho e pelo cartorio do escrivão do 2.º ofício, correm editos de 30 dias, contados da segunda publicação deste anuncio no «Diário do Governo», citando o interessado Manuel Alves Murteiro, solteiro, maior, de Vila Franca, freguesia d'Arazede, mas ausente em parte incerta nos Estados Unidos do Brazil, para assistir a todos os termos até final do inventario orfanológico por obito de seu pai José Alves Murteiro, morador que foi no referido lugar de Vila Franca, e em que é inventariante Maria Pires, viúva do inventariado.

Montemór-o-Velho, 11 de Julho de 1916.

O escrivão,

João Paes da Cunha Mamede.

Verifiquei a exactidão:

O Juiz de Direito,

Amaral Pereira.

ANUNCIOS**Accão de divorcio**

Nº Juizo de Direito de Montemór-o-Velho, e pelo cartorio do primeiro ofício, foi, por sentença de 19 de Junho ultimo, que transitou em julgado, decretado o divórcio entre os conjuges Cândida Ferreira Amorim Marques ou Cândida Ferreira, residente em Lisboa, e Joaquim Marques Alexandre Junior, residente em Arasède, o que se faz publico.

Montemór-o-Velho, 4 de Junho de 1916.

O escrivão,

Adrião Pereira Forjaz de Sampaio.

Verifiquei:

O Juiz de Direito,

Amaral Pereira.

João Antônio Rodrigues

(SUCESSOR)

Montemór-o-Velho

Correspondente das segundas casas:

Banco Comercial de Lisboa, Banco do Minho, Banco Económico Português, Banco do Porto, Banco Aliança, Companhia de Seguros A. Internacionais, Crédit Franco-Portugais, J. M. Ferreira & Irmão, J. H. Toto & C.º, e Nandas Guimarães & C.º, Pinto da Fonseca & Irmão, Espírito Santo Silva, Borges & C.º, e Orey, Antunes & C.º.

Companhia de Seguros**A Lusitana**

Sociedade Anónima de Responsabilidade Limitada

Capital 500.000\$00 escudos

Seguros de vida, contra incêndios marítimos, terrestres, agrícolas, cristais, postais e de acidentes de trabalho.

Agente na Figueira da Foz
Antonio d'Oliveira Guerra
Rua da Republica, 84

Editos de 30 dias

(1.ª publicação)

Nº Juizo de Direito da comarca de Montemór-o-Velho e pelo cartorio do 2.º ofício, correm editos de 30 dias contados da segunda publicação deste anuncio no «Diário do Governo», citando o interessado José Gonçalves Flaminio, solteiro, maior, dos Pelicanos, freguesia de Arazede, desta comarca, mas ausente em parte incerta nos Estados

ANTIGO ESTABELECIMENTO

— DE —

Mercearia, Tabacos e Fazendas brancas

— DE —

João Antonio Rodrigues

(SUCESORES)

Montemór-o-Velho

Nesta casa se encontra um completo sortido em assucar, chá, café, manteiga nacional e ingleza, biscoitos, bolachas, massas, bacalhau, genebra e vinhos do Porto.

Ferragens, prego de arame e de ferro, panelas de ferro, rastilho, chumbo em barra e para caça.

Fosforos e Tabacos, por atacado. Tambem vende pelos preços de Lisboa, farinha de trigo, cimento Portland, vidraça, telha de vidro e velas de cera.

Preços resumidos

GRATIFICA-SE BEM

a quem dê informações de que resulte a condenação por fraudes praticadas com prejuizo dos exclusivos de fosforos e isca (e dos interesses do Estado, da Companhia concessionária e do comércio legítimo os acendedores, algodão ou qualquer outra matéria apresentada de fórmula e servir de isca, fabricação ou venda de chita com preparo inflamável, isca em cordão vendida fraudulentamente a título de cordão de sacos, etc., reservando-se a Companhia concessionária intentar a respectiva ação civil de perdas e danos contra os delinquentes, independentemente da multa a Estado nos termos da legislação em vigor. Gratifica-se generosamente, guardando-se a maior discrição. A Companhia logo que receba informações fidedignas enviará a qualquer ponto do país agentes da fiscalização para proceder às necessárias diligências. Dirigir-se pessoalmente ou por carta à Companhia Portuguesa de Fosforos, 139, rua de S. Julião, Lisboa.

ADUBOS

MELO & MARTINS

PAMPILHOSA DO BOTÃO

Fabricantes dos bons adubos compostos da marca registada
PEIXE

Chamamos a atenção dos snrs. agricultores para fazerem uma experiência dos nossos adubos, devido ao seu magnífico resultado os adoptarão de preferência a qualquer outro.

AZEITE

Para revenda e em grandes quantidades, vendemos de excelente qualidade

Alugam-se Automóveis

MELO & MARTINS

Pampilhosa do Botão

A FUNERARIA EM PEDRA

— DE —

FRANCISCO A. DOS SANTOS, FILHO

RUA DIREITA, 139 a 149

COIMBRA

Esta oficina encarrega-se de todo o trabalho de jazigos, mausoleus, campas, cantarias e ornamentações, tanto em calcareo como em marmore, a qual tem desenhos de jazigos, para escolher, em estilos antigos e em ARTE MODERNA.

Tem depósito de bancas de cosinha e mausoleus em lousa preta.

Encarrega-se também de fazer esculturas, bustos em pedra, barro, gesso, etc.

Toma conta de qualquer trabalho fóra de Coimbra

Contra roubo e Contra Incêndio

Grande economia
Seguro de Mobiliário

Por \$20 por cada 100\$00 de valor, isto é pelo que se paga só pelo risco de fogo «A MUNDIAL» segura num só apólice os riscos de INCÊNDIO e ROUBO. É tão necessário o seguro de ROUBO como o de FOGO.

A MUNDIAL

COMPANHIA DE SEGUROS

Capital, Escudos . . . 500:000\$00

Reserva em 1915 . . . 102:007\$74.1

Séde em Lisboa — Rua Garrett, 95 — Telefone 4084

Telegрафo—MUNDIAL

Delegação no Porto — Pinto da Fonseca & Irmãos.

Hospedaria do Paço do Conde

JOSÉ DOS SANTOS

Rua Adelino Veiga, 36 a 40 — Rua do Paço do Conde, 10

COIMBRA

Vinhos, comidas e tabacos.

Recebem-se comensais por preços modicos.

Camas para pernoitar.

Esta casa, com a transformação porque acaba de passar, melhorou consideravelmente todos os seus serviços, achando-se habilitada a receber hóspedes de qualquer categoria, oferecendo-lhes comodidades por preços baratos. Esmoro e prontidão no serviço de meia, para o que tem pessoal competente.

O mesmo proprietário negoceia em cereais e legumes de todas as qualidades, tais como farinhas, sémolas, batata, castanha, palha enfardada, cordas e adubos químicos.

Rua Adelino Veiga — 44, 48

O seu armazém é já muito conhecido.

Teleg. 379

Oficina-Garage de Coimbra

LOBO DA COSTA & CASTANHEIRA

Grandes oficinas mecânicas para reparações de automóveis; fabrico de carretos, pinhões e corôas em aço; cimentação e temperas; vulcanização e fundição de metais. Recolha e tratamento. Ensino. Automóveis de aluguer de \$08 a \$20 o quilometro e 9 lotações de 4 a 18 passageiros.

Acessórios, gazolina e óleo.

Transações em carros de 2.ª mão. Serviço especial, para bem servir os ex.ºs clientes da província.

Rua da Figueira da Foz — 170

COIMBRA

Local conhecido por «Casa do Sal» à entrada da cidade pela estrada do Porto.

Telefone, 502

Telegrams «Garage-Coimbra»



O DEVER

Semanario defensor da união da familia Portuguesa

Pátria e Humanidade

Director, Proprietario e Administrador—Almeida Junior

Factos e numeros

Uma camara que não auxilia o povo — Montemor tem sido feudo — Máscara que vai caindo.

A nossa camara municipal recebeu, em 23 de junho ultimo, o seguinte telegrama:

«Presidente camara municipal Montemor Velho — Sua Excelencia Ministro Trabalho encarrega-me comunicar que pode fornecer um wagon milho essa camara por oito centavos cada quilograma sobre wagon Santa Apolonia-Lisboa a pronto pagamento contra factura essa camara. Diga já esta via se aceita. Secretario Comissão Central Subsistencias — Matos Ferreira.»

Isto é, foi oferecido à camara milho. O governo ofereceu e a camara aceitou.

O milho veio e começou a ser vendido ao preço de 95 centavos o alqueire de 14,63.

O numero de quilogramas de milho enviados á camara foi de 9,822.

Custo do milho em Lisboa, 785\$76 centavos.

Despesa feita com a pessoa que foi a Lisboa ver a qualidade do milho e que o fez conduzir á estação, 8\$54 centavos.

Despesa de transporte no caminho de ferro, 26\$56 centavos.

Despesa com os carros que o transportaram da estação até á vila, 10\$96 centavos.

Somando todas estas quantias, temos o preço porque o milho ficou á camara, posto no logar onde devia ser vendido por empregados da mesma camara; assim, ficou, pois, por 831\$82 centavos.

Dividindo 831\$82 por o numero total dos quilos, teremos o preço de cada quilo, ou seja 8,5 centavos. (Isto desrespeitando ainda, em favor da camara, uma fração).

Multiplicando 8,5 centavos por 10,5 quilos (que tantos são os quilos que levam um alqueire de 14,63), teremos o preço do alqueire, isto é, 89,5 centavos (desrespeitando ainda a favor da camara uma fração).

Foi, pois, a 89,5 centavos (ou 895 reis) cada alqueire que o milho ficou á camara, posto aqui em Montemor. A diferença que vai para o preço por que foi vendido quase todo, é de 5,5 centavos, ou 55 reis em alqueire. A camara, como bôa administradora dos bens

CONCURSO LITERARIO

O DEVER honra-se publicando hoje, em harmonia com a decisão tomada, o retrato de dois novos, inteligentes e bondosos, ambos sonhando, como nós, um futuro de ouro para a humanidade que sofre.

Tiveram eles a gloria do primeiro premio. E, para solenizar mais o acto, que para nós é duma simpatia enorme e duma comoção sentida, reproduzimos as mimosas produções que originaram a honra que lhes foi dada, para arquivarmos tudo junto.

Saudando-os, não esquecemos os outros concorrentes para quem vão também, nesta hora de saudade, os nossos mais intimos e respeitosos cumprimentos.



D. Elvira de Moraes da Costa



Salvaterra Junior

MÃE!

A doçura deste nome, que nos embriaga de comoção sentida, suavisa-nos a alma sangrando de saudade; e é a nossa mãe, a sorrir e a chorar, que nós vemos a todos os instantes quando também sorrimos e chorámos.

Se a mulher é divinal, por compartilhar com o homem das suas felicidades e das suas desventuras, é idealmente sublime quando a Natureza lhe concede o sacrosanto nome de Mãe.

Longe, quando o infortunio é, para a humanidade que sofre, o pão nosso de cada dia, é a sua imagem, sempre bela e dulcificante, que nos aparece como estrela redentora a guiar os nossos passos vacilantes, os nossos olhares vagos e indecisos, neste mar ingrato, cheio de abrolhos, de dôres e desilusões que tanto nos atormentam. Por isso quando, nos momentos em que a dor é mais latente e o infortunio maior, nós nos sentimos bem adorando, com religiosa unção, a imagem que de nossa adorada mãe para toda a parte sempre nos acompanha.

— Minha mãe! abre-me o peito, porque quero morrer na cruz adorável dos teus braços, que outros, decerto, tão ternamente amigos, já não encontrarei!...

ELVIRA DE MORAES DA COSTA

Violeta

A Mulher e a Natureza

Entra Maio das flor's! A Vida exuberante
Tem canticos de luz e risos cõr de rosa...
Aloiram-se os trigais... Volta a mariposa
Ao longo da campina alácre e vicejante...

Nas azas irreais da briza rumorosa,
Ha aromas de lilaz e rosa perfumante!
O Ceu tem o fulgor do teu olhar brilhante,
A mesma candidez da tua face airósa!...

Entra Maio das flor's! Que angelical beleza,
Como enternece mais a tua voz de rôla.
Risouha joia ideal, primor da Natureza!...

Entra Maio das flor's! Mulher, meu doce bem:
— Beijo-te e julgo estar beijando uma papoula!
— Canto-te e julgo estar cantando a Terra-mãe!

Porto, abril de 916.

SALVATERRA JUNIOR.

do município, não queria, sem dúvida, sujeitar-se a quaisquer quebras do milho; e precisa, para estar bem segura, de não perder. Por isso foi carregando com mais os 55 reis em cada alqueire. O povo pagou, e ainda agradeceu.

No dia 15 do corrente foi lembrado á camara o que consta do requerimento abaixo publicado. Nesse mesmo dia foi resolvido, pela camara, vender o resto do milho a 90 centavos o alqueire e entregar ao Monte-Pio desta vila a

quantia ganha com a venda do milho, dizendo sua excelencia o snr. Presidente que já era esta a ideia da camara. Transmissão de pensamentos entre a camara e o signatário do requerimento.

A bem da verdade, devemos acrescentar que esqueceu meter na conta o transporte das sacas, de Montemor para Lisboa, o que não poderá ser feito com menos de 1 a 2 escudos.

Ha muita gente que julga que em períodos críticos como aquele

que o povo vem atravessando há tantos meses, as camaras municipais deviam fazer todos os esforços para melhorar a situação dos seus munícipes pobres. Fazer mesmo sacrifícios pecuniários (se sacrificio era para a camara, no caso sujeito, dispensar umas dezenas de escudos).

Mas não. O que mais importa é ter dinheiro no cofre, embora o povo não tenha as mais pequenas comodidades. São modos de viver e administrar. Pode parecer acon-

tecer que nós estejamos cegos pela política e que não seja nada assim e que tudo corra muito bem.

E para se não julgar isso é que passamos a transcrever os elucitivos documentos, que bem demonstram que a camara, em vez de favorecer o povo, barateando o preço do milho, ainda lho elevou, fazendo-o comer mais caro 55 reis. Verdadeira obra de misericordia é dar de comer a quem tem fome. E o Monte-Pio, por agora, dispensava esse auxílio.

Eis os documentos:

Ex.º Sr. Presidente da Comissão Executiva da Camara Municipal deste concelho

Ismael de Sá Carvalho Sampaio, advogado divorciado, residente nesta vila, na sua qualidade de munícipe, vem requerer a V. Ex.º para fins convenientes que lhe mande passar por certidão o seguinte:

1.º Qual o preço (do kilo) por que foi adquirido em Lisboa pela Ex.º Camara o milho que agora se está vendendo ao povo do concelho. 2.º Qual o preço do transporte do dito milho desde Lisboa até esta vila. 3.º Qual a quantia gasta pela Ex.º Camara com a pessoa que foi a Lisboa tratar da condução e remessa do já referido milho.

O suplicante mais requer que lhe seja certificado qual o teor do telegrama recebido pela Ex.º Camara a perguntar se era preciso milho e em que quantidade.

O requerente, convencido de que toda a matéria acima referida pode ser do domínio público, respeitosamente

P. D.

Montemór-o-Velho, 12 de Julho de 1916.

Ismael de Sá Carvalho Sampaio.

CERTIDÃO

Antonio Peixoto da Silva, chefe da Secretaria da Camara Municipal do Concelho de Montemór-o-Velho, etc.

Em cumprimento do despacho retro do Ex.º Presidente da Comissão Executiva da Camara Municipal, Dr. Antonio Joaquim Simões, certifico que dos documentos devidamente arquivados nesta secretaria, consta que na data do dia vinte e tres de Junho ultimo foi dirigido á Camara Municipal um telegrama do seguinte teor:

— Presidente Camara Municipal Montemór-o-Velho — Sua Excelencia Ministro Trabalho encarrega-me comunicar que pôde fornecer um wagon milho essa Camara por oito centavos cada kilograma sobre wagon Santa Apolonia-Lisboa a pronto pagamento contra factura essa Camara. Diga já esta via se aceita. — Secretario Comissão Central Subsistencias, Matos Ferreira. Foi respondido que se queria o milho e foi mandada uma pessoa competente e condecorada do genero, de nome Francisco Aires, de Formoselha, para verificar se o milho era bom e próprio para o consumo público, e no caso afirmativo fazê-lo conduzir para a estação. A importância de cento e oito sacos de milho com o peso líquido de nove mil oitocentos e vinte e dois kilogramas em Lisboa foi de setecentos oitenta e cinco escudos e setenta e seis centavos. A despesa do encarregado a Lisboa e lá, foi de oito escudos e cinquenta e quatro centavos. O transporte em caminho de ferro de Lisboa á estação foi de vinte e seis escudos e cincuenta e seis centavos e a despesa dos carros que da estação conduziram foi de dez escudos e noventa e seis centavos. O peso bruto do milho, segundo a respectiva factura e ofício da Comissão Central de Subsistencias, foi de nove mil novecentos e trinta kilos. A respectiva importância de setecentos e oitenta e cinco escudos e setenta e seis centavos já foi paga competentemente. Tudo consta de diversos documentos arquivados e a eles me reporto.

Montemór-o-Velho e Secretaria da Camara Municipal, 14 de Julho de 1916.

O Chefe da Secretaria,

Antonio Peixoto da Silva.

Ex.º Sr. Presidente da Comissão Executiva da Camara Municipal de Montemór-o-Velho e mais vogas

Ismael de Sá Carvalho Sampaio, tendo verificado, por meio dum certidão passada pela secretaria da Capara, que o milho, que tem sido vendido ao povo do concelho á razão de 95 centavos o alqueire, poderia (ou deveria) ter sido vendido á razão de 89,5 centavos, vem respeitosamente lembrar á ex.º Comissão Executiva que, ou abata no preço do milho que resta para vender a quantia até agora ganha com o que foi já vendido, ou vendido que seja todo o milho até ao fim pelo mesmo preço de 95 centavos, o lucro auferido pela Camara seja entregue a qualquer instituição de beneficência e caridade, como, por exemplo, poderia ser o hospital desta vila. Qualquer destas maneiras de proceder fará cair por terra a suspeita que, porventura, se levantasse de que a ex.º Camara tenha encobertamente querido comerciar, o que lhe não era decoroso, principalmente quando se trata de fazer negócio com a pobreza e com a miseria do povo.

Respeitosamente requer o suplicante que lido este em sessão seja tomado na devida conta.

Ismael de Sá Carvalho Sampaio.

Foi em face deste documento que o povo comeu depois o milho mais barato. E que o povo, até agora enganado, vá abrindo os olhos para este estado de coisas e para a *generosidade* da Camara. E findamos, por hoje...

Notas

Quem te manda...

A Camara Municipal deste concelho, ou para melhor dizer, **parte da comissão executiva da mesma**, tem-se esforçado para melhorar as condições de vida das classes pobres, especializando-se neste trabalho o snr. dr. Antonio Joaquim Simões; ha pouco faziam aquisição de milho, e agora espera fornecer assucar ao preço da tabela.

Tão altruista iniciativa é digna dos mais rasgados elogios, e pena é que nem sempre os comprehendam, ou não queiram compreender... mas as vezes não há quem se faça bom...

Não sabemos se os leitores repararam bem no que ai fica, que a **Gazeta de Coimbra** publicava no seu penultimo numero. Se não tomaram nota, é bom que leiam bem.

A parcialidade é manifesta.

A Camara, pelo que se vê, tem vereadores que não zelam os interesses do povo. Só uma parte dessa vereação trabalha em favor dos municípios. E como a Camara presta serviços, está visto pelos documentos que vão noutro lugar, e pelos quais se prova que vendeu o milho por preço superior ao custo, encarecendo a vida ainda mais.

Aquela **Gazeta** e aquele snr. Arrobas, estão mesmo a pedir uma estatua ali na Praça da Republica.

Mas o colega não quererá ter a bondade de nos indicar qual é a parte da vereação do município que trabalha para melhorar as nossas condições económicas, e a que nada faz em nosso benefício?

E para vêr se a gente depois fica a entender alguma coisa. Vá, diga...

Rua!...

Decididamente, esses *simpaticos e humanitários* vereadores, que compõem a nossa *impagável* Camara Municipal, alem de tudo, aparecem-nos agora também exploradores do suor do pobre povo trabalhador. A fome dos desgraçados também serve a estes *benemeritos* cidadãos para arranjarem dinheiro, a fim de saciarem os profundíssimos estomagos da afilhada aninhada arbitrariamente, vendendo milho por preço superior ao do custo, sem respeito nem compaixão para com os infelizes a quem a falta de pão obriga a com-

prá-lo por todo o preço, sem forças nem coragem para protestarem veementemente contra estas desumanidades.

Estes homens do município, que toda a gente julgava muito diferentes daquilo que saíram, ou tem que mudar de vida pensando a sério nos interesses desta infeliz terra, auxiliando os seus munícipes, e não os explorando como fez agora, tratando com interesse dos melhoramentos que tanto necessitamos, ou então, se não querem ou não tem forças para isso, retirem-se das cadeiras do município para que outras pessoas que se interessem pelo bem estar do povo de Montemor, o façam.

Passeio

Estiveram aqui no domingo muitos sócios da simpática Associação Naval, da Figueira da Foz, que vieram em motocicleta visitar esta vila. As impressões que levaram fariam corar de vergonha quem, ao ver a vergonha a que a vila chegou, sentisse realmente ruborizarem-se-lhe as faces.

Que o país já sabe o estado de decadência a que Montemor chegou!

E' triste? Mas é assim, por desgraça dos que querem muito à sua terra.

D. Alice Oliveira

Encontra-se em Lisboa, onde fez exame do 5.º ano de piano e 2.º de harmonio, no Conservatorio, esta ilustre dama conimbricense, extremosa filha do grande cidadão snr. Mauricio de Oliveira, a quem a Republica e Montemor devem assinalados serviços, e prima do nosso director.

A inteligente pianista, que obteve a classificação de *distinto* em todas as provas prestadas, revelou sempre profunda paixão pela musica, pelo que lhe está reservado um brillantíssimo futuro.

O seu professor, um ilustre maestro, é dos poucos que se dedicam com carinho aos seus alunos, e por isso tem a gloria de os ver sempre altamente classificados.

D. Alice Oliveira, alem de ser uma pianista como acaba de demonstrar no Conservatorio de Lisboa, é tambem apreciada pelo estudo de Linguis, conhecendo algumas profundamente, o que, no meio social em que vive, lhe tem grandeza inúmeras simpatias.

Saudando, com carinhosa satisfação, a talentosíssima académica, abraçamos seus bons pais que tão nobremente tem encarado e encaminhado a educação dos filhos, formando em medicina o dr. José Vasconcelos, tenente-médico e delegado de saúde em Cabo Verde, e D. Isaura Oliveira, facultativa na Ilha da Madeira.

Pais assim não só honram os seus deveres como enobrecem os princípios pelos quais todos devíamos encarar o problema da família.

CARTA

Temos há tempos em nosso poder uma carta do nosso ilustre colaborador snr. Eduardo Passos, respondendo aos nossos amigos snrs. José Seabra Cascão e Mário Augusto da Silva.

Pedimos desculpa de, para não avivar o assunto, nos dispensar de lhe dar publicidade, sem, contudo, querermos melindrar qualquer dos nossos amigos.

EXAME

Fez exame, em Santo Varão, a gentil menina Maria Mendes Lapa, filha do snr. José das Lapa, obtendo a classificação de *optimo*.

Parabens aos pais de tão inteligente menina, e os nossos louvores á sua professora, snr. D. Emilia Bizarro.

Pela sociedade

Partiu para Entre-os-Rios, onde fará uma temporada de aguas, descansando, o nosso preso e velho amigo snr. Quirino de Sampaio, digno secretário da administração deste concelho.

Por toda a semana partirá para a Figueira da Foz, a fazer uso de banhos, a snr. D. Ana Aires Ribeiro, extremosa mãe do nosso querido amigo snr. Contente Ribeiro, zeloso amanuense da nossa Camara Municipal.

Está em Lisboa, acompanhado de sua ex.º esposa e filhinho, o estimado assinante do *Dever*, snr. Antonio Luiz Neves da Costa, importante proprietário de Reguengos de Monsaraz. Foram consultar um especialista por causa da doença do filhinho.

Expedicionários á África

Por notícias recebidas do nosso estimado amigo snr. Julio Cesar de Matos, 2.º sargento dô 23, sabemos têrem sido os expedicionários feliz viagem até Lourenço Marques, partindo depois para o norte da província africana. Recomendam-se.

Correio

São varias as queixas que chegam a esta redacção contra a forma pouco escrupulosa como o correio de Reveles faz a distribuição, pois os jornais são expedidos e não chegam aos seus destinos. Bem sabemos que por ali há *burlistas*, especialmente numa povoação chamada Abrunheira, onde os *leitores* se zangaram com os e agora querem *ler de borla*... O que é a vida! ..

Vamos documentar as queixas vindas e diremos da nossa justiça.

ASSUCAR

Já chegou o assucar que a Camara mandou vir, vendendo-se ao preço de 37 centavos (370 reis). E' preço rasoavel, e consta que virá brevemente outra remessa para mais barato ainda. Louvores, por este facto, não seremos nós que os regatearemos, imparciais como nos prestamos de ser.

PELO DISTRITO

Carta de Taveiro

Ex.º Sr. Ministro da Instrução:

Eu creio que v. ex.º não desconhece aquela pequena aldeia banhada pelo sol e pelo Mondego, a 6,5 quilometros ao sul de Coimbra, dessa Coimbra em que tudo é amor e saudade, poesia e sentimento, e em que as nossas almas, procurando nova luz, se embriagam na contemplação adorável do pôr do sol e dos murmúrios do rio.

Ali passou v. ex.º uma parte da sua mocidade estudiosa. Pois bem: hoje, que se encontra desempenhando o elevado cargo de ministro, venho pedir-lhe um pouco da sua valiosíssima protecção para umas dezenas de creancinhas que procurando a educação espiritual nas escolas primárias de Taveiro, apenas ali encontram desconforto e mal-estar, porque elas não possuem as mais rudimentares condições higienicas, e, dai, a falta de luz e de ar que tão necessários se tornam á vida dos pequeninos entes que querem saber e progredir. A agua de que se servem para beber é de tal estado impura, que os pobres estudinhos são acometidos, com frequencia, de doenças adquiridas nesses estabelecimentos de ensino que são do Estado e se encontram sob o protectorado do mesmo Estado.

A escola do sexo feminino, por exemplo, está situada a uns 300 metros de distância da povoação, e em tão péssimo lugar, que o perigo que correm as creancinhas, é grande, pois é ali uma passagem de nível do caminho de ferro, numa linha em que o movimento de comboios é grande.

de. No inverno, pela força das chuvas, as pobres crianças chegam ali completamente molhadas e não há menor clemência para com elas!

Nos 300 fogos que esta terra possue encontrará v. ex.^a uma casa que, embora não fosse edificada para escola, sempre será bem melhor do que aquela.

As construções aqui são relativamente baratas; e se v. ex.^a contasse, no seu orçamento, com uma verba para a sua edificação, prestaria uma obra de reconhecido valor ao povo de Taveiro, que eternamente lhe agradeceria.

Outros assuntos de inadiável realização iremos apontando. Este da escola, posto que seja a Câmara a única responsável por tal estado de coisas, atrevemo-nos, no entanto, a pedir providências superiores.

A Câmara não desconhece que a casa é humida. E, além disso, é da própria professora que recebe a respectiva renda. Este facto demonstra que a própria professora tem pouco cuidado com a higiene dos seus alunos, por isso que, exercendo o seu mister em casa sua, teria o dever, ao menos de humanidade, de arranjar a habitação mais convenientemente.

Conhecemos funcionários desta natureza que se prezam de trazer tudo limpinho, e de serem eles mesmo que procedem à limpeza. E a professora de Taveiro; que é Mãe, devia olhar para isto, reclamando.

(Correspondente).

Idem, 27

HAVERA' CRIME?

Um pouco abaixo da ponte do Amial, apareceu no Mondego o cadáver dum indivíduo, tipo de lavrador, mas decentemente vestido.

Tinha as mãos e pés atados.

Recaiu suspeitas nuns peixeiros, que foram quem o encontrou.

Deve ser o roubo, o mobil do crime.

De Coimbra foi ali, com um polícia, o sr. dr. Freitas Costa, subdelegado de saúde, adjunto.

O cadáver seguiu para o necróterio.

Os próprios peixeiros deram parte do ocorrido.

(Correspondente).

Original

Por absoluta falta de espaço fica de fóra um belo artigo sobre a guerra, que vinha mesmo a propósito no dia de hoje, do nosso estimado colaborador G. A. G. Mas coisas destas não perdem a oportunidade.

Irá no domingo, assim como outros já compostos. Desculpe.

Também fica uma carta sobre Salvaterra Junior.

Falta de carne

No penultimo sábado não foi abatida rez alguma no matadouro municipal, por causa duma altercação entre o guarda Cruz e os cortadores que o rematante aqui mandou.

Trouxeram um boi, mas em seguida, sem quererem saber do prejuízo que iriam causar à população, retiraram levando a rez. Consta-nos que os homens encarregados de cortar foram pouco delicados, pois o guarda apenas lhes fez ver que deviam cumprir a lei.

A carne vendida no domingo veio da Mealhada.

Pode a população da vila estar à mercê de caturrices?

Tomou a Câmara providências, para que o caso se não repita?

EXAMES

Efectuaram-se, nos dias 13, 14 e 15 do corrente, os exames do 1.º grau presidindo ao acto, como delegado do Inspector, o sr. Manuel Maria de Melo, digno professor em Aracede, tendo como vogais a ex.^a sr.^a D. Etelvina Jorge da Silva

e o nosso amigo sr. José Nunes Bento, digno professor desta vila.

Foram examinados os seguintes alunos:

António Maranhão das Neves, Armenio Faria de Castro, Bernardino Nobre de Sousa, Henrique Milheiro de Oliveira Júnior, Israel Bicho, Julio Mendes dos Santos e Lícinio de Freitas Cardoso, que obtiveram a classificação de *ótimo*; António Simões Teixeira, Artur de Carvalho Valente, João Dias Júnior e José Augusto Maio, que obtiveram a classificação de *bom*; Raul Machado Brandão, que obteve a classificação de *suficiente*; e as meninas Aida Pessoa Medina, Maria da Piedade Neves d'Almeida, Laura Ribeiro d'Almeida, Maria Clara Pereira de Melo Beirôco, Maria Fernanda Alves Pereira de Sousa, Maria de Lourdes Freitas Costa e Araújo e Valentina Andreia Mascarenhas e Costa, que obtiveram a classificação de *ótimo*; Lélia da Luz Pimenta, Maria Augusta da Silva Conceiro e Maria da Conceição Lima Dias, que obtiveram a classificação de *bom*.

São dignos dos maiores elogios os professores desta vila, pela forma inteligente como habilitaram os seus alunos, para conseguirem obter as melhores classificações.

Felicitamos os dignos professores, com especialidade a ex.^a sr.^a D. Etelvina Jorge da Silva, que, com sacrifício da sua própria saúde, não descurou por um momento as suas discípulas, chegando a estar com elas dias inteiros, porque só com estes sacrifícios poderiam fazer reviver a instrução nesta vila, que, antigamente, raro era o ano em que aparecia um aluno a fazer exame.

Damos os sinceros parabéns aos examinandos e suas famílias, desejando que continuem a dedicar-se, com verdadeiro amor, à instrução, para que assim possam elevar a terra que lhes foi berço.

No dia 21 do corrente realizar-se-á na escola móvel da Portela, Tentugal, os exames do 1.º grau.

Presidiu, como delegado do Inspector, o professor da escola móvel do Amial, sr. Germano de Sousa, sendo vogais os sr. José Alexandrino Beja da Silva, professor oficial de Tentugal, como delegado do governo, e o professor da mesma escola, José de Almeida Machado.

Os alunos examinados foram 11, tendo o mais velho 19 anos e o mais novo 11, que obtiveram as seguintes classificações: 2, ótimos; 6, bons; e 3, suficientes.

Também se realizaram, em Santo Varão, no dia 17 do corrente, os exames do 1.º grau, presididos pelo sr. Neto, professor em Alfarelos.

Os resultados foram ótimos, devido à competência dos professores sr. José de Noronha e D. Emilia Bizarro.

Os nossos parabéns aos examinandos e a seus distintos professores.

Cães

Consta que o sr. governador civil atendeu ao ofício do sr. administrador do concelho, mandando dois policiais para abater os cães. Será desta vez cumprida a lei?

Secção de charadas

Maçada geográfica

Formar o nome de uma terra portuguesa com as letras da seguinte frase:

O TON MOVE MELHOR

Arazede. Lameira.

Em verso

Tem o nome de Maria—2.
Aquela linda creança...
Traquina! Nunca se cança,
Nunca lhe falta a alegria
Duma esp'rança!

Que cabecita no ar!—1
Que meigas faces de rosa!—1
Olhos azuis, côr do mar...
Lembra a roseira vaidosa
Dum pomiar!

Tranças de fundos negros
Como tristezas de poetas...
Essa creança irrequieta,
Saltitando entre as flores,
Parece uma borboleta!

Porto. Salvaterra Júnior.

A' ilustre Violeta pelo seu postal do n.º 226:

Enigma tipográfico

Ó luta	NOTA	XII	0	C	VL
Mangualde.		2	2		Lacerda.

G R A

Mangualde. Ave.

Decifrações do n.º 228:

Logogrifo:—«Saudosa recordação das margens do rio Liz».

Decifraram: Lameira, Saudade, Rosa, Lacerda, Joaquim Pires e Salvaterra Júnior.

Decifrações do n.º 229:

Logogrifo:—«Viva Portugal».

Diminutiva:—«Rosada-Rose».

Decifraram: Saudade, Lacerda, Lameira, Rosa e Celso R. Baía.

N. da R.—Atendendo ao lisonjero acolhimento que esta secção tem tido, mercê da gentileza dos nossos ilustres colegas charadistas, vamos, de acordo com os nossos colegas de redacção, procurar desenvolver tanto quanto nos seja possível.

A decifração da Pergunta Geográfica a premio do n.º 229 é:

ORVALHO

Foram quatro os concorrentes, e todos indicaram como decifrações: — Alva — Alvor. Sentimos que nenhum tivesse tido as honras do prémio.

Novos colaboradores — Deram-nos a honra da sua colaboração, os nossos distintos colegas: Horacio Fernandes da Cunha, Celso R. Baía, Ave, Saudade e Selvagnozurc. Pedimos ao bondoso colega Lacerda o favor de fazer acompanhar sempre as suas charadas das respectivas decifrações, para não causar embaraços. Não se zanguem com a exigência da

Violeta.

Falecimentos

Vitimado pela tuberculose, faleceu em Sant'Ana, em casa de sua tia, a sr.^a D. Mariana Mota e Silva, seu sobrinho o sr. João Mota.

Na Carapinheira também se finou, vitimada por um ataque epilético, a sr.^a D. Guilhermina Vaz, esposa do nosso amigo sr. José Vaz, abastado proprietário naquela localidade.

Sentidos pesames.

ANUNCIOS

Editos de 30 dias

(2.ª publicação)

No Juizo de Direito da comarca de Montemor-o-Velho e pelo cartório do escrivão do 2.º ofício, correm editos de 30 dias, contados da segunda publicação deste anúncio no «Diário do Governo», citando o interessado Manuel Alves Murteiro, solteiro, maior, de Vila Franca, freguesia d'Aracede, mas ausente em parte incerta nos Estados Unidos do Brasil, para assistir a todos os termos até final do inventário orfanológico por óbito de seu pai José Alves Murteiro, morador que foi no referido lugar de Vila Franca, e em que é inventariante Maria Pires, viúva do inventariado.

Editos de 30 dias

(2.ª publicação)

No Juizo de Direito da comarca de Montemor-o-Velho e pelo cartório do escrivão do 2.º ofício, correm editos de 30 dias, contados da segunda publicação deste anúncio no «Diário do Governo», citando o interessado Manuel Alves Murteiro, solteiro, maior, de Vila Franca, freguesia d'Aracede, mas ausente em parte incerta nos Estados Unidos do Brasil, para assistir a todos os termos até final do inventário orfanológico por óbito de seu pai José Alves Murteiro, morador que foi no referido lugar de Vila Franca, e em que é inventariante Maria Pires, viúva do inventariado.

Montemor-o-Velho, 11 de Julho de 1916.

O escrivão,
João Pais da Cunha Mamede.

Verifiquei a exactidão.

O Juiz de Direito,
Amaral Pereira.

Editos de 30 dias

(1.ª PUBLICAÇÃO)

No Juizo de Direito de Montemor-o-Velho, e pelo cartório do escrivão Sampaio, no inventário orfanológico por óbito de José Gomes Maleita, viúvo, do Cabeço, no qual é cabeça de casal a filha Maria da Puresa Gomes Maleita, do mesmo lugar, correm editos de trinta dias contados da segunda publicação do respectivo anúncio no «Diário do Governo», citando os herdeiros José Gomes Maleita e mulher Maria da Anunciação Fernandes, ausentes em parte incerta no Brasil, para assistirem a todos os termos até final do mesmo inventário.

O escrivão,

Adrião Pereira Forjaz de Sampaio.

Verifiquei.

Amaral Pereira.

Editos de 60 dias

(1.ª PUBLICAÇÃO)

No Juizo de Direito da comarca de Montemor-o-Velho, e pelo cartório do escrivão Sampaio, nos autos de carta precatória vinda da comarca da Figueira da Foz para afixação de editais, e extraída dos autos de execução por dívida fundada em letra por Rosaria Clara de Oliveira, viúva, proprietária, residente na sede da mesma cidade, ali move contra Manuel de Oliveira, solteiro, maior, proprietário, do lugar de Peresalves, freguesia de Verride, desta comarca, e ausente em parte incerta no Brasil, correm editos de sessenta dias contados da segunda publicação do respectivo anúncio no «Diário do Governo», citando o mesmo Manuel de Oliveira para no prazo de cinco dias, findo o dos editos, pagar á exequente a quantia de quarenta e nove escudos e noventa e nove centavos e meio, juros de oito por cento ao ano desde três de maio de mil novecentos e doze, data do aceite da letra, custas, sélos, honorários e mais encargos a que se obrigou na mesma letra, ou para no mesmo prazo nomear á penhora bens suficientes para aquele pagamento, sob pena de devolver á exequente o direito de nomeação e se prosseguir nos ulteriores termos da execução.

O escrivão,

Adrião Pereira Forjaz de Sampaio.

Verifiquei.

Amaral Pereira.

ANTIGO ESTABELECIMENTO

— DE —

Mercearia, Tabacos e Fazendas brancas
— DE —
João Antonio Rodrigues
(SUCESORES)
Montemor-o-Velho

Nesta casa se encontra um completo sortido em assucar, chá, café, manteiga nacional e ingleza, biscoitos, bolachas, massas, bacalhau, genebra e vinhos do Porto.

Ferragens, prego de arame e de ferro, panelas de ferro, rastilho, chumbo em barra e para caça.

Fosforos e Tabacos, por atacado. Tambem vende pelos preços de Lisboa, farinha de trigo, cimento Portland, vidraça, telha de vidro e velas de cera.

Preços resumidos

GRATIFICA-SE BEM

a quem dê informações de que resulte a condenação por fraudes praticadas com prejuizo dos exclusivos de fosforos e isca (e dos interesses do Estado, da Companhia concessionaria e do comercio legítimo), os acendedores, algodão ou qualquer outra materia apresentada de forma a servir de isca, fabricação ou venda de chita com preparo inflamável, isca em cordão vendida fraudulentamente a título de cordão de sacos, etc., reservando-se a Companhia concessionaria intentar a respectiva ação civil de perdas e danos contra os delinquentes, independentemente da multa ao Estado nos termos da legislação em vigor. Gratifica-se generosamente, guardando-se a maior discreção. A Companhia logo que receba informações fidedignas enviará a qualquer ponto do país agentes da fiscalização para procederem às necessarias diligencias. Dirigir-se pessoalmente (u por carta) à Companhia Portuguesa de Fosforos, 439, rua de S. Julião, Lisboa.

A DUBOS
MELO & MARTINS
PAMPILHOSA DO BOTÃO

*Fabricantes dos bons adubos compostos da marca registada
PEIXE*

Chamamos a atenção dos snrs. agricultores para fazerem uma experiência dos nossos adubos, devido ao seu magnífico resultado os adoptarão de preferência a qualquer outro.

AZEITE

Para revenda e em grandes quantidades, vendemos de excelente qualidade.

Alugam-se Automoveis

MELO & MARTINS

Pampilhosa do Botão

A FUNERARIA EM PEDRA

— DE —

FRANCISCO A. DOS SANTOS, FILHO

RUA DIREITA, 139 a 149

COIMBRA

Esta oficina encarrega-se de todo o trabalho de jazigo, mausoleus, campas, cantarias e ornamentações, tanto em calcareo como em marmore, a qual tem desenhos de jazigos, para escolher, em estilos antigos e em ARTE MODERNA.

Tem deposito de bancas de cosinha e mausoleus em lousa preta.

Encarrega-se tambem de fazer esculturas, bustos, em pedra, barro, gesso, etc,

Torna conta de qualquer trabalho fora de Coimbra

Contra roubo e Contra Incendio
Grande economia
Seguro de Mobiliario

Por \$20 por cada 100\$00 de valor, isto é pelo que se paga só pelo risco de fogo «A MUNDIAL» segura numa só apólice os riscos de INCENDIO e ROUBO. E' tão necessário o seguro de ROUBO como o de FOGO.

A MUNDIAL

COMPANHIA DE SEGUROS

Capital, Escudos. 500.000\$00

Reserva em 1915. 102.007\$74.1

Séde em Lisboa — Rua Garrett, 95 — Telefone 4384

Telegрафo—MUNDIAL

Delegação no Porto — Pinto da Fonseca & Irmãos.

Hospedaria do Paço do Conde

JOSÉ DOS SANTOS

Rua Adelino Veiga, 36 a 40 — Rua do Paço do Conde, 10

COIMBRA

Vinhos, comidas e tabacos.

Recebem-se comensais por preços modicos.

Camas para pernoitar.

Esta casa, com a transformação porque cabia de passar, melhorou consideravelmente todos os seus serviços, achando-se habilitada a receber hóspedes de qualquer categoria, oferecendo-lhes comodidades por preços baratos. Esmero e prontidão no serviço de meia, para o que tem pessoal competente.

O mesmo proprietário negoceia em cereais e legumes de todas as qualidades, tais como farinhas, sêmolas, batata, castanha, palha enfardada, cordas e adubos químicos.

Rua Adelino Veiga — 44, 48

O seu armazém é já muito conhecido.

Telefone 379

Oficina-Garage de Coimbra

LOBO DA COSTA & CASTANHEIRA

Grandes oficinas mecânicas para reparações de automóveis; fabrico de carretos, pinhões e coroas em aço; cimentação e temperas; vulcanisação e fundição de metais. Recolha e tratamento. Ensino. Automóveis de aluguer de \$08 a \$20 o quilometro e 9 lotações de 4 a 18 passageiros.

Acessorios, gazolina e óleo.

Transações em carros de 2.ª mão. Serviço especial, para bem servir os ex.ºs clientes da província.

Rua da Figueira da Foz — 170

COIMBRA

Local conhecido por «Casa do Sal» à entrada da cidade pela estrada do Porto.

Telefone, 502

Telegrams «Garage-Coimbra»

Ano 5.

Montemor-o-Velho, 6 de Agosto de 1916

N.º 231



O DEVER

Semanario defensor da união da familia Portuguesa

Pátria e Humanidade

Director, Proprietario e Administrador—Almeida Junior

A dois anos de guerra

Viva Portugal. Viva a guerra.**:: :: Viva a Liberdade :: ::**

Faz depois de amanhã precisamente dois anos que a ambição de um louco e a inconsciencia dum decrepito, desencadeou na Europa esta terrível conflagração, sem precedentes na historia mundial, que tem custado milhares de vidas e quantos milhares estarão destinadas a segui-las, sempre estranhas aos caprichos dos grandes mandões!

Quantas inteligencias tem sido arrebatadas ao culto da sciencia, das letras, das artes e das industrias?

Quantos braços roubados ao comércio e à agricultura?

Quantas se perderão ainda até ao final da guerra? Impossivel previsá-lo!

E tudo porquê?

Porque esse incomensuravel louco, cantando o hino da brutalidade e da selvageria, acompanhado do tenir das espadas e do troar dos canhões, pisou e desvastou a Belgica, invadiu a França e arremessou-se brutalmente contra a Russia.

Quantas vitimas inocentes tem regado com o seu sangue o solo da Patria estremecida?

Quantas mães, quantas esposas choram a estas horas a perda dum filho querido, dum marido estremoso, a quem não puderam, no momento derradeiro, dar o ultimo beijo?

Quantos inocentinhos sofrem, neste momento, os horrores da fome, por lhe ter sido arrebatado o braço paterno?

Mas, se é certo que nos arropia o pensar nestes cruentos dramas, nestas terríveis tragedias, por outro lado faz-nos bem recordar os actos de verdadeira heroicidade praticados por esses defensores do Direito, da Justiça e da Liberdade contra a Tirania e a Brutalidade.

Como sabe bem ver a valentia da Servia, esse exemplo unico do que uma pequena nação pode fazer contra obstaculos quasi insuperaveis, o heroismo indomável dum a pequena, mas moralmente grande, Belgica que tem iluminado a tragedia desta guerra; a Russia, que importantissimo papel tem desempenhado; que esplendida resistencia tem mostrado os soldados italianos; que brillante tem sido a acção da Inglaterra, que, devido á sua consideravel força naval, tem

reduzido á miseria os nossos inimigos correndo-os dos mares, onde já se não vê um unico pavilhão da marinha mercante alemã e austriaca; e, finalmente, a França, cujos feitos de armas teem excitado o pasmo e o louvor de todo o mundo, pois nunca o exercito francês, nos seus dias mais gloriosos, mostrou tão grandes qualidades de heroísmo, arrojo, força de ataque e resistencia como nesta terrível luta.

E atualmente? Atualmente, os nossos aliados teem-se portado com uma valentia digna de registro.

A gloria ofensiva russa incitou italianos, ingleses e franceses, e até os proprios servios, que querendo comemorar brilhantemente o 29 de Julho, dia do segundo aniversario da declaração de guerra que lhe enviou a Austria, travaram energicos combates nas linhas de Salonica, expulsando os bulgares de todas as posições que ocupavam; e ei-los como os seus aliados avançando triunfante pelas campos de batalha fazendo milhares de prisioneiros, estrangulando a Alemanha e os seus amigos que não resistirão aos seus esforços até final.

A vitima pode resistir batendo-se com mãos e pés, torcer-se em agonia e, nessa resistencia, pode causar prejuizos ao que puder alcançar; contudo, a despeito de tal resistencia, a estrangulação continuará e mesmo aumentará de tal modo que muito em breve se verá forçada a pedir a paz.

E nós, portugueses, que temos feito? Nada ou quasi nada, quando, afinal, já muito podíamos e devíamos ter feito.

Com a mesma facilidade e segurança com que enviamos contingentes ás nossas colónias — que se teem portado brilhantemente — enviavam tambem á frente de batalha em auxilio dos nossos aliados e amigos que defendem com valentia uma causa que é tambem a nossa.

Mas dirão: temos em Tancos 22 mil homens exercitando-se nos modernos processos de guerrear!...

Não ha duvida; os mobilizados de Tancos que ainda ha dias deram uma prova frisante do valor e resistencia do soldado portuguez, mostrando-se garbosos, desempenhados, apóis uma marcha fatigante,

Secretario da Redacção e Editor
Abel M. de Melo Brandão

Red. e Nam.—R. Dr. José Galvão—Montemor-o-Velho
Sucursal-LISBOA-Hotel Porto, R. do Amparo, 12
TELEFONE 364

Não se restituem originais, embora não se publiquem

Composição e Impressão—Tip. Silva (a vapor)
AVEIRO

Patria livre

Filhos: olhai, disse com voz alta
E os olhos rasos d'agua essa mulher sublime:
Tomai a vossa espada e pela Patria ouvi-me
Que netos sois de herois e a nossa raça é vida.

E abençoando os dois filhos, numa expressiva
Linguagem de mulher que todo o amor exprime
Juntou: parti agora! Em vós seria crime
Não redimir-se a Patria ha tanto já cativa.

Beijam os dois a mão direita, delicada,
Daquela varonil mulher, nobre e serena,
Jurando defender a Patria escravizada.

Bem dita «sejas» tu Filipa de Vilhena!

Horas depois surgia a Patria libertada
Como remate ideal daquela heroica cena.

J. B.

nessa grande parada, espectaculo unico, patriotico, que veio demonstrar claramente aos que nos abocanham, que temos um exercito digno, capaz de enfileirar ao lado dos melhores organizados, não desmentindo em nada as antigas tradições deste heroico e aguerrido Portugal, para que servirá?

Essa mole enorme de verdadeiros portuguezes, prontos a todos os sacrificios para honrar neste momento a sua querida Patria, escrevendo mais uma pagina brillante na sua gloriosa historia, mostrando ao mundo, neste instante, que Ela ainda é grande e heroica.

Essa massa compacta de soldados que, em Montalvo, desfilaram pela frente dos representantes de todas as nações estrangeiras, mostrando o seu porte varonil e a sua activa atitude, marchando sempre sem a menor sombra de fadiga ou de cansaço, com verdadeira admiração de todos que presenciavam esse grandioso espectaculo que mereceu aplausos e provocou exclamações dos aliados militares estrangeiros, para onde vai?

Se é certo que o snr. presidente do ministerio declarou no teatro de S. Carlos que muito breve as nossas tropas se enfileirariam ao lado dos aliados na frente de batalha, e o snr. dr. Afonso Costa afirmou em Paris que a cooperação,

O que é certo é que era agora, nesta hora derradeira em que tudo nos indica que a guerra não se pôde prolongar por muito tempo, que as nossas tropas deviam estar ao lado dos aliados para os auxiliar na grande batalha em que a Liberdade principia a surgir e a Justica não tardará a condensar os despotas que tantas selvagerias tem cometido

Era agora, que a Alemanha estava sendo atacada fortemente em todas as frentes de batalha, e o povo alemão comprehendeu que estava sendo iludido e que a derrota era inevitável. Era agora, que a fome os arrasta para as insurreições, que já vão alastrando pelas casernas, que nós, portugueses, havíamos de empregar todo o nosso esforço, todos o nosso heroísmo para que a vitória fosse mais rápida.

Era agora que os franceses dizem *çà chauffe* e os ingleses içam o sinal *all's well* que o soldado português devia firmar mais uma vez os seus antigos creditos de heroísmo e valentia, mostrando ao mundo que este pequenino povo também se levanta intemperato em defesa da Liberdade, da Rasão e do Direito.

Mas não! Continuamos quasi que numa expectativa, quando afinal tantas dedicações jazem afaniosas por acudir com o seu braço e o seu peito pela felicidade e independencia da Patria, que é também a causa dos aliados,

Não lhe ponham peias; deixem-se de pieguices e verão como «do seio do nosso abençoado solo brotará como por encanto, uma formidavel legião de austeros batalhadores, prontos a todos os come-

Que significa isto?! Que ha de positivo?! Vamos ou esperamos ainda que nos chamem?! Não sei!

timentos que possam reivindicar-nos o nosso antigo pôsto na vanguarda da civilização.

Grande e gloriosa é a historia lusitana, onde ha paginas brilhantissimas de heroicidade e valentia, mas, para nos dar prestigio, não basta a tradição; é preciso fazer alguma coisa pelos progressos da humanidade, de contrario, aviltarnos-hemos aos olhos de todo o mundo.

E o porvir de Portugal será brilliantissimo, desde que todos, desde o grande ao pequeno, do pobre ao poderoso, se compenetrem dos seus deveres, sem sustos nem receios, marchando impavidos, sem temor, para o campo da honra em defesa da causa santa da Liberdade.

Viva Portugal!... Viva a guerra!... Viva a Liberdade!...

G. A. G.

Notas

Eminentes personagens

A nossa impagavel Camara Municipal já recorre ao snr. Arrobas para vêr se nos esmaga com o seu peso e a livra com o seu bôjo das vergastadas que O Dever lhe tem dado e continuará dando, havendo razão para tal.

Mas o diabo é que o bojudo e pesado Arrobas, cantando na sua Gazeta de Coimbra as altruias iniciativas dos nossos simpaticos leitores, tentou elevar tanto o snr. dr. Simões, que, escorregando, caiu sobre o parto da Comissão Executiva, que não trabalha nem zela os interesses do povo e esmagou-a sem ao menos nos deixar vêr quem são esses benemeritos, afim de serem galardoados.

O que vale é que o povo de Montemór, que tantos favores deve a todas as excelentibus ducibus que compõem a nossa Camara, já resolreu mandar erigir um alto monumento, a meio do charco imundo que banha a nossa vila—imitação da grande estatua da liberdade iluminando o mundo—tendo por pedestal um wagon de milho, e, no alto, uma figura alegorica, não com um facho luminoso, como a outra, mas sim com uma microscopica candela de azeite, simbolizando a explendida luz material e intelectual que esses eruditos camaristas teem feito espargir pelas ruas e cerebros dos seus felizardos municipes, que nem sempre os comprehendem ou não querem compreender essa grande charada municipalista.

Viva a Sérvia

Foi com verdadeiro espanto que vimos passar o dia 29 de julho, sem que os grandes órgãos da imprensa diária dedicassesem uma simples palavra a essa data fatídica do inicio desta terrível conflagração em que se encontra envolvida quasi toda a Europa.

Foi nessa data de 1914, que se ha-de tornar memorável na historia das nações, que a Austria, por causa dos acontecimentos de Sarajevo, declarou guerra à Sérvia, esse incomparável povo cheio de heroísmo e

valentia, que, apesar de se vêr quasi aniquilado e martirizado, após dois longos anos de lutas e sacrifícios, não perdeu a coragem nem a fé de recuperar o solo querido da Patria, invadida pelos barbaros, levando aos seus irmãos a Liberdade e o bem-estar por que tanto anseiam.

Desde esse dia até hoje, quantos sacrifícios, quantos horrores, quanta valentia e quanto patriotismo nos tem contado a imprensa diária, desse subditos do rei Pedro, que vêm erguer-se aterrador o espetro da fome devido á gravíssima situação financeira, á falta de braços para arrotar os campos arrazados pela metralha constantemente vomitada pelos potentes canhões, e para a reconstrução das cidades em ruínas e das aldeias desvastadas pelos bombardeamentos!...

No entanto ninguem se lembrou de comemorar essa memorável data, quando mais não fosse com palavras de admiração e incitamento a esse glorioso exército, pugnador da causa santa da liberdade e heroico combatente que tenta aniquilar os barbaros desvastadores da Europa.

Vivam os imemoriais campeões da Liberdade! Viva a Sérvia!

Nulla est mora

Não ha duvida nenhuma, que desta vez os nossos simpaticos camaristas merecem um grande chincorão!... Depois da exploração-sinha do milho e muitas outras porcarias que para aí teem cometido, lá nos estão vendendo o guloso a 37 centavos, um precosinho muito em conta, atendendo á situação e á importância porque está sendo fornecido pelos ex.^{mos} assucareiros.

Não sabemos que bicho lhes morreu para aparecerem assim tão benemeritos e caritativos prometendo-nos uma nova remessa por preço ainda mais barato?!

Seriam as trepas cá da gazeta?

Se foram, se lhes doeu, tenham paciencia e juizinho e verão como nós, a quem nos não move inimizade pessoal nem ambições de penacho, lhe não regatearemos louvores sempre que os mereçam como desta vez.

Nulla est mora!...

PELO DISTRITO

Carta de Taveiro

Chegou a época da caça e os apaixonados por ela sentem-se felizes por esse facto, seu principal divertimento.

Os cães, léstos, lá vão percorrendo os campos á frente do caçador, ora com o nariz no ar tomando ventos, ora com ele sobre o chão, mechendo a cauda, o que indica ao caçador que se prepara para saltar a aveinha que a sua espingarda vai matar.

Com os meus conterraneos da-se quasi o mesmo: comparo-os a esses perdigueiros que, lendo a Carta de Taveiro, erguem o nariz para o ar a vêr se ela lhes traz o nome deste Mefistofles que os mimoseia semanalmente com notícias cá do Eden terreal, sem fructo proibido.

Que interesse tereis vós, patriotas amigos, em saber quem eu

vai modernisando, tomando novas feições a sua população numerosa e variada, também a miseria, que é companheira inseparável da maior parte da humanidade, vai progredindo dia a dia acompanhando a evolução e tornando-se nociva.

Quem for inclinado ao estudo da psicologia das multidões, e quiser, com esse maximo problema, dispender um pouco de tempo, de duas uma: ou vai parar a um manicomio, sem concerto de

ABANDONADO

Estalara a revolta na cidade,
Troava a artilharia a cada instante,
Disseminando a ruina, a mortandade:
Era um quadro sinistro, horripilante!

Punha nos horizontes tons de fogo
A luz de vinte incendios, triste luz!
Era a plebe a queimar os Evangelhos
E os altares dos templos de Jesus.

No entanto, descuidado do perigo,
O descalço petiz, d'olhar tão brando,
O rotinho e simpático mendigo
Ia batendo ás portas — e rezando...

Em vão. Em vão!... Ninguem lhe vinha abrir
— Morrerá a gente boa da cidade?
Pois acaso ninguem vem acudir:
Dar-lhe um pouco de pão por caridade?!

Nisto previne alguém duma janela
Em voz caridosa e compungida:
— Vai-te embora, menino. E tem cautela!
Foje da turba-multa enfurecida!

— E' que eu d'antes jantava no mosteiro...
— Pois vai jantar agora com a mãe...
— Não tenho mãe! — E o pai? — E' petroleiro;
Anda a queimar conventos... e não vem!

J. V.

sou!!!! Para me dar conhecimento de mais algum escandaloso-nho, como o do vogal da Junta que se abotoou com \$50 diários com o estudo da captação da agua?... Se assim é, agradeço-vos muito reconhecido, mas cumpre-me dizer-lhes que eu sei tudo.

Roubo — Mais uma vez a nossa egreja foi roubada. Os gatunos por aqui andam desenfreados, não havendo respeito algum pelos haveres do proximo. Desta vez só tiveram tempo para levar uma pulseira de ouro da imagem da Virgem Nossa Senhora da Conceição.

Da ocorrência foi dado conhecimento á autoridade, que disse proceder. Aguardamos os resultados, que desejamos vêr coroados de bom exito.

Continuam a ser mordidos por cães atacados de hidrofobia varias pessoas e animais.

Nun dos dias da passada semana foram mordidos por um cão, na vizinha povoação da Ribeira de Frades, 7 pessoas, que seguiram para Lisboa a fim de receber no Instituto o devido tratamento.

(Correspondente).

Horas d'insónia

MISERIA!

Menina, pede emprestimo a pessoa de respeito, com meios. Só trata em sua casa. Carta á rua Augusta, 270-1.º, a D. A.

(Diário de Notícias).

A medida que a capital do país se vai modernisando, tomando novas feições a sua população numerosa e variada, também a miseria, que é companheira inseparável da maior parte da humanidade, vai progredindo dia a dia acompanhando a evolução e tornando-se nociva.

Quem for inclinado ao estudo da psicologia das multidões, e quiser, com esse maximo problema, dispender um pouco de tempo, de duas uma: ou vai

especie alguma, ou sai-se tão gloriosamente de tal tarefa, que a gratidão do mundo se lhe não poderá nunca regatear. Refiro-me a Lisboa, não porque só aqui se observem aberrações sociologicas, mas porque, por ser uma cidade maior, ha mais probabilidades de se constatarem casos que nos detenham a atenção em analise minuciosa.

Eu não estranho, ó adversidade da sorte! que se faça aquilo de que se careça, sem rodeios insustentáveis e subterfúgios que enfadam. E' a ordem natural das coisas. E ha até, creio eu, na religião cristã, qualquer coisa a esse respeito. O que me causa admiração, o que muito me entristece é o facto de, havendo necessidade, haja que recorrer-se a meios pouco ariosos, por envolverem em si qualquer coisa de degradação e hipocrisia. Não falamos já na moralidade, porque isso é ave rara nestes tempos de lama em que vivemos.

Não conhecemos a menina que, por anuncio, pede um emprestimo a pessoa de respeito, mas desejava que o leitor nos dissesse qual é o seu juizo ácerca de anuncios como este. E se a coisa pega, teremos, como modo de vida, muitos anuncios assim.

Ha dias, um amigo dedicado, que se entrega em demasia ao sport feminino, como ele lhe chama, respondeu a um anuncio semelhante. Escreveu carta. Teve carta. E no fim de tudo, combinada a entrevista, ei-lo que marcha a caminho do Intendente, á procura da menina necessitada. Olhava como parvo, para o numero de todas as portas, olhando o lebreiro de todas as ruas. Chegou.

Puchou no cordel da campainha. Entrou; e, ao ser conduzido, por velha matrona, a uma saleta de espera, notou que saiu um, depois outro cavalheiro. O ultimo, diz ele, tinha o ar conselheiral de homem de teres e haveres. Que dizer, tinha dinheiro e era gordo.

Coube, por fim, a vez ao meu amigo.

Foi introduzido no gabinete da menina que queria massa.

— Boa tarde.

— Boa tarde, cavalheiro.

— Deseja alguma coisa?

— Sim, minha senhora. Venho fazer-lhe o terceiro emprestimo.

— O terceiro!?

— Sim, o terceiro emprestimo, porque o primeiro e o segundo já foram efectuados pelos cavalheiros que acabam de sair daqui.

Um e outro coraram muito.

Tratava-se de dois esposos há pouco divorciados...

ALMEIDA JUNIOR.

Secção de charadas

Bilhete postal

(A) ilustre Violeta, pelo seu exito no Concurso Literario do Dever)

4-2-u-14-20-11-13 3-4-10-2-13-20-16
F-8-2-4-17-4-20-10-6 P-8-2-18 14-13-u
19-u-B-2-4-9-13 8 -14-13-n-20-4-9-8-n-
20-21-2 g-11-4-20-10 7-12-2-9-6
F-13-2-4-14-13-18-19 qu-8 p-18-
7-13-9 9-10-11-5-8-11 n-6 17-11-u-
12-15-18-11-12-3-1-2 7-18-19 b-11-6-
17-10-19 7-8 u-9-6 9-21-1-!!

Mangualde.

Lacerda.

Enigma tipografico

L

Mangualde.

Ave.

Em quadrado

- ... singular
- ... abrir
- ... limite
- ... pedir.

Arazede.

Liames.

Em verso

Se fores um dia a Pinhel—1
Procede desta maneira:
Do besteiro leva a seta—2
P'ra atirares na ladeira—2

No conceito encontrarás
Tu, meu amigo leitor,
Uma prosadora distinta
Que é tambem mimosa flor—4.

Nizan.

Maçada geografica

Formar o nome dumha terra portugueza com as letras da seguinte frase:

SOLA GANHAS

Nizan.

Em frase

Nesta casa arabe, e nesta arvore, ha
um ministro—3—3—6.

Se vires este animal feroz, não dês
mau vinho ao senador—2—3—5.

Nesta estrada, e neste animal, encontrais
um politico—1—2—3.

(Coimbra).

Nizan.

Aos charadistas do DEVER

O preso que siga com esse tecido para
o navio—1—1—2.

(Cruz Quebrada). Sorribed.

Logógrifo

Retribuição ao ilustre charadista Lacerda
(Versos de José Seabra Casção)

Amor de mãe! Que sonho de criança
18-2-17-7-28

tem a candura deste amor tão puro?

4-3-23-u-6-30

Que outro amor nos incute mais esperança
e nos adoça a vida no Futuro?

8-13-20-15-11-14-19.

O poeta na hora atribulada
em vão procura quem lhe enxugue o pranto
p-9-6-5-u-22-15-25

mas o amor da mãe atormentada
vem alentá-lo com remedio santo.

Canta, poeta, canta na bonança
10-7-3-1-26-27-24-30

passageira do teu destino duro

4-27-8-u-19

a alma cristalina de esperança

24-22-8-0-3-21

que adoça a tua vida no futuro!

Amor de mãe! Que sonho de criança

tem a candura deste amor tão puro?

(Leiria).

Rosa.

CARTA

Com muita satisfação damos
publicidade á seguinte carta do
nosso ilustre colega Liames, certos
de que Lacerda estará d'acordo.

Ex-ma Senhora — Acabo de ver no
«Dever», d'hoje, que a solução da per-
gunta geográfica, a premio, publicada no
n.º 229, era Orvalho e não Alva. Ora eu
disse que a decifração era *Alva* e conside-
ro-me decifrador para todos os efeitos.
Pergunto: não se vê todos os dias a *Alva*,
ao amanhecer? Todos os dias se vê; este
caso é incontestável.

Alva é também uma freguesia de Por-
tugal, pertencente ao concelho de Castro
Daire.

Os que mandaram *Alvôr* devem, da
mesma forma, ser considerados como de-
cifradores, pois que estão nas mesmas con-
dições dos que mandaram *Alva*.

Orvalho, não pode ser a solução da
pergunta em questão. Ha realmente uma
povoação de Portugal com o nome de *Or-
valho*. Mas orvalho não se vê todas as ma-
nhãs. Este caso é absolutamente contin-
gente. Ante-hontem, hontem e hoje, por
exemplo, aqui na minha *parvonia*, e creio
que em muitas outras partes, ninguém viu
o orvalho porque o vento, que estas noites
tem soprado com violencia, não o tem deixado
condensar; por isso, nas ultimas tres
manhãs, aqui ninguém viu o orvalho, mas
viram a *Alva* ou o Alvôr todos os que
não são cegos ou dorminhocos.

Espero, pois, que V. Ex.ª, gentil Vio-
leta, transmita ao autor da pergunta o
que acima exponho, e assim ele não deixa-
rá de cumprir com o seu dever pondo a
disposição do «Dever» a importancia de
1\$20, para que esta dê direito a um dos
que se vai publicando.

Devo dizer a V. Ex.ª que, se tomei es-
ta resolução, foi para bem do «Dever», e
não para o receber de graça, pois que o
amigo Almeida Junior tem a gentileza de
me oferecer um exemplar de cada numero
que se vai publicando.

Creia V. Ex.ª na estima do admirador
Arazede, 31—7.

Liames.

ANUNCIOS

Editos de 30 dias

(1.ª PUBLICAÇÃO)

No Juizo de Direito de Montemór-o-Velho, e cartorio do escrivão Sampaio, no inventário ortanológico por obito de José Gomes Maleita, viúvo, do Cabeço, no qual é cabeça de casal a filha Maria da Pureza Gomes Maleita, do mesmo logar, correm editos de trinta dias contados da segunda publicação do respectivo anuncio no *Diário do Governo*, citando os herdeiros José Gomes Maleita e mulher Maria da Anunciação Fernandes, ausentes em parte incerta no Brasil, para assistirem a todos os termos até final do mesmo inventário.

O escrivão,

Adrião Pereira Forjaz de Sampaio.

Verifiquei.

Amaral Pereira.

Editos de 60 dias

(2.ª PUBLICAÇÃO)

No Juizo de Direito de Montemór-o-Velho, e cartorio do escrivão Sampaio, nos autos de carta precatória vindos da comarca da Figueira da Foz para afixação de editais, e extrai-
da dos autos de execução por dívida fundada em letra por Rosaria Clara de Oliveira, viúva, proprietária, resi-
dente na sede da mesma cidade, ali move contra Manuel de Oliveira, sol-
teiro, maior, proprietário, do logar

de Peresalves, freguesia de Verride
desta comarca, e ausente em parte in-
certa no Brasil, correm editos de ses-
enta dias contados da segunda pu-
blicação do respectivo anuncio no

Diário do Governo, citando o mesmo
Manuel de Oliveira para no prazo de
cinco dias, findo o dos editos, pagar
á exequente a quantia de quarenta e
nove escudos e noventa e nove cen-
tavos e meio, juros de oito por cento
ao ano desde três de maio de mil nove-
centos e doze, data do aceite da letra,
custas, sélos, honorários e mais encar-
gos a que se obrigou na mesma

tes em parte incerta no Brasil, predio
que é o seguinte:

Um predio que todo se compõe de
casas de habitação, casa que serve de
celeiro com loja por baixo, fôrno para
coser borda, eira de cal e terra de
semedura com poços de agua, pinhal,
oliveiras e vinhas, no sitio do Vale
Baraço, freguesia de Reveles, vai á
praça em quinientos escudos.

Pelo presente são citados para a
arrematação quaisquer credores in-
certos.

Montemór-o-Velho, 21 de Julho
de 1916.

O escrivão,
Adrião Pereira Forjaz de Sampaio.

Verifiquei.
Amaral Pereira.

João Antônio Rodrigues

(SUCESSOR)

Montemór-o-Velho

Correspondente das seguintes casas:
Banco Comercial de Lisboa, Banco do Minho, Banco
Comercial do Porto, Banco Aliança, Banco Económico Por-
tuguês, Banco Nacional Ultramarino, Companhia de Se-
guros A. Internacionais, Crédito Franco-Português, J. M. Fer-
nandes Guimarães & C., Pinto da Fonseca & Irmão, J. M.
Espírito Santo Silva, Borges & Irmão, J. H. Tota & C., e
Orey, Antunes & C.

Companhia de Seguros

A Lusitana

Sociedade Anónima
de Responsabilidade Limitada

Capital 500.000\$00 escudos

Seguros de vida, contra
incêndios marítimos, terres-
tres, agrícolas, cristais, pos-
tais e de acidentes de tra-
balho.

Agente na Figueira da Foz
Antonio d'Oliveira Guerra
Rua da Republica, 84

Antonio Pereira de Carvalho

Proprietário dos Grandes Armazéns
de Bicicletas, Máquinas de Cos-
tura, Pianos e toda a quali-
dade de acessórios.

A maior e mais antiga casa no gênero

Oficina para todos os concer-
tos, afinações e reparações em
bicicletas, motocicletas e máqui-
nas de costura.

Artista mecânico habilitado.
Vendas, alugueis e trocas.

Preços sem competência

34—Avenida Navarro—36

Estrada da Beira)—COIMBRA

Água da Curia

Mogofores

As únicas águas sulfatadas-cal-
cicas que existem no país, simi-
lhantes às famosas águas de Con-
texéville, nos Vosges (França).

ANTIGO ESTABELECIMENTO
— DE —
Mercearia, Tabacos e Fazendas brancas
— DE —
João Antonio Rodrigues
(SUCESSORES)
Montemor-o-Velho

Nesta casa se encontra um completo sortido em assucar, chá, café, manteiga nacional e ingleza, biscoitos, bolachas, massas, bacalhau, genebra e vinhos do Porto.

Ferragens, prego de arame e de ferro, panelas de ferro, rastilho, chumbo em barra e para caça.

Fosforos e Tabacos, por atacado. Tambem vende pelos preços de Lisboa, farinha de trigo, cimento Portland, vidraça, telha de vidro e velas de cera.

Preços resumidos

GRATIFICA-SE BEM

a quem dê informações de que resulte a condensação por fraudes praticadas com prejuízo dos exclusivos de fosforos e isca (e dos interesses do Estado, da Companhia concessionaria e do comercio legitimo), os acendedores, algodão ou qualquer outra materia apresentada de forma a servir de isca, fabricação ou venda de chita com preparo inflamável, isca em cordão vendida fraudulentamente a título de cordão de sacos, etc., reservando-se a Companhia concessionaria intentar a respectiva ação civil de perdas e danos contra os delinquentes, independentemente da multa ao Estado nos termos da legislação em vigor. Gratifica-se generosamente, guardando-se a maior discreção. A Companhia logo que receba informações fidedignas enviará a qualquer ponto do país agentes da fiscalização para procederem às necessarias diligencias. Dirigir-se pessoalmente ou por carta à Companhia Portuguesa de Fosforos, 439, rua de S. Julião, Lisboa.

ADUBOS

MELO & MARTINS
PAMPILHOSA DO BOTÃO

*Fabricantes dos bons adubos compostos da marca registada
PEIXE*

Chamamos a atenção dos snrs. agricultores para fazerem uma experiência dos nossos adubos, devido ao seu magnifico resultado ós adoptarão de preferencia a qualquer outro.

AZEITE

Para revenda e em grandes quantidades, vendemos de excelente qualidade.

Alugam-se Automoveis

MELO & MARTINS

Pampilhosa do Botão

A FUNERARIA EM PEDRA

— DE —

FRANCISCO A. DOS SANTOS, FILHO

RUA DIREITA, 139 a 149

COIMBRA

Esta oficina encarrega-se de todo o trabalho de jazigo, mausoleus, campas, cantarias e ornamentações, tanto em calcareo como em marmore, a qual tem desenhos de jazigos, para escolher, em estilos antigos e em ARTE MODERNA.

Tem deposito de bancas de cozinha e mausoleus em lousa preta.

Encarrega-se tambem de fazer esculturas, bustos em pedra, barro, gesso, etc.

Toma conta de qualquer trabalho fóra de Coimbra

Contra roubo e Contra Incendio
Grande economia
Seguro de Mobiliario

Por \$20 por cada 100\$00 de valor, isto é pelo que se pagava só pelo risco de fogo. «A MUNDIAL» segura numa só apólice os riscos de INCENDIO e ROUBO. E' tão necessário o seguro de ROUBO como o de FOGO.

A MUNDIAL

COMPANHIA DE SEGUROS

Capital, Escudos . . . 500:000\$00
Reserva em 1915 . . . 102:007\$74.1

Séde em Lisboa — Rua Garrett, 95 — Telefone 4084
Telegрафo — MUNDIAL

Delegação no Porto — Pinto da Fonseca & Irmãos.

Hospedaria do Paço do Conde

JOSÉ DOS SANTOS

Rua Adelino Veiga, 36 a 40 Rue do Paço do Conde, 10

COIMBRA

Vinhos, comidas e tabacos.
Recebem-se comensais por preços modicos.
Camas para pernoitar.

Esta casa, com a transformação porque cabia de passar, melhorou consideravelmente todos os seus serviços, achando-se habilitada a receber hóspedes de qualquer categoria, oferecendo-lhes comodidades por preços baratos. Esmero e prontidão no serviço de meza, para o que tem pessoal competente.

O mesmo proprietário negoceia em cereais e legumes de todas as qualidades, tais como farinhas, sémolas, batata, castanha, palha enfardada, cordas e adubos químicos.

Rua Adelino Veiga — 44, 48

O seu armazem é já muito conhecido.

Teleg. 379

Oficina-Garage de Coimbra

LOBO DA COSTA & CASTANHEIRA

Grandes oficinas mecânicas para reparações de automóveis; fabrico de carretos, pinhões e cordas em aço; cimentação e temperas; vulcanisação e fundição de metais. Recolha e tratamento. Ensinio. Automóveis de aluguer de \$08 a \$20 o quilometro e 9 lotações de 4 a 18 passageiros.

Acessórios, gazolina e óleo.

Transações em carros de 2.ª mão. Serviço especial, para bem servir os ex.ºs clientes da província.

Rua da Figueira da Foz — 170

COIMBRA

Local conhecido por «Casa do Sol» á entrada da cidade pela estrada do Porto.

Teleg. 502

Telegrams «Garage-Coimbra»

Ano 5.

Montemor-o-Velho, 13 de Agosto de 1916

N.º 232

O DEVER

Semanario defensor da união da familia Portuguesa

Pátria e Humanidade

Director, Proprietario e Administrador—Almeida Junior

Secretario da Redacção e Editor
Abel M. de Melo BrundãoRev. & Adm.—R. Dr. José Galvão—Montemor-o-Velho
Sucursal—LISBOA—Hotel Porto, R. do Amparo, 12
TELEFONE 364

Não se restituem originais, embora não se publiquem

Composição e Impressão—Tip. Silva (a vapor)

AVEIRO



OHJM

INVOCAÇÃO

O minha mãe, ó santa imaculada,
Diz-me no teu carinho o que é viver
Nesta existencia atras e macerada
Onde a gente se farta de sofrer.

Viver p'ra quê?—O' pura fantasia!...
Neste tão vacilante e triste andar,
Se nós temos uma hora de alegria,
Noutra só temos magas p'ra chorar.

P'ra mim, ó mãe, é mais que revoltante
A mesquinhez cruel e deletéria
Deste calvario enorme e repugnante
Erguido pelas garras da miséria.

E' antes mais sofrível o morrer,
Ir repousar além nesse misterio,
Bem longe das agruras do viver
Na paz celestial dum cemiterio.

Lisboa, agosto de 1916.

Jorge Diniz.

Mario Augusto da Silva

Ora como ás tres tem vez, com certeza é desta que os homens da União vêm ao bom caminho e o boato d'O Seculo,

sobre a sua entrada numa recomposição ministerial, se realisa!...

Será?!

Como os alcatruzes

Vem muito admirada A Vanguarda porque, na sessão solene do 21.º aniversario da Associação do Registo Civil, os oradores foram todos velhos católicos que realizam os seus actos nas igrejas da mesma forma que são maçonicos e irmãos do Santíssimo», o que prova que a associação «está no seu ocaso».

Não tem que se admirar! Também o sr. Muralha foi sempre um mata-frades e agora sua gazeta faz frequentes vezes a apologia do catolicismo.

Isto, meus amigos, é um pagode!

A crença é uma grande nora e alguns homens são como os alcatruzes...

Muitos homens

Segundo informam as gazetas, Lloyd George, actual ministro da guerra inglês, escolheu para chefe do seu gabinete...

Sabem os leitores quem? Uma senhora, miss F. L. Stevino.

Pois, a propósito desta notícia, a engraçadíssima Nação diz:

E' de supor que o exemplo seja seguido principalmente nos países que têm por especial missão inacquearem tudo quanto vêm fazer ao estrangeiro.

Onde nós temos a certeza que não haverá ser macaqueado o gesto do ilustre ministro inglês é na gazeta da legitimidade, porque os burros só dão coices e além disso...

Mulheres n'A Nação!... Que horror!...

Que martirio para o sr. Franco Monteiro!...

Homens, homens, muitos homens.

Partido medico

Continua deserto o concurso para o preenchimento da vaga de medico municipal, com sede na importante e risonha povoação de Arazeda.

FONTES

E' com grande satisfação que comunicamos aos nossos leitores do concelho, que foi dada ordem pela Camara para serem reparadas algumas fontes que, em muito mau estado, existem algumas povoações.

Não seremos nós a regatear louvores, ao constatarmos que alguns dos melhoramentos que aqui temos lembrado, vão sendo atendidos e o mesmo é de inteira justiça. A propósito de fontes, havemos de falar mais de espaço, lembrando mais alguma coisa.

Tourada na Figueira

E' hoje que se realiza a anunciada corrida de touros no explêndido coliseu da ridente cidade da Figueira, cujos atrativos e encantos tão admirados vem sendo pelo país e estrangeiro.

Lidar-se-ão 10 magníficos touros do afamado lavrador sr. dr. Afonso de Sousa, do Carregado, e nela tomarão parte os laureados cavaleiros José Casimiro e Adolfo Machado e como bandarilheiros, Teodoro, Cadete, R. Tomé, Alfredo Santos, Custodio e Malagueño.

O director da corrida é o sr. Jaime Henriques. Os caminhos de ferro reduzem os preços na forma do costume.

Agradecemos á ilustre direcção a amabilidade do convite.

Notas

Esperem por isso

Dissemos no nosso ultimo numero não saber que bichinho tinha mordido nos nossos simpaticos camaristas, para nos aparecerem tão benevolos e caritativos, fazendo promessas mirabolantes ao nosso infeliz povo!

Mas o diabo é que momentos depois de termos formulado tal pregunta, soubermos que essas conspicuas criaturas aparentaram uma reviravolta ao bom caminho, porque, estando proximo as eleições, e não lhes convindo largar o penacho, pois sentem-se magnificamente instalados nas cadeiras do municipio, querem vêr se assim conseguem enganar os ingenuos afim de abicharem a sua reeleição!...

Estejam descansados, excellentibus duibus da Camara Municipal!

O povo do concelho conhece-os muito bem; conhece-os de gingeira. A vossa reeleição ha-de ser um facto. Esperem por isso.

Será?

No curto espaço de dois dias, o sr. dr. Brito Camacho teve nada menos de tres conferencias com o sr. Presidente da Republica...

Horas d'Insónia**"LAGRIMAS,"**

«Lagrimas», é um livro de D. Amelia de Guimarães Vilar, do Porto, que o correio me trouxe há dias. Se d'alguma vez eu senti a impaciencia invadir-me o espírito pela leitura dum livro, nunca, como agora, o entusiasmo subiu tão alto.

Durante 8 dias o «Lagrimas», da ilustre poeta, acompanhou-me para toda a parte. Sei já de cor a maior parte dos seus versos. Lia-os num electrico, nos compartimentos dos vagões de passageiros, durante o caminho do trabalho e, de noite, quando recolhia a casa após um dia de labor, não resistia à tentação de ler ainda o seu explendido livro.

Queria falar dele muito de espaço, transcreve-lo nesta secção, arquivá-lo, analisar verso por verso, sentir profundamente rima por rima, porque sei que senti-las era sentir a alma maguada da pobre lacrimosa que, no alvor da vida, tão desanimada e desiludida se confessava.

Acompanha o «Lagrimas» um belo retrato da inteligente autora, e uma dedicatória que, se o seu trabalho literário não bastasse para conmover-me, não seria previsível mais nada. Minha irmã do infarto, D. Amelia Vilar tem passado dias de amargura que, se não conseguiram envelhecer-lhe a alma, teem, contudo, contribuído imensamente para empedrinhá-la a carne.

Ha, nos seus luminosos versos, aqui e ali, um lampejo de esperança, que traz-nos nítidamente que não é de todo uma vencida da vida.

Entretanto, minha amiga, a perfeição que a seduz, que a embriaga, está ainda muito longe da realidade, da concretização. E muita a podridão das almas. E a Hipocrisia, arma tão peritamente manejada por uma grande parte da humanidade, não deixará tão cedo de astigar os bem intencionados, todos aqueles que o sol da esperança acalenta e a isenção de princípios torna sadios e fortes para a luta contra os preconceitos.

Uma mulher, nova ainda, que sintia, como sente a delicada e gentil autora do «Lagrimas», não encontrar, por enquanto, quem a compreenda bem.

Entendo-a eu, entendem-na todos os contaminados da mesma social. E agora, que quiz deliciar a nossa geração com o seu livro, uma coisa lhe peço: — que se não deixe vencer pela nostalgia. E quando, maledicentes e trapaceiros, se rirem do seu talentoso e humanitário esforço, não tire a desafronta: — orvalhe-os com as lagrimas cristalinas da sua alma sonhadora e boa...

ALMEIDA JUNIOR.

DR. FRANCISCO DE CARVALHO

Montemor acaba de ver baixar á sepultura uma das figuras mais prestimosas a que se ufana de ter servido de berço! E a nossa primeira sociedade, á qual pertencia o ex.^{mo} sr. dr. Francisco Coutinho de Carvalho, sentidamente pranteia a sua morte, sem falar no povo que o adorava e que agora com sentimento pranteia a sua morte.

O ilustre finado era um nobre carácter, dotado de inexcedível bondade, sempre reconciliador e esmoler, virtudes que em sua vida imaculada sempre resplandeceram, pondo a descoberto um coração bondoso, onde já se albergou uma malquerença.

A sua morte foi geralmente muito sentida, especialmente pelos pobres desta vila, que com o seu auxílio contavam sempre.

Nasceu nesta vila em 29 de março de 1834. Formou-se na facultade de Direito pela Universidade de Coimbra, em 8 de julho, de 1861 e foi despachado conservador para esta comarca em 23 de abril de 1874.

Era pai do sr. Benedito Galvão de Carvalho, contador do Juiz de Direito desta comarca, da sr.^a D. Ema Galvão de Carvalho Loureiro, esposa do sr. dr.

Joaõ Baptista Loureiro, medico municipal desta vila, e avô do sr. Amilcar de Carvalho Baptista Loureiro, quartanista da Universidade de Coimbra.

O seu funeral foi dos mais imponentes que aqui se tem realizado, o que era de esperar, devido á alta consideração e apreço que o povo desta vila mantinha pelo ilustre finado.

A' beira da sepultura falou o sr. dr. Augusto Santiago Gouveia, da Figueira da Foz, dedicado amigo do falecido, que em estilo burilado e frase comovida, traçou o perfil do seu saudoso amigo.

Que descance em paz o que na vida foi uma boa alma, e nós enviamos á família enlutada a expressão sincera das nossas condolências.

A magna questão das subsistencias

A solução satisfatória da tão debatida questão das subsistencias aparece-nos ainda envolta num tremendo e quasi indecifrável X. De todos os lados erguem-se entraves tenebrosos ao solucionamento da crise que nos avassala impia, envolvendo o desgraçado que trabalha, que se fatiga e sua na mais apopleptica e tremenda das circunstâncias, extenuando-lhe as forças que ainda o avigoram, o reanimam á luta pela existência.

No cumprimento de um sagrado dever de honra, envolvemo-nos no horrido cataclismo europeu, embrenhámo-nos na luta gigantesca e macabra que se prostrai.

E' necessário, no entanto, que não olvidemos uma hora, um minuto sequer, a nossa peor e mais tetrica inimiga — a fome, punindo severamente quem neste momento de pungentes lagrimas pretende viltamente açambarcar generos alimentícios, multiplicando assim os sofrimentos que ameaçam corroer-nos.

Nada de comiserações estultas, nem de sentimentalismos doentios. A hora actual é mais que suprema e grave. Nela jogam-se os destinos desta Patria querida, desta faxa de terra duma poesia inebriante, encantadora e sublime que nos arroba a alma e nos faz chorar num palpitar de saudades, num prazer de idealismo.

Nada pois de comiserações e benesses. Justiça e rectidão: eis o que é necessário. Velar pela existencia deste povo: eis o que urge. Garantir-lhe os meios de subsistencia: eis o que é preciso, em nome da felicidade da Patria, eis a inadiável questão, porque no caso contrario mil braços desnudos levantar-se-hão conclamando justiça, e a justiça do povo, meus senhores, é implacável e justiceira, tremenda e feroz.

Coimbra.

Mario Augusto da Silva.

Ao snr. administrador do concelho

V. ex.^a é um dos melhores funcionários que, no seu gênero, tem vindo a este concelho. E' réto, é sabedor, é justiciero. E sobretudo, é muito honesto. Por isso, o Dever ouça chamar a atenção de v. ex.^a para o facto, abusivo, do regedor de Reveles, (que vive no Vale Grande, fóra da lei), mandar fixar sempre os editais na Abrunheira, logar desviado da sede da sua paróquia, em vez de os fazer fixar em Reveles.

Temos a certeza de que v. ex.^a porá cobro ao abuso.

Pela sociedade

Encontra-se já na sua bonita vivenda da quinta de Almeira, em Verride, o ex.^{mo} snr. Adriano Barbosa e familia.

Boas vindas.

— Regressou de Entre-os-Rios, onde esteve fazendo uma temporada de banhos, o ilustre filho de Montemor, snr. D. João d'Alarcão, antigo ministro da monarquia e reitor da Universidade de Coimbra.

Damos as boas vindas a s. ex.^a.

— Esteve na capital, onde foi em serviço da Câmara Municipal, afim de comprar mais um vagon de milho, o mestre d'obras da mesma Câmara, snr. Elísio Esteves de Barros.

MILHO

Foi oferecido á Câmara mais um vagon de milho, ao preço de \$06 o litro (60 reis), pela comissão de subsistencias, tendo ido a Lisboa o mestre de obras, snr. Esteves da Costa, tratar de o escolher e o fazer despachar para aqui.

As cartas duma infeliz

Meu caro Leopoldo:

Estou doente e de cama. O meu medico assistente, que é, ao mesmo tempo, um bom amigo, bem quer iludir-me acerca da gravidade do meu mal.

Inexperiente, bem nova ainda, mas já os rigores do Destino traçaram, indelevelmente, na minha alma, os grandes vincos da amargura! Minha família bem me rodeia de carinhos e de cuidados. Às vezes, a sonhar que desapareço depressa, sinto desejos de correr á janela e lançar os meus ultimos olhares para o arvoredo mudo ali de frente e à sombra deliciosa do qual eu tantas veses me senti contente. Ha muitos dias que a luz do sol não beija a minha palida fronte, e esta tosse que me mata não permite baixar de quasi 39° a febre que me atormenta. Até ha pouco não compreendia como é que a Morte seria capaz de roubar daqui uma criatura que não faz mal nenhum.

Mas agora, que cada vez me sinto menos viva, acredo no que tantas vezes me disse a minha pobre mãe! Entretanto, Leopoldo, tenho a certeza absoluta de que irás ao cemiterio, que daqui fica bem longe, rezar na minha sepultura um adeus para sempre. E quando lá fores chama bem por mim. Lembra-te do meu vestido branco. Dos meus vestidos brancos, esguios, e destes olhos amortecidos que tantas vezes olharam os teus bem abertos...

E se, na religiosa unção do teu respeito, quizeres solenizar o acto mais, desfolha sobre a terra com que me cobrirem um grande ramo de violetas...

Adeus.

Tua,
Irene.

Correios

Mais uma vez se nos queixam os nossos presados assinantes de Reveles, snr. Antonio Francisco Guardado, de Serroventoso, e snr. Freitas Garcia, que não receberam o Dever do ultimo numero, que, como para todos, foi pontualmente expedido.

Chamamos, para o facto, a atenção de quem compete interferir nestas irregularidades.

D. Alice Oliveira

Por lapso deixamos de indicar, no penultimo numero, o nome glorioso do distinto professor, com o curso de Milão, snr. Cesar Magliano, maestro eruditíssimo, que teve a honra de ser classificado com tanto brilho a ex.^{ma} snr. D. Alice Oliveira, de Coimbra, cuja faculdade de trabalho e amor ao estudo lhe conquistaram o logar de destaque a que se soube elevar.

Que desculpem o involuntário lapso.

Carta de Coimbra

AGOSTO, 8

Velhas praxes — Segundo consta, o reitor da Universidade de Coimbra, snr. dr. Norton de Matos, vai enviar os seus esforços no sentido de restabelecer antigas praxes académicas, tais como: o uso obrigatório da capa e batina nas aulas, o toque da cabra, a cerimónia do capelo, etc., etc.

A iniciativa de s. ex.^a foi acolhida de bom grado, e oxalá que Coimbra, a velha cidade académica, veja ressurgir das brumas do Passado, as velhas praxes da Academia.

Tentando — Regressaram já a esta cidade os dois regimentos de infantaria n.^{os} 23 e 35 que, durante uns dois meses, estiveram fazendo exercícios de guerra em Tancos.

Apresentaram-se famosos e sobretudo bem disciplinados, o que prova quanto grandioso foi o movimento militar de Tancos.

Tentativa de suicídio — Tentou suicidar-se, no cemiterio da Couchada, o soldado n.^o 275 da administração militar, Manuel Nunes, natural de Lisboa.

Estava condenado a responder a um conselho de guerra por falsificação de guias de caminho de ferro, sendo o supor que foi este o motivo da sua resolução.

Várias — O rendimento dos electricos no ultimo mês foi de 3.781\$29, menos 846\$72 de que em igual mês do ano anterior.

— Foi adiado o julgamento de Matias Rodrigues Liberato, acusado do crime de estupro.

M. S.

CÃES

Encontram-se aqui já dois guardas civicos afim de abater os cães que andam vagueando com perigo para a população.

Sabemos que muitos possuidores, ao saberem da presença dos policias, trataram de prender os animais em palheiros, não valendo, portanto, de nada as providencias tomadas, pois assim que retirarem, continuaremos a presenciar o mesmo espetáculo de os ver andar por aí solta e à vontade.

Mas então falaremos.

EXAMES

Fez exame de instrução primária, 2.^o grau, ficando altamente classificada, em Lisboa, a menina Gertrudes de Barros, carinhosa irmã do distinto ferro-viário, snr. Amadeu Cândido Diniz de Barros.

Felicitando a inteligente académica, abraçamos o nosso presado amigo, Amadeu de Barros.

— Também fez exame, com alta classificação, a interessante menina Carlota, estremecida filha do nosso presado colega, José Antonio Rodrigues, um dos revolucionários mais convictos que teem posto o prestígio do seu credo ao serviço da República e da Patria.

O belo exito da estudiosa menina deve-se também à competência reconhecida da ilustre professora do patriótico Centro Republicano de Campo d'Ourique.

DOENTE

Está gravemente enferma a inteligente menina Irene, gentilíssima filha do nosso ex.^{mo} amigo snr. Manuel da Silva Livio, proprietário na Amadora e honrado comerciante da praça de Lisboa.

Apezar dos cuidados da família e do seu medico assistente, a bondosa senhora não tem sentido melhoras.

Lamentamos e desejamos-lhe pronto restabelecimento.

Consta que os exames do 2.^o grau, no nosso concelho, começam no dia 15 do corrente e são realizados na escola do sexo masculino desta vila.

Duas cartas

Satisfazendo hoje o desejo dos nossos presados amigos, aos quais interessa o assunto, e também por ser a vontade, manifestada já, do seu autor, a seguir publicamos duas cartas do snr. Eduardo Passos, confessando-nos, como é natural, extranhos à sua doutrina, que não professamos nem perfilhamos de modo algum. Entretanto, rogámos moderação e serenidade...

Ponto final

Ex.^{mo} Snr. Cascão.

Apenas meia duzia de frases. Era intento meu sustentar a discussão até quando fosse preciso, mas hoje, infelizmente, já não o posso fazer: as circunstâncias mudaram, a situação não é a mesma.

Quando principiei a discussão a que v. ex.^a respondeu no numero 210 deste jornal, estávamos em tempo de paz, hoje estamos em tempo de guerra: a beligerância bateu-nos á porta!

Discutir as razões que nos levaram a tal, os bens e males que disso nos advirão, e as responsabilidades de muita gente, não o fazemos agora: ficará para depois!

Agora é nosso intuito simplesmente terminar esta discussão: o amor inexcedível que tenho á minha Patria a isso me obriga.

Quanto a certas picuinhas que infestam a prosa do snr. Cascão, picuinhas insignificantes e inuteis, mas irritantes, temo a dizer-lhe o seguinte: Ninguem tem que ver, absolutamente ninguem (embora seja defensor da Republica), com as minhas crenças politicas ou religiosas: em toda a parte, note bem v. ex.^a, me tenho confessado do que sou, que vem a ser simplicemente isto que muito me honra na convivencia dos homens de bem: sou monárquico constitucional e católico!

Tenho por hábito expor em toda a parte o que sou, sem receios, nem cobardias; o que fui hontem, sou hoje ainda mesmo debaixo destes tempos cordeais; prezô-me de ter firmeza de convicções, e oxalá assim seja sempre.

Quanto ao meu odio á Democracia é um facto; não á dos Estados Unidos, á da Suissa, á do proprio Brazil; mas quanto á de cá, óca e aleijada, é uma verdade!

Muito mais teria que dizer, mas a minha Patria está em guerra, e el-rei D. Manuel, meu augusto chefe, mandou-nos curvar as bandeiras de combate: seja!

E quanto á discussão apenas principiada, não perde v. ex.^a com a demora: no fim da conflagração voltaremos ao assunto, se v. ex.^a quizer.

E termino, dando parte a v. ex.^a de que não retiro uma unica vírgula sequer ácerca do que disse, tanto nos primeiros artigos, como agora!

E até lá!

Eduardo Passos.

Ponto de admiração!

Ao ex.^{mo} snr. Mário Augusto da Silva.

A v. ex.^a que tão infastamente comparou a revolta dum partido político em 14 de maio contra um grupo de portugueses no poder, á revolução libertadora dum povo inteiro em 1640 contra o jugo exercerel do estrangeiro, eu peço para lhe pôr aos pés a ignorância do meu pobre sapateiro que nunca tal asneira chegou a ter no pensamento!

Eduardo Passos.

PELO DISTRITO

Carta de Taveiro

O nosso campo é talvez o mais fértil do paiz, apesar de ser prejudicadíssimo com as cheias que o inundam anualmente, e por conseguinte o assoreiam. Não obstante este importantíssimo *contra*, os pequenos lavradores e os grandes proprietários sentem-se caminhar a passos gigantescos para a ruina, em virtude de terem os seus celeiros atacados de legumes sécos e cereais, pois, os das colheitas transatas pouca saída tiveram em virtude das ordens emanadas do Governo, que proibiu

a saída destes generos para fóra do paiz. Sucede, porém, que se aproxima a nova colheita e, daí, não terem os proprietários e ceareiros lugar onde os possam alojar.

Era uma medida acertada, que o digno chefe do distrito conseguisse autorização superior para que uma grande parte dos legumes antigos fossem exportados, de modo a facilitar as transações, para governo dos pobres.

Posto do Registo civil — Ainda não ha muito que os periodicos da capital davam publicidade a uma ordem emanada do Governo Civil, para que a polícia exercesse a maior vigilância na forma de traçar dos vendedores de jornais, isto é, para que êles se apresentassem de frak e chapéu alto.

Por cá dá-se quasi o mesmo, mas estas órdens partem do encarregado do Posto do Registo Civil, que diz não receber, na séde do mesmo, quem é a sua casa, pessoas que não vão decentemente vestidas!

Se se trata de visitas particulares a s. ex.^a, está muito bem, porque tem o direito de só receber quem quiser; mas se se tratar de assuntos publicos, em nada tem que se opôr, porque é uma repartição do Estado, onde todos podem entrar sem etiqueta, por isso que ao funcionário é que compete cordura e boa norma de proceder.

Ressigresso — Do Brazil, e após uma ausência de 19 anos, chegou a esta terra o nosso amigo Joaquim Gomes Córino, que foi recebido pelos seus e por amigos, que lhe fizeram uma carinhosa recepção. O que mais desejamos é que desta vez por cá fique e que tenha muito juisinho, que é o que lhe tem faltado.

Visita — A fim de visitar os seus amigos Travassos de Freitas, esteve nesta aldeia o sr. João Mourato, chefe de 1.^a reformado, da Companhia Portuguesa.

Doente — Encontra-se gravemente doente o ex.^{mo} sur. dr. Jacinto de Freitas Morna, abalisado clinico e sub-delegado de saúde.

Pronto restabelecimento é o que desejamos a s. ex.^a.

(Correspondente).

Novo colaborador

Começa hoje a honrar as colunas do nosso jornal o amavel poeta snr. Jorge Diniz, que, apesar de novo, vem firmando o seu talento em sonetos que o nosso colega *Canção de Portugal* tem ultimamente publicado.

Agradecemos a gentileza.

Secção de charadas

Decifrações do n.^o 230

Geografica—Mariposa.

Tipografica—Obrigado, Violeta.

—Sogra.

Geografica—Montemor-o-Velho.

Decifraram: Roza, Saudade, Lacerda, Amadeu Diniz de Barros, que nos dá a honra do seu auxilio assim como Nizan, novo colaborador e o interessante Liames. A todos agradece reconhecida a

Violeta.

Decifrações do n.^o 231

Bilhete postal—Elvira de Moraes da Costa.

Logógrifo—Muito obrigada vos fica Roza.

Em verso—Elvira Costa—Violeta.

Macada geografica—Sangalhos.

Em frase—1.^a, Mesquita Carvalho;

2.^a, Leão Azevedo.

Decifraram: Saudade e Lacerda.

N. R.—Por absoluta falta de espaço ficam de remissa varias produções, do que pedimos desculpa aos seus gentis autores.

Só no proximo n.^o apreciaremos detidamente as cartas dos nossos preados colegas Lacerda e Liames, dando a nossa opinião.

Violeta.

Ex.^{ma} Violeta

Cumpre-me dizer a v. ex.^a que não estou d'acordo com os dizeres da carta de Liames, publicada no n.^o 231.

Em primeiro logar, rogo a v. ex.^a a gentileza de transmitir ao autor da carta que, até hoje, ainda não precisei que me

lembrassem o cumprimento dos meus deveres, e que, em tempo competente, puz á disposição do Dever a importancia do premio, logo que houvesse quem a ele tivesse jus.

Em segundo logar, passo a provar que a decifração da pergunta geográfica é *Orvalho* e não *Alva* ou *Alvor*.

Diz *Liames* que se considera decifrador da pergunta geográfica publicada no n.^o 229, porque a verdadeira decifração é *Alva* e não *Orvalho*. E, como argumento justificativo da sua afirmação, diz que a *Alva* se vê todos os dias ao amanhecer, e o *Orvalho*, não.

Ora, se é certo que o *Orvalho* não se vê todos os dias, também a *Alva* nem sempre se vê. A *Alva* é o primeiro alvor que precede a manhã; é uma ténue claridade, que o sol derrama pelas nuvens quando se vai aproximando do horizonte.

Nos dias em que o céu se apresenta coberto de espessas nuvens, que nos escondem o brilho do sol, a *Alva* não pode ver-se.

Depois da *Alva* vem a aurora, que é a claridade que antecede o nascimento do sol. Essa claridade é mais intensa do que a da *alva*; é a que, quando o sol já está chegando ao horizonte, mas antes de aparecer acima dele, dá às nuvens um maior grau d'esplendor, uma cor misturada de branco, ouro, purpura e roxa.

A *alva* e a aurora formam a madrugada, que é o tempo, proximo ao amanhecer.

Portanto, só depois da madrugada é que vem a manhã, é que amanhece.

O amanhecer é o começar do dia; e o dia só começa quando chega o momento do sol despontar no horizonte.

A *alva* e a aurora precedem o amanhecer, e, por isso, a *Alva* nunca pode ser a rigorosa decifração da minha pergunta geográfica.

Se eu perguntassem qual é a terra portuguesa que se vê de madrugada ou antes d'amanhecer, ou que precede a aurora, razião tinha *Liames*.

Alem disto, toda a gente sabe que a *alva* nos dá uma claridade tão ténue, que nos não permite ver os objectos que nos cercam. Só quando amanhece se podem ver; e assim, ao amanhecer, isto é, depois da *alva* e da aurora, é que se vê bem o *orvalho*.

E pouco importa que se não veja todos os dias, pois, na pergunta geográfica, não se pretende saber qual é a terra portuguesa que se vê todos os dias ao amanhecer, mas sim que se vê ao amanhecer, sem se dizer que é em todos os dias.

Muito mais poderia dizer para justificar que a verdadeira solução da minha pergunta é *orvalho* e não *alva*, mas julgo

ter dito já o bastante; e esta, gentil *Violeta*, já é demasiadamente longa.

Como já disse a v. ex.^a, puz á disposição do Dever a importancia do premio para ser conferido a quem desse a verdadeira decifração; mas, pelo que deixo exposto, certamente reconhecerá v. ex.^a a razão que me assiste, para dizer que tal decifração é *orvalho* e não *alva*.

Portanto, nenhum dos concorrentes com *alva* e *alvor* tem direito ao premio; no entanto, v. ex.^a fia com plenos poderes da minha parte para julgar esta causa.

Queira v. ex.^a desculpar-me pelo preioso tempo que lhe roubo e aceitar os respeitos do que com a maxima consideração se subscreve

De v. ex.^a

Mt.^o at.^o vr. obgrd.^o

Mangualde, 9-8-916.

Lacerda.

Pela comissão central de execução da lei de separação, foi incorporado nos próprios da Fazenda Nacional, para depois de avaliado ser vendido em hasta pública o edifício da residência paroquial da freguesia de Reveles, e quintal com cinco aguadas de terra.

Como pertence a outra repartição, de certo vai agora ser feita justiça ao povo daquela freguesia, que está farto de esperar a reparação da casa.

Anuncio

A Camara Municipal do concelho de Montemor-o-Velho, pela sua Comissão Executiva, faz publico que no proximo futuro dia 18 do corrente mês

de Agosto se procederá, pelas treze horas, á vistoria para medição e avaliação dum terreno baldio no sitio das Chãs, freguesia de Tentugal, requerido em aforamento por Bento Dias, do logar da Portela, o que se faz publico para cumprimento da lei.

Montemor-o-Velho, 5 de Agosto de 1916.

O Presidente da Comissão,
Antonio Joaquim Simões.

Editos de 30 dias

(2.^a PUBLICAÇÃO)

No Juizo de Direito de Montemor-o-Velho, pelo cartorio do escrivão Sampaio, correm seus devidos termos uns autos de acção especial para suprimento de consentimento, nos quais a autora requer que pelo respectivo conselho de familia seja surpreido o consentimento de seu marido **Manuel Margato**, ausente ha cerca de dez anos no Brasil, sem dêle haver noticias, para poder vender do seu casal comum, uma terra atravessada pela estrada de Cantanheda á Tocha, e sita na Quinta dos Tavarédes, da freguesia de Cadima, comarca de Cantanheda, a partir do norte com **Manuel Sebastião**, do sul com serventia, do nascente com **Manuel Santo** e do poente com **António Terezo**, afim de poder com o seu produto pagar a **Manuel Gomes da Cruz**, dos Barrins, freguesia de Cadima, a quantia de duzentos e quarenta escudos que já lhe deve, e comprar um boi para o cultivo dos seus predios.

E nos mesmos autos correm editos de trinta dias contados da segunda publicação do respectivo anuncio no *Diário do Governo*, citando o referido **Manuel Margato**, marido da autora, ausente em parte incerta no Brasil, para na segunda audiencia depois de findos cinco dias posteriores ao prazo dos editos, vêr acusar-se lhe a sua cidadão e marcar-se-lhe o prazo de trez audiencias para deduzir a sua contestação. As audiencias d'este Juizo fazem-se todas as segundas e quintas feiras de cada semana, pelas dez horas, no tribunal judicial, sito á Praça da Republica desta vila, não sendo dias declarados feriados.

O escrivão,
Adrião Pereira Forjaz de Sampaio.
Verifiquei.

Amaral Pereira.

Arrematação

(2.^a publicação)

No dia 13 de agosto proximo, pelas onze horas, á porta do tribunal judicial desta vila, vaiá praça para se arrematar pelo maior lanço que fôr oferecido alem do que lhe era designado, que é o da sua avaliação, o predio abaixo mencionado, penhorado nos autos de execução da sentença que Joaquim Roque Vicente, casado, de Alfarelos, move contra Joaquim Fernandes Alves ou Alvaro e mulher, de Reveles, ausentes em parte incerta no Brasil, predio que é o seguinte:

Um predio que todo se compõe de casas de habitação, casa que serve de celeiro com loja por baixo, fôrno para cozer borôa, eira de cal e terra de semeadura com poços de agua, pinhal, oliveiras e vinhas, no sitio do Vale Baraço, freguesia de Reveles, vai á praça em quinientos escudos.

Pelo presente são citados para a arrematação quaisquer credores incertos.

Montemor-o-Velho, 21 de Julho de 1916.

O escrivão,
Adrião Pereira Forjaz de Sampaio.

Verifiquei.

ANTIGO ESTABELECIMENTO
— DE —
Mercearia, Tabacos e Fazendas brancas
— DE —
João Antonio Rodrigues
(SUCESSORES)
Montemór-o-Velho

Nesta casa se encontra um completo sortido em assucar, chá, café, manteiga nacional e ingleza, biscoitos, bolachas, massas, bacalhau, genebra e vinhos do Porto.

Ferragens, prego de arame e de ferro, panelas de ferro, rastilho, chumbo em barra e para caça.

Fosforos e Tabacos, por atacado. Tambem vende pelos preços de Lisboa, farinha de trigo, cimento Portland, vidraça, telha de vidro e velas de cera.

Preços resumidos

GRATIFICA-SE BEM

a quem dê informações de que resulte a condenação por fraudes praticadas com prejuízo dos exclusivos de fosforos e isca (e dos interesses do Estado, da Companhia concessionaria e do comercio legítimo), os acendedores, algodão ou qualquer outra matéria apresentada de forma a servir de isca, fabricação ou venda de chita com preparo inflamável, isca em cordão vendida fraudulentamente a título de cordão de sacos, etc., reservando-se a Companhia concessionaria intentar a respectiva acção civil de perdas e danos contra os delinquentes, independentemente da multa ao Estado nos termos da legislação em vigor. Gratifica-se generosamente, guardando-se a maior discreção. A Companhia logo que receba informações fidedignas enviará a qualquer ponto do país agentes da fiscalização para procederem às necessárias diligências. Dirigir-se pessoalmente ou por carta à Companhia Portuguesa de Fosforos, 139, rua de S. Julião, Lisboa.

ADUBOS
MELO & MARTINS
PAMPILHOSA DO BOTÃO

*Fabricantes dos bons adubos compostos da marca registada
PEIXE*

Chamamos a atenção dos snrs. agricultores para fazerem uma experiência dos nossos adubos, devido ao seu magnífico resultado os adoptarão de preferência a qualquer outro.

AZEITE

Para revenda e em grandes quantidades, vendemos de excelente qualidade.

Alugam-se Automóveis
MELO & MARTINS
Pampilhosa do Botão

A FUNERARIA EM PEDRA

— DE —

FRANCISCO A. DOS SANTOS, FILHO

RUA DIREITA, 139 a 149

COIMBRA

Esta oficina eucarregue-se de todo o trabalho de jazigos, mausoleus, campas, cantarias e ornamentações, tanto em calcareo como em marmore, a qual tem desenhos de jazigos, para escolher, em estilos antigos e em ARTE MODERNA.

Tem depósito de bancas de cosinha e mausoleus em lousa preta.

Encarrega-se tambem de fazer esculturas, bustos em pedra, barro, gesso, etc,

Toma conta de qualquer trabalho fóra de Coimbra

Contra roubo e Contra Incendio
Grande economia
Seguro de Mobiliario

Por \$20 por cada 100\$00 de valor, isto é pelo que se paga só pelo risco de fogo «A MUNDIAL» segura numa só apólice os riscos de INCENDIO e ROUBO. E' tão necessário o seguro de ROUBO como o de FOGO.

A MUNDIAL

COMPANHIA DE SEGUROS

Capital, Escudos . . . 500:000\$00
Reserva em 1915 . . . 102:007\$74.1

Séde em Lisboa — Rua Garrett, 95 — Telefone 4084
Teleg. — MUNDIAL

Delegação no Porto — Pinto da Fonseca & Irmãos.

Hospedaria do Paço do Conde

JOSÉ DOS SANTOS

Rua Adelino Veiga, 36 a 40 — Rua do Paço do Conde, 10

COIMBRA

Vinhos, comidas e tabacos.
Recebem-se comensais por preços modicos.
Camas para pernoitar.

Esta casa, com a transformação porque se caba de passar, melhorou consideravelmente todos os seus serviços, achando-se habilitada a receber hóspedes de qualquer categoria, oferecendo-lhes comodidades por preços baratos. Esmoro e prontidão no serviço de meza, para o que tem pessoal competente.

O mesmo proprietário negoceia em cereais e legumes de todas as qualidades, tais como farinhas, sémolas, batata, castanha, palha enfardada, cordas e adubos químicos.

Rua Adelino Veiga — 44, 48

O seu armazém é já muito conhecido.

Telefone 379

Oficina-Garage de Coimbra

LOBO DA COSTA & CASTANHEIRA

Grandes oficinas mecânicas para reparações de automóveis; fabrico de carretos, pinhões e corôas em aço; cimentação e temperas; vulcanisação e fundição de metais. Recolha e tratamento. Ensino. Automóveis de aluguer de \$08 a \$20 o quilometro e 9 lotações de 4 a 18 passageiros.

Accessórios, gazolina e óleo.

Transações em carros de 2.ª mão. Serviço especial, para bem servir os ex.ºs clientes da província.

Rua da Figueira da Foz — 170

COIMBRA

Local conhecido por «Casa do Sal» à entrada da cidade pela estrada do Porto.

Telefone, 502

Telegrams «Garage-Coimbra»

Ano 5.

Montemor-o-Velho, 20 de Agosto de 1916

N.º 233



O DEVER

Semanario defensor da união da familia Portuguesa

Pátria e Humanidade

Director, Proprietario e Administrador—Almeida Junior

ATÉ QUE ENFIM!

A sessão extraordinaria do Congresso, que se realizou ha dias, ha de ficar memorável na historia da Patria, pois foi o mais alto exemplo de civismo dado á todo o país.

Nessa sessão iniciou-se uma fase nova da vida nacional. Depois de tantas afirmações, de tantos prometimentos, de tantos compromissos, anteriormente tomados pelo parlamento, nós continuavam indecisos, parados numa encruzilhada de orientações, quando, afinal, só tínhamos um caminho a seguir: — o que seguimos agora.

Até que enfim! Vamos intervir na guerra enviando, com a maior rapidez, as nossas divisões a combater os alemães nos campos de batalha da Europa, como era nosso dever, como nos impunha a nossa aliança com a Inglaterra e à nossa amizade e simpatia pela França.

As afirmações feitas nessa sessão extraordinaria pelos snrs. drs. Afonso Costa e Augusto Soares, os oferecimentos monetarios e o convite de uma maior cooperação militar ao lado dos aliados, feitos pela nossa aliada, são bastante honrosos para Portugal e provam a admirável situação internacional em que nos encontramos e os cordeais laços de amizade que hoje, mais do que nunca, nos prendem á Gran-Bretanha.

Por isso, agora que vamos pagar o nosso tributo de sangue á defesa da civilização, ameaçada pelo militarismo alemão, levando aos nossos aliados a força real da nossa espada; agora que Portugal vai para a guerra cumprir o sacratissimo dever de honrar os seus compromissos, é preciso que, de hoje em diante, terminem os ressentimentos, as questiúnculas políticas, e que todos os portugueses, sem distinção, se compenetrem das graves responsabilidades que pesam sobre nós neste momento. É preciso que todos os patriotas, que todos os bons portugueses, se mantenham unidos ao lado do governo, auxiliando-o a levar ao fim, com honra e dignidade, o caminho já traçado, porque recuar, agora seria a suprema das vergonhas. Vamos todos, os que nos orgulhamos de ser portugueses, para os campos da honra defender a obra da regeneração política da Europa.

Vamos todos, com confiança e fé na vitória da grande causa que nos trará o bem estar e a felicidade, combater os inimigos do progresso e da civilização, como fizemos os nossos antepassados, para

que Portugal continue sendo digno das suas velhas tradições, demonstrando que não adormeceram de todo em nós as energias que nos evidenciaram, nem a audacia que nos fez grandes e invejados por todo o mundo.

Deixemos que nesta má hora as corujas continuem piando no seu agoirento piar, porque esse é o seu destino, é a sua função psicológica, e cumpramos, nós, os verdadeiros portugueses, o nosso dever de patriotas, sem ligarmos importância á sua chaireira de intrusos e de maldosos.

Porque, para uns, a historia reserva um nome honroso e a humanidade abençoa-los-á; para os outros, prepara um ferro em braza com que lhes marcará na fronte o cognome de: **Traidores**.

Até que enfim!... Vamos para a guerra!... Viva Portugal!...

G. A. G.

Notas

As afirmações feitas nessa sessão extraordinaria pelos snrs. drs. Afonso Costa e Augusto Soares, os oferecimentos monetarios e o convite de uma maior cooperação militar ao lado dos aliados, feitos pela nossa aliada, são bastante honrosos para Portugal e provam a admirável situação internacional em que nos encontramos e os cordeais laços de amizade que hoje, mais do que nunca, nos prendem á Gran-Bretanha.

Por isso, agora que vamos pagar o nosso tributo de sangue á defesa da civilização, ameaçada pelo militarismo alemão, levando aos nossos aliados a força real da nossa espada; agora que Portugal vai para a guerra cumprir o sacratissimo dever de honrar os seus compromissos, é preciso que, de hoje em diante, terminem os ressentimentos, as questiúnculas políticas, e que todos os portugueses, sem distinção, se compenetrem das graves responsabilidades que pesam sobre nós neste momento. É preciso que todos os patriotas, que todos os bons portugueses, se mantenham unidos ao lado do governo, auxiliando-o a levar ao fim, com honra e dignidade, o caminho já traçado, porque recuar, agora seria a suprema das vergonhas. Vamos todos, os que nos orgulhamos de ser portugueses, para os campos da honra defender a obra da regeneração política da Europa.

Vamos todos, com confiança e fé na vitória da grande causa que nos trará o bem estar e a felicidade, combater os inimigos do progresso e da civilização, como fizemos os nossos antepassados, para

Foi despachado conservador do Registo Predial para esta comarca o snr. dr. Bento Malva Matoso.

Enviamos-lhe os nossos para-

Secretário da Redacção e Editor
Abel M. de Melo Brandão

Red. e Adm.—R. Dr. José Galvão—Montemor-o-Velho
Sucursal—LISBOA—Hotel Porto, R. do Amparo, 12
TELEFONE 364

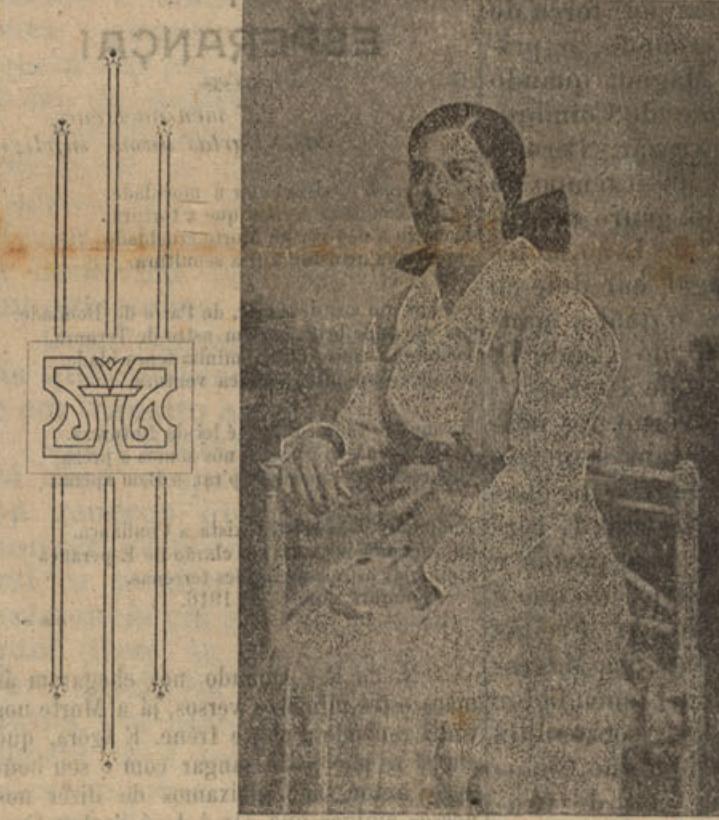
Não se restituem originais, embora não se publiquem
Composição e Impressão—Tip. Silva (a vapor)

AVEIRO

D. Irene da Silva Lirio

A vida é cheia de surpresas: de surpresas que causam dôr, que originam lagrimas. E contudo, ha, na humanidade, degladições de toda a especie: Ha odio, ha a maldade, ha a vingança! E a morte, que nos espreita a cada passo, como que nos não devia surpreender. Infelizmente ela aproxima-se, estende as suas garras destruidoras, e não olha a nada: — não se importa se rouba dos nossos carinhos e da nossa estima aqueles que são todo o nosso amor e todas as nossas esperanças! Leva tudo,

E assim é que, no dia 14, a Morte, abeirando-se do leito da ex.^{ma} snr.^a D. Irene da Silva Lirio, filha estremecida do nosso bondoso amigo snr. Manuel da Silva Lirio, da Amadora e um dos mais diletos filhos de Arazede, levou do convívio amorável dos seus a interessante menina, apenas com 16 anos de idade!



Quem escreve estas linhas havia estado junto dela horas antes, confortando-a com palavras e com esperança. Mas a pobre Irene, que tantas saudades tinha de deixar a vida, sabia bem o seu estado de saúde. Olhava-nos com ternura, e, á sua volta, tudo era bondade e pureza. Tinha junto de si o vestidinho com que devia, no dia do seu funeral, assistir em Arazede á festa de Nossa Senhora do Pranto, que teve lugar na vizinha freguezia, no proprio dia 15.

Triste coincidencia: Todos esperavamo aacompanha-la da estação e, afinal, fomos leva-la á sepultura, ao Alto de S. João, onde ficou, coberta de flores e de ricas coroas, em jazigo de familia, juntinha de sua saudosa mãe, que lá a esperava da mançao do tumulo!

O Dever, publicando o retrato da querida morta, presta-lhe a sua justa e sentida homenagem, apresentando o seu cartão de pezames sentidos á familia em luto. E que repouse na paz do tumulo quem na vida só soube fazer bem...

Notas:—O pessoal do Hotel Porto ofereceu uma coroa de flores de laranjeira e outras ricas flores, com a seguinte dedicatoria: «Eterna saudade do pessoal do Hotel Porto. — Lisboa, 15-8-916».

Tambem as ilustres professoras e condiscípulas da intelectuosa finada, ofereceram uma linda coroa de rosas de toucar e jasmins, com esta dedicatoria: «Amadora, 14-8-916 — As professoras e alunas da Escola Alexandre Herculano»; e ainda outra do nosso director e seu irmão Manuel, com a seguinte legenda: — «A' querida Iréne. Saudoso Adeus dos irmãos Manuel e José de Almeida».

Descrição histórica da vila e comarca de Montemor-o-Velho

Extraída do livro do P^o António Carvalho da Costa, Clerigo do Habito de S. Pedro, Matemático, natural de Lisboa. Este livro interessante foi publicado no tempo de D. João V e trata da descrição topográfica e notícia histórica das cidades, vilas e lugares mais importantes de Portugal; varões ilustres, genealogias de famílias nobres, fundações de conventos, etc., etc. Faz parte da importante biblioteca do Instituto de Nossa Senhora da Graça de S. João do Campo, concelho de Coimbra.

Quatro leguas ao Oes-sudoeste de Coimbra junto do Rio Mondego, que lhe fica ao Sul, está situada a nobre vila de Montemor-o-Velho, a qual fundou Brigo, Rei de Hespanha, mil e novecentos anos antes da vinda de Cristo, chamando-lhe Medrobriga, como diz Tarrafa na Crónica de Hespanha.

Perdeu-se na entrada dos Arabes, e a conquistou El-rei D. Ramiro, o primeiro de Leão, no ano de 848, deixando nela por governador ao Abade D. João, parente seu mais chegado, pessoa virtuosa e esforçada, como se viu na sanguinolenta batalha que teve com os mouros, os quais a senhorearam segunda vez e a tornou a ganhar por força de armas El-Rei D. Fernando, o primeiro, chamado o Magno, quando conquistou a cidade de Coimbra, mandando-a logo arrazar. Permaneceu deste modo até o tempo do Conde D. Raimundo, genro de El-rei D. Afonso, o 6.^o de Leão, antes que se desse Portugal em dote ao Conde D. Henrique, o qual a mandou povoar, ajudado do Conde D. Sisnando, pelos anos de 1088.

E porque no governo dos nossos primeiros reis foram senhores desta vila alguns infantes, lhe chamaram Terra do Infantado. E' cercada de muros com tres portas e tem um soberbo Castelo, de que é Alcâide-mór António de Freitas Branco, do Conselho de Sua Magestade e de sua Fazenda, Comendador de São Mamede de Troviscos, Juiz Geral das Coutadas do Reino, Chanceler da Sereníssima Casa de Bragança e Ministro da Junta da dita Casa e da Casa do Infantado, e Administrador da Casa de Aveiro.

(Continua)

JUNTA GERAL

Este corpo administrativo aprovou, plenamente, para 1916-1917, os seguintes orçamentos:

Irmadade do SS., da Ribeira de Frades, concelho de Coimbra; Irmadade de N.^a S.^a da Conceição, de Lagares, concelho de Oliveira do Hospital; Santa Casa da Misericórdia de Tentugal, concelho de Montemor-o-Velho.

Com alterações:

Confraria do SS., de Taveiro, concelho de Coimbra; Confraria do SS., do Bolho, concelho de Montemor-o-Velho.

Autorizar o pagamento aos empregados da secretaria, expediente e limpeza.

Cartas a uma infeliz

(Para além-túmulo)

Mal dirias tu, Irène, que, ao escreveres a tua última carta, a Morte estava já à cabeceira do teu leito de doente, esperando a melhor oportunidade de lançar sobre ti a sua garra destruidora. Ha muito tempo que os teus leitores, que eram muitos, se deliciavam com a ternura da tua prosa, que uns olhos grandes orvalhavam sempre de lagrimas e um grande sentimento purificava de idealismo e de sonho!

Acabou-se tudo! A tua mão delicada arrefeceu. Arrefeceu, levado na aza do infarto, o teu coração de bondade e de saudade. Fica de luto esta secção. Ficamos nós todos de luto! Imaginei que seria impossível roubarem-nos o teu convívio amável. Muitas vezes me disseste que o sentimentalismo era apanágio das almas simples. E eu acredito-o agora.

Com franqueza, Irène, eu não me conformo com o teu desaparecimento.

Vi o teu caixão branco. E atraídas pelas palpebras cerradas dos teus olhos, eu adivinhei, á beira do teu jazigo, um sonho de candura e uma luz de esperança que me alentou. Sim, minha amiga: não fui contigo até á terra onde tu agora habitas. Não pude acompanhar-te. Mas de noite, quando toda a gente dormia, eu fui ajoelhar-me sobre a tua lousa, e rezei muitas orações que me ensinaste.

Não acreditava como a Morte seria capaz de roubar-te! Mas deixa lá, minha amiga. Repouzas da ingratidão da vida. Que isto, Irène, é um mundo de maldade. Hei-de ainda conversar muito contigo.

Adens.

Teu,
Leopoldo.

ESPERANÇA!

(A menina Irène,
das «Cartas dumma infeliz»)

E doloroso e triste ouvir á mocidade a rude confissão do mal que a tortura. E chego a não ver na Morte crudelidade capaz de a arrastar á fria sepultura.

Sonhar um céo de Amor, de Paz e de Bondade, um céo onde brilhasse um astro de Ternura, foi minha aspiração na minha tenra idade, e hoje é para mim a única ventura.

No mundo tudo sofre: —é lei da Natureza. A terra é negro córvo, e nós somos a preza. Que resta fazer pois? Esparrar o Bem apenas

Enquanto Vida existe, exista a Confiança, haja fé na Ventura e um clarão de Esperança a alumiar as nossas ilusões terrenas.

Coimbra, Agosto de 1916.

N. da R.—Quando nos chegaram ás mãos estes mimosos versos, já a Morte nos tinha roubado a pobre Irène. E agora, que ela já se não pôde zangar com o seu bondoso autor, não deixamos de dizer aos nossos amigos que ele é José Seabra Cassão, que, fazendo-os acompanhar duma carta, nos dia assim:

«Junto envio uma poesia, dedicada á bondosa Irène, cujos dotes d'alma aprecio e venero, e cuja perda, a dar-se, seria um luto para O Dever...»

• • • • •
«Faço votos pelo restabelecimento dela».

• • • • •
«Não revele o meu nome, porque não quero que a pobre enferma me fique obrigada pela lembrança». E ela era morta!

Falecimento

Faleceu no dia 16 o menino Evaristo, filho do nosso amigo Júlio Jorge da Silva, conceituado proprietário desta vila. A infeliz criança era filho unico, orfão de mãe, e contava apenas 4 anos de idade, o que mais avoluma o terrível golpe de que foi vítima o nosso amigo.

Sentimos com pesar o seu infarto.

A CAMPO RASO

Ante hostes

Proelium incipit

Cogitando:—Os ares toldam-se; avenidas ingentes de homens armados marcham em atitude energica e garbosa, e nas suas faces tisnadas por um ardente sol de estio, ha coriscos de raiva, clarões de esperança; nas suas frontes, um pouco enrugadas, ha magicos e incandescentes reverberos de vingança; nos seus olhares baços por um ultrage que elles vão tentar repelir, ha ainda um pouco dessa energia assombrosa, desse vigor herculeo que fez dos nossos avós herois semi-deuses e da nossa Patria, uma Patria eterna. Uma multidão de pacóvios presenceia extatica o desfilar desses herois, e de tal maneira assombrados que o rebordo das projecções dos seus respeitáveis narizes no plano vertical superior, juntamente com as respectivas projecções horizontais, dariam, depois do respectivo e necessário rebatimento no plano em que y é positivo e negativo, esta longa e invertida serie de sinais interrogativos:

δ δ δ δ δ δ δ δ

Por entre eles, e no meio de massas horríveis de pó, que tornariam preto o julano mais branco e branco o julano mais preto, surge uma figura de cabelos eriçados, punhos crispados, olhar turvo, semi-esquelética, medonha, terrível, segunda e aumentada edição do Adamastor, que, no ultimo dos esforços, tenta deter essa massa de homens que ali vão conscienciar o seu dever, e que impavidamente marcham a dar o ultimo golpe de morte nesses povos setentrionais, de indole fera e indomavel, de sentimentos à pele-vermelha e de generosidade à cafre de África, e que na Historia Universal dos Povos foram cognominados de: Germanos.

Quem será?

Examinai-o bem... vede! mais uma imprecção sibila... mais um esforço... os seus cabelos parecem pendulos electricos... todo ele crepita, como que agitado por fortes correntes magneticas, e por fim, ei-lo suado, exausto, acarbrunhado...

Na sua fronte ha o quer que seja de sinistro, no seu olhar tigrino ha reflexos dos clarões sanguinolentos que se esbatem nos herisontes e se debuxam em fantasmas e lobis-homens (se os há!) nas ondas revoltas do oceano.

O seu espírito é envolto por densas brumas, nas quais transparece a silhueta repelente e horrida de Inacio de Loyola!

E' a tragedia aliada à demencia! E' a sombra que pretende ofuscar o brilho da nossa atitude desassombrada perante a guerra europeia! E' o Moloch de bronze que tenta assustar-nos, como se nas nossas almas não existisse a fulguração candente de um Ideal e a consciência nitida e profunda de um Direito! E' uma aberração na psicologia da especie humana, um fruto híbrido da raça portugueza!

Tal foi o sonho em que idealisei a figura do sr. Eduardo Passos. E depois deste curto devaneio que foi certamente o resultado da impressão que meu espírito sofreu após a leitura dos escritos de s. ex.^a, que representam uma ignorância profunda aliada a uma incoerença completa, vou começar a nossa discussão.

* * *

Pugnando:—Insolentemente e sem as normas da boa educação, que deveria conhecer, pelo menos, como jornalista (se o quer ser ou se o é), tentou o snr. Eduardo Passos responder a um artigo por mim publicado neste jornal em 19 de Março ultimo, artigo que, fruto do mais vivo patriotismo e do acrisolado e entranhado amor que sinto por esta terra amada, visava demonstrar o crime de alta traição e pôr a descoberto as suas sinistras manigâncias contra a Patria e as instituições republicanas, pois sua ex.^a sabe muitíssimo bem que os seus artigos foram lidos por

assinantes que, mercê da sua ignorância, se deixam ludibriar facilmente pelo choro plangente e sofismado de muitos papasmos.

Na sua defesa mirabolante, e que é o atestado da sua moralidade e correção, apostrofou-me de ignorant, como se este epíteto soez fosse estrangular na minha garganta a voz da Justiça, com a qual vergasto todos aqueles que, sem pendor nem sentimentos, pretendem defender a realisaçao sangrenta e rocambolesca do sonho que desde ha séculos acalenta a alma gangrenada do povo germanico.

Enganou-se, porém!

Nunca me intimidaram arrufos nem baboseiras, demais quando partem de quem, sem pejo, pretende ultrajar uma Patria, acobertado sarcásticamente sob a capa velha do seu pseudo-patriotismo.

Mas, já agora, para elucidação de qualquer leitor menos douto em assuntos historicos (porque os peritos e os com consciencia riram-se, como eu, do ponto de admiracão do señor Passos), vou historiar, ainda que laconica e sucintamente, a revolução de 1640, provando que traidores houve algumas vezes:

Filipe II, o terrivel demonio do meio dia, o perseguidor cruel do protestantismo e o defensor repelente do catolicismo, o filho feroz de Carlos V e de D. Isabel, na sua insania, e em compensação da perda do trono de Inglaterra em 1588 pela morte de sua esposa Maria Tudor, mandou invadir em 1580, por um exercito numeroso sob o comando do duque d'Alba, o famoso institor do tribunal de sangue nos Paizes Baixos, as terras de Portugal. Sessenta anos de cativeiro, cruel e duro, fizeram, no entanto desabrochar na alma dos convictos e sinceros portuguezes o germen bendito e sacrossanto da emancipação, e o 1.^o de Dezembro de 1640 surgiu risonho para a Patria Portugueza, porque, libertada dum jugo tiranizante, ela iria tomar de novo o seu lugar de destaque na politica mundial, ela iria conclarar bem alto que no seu seio amamentava ainda espíritos bem formados, corações frementes de patriotismo. Foi um grupo de portuguezes destemidos e heroicos que, encarnando os sentimentos de todo o paiz, avançou a derribar do trono de Portugal esse rei inepto, Filipe IV, ajaezado pelo despotia, o condado de Olivares. Portuguezes houve, no entanto, que não secundaram o movimento libertador, já por indiferentismo, proveniente do alheamento politico em que vivem os nossos aldeões, já por traição e cobardia (e estes casos deram-se, como sempre, nas mais altas camadas sociais), o que representa o maior dos descares e a maior das vilanias perpetradas contra a integridade nacional.

Agora, ha pouco tempo, e depois de em 5 de outubro de 1910 ter raiado uma nova aurora para Portugal,

Após a consecução das maiores infamias, das maiores vilanias e dos mais repelentes e sórdidos assassinatos, um movimento libertador começa a iniciar-se. A chama é ateada por uma pleiae glorioissima de portuguesas, á frente dos quais figura o nome imortal de Afonso Costa, que na sua recente viagem ao estrangeiro foi alvo dos mais vivos elogios, e para quem já o noso ilustre director e íntimo amigo Almeida Junior teve, no numero 47 do Dever, palavras de justo e bem merecido louvor. Foi, pois, como no outro caso, um grupo de portuguezes que, sintetizando o sentir da quasi totalidade da Nação, marchou a expurgar das catedrais ministeriais uma facção hipócrita, que sem pejo almejava a intervenção estrangeira... E assim se viu que nem em 1640 foi toda a Nação que preparou a revolução, nem agora um pequeno e diminuto grupo, porque neste caso a revolta tinha redundado num terrível fiasco, e numa verdadeira tempestade num copo de agua.

A evidência fica, pois, demonstrado que o ponto de admiracão do señor Passos é, nem mais nem menos, o absurdo levantado á quingentissima potencia da asneira!!!

Término, conclamando, no entanto, bem alto que, hoje como hontem, hontem

como amanhã, estou pronto a verter a ultima gota do meu sangue de rapaz e, a cravar na fauce gangrenada dos traidores á Patria o cutelo impiedoso da justica e a gravar na sua fronte sinistra este epitafio, no qual se resume a condenação duma Patria querida e o desprezo de todas as consciências:

Abaixo os traidores.

Coimbra, Agosto de 1916.

Mario Augusto da Silva.

LUTA DE TRINCHEIRAS...

Coisas que ferem o sistema nervoso de um «germanofilo»

Eis-me de novo em palestra amena com o irritante e facilmente irritável snr. Eduardo Passos. Não conheço o pitoresco cavalheiro, mas imagino-o tal como ele deve ser:—um rapaz todo *dandy*, de monóculo bem ajustado aos bordos do ocular, temendo a cada passo que algum plebeu da *Rua* lhe pise os calos ou suje as botas lusídas. Dentro da carteira traz com certeza um cartão de identidade, borrado de azul e branco, que algum centro monárquico teve a gentileza de fornecer-lhe, não esquecendo que sob a camisola se balouça talvez um rosário desfiado por sua excelência quando vem para os jornais pregar os seus odiosos sermões.

O meu antagonista deve conhecer-me também de nome apenas. Mas, se alguma coisa percebe de geometria no espaço, aqui lhe vou fornecer alguns dados para me ver de perfil. Sou um sujeito de cabelo revolto e olhos ocultos sob a aba do chapéu, para mais seguramente vigiar os traidores à Patria que me viu nascer. Costumo ostentar laço preto de pontas desiguais, botas muitas vezes calcadas nas manifestações patrióticas, e trago habitualmente comigo alguma coisa que prova o meu amor pela Republica. Finalmente devo declarar-me um apaixonado pelas cores berrantes, e muito particularmente pelo verde e pelo encarnado...

A esta altura deve o snr. Passos estar convencido de que nós, os rapazes de Coimbra, andamos transformados das ideias por causa do calor ou das ninfas do Mendo, se não pensar antes que nós estamos decididos a cacoar com a sua fidalguissima pessoa. Engana-se, porém, se assim pensar. Esta curta introdução apenas tem por fim predispô-lo para o combate que se vai travar.

Mas entremos propriamente no assunto. Não sei se o snr. Passos já está informado de que só á minha curiosidade se deve o prosseguimento desta polémica, que o mesmo senhor provocou. Mas se ainda ninguém teve a solicitude de o informar de tal facto, apresso-me a esclarecer o melhor que me for possível. Não temo, como nunca temi, defrontar-me na imprensa, com qualquer adversário, por mais forte que ele seja, desde que, como agora, a minha consciencia se tenha certificado de que tem a seu lado a Razão e a Justiça. Por outro lado não admito que alguém pretenda ver, num gesto que eu esboce, um ato de cobardia ou mesmo de simples receio. E assim eu não pude manter-me silencioso em face da nota provocante que o sr. Passos fez publicar em o *Dever*, embora aparentemente ela nada mais seja que uma pretensa paz feita pelo ilustre diretor deste semanário e meu íntimo amigo Almeida Junior. Fique, porém, sabendo o meu antagonista, que eu vejo nessa nota a sistemática e desairada caturice que deve caraterisal-o, e que em determinadas situações só dissabores acarreta ao possuidor de tão valiosa prenda (com o que aliás, nada tenho...). E já que assim é, teremos agora ocasião de apreciar qual de nós é mais facil de torcer no manejar da pena...

Seja-me permitida a abertura dum curto parentesis, dedicado a uma personagem que nesta questão desempenha um papel algo misterioso. Trata-se do interessante correspondente do Bom Sucesso, a quem a scena agradou para se colocar de camarete. Sua ex.^a não contava, no entanto,

com a boa vontade que me anima de dar uma vassourada em todos os apimentados escritos que me cheirem á *kultur*. . . E, consequentemente, muito menos conta com a minha persistencia, que, quando pouco, terá o condão de meter muita gente na *danca*. E creia o excellentissimo corligionário (julgo que o é), que a eximir-se de entrar nela dá uma prova de fraquezza, que o deslustra, tanto mais que foi o directamente alvejado pelo nosso antagonista, não deixando de ser certo que atraímos um momento em que se deve impedir que alguém atente contra a integridade da Nação. Assim é preciso infelizmente, visto que providencias sérias se não tem querido tomar. Além de que o inimigo ainda não desesperou de nos fazer envergar o sambenito.

Agora nós, snr. Eduardo Passos. Devo confessar-lhe que, tudo quanto para traz fraca escrito, é o fruto de alguns momentos de trabalho decorridos antes de me chegar ás mãos o seu *Ponto final* publicado em O *Dever*. Para evitar um grande arescimo de trabalho, que o meu estado de saúde me não permite — e ainda porque tenho compromissos de colaboração com outros jornais — fui, durante uma semana inteira, coligindo os pensamentos que, ácerca da questão, me vinham á mente, sendo de extrema evidencia que tudo o que fica exposto em nada pode relacionar-se com a resposta do snr. Passos, visto que só agora dela tenho conhecimento. Devo mesmo dizer-lhe que supunha essa resposta inteiramente diversa do que realmente é, porque está no animo de toda a gente, que vê com os olhos da inteligência, a impressão de que D. Manuel tem sido desobedecido pela raíz que se diz monárquica. Mas como o snr. Passos leva o seu *inexcedível* patriotismo ao ponto de ditar por terminada a polémica apenas iniciada, eu segundo jubilosamente esse gesto, não obstante estar um pouco conveniente de que o meu antagonista percebe de *calcado* alguma coisa, razão porque *calculadamente*, e baseado num patriótico e respeitável conselho do seu *augusto chefe* pretende eximir-se do cumprimento dum dever de jornalista. No entanto, como na da está perdido, porque no fim da guerra *teremos ocasião de analisar detidamente o assunto*, não insistirei mais sobre este ponto, já porque não quer abusar da minha actual superioridade de condições sobre o snr. Passos, já porque temo que a desunião da família portuguesa seja iniciada num orgão da união da mesma família. Nestas condições considero o que no meu artigo fica dito como uma *simples demonstração* das intenções que nessa questão me animavam. Por isso dispenso o snr. Passos de responder-me, a não ser que sua excelencia tenha muito gosto em deixar cair a máscara que deve encobrir os seus verdadeiros sentimentos...

Só duas palavras mais, destinadas a apreciar a incorrecção com que o indelicado antagonista se dirigiu á meu prensado e inteligente amigo, Mario Augusto da Silva. O colega não sabe que um dos mais apreciados dotes dum jornalista é a boa educação? Se o não sabe, lastimo a deficiencia dos seus conhecimentos, e espero que para a outra vez não fique toda a gente positivamente embasbacada com a manifesta incorrecção dum jornalista que, para mais, deve entrar muitas vezes nos salões...

Quanto a mim, tenho a agradecer-lhe o facto de me não ter atingido com os seus impropérios, o que seria natural em face das irritações que lhe causei desde a *scissura de Rolando* até ao *sistema do grande simpático...*

E até lá.

Coimbra, 13 de agosto de 1916.

José Seabra Caseiro.

Agua da Curia

Mogofores

As unicas aguas sulfatadas-calcicas que existem no paiz, similares ás famosas aguas de Conxéville, nos Vosges (França.)

ESTATÍSTICA

Declaração da produção do trigo, centeio, aveia, cevada, farinha, grão de bico, batata de sementeiro e cebola em 1916 e da actual existencia dos mesmos produtos

Para cumprimento dos decretos n.os 2:488 e 2:515, são os produtores e os possuidores ou detentores dos referidos productos obrigados a declarar as quantidades produzidas no corrente ano e as actualmente existentes, devendo enviar ou entregar nas regedorias ou administrações de concelho ou bairro, até o dia 30 de Agosto as respectivas declarações.

Nas administrações do concelho são fornecidos aos interessados, impressos para as suas declarações, podendo porem os mesmos escrever-las em papel comum e de formato não inferior a um quarto de folha almanaque, escritas em letra bem legivel, nos termos dos editaes affixados.

Considera-se produtor sómente aquele que houver colhido o produto, embora não seja o proprietario da terra donde o colheu e que cultivo; possuidor aquele a quem ele pertence; detentor o seu depositario.

Podem ser possuidores o produtor, o comerciante, o industrial e qualquer outro declarante, não pertencente a nenhuma das qualidades ou categorias.

Consideram-se existentes as quantidades em deposito e em transito a receber.

Cada declaração só poderá dizer respeito ao genero ou generos que o produtor houver colhido e que o possuidor ou detentor tiver em existencia em uma freguesia; quer dizer, se o produtor tiver colhido os referidos productos em mais de uma freguesia fará tantas declarações quantas as freguesias em que eles tiverem sido produzidos. Do mesmo modo, o possuidor ou detentor deverá fazer tantas declarações quantas as freguesias em que tiver os generos depositados.

Os declarantes são sempre responsaveis pelos actos dos seus representantes.

A inobservancia das disposições do decreto citado, por parte dos produtores, possuidores e detentores é punida de conformidade com os artigos 50.^o e 56.^o do decreto n.^o 2:253, de 4 de março ultimo.

ANUNCIOS

Editos de 30 dias

(1.^a publicação)

No Juizo de Direito da Comarca de Montemor-o-Velho, correm editos de 30 dias, contados da segunda pu-

blicação deste anuncio no Diario do Governo, citando os interessados Joaquina Porlão e marido João Jorge Duque, e José Dias, casado, todos da Bunhosa, freguezia de Arazeda, desta comarca, auzentes em parte incerta nos Estados Unidos do Brasil, para assistirem a todos os termos até final do inventario orfanológico a que neste Juizo se procede por obito de seu pai e sogro Antonio Dias, do mesmo logar da Bunhosa, e no qual é inventariante Maria Joaquina, viúva do inventariado, do referido logar.

Montemor-o-Velho, 9 de agosto de 1916.

O Escrivão,

João Pais da Cunha Mamede.

Verifiquei a exatidão.

O Juiz de Direito,

Amaral Pereira.

Companhia de Seguros

A Lusitana

Sociedade Anónima

de Responsabilidade Limitada

Capital 500.000\$00 escudos

Seguros de vida, contra incendios marítimos, terrestres, agrícolas, cristais, postais e de acidentes de trabalho.

Agente na Figueira da Foz

Antonio d'Oliveira Guerra

Rua da Republica, 84

João Antônio Rodrigues
(SUCESSOR)
Montemor-o-Velho

Correspondente das seguintes casas:
Banco Comercial de Lisboa, Banco do Minho, Banco Comercial do Porto, Banco Aliança, Banco Economia Portuguesa, Banco Nacional Ultramarino, Companhia de Seguros A Internacional, Crédit Franco-Portugais, J. M. Fernandes Guimarães & C., Pinto da Fonseca & Irmão, J. M. Espírito Santo Silva, Borges & Irmão, J. H. Tota & C., e Orey, Antunes & C.

Antonio Pereira de Carvalho

Proprietario dos Grandes Armazens de Bicicletas, Maquinas de Costura, Pianos e toda a qualidade de acessorios.

A maior e mais antiga casa no genero

Oficina para todos os concertos, afinações e reparações em bicicletas, motocicletas e maquinhas de costura.

Artista mecanico habilitado. Vendas, alugueis e trocas.

Preços sem competencia

34—Avenida Navarro—36

Estrada da Beira) — COIMBRA

ANTIGO ESTABELECIMENTO— DE —
Mercearia, Tabacos e Fazendas brancas— DE —
João Antonio Rodrigues
(SUCESORES)**Montemór-o-Velho**

Nesta casa se encontra um completo sortido em assucar, chá, café, manteiga nacional e ingleza, biscoitos, bolachas, massas, bacalhau, genebra e vinhos do Porto.

Ferragens, prego de arame e de ferro, panelas de ferro, rastilho, chumbo em barra e para caça.

Fosforos e Tabacos, por atacado. Tambem vende pelos preços de Lisboa, farinha de trigo, cimento Portland, vidraça, telha de vidro e velas de cera.

Preços resumidos**GRATIFICA-SE BEM**

a quem dê informações de que resulte a condenação por fraudes praticadas com prejuízo dos exclusivos de fosforos e isca (e dos interesses do Estado, da Companhia concessionária e do comércio legítimo), os acendedores, algodão ou qualquer outra matéria apresentada de forma a servir de isca, fabricação ou venda de chita com preparo inflamável, isca em cordão vendida fraudulentamente a título de cordão de sacos, etc., reservando-se a Companhia concessionária intentar a respectiva ação civil de perdas e danos contra os delinquentes, independentemente da multa ao Estado nos termos da legislação em vigor. Gratifica-se generosamente, guardando-se a maior discreção. A Companhia logo que receba informações fidedignas enviará a qualquer ponto do país agentes da fiscalização para procederem às necessárias diligências. Dirigir-se pessoalmente ou por carta à Companhia Portuguesa de Fosforos, 439, rua de São Julião, Lisboa.

**ADUBOS
MELO & MARTINS
PAMPILHOSA DO BOTÃO**

Fabricantes dos bons adubos compostos da marca registada
PEIXE

Chamamos a atenção dos snrs. agricultores para fazerem uma experiência dos nossos adubos, devido ao seu magnífico resultado os adoptarão de preferência a qualquer outro.

AZEITE

Para revenda e em grandes quantidades, vendemos de excelente qualidade.

Alugam-se Automóveis

MELO & MARTINS
Pampilhosa do Botão

A FUNERARIA EM PEDRA

— DE —

FRANCISCO A. DOS SANTOS, FILHO**RUA DIREITA, 139 a 149****COIMBRA**

Esta oficina encarrega-se de todo o trabalho de jazigos, mausoleus, campas, cantarias e ornamentações, tanto em calcareo como em marmore, a qual tem desenhos de jazigos, para escolher, em estilos antigos e em ARTE MODERNA.

Tem depósito de bancas de cosinha e mausoleus em lousa preta.

Encarrega-se também de fazer esculturas, bustos em pedra, barro, gesso, etc,

Toma conta de qualquer trabalho fóra de Coimbra

**Contra roubo e Contra Incêndio
Grande economia
Seguro de Mobiliário**

Por \$20 por cada 100\$00 de valor, isto é pelo que se paga só pelo risco de fogo «A MUNDIAL» segura numa só apólice os riscos de INCÊNDIO e ROUBO. É tão necessário o seguro de ROUBO como o de FOGO.

A MUNDIAL

COMPANHIA DE SEGUROS

Capital, Escudos... 500.000\$00**Reserva em 1915... 102.007\$74.1**

Séde em Lisboa — Rua Garrett, 95 — Telefone 4384

Telex — MUNDIAL

Delegação no Porto — Pinto da Fonseca & Irmãos.

Hospedaria do Paço do Conde**JOSÉ DOS SANTOS**

Rua Adelino Veiga, 36 a 40 Rua do Paço do Conde, 10

COIMBRA

Vinhos, comidas e tabacos.

Recebem-se comensais por preços modicos.

Camas para pernoitar.

Esta casa, com a transformação porque caba de passar, melhorou consideravelmente todos os seus serviços, achando-se habilitada a receber hóspedes de qualquer categoria, oferecendo-lhes comodidades por preços baratos. Esmoro e prontidão no serviço de meia, para o que tem pessoal competente.

O mesmo proprietário negoceia em cereais e legumes de todas as qualidades, tais como farinhas, sêmolas, batata, castanha, palha enfardada, cordas e adubos químicos.

Rua Adelino Veiga — 44, 48

O seu armazém é já muito conhecido.

Telefone 379

Oficina-Garage de Coimbra**LOBO DA COSTA & CASTANHEIRA**

Grandes oficinas mecânicas para reparações de automóveis; fabrico de carrelos, piões e cordas em aço; cimentação e temperas; vulcanisação e fundição de metais. Recolha e tratamento. Ensino. Automóveis de aluguer de \$08 a \$20 o quilometro e 9 lotações de 4 a 18 passageiros.

Acessórios, gazolina e óleo.
Transações em carros de 2.ª mão. Serviço especial, para bem servir os ex.ºs clientes da província.

Rua da Figueira da Foz — 170

COIMBRA

Local conhecido por «Casa do Sal» à entrada da cidade pela estrada do Porto.

Telefone, 502

Telegrams. «Garage-Coimbra»

Ano 5.

Montemor-o-Velho, 27 de Agosto de 1916

N.º 234

O DEVER

Semanario defensor da união da familia Portuguesa

Pátria e Humanidade

Director, Proprietario e Administrador—Almeida Junior

ANTE PUGNAM!

Ecoando através dos séculos, pelo bronze sonoro da História, até nós chega, num emaranhado tumulto, a narração lendária de homéricos feitos para sempre embutidos na memória dos povos atrevidos à superstição; a descrição fantástica de não menos fantásticas glórias para sempre envoltas num enigmático X de estupefação e pasmo, à volta do qual gravita o assombro das gerações posteriores, extasiadas pela ardência gigantesca das pugnas d'butr'ora.

Até aos nossos timpanos chega, pela História, o écho retumbante das gerações passadas, porque ela é o espelho do Presente, sobre o qual emergem os raios do Passado, que se refletem no Futuro; porque ela, iluminando-nos a senda exemplarosa do Porvir, descobre-nos o horror das trevas do Passado; porque ela, representando o ergástulo impiedoso do perverso e o templo magnificente do bom, aponta-nos a traição de um Catilina, a perversão e a hediondez de um Nero, de um Heliogabalo, a eloquência fulminante de um Cicero, de um Mirabeau, a ironia de um Voltaire, enfim patenteia-nos o crime nas suas funestas consequências e a vitória nos seus perenes resplendores. Voltemos, pois, para ela os nossos olhos nesta hora de incertezas, na avidez de desvendarmos, através do tumulto de factos que nela pululam, qual o trilho a seguir e as repressões a tomar, qual o perigo em que nos debatemos, para que, acutelados a todos os embates, nós possamos avançar intrepidos no caminho da vitória, para que, resguardados a todas as intempéries, nós possamos vencê-lo e aniquilá-lo.

O perigo em que nos debatemos é enorme se o não soubermos atacar, é, no entanto, nulo se tivermos a perícia necessária para o esvairer. Ninguém, absolutamente ninguém, desconhece os boatos que, perversa e velozmente percorrem as cidades, vilas e aldeias, amedrontando os espíritos mais tacanhos e timidos. Ninguém desconhece que indivíduos de má fé e sem escrupulos se entregam à obra nefasta e pusilanime de aventar factos que, ecoando principalmente nos espíritos mais obscurecidos, (eis o perigo!) se transmitem, como o raio através do espaço, a todos os recantos ainda os mais reconditos, criando uma atmosfera de incertezas e horrores. Seria fastidioso

enumerá-los todos, e demais o leitor os conhece.

O que urge, em nome da felicidade desta pátria, é reprimir da forma mais energica e vigorosa todos esses estultos e maléficos boatos fantasiados pela audacia vil de vis germanófilos, castigar severamente esses boateiros de profissão, porque nesta hora suprema ser boateiro é ser um traidor à Patria, um reproto, um miserável.

A par disso, urge também desanuviar o cérebro do povo, rasgando-lhe o véu de trações que lhe amedrontam a consciência, evidenciando-lhe que sob o solio patrio traidores existem que, acentuando a vitória do odioso imperialismo germanico, tramam contra o oiro imaculado da nossa História.

Nada de desfalecimentos, porque a vitória virá rutila e explendorosa...

COIMBRA.

Mário Augusto da Silva.

Notas

Esperem por isso

Os germanófilos, talassas, marca Ayres d'Ornelas, mostram-se aliados dos quatro costados, tentando mistificar o povinho com as suas habilidades e seduzir o governo com o seu canto de sereias para verem se abicham mais uma anistiasinha para os fieis lacaios do Manuelsinho da Gaby, que foram expulsos do território português, pelos seus actos de

Secretario da Redacção e Editor

Abel M. de Melo Brandão

Red. e Adm.—R. Dr. José Galvão—Montemor-o-Velho

Sucursal—LISBOA—Hotel Porto, R. do Amparo, 12
TELEFONE 364

Não se restituem originais, embora não se publiquem

Composição e Impressão—Tip. Silva (a vapor)

AVEIRO

Fruto amargo

Quando a luz da inocencia, que faz bem,
Se apagou na sua alma e ficou sombra,
A semente do amor, que o peito tem,
Começou de medrar naquela alfombra.

Cresceu, cresceu com forças já dobradas,
A' luz duns olhos negros que então viu,
Suas penas dormiam descansadas,
E o receio do mal nunca sentiu.

Mas depois, ou foi tempo, ou propriamente
A natureza má da sementeira,
Os frutos que ela deu foram somente
Espinhos, negra dor, desta maneira.

A ponto que em sua almainda hoje dura
O mal que destruiu a luz da esperança,
Essa que era o seu bem, sua ventura,
A doiar os seus anos de creança.

21—8—916.

verdadeiro patriotismo e amor à liberdade.

Mas o povo e o governo conhecem muito bem, para não se deixar embalar com as suas cantigas.

Esses santinhos que, em todos os actos da sua vida, se tem mostrado os mais fieis copistas do absolutismo boche, e que sendo tão amigos dos aliados, (sic) ainda se não resolveram a alistar numa das legiões estrangeiras para combaterem o imperialismo alemão, querem agora com esse pretexto que se lhes abram as portas da Patria, para eles mais uma vez virem tentar perturbar a nossa paz interna, como o tem feito, pagando assim a generosidade e a benevolencia com que teem sido tratados.

Esperem por isso!

FALTA D'ASSUCAR

Já ha dias que nem os estabelecimentos desta vila, nem os das freguesias do concelho, vendem assucar, por lhes ser impossivel adquiri-lo.

Na farmacia do nosso querido amigo e companheiro Abel Brandão, tem deixado de aviar receitas por falta de assucar, o que torna embaraçosa a situação dos doentes e pôde ser duma gravidade bem para ponderar.

E' necessário remediar a falta quanto antes...

Descrição histórica da vila e comarca de Montemor-o-Velho

(Conclusão)

Este lugar fica seis leguas ao sudoeste de Coimbra e cinco de Leiria para o norte. El-rei D. Afonso Henriques lhe deu foral e todas as rendas dele pertencem aos condes da Ericeira; está situado em um ameno vale, abundante de pão, frutas, caca e gado.

Tem Casa de Misericordia, Hospital e um recolhimento de Terceiras Franciscanas com uma igreja da invocação do Santissimo Sacramento, em que se lançou a primeira pedra a 28 de abril de 1640, que benzeu D. Joane Mendes de Tavora, bispo de Coimbra, assistindo a esta solenidade D. Fernando de Menezes, conde da Ericeira, com grande concurso de povo.

Defronte deste recolhimento tem os ditos condes umas casas nobres com grande cerca, pelo meio da qual passa um rio que se remata em uma fonte perene. Tem este lugue tres leguas de termo, povoado de muitos casais, em que ha mais de mil e duzentos vizinhos e mais de uma legua de campos, pelos quais passa um rio navegavel, que desemboca no Mondego, junto á vila da Figueira.

São Mamede de Mata Mourisca, Curado da Universidade de Coimbra, tem sessenta vizinhos e distante um quarto de legua para o poente, uma igreja de Nossa Senhora da Guia, imagem milagrosa e de muita romagem em todo o ano.

Nossa Senhora de Lavãos, Priorado que apresentam por meses o Papa, S. Magestade, o Bispo e Cabido de Coimbra; rende 700 mil reis, tem cem vizinhos.

Nossa Senhora do Paião, Vigairaria que apresentam as freiras de Santa Clara de Coimbra, tem noventa vizinhos.

S. Julião da Figueira, Curado do Cabido, tem duzentos vizinhos.

S. Martinho de Tavarede, Curado do Cabido, tem setenta vizinhos.

S. Salvador de Maiorca, Vigairaria, tem oitenta vizinhos.

S. Pedro das Alhadas, Vigairaria, tem noventa vizinhos.

A igreja de Vila da Rainha, Priorado, tem sessenta vizinhos.

A igreja paroquial de Reveles, Curado, tem cincuenta vizinhos.

A igreja de Verride, Curado que apresenta o Geral de Santa Cruz de Coimbra, tem cem vizinhos.

Nossa Senhora de Vila Nova da Barca, Curado da Mira, tem oitenta vizinhos.

Nossa Senhora de Brunhos, Curado da Mira, tem cincuenta vizinhos.

Nossa Senhora da Purificação de Samuel, Vigairaria, que apresenta o Abade do Convento de Ceia, de Frades Bernardos, fundação de el-rei D. Afonso Henriques.

Carta de Coimbra

20—8—916.

Lutuosa—Faleceu o antigo secretário da câmara de Coimbra; sr. Francisco dos Santos Almeida. Habil e distinto funcionário, pelo que gosava de bastantes simpatias, exerceu a dentro do município uma ação bastante proficia.

Em sinal de condoléncia esteve arvorada a meia haste, no edifício da câmara, a bandeira nacional.

O conflito académico—Alguém já estranhou o meu silêncio sobre este assunto. Por justificados melindres não me tenho referido a ele; e por variadas e múltiplas razões continuarei, pelo menos nestas «Cartas», no meu silêncio.

Ficamos assim entendidos?

Festa de S. Bartolomeu—Realisa-se este ano, na vasta insua dos Bentos e não em Santa Clara, como convinha aos moradores deste bairro. Foi uma resolução camarária que assim o determinou. E quanto a nós, estamos de acordo.

M. S.

Deram entrada na repartição respectiva os projectos respeitantes á conclusão do lanço de estrada compreendido entre a Costa de Arnes e Verride.

Gato raivosos

Seguiu para Lisboa, assim de ser tratada no Instituto Pasteur, uma filha do sr. Henrique Milheiro d'Oliveira, oficial de diligências do julgado de paz desta vila, que foi mordida por um gato atacado de hidrofobia.

Consta que há muitos gatos mordidos, e era de grande conveniência que a autoridade competente os mandasse abater, para de futuro se não registarem mais casos desta natureza, que põem a população em alerta.

FOLHETIM

Patria!

Para M.elle H. C. F.

Foi efemera a felicidade do Jorge. A bondosa Maria, companheira amantíssima de todos os instantes, não sobreviveu a uma tisica brutal, que, em dois anos, a arrebatou aos carinhos do seu Jorge. Na hora extrema d'agonia, ela pediu-lhe para que velasse pelas duas criancinhas. Eram a sua herança, o seu tesouro.

Jorge assim fez. Como pai estremoso que era, rodeou de mimos os seus pequeninos. E educando-os, sempre nos exemplos da virtude e do trabalho, ele conseguira fazer de seus filhos os dois latagões, robustos, que, transpirando saúde, amanhavam as

D. Irene da Silva Lirio

A propósito da morte da pobre Iréne, recebemos mais as seguintes cartas, que muito nos comovem:

Amigo Almeida Junior

Sinceramente comovido lhe escrevo. É que a minha alma se cobriu de luto, é que ela pranteia, neste momento triste, a desdita dessa alma sofredora e amagurada, cheia de sentimentalismo e sonho, que alando-se ás regiões siderias arremeteu á mansuetude algida da campa o corpo da infeliz e desventurada Iréne. Como colaboradora do seu jornal, ela era das mais distintas. E por isso que lastimo a sua perda, e aos desditados pais, que não conhecem, eu peço-lhe para transmitir os meus sentidos e sinceros pesames. E ao «Dever» apresento rambém o meu cartão de condoléncias.

Um abraço destes dedicado a

Todo seu
Coimbra, 20—8.

Mario Augusto da Silva

Sr. Almeida Junior

Comovem-me profundamente a perda imprevista da nossa querida Irene. Eu não a conhecia.

Mas, se é dado acreditar no que se manifesta, creia, que guardo dela a melhor impressão de sentimentalismo.

Paixão dela, vão, pois, as minhas lagrimas de saudade, já que o seu sonho de inocencia se evolou para bem longe de nós...

Rezende, 23 | 8 | 916.

Sua amiga,
Maria Emilia

EXAMES

Começaram no sábado os exames do 2.º grau, cujo juri é composto pelos snrs. dr. Antonio Martins Couceiro, digno professor da Escola Normal de Coimbra, como presidente, e vogais os professores desta vila, José Nunes Bento e D. Etelvina Jorge da Silva.

Daremos o resultado obtido.

VALA

Têm andado valadores tratando da desobstrução da celebre vala que atravessa esta vila.

Vamos a ver se o Estado, que lhes paga e tem responsabilidades pelo bom desempenho do trabalho, desta vez o faz terminar airosoamente.

terras, cavando, cavando sempre...

* * *

A guerra surge. Provocado pela Alemanha, Portugal defende-se. Para seus vastos domínios ultramarinos começam seguindo tropas. A' afronta teutonica corresponde a altivez e a dignidade, nunca desmentida, dos lusos.

Na aldeia tranquila, onde Jorge vive com os seus filhos, o terror é geral. Mães e esposas choram, ao prezentirem que os entes, que lhes são queridos, partirão para, talvez, não mais voltarem. Presagia-se qualquer coisa de mau, de abominável. Ha quem não tenha escrúpulos em afirmar que á mão armada se defenderá, caso chegue «ordem de marchar».

... Até que numa tarde abafada, quando a luz crepuscular anuncia já a proximidade de uma noite quente, um cavaleiro foi avistado, envolto em espessa nuvem de poeira,

Dr. Manuel d'Arriaga

Esta vila teve, no domingo, a honra da visita do venerando cidadão dr. Manuel d'Arriaga, ex-Presidente da República.

Sua ex.^a, que era acompanhado por sua ex.^{ma} família, foi muito cumprimentado pelo povo e pelo elemento oficial aqui residente.

Pela sociedade

Para Luzo, onde foi fazer uso das aguas, seguiu, com sua ex.^{ma} família, o nosso conceituado amigo José Roiz Ferreira Galvão. Que volte de saude e sua ex.^{ma} família, é o que muito desejamos.

Está quasi restabelecido dos seus incomodos o sr. José de Nápoles, abastado proprietário da Granja do Ulmeiro e um dos bons amigos do concelho.

Acompanhando uma sua filhinha ao «Instituto Pasteur», esteve em Lisboa o nosso amigo sr. Henrique Milheiro d'Oliveira, zeloso oficial de diligências, que nos deu a honra da sua amável visita.

CIGANOS

Existem por ai quadrilhas de ciganos, sem que a autoridade dê providências no sentido da sua expulsão. Os roubos nas searas sucedem-se constantemente, e o povo, que moureja, não pôde estar á mercê de bandidos.

Providências.

Poetas e Prosadóres

À SAUDADE

(A' minha amiga D. Ermelinda Ribeiro)
(Conclusão)

O orfão, para quem a borboleta não tem o requinte bizarro dos seus ocelos faiscantes, que não tem a zelar-lhe a existencia o murmúrio dum palavrão da mais delicada filigrana, só conhece na ermida desguarnecida e isolada, onde entrega ao orvalho matutino ramilhetes de flores campestres, uma imagem, que, na sua frialdade de estatua, escuta meiga e soridente as preces dum boca rosada, e é nela, nessa virgem vestida de azul desbotado e olhos no céu, que ele vê sua mãe na pose sincera dum enlêvo.

E' que a saudade, naquelas que

pela estrada que conduzia á aldeia. Era o Antonio, imberbe rapazola, que trabalhava na herda do velho Jorge, e que da cidade trazia novas da mobilização.

— Então, Antonio, o que ha?
— Os editaes, meu patrão, já estão por todas as parédes. Falam em Patria... Cá da aldeia são chamados... quinze!

— Quinze! — murmurou o povo, que já se tinha reunido em redor do mensageiro.

— E, continuou Antonio, os filhos do sr. Jorge tambem são chamados...

— O quê?! E teem de ir?!

— De certo...

Jorge fez-se livido. Como uma visão horrorosa via já os seus filhos, a única família, mortos, o seu lar abandonado e frio.

Que desgraçado ele era!... Depois da sua Maria lhe ter sido arre-

perderam o arrimo dum conforto que tisnaram as subtilezas do espírito ao sol abrasado do infortúnio, tem a fatal convicção duma perda irreparável, porque não lhe brincam na vida os sorrisos da esperança, deusa sublime que surge no seu esplendor á cogitação dos tristes.

A saudade cativa-nos na adolescência, fere-nos na velhice com o dardo de mil recordações, conduz-nos timidos e religiosos ao silêncio dos cemitérios, e é lá, que ela se perpetua em singelas expressões no mármore das legendas, enquanto que a mão destruidora do Tempo enegrece a feição incondita do granito.

E' ela a vestal dos poetas que alimenta o fogo sagrado da inspiração; e, arrogante como um satrapa, indica o caminho luminoso da glória em que o sentimento ergue hinos a Werther, a vítima deidificada pela paixão e, deslumbrando no ritmo maravilhoso dos livros, transmite ás gerações o dever duma homenagem.

Porto, 1914.

Maria Emilia da Rocha Pereira

A folha oficial publicou no sábado os estatutos do Sindicato Agrícola e da Caixa de Crédito Agrícola Mutuo de Abrunheira.

TOURADA

Realisa-se hoje, no vasto e importante Coliseu da Figueira da Foz, mais uma tourada que, como todas as festas deste género ali levadas a efecto, por certo hade agradar aos assistentes.

Serão lidados 10 touros pertencentes ao opulento e escrupuloso lavrador, de Vila Franca de Xira, sr. Antonio Luiz Lopes, e nela tomarão parte João Marcelino d'Azevedo e José Casimiro, etc.

Rogerio de Macedo

Transitou para o 2.º ano do liceu Pedro Nunes, em Lisboa, este novel estudante e nosso preso amigo, que é ao mesmo tempo um valioso elemento do grupo n.º 3 dos Escoteiros de Portugal.

Felicitámo-lo.

batada, o Destino comprazia-se afastando os... filhos!

— Eh lá! Eh lá! Que vem a ser isto? Tanta lagrima! Mas de que se trata?

Enquanto assim interrogava, o bom do regedor, genuíno coração de português, aproximava-se do grupo.

— Veem buscar os nossos filhos para a tropa, sr. Diniz!

— E isso que tem? Dou-lhes os meus parabéns!

— O quê? Bem sabemos que não tem filhos... — E já o pôveu rumo-rejava...

— Não tenho filhos, não! E é essa a minha mágoa. Se os tivesse, com que contentamento e orgulho, não os veria sair da aldeia para lá longe, muito longe, defenderem a nossa Patria, dando, se necessário fosse, a propria vida por Ela!

LUIZ FERREIRA.

(Continua).

Correspondencias

ARAZEDE, 24

Um grupo de amadores arazedenses que, por diferentes vezes, se tem exhibido no palco do elegante teatro desta terra, tenciona realizar um espetáculo no proximo dia 27, levando á cena o interessante e sensacional drama «O segredo do pescador», que terá esta distribuição:

João (pescador), Antonio Baia; Marquês, Antonio Ismael; Conde, Fausto Ferrião; visconde, Antonio de Almeida; Rosa, Arminha Baia; Anastácio (sacrifício), Celso Baia.

Tambem levarão a comedia «Os dois surdos» e o monólogo «Avô de si mesmo».

Antonio Ismael recitará, por fim, a cançoneta «O chefe da orquestra». — C.

O DEVER

SEMANARIO DEFENSOR DA UNIÃO DA FAMÍLIA PORTUGUESA

Assinaturas

(Pagamento adeantado)

Trimestre	0\$32
Semestre	0\$62
Ano	1\$22
Continente e África	
Trimestre	0\$35
Semestre	0\$65
Brazil e África Oriental	
Ano	1\$00
Número avulso, #04	

Publicações

Comunicados, o \$05 a linha; anúncios, na 1.ª página 1 vez, o \$10 a linha; na 2.ª, o \$80; na 3.ª e 4.ª, o \$60. Repetições, metade desse preço. Por mais de um mês, preço convencional. Selo, cada publicação, o \$01. Os assinantes têm desconto de 25%.

Não se aceitam informações anónimas nem se restituem originais, quer sejam ou não publicados.

Secção de charadas

Ex.º Senhora:

Mais uma vez venho importuna-la. A pregunta geográfica do colega Lacerda, é que deu motivo a esta massada. Não estou de acordo, minha senhora, com a resposta do ilustre charadista à minha carta publicada no «Dever» n.º 231. Para não me tornar muito magador, vou ser tão breve quanto me for possível.

Eu disse que a decifração da aludida pregunta não podia ser *orvalho*, e continuo a estar na mesma opinião:

1.º, porque *orvalho* não se vê todas as manhãs; 2.º, porque *orvalho*, nem só de manhã se pôde ver; também se pôde ver à noite. O snr. Lacerda que consulte o dicionário de Eduardo de Faria, e poderá ver no IV vol., a pag. 53, na palavra *orvalho*, a seguinte descrição: *vapor condensado em gotas ténues que cae da atmosfera à noite e de madrugada*. O que aí fica é o suficiente para provar que, nem só de manhã, se pôde ver o *orvalho*, e a pregunta em questão dava a entender que só de manhã se podia ver o seu significado; por isso, repito: *Orvalho* não pode ser a decifração, mas sim *Alva* ou *Aleór*, que se podem ver no começo da manhã. A *Alva* também faz parte da manhã; não é só depois da madrugada que vem a manhã; a manhã começa com a aparição da *Alva*, e, para que *Lacerda* fique convencido do que exponho sobre este caso, veja também o

dicionário de Francisco d'Almeida, no 1.º vol., pag. 164, e lá encontrará, na palavra *Alvorecer*, o seguinte:

O romper da alva — Começar a amanhecer.

Creio que o que aí fica é o suficiente para defender a minha opinião, e os livros que eis são, neste caso, insuspeitos. Todavia v. ex.ª, gentil *Violeta*, dirá da sua justiça e perante cuja deliberação se curvará, reverente, o que se subscreve com a máxima consideração e respeito.

De V. Ex.ª Mt.º Obg.º

Arazede.

Liames.

Agradecimento

Julio Jorge da Silva, Manuel Jorge da Silva, Ana Mendes da Silva, Belmira Jorge da Silva, Virgínia Jorge da Silva e Amalia Jorge da Silva, agradecem a todas as pessoas que acompanharam á ultima morada, seu filho, neto e sobrinho Evaristo Jorge da Silva, falecido no dia 16 do corrente, especializando a filarmónica «25 de Setembro».

A todos o nosso grato reconhecimento.

Publicações literárias

ANTONIO CABRAL

Eça de Queiroz

Sua vida e a sua obra.
Cartas e documentos inéditos.

1 volume de 430 páginas com gravuras, brochado, \$80.

Encadernado em percalina, \$100.

Livraria Bertrand

73 — Rua Garrett — 75 — Lisboa

Novidades Literárias

Saudade, um acto em verso, por Henrique Lopes de Mendonça, representado pela primeira vez no Teatro Republica a 4 de maio de 1916, na festa artística do actor Brizâo — 1 volume brochado, \$20.

A Aliança Inglesa, páginas de ouro e glória, por D. José Manuel de Noronha — 1 volume brochado, \$20.

Testamento Roubado, por J. H. Rosny, versão portuguesa de João Correia de Oliveira (LXI volume da coleção popular) — 1 volume brochado, \$20.

Livraria Bertrand

73 — Rua Garrett — 75 — Lisboa

ANUNCIOS

Agua da Curia

Mogofores

As únicas águas sulfatadas-calcicas que existem no país, similares às famosas águas de Conxéville, nos Vosges (França).

O DEVER de 27 de Agosto de 1916

Editos de 30 dias

(2.ª publicação)

Empreza das aguas

Minero-Medicinas

DE

Pizões-Moura, L. da

Magnifico preventivo contra
o tifo

Esta agua, recomendada por abalizados médicos, é utilizada com o maior éxito no tratamento das afecções intestinais, bexiga, rins e estomago, podendo usar-se sem o menor receio, antes com enorme vantagem, como agua habitual de meza.

Usando esta agua obtém-se boas digestões.

Adoptando-se permanentemente, está ao abrigo de febres infecciosas adquiridas vulgarmente pelo uso de águas inquinadas.

Analise química e bacteriológica de C. Von Bonhorst.

Bacteriológicamente: PURA.

Depósito geral: — Rua Jardim do Regedor, 27 — Lisboa.

Pedi-la nos bons estabelecimentos.

Mentemor-o-Velho, 9 de agosto de 1916.

O Escrivão,

João Pais da Cunha Mamede.

Verifiquei a exatidão.

O Juiz de Direito,

Amaral Pereira

Companhia de Seguros

A Lusitana

Sociedade Anónima
de Responsabilidade Limitada

Capital 500.000\$00 escudos

Seguros de vida, contra incêndios marítimos, terrestres, agrícolas, cristais, postais e de acidentes de trabalho.

Agente na Figueira da Foz

Antonio d'Oliveira Guerra

Rua da República, 84

João Antônio Rodrigues

(SUCESSOR)

Montemor-o-Velho

Correspondente das seguintes casas:

Banco Comercial de Lisboa, Banco do Minho, Banco Comercial do Porto, Banco Aliança, Banco Económico Português, Banco Nacional Ultramarino, Companhia de Seguros A. Internacionais, Crédito Franco-Português, J. M. Fernandes Guimarães & C.º, Pinto da Fonseca & Irmão, J. M. Espírito Santo Silva, Borges & Irmão, J. H. Tota & C.º, e Orey, Antunes & C.º

Agua do Alardo

(Castelo Novo — BEIRA BAIXA)

A melhor e mais pura agua de meza

Excelentes resultados em tratamento de doenças de estomago, figado, gata, obesidade, etc., etc.

TITTEL, MACIEIRA, & C.º

Rua Alves Correia (antiga rua de S. José)

233 a 237 — LISBOA

Telefone: Norte 1138

Aceitam-se revendedores em todas as localidades onde ainda os não haja.

DR. AVELINO FARIA

Advogado

CANTANHEDE

Dá consultas aos domingos em

ARAZEDE

de outubro em diante e trata de qualquer questão no tribunal de Montemor-o-Velho.

Antonio Pereira de Carvalho

Proprietário dos Grandes Armazéns de Bicicletas, Maquinhas de Costura, Pianos e toda a qualidade de acessórios.

A maior e mais antiga casa no género

Oficina para todos os concertos, afinações e reparações em bicicletas, motocicletas e maquinhas de costura.

Artista mecânico habilitado. Vendas, alugueis e trocas.

Preços sem competencia

34 — Avenida Navarro — 36

Estrada da Beira) — COIMBRA

GOLPES

LIVRO DE VERSOS

POR

Eduardo Pereira

1 volume brochado, \$50. A' venda em todas as livrarias.

ANTIGO ESTABELECIMENTO
— DE —
Mercearia, Tabacos e Fazendas brancas
— DE —
João António Rodrigues
(SUCCESSIONES)
Montemor-o-Velho

Nesta casa se encontra um completo sortido em assucar, chá, café, manteiga nacional e ingleza, biscoitos, bolachas, massas, bacalhau, genebra e vinhos do Porto.

Ferragens, prego de arame e de ferro, panelas de ferro, rastilho, chumbo em barra e para caça.

Fosforos e Tabacos, por atacado. Tambem vende pelos preços de Lisboa, farinha de trigo, cimento Portland, vidraça, telha de vidro e velas de cera.

Preços resumidos

GRATIFICA-SE BEM

a quem dê informações de que resulte a condenação por fraudes praticadas com prejuízo dos exclusivos de fosforos e isca (e dos interesses do Estado, da Companhia concessionária e do comércio legítimo), os acendedores, algodão ou qualquer outra matéria apresentada de forma a servir de isca, fabricação ou venda de chita com preparo inflamável, isca em cordão vendida fraudulentamente a título de cordão de sacos, etc., reservando-se a Companhia concessionária intentar a respectiva ação civil de perdas e danos contra os delinquentes, independentemente da multa ao Estado nos termos da legislação em vigor. Gratifica-se generosamente, guardando-se a maior discrição. A Companhia logo que receba informações fidedignas enviará a qualquer ponto do país agentes da fiscalização para procederem às necessárias diligências. Dirigir-se pesonalmente ou por carta à Companhia Portuguesa de Fosforos, 139, rua de S. Julião, Lisboa.

ADUBOS
MELO & MARTINS
PAMPILHOSA DO BOTÃO

*Fabricantes dos bons adubos compostos da marca registada
PEIXE*

Chamamos a atenção dos snrs. agricultores para fazerem uma experiência dos nossos adubos, devido ao seu magnífico resultado os adoptarão de preferência a qualquer outro.

AZEITE

Para revenda e em grandes quantidades, vendemos de excelente qualidade.

Alugam-se Automóveis

MELO & MARTINS
Pampilhosa do Botão

A FUNERARIA EM PEDRA

— DE —
FRANCISCO A. DOS SANTOS, FILHO

RUA DIREITA, 139 a 149

COIMBRA

Esta oficina encarrega-se de todo o trabalho de jazigos, mausoleus, campas, cantarias e ornamentações, tanto em calcareo como em marmore, a qual tem desenhos de jazigos, para escolher, em estilos antigos e em ARTE MODERNA.

Tem depósito de bancas de cozinha e mausoleus em lousa preta.

Encarrega-se também de fazer esculturas, bustos em pedra, barro, gesso, etc,

Toma conta de qualquer trabalho fora de Coimbra

Contra roubo e Contra Incêndio

Grande economia

Seguro de Mobiliário

Por \$20 por cada 100\$00 de valor, isto é pelo que se paga só pelo risco de fogo «A MUNDIAL» segura numa só apólice os riscos de INCÊNDIO e ROUBO. E tão necessário o seguro de ROUBO como o de FOGO.

A MUNDIAL

COMPANHIA DE SEGUROS

Capital, Escudos 500:000\$00

Reserva em 1915 102:007\$74,1

Séde em Lisboa — Rua Garrett, 95 — Telefone 4084
Telex — MUNDIAL

Delegação no Porto — Pinto da Fonseca & Irmãos.

Hospedaria do Paço do Conde

JOSÉ DOS SANTOS

Rua Adelino Veiga, 36 a 40 Rua do Paço do Conde, 10

COIMBRA

Vinhos, comidas e tabacos.
Recebem-se comensais por preços modicos.
Camas para pernoitar.

Esta casa, com a transformação porque caba de passar, melhorou consideravelmente todos os seus serviços, achando-se habilitada a receber hóspedes de qualquer categoria, oferecendo-lhes comodidades por preços baratos. Esmero e prontidão no serviço de meza, para o que tem pessoal competente.

O mesmo proprietário negoceia em cereais e legumes de todas as qualidades, tais como farinhas, sêmolas, batata, castanha, palha enfardada, cordas e adubos químicos.

Rua Adelino Veiga — 44, 48

O seu armazém é já muito conhecido.

Telefone 379

Oficina-Garage de Coimbra

LOBO DA COSTA & CASTANHEIRA

Grandes oficinas mecânicas para reparações de automóveis; fabrico de carreiros, pinhões e cordas em aço; cimentação e temperas; vulcanisação e fundição de metais. Recolha e tratamento. Ensino. Automóveis de aluguer de \$08 a \$20 o quilometro e 9 lotações de 4 a 18 passageiros.

Acessórios, gazolina e óleo.

Transações em carros de 2.ª mão. Serviço especial, para bem servir os ex-mesmos clientes da província.

Rua da Figueira da Foz — 170

COIMBRA

Local conhecido por «Casa do Sal» á entrada da cidade pela estrada do Porto.

Telefone, 502

Telegrams «Garage-Coimbra»